



VICTOR HUGO

O corcunda
de Notre-
Dame

Victor Hugo

O corcunda de
Notre Dame

Título Original
Notre-Dame de Paris
Edição e Tradução
Zero Papel

Prefácio

Há alguns anos, o autor deste livro, visitando, ou melhor dizendo, esquadrinhando a igreja de Nossa Senhora, encontrou, num escuro recanto das suas torres, a seguinte palavra gravada à mão numa parede:

ΑΝΑΓΚΗ (Fatalidade).

Estes caracteres gregos, já negros de velhos, e profundamente gravados na pedra, não sei que sinais particulares da caligrafia gótica, impressos nas suas formas e nas suas atitudes, como para indicar que fora um punho medieval que os escrevera ali, e principalmente a intenção lúgubre e fatal que contém, impressionaram vivamente o autor.

Perguntou a si mesmo qual podia ser a alma angustiada que não quisera abandonar o mundo sem deixar gravado na frente da velha igreja esse estigma de crime ou de desgraça.

Com o tempo, rebocaram ou rasparam (ignoro qual das duas coisas) a parede, e a inscrição desapareceu. Há uns duzentos anos que é costume fazer isto nos maravilhosos templos da Idade Média. As mutilações procedem de toda a parte, de dentro e de fora. O padre reboca-os, o arcediogo raspa-os; depois, vem o povo que os deita por terra.

Assim, além da frágil recordação que lhe consagra aqui o autor já nada mais resta hoje da palavra misteriosa gravada na sombria torre de Nossa Senhora, nada do destino ignorado que tão melancolicamente representava. O que escreveu essa palavra nessa parede, apagou-se na memória das gerações há muitos séculos já; a palavra, a seu turno, desapareceu da parede do templo, como este desaparecerá da terra, muito breve talvez.

Foi dessa palavra que nasceu este livro.

1 de março, 1831.

Livro primeiro

I. A grande sala

Fazem hoje hoje trezentos e quarenta e oito anos, seis meses e dezanove dias que os parisienses despertaram ao repique de todos os sinos badalando no tríplice recinto da *Cité*, da *Université* e da *Ville*. [1]

No entanto, o dia 6 de janeiro de 1482 não figurava nos livros de história. Nada havia de notável no acontecimento que assim agitava, logo de manhã, os sinos e os burgueses de Paris. Nem se tratava de um torneio de picardos ou de borguinhões, [2] nem da condução processional de uma relíquia, nem de uma insubordinação de estudantes na cidade de Laas, nem de uma entrada do *nosso muito temido senhor o senhor rei*, nem mesmo dum suplício mirabolante de ladrões e ladras na Justiça de Paris. Não era, tão pouco, o aparecimento, tão frequente no século quinze, de qualquer embaixada, agaloada e empenachada. Ainda não eram decorridos dois dias que a última cavalcada deste género, a dos embaixadores flamengos incumbidos de tratar o casamento entre o delfim [3] e Margarida de Flandres, fizera a sua entrada em Paris, com grande pesar do senhor cardeal de Bourbon, que, para ser agradável ao rei, se constrangeu a receber amavelmente toda essa turba rústica de burgomestres [4] flamengos, obsequiando-os, no seu palácio de Bourbon, com representações de autos, comédias e farsas, enquanto a chuva caindo a cântaros lhe inundava à porta os magníficos tapetes.

Nesse dia, a 6 de Janeiro, o que *agitava de emoção o povo* de Paris, como diz Jehan de Troyes, era a dupla solenidade dos Reis e da festa dos Loucos, celebradas ao mesmo tempo, há longos anos já.

Nesse dia queimar-se-iam fogueiras na Greve, haveria plantação de maio [5] na capela de Braque e mistério no Palácio da Justiça. De véspera, os alabardeiros do sr. preboste, trajando belas fardas de camelo violeta com cruzeiras brancas no peito, haviam lançado o pregão pelas encruzilhadas, ao som de trompas.

Logo pela manhã, tudo fechado ainda, casas e lojas, a multidão de burgueses e burguesas vindos de todos os pontos da cidade, ia a caminho dos três lugares designados. A escolha estava feita; uns optavam pelas fogueiras, outros pelo mastro, outros pelo mistério. Diga-se sempre em honra do velho bom-senso dos basbaques de Paris, que a maior parte dessa multidão se dirigia para as fogueiras, diversão mais própria da estação, ou para o mistério, que devia ser representado na grande sala do Palácio, bem abrigada e fechada; e que os

curiosos eram todos concordes em deixar o pobre mastro temporão tiritar, sozinho, sob os rigores do céu de janeiro, no cemitério da capela de Braque.

O povo concorria principalmente às avenidas do Palácio da Justiça, porque era sabido que os embaixadores flamengos, chegados na ante-véspera, tencionavam assistir à representação do mistério e à eleição do papa dos Loucos, que também devia verificar-se na grande sala.

Na ocasião, não era coisa fácil entrar na grande sala, que no entanto passava ao tempo por ser o maior recinto coberto de toda a terra. A praça do Palácio, apinhada de gente, oferecia aos curiosos das janelas o aspeto de um oceano, no qual cinco ou seis ruas, como outras tantas embocaduras de rios, iam despejar a cada instante ondas e ondas de cabeças. As ondas dessa multidão, crescendo incessantemente, iam esbarrar de encontro às esquinas das casas que avançavam aqui e além, como outros tantos promontórios, na bacia irregular da praça. Ao centro da alta fachada gótica do Palácio, a grande escadaria, por onde subia e descia ininterruptamente uma dupla corrente, que depois de quebrar-se no peristilo intermediário, se expandia em vagas enormes pelas duas rampas laterais; a grande escadaria, dizia eu, jorrava incessantemente na praça como uma cascata num lago. Os gritos, as risadas, o tripúdio desses mil pés faziam um grande ruído e um grande clamor. De tempos a tempos, esse clamor e esse ruído redobravam. A corrente que impelia toda essa multidão no sentido da grande escadaria, retrocedia, turvava-se, remoinhava. Era o arremessão dum archeiro, ou o cavalo dum sargento no prebostado que espinoteava para restabelecer a ordem; tradição admirável que a jurisdição dos prebostes legou à dos condestáveis, a dos condestáveis à dos marechais, e a dos marechais à nossa gendarmeria de Paris.

Às portas, às janelas, nas trapeiras, pelos telhados formigavam milhares de figuras passadas de burgueses, repousadas e honestas, vendo o palácio, vendo a turba, inteiramente satisfeitos; porque há muita gente em Paris que se contenta com o espetáculo dos espetadores e para nós já não é pouco interessante uma muralha, por detrás da qual se está passando alguma coisa.

Se nos fosse dado a nós outros, homens de 1830, confundirmo-nos pelo pensamento com esses parisienses do século quinze, e entrar com eles aos safanões, acotovelados, repelidos, nessa enorme sala do Palácio, tão acanhada a 6 de janeiro de 1482, o espetáculo nem seria destituído de interesse, nem de atrativo, e poderíamos observar em volta de nós coisas tão velhas que nos pareceriam absolutamente novas.

Se o leitor não se opõe, tentaremos reconstituir a impressão que conosco

experimentaria, ao transpor o limiar da grande sala, quando se visse em contacto com essa turbamulta de gibão e cota de malha.

É antes de mais nada, um ensurdecimento e um deslumbramento. Por sobre as nossas cabeças, uma dupla abóbada em ogiva, revestida de talha, pintada de azul, e ornamentada com flores de lis douradas; a nossos pés, um pavimento lajeado alternativamente a mármore branco e preto. A poucos passos de nós, um enorme pilar, depois outro, em seguida outro; ao todo seis pilares, ao comprimento da sala, servindo de apoio às raízes da dupla abóbada. Em volta dos quatro primeiros pilares, barracas de mercadores, reluzentes de vidrarias, ourapéis e lantejoulas; em volta dos três últimos, bancos de carvalho, gastos e lustrosos pelo roçar dos calções dos litigantes, e das togas dos procuradores. Em torno da sala, a todo o comprimento da parede elevada, entre as portas, entre as janelas, entre os pilares, a interminável fileira de estátuas de todos os reis de França desde Pharamond; os reis indolentes, de braços pendidos e olhos no chão; os reis destemidos e batalhadores, a cabeça e as mãos valorosamente erguidas para o céu. Depois, nas altas janelas ogivais, vitrais multicores; nas vastas aberturas da sala, riquíssimas portadas, finamente esculpidas; e tudo isto, abóbadas, pilares, paredes, guarnições de umbrais, artesões, portas, estátuas, revestidos de alto a baixo de uma esplêndida iluminação azul e ouro, que já um pouco empanada na época em que a vemos, desaparecera quase completamente sob a poeira e as teias de aranha, no ano da graça de 1549, então que du Breuil ainda a admirava por tradição.

Imaginem agora essa enorme sala oblonga, iluminada pela claridade baça de um dia de Janeiro, invadida por uma multidão variegada e ruidosa lançada ao longo das paredes e redemoinhando em torno dos pilares, e ter-se-á uma ideia confusa do aspeto geral do quadro.

Estavam ocupadas as duas extremidades desse gigantesco paralelogramo, uma pela famosa mesa de mármore, tão comprida e tão larga, e tão grossa que dizem os velhos alfarrábios, num estilo que abriria o apetite a Gargântua, nunca se viu no mundo *semelhante talhada de mármore*; a outra, pela capela em que Luís XI se fez esculpir prosternado diante da Virgem e para onde mandou transportar, deixando dois ninhos vazios na Galeria das estátuas reais, o Carlos Magno e S. Luís, dois santos que supunha muito acreditados como reis de França, na corte do Céu. Esta capela, ainda nova, edificada havia apenas seis anos, no gosto encantador de arquitetura delicada, de escultura maravilhosa, de fina e profunda cinzeladura, que caracteriza entre nós a última fase da era gótica e se perpetua até meados do século dezasseis nas fantasias da Renascença. A pequenina rosácea rendilhada, aberta acima do pórtico, constituía uma verdadeira obra-prima de tenuidade a mais graciosa; dir-se-ia uma estrela de

rendas.

Ao meio da sala, erigira-se para os enviados flamengos e mais pessoas importantes convidadas para a representação do mistério, um estrado de brocado de ouro, junto à parede, onde, aproveitando-se uma janela do corredor da câmara dourada, se abria uma entrada particular.

Segundo o uso, o mistério devia ser representado sobre a mesa, que para esse fim fora preparada logo de manhã; sobre a riquíssima pedra de mármore, toda riscada pelos sapatos dos rúbulas, assentava uma armação de madeira bastante alta. A parte superior, ao alcance de todas as vistas, devia servir de teatro; o interior, dissimulado por meio de tapeçarias, era o camarim comum das personagens da peça. Uma escada, colocada ingenuamente à vista de todos fora do arcabouço do teatro, estabelecia a comunicação entre a cena e os camarins e pelos degraus íngremes se subia ou descia, conforme se saía ou entrava. Não havia personagem por mais imprevista, nem peripécia, nem lance teatral que não tivesse de subir essa escada. Inocente e venerável infância da arte e do maquinismo!

Aos quatro cantos da mesa de mármore, de pé, quatro sargentos do bailio do Palácio, guardas obrigados em todos os prazeres do povo, em dias de festa como em dias de execução.

A peça devia começar quando o relógio grande do Palácio desse a última badalada do meio-dia.

Ora, sucede que a multidão esperava desde pela manhã, e não eram poucos os que, já de madrugada, batiam o queixo, tiritantes, em frente do Palácio; alguns havia mesmo que afirmavam ter passado a noite, atravessados à porta, para serem os primeiros a entrar. A turba engrossava a cada momento, e, como a água galgando o nível, começava a trepar pelas paredes, a avolumar os pilares, a transbordar sobre os entablamentos, sobre as cornijas, sobre os parapeitos das janelas, sobre as saliências da arquitetura, sobre todos os relevos da escultura. Assim, o mal estar, a impaciência, o enfado, a liberdade de um dia de cinismo, e de folia, as questiúnculas que a cada passo se travavam por futilidades, por uma cotovelada mais brusca, um sapato mais ferrado; a longa expectação fatigante, contribuíram para que muito antes da hora a que os embaixadores deviam chegar, se manifestasse já pronunciadamente desagradável e hostil o clamor da população encurralada, entalada, calcada, asfíxiada. Não se ouviam senão queixas e imprecações contra flamengos, contra o preboste dos mercadores, contra o cardeal do Bourbon, contra o bailio do Palácio, contra Mme. Margarida de Áustria, contra os bastões dos bedéis, contra o frio, contra o calor, contra o mau

tempo, contra o bispo de Paris, contra o papa dos Loucos, contra os pilares, contra as estátuas, ora uma porta fechada, ora uma porta aberta: com grande gáudio da rapaziada das escolas e dos lacaios disseminados no ajuntamento, que punham no descontentamento da turba uma nota impertinente e maliciosa, estimulando, por assim dizer, a picadelas de alfinete, o mau humor geral. Entre outros, havia um grupo de demonicos, que, tendo quebrado os vidros de uma janela, se foram sentar, muito atrevidos, na cornija do entablamento, de onde observavam alternativamente a multidão da praça, chasqueando de ambas. As truanices gaiatas, as gargalhadas ruidosas, as graçolas chocarreiras, que trocavam entre si os estudantes, dum para o outro lado da sala, faziam compreender facilmente que não participavam do enfado e do cansaço do resto da assistência, e que, pelo contrário, iam engenhosamente e por mero prazer, tornando interessante o espetáculo, para com mais paciência esperar o outro.

— À fê! És tu, *Joannes Frollo de Molendino*? — gritava um deles para uma espécie de demónio, louro, com uma carinha bonita e esperta, suspenso dos acantos de um capitel — Bom nome te puseram de Jehan du Moulin, porque esses braços e essas pernas têm jeitos de varais de moinho. Há quanto tempo estás ai?

— Deixa-me, homem! — respondeu *Joannes Frollo* — Há mais de quatro horas e estou certo de que mas levarão em conta no Purgatório. Já cá estava quando os oito chantres do rei da Sicília começaram a dizer a missa das sete na Sainte-Chapelle.

— São frescos os tais chantres! — tornou o outro. — Têm a voz mais bicuda do que o barrete que usam! Antes de criar a missa ao senhor S. João, o rei deveria procurar saber se ele gosta de latim salmodiado com a acentuação provençal.

— Pois foi para empregar esses chantres de uma figa que o rei da Sicília a criou! — berrou azimada uma velhota, por baixo da janela, entre o povo. — Ora façam o favor de dizer se isto é ou não uma pouca vergonha! Mil libras *parisis* por uma missa! E demais a mais cobradas no imposto do peixe do mercado de Paris!

— Não dê tanto à língua! — replicou uma grave e rotunda personagem dirigindo-se à peixeira, com a mão no nariz — Bem vê que a missa era precisa. Queria talvez que o monarca recaísse?

— Apoiado, sire Gilles Lecornu, mestre peleiro de sua majestade! — gritou o estudantinho agarrado ao capitel.

O apelido fatal do pobre peleiro do rei foi acolhido com uma grande gargalhada por todos os estudantes.

— Lecornu! Gilles Lecornu! — diziam uns.

— *Cornutus et hirsutus* — tornava outro.

— Então que tem isso? — continuava o demonico do capitel. — Que estão vocês para aí a rir? O respeitabilissimo Gilles Lecornu, irmão de mestre Jehan Lecornu, preboste do paço real, filho de mestre Mahiet Lecornu, primeiro porteiro do bosque de Vincennes, todos burgueses de Paris, todos casados de pai a filho!

A hilaridade recrudescera. Muito calado, o rotundo peleiro esforçara-se por fugir à curiosidade de que se tornara objeto, mas inutilmente suava e resfolgava; como uma cunha cravada num tronco, os esforços que fazia mais solidamente entalavam entre os ombros dos que lhe estavam próximos, a larga face apoplética, rubra de indignação e de despeito.

Enfim, um deles, nutrido, baixo e, como ele, venerável, propôs-se defendê-lo.

— Patifaria! Estudantes faltarem assim ao respeito a um burguês! No meu tempo haviam de ser batidos e queimados vivos!

Todo o grupo prorrompeu em grita:

— Olá! Que está esse para aí a cantar? Quem é o papão?

— Olha! — disse um — É mestre Andry Musnier.

— Fala de cadeira porque é um dos quatro bibliotecários da Universidade! — disse outro.

— Também nesse pardieiro tudo é por quatro! — gritou um terceiro — As quatro nações, as quatro faculdades, as quatro festas, os quatro procuradores, os quatro eleitores, os quatro bibliotecários.

— Pois vai ver o diabo connosco! — replicou Jehan Frollo.

— Havemos de te queimar os livros, Musnier.

— Havemos de te desancar os criados, Musnier.

— Havemos de amarfanhar tua mulher, Musnier.

— A gorduchita *mademoiselle* Oudarde.

— Tão fresca e tão alegre, que parece ter enviuvado.

— Diabos vos levem! — resmungou mestre Andry Musnier.

— Mestre Andry — tornou Jehan, sempre agarrado ao capitel — Cala-te ou desabo-te sobre o toutiço!

Mestre Andry olhou para cima, pareceu calcular a altura da coluna e o peso do garoto, multiplicou mentalmente este peso pelo quadrado da velocidade, e calou-se.

Jehan, senhor do campo de batalha, prosseguiu triunfante:

— E é que lho fazia, apesar de eu ser irmão de um arcediago!

— Belos fidalgos, os cavaleiros da Universidade! Nem sequer fazem respeitar os nossos privilégios num dia destes! No fim de contas, há maio e fogueiras na *Ville*; mistério, papa dos Loucos e embaixadores flamengos na *Cité*; e na Universidade, nada!

— Ainda cabe muita gente na praça Maubert! — replicou um dos estudantes, sentado no parapeito da janela.

— Fora o reitor, fora os eleitores, fora os procuradores! — gritou Joannes.

— Esta noite devemos fazer uma fogueira no Champ-Gaillard com os livros de mestre Andry — prosseguiu outro.

— E as estantes dos escribas! — disse um que lhe estava próximo — Há de ser tudo lançado ao fogo!

— E os bastões dos bedéis!

— E as escarradeiras dos decanos!

— E os bufetes dos procuradores!

— E as arcas dos eleitores!

— E os escabelos do reitor!

— Abaixo! — tornou Jehan, em voz de baixo profundo — Abaixo Mestre Andry, os bedéis e os escribas! Abaixo os teólogos, os médicos e os decretistas! Abaixo os procuradores, os eleitores e o reitor!

— Isto é o fim do mundo! — murmurou mestre Andry, tapando os ouvidos.

— A propósito, olha o reitor! Aí atravessa ele a praça! — bradou um dos da janela.

— Palavra? É o nosso venerando reitor, mestre Teobaldo? — perguntou Jehan Frollo du Moulin que, agarrado ao pilar da sala, não podia ver o que se passava fora.

— Sim, sim! — responderam os outros — É ele, é mestre Teobaldo, o reitor.

Era, com efeito, o reitor e todos os dignitários da Universidade, que iam processionalmente ao encontro da embaixada e atravessavam nesse momento a praça do Palácio.

Os estudantes, apinhados à janela, acolheram a passagem do cortejo com sarcasmo e aplausos trocistas. O reitor, que ia na frente, afrontou a primeira carga; foi rude.

— Bons dias, senhor reitor! Então como passou? Fale à gente!

— Olha o batoteiro que deixou os dados para ir à procissão!

— Já viram como o reitor monta? A mula tem as orelhas mais pequenas do que o dono!

— Adeus, senhor reitor Teobaldo! *Tybalde aleator!*[\[6\]](#) Imbecil! Batoteiro!

— Ora salve-o Deus! Esteve com sorte esta noite?

— Olha o estafermo do velho cor de chumbo; esparvonou-te o jogo, vicioso!

— Onde vai nesse andar, Teobaldo? *Tybalde ad dados*[\[7\]](#), de costas voltadas para a Universidade, a trote para a cidade?

— Talvez vá procurar casa na rua Teobaldodado — gritou Jehan do Moulin.

O grupo repetiu o gracejo em coro, atroadoramente, acompanhando-o de salvas de palmas frenéticas.

— Sempre é certo que o jogador das dúzias vai procurar casa à rua Teobaldodado?

Em seguida, coube a vez aos outros dignitários.

— Fora os bedéis! Fora os madeiros!

— Ó Robin Poussepain, quem é aquele?

— E Gilberto de Suilly, *Gilbertus de Soliaco*, o chanceler do colégio de Antun.

— Toma o meu sapato; tu, que estás daí melhor que eu, atira-lho à cara!

— *Saturnalitias mittimus ecce nuces.*

— Fora os seis teólogos! Fora as sobrepelizes brancas!

— Aqueles é que são os teólogos? Pensei que eram os seis gansos brancos dados ao município por Santa Geneveva, para o feudo de Roogny.

— Fora os médicos!

— Fora os júris!

— Apanha o meu barrete, chanceler de Santa Geneveva! Pregaste-me uma raposa. Palavra! Preteriu-me para dar o lugar da Normandia ao Ascânio Falzaspada, o petiz, que é italiano, da província de Bourges.

— É uma injustiça! — disseram todos os estudantes — Fora o chanceler de Santa Geneveva!

— Olá, mestre Joaquim de Ladehors! Olá, Luís Dahuille! Olá, Lambert Hoctement!

— Diabos levem o procurador da nação da Alemanha!

— E os capelães de Sainte-Chapelle e mais as murças pardas; *cum tunicis grisis!*

— *Seu de pellibus grisis forratis!*[\[8\]](#)

— Olá! Os mestres em artes! As belas capas pretas! As belas capas vermelhas!

— Que esplêndida cauda para o reitor!

— Parece um duque de Veneza a caminho dos esposais do mar.

— Jehan! Aí vêm os cônegos de Santa Genoveva!

— Que vão para o diabo!

— Abade Cláudio Choart! Doutor Cláudio Choart! Anda à procura da Maria Giffarde?

— Pode encontrá-la na rua de Glatigny.

— Está a fazer a cama ao rei dos debochados.

— Está pagando os quatro dinheiros; *quator denarios*.

— *Aut unum bombum.* [\[9\]](#)

— Vai ver a paga?

— Rapazes! Mestre Simão Sanguin, o eleitor da Picardia, com a mulher na garupa.

— *Post equitem sedet atra cura.* [\[10\]](#)

— É um valente, mestre Simão!

— Bons dias, senhor eleitor!

— Boa noite, senhora eleitora!

— E eles a verem tudo isto! — dizia, suspirando, Joannes de Molendino, empoleirado na folhagem do capitel.

Entretanto, o livreiro jurado da Universidade, mestre Andry Musnier, falava ao ouvido do peleiro do rei, mestre Gilles Lecornu.

— Digo-lho eu, isto é o fim do mundo. Nunca se viu um abuso assim da estudantada; são as malditas invenções do século que perdem tudo. As artilharias, as serpentinas, as bombardas, e principalmente a imprensa, essa praga da Alemanha. Eliminados os manuscritos, adeus livros! A imprensa mata a livraria. É o fim do mundo que está aí a vir.

— Isso está se vendo nos progressos que fazem os estofos de veludo — disse

o peleiro.

Deu meio-dia.

— Ah!... — exclamou a multidão em coro.

Os estudantes calaram-se. Depois fez-se um grande reboliço; um grande movimento de pés e de cabeças; uma grande detonação geral de tosses e pigarros; procuravam-se lugares, alguns punham-se em bicos de pés, outros agrupavam-se. Depois, um grande silêncio; todos os pescoços se distenderam, todas as bocas se abriram, todos os olhares convergiram para a mesa de mármore... nada apareceu. Os quatro sargentos do bailio lá estavam de pé, firmes e imóveis como quatro estátuas pintadas. Todos os olhares se voltavam para o estrado destinado aos embaixadores flamengos. A porta conservava-se fechada e o estrado vazio. Desde pela manhã que essa multidão esperava três coisas: o meio-dia, a embaixada de Flandres e o mistério. Só o meio-dia aparecera à hora.

Realmente, era demais.

Esperou-se um, dois, três, cinco minutos; nada de novo. Entretanto, à impaciência sucedera a cólera. Palavras irritadas circulavam em voz baixa ainda, é certo. — O mistério! O mistério! — murmurava-se surdamente. Os ânimos aqueciam. Pairava uma tempestade, bramindo já, à tona da multidão. Foi Jehan du Moulin quem despediu a primeira faísca.

— Venha o mistério e basta de esperar pelos flamengos! — berrou com toda a força dos pulmões, estorcendo-se como uma serpente em volta do capitel.

A turba aplaudiu.

— Venha o mistério, e a Flandres que vá passear!

— Já para aqui o mistério — tornou o estudante — se não sou de pensar que enforcemos o bailio do Palácio, para exemplo.

— Apoiado — gritou o povo — e podemos já começar pelos sargentos.

Seguiu-se uma grande aclamação. Os quatro pobres diabos começaram a empalidecer e a olhar uns para os outros. A multidão agitava-se impelida para eles; viam já a frágil balaustrada de madeira que os separava, vergar e ceder à pressão do povo.

A situação era crítica.

— Saque! Saque! — bradava-se de todos os lados.

Neste instante, levantou-se a tapeçaria dos camarins que descrevemos, e apareceu uma personagem, cuja presença sofreu rapidamente a turba e volveu, como por encanto, a ira em curiosidade.

— Silêncio! Silêncio!

A personagem, muito pouco senhora de si e toda trémula, avançou, até à frente da mesa de mármore, fazendo sempre reverências, que à medida que se aproximava, mais pareciam genuflexões.

Entretanto restabelecera-se, pouco a pouco, o sossego. Restava apenas esse vago rumor que se desprende sempre do silêncio do povo.

— Senhores burgueses — disse — e senhoras burguesas, vamos ter a honra de declamar e representar, na presença de sua eminência o senhor cardeal, um belo auto denominado *O bom juízo da Senhora Virgem Maria*. Este vosso servo faz de Júpiter. Sua eminência acompanha neste momento a respeitabilíssima embaixada do senhor duque de Áustria a qual está ouvindo a alocação do senhor reitor da Universidade, na porta Baudets. Começaremos, logo que chegue o eminentíssimo cardeal.

É certo que foi preciso nada menos do que a intervenção de Júpiter para salvar os quatro infelizes do bailio de Paris. Se tivéssemos a ventura de haver inventado esta verídica história, e por consequência de assumirmos a sua responsabilidade perante nossa senhora a Crítica, não seria contra nós que poderiam invocar neste momento o preceito clássico: *Nec deus intersit*.^[11] De resto, o traje do senhor Júpiter era lindíssimo e não contribuíra pouco para acalmar a turba, absorvendo-lhe toda a atenção. Júpiter vestia uma cota de malha coberta de veludo preto, com pregos dourados; na cabeça ostentava uma gorra guarnecida de botões de prata, também dourados; e, se não fora o carmim e as grandes barbas postiças que lhe ocultavam metade do rosto, se não fora o rolo de papelão dourado que empunhava, todo constelado de lantejoulas e eriçado de fitas de ouropele, em que olhos práticos reconheceriam desde logo o raio; se não fora os pés cor de carne enleados à grega, poderia facilmente comparar-se, pela severidade do porte, a um archeiro bretão do corpo do senhor de Berry.

II. Pedro Gringoire

Contudo, a perlanga dissipara o pasmo e o contentamento que o traje da personagem provocará; e quando chegou a esta desastrada conclusão: «começaremos logo que chegue o eminentíssimo cardeal», a voz perdeu-se-lhe numa tempestade de vaia.

— Hão de começar já! O mistério! Venha o mistério! — gritava o povo.

E, dominando todas as vozes, ouvia-se a de *Johannes de Molentino*, que silvava no tumulto como o pífano num charivari de Nimes.

— Toca a principiar! — gania o estudante.

— Fora Júpiter! Fora o cardeal de Bourbon! — vociferavam Robin Poussepain e os outros rapazes, empoleirados na janela.

— Venha o auto! — repetia a multidão — Já para aqui o auto! À forca os comediantes, à forca o cardeal!

O pobre Júpiter, desnordeado, cheio de medo, a empalidecer sob o carmim que lhe tingia o rosto, deixou cair o raio e tirou a gorra; cumprimentava e tremia balbuciando: — sua eminência... os embaixadores... madame Margarida de Flandres... — E, muito atrapalhado, nem sabia que dizer. No fundo tinha medo que o enforcassem.

Enforcado pela população por a fazer esperar, enforcado pelo cardeal por não ter esperado, via-se entre dois abismos — duas forcas.

Felizmente, alguém veio livrá-lo de embaraços e assumir a responsabilidade da situação.

Um indivíduo que, havia muito se postara no espaço livre em torno da mesa de mármore, e por cuja presença ninguém ainda tinha dado, por tal forma a sua estatura de homem alto e magro se dissimulava atrás do pilar a que se encostara; esse indivíduo, dizíamos: seco, esgalgado, descorado e louro, cavado de rugas, muito embora moço de olhar brilhante e boca sorridente, trajando velhas roupas de sarja, gastas e lustrosas, acercou-se da mesa de mármore e fez um sinal ao triste padecente. O outro porém, atônito, não o via.

O recém-chegado deu um passo à frente:

— Júpiter! — disse — Caríssimo Júpiter!

O outro não o ouvia.

Por fim, impaciente, berrou quase ao ouvido:

— Miguel Giborne!

— Quem me chama? — disse Júpiter, como quem acorda em sobressalto.

— Eu — respondeu a personagem vestida de preto.

— Ah! — exclamou Júpiter.

Mande principiar — tornou o outro. — Faça a vontade a esta gente; o senhor bailio fica por minha conta, e o cardeal, ele o amansará.

Júpiter respirou.

— Senhores burgueses — berrou com toda a força dos pulmões, à turba, que continuava a apupa-lo — vamos dar principio ao espetáculo imediatamente.

— *Evoe, Jupiter! Plaudite, cives!* [\[12\]](#) — clamaram os estudantes.

— Aleluia! Aleluia! — gritou o povo.

Rompeu uma salva de palmas ensurdecadora e, por muito tempo, a sala tremeu ao ruído das calorosas aclamações. O Júpiter recolhera-se ao fundo do teatro.

Entretanto, a personagem desconhecida que, por uma forma verdadeiramente mágica, vovlera a tempestade em bonança — *la tempête en bonance*, como diz o nosso velho e querido Corneille — voltara modestamente à penumbra do pilar e aí se conservaria invisível, imóvel e calado como antes, se duas raparigas da primeira fila dos espetadores não o tivessem surpreendido no colóquio com Miguel Giborne-Júpiter.

— Mestre — disse uma delas chamando-o.

— Então? Que é isso, Liénarde? — disse a outra, fresca, bonita e garrida. — Olhe que é um secular; chame-lhe *messire*, não lhe chame *mestre*.

— Messire — disse Liénarde.

O desconhecido acercou-se da balaustrada.

— Que me querem as meninas? — perguntou muito amável.

— Oh! Nada — respondeu Liénarde, toda confusa — Gisquette a Gencienne, a minha companheira, é que o chamou.

— Deixe falar! — replicou Gisquette corando — A Liénarde disse-lhe mestre; e eu notei-lhe que se devia dizer messire.

As duas raparigas baixaram os olhos. O outro que queria conversa, observava-as sorrindo:

— Então não me dizem nada?

— Nada — respondeu Gisquette.

— Nada — disse Liénarde.

O rapaz deu um passo para se retirar; as duas, porém, não o queriam deixar.

— Messire — disse vivamente Gisquette com a impetuosidade duma represa que rompe ou duma mulher que toma uma resolução — conhece aquele soldado que vai representar o papel da senhora Virgem, no mistério?

— Quer dizer no papel de Júpiter! — explicou o desconhecido.

— Pois claro — disse a Liénarde — já viram a tola! — Conhece então Júpiter.

— Miguel Giborne? — respondeu — Sim, minha senhora.

— Tem umas barbaças magníficas! — disse Liénarde.

— E é bonito isso que vão representar? — perguntou timidamente Gisquette.

— Muito bonito — respondeu o desconhecido, sem a menor hesitação.

— E o que é? — disse Liénarde.

— *O bom Juízo da Senhora Virgem*, um auto.

— Ah! — exclamou Liénarde.

Seguiu-se uma pausa. O desconhecido tornou:

— É um auto novinho em folha; ainda não serviu.

— Então — disse Gisquette — não é o mesmo que representaram há dois anos no dia da entrada do sr. legado, e em que havia três raparigas muito lindas que faziam papéis...

— De sereias — disse Liénarde.

— E por sinal vinham nuas — acrescentou o rapaz. Liénarde baixou pudicamente os olhos. Gisquette olhou para ela e fez outro tanto. Ele continuou sorrindo:

— Isso era outra coisa. Hoje é um auto escrito expressamente para a senhora donzela de Flandres.

— E cantam pastoris? — inquiriu Gisquette.

— Horror! — disse o desconhecido — Num auto! Não confundamos os géneros. Se fosse uma farsa isso era outra coisa!

— É pena — replicou Gisquette. — Na ponte do Ponceau havia então espetáculo por homens e mulheres selvagens, que combatiam e faziam trejeitos cantando motetos e pastoris.

— O que é admitido para um legado — disse o desconhecido num tom de voz bastante seco — não se aceita para uma princesa.

— É junto — tornou Liénarde — havia homens que tocavam melodias em instrumentos toscos.

— E para refrescar a gente — continuou Gisquette — a fonte deitava por três bocas, vinho, leite e *hipocras*, de que se bebia até não querer mais.

— E um pouco abaixo do Ponceau — prosseguiu Liénarde — na Trindade, havia uns Passos com figuras que não falavam.

— Parece-me que ainda os estou a ver! — exclamou Gisquette — Deus na cruz e os dois ladrões à direita e à esquerda.

Neste ponto, as duas, exaltadas, começaram a falar ao mesmo tempo recordando a entrada do senhor legado.

— E mais adiante, na porta dos Pintores, havia outras pessoas com trajos muito ricos.

— E na ponte Saint Inocent, esse caçador que perseguia uma cerva,

soprando em trompas, e os cães latindo!

— E no açougue de Paris, esses cadafalsos que representavam a Bastilha de Dieppe!

— E quando o legado passou, lembras-te, Gisquette? Deu-se o assalto e os ingleses foram todos degolados.

— E as lindas personagens que havia na porta do Chatelet?

— E na ponte au Change, que estava toda forrada por cima.

— E quando o legado passou, deixaram voar sobre a ponte mais de duzentas dúzias de pássaros de todas as qualidades; era muito bonito, Liénarde.

— A festa de hoje será melhor do que isso tudo — replicou enfim o interlocutor, que parecia ouvi-las com impaciência.

— Promete-nos que este mistério há de ser bonito? — disse Gisquette.

— Pois quem duvida? — respondeu; depois acrescentou com uma certa ênfase — Fui eu que fiz a peça.

— Palavra? — disseram as raparigas estupefactas.

— Palavra! — respondeu o poeta, um pouco cheio da sua pessoa — Isto é, somos dois; Jehan Marchand, que serrou as tábuas e construiu o teatro, e eu, que fiz a peça, chamo-me Pedro Gringoire.

O autor do *Cid* não diria com mais arrogância: *Pedro Corneille*.

Os leitores devem ter notado que decorrera um certo tempo desde o desaparecimento de Júpiter por detrás da tapeçaria, até que o autor do novo auto se revelava assim bruscamente, à cândida admiração de Gisquette e de Liénarde. Circunstância notável: toda essa multidão, alguns minutos antes tão tumultuosa, esperava agora resignadíssima, depois que ouvira o comediante; o que mais uma vez vem provar esta verdade eterna, quotidianamente verificada nos nossos teatros, e é que o melhor meio de fazer com que o público espere com paciência, é anunciar-lhe que o espetáculo vai principiar.

Entretanto, o estudante Joannes estava alerta.

— Eh, eh! — gritou de repente em meio da paciente expectação que sucedera ao tumulto — Júpiter, senhora Virgem, charlatães de mil demónios!

Estão zombando conosco? Então a peça, vem ou não vem a peça? Vá, toca a começar ou começamos nós!

Não foi preciso mais nada.

A orquestra começou a tocar no interior do teatro; a tapeçaria levantou-se; quatro personagens saíram de dentro, pintalgadas, pintadas, subiram a escada íngreme do teatro e, chegadas que foram à plataforma superior, colocaram-se em linha diante do público, cumprimentando-o reverentemente; então, cessou a música. Era o mistério que começava.

As quatro personagens, depois de haverem recebido em aplausos copiosos a paga dos profundos cumprimentos, deram princípio, em meio de um silêncio religioso, a um prólogo que o leitor nos dispensará de contar. De resto, como ainda hoje sucede, o público preocupava-se mais com os trajos das personagens do que com os próprios papéis; e, diga-se em verdade, não era sem razão. Vestiam os quatro grandes túnicas, meio branco, meio amarelo, perfeitamente iguais; faziam diferença apenas no pano. A primeira era de brocado, ouro e prata, a segunda de seda, a terceira de lã e a quarta de linhagem. A primeira das personagens empunhava uma espada, a segunda duas chaves de ouro, a terceira uma balança, a quarta uma enxada; e, como auxiliar das inteligências rebeldes que não compreendessem a significação desses atributos, lia-se, em grandes caracteres pretos bordados: em volta da túnica de brocado, *chamo-me Nobreza*; na túnica de seda, *chamo-me Clero*; na de lã, *chamo-me Mercancia*; na de linhagem, *chamo-me Trabalho*. O sexo das duas alegorias masculinas era indicado ao espetador judicioso pelas túnicas mais curtas e pela coifa que as toucava, enquanto as duas alegorias femininas, de túnicas compridas, traziam capuz.

Era, portanto, mister uma boa porção de má fé para não compreender, através da poesia do prólogo, que o Trabalho era casado com a Mercancia, e o Clero com a Nobreza, e que os dois pares ditosos, possuíam comumente um esplêndido golfinho de ouro, que só à mais bela dentre todas as belas seria adjudicado. Percorriam, pois, o mundo em busca, em demanda dessa beleza superior, e depois de haverem repudiado sucessivamente a rainha de Golconda, a princesa de Trabizonda, a filha do Grande Khan da Tartária, etc, etc, o Trabalho e o Clero, a Nobreza e a Mercancia, vinham repousar das fadigas sobre a mesa de mármore do Palácio da Justiça, propinando ao honesto auditório tantas sentenças e máximas quanto era possível ditar ao tempo na Faculdade das artes, pelos exames, sofismas, atos e figuras em que se formavam licenciados.

E tudo isto produzia um belíssimo efeito.

No entanto, entre essa multidão, sobre a qual as quatro alegorias entornavam conscienciosamente ondas e ondas de metáforas, não havia ouvido mais atento, coração mais palpitante, olhar mais perturbado, do que o olhar, o ouvido e o coração do autor, do poeta, desse excelente Pedro Gringoire, que, um momento antes, não pudera resistir à tentação de dizer o seu nome a duas mulheres bonitas. Postara-se a curta distância delas, por detrás do pilar e daí, escutava, olhava e saboreava. Os aplausos benevolentes com que fora acolhido o princípio do prólogo vibravam-lhe ainda em todo o ser; estava completamente absorvido nessa espécie de contemplação extática com que o autor vê as suas ideias caindo uma por uma, da boca do ator no silêncio de um vasto auditório. Digno Pedro Gringoire!

É-nos penoso dizê-lo, mas este primeiro êxtase foi logo perturbado. Mal Gringoire havia aproximado os lábios dessa taça embriagadora de alegria e de triunfo, quando uma gota amarga lha turvou.

Um mendigo esfarrapado, não podendo fazer pingues colheitas, na situação em que se encontrava, despercebido em meio da multidão e não se considerando suficientemente indemnizado pelo que até então apurara em derredor, pensou em atrair as atenções e as esmolas, pondo-se em evidência. Portanto, enquanto se recitavam os primeiros versos do prólogo, marinava pelos pilares do estrado reservado até à cornija que orlava a parte inferior da balaustrada, e, ali sentado, solicitava a atenção e a comiseração da turba, exibindo os farrapos e a hediondez de uma úlcera que lhe cobria o braço direito. De resto, não dizia uma palavra; e assim, o prólogo continuava e continuaria sem maior empeno se, por infelicidade, o estudante Joannes, do alto do pilar, não tivesse reparado no mendigo e o não lobrigasse caramunhando. O demónio do rapaz começou a rir como um doido, e, sem lhe passar pela cabeça que estava interrompendo o espetáculo e perturbando o recolhimento geral, exclamou jovialmente:

— Ah! Um aleijadinho a pedir esmola!

Quem já alguma vez atirou uma pedra a um chavascal de sapos, ou quem já disparou um tiro de espingarda contra um bando de aves pode fazer ideia do efeito que estas palavras produziram, em meio do silêncio atento da multidão. Ao ouvi-las, Gringoire teve um estremeção, como se recebesse um choque elétrico. O prólogo foi interrompido e todas as cabeças se voltaram tumultuosamente na direção do lugar em que se encontrava o mendigo, que, sem se perturbar, e pelo contrário, vendo neste incidente um excelente ensejo de colheita boa, entrou a dizer num tom de voz dolente, semicerrando os olhos:

— Uma esmolinha pelo amor de Deus!

— Ah! Mas... se não me engano — tornou Joannes — é Clopin Trouillefou. Olá, tu! A mazela incomodava-te na perna, mudaste-a para o braço?

E ao mesmo tempo que dizia isto, atirava uma moeda, com uma destreza de macaco, ao chapéu sujo que, com o braço enfermo, o mendigo estendia à caridade pública. Recebeu sem pestanejar a esmola e o sarcasmo, e continuou implorando num tom de voz lamentável:

— Uma esmolinha pelo amor de Deus!

Este episódio distraíra consideravelmente o auditório, e um grande número de espetadores, Robin Poussepain e a estudantada à frente, aplaudiam contentíssimos este dueto extravagante que se improvisava ali, durante o prólogo — o estudante ruidoso e o mendigo imperturbável, com a sua salmodia.

Gringoire estava descontentíssimo. Passado o primeiro movimento de espanto, entrou de gritar para a cena às quatro personagens! — Continuem! Que diabo! Continuem! — sem mesmo se dignar lançar um olhar de desdém para os dois interruptores.

Neste momento, sentiu que o puxavam pelas abas do casaco; voltou-se, mal humorado, e não lhe custou pouco a sorrir; no entanto, assim foi preciso. Era o lindo braço de Gisquette a Gencienne que assim solicitava a sua atenção, por entre a balastrada.

— Vai continuar? — disse a rapariga.

— Pois está claro que vai continuar — respondeu Gringoire, mostrando-se melindrado com a pergunta.

— Nesse caso, messire — tornou ela — quer ter a bondade de me explicar...

— O que vão dizer? — interrompeu Gringoire. — Ouça-os.

— Não é isso — replicou a Gisquette — É o que eles têm dito até agora que eu queria saber.

Gringoire teve um sobressalto como se lhe pusessem o dedo sobre uma ferida.

— Estúpida! — rosnou.

A partir de então, Gisquette decaiu completamente no seu espírito.

Entretanto, os atores haviam obedecido às intimações do poeta, e o público, vendo-os de novo a falar, voltara a ouvi-los, não sem ter perdido bom número de belezas, extraviadas na espécie da soldagem que se fizera entre as duas partes da peça, assim bruscamente cortada. Gringoire refletiu nisto com amargura. Não obstante, a tranquilidade restabelecera-se pouco a pouco, o estudante calara-se, o mendigo dava balanço à colheita, no fundo do chapéu, e a peça entrara novamente a caminho.

Era realmente uma bela obra e de que nos parece que ainda hoje se poderia tirar partido, sujeita a algumas alterações. A exposição, um pouco longa e um pouco banal, isto é, nas regras, era singela; Gringoire, no cândido santuário do seu foro íntimo, admirava-lhe a lúcida clareza. Como devem supor, as quatro personagens alegóricas estavam um pouco cansadas de ter percorrido as três partidas do mundo, sem lograrem meio de se desfazerem convenientemente do golfinho de ouro. Neste ponto, elogio do peixe maravilhoso, com mil alusões delicadas ao noivo de Margarida de Flandres, bem tristemente recluso ao tempo em Amboise e não lhe passando sequer pela cabeça que, por sua causa o Trabalho e Clero, a Nobreza e a Mercancia, haviam dado a volta ao mundo. O dito golfinho era, pois, jovem, era belo, era forte, e sobretudo (origem magnífica de todas as virtudes realengas) era filho do leão da França. Declaro que é admirável esta metáfora audaciosa, e que a história natural do teatro, num dia destes de alegria e de epitalâmio real, não acha de forma alguma estranho que um golfinho seja filho de um leão. São justamente estas raras e pindáricas mixórdias que provam o entusiasmo. Notar-se-á entretanto, para dar o seu lugar à crítica, que o poeta poderia desenvolver esta ideia em menos de duzentos versos.

É certo que, segundo as disposições do senhor preboste, o mistério devia prolongar-se do meio dia até às quatro horas e que alguma coisa se havia dizer durante esse tempo todo. No fim de contas o público ouviu pacientemente.

Súbito, em meio de uma alteração entre a menina Mercancia e a senhora Nobreza, justamente quando mestre Trabalho pronunciava este verso mirífico:

Onc ne vis dans les bois bête plus triomphante;

a porta do estrado reservado, que até então se conservara fechada tão fora do propósito, abriu-se ainda mais fora de propósito, e a voz retumbante do porteiro anunciara bruscamente: *Sua eminência monsenhor cardeal de Bourbon.*

III. O senhor cardeal

Pobre Gringoire! O estampido de todos os morteiros da Saint Jehan, a descarga de vinte arcabuzes, a detonação dessa famosa serpentina da torre de Billy, que, por ocasião do cerco de Paris, no domingo 29 de setembro de 1465, matou sete borguinhões de um só tiro, a explosão de toda a pólvora arrecadada na porta do Templo, irromper-lhe-ia com menor violência pelos ouvidos, nesse momento dramático e solene, do que essas seis simples palavras pronunciadas pela boca dum porteiro: *Sua eminência monsenhor cardeal de Bourbon*.

Não vão com isto supor que Pedro Gringoire temia ou desprezava o senhor cardeal. Nem era tão fraco, nem tão fátuo. Verdadeiro eclético, como se diria hoje, Gringoire pertencia ao número dos espíritos elevados e firmes, moderados e calmos, que sabem adaptar-se a todas as circunstâncias (*stare in dimidio rerum*) cheios de razão e de filosofia liberal, sem contudo desestimar cardeais. Raça preciosa e ininterrupta de filósofos, aos quais a ciência da vida, qual outra Ariadne, parece haver dado um novelo de fio que vão dobando, desde o princípio do mundo, através do labirinto das coisas humanas, isto é, sempre com todos os tempos.

Não havia, portanto, nem ódio ao cardeal nem desprezo pela sua presença, na impressão desagradável que produziu em Pedro Gringoire.

A entrada de sua eminência revolucionara o auditório. Todos se voltaram para o estrado. Confusamente, todas as bocas repetiram: — O cardeal! O cardeal! — O prólogo, o triste prólogo, foi mais uma vez interrompido.

Ao aparecer no estrado, o cardeal parou um instante. Enquanto percorria o auditório com um olhar indiferente, crescia o tumulto. Todos o queriam ver. Os de trás passavam a cabeça pelos ombros dos da frente.

Era, com efeito, uma bela personagem, por quem valia bem a pena deixar de parte qualquer outra comédia. Carlos, cardeal de Bourbon, arcebispo e conde de Leão, primaz das Gálias, desposado da filha primogénita do rei, aliado de Carlos o Temerário por sua mãe Inês de Borgonha. Ora o traço dominante, o traço característico e distintivo do primaz das Gálias era o espírito cortesanesco e a devoção que consagrava às grandes forças. Era um bom homem: vivia regaladamente a sua existência de cardeal, permitia-se alegrar-se um tudo nada com os bons vinhos reais de Challuau, não queria mal nenhum a Richarde, a Garmoise nem a Thomasse a Saillarde, mais esmoler com as novas do que com

as velhas, e por todas estas razões muito simpático ao *populacho* de Paris. Não saía que não fosse acompanhado duma pequena corte de bispos e abades de alta jerarquia, galantes, maliciosos e estroinas, se assim fosse mister; e não poucas vezes aos ouvidos devotos dos fiéis de Saint Germain d'Auxerre, que à noite passavam por debaixo das janelas iluminadas da residência de Bourbon, chegavam com escândalos as mesmas vozes que de dia lhes haviam cantado vésperas, salmodiando, ao tilintar dos copos, o provérbio báquico de Bento XII, esse papa que acrescentou uma terceira coroa à tiara: — *Bibamus papaliter*. [13]

Foi, por certo, esta popularidade, tão justamente adquirida, que o preservou, à sua entrada, de um acolhimento desagradável da parte da turba, momentos antes descontente e muito pouco disposta a guardar respeito a um cardeal no próprio dia em que ia eleger um papa. Mas os parisienses não são de rancores; e demais, tendo feito com que o espetáculo principiasse, a autoridade dos bons burgueses havia prevalecido sobre a do cardeal, e esse triunfo lhes bastava. Além disso, o senhor cardeal de Bourbon era um belo homem, em quem assentava maravilhosamente uma bela túnica escarlate, o que quer dizer que tinha a seu lado todas as mulheres, e por consequência a melhor metade do auditório. Seria injusto e de mau gosto enxovalhar um cardeal que não veio a horas, quando esse cardeal é um belo homem em quem assenta maravilhosamente a túnica escarlate.

Entrou, pois, cumprimentou a assistência com esse sorriso hereditário dos grandes pelo povo, e encaminhou-se lentamente para a sua cadeira, de veludo escarlate, com o ar mais distraído deste mundo. O cortejo, o que nós chamaríamos hoje o estado maior de bispos e de abades, irrompeu, após ele, no estrado, o que fez crescer o tumulto e a curiosidade na plateia. Apontavam-nos, pronunciavam-lhes os nomes: toda a gente forcejava por conhecer ao menos um; se não me engano, aquele é o senhor bispo de Marselha, Alaudet; aquele outro, é o primicério de Saint-Denis; o de além, Roberto de Lespinasse, abade de Saint Germain de Prés, irmão libertino de uma amante de Luís XI; tudo isto dito num cachoar de sarcasmos e cacofonias. Os estudantes esses praguejavam. Era o dia da pândega, o seu dia, a saturnal, a orgia anual da toga e da batina. Não havia torpeza que não se consentisse e respeitasse, como coisa livre e admitida. E então que meninas não estavam na sala! Simone Quatrelivre, Inês a Gadine, Robine Piédébou. Ao menos, era um dia cheio; podia-se praguejar e maldizer à vontade o nome de Deus, ali em boa companhia, com barregãs e prelados. De forma que usavam e abusavam; e, em meio do *brouhaha*, era um charivari espantoso de blasfêmias e de enormidades, nessas línguas desenfreadas de escreventes e estudantes, coatos durante o resto do ano pelo receio do ferro quente de S. Luís. Pobre S. Luís, que troça que eles lhe faziam no seu próprio palácio de Justiça! À porfia, iam tomando à sua conta, entre os recém-chegados

do estrado, uma sotaina preta ou parda, branca ou violeta. Joannes Frollo de Molendino, esse, na qualidade de irmão de um arceidiago, atirava-se valentemente à vermelha; cantava como possesso, fixando descaradamente o cardeal: *Cappa repleta mero!*^[14]

Todas estas minudências, que esmiuçamos aqui para edificação do leitor, eram por tal forma dominadas pelo rumor geral, que não conseguiam chegar até ao estrado reservado; de resto, ainda que chegassem, não seria o cardeal quem se melindrasse, porque nesse dia permitiam-se todas as liberdades. Além disso, e dava-o bem a conhecer exteriormente, sua eminência tinha uma outra preocupação que o seguia de perto e que entrou quase ao mesmo tempo que ele no estrado: a embaixada de Flandres.

Não era porque fosse um político profundo, nem que se preocupasse em excesso com as consequências possíveis do casamento da senhora sua prima Margarida de Borgonha com o senhor seu primo Carlos, delfim de Viena; inquietava-o mediocrementemente o saber se duraria muito ou pouco a falsa harmonia entre o duque de Áustria e o rei da França, e ainda menos a maneira como o rei de Inglaterra acolheria o desdém da filha; e todas as noites fazia honra ao vinho das adegas reais de Chaillot, sem sequer lhe passar pela mente que algumas garrafas desse mesmo vinho (um tudo nada correto e aumentado, é certo, pelo médico Coictier), cordialmente oferecidas a Eduardo IV por Luís XI, livrariam um belo dia Luís XI da presença de Eduardo IV. *La moult honorée ambassade de monsieur le duc de Autriche*, não era motivo, para o cardeal, de nenhuma preocupação desta ordem, mas importunava-o por outro lado. Com efeito, era um pouco duro ser obrigado a mostrar-se amável e acolhedor, ele Carlos de Bourbon, com quaisquer burgueses: ele cardeal, com almotacés; ele francês, convivia jovial, com flamengos bebedores de cerveja; e isto em público. Nunca, por amor do rei, tivera a cumprir uma missão tão penosa.

Voltou-se, pois, do lado da porta e com a mais graciosa amabilidade (por tal forma o sabia aparentar) quando o porteiro anunciou com voz sonora os *Senhores enviados do senhor duque de Áustria*. É inútil dizer que toda a sala fez outro tanto.

Então, com uma gravidade que contrastava em meio do petulante cortejo eclesiástico de Carlos de Bourbon, chegaram, dois a dois, os quarenta e oito embaixadores de Maximiliano de Áustria, tendo à sua frente o reverendo *père en Dieu*, Jehan, abade de Saint Bertin, chanceler do Tosão de ouro, e Jacques de Goy, *sieur* Daubi, grande bailio de Gand. Fez-se na assembleia um grande silêncio acompanhado de frouxos de riso, para ouvir todos esses apelidos extravagantes e todos esses atributos a burgueses que, um por um, as personagens iam transmitindo imperturbavelmente ao porteiro, o qual, a seu turno, os lançava

de mistura, apelidos e atributos, tudo estropiado, através da multidão. Era mestre Loys Roelof, almotacé da cidade de Louvain; messire Clays d'Etueide, almotacé de Bruxelas; *messire* Paul de Baeust, *sieur* de Voirmizelle, presidente da Flandres; mestre Jehan Coleghens, burgomestre da cidade de Anvers; mestre George de la Moere, primeiro almotacé do *quere* da cidade de Gand; mestre Gheldolf van der Hage, primeiro almotacé da mesma cidade; e o *sieur* de Bierbecque, e Jehan Pinnock e Jehan Dymaerzelle, etc, etc, etc; bailios, almotacés, burgomestres; burgomestres, almotacés, bailios; todos empertigados, afetados, engalanados de veludo e de damasco, encapuchados com coifas de veludo preto de grandes borlas de fio de ouro de Chipre, pendentes; no fim de contas, boas cabeças flamengas, figuras dignas e severas, da família das que Rembrandt faz avultar, tão fortes e tão graves, no fundo negro da sua *Ronda da noite*; personagens que justificavam bem a frase de Maximiliano da Áustria, que dizia confiar absolutamente — *confier à plain* — como rezava o seu manifesto, *en leur sens, vaillance, experience, loyaultez et bonnes preudomies*.

Havia, no entanto, uma exceção. Era uma fisionomia fina, inteligente, sagaz, uma espécie de focinho de macaco a de diplomata, em frente de quem o cardeal deu três passos, fazendo uma profunda reverência e que, afinal, apenas se chamava *Guilherme Rym, conselheiro e pensionário da cidade de Gand*.

Pouca gente sabia então quem era esse Guilherme Rym. Génio raro que, num período de revolução, romperia luminosamente à tona dos acontecimentos, mas que, no século quinze, estava reduzido às entregas cavernosas e a viver nas minas — *à vivre dans les padés* — como diz o duque de Saint-Simon. De resto, era apreciado pelo primeiro *sapador* da Europa; maquinava familiarmente com Luís XI, e não poucas vezes tomara parte nas tarefas secretas do rei. Coisas, no fim de contas, ignoradas da turba, maravilhada por ver as cortesias que o cardeal dispensava a essa figura mesquinha de bailio flamengo.

IV. Mestre Jacques Copenole

Enquanto a eminência e o pensionário de Gand trocavam uma contumélia profunda e algumas palavras em voz baixa, apresentava-se para entrar, conjuntamente com Guilherme Rym, um homem alto, de larga face e ombros formidáveis; dir-se-ia um buldogue ao lado de uma raposa. O seu gorro de feltro e a sua véstia de couro faziam mancha entre os veludos e as sedas que o cercavam. Tomando-o por qualquer palafrenero, a quem um equívoco conduzisse ali, o porteiro embargou-lhe a passagem.

— Eh lá, por aqui não se passa.

O homem da véstia de couro repeliu-o com o ombro.

— Que quer este parvo? — disse, num tom de voz tão vibrante, que toda a sala voltou as suas atenções para o estranho colóquio. — Não sabes com quem estas falando?

— O seu nome? — perguntou o porteiro.

— Jacques Copenole.

— As suas funções?

— Fabricante de meias, proprietário das *Trois Chainettes*, estabelecido em Gand.

O porteiro recuou. Anunciar almotacés e burgomestres, vá: mas um fabricante de meias, era forte.

O cardeal estava sobre brasas. O povo ouvia e observava. Havia dois dias que sua eminência passava o melhor do seu tempo a alisar o pelo a esses ursos flamengos, para os tornar um pouco mais apresentáveis, e sucedia-lhe uma daquelas. Entretanto, Guilherme Rym, aproximou-se do porteiro e, com o seu sorriso subtil:

— Anuncie mestre Jacques Copenole, escrivão dos almotacés da cidade de Gand — disse-lhe, em voz muito baixa.

— Porteiro! — replicou o cardeal em voz alta. — Anuncie mestre Jacques Copenole, escrivão dos almotacés da ilustre cidade de Gand.

Foi tolice. Sem a intervenção do cardeal, Guilherme Rym teria arranjado as coisas pelo melhor; mas Copenole ouvira o cardeal.

— Nada disso! — bradou com a sua voz de trovão. — Jacques Copenole, fabricante de meias, é que é, ouviste, porteiro? Fabricante de meias, pois então?! Fabricante de meias é até muito bonito. O senhor arquiduque não desdenha o título.

Estrondearam os aplausos e as gargalhadas. Em Paris compreendem-se imediatamente, e por consequência aplaude-se sempre um bom dito.

Junte-se a circunstância de Copenole pertencer ao povo e ser povo esse público que o cercava. Assim, a comunicação entre os dois foi súbita, elétrica e, por assim dizer, familiar. A arremetida insolente do mercador flamengo, humilhante para os homens da corte, revolvera em todas essas almas plebeias não sei que sentimento de dignidade ainda vago e indistinto no século quinze. Era um igual, esse fabricante de meias que vinha levantar cabeça em presença do senhor cardeal! Reflexão consoladora para os pobres diabos habituados ao respeito e à obediência pelos servos dos sargentos do bailio do abade de Santa Genoveva, caudatário do cardeal.

Copenole cumprimentou com um grande ar sua eminência, que retribuiu o cumprimento ao burguês onipotente, temido por Luís XI. Depois, enquanto Guilherme Rym, *sage homme et malicieux*, como diz Filipe de Comines, os observava com um sorriso de sarcasmo e superioridade, encaminharam-se cada um para o seu lugar: o cardeal perturbadíssimo e inquieto, Copenole calmo e altivo, refletindo talvez que, no fim de contas, valia bem mais do que qualquer outro o seu título de fabricante de meias, e que Maria de Borgonha, mãe dessa Margarida que Copenole tratava de casar, o respeitaria menos como cardeal do que como mercador; porque, não era um cardeal quem sublevaria os habitantes de Gand contra os favoritos da filha de Carlos, O Temerário; não era um cardeal quem daria força à multidão, com uma palavra só, para a fazer resistir às lágrimas e aos rogos, quando a donzela de Flandres veio implorar para eles o perdão do seu povo, até junto do cadafalso; enquanto ao mercador não foi preciso mais do que levantar o seu braço de couro, para vos fazer cair as cabeças, ilustríssimos senhores, Guy d'Himbercourt, chanceler Guilherme Hugonet!

Entretanto, novos dissabores esperavam esse pobre cardeal, destinado a pagar bem caro a circunstância de se encontrar em tão má companhia.

É provável que o leitor ainda se lembre do desalmado mendigo que, logo ao

principiar o prólogo, se alcandorara nas franjas do estrado cardinalício. A chegada dos ilustres convidados não o fez retirar do posto que escolhera e, enquanto prelados e embaixadores se empilhavam como sardinhas em canastra, como bons arenques flamengos, ele punha-se à vontade e cruzava conscienciosamente as pernas na arquitrave. A insolência era inaudita, mas como as atenções estavam voltadas para outro lado, ninguém deu pela coisa. Pela sua parte, não ligava importância alguma à sala; baluçava a cabeça com uma despreocupação de napolitano, repetindo de vez em quando, por entre o rumor, e como que cedendo a um hábito maquinal: « Uma esmolinha, pelo amor de Deus! » Foi talvez o único, de toda a sala, que não se dignou voltar a cabeça para presenciar a alteração entre Coppenole e o porteiro. Mas, quis o acaso que o mestre fabricante de Gand, com quem o povo já simpatizava muitíssimo, sobre quem dardejavam todos os olhares, fosse precisamente sentar-se na primeira fila de lugares do estrado, por cima do mendigo; e, não foi pequeno o espanto de ver o embaixador flamengo, após uma rápida inspeção do malandrim, tocar-lhe amigavelmente no ombro andrajoso. O mendigo voltou-se; houve entre ambos uma surpresa, reconhecimento, expansão nos dois semblantes, etc; depois, sem se preocuparem absolutamente nada com os espetadores, o fabricante de meias e o mendigo entraram a conversar em voz baixa, de mãos dadas. Os andrajos de Clopin Trouillefou, sobre o panejamento de oiro do estado, produziam o efeito de uma lagarta pousada numa laranja.

A originalidade desta cena singular excitou um tal burburinho de contentamento e jovialidade na sala, que o cardeal não tardou em fazer reparo: debruçou-se um pouco e não podendo distinguir bem do lugar em que estava o casacão ignominioso de Trouillefou, figurou-se muito naturalmente que o mendigo pedia esmola, e, revoltado pela audácia, bradou: « Senhor bailio do Palácio, atire-me aquele mariola ao rio. »

— *Croix Dieu!* Senhor cardeal — disse Coppenole sem deixar a mão de Clopin — É um amigo.

— Bravo! Bravo! — ululou a turba. A partir de então, mestre Coppenole teve em Paris, como em Gand, *grand crédit avec le peuple; car gens de telle taille l'y ont*, diz Filipe de Comines, *quand ils sont ainsi desordonnés*.

O cardeal mordiscou os lábios. Inclinou-se para o abade de Santa Genoveva, que estava ao lado, e disse-lhe em voz baixa:

— São divertidos os embaixadores que o senhor arquiduque nos envia para nos anunciar *madame* Margarida!

O abade respondeu:

— Vossa eminência está a dar pérolas a porcos. *Margaritas ante porcos.*

— Diga antes — respondeu o cardeal, sorrindo: — *Porcos ante Margaritam.*

A pequenita corte de sotaina achou o trocadilho adorável. O cardeal sentiu-se um pouco mais satisfeito: estava quite com Coppenole: também fizera um bom dito.

E agora, que os nossos leitores que dispõem da faculdade de generalizar uma imagem ou uma ideia como se diz no estilo de hoje, nos permitam saber se têm a compreensão bem nítida do espetáculo que oferecia, no momento em que lhe tomámos a atenção, o vasto paralelogramo da grande sala do Palácio. Ao meio do recinto, apoiado à parede ocidental, um espaçoso e magnífico estrado de brocado de ouro, no qual entram processionalmente, por uma pequenina porta ogival, graves personagens, sucessivamente anunciadas pela voz penetrante dum porteiro. Nas primeiras bancadas, grande número de figuras veneráveis coifadas de arminho, de veludo e de escarlata. Em volta do estrado silencioso e digno, em baixo, em frente, por toda a parte enorme multidão e burburinho enorme. Sobre cada fisionomia do estrado mil olhares do povo, sobre cada nome mil comentários surdos. Inquestionavelmente o espetáculo é curioso e merece bem a atenção dos espetadores. Mas além, lá ao fundo, o que é essa espécie de barraca com quatro títeres pintados a duas cores? E ao lado da barraca, quem é esse homem pálido, de blusa preta? Ah! Meu caro leitor, é Pedro Gringoire e o seu prólogo.

Todos nós o havíamos profundamente esquecido.

E aqui está precisamente o que ele receava.

Desde que o cardeal entrara, Gringoire não descansou um só momento, trabalhando infatigavelmente para salvar o seu prólogo. Começara por incitar os atores que se haviam calado, a prosseguir e a levantar a voz; depois, vendo que ninguém lhes prestava atenção, mandou-os calar; e a interrupção durava, há mais de um quarto de hora já, o que não impedira de bater o pé, agitadíssimo, interpelando Gisquette e Liénarde e instigando o público que o rodeava a ouvir a continuação do prólogo; debalde se esforçou. Ninguém tirava a vista de cima do cardeal, da embaixada e do estrado, único centro dessa vasta circunferência de raios visuais. Concorria para isto, com pesar o dizemos, a circunstância do prólogo começar a aborrecer ligeiramente o auditório, na ocasião em que sua eminência interveio, por uma forma tão terrível. No fim de contas, o espetáculo era o mesmo tanto no estrado como na mesa de mármore; o conflito do Trabalho

e do Clero, da Nobreza e da Mercancia. E muita gente preferia vê-los assim, bem vivos, bem autônomos, acotovelando-se em carne e osso, nessa embaixada flamenga, nessa corte episcopal, sob a túnica de cardeal, sob a véstia de Coppenole, do que calados, pintados, ataviados, falando em verso, e por assim dizer, empalhados nas túnicas brancas e amarelas em que Gringoire os envolvera.

Contudo, mal o poeta viu que a ordem se ia restabelecendo, concebeu um stratagema para salvar a situação.

— Cavalheiro — disse para um sujeito gordo, de ar pacato, que lhe estava próximo — e se tornássemos a principiar?

— O quê? — disse o homem.

— O que há de ser! O mistério — tornou Gringoire.

— Como quiser — replicou o sujeito.

Gringoire não quis ouvir mais, e, como quem faz a festa e atira os foguetes, entrou de gritar confundindo-se o mais possível com a multidão: — O mistério! Toca a recomençar o mistério!

— Diabo! — disse Joannes de Molendino — Que estão eles para ali a berrar? (Com efeito, Gringoire fazia grande algazarra). Ó rapazes! Então o mistério ainda não acabou? Voltar ao princípio é que não vale.

— Não, não! — bradaram todos os estudantes — Fora o mistério! Fora!

Gringoire, porém, cada vez gritava mais:

— Ao princípio! Ao princípio!

A berraria chamou a atenção do cardeal.

— Senhor bailio do palácio — disse dirigindo-se a um homem muito alto, todo de preto, postado a distância — Onde imaginam eles que estão, estes mariolas, para fazerem uma inferneira desta ordem?

O bailio do Palácio era uma espécie de magistrado anfíbio, como que um morcego de ordem judiciária, participando a um tempo do rato e da ave, do juiz e do soldado.

Aproximou-se de sua eminência, não pouco receoso do seu desagrado, e

explicou-lhe, balbuciando, a inconveniência popular: que o meio-dia chegara antes de sua eminência e que os comediantes se tinham visto obrigados a principiar sem esperar sua eminência.

O cardeal deu uma gargalhada.

— Era o que o sr. Reitor da Universidade deveria ter feito. Que lhe parecees mestre Guilherme Rym?

— Monsenhor — respondeu Guilherme Rym — demo-nos por muito felizes em ter escapado a metade da comédia. Já não é mau.

— Vossa Eminência dá licença que esses bilhostres continuem? — inquiriu o bailio.

— Continuem, continuem — disse o cardeal — Que me importa a mim com isso. Enquanto continuam, vou ler o meu breviário.

O bailio aproximou-se do parapeito do estrado e, tendo imposto silêncio com um gesto, clamou:

— Burgueses, rústicos e habitantes: para contentar toda a gente, os que querem que se recomece e os que querem que se acabe. Sua eminência ordena que se continue.

Foi portanto mister que de ambos os campos se resinassem. Mas, tanto o autor como o público nunca o puderam perdoar ao cardeal.

No tablado, as personagens voltaram pois, ao recitativo, e Gringoire confiava que, pelo menos, lhe ouviriam o resto da obra. Ilusão, que, como as outras não tardaria a ser desvanecida; efetivamente, restabeleceu-se o máximo silêncio que se poderia exigir do auditório; Gringoire, porém, não reparara que o estrado não estava ainda cheio, quando o cardeal deu ordem para prosseguir; que, após os enviados flamengos, outras personagens do cortejo iriam aparecendo, e que os seus nomes e dignidades lançados de permeio com o diálogo da peça, pelo grito intermitente do porteiro, lhe prejudicariam consideravelmente o efeito. Imaginem, durante a representação de uma peça, o guincho dum porteiro abrindo entre duas rimas, e por vezes entre dois hem istíquios, parêntesis como estes:

« Mestre Jacques Charmolue, procurador eclesiástico do rei!»

« Jehan de Harly, escudeiro, guarda do officio de cavaleiro da ronda da

cidade de Paris!»

« Messire Galiot de Genoilhac, cavaleiro, senhor de Bruscac, mestre de artilharia do rei!»

« Mestre Dreux-Raguier, fiscal das águas e florestas do rei nosso senhor, em terras de França, Champagne e Brie!

« Messire Luís de Graville, cavaleiro conselheiro e camareiro do rei, almirante de França, guarda do bosque de Vincennes!»

« Mestre Denis Le Mercier, guarda do hospício de cegos de Paris! Etc, etc, etc.»

Por fim isto tornava-se insustentável.

E Gringoire estava tanto mais indignado com o acompanhamento absurdo que assim lhe dificultava o andamento da peça, quanto é certo que se convencera já de que o interesse pela obra aumentava e que lhe faltava apenas ser ouvida. Era, com efeito, difícil imaginar uma contextura mais engenhosa e mais dramática. As quatro personagens do prólogo carpiam o embaraço mortal em que se encontravam quando Vénus em pessoa se lhes apresentava revestindo uma bela cota de malha, armoriada com a nau do município de Paris. Vinha pessoalmente reclamar o golfinho prometido à mais bela entre as belas. Júpiter, que se ouvia trovejar entre bastidores, patrocinava-lhe a pretensão, e a deusa tinha segura a vitória, isto é, em sentido menos figurado, a mão do senhor Delfim, quando uma criança vestida de damasco branco, entre os dedos uma margarida (personificação transparente da donzela de Flandres) vinha lutar com Vénus. Lance teatral e peripécia. Controvérsia. Vénus, Margarida e os restantes acordavam por fim em reportar-se ao bom juízo da santa Virgem. Ainda havia um bom papel, o de D. Pedro, rei da Mesopotâmia: mas, entre tantas interrupções, era difícil perceber-lhe a significação. Tudo isto subira pela escada.

Mas, era irremediável; nenhuma dessas belezas fora sentida, nenhuma compreendida. À entrada do cardeal, dir-se-ia que um fio invisível e mágico desviara todos os olhares da mesa de mármore para o estrado, da extremidade meridional da sala para o lado ocidental. Não havia meio de arrancar o auditório a esse encanto; os olhos não se tiravam dali, e os que iam chegando, os malditos nomes de toda essa gente, a expressão das suas fisionomias, a pompa dos seus trajes constituíam uma diversão constante. Era desolador. Com exceção de Gisquette e Liénarde, que se voltavam de vez em quando, sempre que Gringoire as puxava pelo braço; com exceção do sujeito pacato, ninguém prestava atenção, ninguém fazia caso do pobre auto abandonado. Gringoire apenas via perfis.

Com que amargura assistiu ao lento desmoronar de todo o seu edifício de glória e de poesia! E lembrar-se ele de que esse povo, impaciente por lhe ouvir a obra, estivera a ponto de rebelar-se contra o senhor bailio! E agora que a podia ouvir, nem dela se lembrava já. Esse mesmo espetáculo que começara entre aclamações tão unânimes! Eterno fluxo e refluxo da simpatia popular. E lembrar-se de que, por pouco, essa gente não enforcava os sargentos do bailio! O que ele daria por poder voltar a esse delicioso momento de ventura!

Entretanto, cessou o monólogo brutal do porteiro; já ninguém mais havia para anunciar, e Gringoire respirou; os atores prosseguiram corajosamente. Mas não se lembra de repente mestre Coppenole de se levantar e de impingir, em meio de um recolhimento profundo, esta abominável estopada!

— Senhores burgueses e fidalgotes de Paris não sei, *croix Dieu!* O que estamos aqui a fazer. É verdade que vejo lá adiante, nessa barraca, umas criaturas que me parecem dispostas à luta! Ignoro se é a isto que os senhores chamam um *mistério*, mas não acho que seja coisa muito divertida: aquela gente dá à língua mas não passa disso. Há um quarto de hora que estou daqui a ver qual deles é que atira a primeira, e nada; são uns poltrões, e o que sabem é descompor-se. Contratem lutadores de Londres ou de Roterdão e então verão! Davam para aí soco de se ouvir na praça; mas aqueles, causam dó! Ao menos que apresentassem uma dança mauresca ou outra pantomina qualquer! Não foi isto que me disseram; falaram-me duma festa dos loucos e da eleição dum papa. Nós também temos o nosso papa dos loucos em Gand, e lá nisso não somos pecos, *croix Dieu!* Reúne-se a gente, como aqui; depois, à vez, cada um mete a cabeça por um buraco e faz um esgar aos outros; o que fizer a careta mais feia é eleito papa por aclamação; ora aí está. É muito divertido. Querem os senhores eleger o seu papa à moda minha terra? Sempre será menos maçador do que ouvir estes tagarelas. Se quiserem também podem vir fazer a sua careta. Que lhes parece, senhores burgueses? Há aqui um bom número de exemplares dos dois sexos, razoavelmente grotescos, que nos farão rir à flamenga; e com os nossos carões, podemos ter a certeza de que não faltarão caretas.

Gringoire responderia, se a sua estupefação, a cólera, a indignação não lhe embargassem a voz. Demais, a moção do fabricante popular fora acolhida com um tal entusiasmo por esses burgueses, lisonjeados por lhes chamarem *fidalgotes*, que era inútil resistir. Havia uma única coisa a fazer: deixar-se levar pela torrente. Não tendo, como o Agamemnon de Timante a ventura de possuir um manto para cobrir a cabeça, Gringoire cobriu o rosto com as duas mãos.

V. Q uasimodo

Num abrir e fechar de olhos, preparou-se tudo para pôr em execução o projeto de Copenole. Burgueses, estudantes e beaguins lançaram mãos à obra.

Foi escolhida para teatro dos esgares a pequenina capela situada em frente da mesa de mármore. Partido um vidro da bela rosácea de cima da porta, ficou aberto na pedra um óculo, por onde se combinou que os concorrentes metessem a cabeça.

Para chegar à abertura, bastava saltar para cima de dois tonéis, que foram buscar não sei onde e que equilibraram como puderam. Decidiu-se que, para que a impressão do esgar fosse completa e imprevista, os candidatos, homens ou mulheres (porque também se podia eleger um papa feminino) cobrissem o rosto e se ocultassem na capela, até que tivessem de aparecer. Num segundo, a capela encheu-se de concorrentes, fechando-se a porta.

Do seu posto, Copenole ordenava tudo, tudo dispunha. Durante o reboiço, o cardeal, não menos atônito que Gringoire, pretextando ocupações e vésperas, retirou-se com todo o séquito sem que a multidão, que ao vê-lo chegar se agitara, sentisse o menor abalo ao vê-lo sair. Guilherme Rym foi o único a compreender que sua eminência tinha sido vencida. A atenção popular, como o Sol, prosseguira na sua derrota; tendo partido de um extremo da sala, depois de se deter por algum tempo ao centro, estava agora no outro extremo. A mesa de mármore, o estrado de brocado tiveram-na presa; cabia a vez à capela de Luís XI. Livre o campo para todos os excessos, restavam apenas os flamengos e a vilanagem.

Deu-se princípio à função. A primeira figura que apareceu na abertura irregular da rosácea, os olhos ourelados de sangue por efeito das pálpebras reviradas, a boca hiante como uma goela, a testa enrugada como um canhão de bota à hussard, das do império, produziu um desencadeamento de uma alacridade tão nova, tão inextinguível, que Homero tomaria toda essa malandragem por um bando de deuses. No entanto, a grande sala era nada menos que um Olimpo, e o Júpiter de Gringoire sabia-o melhor que ninguém. Sucederam-se no óculo da rosácea uma segunda, uma terceira careta, veio outra, outra em seguida; e continuamente cresciam as risadas e alegria tripudiante. Havia nesse espetáculo não sei que vertigem especial, não sei que força de embriaguez e de fascinação, de que seria difícil dar uma ideia ao leitor dos nossos dias e dos nossos salões. Imaginem uma série de rostos afetando

sucesivamente todas as formas geométricas, desde o triângulo, até ao trapézio, desde o cone até ao poliedro: todas as expressões humanas, desde a cólera até à luxúria; todas as idades, desde as rugas do recém-nascido até às rugas da velha moribunda; todas as fantasmagorias irreligiosas, desde Fauno até Belzebu; todos os aspetos animais, desde a goela até ao bico, desde tromba até ao focinho. Imaginem todas as carrancas da ponte Nova, esses pesadelos petrificados entre os dedos de Germano Pilon, vivendo e respirando, e vindo alternativamente encarar-nos de frente, com os olhos em fogo; todas as máscaras do carnaval de Veneza passando pelos vidros de um binóculo; em uma palavra, um caleidoscópio humano.

A orgia tomava cada vez mais um carácter flamengo. Téniers dificilmente a conseguiria reproduzir. Suponham por um momento a batalha de Salvator Rosa em bacanal. Ali já não havia estudantes, nem embaixadores, nem burgueses, nem homens, nem mulheres; já não havia Clopin Trouillefou, Gilles Lecornu, Marie Quatrelivres ou Robin Poussepain. Tudo se confundia, tudo se nivelava na licença comum. A grande sala passava a ser uma vasta fornalha de desbragamento e jovialidade, onde cada boca era um grito, cada face um esgar, cada indivíduo uma atitude; tudo isto clamava e ululava. As caras novas que vinham a seu turno arreganhando os dentes, na abertura da rosácea, eram como outros tantos tições lançados ao braseiro; e toda essa turba efervescente partia, como o vapor da fornalha, um rumor desagradável, agudo, penetrante, sibilante como o das asas de um moscardo.

— Ho hé! Maldição.

— Olha-me para aquela cara!

— Não vale nada.

— Vamos a outra!

— Ó Guillemette Maugerepui, repara naquelas ventas de touro, só lhe faltam os cornos. Não é teu marido.

— Outra!

— *Ventre du pape!* que demónio de careta é aquela?

— Olá! Isto é batota. Só se deve mostrar a cara.

— Aquele raio da Perrete Callebotte! É capaz disso.

— Aleluia! Aleluia!

— Abafo!

— Aquele não pode fazer passar as orelhas!

Etc, etc.

Em meio de tudo isto, façamos justiça ao nosso amigo Jehan. No desencadear da orgia, distinguiam-no ainda no pilar, como um grumete na gávea. Agitava-se com um furor inacreditável. A boca desmesuradamente aberta, dava gritos que ninguém ouvia, o que por certo não era devido ao clamor da turba, que por mais ruidoso que fosse não vingaria abafá-los, mas sem dúvida porque atingiam o limite dos sons agudos perceptíveis, as doze mil vibrações de Sauveur ou as oito mil de Biot.

Gringoire, esse, dominara-se passado o primeiro instante de abatimento. Fizera-se forte contra a adversidade. — Continuem! — dissera pela terceira vez aos comediantes, máquinas de falar; depois, passeando a largos passos por diante da mesa de mármore, sentia ímpetos de ir também, como os outros, meter a cabeça na rosácea da capela, ainda que não fosse senão pelo prazer de mostrar a língua a esse povo ingrato. — Mas não, seria indigno de nós; nada de vinganças! Lutemos até ao cabo — pensava — é grande a ascendência da poesia sobre o povo; hei de chamá-los a bom caminho. Veremos quem leva a melhor, se as caretas se as belas letras.

Pobre Gringoire! Era o único espetador da peça.

E agora, ainda era pior do que há pouco. Só via costas.

Peço perdão. O sujeito pacato, a quem o poeta já tinha consultado num momento crítico, conservara-se voltado para o teatro. Gisquette e a Liénarde, essas, tinham desertado há muito tempo.

Esta prova de fidelidade do seu único espetador, impressionou profundamente Gringoire, que se lhe acercou, e lhe dirigiu a palavra tocando-lhe ligeiramente no braço; o homem encostara-se à balaustrada e dormitava um pouco.

— Muito agradecido, cavalheiro! — disse Gringoire.

— Agradecido porquê? — respondeu o homem bocejando.

— Naturalmente o que o incômoda — tornou o poeta — é todo este barulho

que não lhe permite ouvir à sua vontade. Mas fique certo de que o seu nome passará à posteridade. A sua graça?

— Renauld Château, guarda selo do Châtelet de Paris, um seu criado.

— Cavalheiro, o senhor é aqui o único representante das musas — disse Gringoire.

— São favores — respondeu o guarda selo do Châtelet.

— O cavalheiro — tornou Gringoire — é a única pessoa que ouviu a peça decentemente. Que tal a acha?

— Hé? Hé! — respondeu o magistrado, meio a dormir meio acordado — Não é má.

Gringoire teve de se contentar com este elogio; um estrondear de aplausos, de envolta com uma aclamação prodigiosa, veio interromper a conversação. Fora eleito o papa dos loucos.

— Aleluia! Aleluia! Aleluia! — gritava o povo de todos os lados.

Era, com efeito, uma carantonha maravilhosa a que, neste momento, resplandecia pela abertura da rosácea. Depois de todas as faces pentagonais, hexágonas e heteróclitas, que se haviam sucedido nesse óculo sem realizar o ideal grotesco construído nas imaginações exaltadas pela orgia, faltava esse esgar sublime que enchia a assembleia de um deslumbramento, para alcançar de pronto todos os sufrágios.

O próprio mestre Copenole aplaudiu; e Clopin Trouillefou, que concorrera (e Deus sabe a que grau de fealdade poderia chegar), confessou-se vencido. Faremos como ele. Não tentaremos dar ao leitor uma ideia desse nariz tetraedro, dessa boca recurva como uma ferradura, desse pequenino olho esquerdo obstruído por uma pequenina sobranceira ruiva e áspera como tojo, enquanto o olho direito desaparecia completamente sob uma enorme verruga; dessa dentadura desordenada, aqui e além brechada, como as ameias de um forte; desse lábio caloso, por sobre o qual avançava um desses dentes como uma presa de elefante; desse queixo fendido; e, principalmente, da fisionomia diluída sobre tudo isto; desse misto de malícia, de estranheza e de mágoa. Sonhem isto, se lhes é possível.

A aclamação foi unânime; correram todos para a capela e trouxeram para fora, em triunfo, o bem aventurado papa dos loucos. Mas, foi então que a

surpresa e a admiração subiram de ponto: o esgar era o seu próprio rosto.

Ou antes, todo ele era um esgar. Uma cabeça formidável, eriçada de uma cabeladura ruiva; entre os dois ombros uma bossa enorme que, com o movimento, fazia vulto por diante; um sistema de coxas e de pernas tão singularmente descambadas que apenas se podiam aproximar pelos joelhos e que, vistas de frente, pareciam duas lâminas recurvas de foices, unidas pelo cabo; pés largos, mãos monstruosas; e, com toda esta deformidade, não sei que ar de forte, todo ele vigor, agilidade e coragem; estranha aceção à eterna regra que pretende que a força, do mesmo modo que a beleza, resulte da harmonia. Tal era o papa que os loucos acabavam de eleger.

Dir-se ia um gigante despedaçado e inabilmente recomposto.

Quando essa espécie de ciclope apareceu à porta da capela, imóvel, quase tão largo como alto; *quadrado pela base*, como diz um grande homem; ao vê-lo com a sua véstia, metade vermelha, metade violeta, semeada de campainhas de prata, ao vê-lo, em toda a perfeição da sua fealdade, a população reconheceu-o imediatamente e exclamou a uma voz:

— É Quasimodo, o sineiro! É Quasimodo, o corcunda de Nossa Senhora! Quasimodo, o zanaga! Quasimodo, o cambaio! Aleluia! Aleluia!

Como se vê, com respeito a apelidos, o pobre diabo tinha muito por onde escolher.

— Acautelem-se as grávidas! — berravam os estudantes.

— Ou as outras! — replicava Joannes.

De feito, as mulheres cobriram o rosto.

— Feio bicho! — dizia uma.

— Feio e mau! — tornara outra.

— É o diabo! — ajuntava uma terceira.

— Por infelicidade, moro perto da igreja de Nossa Senhora, e de noite ouço-o que anda pelas goteiras.

— Como os gatos.

— Está sempre nos telhados.

— Atira-nos sortes pelas chaminés.

— Uma noites destas foi à janela da minha trapeira fazer uma careta. Imaginei que era um homem. Tive um medo!

— Ia jurar que ele vai ao *sabbat*. Uma vez deixou ficar uma vassoura no telhado de minha casa.

— Oh! Que estafermo de corcunda!

— Te arre nego!

— Que nojo!

Os homens, ao contrário, estavam encantados e aplaudiam.

Quasimodo, objeto do tumulto, continuava de pé, à porta da capela, sombrio e grave, deixando-se admirar.

Um estudante (Robin Poussepain, creio eu) chegou-se muito para ele a escarnecê-lo. Quasimodo limitou-se a levantá-lo pelo cinturão e a atirá-lo a dez passos de distância, por entre a turba; isto, sem abrir a boca.

Maravilhado, mestre Coppenole aproximou-se dele.

— *Croix dieu!* Santo Padre! És a criatura mais soberbamente feia que até hoje tenho visto. Merecias o papado de Roma como mereceste o de Paris.

Dizendo isto, pousou-lhe a mão no ombro familiarmente. Quasimodo não se mexeu. Coppenole prosseguiu:

— És um mariola com quem não se me dava de fazer uma patuscada, ainda que isso me custasse um *douzain* novo de doze torneses. Que te parece?

Quasimodo não respondeu.

— *Croix dieu!* — disse o fabricante de meias — És surdo?

Era, com efeito, surdo.

Entretanto começava a impacientar-se com as maneiras de Coppenole e, súbito, voltou-se para ele com um ranger de dentes tão formidável que o gigante flamengo recuou, como um buldogue em frente de um gato.

Fez-se então, em volta da estranha personagem um círculo de terror e de

respeito, que, pelo menos, tinha quinze passos geométricos de raio. Uma velhota explicou a mestre Copenole que Quasimodo era surdo.

— Surdo! — disse o fabricante, rindo no seu bom rir flamengo — *Croix dieux!* é um papa consumado.

— Olá! Aquele conheço eu — exclamou Jehan, que descera por fim do capitel para ver Quasimodo de perto — É sineiro de meu irmão o arceidiago. Bons dias, Quasimodo?

— Diabo do homem! — disse Robin Poussepain, ainda aturdido em resultado da queda. — Aparece: é corcunda. Anda: é cambaio. Olha: é vesgo. Falam-lhe: é surdo. Mas, com os diabos, que faz ele da língua, esse Polifemo?

— Fala quando quer — disse a velhota; — ensurdeceu a tocar os sinos. Não é mudo.

— É o que lhe falta — observou Jehan.

— Tem um olho a mais — acrescentou Robin Poussepain.

— Puro engano — disse judiciosamente Jehan. — Um zanaga é muito mais incompleto do que um cego. Ele bem sabe o que lhe falta.

Entretanto, mendigos, lacaios, ratoneiros, estudantes foi tudo processionalmente, buscar no armário do tribunal a tiara de papelão e a samarra irrisória do papa dos loucos. Quasimodo deixou-se vestir sem pestanejar e com uma espécie de docilidade orgulhosa. Depois, fizeram-no sentar numa padiola de cores variegadas. Doze oficiais da confraria dos loucos levantaram-no às costas; e uma espécie de júbilo amargo e desdenhoso passou por sobre a face melancólica do ciclope quando viu aos seus pés disformes todas essas cabeças de homens gentis, apumados, perfeitos. Em seguida, a procissão ululante e andrajosa, pôs-se a caminho para percorrer, segundo a usança, o interior das galerias do Palácio, antes de começar o passeio pelas ruas e encruzilhadas.

VI. A Esmeralda

Entretanto, a peça prosseguia e Gringoire, por seu turno não desanimava, com verdadeiro júbilo o dizemos. Os atores, incitados por ele, iam falando; ele ia-os ouvindo. Estava resolvido a esgotar todos os meios, e não perdera completamente a esperança de que o público voltasse, e com ele a atenção. Vendo Quasimodo, Coppenole e o cortejo ensurdecedor do papa dos loucos sair da sala, esse raio de esperança rutilou fulgurantemente. A multidão correu sofregamente após o cortejo. — Bem — disse consigo — destes rufiões estou eu livre. — Infelizmente, esses rufiões eram o público. Num abrir e fechar de olhos, a sala esvaziou-se.

Restavam ainda, é certo, alguns espetadores, uns dispersos, outros agrupados em volta dos pilares, mulheres, velhos, crianças, em número suficiente para que não deixasse de haver ruído e tumulto na sala. Alguns estudantes, acavalados no entablamento das janelas, olhavam para a praça.

— Público de sobra para ouvir o resto — pensou Gringoire — São poucos mas bons, gente fina, gente letrada.

Ao aparecer em cena a Virgem Santa, devia escutar-se uma sinfonia dum efeito magnífico. Não se executou. Os músicos tinham ido com a procissão do papa dos loucos.

— Adiante — disse Gringoire estoicamente.

Acercou-se de um grupo de burgueses, que lhe pareceu estarem a falar da peça. Eis o trecho de conversação que pôde ouvir:

— Conhece o palácio de Navarra, propriedade que foi do sr. de Nemours, mestre Cheneteau?

— Conheço. Em frente da capela de Braque.

— Pois o fisco acaba de o alugar por seis libras oito soldos *parisis*, ao ano, ao historiador Guilherme Alexandre.

— Como as rendas estão caras!

— Paciência! — pensou Gringoire suspirando — Os outros ouvem.

— Rapazes — gritou de súbito um dos foliões da janela — *la Esmeralda! La Esmeralda!* na praça!

Ao mesmo tempo ouvia-se, fora, um estrondear de aplausos.

— La Esmeralda, que é isto? — disse Gringoire aflitíssimo, de mãos postas — Ah! Meu Deus! Agora são os das janelas.

Voltou-se para a mesa de mármore; interrompera-se o espetáculo. Precisamente, Júpiter devia aparecer em cena brandindo o raio. Ora, Júpiter estava em baixo, imóvel.

— Miguel Giborne! — disse o poeta irritado — Que fazes aí? Faltas à entrada, sobe!

— Que queres! — disse Júpiter — Um estudante levou-me a escada.

Assim era, a escada não estava no seu lugar. Portanto, intercetada qualquer comunicação com a cena, perdido o desenlace da peça.

— Patife — murmurou — E para que levou ele a escada?

— Para ver a Esmeralda — respondeu Júpiter aflitivamente — Disse: «Magnífico! Uma escada que não serve!» e levou-a.

Foi o último golpe. Gringoire recebeu-o cheio de resignação.

— Vão para o diabo! — disse aos comediantes — Se me pagarem contem com a paga.

Bateu então em retirada, de cabeça baixa, mas em último lugar, como o general que se bateu até à última.

E resmungava descendo as tortuosas escadas do Palácio: — uma corja de bestas e de estúpidos estes parisienses! Vêm ouvir um mistério e não prestam atenção a uma palavra! Passaram o tempo a olhar de boca aberta para toda a gente, Clopin Trouillefou, o cardeal, Coppenole, Quasimodo, o diabo que os leve! Mas nem um olhar se dignaram lançar para a senhora Virgem Maria, esses basbaques! E a mim, a mim, que tinha vindo para os ver, voltam-me as costas! Um poeta recebido aí como qualquer boticário! É verdade que Homero mendigou pelas aldeolas da Grécia e Ovídio morreu no exílio, entre os moscovitas. Mas diabos me levem se sei o que eles querem dizer com a tal Esmeralda! Que palavra! É egípcio!

Livro segundo

I. De Cila para Caribdes

Em Janeiro anoitece muito cedo. Escurecia quando Gringoire saiu do Palácio. O cair da tarde foi-lhe propício; tinha pressa em se embrenhar por qualquer viela obscura e deserta, onde pudesse meditar em paz, para que o filósofo colocasse o primeiro bálsamo sobre a ferida do poeta. De resto, a filosofia era o seu único albergue, porque não sabia aonde ir dormir.

Depois do malogro ruidoso da sua tentativa teatral, não tinha coragem de entrar na casa que habitava na rua Grenier-sur-l'Eau, em frente do porto do Feno, porque, contando com o que o sr. Preboste lhe daria pelo epitalâmio, prometera pagar a mestre Guilherme Doulx-Sire, *fermier de la coutume da pied fourché de Paris*, os seis meses de renda que lhe devia, isto é, doze soldos *parisis*, doze vezes o valor de tudo o que possuía, compreendendo os calções, a gorra e a camisa do corpo. Provisoriamente acantoado no postigo da prisão do tesoureiro da Sainte-Chapelle, reflexionando em que lugar passaria a noite, tendo à sua disposição todas as ruas de Paris, lembrou-se de que, na semana anterior, descobrira na rua da Savaterie, à porta da habitação de um conselheiro do parlamento, um banco de pedra dos que serviam para montar nas mulas, e que naquela oportunidade, não deixaria de constituir um excelente travesseiro para um mendigo ou para um poeta. Agradeceu à Providência o ter-lhe inspirado esta boa ideia e, dispunha-se a atravessar a praça do Palácio a fim de penetrar no dédalo tortuoso da Cité, por onde serpeiam essas velhas irmãs as ruas de Barillerie, da Vieille-Draperie, da Savaterie, da Juiverie, etc, ainda hoje de pé com as suas construções de nove andares, quando viu a procissão do papa dos loucos, que também saía do Palácio e irrompia no pátio, com grandes clamores, grande luz de archotes, e a sua música, a música dele, Gringoire.

Este espetáculo irritou-lhe o amor-próprio ferido; fugiu. Azedava-o, parecia-lhe sangrar a ferida tudo o que viesse recordar a festa do dia, na amarga situação em que o lançara o seu infortúnio de ator dramático.

Quis seguir pela ponte de S. Miguel; crianças corriam, aqui e além, brandindo os archotes e foguetes.

— Diabos levem os fogos de artifício! — disse Gringoire. Nas casas que entestavam com a ponte, flutuavam três *drapels* representando o rei, o delfim e Margarida de Flandres, e seis pequenos *drapelets*, em que eram retratados o duque da Áustria, o cardeal de Bourbon e o sr. de Beaujeu, e Madame Joana de França e o bastardo de Bourbon e nem eu sei que mais, tudo isto iluminado ao

clarão das tochas. A turba admirava.

— Um felizão, o pintor Jehan Fourbault! — disse Gringoire com um profundo suspiro; e voltou costas aos *drapels* e aos *drapelets*.

Viu na sua frente uma rua; achou-a tão escura e tão abandonada, que tomou por ela, esperando refugiar-se ali contra o rumor e a irradiação da festa. Tinha dado alguns passos, quando tropeçou num obstáculo: cambaleou e caiu. Era um molho de maio que os escreventes do tribunal haviam colocado pela manhã à porta de um presidente do parlamento, para comemorar a solenidade do dia. Gringoire suportou heroicamente este novo encontro; ergueu-se e entrou em caminhar em direção à margem do rio. Passando pela torre civil e pelo torreão criminal, tendo caminhado ao longo dos altos muros dos jardins do rei, nessa praia em que, não havendo pavimento, a lama era tanta que lhe dava pelos joelhos, chegou ao extremo ocidental da Cité e entreteve-se a olhar por algum tempo para a ilha do Passeur-aux-Vaches, que depois desapareceu sobre o cavalo de bronze da ponte Nova. A ilha emergia das sombras como uma massa negra, para além da estreita corrente de água que a separava. Adivinhava-se pelo bruxulear de uma luz dúbida, a espécie de cabana em forma de cortiço onde à noite se recolhia o barqueiro que passava as vacas de uma para a outra margem.

— Feliz criatura! — pensou Gringoire. — Não pensas na glória e não fazes epitalâmios! Que te importam os reis que se casam e as duquesas de Borgonha! Margaridas conheces apenas as que as tuas vacas esmoem nas pradarias em abril! E eu, poeta, sou apupado, tirito ao frio, tenho de meu doze soldos e as solas do calçado tão transparentes que poderiam servir de vidro à tua candeia. Deus te abençoe! A tua cabana distrai-me e faz-me esquecer Paris!

Despertou-o do seu êxtase quase lírico, uma enorme bomba dupla do S. João, que partiu bruscamente da felicíssima cabana. Era o homem das vacas que tomava a sua parte no regozijo do dia, queimando também fogo de artifício.

A bomba irritou a epiderme de Gringoire.

— Maldita festa! — bradou. — Está então escrito que me hás de perseguir por toda a parte? Oh! Meu Deus! Até o homem das vacas!

Depois, entrou a olhar para o Sena que lhe corria aos pés e sentiu-se possuído de uma tentação horrível.

— Oh! — disse. — Com que prazer me deitaria a afogar, se a água não estivesse tão fria!

Tomou então uma resolução desesperada. Como não lhe era possível fugir ao papa dos loucos, nem aos *drapelets* de Jehan Fourbault, nem aos molhos de maio, nem aos foguetes, nem às bombas, decidiu-se a penetrar audaciosamente no centro da festa; decidiu ir à praça de Greve.

— Ao menos — pensou — sempre aí terei à minha disposição uma brasa das fogueiras para me aquecer e talvez me não seja difícil cear alguma migalha dos três grandes brasões de açúcar real, que devem ter armado no bufete público da cidade.

II. A praça de Greve

Da praça de Greve, tal como então existia, resta apenas hoje um pequeníssimo vestígio: é a encantadora torrinha que ocupa o ângulo norte da praça, e que, já ocultada pelo ignóbil caleamento que lhe embota as vivas arestas das esculturas, terá talvez em breve de desaparecer, subvertida pela nova casaria, que tão rapidamente devora todas as velhas fachadas de Paris.

Quem, como nós, nunca passa pela praça de Greve sem lançar um olhar de comiseração e simpatia para esta pobre torrinha estrangulada entre dois pardieiros do tempo de Luís XV, pode mentalmente reconstruir sem custo o conjunto de edifícios de que ela fazia parte e ali encontrar, completa, a velha praça gótica do século quinze.

Constituída, como hoje, um trapézio irregular, fechado por um lado pelo cais e dos três outros por uma série de casas altas, estreitas e sombrias. De dia, avultava a diversidade de construções esculpidas em pedra ou em madeira, e apresentando já exemplares completos das diversas arquiteturas domésticas da Idade Média, remontando do século quinze ao século onze, desde a janela quadrada que começava a desprestigiar a ogiva, até ao pleno arco romano, suplantado pela ogiva. De noite, dessa massa de edifícios apenas se distinguia o recorte negro dos telhados projetando em derredor da praça a sua cadeia de ângulos agudos. Porque uma das diferenças radicais entre as cidades de então e as de hoje consiste em que hoje são as fachadas que deitam para as ruas e dantes eram as empenas. Em dois séculos, as casas voltaram-se.

No centro, do lado oriental da praça, elevava-se uma pesada e híbrida construção, formada de três corpos justapostos. Era conhecida por estes três nomes, que explicam a sua história, o seu destino e a sua arquitetura: a *Casa do Delfim*, porque Carlos V, quando Delfim, a habitara; a *Fazenda*, porque servia de casa de câmara; a *Casa dos pilares* por causa duma série de grossos pilares que sustentavam os três andares. Nessas três casas, havia tudo o que uma boa cidade como Paris pode exigir: uma capela, para orar a Deus; um tribunal, para audiências e para conter em respeito, quando preciso, os súbditos do rei; e nos subterrâneos um arsenal atulhado de máquinas de guerra. Porque os burgueses de Paris sabem que em muitos casos não é o bastante pedir e pleitear pelas franquias da cidade e têm sempre de reserva, num armazém da casa da câmara, alguns arcabuzes ferrugentos mas de bom calibre.

A Greve tinha ao tempo o aspeto sinistro que ainda hoje, como então, inspira

ideias execráveis, como as inspirava a sombria habitação de Dominique Bocador, que substituiu a Casa dos Pilares. Deve dizer-se que uma forca e um pelourinho permanentes, uma justiça e uma escada, como então se dizia, erguidos lado a lado, ao meio da rua, não contribuíam pouco para fazer desviar os olhos desta praça fatal, onde têm agonizado tantas criaturas, esplêndidas de saúde e de vida; onde devia nascer cinquenta anos mais tarde essa *febre de Saint Vallier*, o mais monstruoso de todos os flagelos, porque não vem de Deus, mas do homem.

É uma ideia consoladora pensar que a pena de morte que, há trezentos anos obstruía ainda com as suas rodas de ferro, as suas forcas de pedra, com todo o seu cortejo de instrumentos de suplício, permanentes e chumbados ao chão, a Greve, os Mercados, a praça Delfina, a cruz do Trahoir, o Mercado dos Porcos, o hediondo Montfaucon, a barreira dos sargentos, a praça dos Gatos, a porta de São Dinis, Champeaux, a porta Baudets, a porta São Tiago, sem contar as inúmeras escadas dos prebostes, do bispo, dos capítulos, dos abades, dos priores juizes; é consolador que, hoje, depois de ter perdido sucessivamente todas as peças da sua armadura, a sua pompa de suplícios, a sua penalidade toda imaginação e fantasia, a sua tortura para a qual renovava de cinco em cinco anos um leito de coiro no Grande Châtelet, esta velha suserana da sociedade feudal, corrida de código em código, expulsa de praça em praça, só tenha no nosso imenso Paris um canto vil da Greve, uma miserável guilhotina, furtiva, inquieta, tímida, que, dir-se-ia, alimenta o receio constante de ser surpreendida em flagrante delito, tão depressa foge, mal perpetra o crime.

III. «Besos para golpes»

Quando Pedro Gringoire chegou à praça de Greve, estava transido. Seguiu pela ponte dos Moleiros para evitar a turba da ponte de Câmbio e os painéis de Jehan Fourbault; mas as rodas dos moinhos do bispo haviam-no salpicado na passagem e eis porque tinha a sotaina encharcada; depois, parecia-lhe que o desastre da sua peça lhe fazia mais frio. Deu-se portanto pressa em se abeerrar da fogueira que ardia magnificamente ao meio da praça. Cercava-a, porém, um gentio enorme.

— Parisienses dum dardo! — disse consigo (porque Gringoire, como um verdadeiro poeta dramático, era atreito aos monólogos) — agora não me deixam aquecer! E eu então que tanto preciso de lume! Tenho os sapatos encharcados daqueles malditos moinhos que não se cansavam de chorar sobre mim! Leve o diabo o bispo de Paris e mais os seus moinhos! O que eu queria saber é para que serve um moinho a um bispo! Querirá ele mudar de profissão, fazer-se moleiro? Se para isto lhe basta a minha maldição, aí a tem, de bom grado lha dou, a ele, à sua catedral e mais aos seus moinhos! Vejam lá se aqueles basbaques se dão ao trabalho de se incomodar por minha causa! O que eu queria saber é o que eles fazem ali! Estão a aquecer-se; bonito gosto! Ver queimar montões do lenha; belo espetáculo!

Observando mais de perto, reparou que o âmbito era muito maior do que se fazia mister para se aquecerem ao fogo do rei e que a afluência de espetadores não era exclusivamente atraída pelo espetáculo da queima dos cem feixes de lenha.

Num vasto espaço, que ficava livre entre o povo e a fogueira, dançava uma rapariga. Se essa rapariga era um ser humano, uma fada, um anjo, eis o que o Gringoire filósofo cético, poeta irónico não pôde decidir no primeiro momento, por tal forma o fascinou a visão deslumbrante.

Não era alta mas parecia-o, tanto o seu talhe esbelto se aprumava altivo. A tez trigueira; adivinhava-se, porém, que a luz do dia lhe imprimira o belo reflexo dourado das andaluzas e das romanas. O pé, pequeno, também era andaluz, pois estando apertado não se constrangia no gracioso sapato. Dançava, volteava, redemoinhava sobre um velho tapete da Pérsia, lançado negligentemente aos seus pés; e, sempre que volteando passava pelos circunstantes, os seus grandes olhos negros despediam relâmpagos.

Em redor, todos os olhares estavam fixos, todas as bocas abertas; e efetivamente dançando assim, ao som do pandeiro que os braços torneados e puros levantavam acima da cabeça, delgada, frágil e viva como uma vespa, com o corpete de oiro sem uma ruga, a saia pintalgada que se enfunava, as espáduas nuas, as pernas delicadas que por momentos se entreviam, os cabelos negros, os olhos a luzirem, era uma criatura sobrenatural.

— Em verdade — pensou Gringoire — é uma salamandra, uma ninfa, uma deusa, uma bacante do monte Ménaleaho!

Neste momento, uma das tranças do penteado da *salamandra* soltou-se e uma moeda de cobre amarelo presa aos cabelos caiu ao chão.

— Ora! — tornou ele — É uma cigana!

Dissiparam-se-lhe as ilusões.

Ela continuou a dançar. Tomou do chão duas espadas, cuja ponta apoiou na testa e às quais fez girar num sentido enquanto ela volteava noutro; era, efetivamente uma cigana. Mas, a despeito das desilusões da Gringoire, o aspeto do quadro não deixava de ter o que quer que fosse de prestigioso e mágico; a fogueira iluminava-o com uma luz crua e vermelha que tremia viva sobre o círculo de fisionomias da multidão, sobre a tez morena da rapariga, e no fundo da praça projetava um reflexo pálido de mistura com as vacilações das sombras, de um lado sobre a velha fachada negra e rugosa da Casa dos Pilares, do outro sobre o braço de pedra do cadafalso.

Entre os mil rostos que o clarão tingia de escarlata, um havia que, mais que os outros, parecia absorto na contemplação da bailarina. Era uma fisionomia de homem austero, calmo, sombrio. Esse homem, envolto pela turba, que o rodeava, não aparentava mais de trinta e cinco anos; no entanto, era calvo; tinha nas fontes raras mechas de cabelos já grisalhos. A fronte larga e espalmada fincava-se de rugosidades; tinha, porém, nos olhos cavos, um extraordinário fulgor de mocidade, uma vida ardente, uma paixão profunda. Fitava-os obstinadamente na cigana, e ao passo que, estúrdia, essa criança de dezasseis anos dançava e volteava, a divertir a turba, o seu cismar crescia, de mais em mais sombrio. De quando em quando um sorriso e um suspiro vinham encontrar-se-lhe nos lábios; o sorriso, porém, era mais doloroso que o suspiro.

A rapariga, ofegante, parou por fim e o povo aplaudiu-a com amor.

— Djali! — disse a cigana.

Então Gringoire viu aparecer uma pequena cabra branca, alegre, viva, toda lustrosa, com as pontas e as patas douradas, a coleira igualmente dourada, e que até ali o poeta não lobrigara, pois que até então o animal estivera deitado numa ponta do tapete a ver dançar a dona.

— Djali — disse a bailarina — agora tu.

E sentando-se, apresentou graciosamente à cabra o pandeiro.

— Djali — continuou — em que mês estamos nós?

A cabra levantou a pata de diante e bateu uma pancada no pandeiro. Estava-se efetivamente no primeiro mês. A multidão aplaudiu.

— Djali — prosseguiu a rapariga voltando o pandeiro para outro lado — em que dia do mês estamos nós?

Djali, levantou a patita dourada e bateu seis pancadas.

— Djali — voltou a egípcia brandindo sempre o pandeiro — em que hora do dia estamos?

Djali bateu sete pancadas. Nesse momento, o relógio da Casa dos Pilares deu sete horas.

O povo estava maravilhado.

— Ai há feitiçaria — disse de entre a multidão uma voz sinistra. Era a do homem calvo que não tirava os olhos da cigana.

Ela estremeceu e voltou-se; mas os aplausos explodiram e cobriram a exclamação do homem.

Desvaneceram-na até tão completamente no seu espírito, que a cigana continuou a interrogar a cabra.

— Djali, como faz mestre Guichard Grand-Remy, capitão dos pistoleiros da cidade, na procissão da Candelária?

Djali levantou-se sobre as patas traseiras e pôs-se a balar, marchando com tão gentil gravidade, que os espetadores romperam às gargalhadas por esta paródia da devoção interesseira do capitão dos pistoleiros.

— Djali — continuou a rapariga, animada pelo crescente êxito — como

prega mestre Tiago Charmolue, procurador do rei no estado da igreja?

A cabra sentou-se sobre as patas traseiras e pôs-se a balar, movendo as patas de diante por forma tão extravagante que, excetuado o mau francês e o mau latim, gesto, tom, atitude, tudo era de Tiago Charmolue.

E o povo cada vez aplaudia mais.

— Sacrilégio! Profanação! — continuou a voz do homem calvo.

A cigana voltou-se novamente.

— Ah! — disse ela — É esse homem feio! — Depois estendendo o lábio inferior além do lábio superior, fez um trejeito que parecia ser-lhe peculiar, deu uma pirueta sobre os calcanhares e entrou a recolher no pandeiro os óbulos da assistência.

Choviam os *brancos grandes*, os *brancos pequenos*, os *targes*, os *liards de água*. De repente, passou por diante de Gringoire. Gringoire levou tão estouvadamente a mão às algibeiras que ela parou — Diabo! — disse o poeta encontrando no fundo da algibeira a realidade, isto é, o nada. No entanto a rapariga não se desviava a mirá-lo com os seus grandes olhos, a estender-lhe o pandeiro, à espera. Gringoire estava sobre brasas.

Se tivesse o Peru na algibeira, decerto o daria à dançarina, mas Gringoire não tinha o Peru e além disso a América ainda estava por descobrir.

Felizmente, um incidente inesperado veio em seu socorro.

— Tu não te irás embora, gafanhoto do Egito? — gritou uma voz desabrida partindo do canto mais sombrio da praça.

A rapariga voltou-se assustada. Já não era a voz do homem calvo, era uma voz de mulher, uma voz untuosa e má.

Ora, este grito, que tanto assustou a cigana, encheu de alegria um bando de crianças que por ali vagueavam.

— É a presa da Torre Rolland — bradaram em descompostas gargalhadas — É a velha que está a rabujar. Talvez que ainda não cesse! Levemos-lhe alguns restos das mesas.

Largaram todos em precipitada corrida para a Casa dos Pilares.

Neste tempo, Gringoire valendo-se do ensejo que lhe proporcionara o susto da dançarina, eclipsara-se. A gritaria das crianças fez lembrar-lhe que também ele não ceara. Correu à sala do bufete. Mas a gaitada tinha melhores pernas do que ele, de forma que quando lá chegou, a limpeza fora geral e nem sequer havia um triste *camichon* de cinco soldos a libra. Na parede avultavam apenas as belas flores de lis, entremeadas de roseiras, pintadas em 1434 por Mateus Biterne. Fraca ceia, em verdade!

Não há coisa pior do que deitar-se a gente sem ceia; mas há uma coisa pior ainda, que é não ter que ceiar nem saber onde dormir. Gringoire estava nesse caso. Sem pão e sem abrigo, via-se compelido de todos os lados pela necessidade e achava-a extremamente desabrida. De há muito que descobrira a seguinte verdade: que Júpiter criou os homens num acesso de misantropia, e que, durante toda a existência do sábio, o destino tem em estado de sítio a sua filosofia. Pela parte que lhe cabia, nunca assistira a um bloqueio tão completo: ouvia o estômago tocar a render-se e achava muito fora de propósito que o mau destino tomasse por fome a sua filosofia.

E este melancólico cismar mais o absorvia quando uma canção estranha, e todavia doce, o veio bruscamente despertar. Era a cigana que cantava.

Dava-se na sua voz o mesmo que na sua dança, que na sua beleza. Era indefinível e encantador; o quer que fosse de puro e de sonoro, de aéreo, por assim dizer, de alado. Contínuas dolências, melodias, cadências imprevistas, frases simples semeadas de notas aceradas e sibilantes, transições de gama que deixariam a perder de vista um rouxinol, muito harmónicas; brandas ondulações de oitavas que subiam e desciam como o seio da cantora. A sua bela fisionomia acompanhava com uma mobilidade singular todos os caprichos da canção, desde a mais desgrenhada inspiração até à mais casta dignidade. Dir-se-ia umas vezes, uma louca, outras, uma rainha.

Cantava numa língua desconhecida para Gringoire e que para ela mesmo parecia desconhecida também, tão pouco a expressão que dava ao canto condizia com o sentido da letra. Assim, estes quatro versos tinham nos seus lábios a expressão de uma alegria lousa.

Un cofre de gran riqueza
Hallaron dentro un pilar;
Dentro del, nuevas banderas
Con figuras de espantar.

E um instante depois, com o tom que dava a esta estância:

Alarabes de cavalo
Sin poderse menear,
Con espadas, y los cuellos.
Ballestas de buen echar.

Gringoire sentia assomarem-lhe as lágrimas aos olhos. No entanto, essa música respirava sobre tudo alegria e parecia cantá-la como uma ave, serena e descuidosa.

A canção da cigana turvara o cismar de Gringoire, como o cisne turva a água. Ouvia-a como que arrebatado, esquecendo tudo. Era esse o primeiro momento em que se não sentia sofrer.

Mas pouco durou.

A mesma voz de mulher que interrompera a dança da cigana, veio também interromper-lhe o canto.

— Não te calarás, cigarra do inferno? — bradou ela, sempre no mesmo recanto escuro da praça.

A pobre *cigarra* calou-se imediatamente, Gringoire tapou os ouvidos.

— Oh! — exclamou — Maldita serrazinha do inferno que vens quebrar a lira!

No entanto, os outros espetadores murmuravam como ele: — Leve o diabo a bruxa — dizia-se. E a velha desordeira invisível não teria pouco a arrepende-se das suas agressões contra a cigana, se as altercações da turba não fossem naquele momento distraídas pela procissão do papa dos loucos, que, depois de ter andado por travessas e ruas, desembocava rumorejante na praça de Greve, com todo o seu cortejo de archotes.

Essa procissão, que os leitores viram sair do Palácio, organizara-se pelo caminho e recrutara tudo o que havia de malandrins, ladrões ociosos e vagabundos disponíveis; assim, apresentavam um respeitável aspeto quando chegou à praça de Greve.

Vinha na frente o Egito. O duque do Egito, à testa do cortejo, a cavalo, com os seus condes a pé segurando a rédea e o estribo; na retaguarda, os Egípcios e as Egípcias à mistura, com os filhitos a gritar, às cavaleiras nos ombros das mães; todos, duques, condes, arraia miúda, esfarrapada e ouropelada.

Seguia o reino do calão, quer dizer, todos os ladrões da França, escalonados por ordem de dignidade; os menores à frente dos primeiros. Assim desfilavam quatro a quatro, com as diversas insígnias dos seus graus nesta estranha faculdade, a maior parte estropiados, uns coxos, outros manetas, os *courtauds de boutanche*[15], os *coquillart*, os *habins*, os *sabouleux*[16], os *calots*[17], os *francs-mitoux*[18], os *polissons*, os *piêtres*, os *capons*[19], os *malingreux*, os *rifodés*, os *marcandiers*, os *narquois*, os *orphelins*, os *archisuppôts*[20], os *cagoux*[21]; uma nomenclatura capaz de fatigar Homero. No centro do conclave dos *cagoux* e dos *archisuppôts* a custo se podia distinguir o rei do calão, o grande *coërse*, acororado, numa pequena carriola tirada por dois canzarrões. Depois do reino do calão, vinha o império da Galileia. Guilherme Rousseau, imperador do império da Galileia, caminhava majestosamente na sua túnica de púrpura manchada de vinho, precedido de bailarinos simulando combates e dançando pirricas, cercado dos seus maceiros, dos seus ajudantes e dos membros do tribunal de contas. No coice vinham os rúbulas com os seus docéis coroados de flores, as suas sotainas negras, a sua música de *sabbat* e os grossos brandões de cera amarela. Em meio da turba, os grandes oficiais da confraria dos loucos conduzindo aos ombros um andor mais carregado de círios que o relicário da Santa Genoveva em tempo de peste; e sobre essa padiola resplandecia, de báculo, capa de asperges e mitra, o novo papa dos loucos, o sineiro da Nossa Senhora, Quasimodo, o Corcunda.

Cada secção deste cortejo grotesco tinha a sua música particular. Egípcios faziam atroar os *balufos* e os tambores de África. Os do calão, raça mediocrementemente artista, estavam ainda reduzidos à viola, à buzina de corno e à rubebe gótica do século doze. O império da Galileia não estava mais adiantado, com uma ou outra triste rebecca de três cordas, muito primitiva, reduzida ainda ao *ré lá mi*. Mas era em derredor do papa dos loucos, que se ostentavam, em uma soberba cacofonia, todas as riquezas musicais da época. Eram *tiples* de rebecca, *contraltos* de rebecca, sem contar as flautas e os metais. Pobres instrumentos! Eram os da orquestra de Gringoire.

É difícil dar uma ideia do grau de satisfação orgulhosa e beatífica que a horrível e dolorosa fisionomia de Quasimodo atingira durante o trajeto do Palácio à Greve. Era a primeira vez que o seu amor próprio se sentia vibrar. Até então só conhecera as humilhações, os desdêns que a sua condição provocava, a repulsão que por si próprio sentia. Assim, apesar de surdo como era, saboreava como um verdadeiro papa as aclamações dessa multidão que odiava, porque se sentia odiado por ela. Que o seu povo fosse uma carga de doidos, de estropeados, de ladrões, de mendigos, pouco lhe importava! Era, no entanto, um povo e ele um soberano. E tomava a sério os aplausos irônicos, os irrisórios testemunhos de respeito, aos quais, devemos dizer, se misturava no entanto um certo receio bastante autêntico. Porque o corcunda era robusto; porque o cambaio era ágil;

porque o surdo era mau; três qualidades que temperam o ridículo.

De resto, que o novo papa dos doidos compreendesse os sentimentos que experimentava e os sentimentos que inspirava, eis o que estamos longe de supor. O espírito alojado nesse corpo falho tinha necessariamente alguma coisa de incompleto e de surdo. Por isso, o que sentia nesse momento era para ele absolutamente vago, indistinto e confuso. Unicamente a alegria transparecia, o orgulho dominava. Em torno dessa figura de homem, lamentosa e sombria, irradiava luz.

Não foi pois sem surpresa e sem receio que se viu de repente, na ocasião em que Quasimodo, nesta meia embriaguez, passava triunfante por diante da Casa dos pilares, um homem sair da multidão e arrancar-lhe das mãos, com um gesto de cólera, o báculo de pau dourado, insígnia do papado.

Esse homem, esse temerário, era a personagem calva, que, um momento antes, entre o grupo da cigana, transira a pobre rapariga com as suas palavras de ameaça e ódio. Vestia como os eclesiásticos. No momento em que saiu de entre a multidão, Gringoire, que até então não atentara nele, reconheceu-o:

— Ora olha! — disse ele, com um grito de espanto — É o meu mestre, dom Cláudio Frollo, o arceidiago! Que diabo quer ele ao zanaga? Meteu-se em boas, não há dúvida.

Efetivamente, levantou-se um grito de terror. O formidável Quasimodo saltara abaixo do andor, as mulheres desviaram os olhos para o não verem despedaçar o arceidiago.

Deu um salto para o padre, encarou-o e caiu de joelhos.

O padre arrancou-lhe a tiara, quebrou-lhe o báculo, rasgou-lhe a capa lantejoulada.

Quasimodo, sempre de joelhos inclinou a cabeça e enclavinhou as mãos.

Depois estabeleceu-se entre eles um estranho diálogo de sinais e de gestos, porque nem um nem outro falava. O padre, de pé, irritado, ameaçador, imperioso: Quasimodo, prostrado, humilde, suplicante. E no entanto, é certo que se Quasimodo quisesse poderia esmagar o padre com um dedo.

Afinal, o arceidiago sacudindo rudemente o ombro poderoso de Quasimodo, fez-lhe sinal de se levantar e de o seguir.

Quasimodo obedeceu.

Então a confraria dos loucos, passando o primeiro momento de estupefação, quis defender o seu papa tão bruscamente destronado. Os egípcios, os do calão, e toda a malta vieram latir em volta do padre.

Quasimodo colocou-se diante dele, fez jogar os músculos dos seus punhos atléticos e olhou para os assaltantes com o ranger de dentes dum tigre colérico.

O padre retomou a sua gravidade sombria, fez um sinal a Quasimodo e retirou-se silenciosamente.

Quasimodo caminhava na sua frente dispersando a multidão na passagem.

Tendo atravessado a praça, por entre a população, um bando de curiosos e vadios quis segui-los. Quasimodo tomou então a retaguarda e seguiu o arcediogo às arrecuas, disforme, rosnando, monstruoso, hirsuto, arrastando os membros, lambendo as presas de javali, rugindo como uma fera e imprimindo imensas oscilações à multidão com o gesto ou com um olhar.

Deixaram-nos internar a ambos numa rua estreita e tenebrosa onde ninguém se atreveu a entrar atrás deles; tanto só a carranca de Quasimodo rangendo os dentes tolhia a entrada.

— Simplesmente maravilhoso! — disse Gringoire — Mas onde diabo encontrarei de cear?

IV.

Inconvenientes de seguir as mulheres bonitas de noite pelas ruas

Gringoire, pelo sim pelo não, pôs-se a seguir a cigana. Viu que entrara com a cabra pela rua da *Coutellerie*; foi também pela rua da *Coutellerie*.

— E porque não? — disse consigo.

Caminhava pois todo pensativo atrás da rapariga que estugava o passo e fazia trotar a sua bonita cabra ao ver recolher os burgueses e fechar as tabernas, únicas lojas nesse dia abertas.

— O que é verdade — pensava pouco mais ou menos ele — é que ela há de alojar-se em algures! Quem sabe?...

Havia nos pontos respetivos de que ele fazia acompanhar esta reticência no seu espírito, não sei que ideias assaz graciosas.

No entanto, de tempos a tempos, ao passar por diante dos últimos grupos de burgueses que fechavam as portas, apanhava algumas frases soltas das suas conversas que vinham quebrar o encanto das suas risonhas hipóteses.

Aqui eram dois velhos que se atacam.

— Mestre Thibaut Fernicle, sabeis que faz frio?

Gringoire sabia isso desde o princípio do inverno.

— É verdade, e muito, mestre Bonifácio Disome! Iremos nós ter um inverno como há três anos, em 80, em que a lenha custava oito *sols* a carga?

— Ora! Isso não é nada, mestre Thibaut, ao pé do inverno de 1407 em que caiu neve desde o São Martinho até à Candelária! E com tal fúria que a pena do escrivão do parlamento gelava, na sala do tribunal, de três em três palavras! O que até fez interromper o registro da justiça.

Ali, eram umas vizinhas à janela com as suas candeias que o nevoeiro fazia crepitar.

— Vosso marido contou-vos a desgraça que aconteceu, *mademoiselle* La Boudraque?

— Não. Então que foi, *mademoiselle* Turquant?

— Foi o cavalo de M. Gilles Godin, o notário do Châtelet, que se espantou com os flamengos e com a sua procissão e que atropelou mestre Filippot Avrillot, *oblat* dos Celestinos.

— Sim?

— É como lhe digo.

— Um cavalo burguês! É um pouco forte. Se fosse um cavalo de cavalaria, ainda vá!

E as janelas fechavam-se. Mas Gringoire não deixara porém de perder o fio das suas ideias.

Felizmente encontrava-o depressa e reatava-o sem custo, graças à cigana, graças a Djali que continuavam a caminhar diante dele; duas finas, delicadas, e encantadoras criaturas, de quem admirava os pequenos pés, as lindas formas, as graciosas maneiras confundindo-as quase na sua contemplação: pela inteligência e boa amizade, julgando-as ambas moças; pela ligeireza, agilidade e destreza do passo, achando-as ambas cabras.

No entanto as ruas tornavam-se a cada momento mais negras e mais desertas. O toque de recolher fora já há muito dado e começava a ver-se raramente na calçada, uma luz nas janelas. Gringoire embrenhara-se, atrás da egípcia, nesse dédalo inextricável de vielas, de travessas e de becos, que cerca o antigo sepulcro dos Santos Inocentes e que se assemelha a um novelo de fio emaranhado por um gato.

— Aqui estão umas ruas que têm bem pouca lógica! — dizia Gringoire, perdido nesses mil circuitos que vinham dar incessantemente sobre si mesmos, mas por onde a rapariga seguia um caminho que parecia bem conhecido, sem hesitar e num passo cada vez mais rápido. Quanto a ele, ignoraria perfeitamente onde estava, se não avistasse ao passar, dobrando a esquina duma rua, a massa octógona do pelourinho dos mercados, cujo remate vazado destacava vivamente as suas linhas negras sobre uma janela ainda iluminada na rua Verdelet.

Havia alguns instantes que ele despertara a atenção da rapariga, que já tinha por várias vezes voltado, inquieta, a cabeça; ela tinha até uma vez estacado, aproveitando-se de uma padaria entreaberta, para o mirar atentamente, da cabeça até aos pés; depois, terminado esse exame, Gringoire viu-a também fazer esse trejeitozinho que ele já notara e seguir o seu caminho.

O tal trejeitozinho deu que pensar a Gringoire. Havia certamente desdém e

motejo nessa graciosa careta. Por isso começara a abaixar a cabeça, a contar as pedras e a seguir a rapariga um pouco mais de longe, quando, ao voltar duma rua que acabava de lhe fazer perder de vista, ouviu dar um grito agudo. Estugou por isso o passo.

As trevas enchiam a rua. No entanto uma estopa embebida em azeite, que ardia numa gaiola de ferro aos pés de uma imagem da Virgem, ao canto da rua, permitiu a Gringoire o distinguir a cigana a debater-se nos braços de dois homens que se esforçavam por lhe abafar os gritos. A pobre cabrita toda assustada, baixava as pontas, e balava.

— A nós, senhores da ronda! — bradou Gringoire e avançou com valentia.

Um dos homens que segurava a rapariga voltou-se para ele. Era a terrível cara de Quasimodo.

Gringoire não fugiu, mas não deu mais um passo.

Quasimodo dirigiu-se para ele e atirou-o por terra com as costas da mão e perdeu-se rapidamente na sombra, levando a cigana, dobrada sobre um dos seus braços como uma cinta de seda. O seu companheiro seguia-o e atrás de todos sorria a pobre cabra com o seu queixoso balar.

— Acudam! Que me matam! — gritava a desventurada cigana.

— Façam alto, miseráveis, e larguem aí já essa mulher! — disse de repente, com voz de trovão, um cavaleiro que desembocou repentinamente da travessa vizinha.

Era um capitão dos archeiros das ordenanças do rei armado dos pés até à cabeça, e de montante em punho.

Arrancou a cigana dos braços de Quasimodo estupefacto, atravessou-a na sela e no momento em que o terrível corcunda, voltando a si da surpresa, se precipitava sobre ele, para retomar a sua presa, quinze ou dezasseis archeiros, que seguiam de perto o seu capitão, apareceram de *estramaçon*^[22] desembainhado. Era uma esquadra de ordenanças do rei que andava rondando, por ordem de *messire Roberto d'Estouville*, guarda do prebostado de Paris.

Cercaram Quasimodo, agarraram-no, prenderam-no; ele rugia, espumava, moradia; e se fosse dia claro, sem dúvida alguma, só o seu rosto, tornado mais hediondo pela cólera, seria capaz de pôr em fuga toda a esquadra. Mas a noite desarmava-o da sua mais terrível arma da fealdade.

O seu companheiro desaparecera na luta.

A cigana empertigou-se graciosamente sobre a sela do oficial, apoiou as mãos nos ombros dele e mirou-o atentamente alguns segundos, como encantada da sua boa feição e do bom socorro que acabava de prestar-lhe. Depois, quebrando á primeira o silêncio, disse-lhe, tornando ainda mais doce a sua voz:

— Como vos chamais, senhor gendarme?

— O capitão Febo de Châteaupers, para vos servir, minha bela! — respondeu o oficial, perfilando-se.

— Obrigado! — disse ela.

E, enquanto o capitão Febo cofiava o seu bigode à borgonhesa, ela deixou-se escorregar abaixo do cavalo, como uma flecha que cai no chão e fugiu.

Um relâmpago não se esvaeceria mais depressa.

— Pelo umbigo do papa! — disse o capitão, mandando apertar as correias de Quasimodo. — Antes queria ter ficado com a mulher.

— Então que quer, capitão? — disse um gendarme. — A toutinegra bateu as asas, só ficou o morcego.

V.
Continuação dos inconvenientes

Gringoire, todo aturdido da queda, ficara estatelado no chão, diante da imagem da Virgem da esquina da rua; primeiro permaneceu por alguns minutos flutuando numa espécie de cismar meio sonolento e não sem doçura, onde as aéreas figuras da cigana e da cabra se casavam com o peso do punho de Quasimodo. Essa estado durou pouco. Uma impressão bastante viva de frio na parte do corpo que se achava em contacto com o chão, despertou-o de repente e fez-lhe voltar o espírito à superfície.

— De onde me vem esta frescura? — disse ele, bruscamente.

Descobriu então que estava nem mais nem menos do que no meio de uma regueira.

— Diabo do corcunda do ciclope! — resmoneou por entre os dentes.

E quis levantar-se. Mas estava muito aturdido e muito magoado; força lhe foi deixar-se ficar. Tinha também a mão livre; tapou o nariz e resignou-se.

— A lama de Paris — pensou ele (porque julgava ter a certeza de que, decididamente, a regueira seria a sua pousada) — a lama de Paris é particularmente mal cheirosa; deve conter muito sal volátil e nitroso. É, também, a opinião de mestre Nicolau Plamet e dos herméticos...

A palavra *herméticos* trouxe subitamente a lembrança do arcediogo Cláudio Frollo ao seu espírito. Lembrou-se da cena violenta que acabava de entrever; que a cigana se debatia com dois homens, que Quasimodo tinha um companheiro; e o rosto lúgubre e altivo do arcediogo passou confusamente na sua memória.

— Seria bem extravagante! — pensou ele.

E pôs-se a construir, com estes dados e com esta base, o extraordinário edifício das hipóteses, esse castelo de cartas dos filósofos; depois, de repente, voltando mais uma vez à realidade:

— Ah! Mas eu vou ficar gelado! — exclamou ele.

O lugar que ocupava tornava-se, efetivamente, cada vez menos suportável. Cada molécula da água da regueira, tirava uma molécula de calor que irradiava dos rins de Gringoire, e o equilíbrio entre a temperatura da regueira começava a

estabelecer-se de maneira bem rude.

Uma preocupação de uma espécie muito diversa veio, de repente, assaltá-lo.

Um grupo de rapazes, desses pequenos selvagens de pé descalço, que em todos os tempos tem batido as calçadas de Paris com o eterno nome de garotos e que, quando nós éramos rapazes também, atiravam pedras a todos, de tarde, ao sair da aula, porque não tinham as calças rotas, um enxame desses juvenis velhacos dirigiu-se, a correr, para o sítio onde jazia Gringoire, com gargalhadas e gritos que pareciam importar-se muito pouco com o sono dos vizinhos. Arrastavam atrás deles não sei que informe saco; só o ruído dos seus tamancos despertaria um morto. Gringoire, que ainda o não estava completamente, levantou-se a meio.

— Oh, Henequin Dandéche! Oh, Jean Princebourd! — gritavam desafortadamente. — O velho Eustáquio Mourbon, o mercador da esquina, morreu! Temos aqui a enxerga e vamos fazer com ela uma bela fogueira. Hoje é o dia dos Flamengos.

E nisto, atiraram com a enxerga precisamente sobre Gringoire, ao pé do qual tinham chegado sem que o vissem. Ao mesmo tempo, um deles fez um feixe de palha que foi acender na mecha da imagem da Virgem.

— Pela morte de Cristo! — rosnou Gringoire. — Então não vou agora ter calor de mais!?

O momento era crítico. Ia ficar preso entre o fogo e a água; fez um esforço sobrenatural, um esforço de moedeiro falso a quem vão coser e que trata de fugir. Pôs-se de pé, atirou a enxerga sobre os garotos e fugiu.

— Virgem Santa! — gritaram os rapazes. — É o mercador que ressuscita!

E largaram também a fugir.

VI. A bilha quebrada

Depois de ter corrido à desfilada durante algum tempo, sem saber onde, batendo com a cabeça em muitas esquinas de rua, saltando muitas valetas, atravessando muitas vielas, muitos becos, muitas travessas, procurando fuga e passagem através de todos os meandros das velhas ruas dos mercados, o nosso poeta parou de repente, de cansaço primeiro, depois de algum modo filado por um dilema que acabava de lhe surgir no espírito.

— Parece-me, mestre Pedro Gringoire — disse ele a si próprio, apoiando o dedo na testa — que vós andais a correr como um doido. Os velhacos dos rapazes tiveram tanto, medo de vós como vós deles. Parece-me digo-vos, que ouvistes o ruído dos seus tamancos que fugiam para o sul, enquanto vós fugíeis para o norte. Ora, de duas coisas, uma: ou eles fugiram, e então a enxerga, que eles deveram esquecer no seu terror, é precisamente o leito hospitaleiro atrás do qual vós correis desde pela manhã e que a Virgem vos envia milagrosamente para vos recompensar de terdes feito em sua honra uma moralidade acompanhada de triunfos e momices; ou os rapazes não fugiram, e nesse caso puseram fogo à enxerga, e aí está justamente o excelente fogo de que tendes necessidade para vos regozijar, secar e aquecer. Nos dois casos, bom fogo ou boa cama, a enxerga é um presente do Céu. À benta Virgem Maria, que está à esquina da rua Mauconseil, não fez morrer Eustáquio Maubon senão por isso; e sois doido em assim fugir, deitando as tripas pela boca fora, como um Picardo diante de um francês, deixando atrás de vós o que procurais adiante; sois um doido!

Voltou então sobre os seus passos e, orientando-se e farejando, com o nariz ao vento e as orelhas à espreita, esforçou-se por encontrar a bem-aventurada enxerga, mas debalde. Eram só intersecções de casas, becos, pés de pato, no meio dos quais, a cada instante, hesitava e duvidava, mais embaraçado e mais enviscado neste enredado de vielas escuras, do que mesmo ficaria no labirinto do palácio das Tournelles. Afinal, perdeu a paciência, e bradou solenemente:

— Malditas sejam as encruzilhadas! Foi o diabo que as fez, à semelhança do seu forcado!

Esta exclamação aliviou-o um pouco e uma espécie de reflexo avermelhado que descobriu ao cabo de uma estreita e comprida viela, acabou de reanimar o seu ânimo abatido.

— Louvado seja Deus! — disse ele. — É acolá em baixo! É a minha

enxerga a arder.

E, comparando-se mentalmente ao nauta que soçobra em noite procelosa:

— *Salve!* — acrescentou devotadamente. — *Salve maris stella!*[\[23\]](#)

A quem endereçaria ele este fragmento de ladainha? À Virgem Santíssima ou à enxerga? Ignoramo-lo completamente.

Mal dera alguns passos na comprida viela por onde se metera, viela em declive, não calçada e de mais a mais lamacenta e inclinada, logo notou qualquer coisa bastante singular. Não reinava nela a solidão; aqui e ali, em todo o seu comprimento, rojavam-se não sei que massas vagas e informes, dirigindo-se todas para o clarão que tremia no fim da rua, como esses pesados insetos que se arrastam de noite, de erva em erva, em direção à fogueira que o pastor acende.

Predispõe a aventuras a leveza de algibeiras. Gringoire continuou, pois, a avançar, e em breve alcançou uma dessas larvas que se arrastava mais preguiçosamente no encaço das outras. Abeirando-se dela, viu que era apenas um miserável estropiado que caminhava servindo-se das mãos, como um caranguejo ao qual deixassem apenas duas pernas. Na ocasião em que passava junto dessa espécie de aranha com rosto de homem, disse-lhe em voz lamuriosa:

— *La buona mancia, signor! La buona mancia!*[\[24\]](#)

— Que os diabos te levem! — disse Gringoire. — E eu contigo, se sei o que tu queres dizer!

E passou além.

Encontrou uma outra dessas massas ambulantes e examinou-a. Era um, inválido, coxo e maneta, e tão coxo a tão maneta que o sistema complicada de muletas e pernas de pau que o sustentava lhe dava o aspeto de um andaime a caminhar. Gringoire, que gostava das comparações nobres e clássicas, comparou-o, mentalmente, com a tripeça viva de Vulcano.

Essa tripeça viva saudou-o quando ele passava, mas levando o chapéu à altura do queixo de Gringoire, como uma bacia de barba e gritando-lhe aos ouvidos:

— *Señor caballero, para comprar um pedazo de pan!*

— Parece-me — disse Gringoire — que este também fala; mas é língua

feia, e, se ele a entende é mais feliz do que eu.

Depois, batendo na testa onde subitamente surgira uma ideia: — A propósito, que diabo queriam eles dizer esta manhã com a sua *Esmeralda*?

Quis estugar o passo, mas pela terceira vez qualquer coisa lhe tolheu o caminho. Esta qualquer coisa, era um cego, baixo, com cara de judeu, todo barbado, que remando no espaço com um cajado e rebocado por um cão lhe disse em voz fanhosa e com asento húngaro: *Facitote caritatem!* [\[25\]](#)

— Ora, ainda bem! — exclamou Pedro Gringoire — Até que encontro um que fala língua de cristão. Devo ter cara de um sujeito muito esmoler para que me peçam esmola no estado de magreza em que tenho a bolsa. Meu amigo (e voltou-se para o cego) vendi a semana passada a última camisa; quero dizer, visto que não compreendes senão a língua de Cícero: *Vendidi hebdomade naper transita mean ultiman chemisam.*

E dizendo isto, voltou as costas ao cego e prosseguiu o seu caminho. Mas o cego alongou o passo medindo-o pelo dele e surgiram também o inválido e o estropiado, todos desembaraçados, com grande ruído de escudelas e muletas batendo no chão. Depois os três, largando atrás do pobre Gringoire recomeçaram a ladainha:

— *Caritatem!* — cantava o cego.

— *La buona mancia!* — cantava o estropiado!

E o coxo continuava no mesmo tom repetindo: *Un pedazo de pan!*

Gringoire tapou os ouvidos.

— É uma torre de Babel! — bradou ele.

E largou a correr. E o cego, e o coxo, e o estropiado, largaram também a correr.

Depois à medida que avançava pela rua, estropiados, cegos, coxos, pululavam em volta dele, e manetas e tortos, e leprosos, uns a sair das casas, outros dos becos adjacentes, estes dos respiradouros das adegas, ululando, mugindo, ganindo, todos coxeando, aos encontrões, precipitando-se para a fogueira, espojando-se na lama como lesmas depois da chuva.

Gringoire, sempre acompanhado dos seus três perseguidores, e não sabendo o que ia ser feito dele, caminhava espavorido pelo meio dos outros, desviando-se

dos coxos, saltando para cima dos estropiados, tropeçando nesse formigueiro de disformidades, como aquele capitão inglês que caiu num viveiro de caranguejos.

Veio-lhe à ideia voltar para trás. Mas já era tarde. Toda aquela legião se condensara e os seus três mendigos não o largavam. Continuou pois, impelido a um tempo por aquela vaga terrível, pelo medo e pela vertigem que lhe fazia tudo aquilo uma espécie de sonho horrível.

Afinal chegou à extremidade da rua. Desembocava numa praça imensa, onde mil luzes dispersas cintilavam no vago nevoeiro da noite. Gringoire fugiu para lá na esperança de escapar pela ligeireza das pernas, dos três espectros enfermos que se tinham agarrado a ele.

— *Onde vas, hombre?* — gritou o paralítico atirando fora as muletas e correndo atrás dele com as duas melhores pernas que em Paris poderiam aparecer para o passo geométrico.

Neste meio tempo o estropiado, de pé e todo direito, enfiava na cabeça de Gringoire a sua pesada tijela com chapas de ferro e o cego olhava-o de frente com olhos coruscantes.

— Onde estou eu? — perguntou o poeta aterrado.

— No Pátio dos Milagres — respondeu um quarto espectro que se tinha acercado.

— Pela salvação da minha alma — replicou Gringoire — bem vejo os cegos com vista e os coxos com pernas, mas onde está o Salvador?

O pobre poeta lançou os olhos em redor. Estava efetivamente nesse terrível Pátio dos Milagres onde nunca um homem de bem entrava a semelhante hora; círculo mágico onde os oficiais do Châtelet e os aguazis do prebostado que se arriscavam a transpô-lo, desapareciam em mealhas; cidade dos ladrões, hedionda verruga no rosto de Paris; esgoto de onde saía todas as manhãs, e onde se recolhia todas as noites, esse rio de vícios, de mendicidade e de vagabundagem sempre transbordado nas ruas das capitais; colmeia monstruosa onde todos os zangãos da ordem social vinham depor a sua colheita; asilo monstruoso onde o boêmio, o frade que abandonou o hábito, o estudante que abandonou as aulas, os birbantes de todas as nações, espanhóis, italianos; de todas as religiões, judeus, cristãos, maometanos, idólatras, cobertos de chagas fingidas mendigando de dia, transformando-se de noite em bandidos; imenso guarda roupa, numa palavra, onde se vestiam e despiam naquela época todos os atores dessa comédia eterna que o roubo, a prostituição e o assassinio representam no

palco de Paris.

Era uma praça vasta, irregular e mal calçada como todas as praças de Paris desse tempo. Aqui e ali brilhavam fogueiras à roda das quais formigavam grupos extravagantes. Tudo isso, movia-se, agitava-se, gritava. Ouviam-se gargalhadas agudas, vagidos de criança, vozes de mulheres. As mãos, as cabeças dessa multidão, negras sobre um fundo luminoso, denunciavam mil gestos bizarros.

Por momentos, no chão, onde a claridade das fogueiras tremia, de mistura com grandes sombras indefinidas, podia ver-se passar um cão que se assemelhava a um homem, um homem que se assemelhava a um cão. Os limites das raças e das espécies pareciam desaparecer neste recinto como num *pandemonium*. Homens, mulheres, animais, idade, sexo, saúde, doenças, tudo parecia existir em comum nesse povo; tudo se misturava, se juntava, se confundia, se sobreponha; todos participavam de tudo.

A claridade bruxuleante e pobre das fogueiras permitia a Gringoire o distinguir, por entre os seus terrores, cercando a imensa praça, uma hedionda moldura de casas velhas, cujas fachadas carunchosas, encarquilhadas, enfezadas, vazadas por uma ou duas trapeiras iluminadas, lhe pareciam na sombra enormes cabeças de velhas, dispostas em círculo, monstruosas e de má catadura, a contemplarem aquele *sabbat*, piscando os olhos.

Era como um mundo novo, desconhecido, inaudito, disforme, réptil, fantástico.

Gringoire, cada vez mais transido de medo, agarrado pelos três mendigos como por três tenazes, ensurdecido por um sem número de outras caras que se encarnearavam e latiam em volta dele, o desventurado Gringoire diligenciava recuperar a sua presença de espírito, lembrar-se se aquele dia era sábado. Mas eram baldados os seus esforços; partira-se o fio da sua memória e do seu pensamento; e duvidando de tudo, flutuando entre o que via e o que sentia, formulava a si próprio esta insolúvel questão: — Se existo, isto é verdade? Se isto é verdade, existo?

Neste momento elevou-se um brado que dominou à tumultuosa gritaria que o cercava: — Levemo-lo ao rei! Levemo-lo ao rei!

— Virgem Santa! — murmurou Gringoire — O rei desta gente deve ser algum bode.

— Ao rei! Ao rei! — repetiram todas as vozes.

E levaram-no. Todos queriam pousar sobre ele as garras. Mas os três mendigos não largavam a presa e arrancavam-no aos outros, bramindo: — É nosso!

O gibão, já doente, do poeta, rendeu nesta luta o último suspiro.

Ao atravessar a horrível praça dissipou-se-lhe a vertigem. Ao cabo de alguns passos, voltava-lhe o sentimento da realidade. Começava a acostumar-se a atmosfera do lugar. No primeiro momento, da sua cabeça de poeta? Ou talvez, muito simplesmente e muito prosaicamente, do seu estômago vazio, elevava-se um fumo, um vapor, para assim dizer que interpondo-se entre ele e os objetos, não lho deixava ver senão nas brumas incoerentes de um pesadelo, nas trevas dos sonhos que fazem tremer todos os contornos, contorcer-se todas as formas, aglomerar-se os objetos em grupos desmesurados, dilatando as coisas em quimeras e os homens em fantasmas.

A pouco e pouco, a esta alucinação sucedeu um olhar menos desvairado, menos aumentativo. A realidade surgia à volta dele, batia-lhe de encontro aos olhos, calcava-lhe os pés, e demolia, peça por peça, toda a medonha poesia de que ao princípio se julgara cercado. Teve de se convencer de que não seguia pelo Estige, mas pela lama, que não era acotovelado por demônios, mas por ladrões; que não se tratava da sua alma, mas simplesmente da sua vida (visto faltar-lhe o precioso conciliador que tão eficazmente se coloca entre o bandido e o homem honrado: a bolsa). Numa palavra, examinando a orgia de mais perto e com mais sangue-frio, caiu do *sabbat* na taberna.

Efetivamente o Pátio dos Milagres não era mais do que uma taberna, mas uma taberna de bandidos, tão vermelha de sangue como de vinho.

O espetáculo que se lhe ofereceu aos olhos, quando a andrajosa escolta chegou ao termo da sua carreira, não era próprio para inspirar poesia, mesmo que essa poesia fosse a do inferno. Era mais do que nunca a prosaica e brutal realidade da taberna. Se não estivéssemos no século quinze, diríamos que Gringoire descera de Miguel Ângelo a Callot.

À volta duma grande fogueira a arder sobre uma larga pedra redonda e cujas chamas penetravam por entre as hastes avermelhadas duma trempe, na ocasião devoluta, algumas mesas carunchosas estavam postadas aqui e ali, ao acaso, sem que o mais leigo geômetra se dignasse ajustar o seu paralelismo ou evitar que ao menos elas não produzissem ângulos desusados demais. Sobre essas mesas reluziam alguns copos por onde escorria o vinho e a cerveja e à volta desses copos agrupavam-se um sem número de caras báquicas, purpureadas

pelo fogo e pelo vinho. Um homem de grande barriga e de rosto jovial beijava ruidosamente uma meretriz, gorda e carnuda. Uma espécie de soldado fingido, um *intrujão*, como se diz em *calão*, desfazia, assobiando, as ligaduras de uma ferida simulada e punha à vontade o joelho são e vigoroso, comprimido desde pela manhã por aquele aparelho. Um pustulento, ao inverso, preparava com quelidônia e com sangue de boi a sua perna de Lázaro para o dia seguinte. Duas mesas mais longe, um *conchudo* com o seu *costume* completo de peregrino, soletrava a *Salve-Rainha*, sem se esquecer da salmodia e do tom fanhoso. Mais além, um novato tomava lições de epilepsia com um epilético fingido que lhe ensinava a arte de fazer espuma mascando um pedaço de sabão. Ao lado dele, um hidrópico desinchava e fazia tapar o nariz a quatro ou cinco ladras que disputavam entre si; assentadas à mesma mesa, uma criança que tinham roubado.

Por toda a parte se ouvia a gargalhada e a canção obscena.

Cada um tratava de si, resmungando e praguejando, sem fazer caso do vizinho. Os copos tocavam-se, as questões nasciam do toque dos copos e os copos rachados faziam despedaçar os andrajos.

Um grande cão, assentado sobre as patas traseiras, olhava para a fogueira. Algumas crianças figuravam também nesta orgia. A que tinha sido roubada, chorava e gritava. Uma outra, um rapaz gordo, de quatro anos, assentado sobre as pernas penduradas, num banco muito alto, com a mesa pelo queixo e sem dizer palavra; um terceiro, estendendo com toda a gravidade, com o dedo sobre a mesa, o cebo derretido que escorria de uma vela; um outro, mais pequeno, acocorado na lama, quase escondido num caldeirão que arranhava com uma telha e donde tirava um som que faria desmaiar Stradivarius.

Perto da fogueira havia um tonel. Sobre esse tonel um mendigo. Era o rei no seu trono.

Os três que seguravam Gringoire conduziram-no para essa tonel e em toda aquela bacanal fez-se um momento de silêncio, exceto no caldeirão onde a criança estava metida.

Gringoire não ousava respirar nem levantar os olhos.

— *Hombre, quita tu sombrero!* — disse um dos três patifes que dele tinham tomado conta; e antes que o pobre tivesse compreendido o que isso queria dizer, já o outro lhe tinha tirado o chapéu. Miserável *casquete*, é verdade, mas que ainda assim servia para um dia de sol ou de chuva; Gringoire suspirou.

O rei, do alto da sua pipa, dirigiu-lhe a palavra.

— Quem é o maroto?

Gringoire estremeceu. Aquela voz, apesar do seu tom de ameaça, lembrou-lhe uma outra que na manhã daquele dia dera a primeira punhalada no seu mistério, dizendo em voz fanhosa, no meio do auditório: *Uma esmola, por amor de Deus!* O pobre poeta levantou a cabeça. Era efetivamente Clopin Trouillefou.

Clopin Trouillefou, revestido das suas insígnias reais, não tinha um farrapo de mais nem de menos. A chaga do braço desaparecera. Empunhava um desses chicotes, de tiras de couro branco, de que nesse tempo serviam os aguazis para conter em respeito a multidão e a que chamavam *boulayes*. Tinha na cabeça uma espécie de touca guarnecida de arcos e fechada no alto; mas era difícil distinguir se era uma coifa de criança se uma coroa de rei, tanto as duas coisas se assemelham.

No entanto Gringoire, sem saber porquê, criara alguma esperança ao reconhecer no rei do Pátio dos Milagres o seu maldito mendigo da grande sala.

— Mestre — balbuciou ele... Monsenhor... Sir... Como vos devo chamar? — disse ele por fim, chegado ao ponto culminante do seu *crescendo* e não sabendo já como subir ou descer.

— Monsenhor, Majestade, ou camarada, chama-me como quiseres. Mas despacha-te. Que tens tu a dizer em tua defesa?

— *Em tua defesa?* — pensou Gringoire — Não gosto disso — Respondeu pois gaguejando: — Eu sou aquele que esta manhã...

— Pelos cornos do diabo! — Interrompeu Clopin — O teu nome maroto, e mais nada. Ouve, tu estás perante três poderosos soberanos; eu Clopin Trouillefou, rei de Tunes, sucessor do grande Coesre, supremo suserano do rei do *calão*: Matias Hungadi Spicali, duque do Egito e da Boémia, aquele figo seco que tu acolá vês com uma rodilha à volta da cabeça; Guilherme Rousteau, imperador da Galiléa, aquele gordo que nos não está ouvindo e que faz festas àquela sujeita. Somos os teus juizes. Entraste no reino do *calão* sem a ele pertenceres; violaste os privilégios dos nossos domínios. Deves ser castigado, a menos que não sejas *capon*, *francmitou* ou *rifodé*, o que quer dizer na gíria da gente honrada, ladrão, mendigo ou vagabundo. És alguma destas coisas? Justifica-te pois; diz lá as tuas qualidades.

— Infelizmente — retorquiu Gringoire — não tenho nenhuma dessas honras.

Sou aquele autor...

— Basta — atalhou Trouillefou, sem o deixar acabar — Vais ser enforcado. Uma coisa simplicíssima, senhores honrados burgueses! Assim como tratais os nossos em vossa casa, tratamos nós os vossos na nossa. A lei que aplicais aos vagabundos, aplicam-na agora os vagabundos a vós. Se a lei é má, a culpa é vossa. É preciso que de tempos a tempos se veja uma carranca de homem honrado com o colar de esparto; isso dá honra à corda. Anda lá, meu amigo, reparte alegremente os teus farrapos com essas meninas. Mando enforcar-te para divertir os amigos a quem vais dar a tua bolsa para beberem uma pinga. Se tens alguma momiche a fazer, tens lá em baixo, num púlpito, um excelente Deus Padre, de pedra, que roubámos em S. Pedro de Bois. Tens quatro minutos para lhe atirares com a alma à cabeça.

Era formidável, aquela arenga.

— Bem dito, na minha salvação! Clopin Trouillefou prega como um padre santo! — bradou o imperador da Galileia, quebrando a caneca para calçar a mesa.

— Senhores imperadores e reis! — disse, com sangue frio, Gringoire (porque não sei como lhe veio o ânimo que o fazia falar resolutamente) — Não vos lembreis disso; eu chamo-me Pedro Gringoire e sou aquele poeta de quem esta manhã se representou uma moralidade na grande sala do Palácio.

— Ah! És tu, mestre! — disse Clopin. — Eu também lá estava. E então, camarada, porque nos fizeste aborrecer de manhã é motivo para não seres enforcado à noite?

— Há de custar a livrar-me desta — pensou Gringoire.

Tentou, por isso, mais um esforço.

— Eu não sei porque razão — disse ele — é que os poetas não são classificados como vagabundos. Vagabundo foi Escopo; mendigo foi Homero; ladrão, era Mercúrio...

Clopin interrompera:

— Parece-me que queres *intrujar-nos* com esse teu *palavreado*. Deixa-te enforcar e não *gastes feitos*.

— Perdão, senhor rei de Tunes! — replicou Gringoire, disputando o terreno

palmo a palmo. — A coisa vale a pena... Um momento só... Ouvi-me... Não me condeneis sem me ouvir...

A sua desgraçada voz, efetivamente, era coberta pela berraria que à roda dele se fazia. O garotito arranhava o caldeirão com mais força que nunca e, para coroar a obra, uma velha tinha vindo pôr na trempe uma sertã cheia de gordura, que guinchava com a fogueira com um ruído semelhante aos gritos de um bando de rapazes perseguindo um mascarado.

No entanto, Clopin Trouillefou pareceu conferenciar um momento com o duque do Egito e com o imperador da Galileia, que estava completamente bêbado. Depois gritou, de mau humor:

— Silêncio!

E como o caldeirão e a sertã não ouvissem bem e continuassem o seu *dueto*, saltou abaixo do tonel, deu um pontapé no caldeirão que foi parar a dez passos de distância com o rapaz, outro na trempe, fazendo entornar toda a gordura sobre a fogueira, e retomou, com toda a gravidade, o seu trono, sem se preocupar com os choros abafados do rapaz, nem com o resmungar da velha, cuja ceia se esvaía em fumo branco.

Trouillefou fez um sinal, e o duque, o imperador, os maiores e os mestres, vieram postar-se à volta dele, em forma de ferradura, da qual Gringoire, sempre brutalmente seguro, ocupava o centro. Era um semicírculo de farrapos, de andrajos, de lantejoulas, de forcados, de machados, de pernas cambaleantes, de gordos braços nus, de caras sórdidas, sem expressão, idiotas. No meio desta *távola redonda* de velhacos, Clopin Trouillefou, como doge deste senado, como rei desta câmara de pares, como papa deste conclave, exercia o seu império, primeiro, de toda a altura do seu tonel, depois, com não sei que ar altivo, feroz, temível, que lhe animava a pupila e que corrigia no seu perfil selvagem o tipo bestial da raça vagabunda. Dir-se-ia uma cabeça desgrenhada entre trombas de javalis.

— Ouve lá — disse ele a Gringoire, acariciando o queixo disforme com a mão calosa. — Não vejo razão para que não sejas enforcado. É verdade que parece que tens nisso repugnância, o que se explica facilmente; vós outros, burgueses, não estais habituados. Fazeis dessa coisa má ideia. Afinal de contas, não te queremos mal e vamos propor-te um meio de saíres presentemente destas talas. Queres ser dos nossos?

Pode julgar-se o efeito que tal proposta fez em Gringoire, que via a vida a fugir-lhe e que começava a desesperar. Agarrou-se a ela com unhas e dentes.

— Pois decerto que quero — disse ele.

— Estas disposto — continuou Clopin — a alistar-te na *petite flambe*[\[26\]](#)?

— Sem hesitar — respondeu Gringoire.

— Reconheces-te membro da *franc-bourgeoisie*?[\[27\]](#)

— Reconheço.

— Vassalo do reino do *calão*?

— Sim

— Vagabundo?

— Sim.

— De alma e coração?

— De alma e coração.

— Tenho a observar-te — continuou o rei — que nem por isso deixarás de ser enforcado.

— Diabo! — disse o poeta.

— A diferença está unicamente — continuou Clopin no mesmo tom — em que serás enforcado mais tarde, à custa desta boa cidade de Paris, numa bela forca de pedra e por gente honrada. É uma consolação.

— Assim é — confirmou Gringoire.

— Ainda há outras vantagens. Na qualidade de *franc-bourgeois*, não tens a pagar nem custas, nem pobres, nem lanternas, a que estão sujeitos os burgueses de Paris.

— Estimo — disse o poeta — Estou por tudo. Fico sendo vagabundo, do *calão*, *franc-bourgeois*, *petite flambe*, tudo o que quiserdes; e depois eu já era tudo isso, senhor rei de Tunes, porque sou filósofo; *ed omnia in filosofia, omnes in filosofo continentur*, como sabeis.

O rei de Tunes franziu o sobrolho.

— Por quem me tomas tu, oh meu amigo? Que gíria de judeu da Hungria

estás tu para aí a cantar? Eu não conheço hebraico. Para ser bandido não é preciso ser judeu. Eu já nem mesmo roubo, estou acima disso, mato. Corta-gasnetes, sim; corta-bolsas, não.

Gringoire procurou meter uma desculpa boa entre aquelas breves palavras que a cólera mais e mais precipitava.

— Peço-vos perdão, monsenhor. Não é hebraico, é latim.

— O que eu te digo — continuou Clopin com violência — é que não sou judeu, e que te mandarei enforcar, sinagoga do inferno! De companhia com esse traste que está ao pé de ti e que espero ver ainda um dia pregado num balcão como uma moeda falsa que é.

E ao dizer isto, designava com o dedo o judeu húngaro, baixo e barbudo que se acercara de Gringoire com o seu *Facitote caritatem*, e que não compreendendo outra língua, via com surpresa o mau humor do rei de Tunes despear-se sobre ele. Afinal monsenhor Clopin sossegou.

— Patife — disse ele ao nosso poeta — queres ser então dos nossos?

— Quero — respondeu o pobre Gringoire.

— Querer não é tudo — observou o desabrido Clopin — boa vontade não aduba panela e só serve para ganhar o paraíso: ora, paraíso e *calão* são duas coisas diferentes. Para entrares para o *calão*, é preciso que proves que serves para alguma coisa e por isso tens de *trabalhar* com o manequim.

— Trabalharei — disse Gringoire — com tudo que for do vosso agrado.

Clopin fez um sinal. Alguns do *calão* saíram do círculo e voltaram passado um momento. Trouxeram dois postes terminados na extremidade inferior por duas espátulas que os faziam facilmente suster-se ao alto; à extremidade superior dos dois postes adaptaram uma viga transversal e o todo constituiu uma bela forca portátil, que Gringoire teve a satisfação de ver levantar diante dele num abrir e fechar de olhos. Nada faltava, nem mesmo a corda que se balouçava graciosamente por baixo da travessa.

— Onde quererão eles chegar? — perguntou Gringoire aos seus botões, não sem alguma inquietação. Um ruído estranho que ouviu naquele momento pôs cobro à sua ansiedade; era um manequim que aqueles bandidos tratavam de pendurar pelo pescoço na corda, espécie de espantalho de pássaros, vestido de vermelho e de tal modo carregado de gizos e campainhas que com eles se

poderiam arrear trinta mulas castelhanas. Essas mil campainhas vibraram durante algum tempo com as oscilações da corda, depois essas vibrações foram-se extinguindo a pouco e pouco até cessarem quando o manequim ficou reduzido à imobilidade pela lei de pêndulo que destronou a clepsidra e o relógio de areia.

Então, Clopin, mostrando a Gringoire um velho escabelo a cambalear, colocado por baixo do manequim:

— Sobe ali acima.

— Oh! Com os diabos! — objetou Gringoire — Vou quebrar a cabeça. O vosso escabelo coxeia como um dístico de Marcial: tem um pé hexâmetro e um pentâmetro.

— Sobe — repetiu Clopin.

Gringoire subiu ao escabelo e conseguiu, não sem algumas oscilações da cabeça e dos braços, encontrar nele o seu centro de gravidade.

— Agora — continuou o rei de Tunes — traça o teu pé direito à roda da tua perna esquerda e levanta-te sobre a ponta do pé esquerdo.

— Monsenhor — disse Gringoire — tendes decidido empenho em que eu parta algum membro?

Clopin meneou a cabeça.

— Olha, meu amigo, tu falas de mais. Eis em duas palavras do que se trata: tu vais pôr-te na ponta do pé, como te disse; desse modo poderás chegar ao bolso do manequim; mexerás aí; tirarás uma bolsa que lá está; se tu fazes tudo isso sem que se ouça o barulho duma campainha, está bem; serás dos nossos. Só temos a encher-te de pancadas durante oito dias.

— Safa! Eu me acautelarei — disse Gringoire — E se eu faço cantar as campainhas?

— Em tal caso serás enforcado. Compreendes?

— Absolutamente nada — respondeu Gringoire.

— Ouve mais uma vez. Vais apalpar o manequim e tirar-lhe a bolsa; se uma só campainha tocar durante esta operação, serás enforcado. Compreendes agora?

— Compreendo — disse Gringoire — E depois?

— Se tu consegues tirar a bolsa sem que se ouçam os guizos, entras para a confraria e serás espancado durante oito dias consecutivos. Compreendes decerto, agora.

— Não, monsenhor; não compreendo. Que vantagem tenho eu? Num caso enforcado, noutro espancado?

— E bandido — atalhou Clopin — e bandido não é nada? É para teu bem que nós te batermos, para te acostumar às pancadas.

— Muito obrigado — respondeu o poeta.

— Vamos, despacha-te — disse o rei batendo com o pé no tonel que produziu o som cavo dum tambor. — Apalpa o manequim, e acabemos com isto. Advirto-te, pela última vez, que se eu ouvir um guizo só que seja, tomas tu o lugar do manequim.

A quadrilha dos do *calão* aplaudiu, as palavras de Clopin e postou-se em círculo em roda da forca, com um rir de tal modo impiedoso que Gringoire percebeu que os divertia muito para não ter tudo a recear deles.

Não lhe restava pois esperança alguma a não ser a felicidade bem pouco provável na operação que lhe era imposta; decidiu-se a correr-lhe o risco, mas não sem primeiro dirigir fervorosa prece ao manequim que ia roubar e que era mais fácil de enternecer do que aqueles bandidos. Aquela miríade de campainhas com as suas linguazinhas de cobre pareciam-lhe outras tantas goelas de víbora, prontas a morder e a sibilar.

— Oh! — murmurava — É possível que a minha vida dependa da mais pequena vibração do mais pequeno destes guizos? Oh! — acrescentava com as mãos postas — Campainhas não toqueis! Guizos não vos mexeis!

Tentou ainda apelar mais uma vez para Trouillefou.

— E se vem um pé de vento! — perguntou-lhe.

— És enforcado — respondeu o outro sem hesitar.

Vendo que não havia reflexão, nem réplica, nem evasiva possível, dispôs-se resolutamente: traçou o pé direito à volta do pé esquerdo, levantou-se sobre o pé esquerdo, e estendeu o braço... mas na ocasião em que ia chegar ao manequim, o seu corpo, que apenas tinha um pé, cambaleou sobre o escabelo, que só tinha

três; quis maquinalmente agarrar-se ao manequim, perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente por terra, completamente aturdido pela fatal vibração das mil campainhas do manequim, que, cedendo ao impulso da sua mão, descreveu uma rotação sobre si mesmo, depois balouçou-se majestosamente sobre os dois postes.

— Maldição! — gritou ao cair, e ficou como morto, e rosto voltado contra o chão.

Contudo ouvia o terrível carrilhão por cima da cabeça e as risadas diabólicas dos bandidos e a voz de Trouillefou que dizia:

— Levantem-me este patife e enforcem-no quanto antes.

Gringoire ergueu-se. Já tinham desprendido o manequim para lhe darem lugar.

Os do *calão* fizeram-no subir ao escabelo. Clopin acerrou-se dele, passou-lhe a corda à volta do pescoço e batendo-lhe no ombro, disse-lhe: — Adeus, amigo! Agora não te podes tu safar nem com a ajuda do papa.

A palavra *perdão* veio expirar nos lábios de Gringoire. Passeou os olhos em redor; mas nenhuma esperança; todos riam.

— Bellevigne da Estrela — disse o rei de Tunes a um enorme bandido que saiu do seu posto — trepa à travessa.

Bellevigne da Estrela subiu ligeiro à trave transversal e num instante Gringoire, ao levantar os olhos, viu-o empoleirado sobre a cabeça.

— Agora — continuou Clopin Trouillefou — quando eu bater as palmas, tu, Andry Vermelho atirarás fora o escabelo com um pontapé; tu, Francisco Chante Prune, pendurar-te-ás nos pés deste maroto; e tu, Bellevigne, cavalgar-lhe-ás sobre os ombros; e todos três a um tempo, entendem?

Gringoire estremeceu.

— Estais prontos? — disse Clopin Trouillefou aos três *do calão* prontos a precipitarem-se sobre o desventurado. O pobre paciente teve um momento de espera terrível enquanto Clopin atirava tranquilamente com a ponta do pé para a fogueira alguns cavacos que as chamas tinham poupado. — Estais prontos? — repetia, e abriu as mãos para dar as palmadas. Um segundo mais, tudo estava terminado.

Mas deteve-se como salteado por uma ideia repentina.

— Um instante — disse ele — já me esquecia!... É da praxe que não enforcemos um homem sem perguntar se há alguma mulher que o queira. Camarada, é o teu último recurso. Ou casar com uma das nossas ou a corda.

Esta lei dos ciganos, por extravagante que possa parecer ao leitor, está ainda hoje escrita com todas as letras na velha legislação inglesa. Vejam *Burington's Observations*.

Gringoire respirou. Era a segunda vez que voltava à vida no espaço de meia hora. Por isso mesmo não confiava muito no inesperado recurso.

— Olá! — bradou Clopin subindo para a pipa — Olá! Mulheres, fêmeas, há alguma entre vós, desde a feiticeira até à gata, que queira este patife? Olá, Colette la Charonne! Elisabeth Trouvain! Simone Jodouyne! Marie Piédébou! Thonne a *Comprida*! Bélarde Fanouel! Micaela Genaille! Cláudia da *Orelha roida*! Maturina Girorou! Olá! Isabeau la Thierrye! Chegai-vos e vede! Um homem de graça! Quem quer?

Gringoire, no seu miserável estado, era inquestionavelmente pouco de apetecer. Às mulheres do bando emocionou-as mediocrementemente a proposta. O desgraçado ouviu-as responder:

— Não! Não! Enforcai-o, todas nós antes queremos.

No entanto, três saíram da turba e vieram farejá-lo. A primeira era uma rapariga gorda, de cara quadrada. Examinou, atenciosamente o triste gibão do filósofo. Todo o fato estava velho e com mais buracos do que uma assadeira de castanhas. A rapariga torceu-lhe o nariz — Fraco estandarte! — resmoneou e dirigindo-se a Gringoire: — Vamos lá a ver, a tua capa? — Perdi-a — disse Gringoire. — O teu chapéu? — Tiraram-mo. — Os teus sapatos? — Começam a não ter já solas. — A tua bolsa? — A minha bolsa! — balbuciou Gringoire — Não tenho sequer um *dinheiro parisis*. — Deixa-te enforcar, e diz obrigado! — replicou a rameira voltando-lhe as costas.

A segunda, velha, negra, enrugada, medonha, de uma fealdade que se tornava notável no Pátio dos Milagres, deu umas voltas em torno de Gringoire, que chegou a tremer com receio de que ela o quisesse, mas a megera disse por entre os dentes: — É magro de mais — E retirou-se.

A terceira era uma mulher ainda nova, bastante fresca e não muito feia.

— Salvai-me — disse em voz baixa o pobre diabo. Ela fitou-o um momento com ar de compaixão, baixou os olhos, começou a fazer pregas na saia e ficou indecisa. Ele seguia com os olhos todos os movimentos; era a sua última esperança. — Nada — disse por fim a rapariga — Nada! Guilherme, o *Cara Comprida* bater-me-ia — E foi juntar-se às outras.

— Camarada — disse Clopin — estás infeliz.

Depois pondo-se de pé sobre o tonel:

— Ninguém o quer? Uma, duas três! — E voltando-se para a forca com um meneio de cabeça: — Entregue!

Bellevigne da Estrela, Andry o *Vermelho* e Francisco Chante-Prune acercaram-se de Gringoire.

Nesta ocasião gritou-se entre os do *calão*: — *La Esmeralda! La Esmeralda!*

Gringoire estremeceu e voltou-se para o lado de onde saíam os brados. A turba abriu-se e deu passagem a um delicado e deslumbrante vulto.

Era a cigana.

— La Esmeralda! — exclamou Gringoire, estupefacto, no meio das suas comições, pela maneira inesperada com que esta palavra mágica ligava todas as reminiscências daquele dia.

Aquela criatura original parecia exercer até no Pátio dos Milagres o seu império de encanto e de beleza. Todos, sem exceção, lhe davam amavelmente passagem e aquelas caras brutais expandiam-se só em fitá-la.

Abeirou-se do paciente com passo ligeiro. Seguia-a a sua linda Djali. Gringoire estava mais morto que vivo. A cigana mirou-o um momento silenciosa.

— Ides enforcar esse homem? — perguntou com gravidade a Clopin.

— Vou, irmã — respondeu o rei de Tunes — a menos que tu o tomes por marido.

La Esmeralda fez um lindo trejeito com o beijo inferior e que nós já lhe conhecemos.

— Pois tomo — disse ela.

Neste ponto Gringoire acreditou piamente que só sonhara desde pela manhã e que aquilo era continuação desse sonho.

A peripécia, efetivamente, apesar de graciosa, era violenta.

Desfizeram o nó corredio e mandaram descer o poeta do escabelo. Foi obrigado a assentar-se, tão violenta era a comoção.

O duque do Egito, sem pronunciar uma palavra, foi buscar uma bilha de barro. A cigana apresentou-a a Gringoire.

— Atirai-a ao chão — disse-lhe ela.

A bilha quebrou-se em quatro pedaços.

— Irmão! — disse o duque do Egito impondo-lhes as mãos sobre a testa — É tua mulher; irmã, é teu marido. Por quatro anos. Ide.

VII. Uma noite de núpcias

Ao cabo de alguns instantes, o nosso poeta viu-se num pequeno quarto com abóbada em ogiva, bem fechado, bem quente, sentado a uma mesa que parecia só desejar fazer empréstimo a um armário que lhe ficava muito perto, tendo uma boa cama em perspetiva e a sós com uma rapariga bonita. A aventura tinha encantamento. Gringoire começava a tornar-se seriamente por uma personagem de conto de fadas; de tempos a tempos, lançava os olhos em redor como para ver se o carro de fogo atrelado a duas quimeras aladas, pois que só nele poderia ser transportado tão rapidamente do Tártaro ao Paraíso, ainda não tinha desaparecido. Por momentos também fixava pertinazmente os buracos do seu gibão, para se agarrar à realidade e não se perder completamente. A sua razão, atirada para os espaços imaginários, só se prendia a esse fio.

A cigana parecia não atentar sequer nele; ia, vinha, mudava de lugar um escabelo qualquer, conversava com a cabra, fazia aqui e ali o seu costumado trejeito. Afinal veio sentar-se perto da mesa e então Gringoire pôde contemplá-la à vontade.

Mais e mais imerso no seu cogitar dizia consigo: — Aqui está o que é a *Esmeralda!* Uma criatura celeste! Uma bailarina das ruas! Tanto e tão pouco! A que deu esta manhã o golpe de misericórdia no meu mistério e a que me salva esta noite a vida. O meu génio mau! O meu anjo bom! Uma linda mulher, palavra de honra! E que deve amar-me doidamente, para assim me ter pretendido. — A propósito — disse ele levantando-se repentinamente com esse sentimento do verdadeiro que constituía o fundo do seu caráter e da sua filosofia — não sei como isso foi, mas sou seu marido!

Com esta ideia na cabeça e nos olhos, acercou-se da rapariga de uma maneira tão militar e tão galante que este recuou.

— Que me quereis? — perguntou ela.

— Podeis perguntar-mo, adorável *Esmeralda!*? — respondeu Gringoire com um tom tão apaixonado que até ele próprio se admirava, ouvindo-se falar.

A cigana abriu os seus grandes olhos.

— Não sei o que quereis dizer.

— Como! — continuou Gringoire, aquecendo cada vez mais e pensando que

no final de contas só se tratava de uma virtude do Pátio dos Milagres — Não te pertenceo eu, minha amiga, e não és tu minha?

E, muito Ingenuamente, agarrou-a pela cintura.

O corpo da cigana escapou-se-lhe das mãos como se fora uma enguia. Deu um salto de uma extremidade do quarto à outra, abaixou-se, e levantou-se com um punhal na mão, antes que Gringoire tivesse sequer tempo de ver de onde esse punhal tinha saído, irritada e altiva, os lábios trémulos, as narinas dilatadas, as faces vermelhas como uma maçã, as pupilas a fuzilarem. Ao mesmo tempo a cabrinha branca colocou-se diante dela, e apresentou a Gringoire uma frente de batalha, guarnecida de duas lindas pontas douradas e muito aguçadas. Tudo isso se passou num abrir e fechar de olhos.

O lindo inseto fizera-se vespa e só pretendia cravar o ferrão.

O nosso filósofo ficou atônito, fitando alternativamente a cabra e a rapariga com olhos idiotas.

— Virgem santa! — disse ele, quando a surpresa lhe permitiu falar — Que duas!

A cigana fui a primeira a quebrar o silêncio.

— Deves ser muito atrevido!

— Perdão, menina! — disse Gringoire, sorrindo-se — Mas para que me tomou então para marido?

— Devia deixar-te enforcar?

— Visto isso — replicou o poeta, um tanto desapontado nas suas esperanças amorosas — não teve outro pensamento ao desposar-me senão livrar-me da força?

— E que outro pensamento querias que tivesse?

Gringoire mordeu os lábios.

— Vamos — disse ele — os meus triunfos em amor são bem mais insignificantes do que eu pensava. Mas, nesse caso de que serviu quebrar essa pobre bilha?

O punhal de Esmeralda e as pontas da cabra continuavam na defensiva.

— Menina Esmeralda — disse o poeta — capitulemos. Não sou oficial de diligências do Châtelet, nem a autuarei por assim trazer uma adaga em Paris, nas barbas das ordenações e proibições do senhor preboste. No entanto não deve ignorar que Noel Lescrivain foi condenado há oito dias em dez soldos *parisis* por usar um chifarote. Nada tenho com isso e vamos ao que importa. Juro-lhe pela minha salvação de não me abeirar sem sua licença e permissão; mas dê-me de cear.

No fundo, Gringoire, como M. Despréaux, era « muito pouco voluptuoso ». Não era dessa raça cavalheiresca de mosqueteiros que tomam as raparigas de assalto. Em matéria de amor como em outra qualquer matéria, era, sempre de boa vontade, pelas temporizações e pelos meios termos; e uma boa ceia, em convivência amável, parecia-lhe, sobretudo quando tinha fome, um entreato excelente entre o prólogo e o desenlace de uma aventura de amor.

A cigana não respondeu. Fez o seu trejeitozinho de desdém, ergueu a cabeça como um pássaro, depois largou a rir e o delicado punhalzinho desapareceu como aparecera, sem que Gringoire pudesse ver onde a abelha escondia o ferrão.

Um momento depois, havia sobre a mesa um pão de centeio, um traço de toucinho, algumas batatas e um canjirão de cerveja. Gringoire pôs-se a comer com sofreguidão. Quem ouvisse o tilintar furioso do garfo de ferro sobre o prato de barro, diria logo que todo o seu amor se voltara em apetite.

A cigana sentara-se diante dele, olhando-o silenciosa, visivelmente preocupada por outro pensamento a que de tempos sorria, enquanto com a sua meiga mão afagava a cabeça inteligente da cabra que apertava brandamente entre os joelhos.

Uma vela de cera amarela iluminava esta cena de vivacidade e de reflexão.

Quando os primeiros clamores do estômago foram atendidos, Gringoire sentiu uma espécie de vergonha ao ver que apenas lhe restava uma batata.

— Então não come, *mademoiselle* Esmeralda?

Ela respondeu com um sinal negativo de cabeça, e o seu olhar pensativo foi fixar-se na abóbada do quarto.

— Que diabo a preocupará — pensou Gringoire; e olhando para o que ela olhava: — É impossível que seja a carranca daquele anão esculpido na chave da abóbada o que assim absorve a sua atenção. Que diabo! Posso sustentar a

comparação!

O poeta alçou a voz:

— *Mademoiselle!*

Ela pareceu não o ouvir.

Ele repetiu mais alto:

— *Mademoiselle* Esmeralda!

Trabalho baldado. O espírito da cigana estava noutra parte, e a voz de Gringoire não tinha o poder de a chamar. Por felicidade, a cabra encarregou-se disso! Começou a despertar a dona puxando-lhe levemente pela manga.

— Que queres, Djali? — disse vivamente Esmeralda como despertada em sobressalto.

— Tem talvez fome — disse Gringoire, contente por encetar a conversa.

A cigana pôs-se a esmigalhar pão que oferecia graciosamente a Djali no côncavo da mão.

Gringoire, porém, não lhe deu tempo de retomar as suas cogitações e arriscou a seguinte delicada pergunta:.

— Não me quer então para marido?

A cigana fitou-o friamente, e respondeu-lhe:

— Não.

— Para amante? — continuou Gringoire.

Ela fez o costumado trejeito e repetiu:

— Não.

— Para amigo? — insistiu Gringoire.

Ela olhou para ele ainda mais friamente e disse depois de refletir um momento:

— Talvez.

Esse talvez, tão querido dos filósofos, alentou Gringoire.

— Sabe o que é amizade? — perguntou-lhe ele.

— Sei — respondeu a cigana. — É ser irmão e irmã: duas almas que se tocam sem a confundir, os dois dedos da mão.

— E o amor? — prosseguiu Gringoire.

— Oh! O amor! — disse ela, e a voz tremia-lhe e os olhos faiscavam-lhe — É ser dois e ser só um. Um homem e uma mulher que se fundem num anjo. É o Céu.

A bailarina das ruas tinha ao falar assim, uma beleza que impressionava singularmente Gringoire e que lhe parecia em perfeita harmonia com a exaltação quase oriental das suas palavras. Os lábios róseos e puros entreabriram-se-lhe num sorriso; a fronte cândida e serena turvava-se-lhe por momentos como um espelho que o hábito embacia; e das suas longas pestanas semicerradas escapava-se uma espécie de luz inefável que dava ao seu perfil a ideal suavidade que Rafael veio depois encontrar no ponto de interseção mística da virgindade, da maternidade e da divindade.

Gringoire não se deu por vencido.

— Como é pois preciso ser para lhe agradar?

— É preciso ser homem.

— E eu — disse ele — que sou então?

— Um homem tem um capacete na cabeça, uma espada na mão e esporas de ouro nos calcanhares.

— Bem — disse Gringoire — sem o cavalo não há homem. Ama alguém?

— Com amor?

— Sim.

A Esmeralda ficou um momento pensativa e depois disse com uma expressão particular:

— Sabê-lo-ás depois.

— E porque não há de ser esta noite? — retrucou ternamente o poeta — Porque não hei de ser eu?

Ela olhou-o com severidade.

— Só poderei amar um homem que possa proteger-me.

Gringoire corou e percebeu. Era evidente que a cigana fazia alusão ao pouco auxílio que lhe prestara nas críticas circunstâncias em que ela se tinha encontrado havia duas horas. Esta recordação, desvanecida pelas suas outras aventuras da noite, tinha-lhe sobrevivido agora, o que o fez bater na testa.

— A propósito, *mademoiselle*, era por ali que eu devia ter começado. Perdoe-me estas loucas distrações. Como é que fez para escapar às garras de Quasimodo?

Esta pergunta fez estremecer a cigana.

— Oh! Que horrível corcunda! — disse ela escondendo o rosto nas mãos.

E sentia a sensação de um grande frio.

— Horrível, efetivamente — disse Gringoire, que não abandonava a sua ideia — mas como é que lhe pôde escapar?

A Esmeralda sorriu-se, suspirou e guardou silêncio.

— Sabe porque é que ele a seguia? — continuou Gringoire, procurando voltar à questão por um desvio.

— Não sei — disse ela. E acrescentou com vivacidade — E tu, que me seguias também, porque é que o fazias?

— Palavra de honra — respondeu Gringoire — que também o não sei.

Fez-se um silêncio. Gringoire golpeava a mesa com a faca. A Esmeralda sorria-se e parecia olhar para alguma coisa através do muro. De repente pôs-se a cantar com voz mal articulada:

Quando las pintadas aves
Mudas estan, y la tierra...

mas calou-se imediatamente e afagou Djali.

— É um lindo animalzinho — disse Gringoire.

— É minha irmã — respondeu eia.

— Porque é que a chamam *la Esmeralda*? — perguntou o poeta.

— Não sei.

— Como?

A cigana tirou do seio uma espécie de escapulário oblongo que trazia suspenso-ao pescoço por uma cadeia de contas de adrezarach: esse escapulário exalava um cheiro a cânfora. Era coberto de seda verde e no centro tinha uma grande conta verde, imitando a esmeralda.

— É talvez por causa disto — disse ela.

Gringoire quis pegar no escapulário, mas ela não consentiu.

— Não lhe toques! é um amuleto. Farias mal ao feitiço ou o feitiço te faria a ti.

Cada vez mais aumentava a curiosidade do poeta.

— Quem lho deu?

A cigana pôs um dedo na boca e escondeu o amuleto no seio. Gringoire adiantou outras perguntas a que ela apenas respondia.

— Que quer dizer esta palavra: *la Esmeralda*.

— Não sei — disse ela.

— A que língua pertence?

— É egípcio, creio.

— Assim o suspeitava — disse Gringoire — Não nasceste em França?

— Não sei.

— Tens parentes?

Em resposta a cigana pôs-se a cantar com música de uma velha canção:

Mon père este oiseau,
Ma mère est oiselle,
Je passe l'eau sans nacelle,
Je passe l'eau sans bateau.
Ma mère est oiselle.
Mon père est oiseau.

— Está bem — disse Gringoire. — De que idade vieste para a França?

— Muito criança ainda.

— Para Paris?

— O ano passado quando entrávamos pela porta papal, vi cortar os ares a toutinegra dos canaviais; era no fim de agosto; disse comigo: o inverno vai ser rigoroso.

— E foi — disse Gringoire, exultando por este começo de conversa — Passei-o a soprar nos dedos. Tens então o dom da profecia?

A cigana recaiu no seu laconismo.

— Não.

— Aquele homem a quem chamais o duque do Egito, é o chefe da vossa tribo?

— É!

— Foi por isso que ele nos casou — observou timidamente o poeta.

A Esmeralda fez o seu gesto habitual.

— Eu nem sequer sei o teu nome.

— O meu nome? Se o quereis saber, é este: Pedro Gringoire.

— Sei de um mais bonito — disse ela.

— Má! — objetou o poeta. — Não importa, não me irritarás. Olha, talvez que me venhas a amar, conhecendo-me melhor; e depois contaste-me a tua história com tanta confiança, que te devo de algum modo a minha. Sabe então que me chamo Pedro Gringoire e que sou filho do rendeiro tabelionato de Gonesse. Meu pai foi enforcado pelos borgonheses e a minha mãe rasgaram os

picardos o ventre, no cerco de Paris, há vinte anos. Fiquei pois órfão aos seis anos, tendo por herança as ruas de Paris. Não sei como transpus o intervalo dos seis aos dezasseis anos. Aqui uma fruteira dava-me ameixa, acolá um padeiro atirava-me uma côdea de pão; à noite fazia-me apanhar pelos soldados da ronda que me levavam para o calabouço onde encontrava um feixe de palha. Tudo isso não me impediu de crescer e de emagrecer como vês. De inverno, aquecia-me ao sol no pórtico do palácio de Sens e achava muito ridículo que reservassem para as canículas as fogueiras de S. João. Aos dezasseis anos quis tomar uma profissão. Experimentei sucessivamente tudo. Descubri, ao cabo de algum tempo, que para tudo me faltava qualquer coisa, e vendo que não servia para nada, fiz-me, por minha alta recreação, poeta. Sou eu o autor do mistério que hoje se representou. Como vê não sou mau partido para um casamento. Sei muitas habilidades engraçadas que ensinarei à sua cabra; imitar, por exemplo, o bispo de Paris, esse maldito fariseu. Além disso o meu mistério deve dar-me muito dinheiro, se mo pagarem. Numa palavra, estou às suas ordens, pronto a viver consigo, solteira, como for do seu agrado; castamente ou alegremente; marido e mulher, se assim quiserdes; irmão e irmã, se preferis.

A cigana conservava os olhos fixos no chão.

— *Febus!* — dizia ela a meia voz. Depois, voltando-se para o poeta: — *Febus*, que quer isto dizer?

Gringoire, sem compreender que relação podia haver entre a sua alocação e esta pergunta, não se contrariou pelo ensejo de fazer brilhar a sua erudição. Empertigando-se, respondeu:

— É uma palavra latina que quer dizer *Sol*.

— *Sol!* — repetiu ela.

— É um nome de um tal belo archeiro, que era deus — acrescentou Gringoire.

— Deus! — tornou a repetir a cigana, e no tom em que disse esta palavra havia alguma coisa de pensativo e apaixonado.

Neste momento um dos braceletes da Esmeralda desprendeuse e caiu. Gringoire deu-se pressa em se abaixar para o apanhar; quando se levantou, a rapariga e a cabra tinham desaparecido. Ouvia-se depois o ruído de um ferrolho.

— Deixou-me ela ao menos uma cama? — disse o nosso filósofo.

Percorreu o quarto. Não havia móvel algum próprio para dormir, senão uma grande arca de madeira e essa ainda tinha a tampa esculpida.

— Vamos lá! — disse ele acomodando-se sobre a arca o melhor que pôde — Resignemo-nos. Estranha noite de núpcias! É pena; havia neste casamento de bilha quebrada alguma coisa de antediluviano que me agradava.

Livro terceiro

I. Nossa Senhora de Paris

Incontestavelmente, a igreja de Nossa Senhora de Paris é ainda hoje um majestoso e sublime edifício. Mas, por bela que se tenha conservado ao envelhecer, é difícil não suspirar, não se indignar a gente à vista das degradações, das inúmeras mutilações que simultaneamente o tempo e os homens têm feito sofrer ao venerável monumento, sem respeito por Carlos Magno, que lhe assentou a primeira pedra e por Filipe Augusto que colocou a última.

Se tivéssemos vagar para examinar um por um com o leitor, os diversos vestígios de destruição que se notam na antiga igreja, a parte menor seria do tempo e a pior a dos homens, sobretudo dos *homens da arte*, visto que houve indivíduos que tomaram a qualidade de arquitetos nos dois séculos.

Três coisas importantes faltam hoje a essa fachada: primeiro o lanço de escadas de onze degraus que lhe dava ingresso; depois a série inferior de estátuas que ocupava os nichos dos três portais, e a série superior dos vinte e oito reis mais antigos de França que guarnecia a galeria do primeiro andar, desde Childeberto até Filipe Augusto, sopesando na mão « o pomo imperial » .

O lanço de escadas, foi o tempo que o fez desaparecer elevando progressiva, irresistível e lentamente o nível do solo da *Cité*: mas, fazendo devorar um a um, pela maré crescente do pavimento de Paris, os onze degraus que contribuíam para a altura majestosa do edifício, o tempo restituiu à igreja, mais talvez do que lhe tirou, porque foi o tempo que espalhou sobre a fachada a sombria cor dos séculos que faz da velhice dos monumentos a idade da sua beleza.

Mas quem deitou abaixo as duas filas de estátuas? Quem deixou os nichos vazios? Quem talhou, mesmo no meio do portal do centro, a ogiva nova e bastarda? Quem se atreveu a entalhar aí a pesada e estúpida porta de madeira esculpida à Luís XV ao lado dos arabescos de Biscornette? Os homens, os arquitetos, os artistas dos nossos dias.

E, se entrarmos no interior do edifício, quem derrubou o colosso de São Cristóvão proverbial entre as estátuas, como o era a grande sala do Palácio entre as saias e a flecha de Estrasburgo entre os campanários? E as inúmeras estátuas que povoavam os interstícios das colunas da nave e do coro, de joelhos, de pé, equestres, homens, mulheres, crianças, reis, bispos, gendarmes, de pedra, de mármore, de ouro, de prata, de cobre e até de cera, quem brutalmente as

varreu? Não foi o tempo.

E quem substituiu o velho altar gótico, esplendidamente obstruído de cofres e de relicários pelo pesado sarcófago de mármore com cabeças de anjos e nuvens que parece uma amostra desemparelhada de Val de Grâce ou dos inválidos? Quem estupidamente assentou esse pesado anacronismo de pedra no pavimento carolino de Hercandus? Não foi Luís XIV dando cumprimento ao voto de Luís XIII?

E quem pôs uns frios vidros brancos no lugar das vidraças «altas e de cores» que fazia hesitar os olhos maravilhados dos nossos pais entre a rosa do portal grande e as ogivas da abside? E que diria um subchante do século XVI, vendo a bela pintura a oca com que os nossos vândalos arcebispos enxovalharam a sua catedral? Havia de lembrar que era a cor com que o carrasco pintava os edifícios *infamados*; recordar-se-ia do palácio do Petit-Bourbon, todo caído de amarelo também, pela traição da Condestável. Julgaria que o lugar santo se tivesse tornado em lugar infame e fugiria.

E se subirmos à catedral sem nos determos em mil barbaridades de todo o género, que fizeram desse pequeno encantador campanário, que se erguia sobre o ponto de intersecção da janela e que, não menos delicado e não menos arrojado do que a flecha sua vizinha, (destruída também) da Santa Capela, emergia pelos céus mais além do que as torres, esguio, agudo, sonoro, todo vazado? Amputou-o um arquiteto de bom gosto (1787), e julgou que era bastante mascarar a chaga com esse largo emplastro de chumbo que se assemelha à tampa de uma marmita. É assim que a maravilhosa arte da Idade Média tem sido tratada em quase todos os países, especialmente em França.

Como vai longe a época em que Roberto Cenalis, comparando Nossa Senhora de Paris com o famoso templo de Diana em Éfeso, *tanto encomiado pelos antigos pagãos*, que imortalizou Erostrato, achava a catedral gaulesa «mais excelente em comprimento, largura, altura e estrutura!» [\[28\]](#)

Nossa Senhora de Paris não é, afinal, o que se pode chamar um monumento completo, definido, classificado. Não é uma igreja romana, não é também uma igreja gótica. Este edifício não é um tipo. Nossa Senhora de Paris não tem, como a abadia de Tournus, a grave e pesada largura, a larga e redonda abóbada, a nudez glacial, a majestosa simplicidade dos edifícios em que predomina o arco cuja curva é um semicírculo. Ela não é, como a catedral de Burgos, o produto magnífico, ligeiro, multiforme, frondoso, eriçado, florescente da ogiva.

É um edifício da transição. O arquiteto saxónico acabava de levantar os

primeiros pilares da nave, quando a ogiva, que chegava da cruzada, veio colocar-se como conquistadora sobre os largos capitéis romanos que só deviam sustentar plenos arcos. A ogiva, senhora desde então, construiu o resto da igreja. No entanto, inexperiente e tímida na sua estreia, dilata-se, alarga-se, contém-se e não se atreve a erguer-se ainda em flechas e lancetas, como fez mais tarde em tantas maravilhosas catedrais. Dir-se-ia que ela se ressentia da vizinhança dos pesados pilares romanos.

Depois, estes edifícios da transição do romano para o gótico não são menos preciosos para estudar do que os tipos puros. Expõem um cambiante da arte que sem eles se perderia. É o enxerto da ogiva no pleno arco.

Nossa Senhora de Paris é em particular, uma curiosa amostra dessa variedade. Cada face, cada pedra do venerando monumento, é uma página não só da história do país, mas ainda da história da ciência e da arte. Assim, para só indicar aqui os pormenores principais, ao passo que a pequena porta Vermelha chega quase aos limites das delicadezas góticas do século quinze, os pilares da nave, pelo seu volume e pela sua gravidade, recuam até à abadia carolínea de São Germano dos Prados. Julgar-se-ia que há seis séculos entre a porta e os pilares.

Assim a abadia romana, a arte gótica, a arte saxónica, o pesado pilar redondo, que faz lembrar Gregório VII, o simbolismo hermético com o qual Nicolau Flamel preludia Lutero, a unidade papal, o cisma, São Germano dos Prados, São Jacques de la Boucherie, tudo está fundido, combinado, amalgamado em Nossa Senhora. Esta Igreja central e geratriz é entre as velhas igrejas de Paris uma espécie de quimera; tem a cabeça de uma, os membros desta, o dorso daquela, alguma coisa de todas.

II. Visão rápida de Paris

Com o intuito de a exhibir à admiração do leitor, tentamos reparar a igreja de Nossa Senhora de Paris, indicamos sumariamente a maior parte das belezas que continha no século quinze e que hoje lhe faltam; omitimos, porém o principal, o panorama de Paris, que se descortinava então do alto das torres.

Depois de ter apalpado durante um longo espaço de tempo a espiral tenebrosa que perpassa perpendicularmente a parede grossa das torres, rompia-se enfim, bruscamente, numa dessas elevadíssimas plataformas, inundadas de ar e de luz; e era com efeito um espetáculo belo o que de todos os lados se apresentava à vista, dum só golpe; um espetáculo *sui generis*, de que facilmente poderão fazer ideia os leitores que já tiveram a ventura de visitar qualquer cidade gótica, inteira, completa, homogênea, como ainda restam algumas: Nuremberga na Baviera, Vitória, na Espanha, ou mesmo alguns pequeninos exemplares, dos bem conservados: Vitré na Bretanha, Nordhausen, na Prússia.

A Paris de há trezentos e cinquenta anos, a Paris do século quinze já era uma cidade gigante. Em geral, nós os parisienses, enganamo-nos com respeito ao terreno que supomos ter ganho. A partir de Luís XI, Paris não tem aumentado muito mais de um terço. O que não há dúvida é que tem perdido mais em beleza do que tem ganho em extensão.

Como é sabido, Paris nasceu nessa ilha vetusta da *Cité*, que afeta a forma de um berço. A praia dessa ilha foi a sua primeira barreira, o Sena o seu primeiro fosso. Durante muitos séculos, Paris permaneceu no estado de ilha, com duas pontes, uma ao norte, outra ao meio-dia, e dois frontais de ponte que eram a um tempo as suas portas e as suas fortalezas: o Grande Châtelet, na margem esquerda. Depois, a partir dos reis da primeira raça, muito apertada na ilha, impossibilitada de se voltar, Paris transpôs a água. Então, passa além do Grande, passa além do Pequeno Châtelet; uma nova barreira de muros e de torres penetram no campo, dos dois lados do Sena.

Pouco e pouco, a onda de casas, continuamente impelida para fora do coração da cidade, transborda, rói, gasta e apaga a antiga barreira. Filipe Augusto opõe-lhe um novo dique. Encarcera Paris numa cadeia circular de torres formidáveis, altas e sólidas.

A partir de 1367, a cidade alastrou por forma tal no arrabalde, que se fez mister uma nova barreira, principalmente na margem direita; Carlos V manda-a

construir. Sucede, porém, que uma cidade como Paris está em constante cheia. Só dessas cidades é que se fazem as capitais. A barreira de Carlos V teve pois a mesma sorte da barreira de Filipe Augusto. A começar em fins do século quinze é escalada, transposta e o arrabalde vai instalar-se mais para diante. No século dezasseis, a nova cidade desenvolve-se por tal forma em torno, que Paris parece recuar a olhos vistos e recolher-se cada vez mais à cidade antiga. Assim, para não ir mais longe, depois do século quinze, Paris inutilizara já três círculos de muralhas, que no tempo de Julião o Apóstata estavam, por assim dizer, em germe no Grande Châtelet e no Pequeno Châtelet. A poderosa cidade fizera estalar sucessivamente as suas quatro cintas de muralhas, como uma criança que cresce e que rebenta os vestidos do ano que passou. No tempo de Luís XI, viam-se aqui e acolá, aparecer neste mar de casas alguns grupos de torres, as ruínas das antigas cinturas, como picos de colunas numa inundação, como arquipélago da velha Paris submergida sob a nova.

Desde então, Paris transformou-se ainda, infelizmente para os nossos olhos, mas só transpôs uma cintura a mais, a de Luís XV, esse miserável muro de lama e de cuspo, digno do rei que o levantou, digno do poeta que o cantou:

Le mur murant Paris rend Paris murmurant

No século quinze, Paris estava ainda dividida em três partes completamente distintas e separadas, tendo cada uma a sua fisionomia, a sua especialidade, os seus costumes, os seus privilégios, a sua história: a *Cité*, a *Université* e a *Ville*. A *Cité*, que ocupava a ilha, era a mais antiga, a mais pequena e a mãe das duas outras, apertada entre elas como uma velha de pequena estatura entre duas raparigas altas e bonitas. A *Université* cobria a margem esquerda do Sena, desde a *Tournelle* até à torre de Nesle, pontos que correspondem na Paris de hoje, um, ao mercado do vinho, outro à casa da Moeda. A sua cintura chanfrava em bastante extensão a campina onde Juliano construira as suas termas. Ficava também dentro dela a montanha de Santa Genoveva. O ponto culminante dessa curva de muralhas era a porta Papal, isto é, pouco mais ou menos, o local em que atualmente está situado o Panteão. A *Ville*, que era a maior das três partes de Paris, ocupava a margem direita. O cais aberto ou antes, interrompido em vários pontos, corria ao longo do Sena, da torre de Billy, à torre du Bois, quer dizer, do lugar onde está hoje o Celeiro até ao lugar hoje ocupado pelas Tulherias. O ponto culminante da cintura da *Ville* era nas portas de São Dinis e São Martinho, cuja situação não mudou ainda.

Como acabamos de dizer, cada uma das três divisões de Paris era uma cidade, mas uma cidade muito especial para ser completa, uma cidade que não podia passar sem as duas outras. Por isso, três aspetos perfeitamente diversos. Na

Cité abundavam as igrejas, na *Ville* os palácios, na *Université* os colégios.

Vistos do alto, os três burgos, a *Cité*, a *Université*, e a *Ville* apresentavam aos olhos um tecido inextricável de ruas extravagantemente emaranhadas.

Agora sob que aspeto se apresentava este todo visto do alto das torres de Nossa Senhora, em 1482? É o que nós vamos procurar dizer.

Ao espetador que chegava esbaforido àquela altura, oferecia-se primeiro um deslumbramento de telhados, de chaminés, de ruas, de pontes, de praças, de flechas, de zimbórios. Tudo lhe prendia os olhos a um tempo, a empena, o telhado aguçado, o torreão suspenso nos ângulos dos muros, a pirâmide de pedra do século onze, o obelisco de ardósia do século quinze, a torre redonda e nua do castelo, a torre quadrada e bordada da Igreja; o grande, o pequeno, o maciço, o aéreo. A vista perdia-se por muito tempo em toda a sua profundidade nesse labirinto.

Eis as principais massas que se distinguiam quando os olhos começavam a afazer-se a esse tumulto de edifícios.

Primeiro, a *Cité*.

A *Cité* oferecia-se aos olhos com a sua popa ao nascente e a sua proa ao poente. Voltada para a proa, tinha a gente diante de si um inumerável rebanho de velhos telhados, sobre os quais largamente se arredondava o zimbório cor de chumbo da Santa Capela, que se semelhava ao dorso de um elefante carregado com a sua torre. Unicamente aqui, essa torre era a flecha mais arrojada, mais aberta, mais trabalhada, mais recortada, que o céu tem deixado ver através do seu cone de renda.

Em frente de Nossa Senhora, três ruas desembocavam no adro, bela praça de casas velhas. Sobre o lado do sul dessa praça, debruçava-se a fachada enrugada e feia da Misericórdia, com o seu telhado que parecia coberto de pústulas e verrugas. Depois, à direita, à esquerda, ao oriente, ao ocidente, nesse recinto, não obstante apertado da *Cité*, erguiam-se os campanários das suas vinte e uma igrejas de todas as datas, de todas as formas, de todos os tamanhos, desde o baixo e carunchoso campanário romano de São Dinis do Passo, até às delicadas agulhas de São Pedro dos Bosques e de São Landry. Por detrás de Nossa Senhora viam-se, ao norte, o claustro, com as suas galerias góticas; ao sul, o paço semirromano do bispo; ao nascente, a ponte deserta do Terrain. Finalmente, à direita da Santa Capela, para o poente, o Palácio da Justiça pousava à borda de água o seu grupo de torres. As árvores dos jardins do rei, que cobriam a ponta ocidental da *Cité*, escondiam a ilhota do barqueiro. Quanto à água, do alto das

torres de Nossa Senhora, não se via dos dois lados da *Cité*; o Sena desaparecia sob as pontes, as pontes sob as casas.

E, quando os olhos passavam essas pontes, sujos telhados se viam esverdear, afetados antes de tempo pelos vapores da água, se se dirigiam à esquerda, para a *Université*, o primeiro edifício que os prendia, era um grosso e baixo feixe de torres, o Pequeno Châtelet, cujo pórtico escancarado devorava a extremidade da Ponte Pequena; depois, se a vista percorria a margem do nascente ao poente, da Tournelle à torre de Nesle, era um longo cordão de casas com vigas esculpidas, com vidros de cores, salientando-se sobre a rua, de andar para andar, um interminável ziguezague de cumes burgueses, frequentemente cortados pela boca da uma rua e, de tempos a tempos, também pela frontaria ou pelo cotovelo de uma grande casa de pedra, estabelecida à vontade, com os seus pátios e jardins, alas e corpos principais, entre esta população de casarias, apertadas e acanhadas, como um senhor entre um bando de servos. Havia cinco ou seis dessas casas sobre o cais, desde a residência de Lorraine, até ao palácio de Nesle, cuja torre principal servia de limite a Paris. Os telhados pontiagudos dessa torre tinham a faculdade de, durante três meses do ano, chanfrar com os seus triângulos negros o disco escarlate do Sol poente.

Este lado do Sena também era o menos mercantil dos dois; os estudantes faziam por lá mais ruído e agrupavam-se mais do que os artífices, e quanto a cais, para falar com propriedade, apenas o havia desde a ponte de São Miguel até à torre de Nesle. O resto da margem do Sena era, ora um areal nu, como para além dos Bernardinos, ora uma acumulação de casas que banhavam os pés na água, como entre as duas pontes.

Havia grande alarido de lavadeiras; gritavam, falavam, cantavam de manhã até à tarde, ao longo da margem, onde batiam com força a roupa, como nos nossos dias. Não é esta uma das coisas menos alegres de Paris.

A *Université* assemelhava-se a um bloco. Os mil telhados, densos, angulosos, aderentes, compostos quase todos do mesmo elemento geométrico, ofereciam, vistos do alto, o aspeto de uma cristalização da mesma substância. Os quarenta e dois colégios estavam por ali disseminados de uma maneira bastante igual, havendo-os por toda a parte. Alguns belos palácios faziam também, aqui e ali, magníficas saliências sobre as trapeiras de Nevers, a residência de Roma, a residência de Reims, que desapareceram; o palácio de Cluny, que existe ainda para consolação do artista e ao qual tão bestialmente descoroaram a torre há alguns anos. Perto de Cluny, esse palácio romano, de belos arcos abobadados, eram as Termas de Juliano. Havia, também, abundância de abadias de uma beleza mais devota, de uma grandeza mais grave do que os palácios, mas não

menos belas, não menos grandes. As que primeiro saltavam à vista, eram os Bernardinos, com os seus três campanários; Santa Genoveva, cuja torre quadrada, que ainda existe, faz tantas saudades do resto; a Sorbona, meio colégio, meio mosteiro, de que ainda se conserva uma admirável nave; o belo claustro quadrilateral dos Maturinos; o seu vizinho, o claustro de São Bento, a cujos muros houve tempo de encostar um teatro entre a sétima e a oitava edição deste livro; os Franciscanos, com os seus três enormes cumes justapostos; os Agostinhos, cuja graciosa agulha fazia, depois da torre de Nesle, o segundo recorte desse lado de Paris, a parte do ocidente.

O solo da *Université* era acidentado. A montanha Santa Genoveva fazia-lhe, ao sudoeste, uma ampola enorme; e era coisa digna de ver-se, do alto de Nossa Senhora, a multidão de ruas estreitas e tortuosas, esses cachos de casas que, espalhadas em todo o sentido no cume dessa eminência, se precipitam em desordem e quase a pique sobre os seus flancos até à borda da água, tendo a aparência, umas de cair, outras de trepar, todas de se amparar umas às outras. Um fluxo contínuo de mil pontos negros que se movesse à vista; era o povo, visto assim do alto e de longe.

Finalmente, nos intervalos desses telhados, dessas flechas, entrevia-se, de espaço a espaço, uns largo pano de muralha coberta de musgo, uma espessa torre redonda, uma porta de cidade ameaçada, figurando a fortaleza; eram os muros de Filipe Augusto. Para além, verdejavam os prados, para além, estendiam-se as estradas, ao longo das quais apareciam ainda algumas casas de arrabalde, tanto mais raras quanto mais distantes estavam. Alguns desses arrabaldes tinham importância. A vista incidia, ao ocidente, sobre as três agulhas romanas de São Germano dos Prados.

O burgo de São Germano, já uma importante comuna, contava quinze ou vinte ruas; o campanário pontiagudo de São Sulpício indicava um dos cantos do burgo. Logo ao lado, distinguia-se o recinto quadrilateral da feira de São Germano, onde está hoje o mercado; depois, o pelourinho do abade, linda torrinha redonda, bem toucada com um cone de chumbo; a fábrica de telha era mais longe, e a rua do Forno que levava ao forno banal e o moinho sobre o seu cômodo, e o hospital de leprosos, casinhola isolada e mal vista. Mas o que prendia sobretudo os olhos e os obrigava a fixarem-se sobre o mesmo ponto, era a própria abadia. É certo que este mosteiro, este palácio abacial, onde os bispos de Paris se davam por muito contentes de ali pernoitar, esse refeitório, a que o arquiteto tinha dado a aparência, a beleza e o esplêndido florão de uma catedral, essa elegante capela da Virgem, esse dormitório monumental, esses vastos jardins, essa grade que lhe defendia a entrada, essa ponte levadiça, essa capa de ameias por entre as quais se antolhavam aos olhos os prados em derredor, esses

pátios onde brilhavam homens de armas de mistura com capas de asperges, tudo agrupado e reunido à volta das três altas flechas com os seus arcos semicirculares, bem assentes sobre uma abside gótica, faziam magnífica figura no horizonte.

Quando, finalmente, depois de se ter por muito tempo examinado a *Université* se olhava para a margem direita, para a *Ville*, o espetáculo mudava bruscamente de caráter. A *Ville*, efetivamente, muito maior do que a *Université*, era também desunida. Ao primeiro aspeto, via-se dividir em várias massas singularmente distintas. Primeiro, ao nascente, nessa parte da cidade que tira ainda hoje o seu nome do pântano onde Camulogénio atolou César, era um amontoado de palácios, que se estendia até à borda de água. Quatro edifícios quase aderentes, Jouy, Sena, Barbeau, a residência da Rainha, retratavam no Sena os seus telhados de ardósia, cortado de esbeltas torrelas.

Por detrás desses palácios sorria em todas as direções, ora defendida por paliçadas e guarnecida de ameias, ora escondida por grandes árvores como uma cartucha, a cerca imensa e multiforme desse milagroso edifício de São Pol, onde o rei de França tinha com que alojar soberbamente vinte e dois príncipes da qualidade do delfim e do duque de Borgonha, com os seus criados e o seu séquito, sem contar os grandes senhores, e o imperador quando vinha ver Paris, e os leões que tinham a sua casa à parte, nos paços reais.

Da torre onde estamos postados, o palácio de São Pol, quase meio escondido pelas quatro grandes residências de que acabámos de falar, era ainda muito considerável e muitíssimo digno de ver-se. Distinguiam-se aí muito bem os três edifícios que Carlos V tinha amalgamado ao seu palácio: o Petit Muce com a balaustrada rendilhada a orlar-lhe graciosamente o telhado; a residência do abade de São Maur, tendo o cunho dum castelo forte, uma grande torre, bastiões, seteiras, baluartes, a residência do conde d'Etampes, cuja torre arruinada no cimo, arredondava-se à vista, recortada como a crista dum galo; através deste conjunto a flecha em escama de Avé Maria; à esquerda, a residência do preboste de Paris, flanqueada de quatro torres pequenas, delicadamente estriadas; no meio, ao fundo, o palácio de São Pol propriamente dito, com as suas fachadas multiplicadas, com tudo com que foi enriquecido sucessivamente desde Carlos V, e as suas duas altas torres contíguas, cujo teto cónico, cercado de ameias na base, tinha a aparência dum chapéu aguçado com as abas levantadas.

Continuando a subir os degraus deste anfiteatro de palácios ostentado ao longe sobre o solo, depois de ter transposto um barranco profundo cavado nos telhados da *Ville*, que marcava a passagem da rua de Santo António, a vista pousava no palácio d'Angoulême, vasta construção de várias épocas, onde havia

partes novas e muito brancas, que diziam tão bem no conjunto como um remendo vermelho num vestido azul. Por detrás a floresta de agulhas do palácio das Tournelles. Nenhum golpe da vista no mundo, nem em Chambord, nem no Alhambra, mais mágico, mais aéreo, mais prestigioso do que essa mata de flechas, de campanários pequenos, de chaminés, de grimpas, de espirais em parafuso, de clarabóias, de pavilhões, de torres fusiformes, ou como então se dizia, de *Tournelles*, todas diversas na forma, na altura, na posição. Dir-se-ia um gigantesco tabuleiro de xadrez em pedra.

À direita das Tournelles, essa massa de enormes torres de um negro de tinta, entrando umas nas outras e enfiadas por assim dizer por um fosso circular, esse castelo mais furado de seteiras que de janelas, essa ponte levadiça sempre erguida, essa grade sempre corrida: é a Bastilha.

Como vimos de dizer, o bairro de palácios de que procuramos dar alguma ideia ao leitor, apesar de lhe indicarmos apenas os pontos salientes, ocupava o ângulo que a cintura de Carlos V fazia com o Sena, ao oriente. O centro da *Ville* era ocupado por um monte de casas do povo. Era aí efetivamente que desembocavam as três pontes da *Cité* sobre a margem direita e as pontes faziam casas antes dos palácios. Esse amontoado de habitações burguesas, cerradas como os alvéolos de uma colmeia, oferecia a sua beleza. Com os telhados de uma capital dá-se o mesmo que com as vagas do mar, têm grandeza. Primeiro as ruas, cruzadas e baralhadas, faziam na massa cem figuras extravagantes; em redor dos mercados, era como uma estrela com mil raios. As ruas de São Dinis e São Martinho, com as suas inumeráveis ramificações, subiam uma após outra como duas grandes árvores que misturam os ramos; depois linhas tortuosas, as ruas de Plâfrerie, da Verrerie, da Tixeranderie, etc, serpeavam sobre o lodo. Havia também belos edifícios que furavam a ondulação petrificada daquele mar de cumes. Na boca da ponte dos Cambistas, por detrás da qual se via espadanar o Sena sob as rodas da ponte dos Moleiros, era o Châtelet, não já torre romana como no tempo de Julião, o Apóstata, mas feudal do século treze e uma pedra tão dura que o picão, em três horas, não desbastava a altura de uma mão travessa; era o rico campanário quadrado de São Jaques da Boucherie; era a casa dos Pilares aberta sobre essa praça de Greve de que nós procurámos dar alguma ideia ao leitor: era São Gervásio, São Méry, São João, cuja magnífica agulha era proverbial; eram vinte outros monumentos que não punham dúvida em esconder as suas maravilhas naquele caos de ruas negras, estreitas e profundas.

Com os seus dois bairros, um de palácios, outro de casas, o terceiro elemento do aspeto que oferecia a cidade, era uma longa zona de abadias que a orlava em quase toda a sua circunferência. Assim imediatamente ao lado do parque de Tournelles havia Santa Catarina. Entre a velha e a nova rua do

Templo, havia o Templo, sinistro feixe de torres, alto de pé e isolado no meio de uma vasta cerca ameada. Entre a rua Nova do Templo e a rua de São Martinho, estava a abadia de São Martinho, no meio dos seus jardins, soberba igreja fortificada, cuja cintura de torres, cuja tiara de campanários, só cediam em força e esplendor a São Germano dos Prados. Entre as duas ruas de São Martinho e São Dinis, estendia-se a cerca da Trindade. Finalmente, entre a rua de São Dinis e a rua Montorgueil, as Filhas de Deus. Ao lado distinguiam-se telhados apodrecidos e o recinto desempedrado do Pátio dos Milagres. Era o único elo profano que se intercalava nesta devota cadeia de conventos.

O quarto compartimento era um novo nó de palácios e de casas grandes comprimindo-se ao pé do Louvre. O velho Louvre de Filipe Augusto, esse edifício desmesurado, cuja torre maior tinha chegado a si vinte e três outras, sem contar com os torreões, parecia de longe embutido nos telhados góticos do palácio de Alençon e do Petit Bourbon. Essa hidra de torres, guarda gigante de Paris, com as suas vinte e quatro cabeças sempre levantadas, com os seus dorsos monstruosos, cobertos de chumbo ou de lousa e todos a jorrarem reflexos metálicos, terminava dum modo surpreendente a configuração da *Ville*, ao poente.

Agora, se a enumeração de tantos edifícios, por sumária que a tenhamos querido fazer, não destruiu, ao passo que iam construindo, no espírito do leitor, a imagem geral da velha Paris, resumi-la-emos em breves palavras. Ao centro, a ilha da *Cité*, assemelhando-se pela forma a uma grande tartaruga, e fazendo sair as suas pontes, com escamas de telhas, com patas de baixo da sua pardacenta concha de telhados. À esquerda o trapézio monólito, firme, denso, ericado, da *Université*; à direita o vasto semicírculo da *Ville*, muito mais rico de jardins e de monumentos. Os três blocos, *Cité*, *Université*, *Ville*, sulcados de inúmeras ruas. Ao través, o Sena, obstruído de ilhas, de pontes e de barcos. Em redor uma planície imensa, remendada com mil espécies de cultura, semeada de belas aldeias. No horizonte, uma orla de colinas dispostas em círculo como o rebordo da bacia. Finalmente, ao longe, no oriente, Vincennes e as suas sete torres quadrangulares; ao sul, Bicêtre e os seus torreões pontiagudos; ao norte, São Dinis e a sua agulha; ao ocidente, São Cloud e o seu torreão. Eis a Paris que viam do alto das torres de Nossa Senhora os corvos que viviam em 1482.

No entanto, foi desta cidade que Voltaire disse que *antes de Luís XI, ela só possuía quatro belos monumentos*; o zimbório da Sorbona, o Val de Grâce, o Louvre moderno e já não sei qual era o quarto, o Luxemburgo, talvez. Felizmente Voltaire nem por isso deixou de fazer o seu *Cândido*, nem de ser entre todos os homens que se têm sucedido na longa série da humanidade, quem mais teve o riso diabólico. Isso prova bem que se pode ser um belo gênio e nada

compreender duma arte de que se fala. Molière não julgava fazer grande honra a Rafael e a Miguel Ângelo chamando-lhes *os Mignards da sua idade?*

Voltemos a Paris e ao século quinze.

Nesse tempo não era somente uma bela cidade; era uma cidade homogênea, um produto arquitetural e histórico da Idade Média, uma crônica de pedra. Era uma cidade formada de duas camadas unicamente, a camada romana do século quinto ao século doze e a camada gótica. Quanto à camada céltica já se não encontravam amostras nem mesmo abrindo poços.

Cinquenta anos mais tarde, quando a Renascença veio misturar com esta unidade tão severa e no entanto tão variada, o luxo deslumbrante de suas fantasias e dos seus sistemas, as suas orgias de arcos romanos semicirculares, de colunas gregas e de abatimentos góticos, a sua escultura tão terna e tão ideal, o seu gosto particular de arabesco e de acantos, o seu paganismo arquitetural contemporâneo de Lutero, Paris foi talvez mais bela ainda, apesar de menos harmoniosa à vista e ao pensamento. Mas esse esplêndido momento durou pouco, a Renascença não foi imparcial; não se contentava de edificar, quis desmorrar; é verdade que carecia de espaço. Assim a Paris gótica só esteve completa um minuto. Mal se acabava São Jacques da Boucherie, quando começava a demolição do velho Louvre.

Depois, a grande cidade foi-se deformando de dia para dia. A Paris gótica sob a qual desaparecia a Paris romana, desapareceu por seu turno; mas pode dizer-se que Paris a substituiu?

Há a Paris de Catarina de Médicis, nas Tulherias;[\[29\]](#) a Paris de Henrique II, na Casa da Câmara; dois edifícios ainda dum grande gosto; a Paris de Henrique VI, na praça Real; fachadas de tijolos com cantos da pedra e telhados de ardósia, essas tricolores; a Paris de Luís XIII, no Val de Grâce; a Paris de Luís XIV, nos Inválidos: grande, rica, dourada e fria; a Paris de Luís XV, em São Sulpício; volutas, laços de fita, nuvens, aletrias e chicórias, tudo pedra; a Paris de Luís XVI, no Parthenon; São Pedro de Roma mal copiado; a Paris da República, na Escola de Medicina: um pobre gosto greco-romano; a Paris de Napoleão, na praça Vendôme; isso é sublime, uma coluna de bronze feita com canhões; a Paris da Restauração, na Bolsa; uma colonata muito branca suportando um friso muito nu.

A Paris atual não tem pois fisionomia alguma geral. É uma coleção de amostras de vários séculos e das quais as mais belas têm desaparecido. No caminho em que vai, Paris renovar-se-á todos os cinquenta anos. Por isso

também a significação histórica da sua arquitetura se apaga todos os dias. Os monumentos tornam-se cada vez mais raros, afogados nas casas. Nossos pais tinham uma Paris de pedra, os nossos filhos terão uma Paris de estuque.

Quanto aos monumentos modernos da nova Paris, dispensar-nos-emos de neles falar. E não é porque os não admiremos como convém. A Santa Genevieve de M. Soufflot é incontestavelmente o mais belo pastel de Sabóia que se tem feito em pedra. O palácio da Legião de Honra é também uma peça de pastelaria muito distinta. A cúpula do mercado dos trigos é um *bonnet* de jóquei inglês numa grande escala. As torres de São Sulpício são dois grandes clarinetes. São Roch tem uma portaria que só é comparável, pela sua magnificência a São Tomás de Aquino. Tem também um calvário com figuras em um subterrâneo e um sol de madeira dourado. Coisas muitíssimo maravilhosas. A lanterna do labirinto do Jardim das Plantas é também muito engenhosa. Quanto ao Palácio da Bolsa, grego pela sua colunata, romano pelo pleno arco das portas e janelas, da Renascença pela sua grande abóbada abatida, é sem dúvida um monumento muito correto e muito puro!

Não obstante, por muito admirável que pareça a Paris de hoje, refaçam a Paris do século quinze, reconstruam-na no pensamento; contemplem o dia através da surpreendente sebe de agulhas de torres e de campanários, preguem nas arcadas das pontes o Sena com os seus largos charcos verdes e amarelos, e que faz lembrar uma serpente. Façam-lhe flutuar o contorno numa bruma de inverno que se agarre às suas inúmeras chaminés; envolvam-na numa noite profunda e atentem no fogo extravagante das trevas e das luzes nesse sombrio labirinto de edifícios; ponham um raio de luar que a desenhe vagamente e faça subir da neblina as grandes cabeças das torres; ou tomem essa silhueta negra, carreguem de sombra os mil ângulos agudos das flechas e dos telhados e façam-na ressaltar, mais dentada que a queixada dum tubarão, sobre o céu acobreado do poente. — E depois comparem.

Livro quarto

I. As boas almas

Havia dezasseis anos, na época em que se passa esta história, que por uma bela manhã de um domingo de Pascoela uma criatura viva tinha sido depositada, depois da missa, na igreja de Nossa Senhora, sobre a banca de madeira chumbada no adro, à mão esquerda, defronte da *grande imagem* de São Cristóvão.

A espécie de ser vivo que jazia sobre estas tábuas na manhã do domingo de Pascoela, do ano do Senhor de 1467, parecia excitar em alto grau a curiosidade do grupo bastante considerável que se apinhava à volta da banca. O grupo era formado em grande parte de pessoas do belo sexo. Quase tudo velhas.

Na primeira fila e mais debruçadas sobre a banca destacavam-se quatro que, pela cogula cinzenta, espécie de sotaina, deixavam perceber que pertenciam a alguma confraria devota. Não vejo razão porque a história não há de transmitir à posteridade os nomes dessas quatro discretas e venerandas matronas. Eram Inês la Herme, Jehanne de la Tarme, Henriqueta la Gaultière, Gauchère la Violette, todas quatro viúvas todas quatro recolhidas da capela Estêvão Haudry, que tinham saído do hospício com licença da superiora e de conformidade com os estatutos de Pedro d'Ally, para virem ouvir o sermão.

— Que é isto, minha irmã? — disse Inês a Gauchère, atentando na criaturinha exposta que gania e se torcia sobre a banca de madeira, assustada com tantos espetadores.

— No que nos vamos tornar — dizia Joana — se é assim que agora se fazem as crianças!

— Não entendo de crianças — continuava Inês — mas deve ser um pecado olhar para esta.

— Não é uma criança, Inês.

— É um aborto de macaco — observava Gauchère.

— É um milagre — aventurava Henriqueta la Gaultière.

— É um verdadeiro monstro de abominação, esta tal criança abandonada — continuava Joana.

— E berra que até ensurdece um chantre — prosseguiu Gauchère — Calate para aí, berrador duma figa!

— E dizer que é o senhor de Reims quem manda esta enormidade ao senhor de Paris! — acrescentava a Gauchère, pondo as mãos.

— Eu cá por mim penso — dizia Inês la Herme — que é um animal, um bicho, o produto de um judeu com uma porca, alguma coisa enfim que não é cristão e que se deva atirar à água ou ao fogo.

— Eu espero — continuava a Gauchère — que não será postulado por ninguém.

— Ah! Meu Deus — exclamou Inês — Pobres amas que estão no hospício dos expostos, lá no fim do beco quem vai para o rio, mesmo ao lado do monsenhor bispo, se lhes levarem este monstrozinho para amamentar! Eu antes queria dar de mamar a um vampiro!

— Que inocente que é esta pobre la Herme! — replicou Jehanne — Não vê, minha irmã, que o monstrozinho tem pelo menos quatro anos e lhe apeteceria menos o bico do seu peito do que um espeto?

Efetivamente, não era um recém-nascido esse « monstrozinho ». Era uma massa de pouco volume mas muito angulosa e muito inquieta, com uma cabeça de fora, e metida num saco de pano que tinha impressas as iniciais de *messire* Guilherme Chartier, nesse tempo bispo de Paris. Essa cabeça era coisa bastante disforme; só se via uma floresta de cabelos ruivos, um olho, uma boca e dentes. O olho chorava, a boca gritava, e os dentes pareciam só pedir que morder. O todo debatia-se no saco, com grande espanto da turba, que engrossava e se renovava incessantemente à volta.

Dame Aluísia de Gondelaurier, mulher rica, e nobre, que levava pela mão uma linda rapariguinha de cerca de seis anos e que trazia um longo véu pendente do prego de ouro da touca, parou ao passar por diante da banca e examinou por um momento a desventurada criatura, enquanto a sua encantadora filhinha chamada Flor de Lis de Gondelaurier, toda vestida de seda e de veludo, soletrava com o seu lindo dedito o letreiro permanente preso à banca: *Expostos*.

— Pensava — disse a dama voltando-se com enfado — pensava que aqui só se expunham crianças.

E voltou as costas, atirando para a bacia com um florim de prata, que retiniu entre os *liards* e fez abrir uns grandes olhos às pobres recolhidas da capela

Estêvão Haudry .

Pouco tempo depois, o grave sábio Roberto Mistricolle, protonotário do rei, passou segurando um enorme missal com um braço e a mulher (*damoiselle Guillemette la Mairesse*) com outro, trazendo assim à ilharga os seus dois reguladores, espiritual e temporal.

— Criança abandonada! — disse ele depois de ter examinado o objeto — abandonada aparentemente sobre o parapeito do rio Flegetonte!

— Só se lhe vê um olho — observou *damoiselle* Guillemette — tem sobre o outro uma verruga.

— Não é uma verruga — retrucou *mestre* Roberto Mistricolle, — é um ovo que encerra outro demônio igual, o qual traz outro ovo que contém um outro diabo e assim de seguida.

— Como sabeis isso? — perguntou Guillemette *la Mairesse*.

— Sei, porque o devo saber — respondeu o protonotário.

— Senhor protonotário — perguntou Gauchère — que prognosticais desta esquisita criança abandonada?

— As maiores desgraças — respondeu Mistricolle.

— Ah! Meu Deus! — disse uma velha no auditório — É por causa disso que houve uma considerável peste o ano passado e que dizem que os ingleses vão desembarcar em companhia em Herefleu.

— O que vai decerto impedir que a Rainha venha a Paris no mês da setembro — replicou uma outra — Os negócios vão já tão maus...

— Sou de opinião — exclamou Jehanna de la Tarme — que era muito melhor, para os aldeões de Paris, que esse pequeno mágico se deitasse antes sobre um monte de lenha do que sobre uma banca.

— Sobre um belo feixe de lenha a arder — acrescentou a velha.

— Seria mais prudente — disse Mistricolle.

Havia alguns instantes que um padre ainda moço escutava as razões das *haudriettes* e as sentenças do protonotário. Era um rosto severo, uma testa espaçosa, um olhar profundo. Arredou silenciosamente a multidão, examinou o

pequeno mágico e estendeu a mão sobre ele. Já era tempo, porque as devotas lambiam os beijos com o *belo monte de lenha a arder*.

— Adoto esta criança — disse o padre.

Passou-a para a sotaina e levou-a.

Os espetadores seguiram-no com olhos espantados. Um momento depois tinha desaparecido pela porta Vermelha, que então levava da igreja ao claustro.

Passada a primeira surpresa, Jehanne de la Tarme inclinou-se para o ouvido da Gaultière, e disse-lhe:

— Bem vos dizia eu minha irmã, que este padre, o senhor Cláudio Frollo, é um feiticeiro.

II. Cláudio Frollo

Efetivamente, Cláudio Frollo não era uma personagem vulgar.

Pertencia a uma dessas famílias *medianas* a que chamavam, indiferentemente, na linguagem impertinente do último século, alta burguesia ou pequena nobreza.

Cláudio Frollo fora destinado desde a infância, por seus pais, ao estado eclesiástico. Ensinaram-lhe a ler em latim e educaram-no, ensinando-o a baixar os olhos e a falar baixo. Muito criança, o pai enclausurara-o no colégio de Torchi, na *Université*. Foi aí que ele cresceu, sobre o missal e sobre o *lexicon*.

Era também uma criança triste, grave e séria, que estudava com ardor e aprendia depressa, pouco se fazia ouvir nos folguedos, pouco se intrometia nas bacanais da rua do Fouarre e não tinha feito figura alguma na arruaça de 1463 que os analistas registam gravemente sob o título de «Sexto motim da Universidade» .

Em compensação, era assíduo às grandes e às pequenas aulas da rua São João de Beauvais. O primeiro aluno que o abade de São Pedro do Val, ao começar a sua lição de direito canônico, descobria sempre encostado, defronte da sua cátedra, a um pilar da escola de São Vendregésilo, era Cláudio Frollo, armado do seu tinteiro de corno, roendo a pena, garatujando sobre o joelho rapado, e de inverno, soprando aos dedos. O primeiro ouvinte que *messire* Miles d'Isbers, doutor em leis, via chegar todas as segundas-feiras de manhã todo esbaforido, à abertura das portas da aula do Chef-São Dinis, era Cláudio Frollo. Deste modo, aos dezoito anos, o moço estudante podia fazer frente, em teologia mística, a um padre da igreja; em teologia canônica, a um padre dos concílios; em teologia escolástica, a um doutor da Sorbona.

Passando a teologia, atirara-se às leis do *Mestre das Sentenças*, caíra sobre os *Capitulares de Carlos Magno*; e sucessivamente devorara, no seu apetite de ciência, decretais sobre decretais.

Digeridas as leis, voltou-se para a medicina, para as artes liberais. Estudou a ciência das ervas, a ciência dos unguentos; tornou-se perito nas febres e nas contusões, nas feridas e nas apostemas.

Estudou as línguas, o latim, o grego, o hebraico, triplice santuário nesse

tempo bem pouco frequentado. Era uma verdadeira febre de adquirir e entesourar ciência. Aos dezoito anos tinha as quatro faculdades passadas; parecia àquele moço que a vida só tinha um fim único: saber.

Foi pouco mais ou menos por essa época que o excessivo calor de 1466 fez reventar essa grande peste que levou mais de quarenta mil criaturas no viscondado de Paris.

Espalhou-se na Universidade que a rua Tirechappe era especialmente devastada pela epidemia. Era ali que residiam os parentes de Cláudio. O estudante correu muito assustado à casa paterna. Quando lá chegou, seu pai e sua mãe tinham morrido na véspera. Um irmãozito, ainda de peito, vivia ainda e gritava ao abandono, no berço. Era tudo o que restava a Cláudio da sua família; este meteu a criança debaixo do braço e saiu pensativo. Até então só vivera na ciência; começava a viver na vida.

Esta catástrofe foi uma crise na existência de Cláudio. Órfão, filho mais velho, chefe de família aos dezanove anos, sentiu-se rudemente sacudido das meditações da aula às realidades deste mundo. Então, movido de compaixão, apaixonou-se e dedicou-se por essa criança, seu irmão, coisa estranha e doce, uma afeição humana, para ele, que ainda só amara livros.

Essa afeição desenvolveu-se até um ponto singular; numa alma tão nova, foi como o primeiro amor. Separado desde a infância dos seus parentes, que mal conhecera, clausurado e como emparedado nos seus livros, ávido, antes de tudo, de estudar e de aprender, exclusivamente, atentando até então na sua inteligência que se dilatava na ciência, na sua imaginação que se engrandecia nas letras, o pobre estudante não tinha ainda tido tempo de sentir o lugar do coração. Aquele irmãozito, sem mãe, nem pai, aquela criancinha que lhe caíra inesperadamente do Céu nos braços, fez dele um homem novo. Viu que havia outra coisa mais do que as teorias da Sorbona e os versos de Homero; que o homem tinha necessidade de afeições; que a vida sem ternura e sem amor era apenas uma engrenagem seca, estrídula, lacerante. Unicamente imaginou, porque estava na idade em que as ilusões são só substituídas por ilusões, que as afeições de sangue e de família eram as únicas necessárias e que um irmãozito para amar bastava para preencher uma existência inteira.

Amou, pois, o seu pequeno Jehan com a paixão de um caráter já profundo, ardente, concentrado. A pobre criaturinha, débil, loura, de cabelos anelados, esse órfão sem mais amparo que outro órfão, comovia-o até ao fundo das entranhas. Teve canseiras e cuidados com ele, como uma coisa muito frágil e muito recomendada. Foi para a criança mais do que um irmão; tornou-se uma mãe.

O pequeno Jehan aleitava-se ainda quando perdeu a mãe; Cláudio deu-lhe uma ama. Além do feudo Tirechappe, herdara mais de seu pai o feudo do Moinho, sujeito à torre quadrada de Gentilly; era um moinho sobre uma colina, perto do castelo de Winchester (Bicêtre). Havia aí uma moleira que amamentava uma criança; não era longe da Universidade. Cláudio levou-lhe ele mesmo o seu pequeno Jehan.

Desde então, sentindo-se com um fardo a sustentar, tomou a vida muito a sério. A lembrança do seu irmãozito tornou-se, não só a distração, mas o alvo dos seus estudos. Resolveu consagrar-se todo a um futuro pelo qual respondia perante Deus e não ter nunca outra esposa, outro filho, mais que a felicidade do seu irmão. Dedicou-se mais do que nunca à sua vocação clerical. O seu mérito, a sua ciência, a sua qualidade de vassalo imediato do bispo de Paris, abriam-lhe de par em par as portas da Igreja. Aos vinte anos, por dispensa especial da Santa Sé, era padre, e servia, como mais moderno dos capelães de Nossa Senhora, o altar que chamam, por causa da missa que aí se diz tarde, *altare pigorum*.[\[30\]](#)

Aí, mais que nunca engolfado nos seus queridos livros, que ele apenas abandonava para gastar uma hora no Moinho, este misto de saber e de austeridade, tão rara nos seus anos, tinha-lhe, de pronto, conquistado o respeito e a admiração do claustro. Do claustro, a sua reputação de sábio descera ao povo; mas aí, como era frequente, desviara-se um pouco para a alcunha de feiticeiro. Era na ocasião em que ele voltava no dia do Quasimodo, de dizer a missa dos preguiçosos, no seu altar, que a sua atenção se despertara com o grupo das velhas ganando à roda do leito das crianças abandonadas.

Foi então que se tinha abeirado da infeliz criaturinha tão odiada e tão ameaçada. Aquela miséria, aquela disformidade, aquele abandono, a lembrança do seu irmãozito, a ideia que, de repente, lhe assaltou o espírito, que se ele morresse, o seu querido Jehan podia também ser atirado miseravelmente sobre a banca das crianças abandonadas, tudo isso lhe veio ao mesmo tempo ao coração; moveu-o uma grande piedade e levou a criança.

Quando a tirou do saco, achou-a efetivamente bem disforme. O pobre diabozito tinha uma verruga sobre o olho esquerdo, a cabeça entre os ombros, a coluna vertebral arqueada, o esterno proeminente, as pernas tortas, mas parecia vivo, e apesar de ser impossível saber que língua tartamudeava, os seus gritos denunciavam alguma força e alguma saúde. A compaixão de Cláudio aumentou com esta fealdade; e fez voto no seu coração de educar esta criança por amor de seu irmão, a fim de que, fossem quais fossem no futuro as culpas do pequeno Jehan, ele tivesse em seu favor aquela caridade feita em sua intenção. Era uma espécie de seguro de obras meritórias que ele fazia sobre a cabeça de

seu irmão; era uma pacotilha de boas ações que ele preparava para o caso em que o seu Jehan viesse a carecer dessa moeda, a única que se admite na portagem do paraíso.

Batizou o seu filho adotivo e pôs-lhe o nome de *Quasimodo*, ou porque quisesse marcar com ele o dia em que tinha sido encontrado, ou porque quisesse indicar até que ponto a pobre criaturinha era incompleta e apenas esboçada. Efetivamente, Quasimodo, zanaga, corcovado, cambaio, era apenas um *quase*.

III. Immanis pecoris custos, immanior ipse

[31]

Ora, em 1482, Quasimodo tinha crescido. Fora feito, havia alguns anos, sineiro de Nossa Senhora, graças a seu pai adotivo Cláudio Frollo, que fora feito arceediago de Josas.

Quasimodo era, pois, sineiro de Nossa Senhora.

Com o tempo, formara-se não sei que laço íntimo que unia o sineiro à igreja. Separado para sempre do mundo pela dupla fatalidade do seu nascimento desconhecido e da sua natureza disforme, preso, desde a infância, neste duplo círculo insuperável, o pobre desventurado costumara-se a nada ver neste mundo além das paredes religiosas que o tinham recolhido à sua sombra. Nossa Senhora fora, sucessivamente, para ele, à proporção que crescia e se desenvolvia, o ovo, o ninho, a casa, a pátria, o universo.

E é certo que havia uma espécie de harmonia misteriosa e pré-existente entre esta criatura e este edifício. Quando, muito criança ainda, se arrastava tortuosamente e aos saltos sob as trevas das suas abóbadas, parecia, com o seu rasto humano e os seus membros bestiais, o réptil natural desse pavimento húmido e sombrio sobre o qual a sombra dos capitéis romanos projetava tantas formas extravagantes.

Mais tarde, a primeira vez que ele maquinalmente se agarrou à corda das torres, que nela se pendurou e fez dobrar o sino, produziu em Cláudio, seu pai adotivo, o efeito de uma criança cuja língua se solta e que começa a falar.

Foi assim que, pouco a pouco, desenvolvendo-se sempre no sentido da catedral, nela vivendo, nela dormindo, não saindo quase nunca, sentindo-lhe a todo o momento a pressão misteriosa, conseguiu assemelhar-se-lhe, incrustar-se-lhe, para assim dizer dela fazer parte integrante. Os seus ângulos salientes encaixavam-se (desculpem-nos esta figura) nos ângulos reentrantes do edifício de que ele parecia ser não só o habitante, como o conteúdo natural. Quase que se poderia dizer que dele tinha tomado a forma, como o caracol toma a forma da sua concha. Era a sua morada, o seu buraco, a sua capa.

Não havia profundeza da catedral onde Quasimodo não tivesse descido, altura que ele não tivesse escalado. Sucedia-lhe muitas vezes trepar pela fachada

em várias alturas ajudado unicamente pelas saliências das esculturas. As torres, sobre cuja superfície exterior o viam muitos arrastar-se como um lagarto que passeia sobre um muro a pique, essas duas gigantes gêmeas, tão altas, tão ameaçadoras, tão terríveis, não tinham para ele nem vertigens, nem terrores, nem atordoamentos. Ao vê-las tão suaves sob a sua mão, tão fáceis de escalar, dir-se-ia que ele as tinha amansado.

Depois, não só o seu corpo parecia ser talhado como a catedral, mas também o seu espírito. Em que estado estava aquela alma? Que forma contraíra, que direção tomara, sob aquele invólucro apertado, naquela vida selvagem? É o que seria difícil determinar. Quasimodo nascera vesgo, corcunda e coxo. Sineiro de Nossa Senhora aos catorze anos, uma nova enfermidade tinha vindo completá-lo; os sinos tinham-lhe despedaçado o tímpano; ficara surdo. A única porta que a natureza lhe tinha deixado aberta para o mundo fechara-se de súbito e para sempre.

A melancolia do mísero tornou-se incurável e completa com a sua disformidade. Acrescentemos que a sua surdez o tornou, de algum modo, mudo. Porque, para não fazer rir os outros, desde o momento em que se viu surdo, resolveu recolher-se a um silêncio que só quebrava quando estava só. Daí resultava que, quando a necessidade o obrigava a falar, a língua estava entorpecida, inepta e como uma porta cujos gonzos estão enferrujados.

É certo que o espírito se atrofia num corpo defeituoso. Quasimodo sentia apenas mover-se cegamente no seu interior uma alma feita à sua imagem. As impressões dos objetos sofriam uma refração considerável antes de chegar ao seu pensamento. O seu cérebro era um meio particular: as ideias que a atravessavam saíam todas torcidas. A reflexão proveniente dessa retração era necessariamente divergente e desviada.

Daí mil ilusões de ótica, mil aberrações de apreciação, mil rodeios por onde lhe divagava o pensamento, ora louco, ora idiota.

O primeiro efeito desta fatal organização, era turvar-lhe a vista que lançava sobre as coisas. Delas quase que não recebia percepção alguma imediata. O mundo exterior parecia-lhe muito mais distante que a nós.

O segundo efeito da sua desgraça, era torná-lo mau.

Era efetivamente mau, porque era selvagem; era selvagem, porque era feio. Na sua natureza, como na nossa, havia uma lógica.

A sua força tão extraordinariamente desenvolvida, era uma causa a mais de

malvadez

Deve-se-lhe também fazer esta justiça: a malvadez não era nele inata. Desde os seus primeiros passos entre os homens sentira-se, depois vira-se escarnecido, espezinhado, repellido. A palavra humana para ele era sempre ou um motejo ou uma maldição. Ao crescer, só encontrara à volta de si o ódio. Deitou-lhe a mão. Adquiriu a malvadez geral. Aproveitou-se da arma com que o tinham ferido.

Por isso, só com pesar voltava o rosto para o lado dos homens; bastava-lhe a sua catedral.

O que ele de preferência amava no edifício materno, o que lhe acordava a alma e lhe fazia abrir as pobres asas que tão miseravelmente conservava fechadas na sua caverna, o que tornava por vezes feliz, eram os sinos. Amava-os, acariciava-os, falava-lhes, compreendia-os. Desde o carrilhão da agulha do cruzeiro até ao sino grande, a todos dispensava a sua ternura. O campanário do cruzeiro, as duas torres, eram para ele como três grandes gaiolas, cujas aves criadas por ele, só para ele cantavam. No entanto foram esses mesmos sinos que o tinham feito surdo; mas as mães amam muitas vezes de preferência o filho que mais as fez sofrer.

É verdade que a sua voz era a única que ele ainda podia ouvir. Por este título, o sino grande era o seu favorito. Era o que preferia nessa família de filhos ruidosos que se saracoteavam à volta dele nos dias de festa. Esse sino grande chamava-se Maria. Estava só na torre meridional com seu irmão Jaqueline, sino de menor estatura fechado numa gaiola mais pequena ao lado da sua. O Jaqueline fora assim chamado do nome da mulher de João Montagu, que o tinha doado à igreja, o que não tinha impedido que fosse figurar sem cabeça em Montfaucon. Na segunda torre havia outros seis sinos, e finalmente, os seis mais pequenos tinham por morada o campanário sobre o cruzeiro com o sino de madeira que só tocavam desde a tarde de quinta feira maior até à manhã da véspera de Páscoa. Quasimodo tinha assim quinze sinos no seu serralho, mas o grande, a Maria, era o favorito.

Não pode fazer-se ideia da sua alegria nos dias de dobre geral. Quando o arcediogo o largava e lhe dizia: vai! Ele subia a escada de caracol do campanário mais depressa do que qualquer a desceria. Entrava todo assotado na câmara aérea do sino grande, fitava-o um momento concentrado e amoroso; depois dirigia-lhe docemente a palavra, acariciava-o com a mão como a um bom cavalo que vai fazer uma longa corrida.

O primeiro choque do badalo e da parede de bronze fazia estremecer o madeiramento sobre o qual estava montado. Quasimodo vibrava com o sino. Assim! — gritava ele com uma risada de insensato. No entanto o movimento do bordão acelerava-se, e, ao passo que descrevia um ângulo mais aberto, o olho de Quasimodo abria também mais e mais, fosfórico e flamejante. Afinal o grande dobre começava; toda a torre tremia; madeiramentos, chumbos, cantaria, tudo troava a um tempo, desde as estacas da fundação até aos trevos do coroamento. Quasimodo então transfigurava-se; ia, vinha, tremia com a torre, da cabeça até aos pés. Acocorava-se, levantava-se com as voltas do sino, aspirava-lhe o hálito espantoso, e olhava alternadamente ora a praça profunda que formigava a duzentos pés abaixo dele, ora a enorme língua de cobre que vinha de segundo em segundo bramir-lhe aos ouvidos. Era a única palavra que ele ouvia, o único ser, que para ele turvava o silêncio universal. Expandia-se como uma ave ao sol. De repente apoderava-se dele o frenesim do sino; o seu olhar tornava-se extraordinário. Esperava o bordão na passagem, como a aranha espera a mosca, e atirava-se bruscamente. Então, suspenso sobre o abismo, levado pelo balanço formidável do sino, agarrava o monstro de bronze pelas asas, apertava-o com os joelhos, esperava-o com os calcanhares e fazia aumentar com todo o choque e com todo o peso do seu corpo a fúria do dobre. No entanto a torre vacilava; ele, gritava e rangia os dentes, com os cabelos ruivos estacados, com o peito ofegante como um fole de forja, com o olho a lançar chamas, com o sino monstuoso a tanger arquejante debaixo dele; e então já não era o bordão de Nossa Senhora nem Quasimodo; era um sonho, um turbilhão, uma tempestade; a vertigem a cavalo sobre o ruído; um espírito agarrado a uma garupa que voa; um estranho centauro, meio homem, meio sino.

A presença deste ente extraordinário fazia circular em toda a catedral não sei que sopro de vida. Parecia que dele se escapava, que animava todas as pedras de Nossa Senhora e fazia palpitar as profundas entranhas da velha igreja. De facto a catedral parecia uma criatura dócil e obediente sob a sua mão; para elevar a sua grossa voz esperava a sua vontade; estava possuída e cheia de Quasimodo como de um gênio familiar. Dir-se-ia que ele fazia respirar o imenso edifício. Efetivamente estava ali em toda a parte, multiplicava-se sobre todos os pontos do monumento. Ora se avistava com espanto no mais alto de uma das torres um anão extravagante rojando-se, trepando, servindo-se dos pés e das mãos ou descendo para o exterior sobre o abismo, que saltava de saliência em saliência e que ia mexer no ventre de alguma gorgona esculpida; era Quasimodo em cata dos ninhos dos corvos. Ora se tropeçava num recanto escuro da igreja com uma espécie de quimera viva acocorada e mal humorada: era Quasimodo pensativo. Ora se divisava num campanário uma cabeça enorme e um pacote de membros desordenados baluçando-se com furor na ponta de uma corda; era

Quasimodo tocando a vésperas ou a Avé Maria. E se era a noite de Natal, enquanto o sino grande, semelhando um estertor, chamava os fieis à missa da meia-noite, espalhava-se sobre a sombria fachada um tal ar, que era de dizer que a portaria grande devorava a turba que o florão tinha fitado. E tudo isso provinha de Quasimodo. O Egito tomá-lo-ia por deus deste templo; a Idade Média julgá-lo-ia o demónio: era a alma.

A ponto tal que para os que sabem que Quasimodo existiu, Nossa Senhora está hoje deserta, inanimada, morta. Sente-se que há aí alguma coisa de desaparecido. Aquele corpo imenso está vazio; é um esqueleto; o espírito deixou-o; vê-se o seu lugar e é tudo. É como um crânio onde ainda há buracos para os olhos, mas onde já não há vista.

IV. O cão e o dono

Havia no entanto uma criatura humana que Quasimodo excetuava da sua maldade e do seu ódio pelos outros, e a quem amava tanto, mais talvez que a sua catedral; era Cláudio Frollo.

A coisa era simples. Cláudio Frollo tinha-o recolhido, adotara-o, criara-o, educara-o. Em criança, foi entre os joelhos de Cláudio Frollo que ele se costumava refugiar quando os cães e as crianças ladravam atrás dele. Cláudio Frollo ensinara-o a falar, a ler, a escrever, Cláudio Frollo finalmente fizera-o sineiro. Ora, dar o sino grande em casamento a Quasimodo, era dar Julieta a Romeu.

Por isso o reconhecimento da Quasimodo era profundo, apaixonado, sem limites, e apesar do rosto de seu pai adotivo ser muitas vezes taciturno e severo, apesar da sua palavra ser habitualmente breve, dura, imprevista, nunca esse reconhecimento se desmentiu um só instante. O arcediogo tinha em Quasimodo o mais submisso escravo, o mais dócil criado, o mais vigilante cão. Quando o pobre sineiro ensurdeceu, estabeleceu-se entre ele o Cláudio Frollo uma língua de sinais, misteriosa e compreendida só deles. Deste modo o arcediogo era o único ente humano com quem Quasimodo mantinha comunicação. Só tinha neste mundo relações com duas coisas: Nossa Senhora e Cláudio Frollo.

Nada há comparável ao império do arcediogo sobre o sineiro, nem a afeição do sineiro pelo arcediogo. Bastaria um sinal de Cláudio e a ideia de lhe ser agradável para que se precipitasse do alto das torres de Nossa Senhora. Era coisa muito para notar-se que toda a força de Quasimodo desenvolvida a tão extraordinário ponto assim fosse posta tão cegamente por ele à disposição dum outro. Nisso havia sem dúvida dedicação filial, afeição doméstica: mas havia também fascinação dum espírito por outro espírito. Era uma pobre, acanhada e inepta organização que curvava a cabeça e baixava os olhos suplicantes perante uma inteligência alta e profunda, poderosa e superior. Finalmente, e acima de tudo, era o reconhecimento. Reconhecimento de tal modo levado ao extremo limite, que não sabemos a que o comparar. Não é esta virtude uma daquelas cujos mais belos exemplos se contam entre os homens. Diremos pois que Quasimodo amava o arcediogo como nunca amou seu dono, cão, cavalo ou elefante algum.

Continuação de Cláudio Frollo

Em 1482, Quasimodo tinha cerca de vinte anos. Cláudio Frollo cerca de trinta e seis. Um crescera, outro envelhecera.

Cláudio Frollo já não era o simples estudante do colégio Torchi, o terno protetor do irmão, o jovem e pensador filósofo que sabia muitas coisas e que ignorava muitas. Era um padre austero, grave, melancólico; um cura de almas; o senhor arceidiago de Josas, o segundo acólito do bispo, tendo sobre os braços os dois deados de Montlhéry e de Châteaufort e cento e setenta e quatro curatos rurais. Era uma personagem imponente e sombria diante da qual tremiam os meninos do coro de alva e raquete, os cantores, os irmãos de Santo Agostinho, os clérigos matutinos de Nossa Senhora, quando passava lentamente sob as altas ogivas do coro, majestoso, pensativo, os braços cruzados, e a cabeça de tal modo caída sobre o peito que do seu rosto apenas se lhe via a larga frente calva.

Dom Cláudio Frollo não abandonara apesar de tudo, nem a ciência nem a educação de seu irmão, as duas ocupações da sua vida. Mas com o tempo alguma amargura viera entremisturar-se a estas tão doces coisas. O pequeno Jehan Frollo, a quem tinham posto a alcunha do *Moinho* por causa do lugar onde tinha sido criado, não tinha crescido na direção que Cláudio tinha querido imprimir-lhe. O irmão mais velho contava com um discípulo piedoso, dócil, duto, digno. Ora o irmão mais novo, como essas árvores tenras que iludem os cuidados do jardineiro, e se voltam teimosamente para o lado de onde lhes vem o ar e o sol, o irmão mais novo não crescia, não se expandia, não projetava belos traços copados e luxuriantes senão do lado da preguiça, da ignorância e da devassidão. Era um verdadeiro diabo, muito fora da ordem, o que fazia carregar o sobrolho a Dom Cláudio, mas muito velhaco e muito fino, o que fazia sorrir o irmão mais velho. Cláudio entregara-o a esse mesmo colégio de Torchi onde passara os seus primeiros anos no estudo e no recolhimento; e era para ele bem doloroso que esse santuário, que outrora o nome de Frollo exaltara, hoje o envergonhasse. Por vezes pregava a Jehan sermões muito compridos e muito severos, que este apanhava intrepidamente. Afinal de contas, o valdevinos tinha bom coração, como aliás se vê em todas as comédias. Mas, passado o sermão, nem por isso deixava de seguir tranquilamente o curso das suas sedições e das suas enormidades.

Por tudo isso Cláudio, contristado e desanimado nas suas afeições humanas, lançara-se, com mais ardor nos braços da ciência, essa irmã que ao menos nos não ri na cara e que nos paga sempre, se bem que algumas vezes em moeda um

tanto cerceada, os cuidados que por ela temos. Tornou-se pois mais e mais sábio, e ao mesmo tempo, por uma consequência natural, cada vez mais rígido como padre, cada vez mais triste como homem.

Algumas pessoas graves afirmaram que, depois de ter esgotado o *fas* do saber humano, ele ousara penetrar no *nefas*[\[32\]](#). Tinha, diziam, provado sucessivamente todos os pomos da árvore da inteligência, e, fome ou fastio, acabara por morder o fruto proibido.

Todos os manjares permitidos e aprovados que as quatro grandes cozinhas chamadas as quatro faculdades podiam preparar e servir a uma inteligência, tinha-os ele devorado e a saciedade viera-lhe antes que a fome se lhe mitigasse. Então cavara mais adiante, mais fundo, por debaixo dessa ciência acabada, material, limitada; arriscara talvez a alma, e assentara-se na caverna à mesa misteriosa dos alquimistas, dos astrólogos, dos herméticos. Era pelo menos o que se supunha, com ou sem razão.

É certo que o arcediogo visitava muitas vezes o cemitério dos Santos Inocentes onde seu pai e sua mãe tinham sido enterrados, como as outras vítimas da peste de 1466; mas é verdade que parecia ter menos devoção com a cruz da sua sepultura do que com as figuras estranhas de que estava carregado o túmulo de Nicolau Flamel e Cláudio Ternelle, construído logo ao lado.

É certo que muitas vezes o viram caminhar ao longo da rua dos Lombardos e entrar furtivamente numa pequena casa que formava a esquina da rua dos Escritores e da rua Marivault. Era a casa que Nicolau Flamel construía e onde morrera em 1417, e que, sempre devoluta desde então, começava já a cair em ruínas, tanto os herméticos e os alquimistas de todos os países lhe tinham gasto os muros, só com gravar neles os seu nomes. Alguns vizinhos mesmo afirmavam terem visto uma vez, por um postigo, o arcediogo Cláudio cavando, mexendo e removendo terra nos dois subterrâneos cujos pilares tinham sido cobertos de versos e de hieróglifos sem número pelo próprio Nicolau Flamel. Supunha-se que Flamel tinha escondido a pedra filosofal nesses subterrâneos, e os alquimistas, durante dois séculos, não se cansaram de rebuscar o solo senão quando a casa, tão cruelmente pesquisada e revolvida, terminou por se lhe desfazer em poeira debaixo dos pés.

É certo ainda que o arcediogo fora assaltado de uma paixão singular pela portaria simbólica de Nossa Senhora, essa página de magia escrita em pedra pelo bispo Guilherme de Paris, o qual sem dúvida foi condenado por ter dado um tão infernal frontispício ao santo poema que canta eternamente o resto do edifício. O arcediogo Cláudio passava também por ter profundado o colosso de São

Cristóvão e aquela comprida estátua enigmática que então se erguia à entrada do adro, e que o povo chamava por mofa o *Senhor Legris*. Mas o que toda a gente tinha podido notar eram as intermináveis horas que muitas vezes gastava, assentado no parapeito do adro, em contemplar as esculturas da portaria, examinando ora as virgens loucas com as lâmpadas voltadas, ora as virgens sensatas com as lâmpadas direitas; outras vezes calculando o ângulo dos olhos do corvo que há na portaria da esquerda e que mira na igreja um ponto misterioso onde está certamente escondida a pedra filosofal, se ela não está no subterrâneo de Nicolau Flamel. Era, digamo-lo de passagem, um singular destino para a Igreja de Nossa Senhora, naquela época, o ser assim tão amada em dois graus diferentes, e com tanta devoção, por dois entes tão dissemelhantes como Cláudio e Quasimodo. Amada por um, espécie de semi-homem instintivo e selvagem, pela sua beleza, pela sua estatura, pelas harmonias que ressaltam de seu magnífico conjunto; amada pelo outro, imaginação sábia e apaixonada, pela sua significação, pelo seu mito, pelo sentido que ela contém, pelo símbolo espalhado, pelas esculturas da sua fachada, numa palavra, pelo enigma que eternamente oferece à inteligência.

É certo finalmente que o arcediogo se alojara, naquela das duas torres que olha para a Greve, mesmo ao lado da gaiola dos sinos, numa cela pequena, muito secreta, onde ninguém entrava, nem mesmo o bispo, dizia-se, sem sua licença. O que esta cela encerrava, ninguém o sabia, mas tinha muitas vezes sido visto das bandas do Terrain, de noite, num pequeno postigo que dava sobre as traseiras da torre, aparecer e reaparecer a intervalos curtos e iguais um clarão vermelho, intermitente, extravagante, que parecia seguir as aspirações ofegantes dum fole, e provir mais de uma chama que de uma luz. Na sombra, naquela altura, fazia isso um singular efeito e as boas mulheres diziam: « Olha o arcediogo a soprar! É o fogo do inferno a arder lá em cima.»

Não havia em tudo isto, afinal de contas, grandes provas de feitiçaria, mas no entanto era fumo bastante para fazer supor fogo, e o arcediogo tinha uma reputação bastante esquisita. Devemos não obstante dizer que as ciências do Egito, que a nigromancia, que a magia, mesmo a mais branca e a mais inocente, não tinham inimigo mais declarado, denunciante mais impiedoso para com os senhores da oficialidade de Nossa Senhora. Ou fosse sincero horror ou fingimento, isso não impedia que o arcediogo fosse considerado pelas douts cabeças do capítulo como uma alma vagueando pelo vestibulo do inferno, perdido nos antros da cabala, apalpando as trevas das ciências ocultas. O povo também se não enganava com isso; para quem tinha alguma esperteza, Quasimodo passava pelo demónio, Cláudio Frolo pelo feiticeiro. É evidente que o sineiro devia servir o arcediogo durante um certo tempo, findo o qual este lavar-lhe-ia a alma em guisa de pagamento. Por isso o arcediogo estava, apesar da

excessiva austeridade da sua vida, em fraco cheiro de santidade entre as boas almas; não havia nariz de devota por pouco experimentada que fosse que não lhe cheirasse a mágico.

E se, envelhecendo, se tinham formado abismos na sua ciência, tinham-se também formado no seu coração. De onde lhe vinha essa larga fronte calva, essa cabeça sempre inclinada, esse peito sempre ofegante de suspiros? Que secreto pensamento lhe fazia crispar a boca com tanta amargura ao mesmo tempo que as suas sobranceiras franzidas se aproximavam como dois toiros que vão lutar? Porque é que o resto dos seus cabelos estava já grisalho? Que fogo interior era esse que por vezes lhe brilhava nos olhos, a ponto de se assemelharem a uns buracos feitos na parede de uma fornalha?

Estes sintomas de uma violenta preocupação moral tinham sobretudo adquirido um alto grau de intensidade na época em que se passa esta história. Por mais de uma vez um menino do coro largara a fugir cheio de medo por se encontrar só na igreja, tanto o seu olhar era estranho e brilhante. Por mais de uma vez, no coro, à hora dos ofícios, o seu vizinho de cadeira o ouvira misturar ao canto chão parêntesis ininteligíveis.

No entanto redobrava de severidade e nunca fora tão exemplar. Tanto pelo seu estado como pelo seu caráter mantivera-se afastado das mulheres, parecia aborrecê-las mais do que nunca. Só o rugir de um vestuário qualquer de seda lhe fazia cair o capuz sobre os olhos. Era nesse ponto de tal modo cioso de austeridade e reserva, que, quando a *dame* de Beaujeu, filha do rei, foi, no mês de dezembro de 1481, visitar o claustro de Nossa Senhora, opôs-se com gravidade à sua entrada, lembrando ao bispo o estatuto do Livro Negro, datado da vigília de S. Bartolomeu 1334, que proíbe o acesso do claustro a qualquer mulher «velha ou moça, ama ou camareira».

Notava-se a mais que o horror pelos egípcios e pelos *zingari* parecia ter aumentado desde algum tempo. Tinha solicitado do bispo um édito que proibia expressamente às ciganas o vir dançar e tamborilar para a praça do adro, e compulsava desde o mesmo tempo os editais bolorentos do provisorado para reunir os casos de feiticeiros e feiticeiras condenados ao fogo ou à corda por complicitade de malefícios com bodes, bácoros ou cabras.

VI. Impopularidade

O arcediogo e o sineiro, já o dissemos, eram mediocrementemente estimados da burguesia e da arraia miúda das circunvizinhanças da catedral. Quando Cláudio e Quasimodo saíam juntos, o que sucedia frequentes vezes, e que eram vistos atravessar de companhia, o criado seguindo o amo, as ruas frescas, estreitas e sombrias que cercavam a catedral, mais de uma má palavra, mais de uma cantiga irónica, mais de um dichote insultante os inquietava na passagem, a menos que Cláudio Frollo, o que raras vezes acontecia, não caminhasse com a cabeça direita e levantada, mostrando a fronte severa e quase augusta aos chocarreiros confundidos.

Ora era um rapazelho dissimulado que arriscava a pele e os ossos para ter o prazer infável de cravar um alfinete na corcunda de Quasimodo, ora uma bela rapariga, folgazã e mais desembaraçada do que era mister, que se roçava pela sotaina negra do padre, cantando-lhe na cara a sardónica canção: *niche, niche, agarraram o diabo*. Algumas vezes um grupo esquelético de velhas acocoradas na sombra, sobre os degraus de um pórtico, rosnavam ruidosamente na passagem do arcediogo e do sineiro e faziam-lhes, praguejando, este animador cumprimento: «Hum! Aqui vai um que tem a alma feita como o outro tem o corpo!» Ou então era um bando de estudantes que os saudava classicamente com qualquer vaia em latim: *Eia! Eia! Claudius cum claudio!*[\[33\]](#)

Mas as mais das vezes a injúria passava despercebida do padre e do sineiro. Para ouvir todas essas graciosas coisas, Quasimodo era surdo de mais e Cláudio pensador de mais.

Livro quinto

I. Abbas Beati Martini

A fama de Dom Cláudio estendera-se ao longe. Valeu-lha ela, uma visita cuja lembrança ele guardou por muito tempo.

Era de tarde. Acabava ele de se retirar depois da reza para a sua cela canonical do claustro de Nossa Senhora. Esta cela, afora alguns frascos de vidro arrumados a um canto, e cheios de um pó bastante equívoco que se parecia muito com a pólvora de projeção, não oferecia nada de estranho nem misterioso. Havia também aqui algumas inscrições pela parede, mas eram puras sentenças da ciência ou de piedade extraídas dos bons autores. O arcediogo acabava de se assentar, à claridade de um candeeiro de três bicos, de cobre, diante de uma larga banca carregada de manuscritos. Apoiara o cotovelo sobre o livro aberto em par, de Honorius d'Autun, *De prædestinatione et liberio arbitrio*^[34] e folheava com profunda reflexão um in-folio impresso que acabava de trazer, o único produto da imprensa que a sua cela continha. No meio do seu cismar, bateram à porta. — Quem é? — gritou o sábio com o tom gracioso do cão esfaimado ao qual querem tirar um osso.

Uma voz respondeu de fora: — O vosso amigo Jacques Coictier. — Ele foi abrir.

Era efetivamente o médico do rei, personagem de uns cinquenta anos, cuja dura fisionomia só um olhar astuto amaciava. Acompanhava-o um outro homem. Ambos traziam túnicas compridas de cor de lousa, guarnecidas de pele de esquilo, apertadas na cinta e fechadas, e gorros do mesmo estofado e da mesma cor. As mãos desapareciam-lhes por debaixo das mangas, os pés por debaixo das túnicas, os olhos por debaixo dos gorros.

— Que Deus vos ajude, senhores — disse o arcediogo. — Como estava longe de esperar tão honrosa visita a semelhante hora!

E assim falando desta maneira cortês passeava do médico ao seu companheiro um olhar inquieto e perscrutador.

— Nunca é tarde de mais para vir visitar um sábio tão considerado como Dom Cláudio Frollo de Tirechappe — respondeu o doutor Coictier, cujo acento franco-contês fazia arrastar todas as suas palavras com a majestade de um vestido de cauda.

Então começou entre o médico e o arcediogo um desses prólogos congratulativos que nesta época precediam, segundo o uso, toda a conversa entre sábios, o que os não impedia de se detestarem o mais cordialmente deste mundo. O que é facto é que ainda hoje se dá o mesmo: toda a boca de sábio que cumprimenta um outro sábio é em vaso de triaga coberto com mel.

As felicitações de Cláudio Frolo a Jaques Coictier baseavam-se especialmente nas numerosas vantagens temporais que o digno médico tinha sabido extrair, no decurso da sua tão invejada carreira, de cada doença do rei, operação duma alquimia melhor e mais certa do que a busca da pedra filosofal.

— Em verdade, senhor doutor Coictier, que tive grande satisfação em saber do episcopado em que foi investido vosso sobrinho, o meu reverendo senhor Pedro Vêrsé. Não foi nomeado bispo de Amiens?

— Foi, senhor arcediogo, por graça e misericórdia de Deus.

— Sabeis que tínheis magnífica aparência no dia de Natal, à frente da vossa repartição da câmara das contas, senhor presidente?

— Vice-presidente, mestre Cláudio; infelizmente só isso.

— Em que estado vai a vossa soberba casa da rua de Santo André das Artes? É um Louvre. Gosto muito da árvore que está esculpida na porta e que dá lugar a um trocadilho tão gracioso.

— Infelizmente, mestre Cláudio, esta obra custa-me muito dinheiro. Ao passo que a casa se edifica, vou-me eu arruinando.

— Oh! Então não tendes as vossas receitas do cárcere e do bailiado do palácio e a renda de todas as casas, tendas, pousadas e barracas de cintura? Isso é ordenhar uma bela teta.

— A minha castelania de Poissy não me deu nada este ano.

— Mas as vossas portagens de Triel, de São James e de São Germano em Laye, são sempre boas.

— Cento e vinte libras, nem sequer parisis.

— Tendes o vosso cargo de conselheiro do rei. Ordenado fixo.

— É verdade, confrade Cláudio, mas esse maldito senhorio de Polygny, com que fazem tanto barulho, não me rende sessenta escudos de ouro um ano

por outro.

Havia nos cumprimentos que Dom Cláudio fazia a Jaques Coictier o tom sardónico, acre e surdamente motejador, o sorriso triste e cruel de um homem superior e desventurado, que se diverte um momento, por distração com a espessa prosperidade de um homem vulgar. O outro não se apercebia disto.

— Pela minha alma — disse afinal Cláudio, apertando-lhe a mão — que folgo de vos ver de tão boa saúde!

— Obrigado, mestre Cláudio.

— A propósito — observou Dom Cláudio — como vai o vosso real enfermo?

— Não paga o bastante ao seu médico — respondeu o doutor lançando um olhar de través ao seu companheiro.

— Achais, compadre Coictier? — perguntou-lhe o companheiro.

Estas palavras, pronunciadas com o tom da surpresa e da censura fizeram incidir sobre esta personagem desconhecida a atenção do arcediogo, que, a falar a verdade, se não tinha completamente dele desviado um só momento desde que aquele estranho transpusera o limiar da sua cela. Tornaram-se necessárias as mil razões que ele tinha para poupar o doutor Jaques Coictier, o onnipotente médico do rei Luís XI, para que ele o recebesse assim acompanhado. Por isso a sua aparência nada tinha de cordial quando Jaques Coictier lhe disse:

— A propósito, Dom Cláudio, trago vos um confrade em quem a vossa fama criou desejos de ver-vos.

— Este senhor é da ciência? — perguntou o arcediogo fitando o companheiro de Coictier com um olhar penetrante, não achando sobre as sobrancelhas do desconhecido uns olhos menos incisivos e menos desconfiados do que os seus.

Era este, tanto como a débil claridade da lâmpada permitia observar, um velho de cerca de sessenta anos e de estatura mediana, que parecia bastante doente e alquebrado. O seu perfil, se bem que de uma linha muito burguesa, tinha alguma coisa de poderoso e severo; a pupila cintilava-lhe sob uma arcada superciliária muito cavada, como uma luz no fundo de um antro, e sob o gorro derrubado, caindo-lhe sobre o nariz, adivinhavam-se os sinais de uma frente de génio.

Ele próprio se encarregou de responder à pergunta do arcediogo:

— Reverendo mestre — disse em tom grave — a vossa fama chegou até mim e quis consultar-vos. Sou apenas um fidalgo de província que tira os sapatos antes de entrar em casa dos sábios. É preciso que saibais o meu nome. Chamome o compadre Tourangeau.

— Singular nome para um fidalgo! — pensou o arcediogo. No entanto sentia-se perante alguma coisa forte e séria. O instinto da sua alta inteligência, fazia-lhe adivinhar uma outra não menos alta sob o gorro guarnecido de peles do compadre Tourangeau; e atentando naquele rosto grave, o sorriso irónico em que a presença de Jaques Coictier lhe fizera crisar os lábios melancólicos, desvaneceu-se a pouco e pouco como o crepúsculo num horizonte de noite.

Voltara a sentar-se sombrio e silencioso na sua grande poltrona; o cotovelo retomou o seu lugar do costume sobre a mesa e a testa sobre a mão. Depois de alguns momentos de meditação fez sinal aos dois visitantes que se sentassem e dirigiu a palavra ao compadre Tourangeau.

— Vindes consultar-me, mestre, e sobre que ciência?

— Reverendo — respondeu o compadre Tourangeau — estou doente, muito doente. Dizem que sois grande Esculápio e vim pedir-vos um conselho de medicina.

— Medicina! — repetiu o arcediogo meneando a cabeça. — Encontrareis a minha resposta gravada na parede: «*A medicina é filha dos sonhos.* — JAMBLIQUE.»

O doutor Jaques Coictier ouvira a pergunta do companheiro com um despeito que a resposta de Dom Cláudio aumentara. Achegou-se ao ouvido do compadre Tourangeau, e disse-lhe, bastante baixo para não ser ouvido pelo arcediogo:

— Tinha-vos prevenido de que era um doido. Quisestes vê-lo!

— É que bem pode ser que tenha razão este doido, doutor Jaques — respondeu o compadre no mesmo tom e com um sorriso amargo.

— Como for do vosso agrado — replicou Coictier secamente. Depois, dirigindo-se ao arcediogo: — Sois expedito na resposta, Dom Cláudio, e importai-vos tanto com Hipócrates como um macaco com uma avelã. A medicina, um sonho! Sem dúvida que os farmacopolas se aqui estivessem não se conteriam que

vos não apedrejassem. Negais então a influência dos filtros, sobre o sangue, dos unguentos sobre a carne! Negais essa eterna farmácia de flores e de metais que se chama o homem!

— Não nego — disse friamente Dom Cláudio — nem a farmácia, nem o doente. Nego o médico.

— Então não é verdade — respondeu Coictier calorosamente — que gota é uma herpes interior, que se cura uma ferida de artilharia com um rato assado, que um sangue novo convenientemente infundido restitui a mocidade a veias gastas; não é verdade que dois e dois fazem quatro e que o *emprostatomos* sucede ao *opistatomos*.

O arcediago respondeu sem se perturbar:

— Há coisas das quais penso de certo modo.

Coictier tornou-se vermelho de cólera.

— Então, então, meu bom Coictier, não nos zanguemos — disse o compadre Tourangeau. — O senhor arcediago é nosso amigo.

Coictier sossegou resmungando a meia voz:

— Afinal de contas, é um doido.

— Com a breca, mestre Cláudio — disse o compadre Tourangeau — que muito me contrariais. Tinha duas consultas a fazer-vos, uma que respeitava à minha saúde, outra que respeitava à minha estrela.

— Senhor — respondeu o arcediago — se é esse o vosso pensamento teríeis feito melhor de vos não cansardes em subir os degraus da minha escada. Não creio na medicina. Não creio na astrologia.

— Em verdade! — disse o compadre com surpresa.

Coictier ria com um riso forçado.

— Bem vedes que é doido — disse ele baixinho ao compadre Tourangeau. — Não acredita na astrologia!

— O meio de imaginar — prosseguiu Dom Cláudio — que cada raio de estrela é um fio que se prende na cabeça de um homem!

— E em que acreditais pois? — exclamou o compadre Tourangeau.

O arceidiago ficou por um momento indeciso, depois assomou-lhe aos lábios um sorriso sombrio que parecia desmentir a sua resposta: — *Credo in Deum*.

— *Dominam nostrum* — acrescentou o compadre Tourangeau fazendo o sinal da cruz.

— *Ámen* — disse Coictier.

— Reverendo mestre — atalhou o compadre — muito folgo de vos ver em tão boa religião. Mas grande sábio como sois, chegastes a ponto de não acreditar na ciência?

— Não — disse o arceidiago agarrando no braço do compadre Tourangeau, e um relâmpago de entusiasmo se acendeu na sua pupila amortecida — não, eu não nego a ciência. Não andei de rastros por tanto tempo, não gastei as unhas pela terra através das inúmeras ramificações da caverna sem descobrir ao longe, diante de mim, no cabo da obscura galeria, uma luz, uma chama, alguma coisa, o reflexo sem dúvida, do cintilante laboratório central onde os pacientes e os sábios surpreenderam Deus.

— E finalmente — interrompeu Tourangeau — que coisa tendes por verdadeira e certa?

— A alquimia.

— Por Deus, Dom Cláudio — exclamou Coictier — que a alquimia tem a sua razão sem dúvida, mas para que blasfemar da medicina e da astrologia?

— Nada, a vossa ciência do homem! Nada a vossa ciência do Céu! — disse o arceidiago com império.

— E tratar belamente Epidaurus e a Caldeia — replicou o médico motejando.

— Ouvi, messire Jacques. Isto é dito de boa fé.

— Não sou médico do rei nem sua majestade me deu o jardim de Dédalo para dali observar as constelações... Não vos irriteis e ouvi-me... Que verdade alcançastes, já não digo da medicina, que é coisa reconhecidamente louca, mas da astrologia? Citaí-me.

— Estudei a hermética — bradou Coictier — e afirmo...

O fogoso arcediogo não o deixou concluir:

— Estudei a medicina, a astrologia e a hermética. Aqui somente está a verdade (falando assim tomara de sobre a arca um frasco cheio daquele pó de que já acima falámos), aqui somente está a luz! Hipócrates, é um sonho; Urânia, é um sonho; Hermes é um pensamento. O ouro é o sol; fazer ouro, é ser Deus. Eis a única ciência. Sondei a medicina e a astrologia, afianço-vo-lo! Nada, nada. O corpo humano, trevas; os astros, trevas!

E caiu sobre a poltrona numa atitude imponente e inspirada. O compadre Tourangeau observava-o em silêncio. Coictier esforçava-se por motejar, encolhia imperceptivelmente os ombros e repetia em voz baixa:

— Um doido!

— E — disse de repente Tourangeau — tocaste o alvo mirífico? Fizeste ouro?

— Se o tivesse feito — respondeu o arcediogo articulando lentamente as palavras como um homem que reflexiona — o rei de França chamar-se-ia Cláudio e não Luís.

O compadre carregou o sobrolho.

— Que digo eu? — continuou Dom Cláudio com um sorriso de desdém. — De que me serviria o trono de França quando eu poderia reedificar o império do Oriente!

— Ainda bem! — disse o compadre.

— Oh! Pobre louco! — murmurou Coictier.

O arcediogo prosseguiu parecendo não responder senão aos seus pensamentos:

— Mas não, rojo-me ainda; rasgo a fronte e os joelhos nas pedras da via subterrânea. Entrevejo, não contemplo! Não leio, soletro!

— E quando souberdes ler — perguntou o compadre — fareis ouro?

— Quem o duvida? — disse o arcediogo.

— Nesse caso, Nossa Senhora sabe que tenho necessidade de dinheiro e eu muito desejava aprender a ler nos vossos livros. Dizei-me, reverendo mestre, a

vossa ciência é inimiga ou desagradável a Nossa Senhora?

A esta pergunta do compadre, Dom Cláudio contentou-se em responder com tranqüila altivez:

— De quem sou eu arceidiago?

— Isso é verdade, meu mestre. Pois bem! Não vos servireis iniciar-me? Fazei-me soletrar convosco.

Cláudio tomou a atitude majestosa e pontifical de um Samuel.

— Velho, carecem-se de mais longos anos do que vos restam para empreender essa viagem através das causas misteriosas.

A vossa cabeça está bem grisalha! Da caverna só se sai com os cabelos brancos, mas só lá se entra com eles pretos.

— Quais são os vossos livros?

— Aqui tendes um — disse o arceidiago.

E, abrindo as portadas da janela, designou com o dedo a imensa igreja de Nossa Senhora, que recortando sob um céu estrelado a silhueta negra das suas duas torres, que das suas ilhargas de pedra e do seu dorso monstruoso, se assemelhava a uma enorme esfinge com duas cabeças, assentada no meio da cidade.

O arceidiago considerou algum tempo em silêncio o gigantesco edifício, depois, estendendo com um suspiro a mão direita para o livro impresso que estava aberto sobre a mesa e a mão esquerda para Nossa Senhora, e passeando um triste olhar do livro para a igreja: — Infelizmente — disse ele — isto acabará com aquilo.

Coictier, que se aproximara avidamente do livro, não pôde deixar de exclamar: — Como? Que há de terrível nisto? *Glossa in epistolas D. Pauli Norimbergae, Antunias Kopurger*. 1474. Não é novo. É um livro de Pedro Lombardo, o Mestre das Sentenças, É por ser impresso?

— Bem o dizeis — respondeu Cláudio, que parecia absorto em profunda meditação e se conservava de pé apoiando o index sobre o in-folio saído das famosas imprensas de Nuremberga. Depois acrescentou estas palavras misteriosas: — Infelizmente! Infelizmente! As pequenas coisas vencem as grandes; um dente triunfa de uma massa; o rato do Nilo mata o crocodilo; o

espadarte mata a baleia; o livro matara o edificio.

O toque de recolher do claustro soou no momento em que o doutor Jacques repetia baixinho ao companheiro o seu eterno estribilho: — É doido. — Ao que o companheiro respondeu desta vez: — Creio que sim.

Era a hora em que estranho algum não podia permanecer no claustro. — Mestre — disse o compadre Tourangeau ao despedir-se do arcediago — sou amigo dos sábios e dos grandes espíritos e consagro-vos singular estima. Ide amanhã ao palácio das Tournelles e perguntai pelo abade de São Martinho de Tours.

O arcediago voltou para a sua cela estupefacto, compreendendo afinal que personagem era esse compadre Tourangeau e lembrando-se da passagem do cartulário de São Martinho de Tours que diz: *Abbas beati Martini, SILICET REX FRANCIAE, cit canonicus de consuetudine et habet parvam præbendam quam habet santus Venatius et debet sedere in sede thesaurarii.*[\[35\]](#)

Afirmava-se que depois dessa época, o arcediago tinha frequentes conferências com Luís XI quando sua majestade vinha a Paris, e que o crédito de Dom Cláudio fazia sombra o Oliveira o Gamo e a Jacques Coictier, que segundo o seu costume, tratava por isso desabridamente o rei.

II. Isto acabará com aquilo

Perdoem-nos as leitoras de nos determos um momento para inquirir qual podia ser o pensamento que se escondia sob estas palavras enigmáticas do arcediágo; *Isto acabará com aquilo. O livro acabará com o edifício.*

A nosso ver, este pensamento tinha duas faces. Era primeiro um pensamento de padre. Era o receio do sacerdócio em frente de um agente novo, a imprensa. Era o espanto e o deslumbramento do homem do santuário em frente do prelo luminoso de Gutenberg. Era o púlpito e o manuscrito, a palavra falada impressa; alguma coisa de semelhante ao pasmo de um pardal que visse o anjo Légion abrir os seus seis milhões de asas. Era o grito do profeta que ouve já sussurrar e formigar a humanidade emancipada, que vê no futuro a inteligência a minar a fé, a opinião destronar a crença, o mundo sacudir Roma. Prognóstico do filósofo que vê o pensamento humano, volatilizado pela imprensa, evaporar-se do recipiente teocrático. Terror do soldado que examina o ariete de bronze e que diz — A torre há de cair. Isso significava que uma potência ia suceder a uma outra potência. Isso queria dizer — A imprensa acabará com a igreja.

Mas sob este pensamento, indubitavelmente o primeiro e o mais simples, havia, na nossa opinião, um outro mais novo, um corolário do primeiro, mais fácil de descobrir e mais fácil de contestar, uma vista igualmente filosófica, não já só do padre, mas do sábio e do artista. Era pressentimento que o pensamento humano, mudando de forma, ia mudar de modo de expressão; que a ideia capital de cada geração se não escreveria mais com a mesma matéria e da mesma maneira; que o livro de pedra, tão sólido e tão duradouro, ia dar lugar ao livro de papel mais sólido e mais duradouro ainda. Sob este ponto de vista, a vaga fórmula do arcediágo tinha um segundo sentido: significava que uma arte ia destronar uma outra arte. Ela queria dizer: — A imprensa acabara com a arquitetura.

O pensamento humano descobrira um meio de se perpetuar não só mais duradouro e mais resistente que a arquitetura mas ainda mais simples e mais fácil. A arquitetura é destronada. Às letras de pedra de Orfeu vão suceder as letras de chumbo de Gutenberg.

O livro vai acabar com o edifício.

A invenção da imprensa é o maior acontecimento da história. É a revolução mãe. É o modo de expressar da humanidade que se renova totalmente, é o pensamento humano que larga uma forma e veste outra, é a completa e

definitiva mudança de pele dessa serpente diabólica que, desde Adão, representa a inteligência.

Sob a forma imprensa, o pensamento é mais imorredoiro que nunca; é volátil, impalpável, indestrutível. Mistura-se com o ar. No tempo da arquitetura, fazia-se montanha e apoderava-se potentemente de um século e de um lugar. Agora faz-se bando de aves, espalha-se pelos quatro ventos, e ocupa a um tempo todos os pontos do ar e do espaço.

De novo o dizemos, quem não vê que deste modo ele é bem mais indelével? De sólido que era torna-se vivaz. Passa da duração à imortalidade. Pede demolir-se uma massa, mas como extirpar a ubiquidade? Venha um dilúvio, que a montanha terá desaparecido há muito sob as vagas, e as aves voarão ainda; e se uma única arca flutuar à superfície do cataclismo, elas lá irão pousar, sobrenadarão com ela, assistirão com ela à descida das águas e o novo mundo que sair desse caos verá, ao despertar, adejar por cima dele, alado e vivo, o pensamento do mundo submergido.

E quando se observa que esse modo de expressar é não só o mais conservador, mas também o mais simples, o mais cómodo, o mais praticável de todos, quando se pensa que não arrasta após si pesada bagagem, que não traz consigo complicados aprestos, quando se compara o pensamento obrigado para se traduzir em um edifício, a pôr em movimento quatro ou cinco artes e tulhas de ouro, uma montanha de pedras, uma floresta de madeiros, um povo de operários, quando se compara com o pensamento que se faz livro e ao qual basta um pouco de papel, uma pouca de tinta e uma pena, que admiração faz que a inteligência humana deixasse a arquitetura pela imprensa? Corte-se bruscamente o leito primitivo de um rio de um canal aberto abaixo do seu nível, que o rio abandonará o seu leito.

Veja-se como a partir da descoberta da imprensa a arquitetura fenece a pouco e pouco, se atrofia e se desnuda. Como se sente que a água baixa, que seiva foge, que o pensamento dos tempos e dos povos se retira dela! O resfriamento é quase que insensível no século quinze, a imprensa é débil ainda e tira quando muito à potente arquitetura uma superabundância de vida. Mas desde o século quinze, a enfermidade da arquitetura é visível; já não exprime essencialmente a sociedade; faz-se miseravelmente arte clássica; de gaulesa, de europeia, de indígena, torna-se grega e romana, de verdadeira e moderna, pseudo-antiga. É a essa decadência a que se chama Renascença. Decadência magnífica alias, porque o velho génio gótico, esse sol que se esconde por detrás do gigantesco prelo de Mogúncia, banha ainda algum tempo com os seus últimos raios todo esse amontoado híbrido de arcadas latinas e colunas coríntias.

É esse sol poente que tomamos por uma aurora.

No entanto, do momento em que a arquitetura não é mais do que uma arte como qualquer outra, desde que já não é arte total, a arte soberana, a arte tirânica, deixou de ter a força de subjugar as outras artes. Emancipam-se então, quebram o jugo do arquiteto e caminham cada uma para o seu lado. Todos ganham com este divórcio. O isolamento engrandece tudo. A escultura torna-se estatuária, a decoração torna-se pintura, o cânone torna-se música. Dir-se-ia um império que se desmembra com a morte do seu Alexandre e cujas províncias se fazem reinos.

Daí Rafael, Miguel Ângelo, João Goujon, Palestrina, os esplendores do brilhante século dezasseis.

Ao mesmo tempo que as artes, o pensamento emancipa-se de todos os lados. Os heresiarcas da Idade Média tinham já dado largos golpes no catolicismo. O século dezasseis quebra a unidade religiosa. Antes da imprensa, a reforma era apenas um cisma, a imprensa tornou-a revolução. Retirem a imprensa, a heresia enerva-se. Ou fatal ou providencial, Gutenberg é o precursor de Lutero.

No entanto, quando o sol da Idade Média se escondeu completamente, quando o génio gótico se extinguiu no horizonte da arte, a arquitetura começou a desbotar, a descobrir-se, desvanecendo-se mais e mais. O livro impresso, o verme roedor do edifício, suga-a e devora-a. Desnuda-se, desfolha-se, emagrece a olhos vistos. Amesquinha-se, empobrece, anula-se. Não exprime mais coisa alguma, nem mesmo a recordação da arte de outro tempo. Reduzida a si própria, abandonada das outras artes, porque o pensamento humano a abandona, chama trabalhadores à falta de artistas. O vidro liso substitui a vidraça colorida. O aparelhador de pedra sucede ao escultor. Adeus seiva, originalidade, vida, inteligência. Arrasta-se, lamentosa, mendiga de oficina, de cópia em cópia. Miguel Ângelo, que desde o século dezasseis a sentia sem dúvida morrer, tinha tido uma última ideia, uma ideia de desespero. Esse Titã da arte tinha posto o Panteão sobre o Partenon e feito S. Pedro de Roma. Grande obra que merecia ficar única, última originalidade da arquitetura, rubrica de um artista gigante no fim do colossal registo de pedra que se encerrava. Morto Miguel Ângelo, que fez essa miserável arquitetura que sobrevivia a si própria no estado de espetro e de sombra? Toma S. Pedro de Roma e copia-o, e parodia-o. É uma mania. É uma lastima. Cada século tem o seu S. Pedro de Roma: no século dezasete, o Val de Grace, no século dezoito, Santa Genoveva. Cada país tem o seu S. Pedro de Roma, Londres tem o seu, Petersburgo tem o seu. Paris tem dois ou três. Testamento insignificante, últimos disparates de uma grande arte decrépita que

volve à infância antes de morrer.

Se em vez de monumentos caraterísticos como esses de que acabámos de falar, nós examinarmos o aspeto geral da arte do século dezasseis ao século dezoito, observamos os mesmos fenómenos de decrescimento e de ética. A partir de Francisco II, a forma arquitetura! Do edifício desvanece-se mais e mais e deixa salientar-se a forma geométrica, como a estrutura óssea dum doente magro. As belas linhas da arte cedem o lugar às frias e inexoráveis linhas do géometra. Um edifício já não é um edifício, é um poliedro. Contudo, a arquitetura esforça-se por esconder essa nudez. Vem o frontão grego que se inscreve no frontão romano, e reciprocamente. É sempre o Panteão no Partenon, S. Pedro de Roma. Vêm as casas de tijolos de Henrique IV com as esquinas de pedra; a praça Real, a praça Delfina. Vêm as igrejas de Luís XIII, pesadas, baixas, abatidas, chatas, carregadas com um zimbório como com uma corcunda. Vem a arquitetura mazatina, o mau *pasticcio* italiano das Quatro Nações. Vêm os palácios de Luís XIV, compridas casernas de cortesãos, hirtas, glaciais, enfadonhas. Vêm finalmente Luís XV com as chicórias, e com as aletrias e com todas as verrugas e com todos os fungos que desfiguram esta velha arquitetura caduca, desdentada e presumida. De Francisco II a Luís XV, o mal cresceu em progressão geométrica. A arte só tem a pele sobre os ossos. Agoniza miseravelmente.

E que é feito da imprensa? Toda esta vida que foge vai para ela. Ao passo que a arquitetura baixa, a imprensa inflama-se e cresce. O capital de forças que o pensamento humano gastava em edifícios, gasta-o de ora em diante em livros. Por isso no século dezasseis, a imprensa, que se elevou ao nível da arquitetura que decresce, luta com ela e mata-a. No século dezoito, é já bastante soberana, bastante vitoriosa, bastante segura do seu triunfo para dar ao mundo a festa de um grande século literário. No século dezoito, por muito tempo em descanso na corte de Luís XIV, sobraça de novo a velha espada de Lutero, arma com ela Voltaire, e corre, tumultuosa, ao ataque dessa antiga Europa de quem ela já matou a expressão arquitetural. No momento em que o século dezoito vai acabar, ela destrói tudo. No século dezanove vai reconstruir.

Perguntamos nós agora: qual das duas artes representa realmente, desde há três séculos, o pensamento humano? Qual o traduz? Qual exprime, não só as suas feições literária e escolástica, mas o seu vasto, profundo, universal movimento? Qual se sobrepõe constantemente, sem rutura e sem lacuna, ao género humano, que caminha, monstro de mil pés? A arquitetura ou a imprensa?

A imprensa indubitavelmente, porque a arquitetura morreu, sem remissão, às mãos do livro impresso, porque ela dura menos, porque ela custa mais caro.

Uma catedral é um bilião. Imagine-se agora que empregos de fundos seria necessário para escrever de novo o livro arquitetura; para fazer formigar de novo, sobre o solo, milhares de edifícios; para voltar às épocas onde a quantidade dos monumentos era tal que no dizer de uma testemunha ocular « se julgaria que o mundo se tinha sacudido e atirado fora com os vestidos velhos para se cobrir com uma capa branca de igreja» *Erat enim ut si mundus, ipse excutiendo semet, relecta vetustate, candidam ecclesiarum vestem indurect*, (GLABER RADULPHUS).

Um livro faz-se tão depressa, custa tão pouco e pode ir tão longe! Que admira pois que todo o pensamento corra por esse declive! Isto não quer dizer que a arquitetura deva ter aqui e ali um belo monumento, uma obra prima isolada. Poder-se-á ainda ter de tempos a tempos, sob o reinado da imprensa, uma coluna feita, suponho eu, por todo um exército, com canhões amalgamados como havia, sob o reinado da arquitetura, Iliadas e Romanceros, Mahabarata e Nibelungos, feitos por todo um povo com rapsódias amontoadas e fundidas. A grande manifestação de um arquiteto de génio poderá aparecer no século vinte, como a de Dante no século treze. Mas a arquitetura não mais será a arte social, a arte coletiva, a arte dominante. O grande poema, o grande edifício, a grande obra da humanidade não se construirá mais, imprimir-se-á.

E depois, se a arquitetura se levantar de novo acidentalmente, não será mais a dominadora. Aplicar-se-lhe-á a lei da literatura que outrora a recebia dela. As posições respetivas das duas artes serão invertidas. É certo que na época arquitetural os poemas, raros, é verdade, se assemelham aos monumentos. Na Índia, Viassa é copado, estranho, impenetrável como um pagode. No Oriente egípcio, a poesia tem, como os edifícios, a grandeza e a tranquilidade das linhas; na Grécia antiga, a beleza, a serenidade, o sossego; na Europa cristã, a majestade católica, a singeleza popular, a rica e luxuriante vegetação de uma época de renovação. A Bíblia assemelha-se às Pirâmides, a Iliada ao Partenon, Homero a Fídias. Dante no século treze, é a última igreja romana; Shakespeare no século dezasseis, a última catedral gótica.

Assim resumido o que até aqui temos dito de um modo necessariamente completo e truncado, o género humano tem dois livros, dois registos, dois testamentos, a arquitetura e a imprensa, a Bíblia de pedra e a Bíblia de papel. Sem dúvida, quando se contemplam, essas duas biblias tão largamente abertas nos séculos, é permitido ter saudades da majestade visível da escritura de granito, esses gigantescos alfabetos formulados em colunatas, em pilones, em obeliscos, essas espécies de montanhas humanas que cobrem o mundo e o passado desde a pirâmide até ao campanário, de Quéops a Estrasburgo. É preciso reler o passado sobre essas páginas de mármore. É necessário admirar e folhear

incessantemente o livro escrito pela arquitetura, mas não se deve negar a grandeza do edifício que por seu turno a imprensa ergue.

O prelo, a máquina gigante, que suga sem repouso toda a seiva intelectual da sociedade, vomita incessantemente novos materiais para a sua obra. Todo o género humano trabalha. Cada espírito é um operário. O mais humilde tapa um buraco ou depõe a sua pedra. Um outro traz o seu cesto de argamassa. Todos os dias se faz uma nova fiada. Independente do concurso original e individual de cada escrito, há contingentes coletivos. O século dezoito dá a *Enciclopédia*, a Revolução dá o *Monitor*. Incontestavelmente é esta uma construção que cresce e se levanta em espirais sem fim; lá há também confusão de línguas, atividade incessante, labor infatigável, concurso incansável, da humanidade inteira, refúgio prometido à inteligência contra um novo dilúvio, contra uma submersão de bárbaros. É a segunda torre de Babel do género humano.

Livro sexto

I.

Vista de olhos imparcial sobre a antiga magistratura

Era uma felicíssima personagem, no ano de graça de 1482, o nobre homem Roberto de Estouteville, cavaleiro, senhor de Beyne, barão de Ivry e São Andry na Marche, conselheiro e camarista do rei e guarda do prebostado de Paris. Havia já quase dezassete anos que recebera do rei, em 7 de novembro de 1465, o ano do cometa, o belo cargo de preboste de Paris, que era reputado mais senhorio que officio.

No mesmo dia em que Roberto de Estouteville tinha substituído Jaques de Villiers no prebostado de Paris, mestre Jehan Dauvet substituiu *messire* Hélye de Thorrettes na primeira presidência da corte do parlamento, Jehan Jouvenel dos Ursinos suplantava Pedro de Morvilliers no officio de chanceler de França, Regnault des Durmans punha fora Pedro Puy, do cargo de referendário ordinário da casa do rei. Ora por quantas cabeças a presidência, a chancelaria e as outras dignidades tinham andado desde que Roberto d'Estouteville tinha o prebostado de Paris! Fora-lhe *dado em guarda*, diziam as cartas patentes, e com certeza que o guardava bem. Agarrara-se a ele, incorporara-se nele e com ele se identificara, pois que tinha conseguido escapar à fúria de mudança que acometia Luís XI, rei desconfiado, impertinente e trabalhador, que porfiava em conservar, por nomeações e demissões frequentes, a elasticidade do seu poder.

E não só *messire* Roberto d'Estouteville tinha a sua justiça particular de preboste e visconde de Paris, mas também tinha parte na grande justiça do rei. Não havia cabeça um tanto elevada que lhe não passasse pelas mãos antes de ir parar às do carrasco. Tinha sido ele quem fora buscar à Bastilha de Santo António, para o acompanhar às Halles, o senhor de Nemours; para o levar à Greve o senhor de Saint Pol, que resistia e gritava com grande gáudio do senhor preboste, que não era afeiçoado ao senhor condestável!

No entanto, com tantos motivos para suportar paciente e alegremente a vida, *messire* Roberto de Estouteville acordara, na manhã de 7 de Janeiro de 1482, muito carrancudo e de muito mau humor. De onde provinha tudo isso? é o que nem ele mesmo poderia dizer. Estaria o céu pardacento? A fivela de seu velho cinturão de Montlhéry estava mal apertada e fazia sangrar militarmente de mais a sua rotundidade de preboste? Teria visto passar pela rua, por debaixo das janelas, alguns malandrins a troçá-lo, caminhando aos quatro, de gibão sem camisa, de chapéu sem fundo, de alforge e garrafa ao lado? Seria vago pressentimento das trezentas e setenta libras, dezasseis soldos e oito dinheiros que o futuro rei Carlos VIII devia, no ano seguinte, cercear às rendas do prebostado?

O leitor pode escolher; pela nossa parte inclinamo-nos a crer simplesmente que estava de mau humor, porque estava de mau humor.

Depois era o dia imediato a uma festa, dia de aborrecimento para toda a gente e principalmente para o magistrado encarregado de varrer todas as imundícies ao próprio e ao figurado, que faz uma festa em Paris. Além disso tinha sessão no Grande Châtelet. Ora já temos observado que os juízes geralmente se arranjam de modo que o seu dia de audiência seja também o dia do seu mau humor, para ter alguém sobre quem descarreguem comodamente, em nome do rei, a lei e a justiça.

No entanto, a audiência começara sem ele. Os seus substitutos no cível, no criminal e no particular, faziam as suas vezes, segundo o uso, e desde as oito horas da manhã algumas dezenas de burgueses e de burguesas, entalados e apertados num canto escuro do tribunal de Embas du Châtelet entre uma forte barreira de carvalho e de parede, assistiam com recolhimento ao espetáculo variado e divertido da justiça civil e criminal, administrada por mestre Florian Barbedienne, auditor no Châtelet, substituto do senhor preboste, um tanto atrapalhadamente e perfeitamente ao acaso.

A sala era pequena, baixa, abobadada. Uma mesa ornada com flores de lis estava colocada ao fundo, com uma grande poltrona de madeira de carvalho esculpido, destinada ao preboste e vazia, e um escabelo à esquerda para o auditor, mestre Florian. Por baixo estava o escrivão, escrevinhando. Em frente, o povo e diante da porta e diante da mesa, muitos archeiros do prebostado, de fardas de camelão cor de violeta com cruces brancas. Dois aguazis do Parloir-aux-Bourgeois, com as suas fardetas de Toussaint, meio vermelhas e azuis, faziam sentinela em frente de uma porta baixa, fechada, que se via ao fundo, por detrás da mesa. Uma única janela ogival, estreitamente encaixilhada na espessa parede, iluminava, com um raio pálido de janeiro, duas grotescas figuras: a do caprichoso demónio de pedra esculpido em florão na chave da abóbada e a do juiz assentado ao fundo da sala sobre as flores de lis.

Imaginem na mesa prebostal, entre duas resmas de processos, apoiado sobre os cotovelos, o pé sobre a cauda da túnica de pano escuro liso, a cara metida na peiça de carneiro branco, de onde parecia que tinham sido tiradas as suas sobrancelhas, vermelha, rabugento, piscando os olhos, ostentando com majestade a gordura das bochechas que se lhe juntavam por debaixo do queixo, mestre Florian Barbedienne, auditor na Châtelet.

Ora o auditor era surdo. Ligeiro defeito para um auditor. Mestre Florian nem por isso deixava de julgar sem apelação e muito congruentemente. É verdade

que basta que um juiz tenha a aparência de ouvir, e o venerável auditor satisfazia tanto melhor esta condição, a única essencial em boa justiça, que a sua atenção não podia ser distraída com ruído algum.

No auditório havia um desapiedado registador das suas ações e gestos na pessoa do nosso amigo Jehan Frolo do Moinho, o estudantinho de ontem, o *pião* que se tinha a certeza de encontrar por toda a parte em Paris, exceto em frente da cátedra dos professores.

— Olha! — dizia ele, em voz baixa, ao seu companheiro Robin Poussepain, que se ria ao seu lado pelos comentários que aquele fazia às cenas que se iam passando aos seus olhos. — Olha Jehanneton do Buisson. A bela filha do madraço do Mercado Novo! Pela minha alma, o velho condena-a! Não tem mais olhos do que orelhas! Quinze soldos e quatro dinheiros parisis por ter rezado dois padressinhos! É um pouco caro. *Lex duris carminis*.[\[36\]](#) Quem é aquele? Robin Chief de Ville, fabricante de armaduras. Por ter sido examinado e nomeado mestre do dito ofício? E a sua patente. Olá! Dois fidalgos entre estes mariolas! Aiglet de Soins, Hutin de Mailly. Dois escudeiros, *corpus Christi*![\[37\]](#) Ah! Jogaram os dados. Quando verei eu aqui o nosso reitor? Cem libras parisis de multa para o rei! O Barbedienne dá para baixo como um surdo que é! Quero ser meu irmão arcediogo, se isso me impede de jogar, de jogar de dia, de jogar de noite, de viver ao jogo, de morrer ao jogo, e de jogar a alma depois da camisa! Virgem Santa, tantas raparigas! Uma atrás da outra, minhas cabrinhas! Ambrósia Lécuyère! Isabeau la Peynette! Béjarde Gironin! Conheço-as todas, meu Deus! Multa! Multa! Isso ensina-vos a usar cintos dourados! Dez soldos parisis! Presumidas! Oh! Focinho velho de juiz! Surdo e imbecil! Oh! Florian bruto! Oh! Barbedienne cavalgada! Lá está ele à mesa! Come do demandista, come do processo, come, mastiga, farta-te, enche-te! Multas, abandonos, impostos, custas, salários, juros, tortura, cadeia, cárcere privado, algemas, e o resto para ele são bolos de Natal e massapães do S. João! Olha para aquele porco! Que é isso? Mais uma mulher de amor? Thibaud la Thibaud, nem mais nem menos! Por ter saído da rua Glatigny! Quem é aquele rapaz? Gieffroy Mabonne, gendarme, besteiro. Blasfemou o nome de Deus! Multa, Teobaldo! Multa, Gieffroy! Multa para ambos! Velho surdo! Baralhaste os dois negócios! Dez contra um em como ele fez pagar a praga à rapariga e o amor ao gendarme! Sentido, Robin Poussepain! Que vão eles fazer entrar? Tantos archeiros! Por Júpiter! Estão ali todos os lebreus da matilha. Deve ser peça grossa. Algum javali, É, Robin, é. E por sinal magnífico! *Hercle*![\[38\]](#) É o nosso príncipe de ontem, o nosso papa dos doidos, o nosso sineiro, o nosso torto, o nosso corcunda, a nossa carranca! É Quasimodo!...

Era, efetivamente.

Era Quasimodo, algemado, manietado, amarrado e com uma forte escolta. A esquadra de aguazis que o cercava era acompanhada pelo cavalheiro da ronda em pessoa, o qual trazia bordadas as armas da França no peito e e as armas da cidade nas costas. Em Quasimodo nada havia, afinal, à parte a sua disformidade, que pudesse justificar esse aparato de alabardas e arcabuzes; estava sombrio, silencioso e tranquilo. Apenas o seu único olho pousava, de tempos a tempos, dissimulada e colericamente, nos laços que o prendiam.

Passou um olhar em derredor, mas tão extinto, tão adormecido, que as mulheres só o apontavam com o dedo para se rir.

Entretanto, mestre Florian, o auditor, folheou com atenção o auto da queixa levantado contra Quasimodo e que lhe apresentou o escrivão, e terminado esse exame pareceu concentrar-se um instante. Graças a essa precaução, que ele tinha sempre o cuidado de tomar quando procedia a um interrogatório, sabia de antemão os nomes, qualidades e defeitos do acusado, fazia réplicas previstas a respostas igualmente previstas e conseguia livrar-se de todas as sinuosidades do interrogatório sem deixar adivinhar muito a sua surdez. O auto do processo era para ele o cão do cego. Se sucedia por acaso o denunciar-se a sua enfermidade aqui e ali por alguma apóstrofe incoerente ou alguma pergunta ininteligível, isso, em uns, passava por profundidade, em outros, por imbecilidade. Nos dois casos, a honra da magistratura ficava impoluta, porque vale mais que um juiz seja tido por imbecil ou profundo, do que por surdo. Tinha, pois, grande cuidado em dissimular a sua surdez aos olhos de todos, e de ordinário saía-se tão bem, que até ele mesmo se chegava a iludir, o que aliás é mais fácil do que se pensa. Todos os corcovados caminham de cabeça alta, todos os tartamudos falam muito, todos os mudos falam baixo. Pela sua parte julgava-se, quando muito, com o ouvido um pouco rebelde. Era a única concessão que nesse ponto fazia à opinião pública nos seus momentos de fraqueza e de exame de consciência.

Tendo, pois, bem ruminado o caso de Quasimodo, encostou a cabeça para trás e cerrou a meio os olhos para mais majestade e imparcialidade, e tanto que era ao mesmo tempo nessa ocasião surdo e cego. Dupla condição, sem a qual não há juiz perfeito. Foi nessa atitude magistral que ele começou o interrogatório.

— O vosso nome?

Ora aqui está um caso que não tinha sido « previsto pela lei » : o de um surdo interrogar outro surdo.

Quasimodo, a quem nada advertia da pergunta que lhe fora dirigida, continuou a olhar friamente para o juiz e não respondeu. O juiz, surdo, e a quem

nada advertia da surdez do acusado, julgou que ele tinha respondido, como faziam geralmente todos os acusados, e prosseguiu com o seu aprumo mecânico e estúpida:

— Está bem. A vossa idade?

Quasimodo não respondeu igualmente a esta pergunta. O juiz aceitou-a satisfeita e continuou.

— Agora, o vosso estado?

Sempre o mesmo silêncio. O auditório no entanto começava a cochichar e a olhar um para o outro.

— Basta — respondeu o inalterável auditor, quando supôs que o acusado tinha terminado a sua terceira resposta. — Sois acusado, perante nós; *primo*, de desordem noturna; *secundo*, de vias de facto desonestas na pessoa de uma rapariga, *in præjudicium meretricis*[39]; *tertio*, de rebelião e deslealdade para com os archeiros da ordenança do rei, nosso senhor. Explicai-vos sobre estes três pontos. — Escrivão, tendes escrito o que o acusado tem dito até agora?

A esta desastrosa pergunta, uma gargalhada rebentou da mesa do escrivão para o auditório, tão violenta, tão louca, tão contagiosa, tão universal, que força foi para os dois surdos o apercebê-la. Quasimodo voltou-se encolhendo a corcunda com desdém, enquanto mestre Florian, admirado como ele e supondo que o riso dos espetadores fora provocado por alguma réplica irreverente do acusado, tornada visível para ele pelo trejeito dos ombros, apostrofou-o com indignação.

— Destes agora, velhaco, uma resposta que merecia a corda! Sabeis a quem estais falando?

Esta saída não era própria para deter a explosão da alegria geral. Pareceu a todos tão exótica e tão extravagante que uma louca vontade de rir acometeu também os aguazis do Parloir-aux-Bourgeois, espécie de valetes de espadas em que a estupidez era da praxe. Só Quasimodo conservou a seriedade pela simples razão que não compreendia nada do que se passava em derredor. O juiz, cada vez mais irritado, julgou dever continuar no mesmo tom, esperando por aí encher o acusado de um terror que reagiria sobre o auditório e o reduziria ao respeito.

— Com que então, mestre perverso ratoneiro, com que, permiti-vos faltar ao respeito ao auditor do Châtelet encarregado de fazer as pesquisas dos crimes, delitos e maus procedimentos; de registar todos os officios e proibir os monopólios;

de reparar as ruas; de vigiar os regatões de galinhas, criação e aves do mar; de fazer medir as lenhas e outras qualidades de madeira; de limpar a cidade das lamas e o ar das doenças contagiosas; de trabalhar continuamente em benefício do público, numa palavra, sem proventos nem esperanças de salários! Sabeis que me chamo Florian Barbedienne, ajudante do sr. preboste, e além disso comissário, inquisidor, examinador e registador com igual poder no prebostado, baliado, conservação e presidencial!...

Não há nada que faça parar um surdo que fala a outro surdo. Deus sabe quando e onde aportaria mestre Florian, assim impelido a toda a força de remos na alta eloquência, se a porta baixa do fundo se não abrisse de repente e desse passagem ao sr. preboste em pessoa.

Com a sua entrada, mestre Florian não parou, mas fazendo meia volta sobre os calcanhares e disparando bruscamente sobre o preboste a arenga com que fulminava Quasimodo um momento antes:

— Monsenhor — disse ele — requeiro a pena que for do vosso agrado para o acusado aqui presente por grave e nunca vista falta de respeito à justiça.

E assentou-se todo esbaforido, limpando as grossas gotas de suor que lhe caíam da testa e molhavam como lágrimas os pergaminhos espalhados diante dele. *Messire* Roberto de Estouteville carregou o sobrolho, e mandou a Quasimodo um gesto de atenção de tal modo imperioso e significativo que o surdo compreendeu alguma coisa.

O preboste dirigiu-lhe a palavra com severidade:

— Que fizeste tu para estar aqui, mariola?

O pobre diabo, supondo que o preboste lhe perguntava o nome, quebrou o silêncio que habitualmente guardava e respondeu com voz rouca e gutural: — Quasimodo.

A resposta coincidia tão pouco com a pergunta, que o riso doido recomeçou a circular, pelo que *messire* Roberto bradou, vermelho de cólera:

— Também brincas comigo, meu patife de má morte?

— Sineiro em Nossa Senhora — respondeu Quasimodo, pensando que se tratava de explicar ao juiz quem ele era.

— Sineiro! — atalhou o preboste, que acordara de manhã de bastante mau

humor, como dissemos, para que o seu furor carecesse de ser espicado por tão estranhas respostas. — Sineiro! Mandar-te-ei tocar no lombo um carrilhão de vergastadas pela praça de Paris. Ouves mariola?

— Se é a minha idade que quereis saber — disse Quasimodo — julgo que faço vinte anos pelo São Martinho.

Era demais; o preboste não se pôde conter.

— Ah! Tu mofas do prebostado, miserável! Senhores oficiais de vara, levem-me este patife ao pelourinho da Greve, açoitem-no e andem com ele à roda uma hora. Há de pagar-mas, por Deus o juro! Que se faça um pregão do presente julgamento, com quatro trombeteiros ajuramentados, nas sete castelánias do viscondado de Paris.

O escrivão pôs-se imediatamente a lavrar a sentença.

— Com um conto de diabos! Sim, senhor, bem julgado! — bradou lá do seu canto o estudante Jehan Frollo.

O preboste voltou-se e de novo fixou sobre Quasimodo os olhos cintilantes.

— Parece-me que este patife disse *com um conto de diabos!* Escrivão, acrescentai doze dinheiros parisis de multa por praguejar, sendo metade para a fábrica de Santo Eustáquio. Tenho uma devoção particular com Santo Eustáquio.

Dentro de poucos minutos a sentença ficou lavrada. O conteúdo era simples e breve. Os hábitos do prebostado e do viscondado de Paris não tinham sido ainda modificados pelo presidente Thibaut Baillet e por Rogério Barmne, advogado do rei; não tinham sido ainda obstruídos pela aluvião de chicanas e de processos que os dois juriconsultos neles introduzem. Tudo neles era claro, expedito, explícito. Caminhava-se direito ao fim e logo se avistava no fim de cada estrada, sem matagais e sem desvios, a roda, a força ou o pelourinho. Pelo menos sabia-se para onde se ia.

O escrivão apresentou a sentença ao preboste, que a selou com o seu selo e que saiu para continuar o seu giro pelos auditórios, com uma disposição de espírito que deveu povoar, naquele dia, todos os cárceres de Paris. Jehan Frollo e Robin Poussepain riam à socapa. Quasimodo olhava para tudo com ar indiferente e admirado.

No entanto o escrivão, quando mestre Florian Barbedienne se dispunha a ler por seu turno a sentença para assinar, sentiu-se tosado de compaixão pelo pobre

diabo do condenado, e na esperança de obter alguma diminuição da pena, abeirou-se o mais que pôde do ouvido do auditor e disse-lhe mostrando Quasimodo:

— Aquele homem é surdo.

Contava que esta comunidade de doença despertaria o interesse de mestre Florian em favor do condenado. Mas primeiro, já observamos que a mestre Florian não gostava de que se descobrisse a sua surdez; depois, tinha o ouvido tão duro que não ouviu sequer uma palavra do que lhe dissera o escrivão. No entanto, quis fazer parecer que ouviu e respondeu:

— Ah! Ah! Isso é indiferente; não sabia. Nesse caso mais uma hora de pelourinho.

E assinou a sentença assim modificada.

— Bem feito — disse Robin Poussepain que tinha zanga a Quasimodo. — Isso há de o ensinar a maltratar a gente.

II. O buraco dos ratos

Permita-nos o leitor que o conduzamos à praça de Greve, que ontem deixámos com Gringoire para seguir a Esmeralda.

São dez horas da manhã. Tudo ali denuncia o dia imediato a uma festa. O terreno está coberto de restos, fitas, farrapos, plumas dos penachos, pingos de cera dos archotes, mealhas de comezaina pública. Bom número de burgueses *flanam*, como hoje se diz, por aqui e por ali, mexendo com o pé nos carvões apagados das fogueiras, extasiando-se em frente da Casa dos pilares, com a lembrança dos painéis da véspera e olhando hoje para os pregos, último prazer. Os vendedores de cidra e de cerveja rolam os barris por entre os grupos. Alguns transversam e chamam uns pelos outros da porta das lojas. A festa, os embaixadores, Coppenole, o papa dos doidos, estão em todas as bocas: a ver quem mais glosa e quem mais ri. No entretanto quatro soldados a cavalo que acabam de se vir postar aos quatro lados do pelourinho, concentravam já à volta da si uma boa porção da *gentalha* espalhada pela praça, que se condena à imoralidade e ao aborrecimento na esperança de uma execuçõesinha.

Se agora o leitor, depois de ter contemplado a cena viva e barulhenta que se passa em todos os pontos da praça, dirigir os olhos para a antiga casa meio gótica, meio romana, da Torre Rolland, que faz a esquina do cais ao poente, poderia notar no ângulo da fachada um grosso breviário público, com ricas iluminuras, protegido da chuva por um pequeno alpendre e dos lados por uma grade que permite no entanto que se folheie. Ao lado desse breviário está um estreito postigo ogival, fechado por dois varões de ferro em cruz, e dando sobre a praça; única abertura que deixa chegar um pouco de ar e de luz a uma pequena cela sem porta, feita ao rés do chão, na espessura da parede da velha casa, e cheia de uma paz tanto mais triste, quanto a praça pública, mais populosa e mais ruidosa de Paris se agita e rumoreja cá fora.

Esta cela era célebre em Paris havia três séculos desde que *madame* Rolland da Torre Rolland, pranteando seu pai, morto na cruzada, a tinha feito cavar na parede da sua própria casa para aí se fechar para sempre, só reservando do seu palácio esse aposento, cuja porta estava murada e cujo postigo estava aberto, de verão e de inverno, dando todo o resto aos pobres e a Deus. A desolada donzela tinha com efeito esperado vinte anos a morte naquele túmulo antecipado, orando dia e noite por alma de seu pai, dormindo na cinza, sem sequer ter uma pedra para travesseiro, vestida com um saco preto e vivendo apenas do que a compaixão dos transeuntes depunha em pão e água no peitoril do postigo,

recebendo assim esmolas depois de as ter feito. Quando morreu, quando passou para outro sepulcro, legara aquele perpetuamente às mulheres aflitas, mães, viúvas ou filhas que tivessem muito a orar por outrem ou por si e que se quisessem enterrar vivas numa grande dor ou numa grande penitência. Os pobres do seu tempo tinham-lhe feito belos funerais de lágrimas e de bênçãos, mas com grande pesar deles, a piedosa donzela não tinha podido ser canonizada santa, por falta de proteções. Alguns, que eram um pouco mais ímpios, tinham esperado que a coisa se faria no paraíso mais facilmente do que em Roma e tinham simplesmente rogado a Deus pela defunta à falta do papa. A maior parte contentara-se em conservar a memória de Rolland como sagrada e em fazer reliquias dos seus andrajos. A cidade, pelo seu lado, fundara, em intenção da donzela, um breviário público que fez chumbar junto do postigo da cela, para que os transeuntes aí se detivessem de tempos a tempos, antes que não fosse senão para rezar, porque a oração faz pensar na esmola, e para que as pobres reclusas, herdeiras do sepulcro de *madame* Rolland, não morressem ali completamente à fome e ao abandono.

Não era coisa muito rara nas cidades da Idade Média esta espécie de túmulo. Encontrava-se muitas vezes na rua mais frequentada, no mercado mais animado e mais ruidoso, perfeitamente no meio, sob as patas dos cavalos, quase sob as rodas das carroças, um subterrâneo, um poço, um cubículo murado e gradeado, no fundo do qual orava dia e noite um ente humano, voluntariamente dedicado a alguma lamentação eterna, a alguma grande expiação. E todas as reflexões que em nós despertaria hoje esse estranho espetáculo; essa horrível cela, espécie de anel intermediado da casa e do túmulo; esse vivo cercado da comunidade humana e contado daí em diante para os mortos; essa lâmpada consumindo a sua última gota de óleo na sombra; esse resto de vida vacilando numa cova: esse sopro, essa voz, essa oração eterna numa caixa de pedra; esse rosto voltado para sempre para o outro mundo, essa vista já iluminada por um outro sol; esse ouvido colado às paredes do túmulo; essa alma prisioneira nesse corpo, esse corpo prisioneiro nesse cárcere, e sob esse duplo invólucro de carne e de granito o zumbido daquela alma penada; em nada de tudo isso atentava a multidão.

A piedade pouco raciocinadora e pouco subtil desse tempo não via tantas facetas em um ato de religião. Tomava a coisa em bruto, e honrava, venerava, santificava em caso necessário o sacrifício, mas não lhe analisava os sofrimentos e deles se apiedava mediocremente. Trazia de tempos a tempos alguma pitação ao miserável penitente, observava pelo buraco se ele vivia ainda, não lhe sabia o nome, sabia apenas há quantos anos ele tinha começado a morrer, e ao estranho que lhe fazia perguntas sobre o esqueleto vivo que apodrecia naquele subterrâneo, respondia simplesmente, se era um homem: — É o emparedado. Se

era uma mulher: — É a emparedada.

Tudo se via então, sem metafísica, sem exagero, sem vidros de aumento, a olho nu. O microscópio não tinha ainda sido inventado, nem para as causas da matéria nem para as causas do espírito.

Apesar de pouco se maravilharem com isso, os exemplos desta espécie de clausura no seio das cidades, eram em verdade frequentes, como há pouso dizíamos. Havia em Paris um bom número dessas celas de orar a Deus e de fazer penitência; estavam quase todas ocupadas. É certo que ao clero não lhe dava cuidado o deixá-las vazias, o que implicava tibieza nos crentes e quando não havia penitentes recolhia lá leprosos. Além do cubículo da Greve, havia um em Montfaucon, um no Ossário dos Inocentes, um outro não sei onde, na residência de Clichon, creio eu; outros ainda em muitos lugares e cujos vestígios se encontram nas tradições à falta de monumentos. A *Université* tinha também os seus. Sobre a montanha de Santa Genoveva uma espécie de Job da Idade Média cantou durante trinta anos os sete salmos da penitência sobre uma estrumeira no fundo de uma cisterna, recomeçando quando tinha acabado, salmodiando mais alto de noite, *magna voce per umbras*[\[40\]](#), e hoje o antiquário julga ouvir ainda a sua voz ao entrar na rua do *Poço que fala*.

Voltando à cela da Torre Rolland, devemos dizer que nunca lhe faltaram habitadores. Desde a morte de *madame* Rolland, raras vezes estive um ou dois anos vazia. Muitas mulheres para lá foram chorar, até à morte, parentes, amantes, culpas. A malícia parisiense, que se intromete em tudo, mesmo com as causas que menos lhe devem importar, asseverava que poucas viúvas se tinham lá visto.

Segundo a moda da época, uma legenda latina, escrita no muro, indicava ao transeunte versado em letras, o destino piedoso daquele cubículo. Conservou-se até meio do século dezasseis o uso de explicar um edifício por uma breve divisa escrita por cima da porta. Assim ainda se lê em França, por cima da porta da prisão da casa senhorial de Tourville: *Sileto et spera*; na Irlanda, por debaixo do escudo que remata a grande porta de Fortescue: *Forte scutum, salus ducum*[\[41\]](#); na Inglaterra, sobre a entrada principal do solar hospitaleiro dos condes Cowper: *Tuum est*[\[42\]](#) É porque então todo o edifício era um pensamento.

Como não havia porta na cela murada da Torre Rolland, tinham gravado em grossos caracteres romanos, por cima da janela, estas duas palavras:

TU, ORA

o que fez com que o povo, cujo bom senso não vê tanta finura nas coisas e

que traduz da melhor vontade *Ludovico Magno* por *Porta São Dinis*, desse a essa cavidade negra, sombria e húmida, o nome de *Trou aux rats* (o buraco dos ratos). Explicação menos sublime talvez que a outra, mas em compensação mais pitoresca.

III. História de um bolo de farinha de milho

Na época em que se passa esta história, a cela da Torre Rolland estava ocupada. Se o leitor deseja saber por quem, só tem a escutar a conversa de três honradas comadres que, no momento em que chamamos a sua atenção sobre o Buraco dos Ratos, se dirigiam precisamente para o mesmo lado vindo do Châtelet para a Greve, seguindo a margem do rio.

Duas destas mulheres vestiam como boas burguesas de Paris. A fina gargantilha branca, a saia de tiritana às riscas, vermelhas e azuis, as meias de malha branca, com quadrados bordados a cores, bem justas à perna, os sapatos quadrados de couro avermelhado com presilhas pretas e sobretudo, o chapéu, uma espécie de cartucho lantejoulado carregado de rendas e fitas, que as Champenesas usam ainda, em concorrência com os granadeiros da guarda imperial russa, anunciavam que pertenciam a essa classe de mercadoras ricas, que é o meio termo do que os lacaios chamam uma *mulher* e do que chamam uma *dama*. Não traziam anéis nem cruz de ouro e era fácil ver que nelas não era pobreza, mas muito simplesmente medo da multa. A sua companheira estava ataviada pouco mais ou menos da mesma maneira, mas havia no seu porte e na sua presença não sei o quê, que anunciava a mulher do notário de província. Viase, pelo modo como a cintura lhe subia acima das ancas, que não estava havia muito tempo em Paris. Acrescente-se a isso uma gargantilha pregueada, laço de fita nos sapatos, as riscas da saia postas à largura e não ao comprimento e mil outras enormidades com que o bom gosto se indignava.

As duas primeiras caminhavam com o passo peculiar das parisienses que mostram Paris a provincianas. A provinciana trazia pela mão um rapazelho que trazia a sua ocupada com um grande bolo.

Contraria-nos o termos de acrescentar que visto o rigor da estação, fazia da língua lenço.

O rapaz caminhava *non passibus æquis*[\[43\]](#), como diz Virgílio, e tropeçava a cada instante, com grandes exclamações da mãe. É verdade que olhava mais para o bolo do que para o chão. Decerto que algum grave motivo o impedia de lhe dar uma dentada (no bolo), porque se contentava com o olhar com ternura. Mas a mãe teve de se encarregar do bolo. Era crueldade fazer um Tântalo do gordo bochechudo.

No entanto as três *damoiselles* (porque o nome de *dames* era então

reservado para as mulheres nobres) falavam ao mesmo tempo.

— Apressemos-nos, *damoiselle* Mahiette — dizia a mais moça das três, e que era também a mais gorda, a provinciana. — Receio muito que cheguemos tarde de mais. Disseram-nos no Châtelet que iam imediatamente trazer para o pelourinho.

— Ora! Que estais a dizer, *damoiselle* Oudarde Musnier? — atalhava a outra parisiense — Tem de ficar duas horas no pelourinho. Nunca viu funcionar o pelourinho?

— Vi — disse a provinciana — Em Reims.

— Ora? Que é o pelourinho de Reims? Uma má gaiola que não gira senão com campónios. Olha a grande coisa!

— Campónios! — atalhou-lhe Mahiette — no Mercado dos Panos! Em Reims! Vimos lá muito bons criminosos que tinham morto pai e mãe! Campónios! Por quem nos tornais, Gervásia?

É certo que a provinciana estava a ponto de se zangar pela honra do seu pelourinho. Felizmente a discreta *damoiselle* Oudarde Musnier desviou a tempo a conversa.

— A propósito, *damoiselle* Mahiette, que dizeis dos nossos embaixadores flamengos? Tende-los tão bonitos em Reims?

— Confesso — respondeu Mahiette — que só em Paris é que se podem ver flamengos como aqueles.

— Vistes na embaixada o grão embaixador que é negociante de meias? — perguntou Oudarde.

— Vi — respondeu Mahiette — Parece-me Saturno.

— E o gordo que tem uma cara que se parece com uma barriga descoberta? — continuou Gervásia. — E o pequeno que tem uns olhinhos circuitados por uma pálpebra vermelha, sem pestanas e recortada como uma cabeça de cardo?

— O que são bonitos são os cavalos — disse Oudarde — assim vestidos à moda da sua terra?

— Ah! Minha querida — interrompeu a provinciana Mahiette, tomando por seu turno um ar de superioridade — o que direis vós se visseis, em 61, na

sagração de Reims, há dezoito anos, os cavalos dos príncipes e da companhia do rei? Jaezes e gualdrapas de todas as qualidades; uns de damasco, de pano fino de ouro, forrados de martas zibelinas; outros de veludo, forrados de penas e arminhos; outros, todos guarnecidos pelos ourives com grandes borlas de ouro e prata! E o dinheiro que isto custou! E os belos pajenzinhos que cavalgavam todo esse luxo!

— Isso não impede — replicou secamente *damoiselle* Oudarde — que os flamengos tenham muito bonitos cavalos e que lhes fosse oferecida uma soberba ceia pelo senhor preboste dos mercadores, na casa da câmara, ceia em que lhes serviam confeitos, hipocraz, amêndoas e outras singularidades.

— Que estais a dizer, vizinha! — atalhou Gervásia. — Foi em casa do senhor cardeal, no Petit Bourbon, que os flamengos cearam.

— Não foi. Foi na casa da câmara!

— Não, senhora. No Petit Bourbon!

— E tanto foi na casa da câmara — replicou Oudarde já azeda — que até o doutor Scourable, lhes fez uma arenga em latim com que eles ficaram muito satisfeitos. Foi o meu marido, que é livreiro jurado, quem mo disse.

— E tanto foi no Petit Bourbon — respondeu Gervásia não menos azeda — que aqui tendes o que lhes apresentou o procurador do senhor cardeal; doze duplos quartos de hipocraz, branco, palhete e tinto; vinte e quatro caixas de duplo massa-pão dourado de Lyon; outras tantas tochas de duas libras cada, e seis meias pipas de vinho de Beaune o melhor que se pode encontrar. Parece-me que isto não admite dúvida. Sei-o por meu marido que é cinquentário no Parloir-aux-Bourgeois e que fazia esta manhã a comparação dos embaixadores flamengos com os do Prestes João e do imperador de Trebizonda que vieram da Mesopotâmia a Paris, no tempo do último rei e que tinham anéis nas orelhas.

— É tão verdade que cearam na casa da câmara — replicou Oudarde pouco abalada por este estendal — que nunca se viu em tempo algum tal abundância da viandas e doces.

— E eu digo-vos que foram servidos por Le Sec, oficial da cidade, no palácio do Petit Bourbon e é dali que vem o vosso engano.

— Na casa da câmara, repito!

— No Petit Bourbon, minha querida! Por sinal que tinha iluminado com

vidros mágicos a palavra *Esperança* que está escrita sobre a grande portaria.

— Na casa da câmara! Na casa da câmara! Se até Hurson-le-Voir tocava flauta!

— Digo-vos que não!

— Digo-vos que sim!

— Digo-vos que não!

A gorda e boa Ouarde preparava-se para replicar e a questão talvez passasse a vias de facto, se Mahiette não bradasse de repente:

— Reparai para aquela gente que se agrupa lá em baixo no fim da ponte! Está a olhar para alguma coisa que há no meio dela.

— É verdade — disse Gervásia — que ouço tamborilar. Penso que é a pequena Esmeralda que faz as suas momices com a cabra. Depressa, Mahiette! Estugai o passo e puxai pelo vosso rapaz. Viestes cá para visitar as curiosidades de Paris. Viste ontem os flamengos; é preciso ver hoje a Cigana.

— A Cigana! — repetiu Mahiette voltando bruscamente para trás e apertando com força o braço do filho — Deus me defenda de tal! Ela roubar-me-ia o meu filho! Vem, Eustáquio!

E largou a correr pelo cais em direção à Greve até que deixou a ponte bem longe atrás de si. No entanto, o pequeno que ela levava quase de rastos, caiu sobre os joelhos. Ela parou ofegante. Ouarde e Gervásia puderam então alcançá-la.

— A Cigana roubar-vos o filho! — disse Gervásia — Singular fantasia, essa! Mahiette meneava a cabeça com ar pensativo.

— O que é esquisito — observou Gervásia — é que a penitente do saco faz a mesma ideia das ciganas.

— Quem é a penitente do saco? — disse Mahiette.

— Quem é? — respondeu Ouarde — A irmã Gudula.

— E quem é essa irmã Gudula? — continuou Mahiette.

— Bem se vê que sois de Reims, por não saberdes quem é — respondeu Oudarde — É a reclusa do Buraco dos Ratos.

— Como! — disse Mahiette — a pobre mulher a quem vamos levar este bolo?

Oudarde fez com a cabeça um sinal afirmativo.

— Exatamente. Ides daqui a pouco vê-la pelo postigo que deita para a Greve. Penso como vós a respeito desses vagabundos do Egito que tamborilam e dizem a *buena-dicha* ao público. Não se sabe donde lhe vem esse horror pelos zingaros e pelos ciganos. Mas vós, Mahiette, porque fugis assim, só por os ter visto?

— Oh! — disse Mahiette agarrando com as duas mãos a redonda cabeça do filho — Não quero que me aconteça o que aconteceu a Paquette, a Chantefleurie.

— É uma história que nos ides contar, minha boa Mahiette — disse Gervásia dando-lhe o braço.

— De boa vontade — respondeu Mahiette — mas para que a não saibais, é preciso que sejais bem do vosso Paris! Dir-vos-ei pois (mas não precisamos de parar para vos contar a coisa) que Paquette la Chantefleurie era uma linda rapariga de dezoito anos quando eu o era também, quer dizer há dezoito anos, e que é culpa sua o não ser hoje, como eu, uma boa gorda e fresca mãe de trinta e seis anos, com marido e um filho. O que é facto, é que desde os catorze anos isso deixou de ser possível. Era filha de Guybenaut, menestrel de barcos em Reims, o mesmo que tinha tocado diante do rei Carlos VII na sua sagração, quando desceu o nosso rio desde Sillery até Muison, na mesma ocasião em que a senhora la Pucelle ia no barco. O pai, já velho, morreu quando Paquette era ainda muito criança: restava-lhe só a mãe, irmã do senhor Pradon, mestre latoeiro e caldeireiro em Paris, na rua Parin Garlim e que morreu o ano passado. Vedes que era de família. A mãe era uma boa mulher, e as prendas de fazer brinquedos que ensinou a Paquette não impediam que a pequena crescesse e ficasse muito pobre. Moravam ambas em Reims, na margem do rio, na rua de Folle-Peine. Notai isto: julgo que foi dali que veio a desgraça a Paquette. Em 61, no ano da sagração do nosso rei Luís XI, que Deus guarde, Paquette era tão alegre e tão linda que só lhe chamavam por toda a parte a Chantefleurie. Pobre pequena! Tinha uns lindos dentes e gostava de se rir para os mostrar. Ora, rapariga que gosta de rir, prepara-se para chorar; os dentes bonitos perdem os lindos olhos! Era verdadeiramente Chantefleurie. Ela e a mãe ganhavam a vida com muita

dificuldade, tinham decaído muito desde a morte do músico ambulante; a sua tendazita não lhes dava mais que seis dinheiros por semana, o que não chega sequer a dois liards de águia. Onde ia o tempo em que o pai Gaybertant ganhava só com uma canção, doze soldos *parisis* numa sagração? Um inverno (era nesse mesmo ano 61), as duas mulheres não tiveram lume na lareira e o muito frio que fazia deu tão belas cores à Chantefleurie que os homens chamavam-lhe Paquette e alguns chamavam-lhe Paquerette! Foi então que ela se perdeu. — Eustáquio que te vejo morder no bolo!... — Nós descobrimos logo que ela se tinha perdido num domingo em que ela apareceu na igreja com uma cruz de ouro ao pescoço. Aos catorze anos, vejam lá! Primeiro foi o jovem visconde de Cormontreuil, que tem o seu solar a três quartos de légua de Reims; depois *messire* Henrique de Triancourt, estribeiro do rei; depois menos que este, Chiart de Beauliont, sargento de armas; depois, descendo sempre, Guery Aubergon, trinchante do rei; depois Macé de Frépus, barbeiro do senhor delfim; depois Thevénin-le-Moine, cozinheiro do rei; depois sempre assim da menos moça em menos nobre, foi parar às mãos de Guilherme Racine, menestrel de sanfona e às de Thierry de Mer, lanterneiro. Então, a pobre Chantefleurie foi para todos; chegara ao último soldo da sua moeda da ouro. Que vos direi mais? Na sagração, no mesmo ano 61, era amásia do rei dos ladrões! No mesmo ano!

Mahiette suspirou e limpou uma lágrima que lhe bailava nos olhos.

— Eis uma história que não é muito extraordinária — disse Gervásia — mas não vejo em tudo isso, nem ciganos nem crianças.

— Esperem — continuou Mahiette — criança ides já ver uma. Em 66, vai fazer dezasseis anos neste mês, pela Santa Paula, Paquette deu à luz uma menina. Desventurada! Teve por isso uma grande alegria; há muito que desejava um filho. A mãe, boa mulher, que nunca soubera mais que fechar os olhos, morrerá. Paquette não tinha mais ninguém que amar no mundo, mais ninguém que a amasse. Desde que se despenhara na desgraça, havia cinco anos, a Chantefleurie era uma pobre criatura. Estava só, só nesta vida, mostrada ao dedo, apupada pelas ruas, espancada pelos aguazis, atormentada pelos rapazes andrajosos. E depois, tinham chegado os vinte anos, para as mulheres que vendem amor é a velhice. O corpo começava a não lhe dar mais que a sua tendazita do outro tempo; por cada ruga que vinha, ia-se um escudo; o inverno voltava com as suas durezas; a lenha cada vez escasseava mais no seu lar, o pão na sua arca. Não podia já trabalhar porque ao tornar-se voluptuosa tornara-se preguiçosa e sofria muito mais, porque tornando-se preguiçosa tornara-se voluptuosa. É pelo menos assim que o senhor cura de São Rémy explica a razão porque essas mulheres têm mais frio e mais fome que as outras pobres, quando são velhas.

— Sim — observou Gervásia — mas os ciganos?

— Esperai um instante, Gervásia — disse Oudarde, cuja atenção era menos impaciente. — Que há de ver no fim, se tudo estiver no princípio?

— Continuai, Mahiette, peço-vos. Pobre Chantefleurie!

Mahiette continuou:

— Como ia dizendo, vivia bem triste, bem miserável, com as lágrimas a cavarem-lhe as faces. Mas na sua vergonha, na sua loucura e no seu abandono, parecia-lhe que seria menos desvergonhada, menos louca e menos abandonada se tivesse alguma coisa no mundo ou alguém a quem amasse ou a quem pudesse amar. Carecia que fosse um filho, porque só uma criança podia ser bastante inocente para isso.

Tinha-o reconhecido depois de ter tentado amar um ladrão, o único homem que a quis, mas ao cabo de algum tempo descobriu que o ladrão a desprezava. A essas mulheres do amor, torna-se preciso um amante, ou um filho para lhes encher o coração. Não sendo assim são bem mais desgraçadas. Não podendo ter amante, devotara-se toda ao desejo de um filho, e, como nunca tinha deixado de ser religiosa, fez com que o Deus da bondade tivesse compaixão dela e lhe desse uma filhinha. Da sua alegria, nem lhes quero falar; foi um delírio de lágrimas, de carícias e de beijos. Ela mesma amamentou a filha, fez-lhe coeiros do seu cobertor, único que tinha na cama e não sentiu nem mais frio nem fome. Voltou a ser bela. De uma rapariga velha fez-se uma mãe moça. A loja reabriu-se; a Chantefleurie foi procurada e apareceram fregueses para a sua fazenda e de todos aqueles horrores fez saínhas, toucas, babadores, camisinhas de rendas e coifinhas de cetim sem sequer se lembrar de comprar um outro cobertor para si. — Já lhe disse, senhor Eustáquio, que não comesse o bolo. — O que é verdade é que a pequenita tinha mais laços e bordados do que uma delfina do Delfinado. Tinha entre outros um par de sapatinhos como com certeza não teve iguais o rei Luís XI! A mãe cosera-os e bordara-os ela mesma, e nisto empregara toda a sua ciência e todos os bordados do manto de uma virgem. Eram os mais delicados sapatinhos cor de rosa que se podiam apresentar. Tinham quando muito o comprimento do meu dedo polegar e era preciso ver tirar deles os pezinhos da criança para se poder acreditar que eles lá cabiam. É verdade que esses pezinhos eram tão pequenos, tão lindos, tão cor de rosa, mais cor de rosa ainda do que o cetim dos sapatos. Quando tiverdes filhos, Oudarde, sabereis que nada há mais bonito do que esses pezinhos e essas mãozinhas.

— Nem outra coisa desejo — disse Oudarde, suspirando — mas isso é com

o senhor Andry Meunier.

— Depois — continuou Mahiette — a filha de Paquette não tinha só lindo os pés. Vi-a quando só tinha quatro meses; era um amor. Tinha os olhos maiores que a boca, e os mais encantadores e finos cabelos pretos que já se começam a anelar. Com isso tudo, aos dezasseis anos devia ser uma soberba morena! A mãe cada dia estava mais doida com ela. Acariciava-a, beijava-a, fazia-lhe cócegas, lavava-a, enfeitava-a, comia-a! Fazia-lhe perder a cabeça a filha que agradecia a Deus. Sobretudo os seus lindos pés cor de rosa, eram um embevecimento sem fim, um delírio de alegria! Neles tinha colado sempre os lábios e não se fartava de lhes admirar a pequenez. Metia-os nos sapatinhos, tirava-os, admirava-os, maravilhava-se com eles, olhava a claridade através deles, tinha pena de os ensinar a andar sobre a cama e de boa vontade passaria a vida de joelhos a calçar e descalçar aqueles pés como os de um Menino Jesus.

— O conto é bom e bonito — disse a meia voz a Gervásia — mas onde estão em tudo isto os ciganos?

— Chegam agora — respondeu Mahiette. — Um dia apareceram em Reims uma espécie de cavaleiros muitos singulares. Eram mendigos e vagabundos que atravessavam o país, conduzidos pelo seu duque e pelos seus condes. Eram trigueiros, tinham os cabelos anelados e anéis de prata nas orelhas. As mulheres eram ainda mais feias do que os homens. Tinham a cara mais negra e sempre descoberta, uma saia esfarrapada a cobrir-lhe o corpo, uma manta vermelha, tecida com cordas, amarrada sobre o ombro, e os cabelos caídos como a cauda de um cavalo. As crianças, com as pernas todas enlameadas, faziam medo aos macacos. Um bando de excomungados. Tudo isto vinha em linha reta do baixo Egipto para Reims, pela Polónia. O papa, pelo que se dizia, tinha-os confessado e dera-lhes de penitência correr mundo sete anos a seguir, sem dormir em camas. Parece que em outros tempos tinham sido Sarracenos, o que os fazia acreditar em Júpiter, e reclamar dez libras tornesas de todos os arcebispos, bispos e abades de báculo e de mitra. Era uma bula do papa que lhes dava este direito. Vinham a Reims ler a *buena-dicha* em nome do rei de Argélia e do Imperador da Alemanha. Como bem julgais, não foi preciso mais para lhes proibir a entrada na cidade. Então todo o bando acampou sem constrangimento para além da porta de Braine, sobre o outeiro onde há um moinho, ao lado das covas das antigas pedreiras. Porfiou-se em Reims o ir vê-los. Olhavam-nos para as mãos e diziam-nos profecias maravilhosas; eram capazes de profetizar a Judas que havia de ser papa. Corriam contudo a respeito deles uns maus boatos de crianças roubadas, bolsas cortadas e de carne humana comida. As pessoas sensatas diziam às menos sisudas: — Não Ide lá! — e elas próprias lá iam às escondidas. Era uma loucura. O facto é que diziam coisas que faziam admirar um cardeal. As mães

desvaneciam-se todas com os filhos depois que as ciganas lhes tinham lido na mão toda a casta de milagres escritos em pagão e em turco. Uma tinha um capitão, a outra um papa, a outra um imperador. A pobre Chantefleurie foi também acometida de curiosidade, quis saber o que tinha e se a sua linda Inesita não seria um dia imperatriz da Armênia ou de outra coisa. Levou-a pois, aos ciganos; e as ciganas a admirar a criança, a acariciá-la, a beijá-la com as suas negras bocas, a maravilharem-se, infelizmente, com a sua mãozinha com grande alegria da mãe. Fizeram festa especialmente aos lindos pezinhos e aos lindos sapatinhos. A criança não tinha ainda um ano. Balbuciava já, ria-se para a mãe como uma louquinha. Estava gordinha e redonda e tinha mil encantadores gestos dos anjos do paraíso. Assustou-se muito com as ciganas e chorou. Mas a mãe beijou-a com mais efusão e retirou-se encantada com a *buena-dicha* que as adivinhas tinham lido à sua Inês. Devia ser uma beleza, uma virtude, uma rainha. Voltou pois para as suas águas-furtadas da rua Folle-Peine, toda orgulhosa de para lá levar uma rainha. No dia seguinte, aproveitou um momento em que a filhinha dormia na sua cama (porque ela a deitava sempre consigo), encostou devagarinho a porta e correu a contar a uma vizinha da rua da Séchesserie que havia de chegar tempo em que a sua filha Inês seria servida à mesa pelo rei de Inglaterra e pelo arquiduque da Etiópia e com outras surpresas. Quando voltou, não ouvindo gritos na escada, disse consigo: — Bom! A menina continua a dormir. — Achando a porta mais aberta do que a tinha deixado, a pobre mãe entrou e correu à cama... A criança não estava lá, o lugar estava vazio. Da pequena Inês só ficara um dos seus sapatinhos. Precipitou-se para fora do quarto, galgou as escadas todas e pôs-se a bater com a cabeça pelas paredes gritando: — A minha filha! Quem tem a minha filha? Quem levou a minha filha? — A rua estava deserta, a casa isolada. Ninguém lhe pôde dizer coisa alguma. Correu a cidade, esquadrinhou todas as ruas, correu por aqui e por ali todo o dia, louca, perdida, terrível, farejando as portas e as janelas como uma besta fera que perdeu os filhos. Estava ofegante, desgrenhada, medonha à vista, e tinha nos olhos fogo que lhe secava as lágrimas. Detinha os transeuntes e bradava-lhes: — A minha filha! A minha filha, a minha linda filhinha, àquele que me restituir a minha filha, servi-lo-ei como uma escrava, serei a escrava do seu cão e comer-me-á o coração se quiser. Encontrou o cura de São Remy e disse-lhe: — Senhor cura, lavrarei a terra com as unhas, mas restitua-me a minha filha! — Era de cortar a alma, Oudarde, e eu vi um homem bem ríspido, mestre Ponce Lacabre, procurador, a chorar. Pobre mãe! — À noite entrou em casa. Durante a sua ausência uma vizinha vira duas ciganas subir às escondidas levando um embrulho nos braços, depois descer, fechar a porta e fugir a toda a pressa. Depois que saíram ouviram-se em casa de Paquette uns como gritos de criança. A mãe riu às gargalhadas, subiu a escada com asas, meteu a porta dentro como com uma peça de artilharia e entrou... Coisa horrenda, Oudarde! Em lugar da sua gentil

Inesita tão vermelha e tão fresca, que era um dom do Deus de bondade, uma espécie de monstrozinho hediondo, coxo, cego de um olho, aleijado, chorando, se arrastava pelo chão. Ela tapou os olhos com horror. — Oh! — disse ela — Teriam as feiticeiras transformado a minha filha neste medonho animal? — Deram-se pressa em tirar dali o aleijão. A sua vista enlouquecê-la-ia. Era o filho monstruoso de alguma cigana que se tinha dado ao diabo. Parecia ter cerca de quatro anos e falava uma língua que não era uma língua humana; eram palavras impossíveis. A Chantefleurie precipitara-se sobre o sapatinho, tudo o que lhe restava do que tinha tanto amado. Assim permaneceu por muito tempo imóvel, muda, sem alento e tanto que pensavam que tinha morrido. De repente tremeu com todo o corpo, cobriu a sua relíquia de beijos furiosos e desfez-se em soluços como se o coração se lhe rompesse. Asseguro-lhes que todos nós chorávamos também. Ela dizia: — Oh! Minha filhinha! Minha linda filhinha! Onde estas tu? — E isso despedaçava-nos as entranhas. Só a lembrança me faz chorar. Os filhos, sabeis? São a medula dos nossos ossos. — Meu pobre Eustáquio! Tu és tão bonito, tu! Se soubésseis como é gentil! Ontem dizia-me ele: — Eu quero ser gendarme. Oh! Meu Estáquio! Se eu te perdesse! — A Chantefleurie levantou-se de repente e pôs-se a correr pela cidade bradando: — Ao campo dos ciganos! Aguazis para queimar as feiticeiras! — Os ciganos tinham partido. A noite estava escura. Não se pôde persegui-los. No outro dia, a duas léguas de Reims, numa moita entre Gueux e Tilloy, encontraram-se os restos de uma grande fogueira, algumas fitas que tinha pertencido à filha de Paquette, gotas de sangue e excremento de bode. A noite que acabava de correr era precisamente a de um sábado. Não restou dúvida alguma de que os ciganos tinham feito o seu *sabbat* naquela moita e devorado a criança em companhia de Belzebu, como é de uso entre os maometanos. Quando a Chantefleurie soube essas horríveis coisas, não chorou, mexeu apenas os lábios como para falar, mas não pôde. No dia seguinte, tinha os cabelos grisalhos. No outro dia tinha desaparecido.

— Efetivamente — disse Oudarde — é uma história horrível, capaz de fazer chorar até um borgonhês!

— Já me não admiro então — acrescentou Gervásia — que o medo dos ciganos tanto vos persiga!

— E fizestes muito bem — atalhou Oudarde — de fugirdes há pouco com o vosso Eustáquio, porque aqueles eram também ciganos da Polónia.

— Não são — disse Gervásia — dizem que vêm da Espanha e da Catalunha.

— Da Catalunha? é possível — respondeu Oudarde — Polónia, Catalunha, Valónia, são três províncias que sempre confundo. O que é indubitável, é que são

ciganos.

— E que têm de certo — acrescentou Gervásia — dentes bem afilados para comer criancinhas. Pouco me surpreenderia que a Esmeralda comesse também o seu bocado, como quem não gosta. A sua cabra branca tem partidas maliciosas de mais para que ali não haja coisa.

Mahiette caminhava silenciosamente, ia absorta nessa meditação que é de algum modo o seguimento de uma narrativa dolorosa e que cessa só depois de ter propagado a emoção, de vibração em vibração, até às últimas fibras do coração. Mas Gervásia dirigiu-lhe a palavra:

— E não se pode saber o que foi feito da Chantefleurie?

Mahiette não respondeu. Gervásia repetiu a pergunta sacudindo-lhe o braço e chamando-a pelo nome. Mahiette pareceu despertar dos seus pensamentos.

— O que foi feito da Chantefleurie? — disse ela repetindo maquinalmente as palavras cuja impressão tinha ainda muito recente no ouvido; depois esforçando-se para chamar a sua atenção para o sentido das suas palavras: — Ah! — replicou vivamente — Nunca se soube.

E depois de uma pausa acrescentou:

— Uns disseram que a viram sair de Reims, à noitinha, pela porta Fléchembaut; outros, ao alvorecer, pela velha porta Basêc. Um pobre encontrou a sua cruz de ouro presa à Cruz de Pedra, no campo onde se faz a feira. Foi essa joia que a perdeu, em 61. Era um presente do belo visconde de Cormontreuil, seu primeiro amante. Paquette nunca se tinha querido desfazer dela, apesar da miséria em que por vezes viveu. Queria-lhe como à vida. Por isso, quando vimos o abandono da cruz, pensámos que ela tinha morrido. No entanto, uma gente do Cabaret les Vantes disseram tê-la visto passar na estrada de Paris, caminhando de pés descalços pelas pedras. Mas nesse caso deveria ter saído, pela porta do Vesle e tudo isso não está de acordo, ou, para melhor dizer, julgo que saiu efetivamente pela porta do Vesle, mas deste mundo.

— Não entendo — disse Gervásia.

— O Vesle — respondeu Mahiette com um sorriso melancólico — é o rio.

— Pobre Chantefleurie! — exclamou Oudarde, estremecendo — afogada!

— Afogada! — confirmou Mahiette — E quem diria ao bom pai Guybertaut

quando passava por debaixo da ponta de Tiqueux ao som da água, cantando na sua barca, que um dia a sua querida Paquettezita, passaria também por debaixo da ponte mas sem canção e sem barca?

— E o sapatinho? — perguntou Gervásia.

— Desapareceu com a mãe — respondeu Mahiette.

— Pobre sapatinho! — disse Oudarde.

Oudarde, gorda e sensível mulher, contentar-se-ia em suspirar de companhia com Mahiette, mas Gervásia, mais curiosa, não tinha ainda acabado com as perguntas.

— E o monstro? — disse de repente Mahiette.

— Que monstro? — perguntou esta.

— O pequeno monstro dos ciganos deixado pelas feiticeiras em casa da Chantefleurie em troca da filha. Que fizeste dele? Espero que também o afogasses.

— Não o afoguei — respondeu Mahiette.

— Como! Queimaste-lo então? Efetivamente era mais razoável. Um filho de feiticeiras...

— Nem uma nem outra coisa, Gervásia. O Senhor arcebispo interessou-se pelo filho dos ciganos, exorcismou-o, abençoou-o, tirou-lhe com todo o cuidado o diabo do corpo e mandou-o para Paris para ser exposto na banca de madeira, em Nossa Senhora, como uma criança exposta.

— Estes bispos! — disse Gervásia resmungando — lá porque são sábios não fazem as coisas como a outra gente. Ora vede, Oudarde, que coisa meter o diabo nos expostos! Porque com toda a certeza era o diabo o monstrozinho. E depois, Mahiette, que fizeram dele em Paris? Estimaria que pessoa alguma caridosa de Paris o não quisesse.

— Não sei — respondeu a cidadã de Reims — foi justamente por este tempo que meu marido comprou o tabelionato de Bern, a duas léguas da cidade e nunca mais nos ocupámos com esta história; depois, para aquém de Bern há os dois outeiros de Cernay que nos tiram a vista dos campanários de Reims.

Falando assim, as três dignas burguesas tinham chegado à praça da Greve.

Na sua preocupação, tinham passado sem parar por diante do breviário público da torre Rolland e dirigiam-se maquinalmente para o pelourinho, em roda do qual a multidão engrossava a cada momento. É possível que o espetáculo que para ali fazia convergir neste momento todas as vistas, lhe tivesse feito esquecer completamente o Buraco dos Ratos e a estação que elas ali se propunham fazer, se o gordo Eustáquio de seis anos, que Mahiette continuava a ter agarrado pela mão, lho não lembrasse bruscamente:

— Mãe — disse-lhe ele, como se algum instinto o advertisse de que o Buraco dos Ratos lhe ficava atrás — agora posso comer o bolo?

Se Eustáquio fosse mais fino, isto é, menos guloso, teria esperado mais, e só à volta, na *Université*, em casa de Andry Musnier, na rua Madame la Valence, quando tivesse os dois braços do Sena e as cinco pontes da cidade entre o Buraco dos Ratos e o bolo, é que arriscaria esta tímida pergunta:

— Mãe, agora posso comer o bolo?

Esta mesma pergunta, imprudente no momento em que Eustáquio a fez, despertou a atenção de Mahiette.

— É verdade! — exclamou ela — Esquecemo-nos da reclusa! Mostrai-me então o vosso Buraco dos Ratos, para eu lá levar o bolo.

— Imediatamente — disse Ouarde — é uma esmola.

Não o pensava assim Eustáquio.

— Lá vai o meu bolo! — disse ele encolhendo os ombros, o que em semelhante caso é sinal sempre do descontentamento.

As três mulheres voltaram atrás, e, chegando junto da Torre Rolland, Ouarde disse às duas outras:

— Não devemos olhar todas três ao mesmo tempo pelo buraco, para não assustarmos a penitente do saco. Vós ambas fingi que ledes *dominus* no breviário enquanto eu meterei o nariz no postigo; a penitente conhece-me um bocado. Avisar-vos-ei quando puderdes vir.

Dirigiu-se para o postigo. No momento em que os seus olhos lá penetraram, uma profunda compaixão se desenvolveu em todas as suas feições e a sua jovial e franca fisionomia mudou tão repentinamente de expressão e de cor, como se passasse de um raio de sol a um raio de lua; os olhos humedeceram-se-lhe, a

boca contraiu-se-lhe como a quem vai chorar. Um instante depois, pôs um dedo nos lábios e fez sinal a Mahiette para vir ver.

Mahiette veio, comovida, em silêncio, nos bicos dos pés como quem se abeira do leito de um moribundo.

Era em verdade um triste espetáculo o que se oferecia aos olhos das duas mulheres, enquanto olhavam sem se mexer, sem sequer respirar, pela abertura gradeada do Buraco dos Ratos. Era estreita a cela, mais larga do que comprida, abobadada em ogiva, e vista pelo interior assemelhava-se bastante ao alvéolo de uma grande mitra de bispo. Sobre o lajedo nu que fazia o pavimento, a um canto via-se assentada ou antes acocorada uma mulher. Tinha o queixo apoiado sobre os joelhos que os seus braços apertavam fortemente contra o peito. Assim dobrada, vestida com um saco escuro que a envolvia toda nas amplas dobras, os seus longos cabelos grisalhos caídos para a frente, cobrindo-lhe o rosto e estendendo-se pelas pernas até aos pés, apresentava ao primeiro aspeto uma forma estranha, recortada sobre o fundo tenebroso da cela, uma espécie de triângulo enegrecido, que a claridade do dia vinda do postigo dividia cruamente em dois cambiantes, um sombrio, outro iluminado. Era um desses espetros divididos em duas partes de sombra e de luz, como se vê nos sonhos e na obra extraordinária de Goya, pálidos, imóveis, agachados sobre um túmulo ou encostados à grade de um cárcere. Não era uma mulher, nem um homem, nem um ente vivo, nem uma forma definida: era um vulto; uma espécie de visão sobre a qual se cruzavam o real e o fantástico, como a sombra e o dia. Apenas por debaixo dos cabelos caídos até ao chão, se distinguia um perfil emagrecido e severo; apenas o seu vestuário deixava passar a extremidade de um pé descalço que se crispava sobre o pavimento rígido e gelado. O pouco de forma humana que se entrevia por debaixo daquele lutuoso invólucro fazia estremecer.

Aquela figura, que se julgaria chumbada ao lajedo, parecia não ter nem vida, nem pensamento, nem alento. Com aquele leve saco de linhagem, em janeiro, em contacto imediato com o pavimento de granito, sem fogo, na sombra de um cárcere cujo respirador oblíquo não deixava chegar do exterior senão a aragem fria e nunca o sol, ela parecia não sofrer, nem sequer sentir. Dir-se-ia que com o cárcere se tinha feito pedra, com o tempo, gelo. As mãos tinha-as juntas, os olhos, fixos. À primeira vista tomava-se por um espetro, depois por uma estátua.

Os seus lábios azuis, a intervalos, entreabriam-se a um sopro e tremiam, mas tão mortos, tão maquinais como folhas que o vento agita.

Dos seus olhos baços escapava-se um olhar infável, profundo, lúgubre,

inalterável, incessantemente fixo num ângulo da cela que não se podia ver do exterior; um olhar que parecia reunir todos os sombrios pensamentos daquela alma ansiando por não sei que objeto misterioso.

Tal era a criatura que tinha pela sua morada o nome de *reclusa* e pelo seu vestuário o de *penitente do sacco*.

As três mulheres, pois Gervásia se tinha reunido a Mahiette e a Oudarde, espreitavam pelo postigo. As suas cabeças intercetavam a fraca claridade do cárcere, sem que a miserável, assim privada dessa claridade, parecesse notá-lo.

— Não a inquietemos — disse Oudarde, em voz baixa — está em êxtase, reza.

Mahiette, porém, observava com uma ansiedade sempre crescente aquela cabeça pendida, quase morta, desgrenhada e os olhos marejavam-se-lhe de lágrimas.

— Seria bem singular — murmurava ela.

Passou a cabeça por entre os varões do postigo e conseguiu fazer chegar a vista até ao ângulo onde se fitavam invariavelmente os olhos da desventurada. Quando tirou a cabeça do postigo, tinha o rosto inundado de lágrimas.

— Como chamais a esta mulher? — perguntou ela a Oudarde.

Oudarde respondeu:

— Chamamos-lhe irmã Gudula.

— E eu — acrescentou Mahiette — chamo-lhe Paquette a Chantefleurie.

Depois, pondo um dedo na boca, fez sinal a Oudarde, estupefacta, de passar a cabeça pelo postigo e olhar.

Oudarde olhou e viu no ângulo onde os olhos da reclusa se fixavam em sombrio êxtase, um sapatinho de cetim, cor de rosa, bordado a ouro e prata.

Gervásia olhou depois de Oudarde e as três mulheres, compadecidas da desgraçada mãe, puseram-se a chorar.

Nem as suas observações nem as suas lágrimas tinham distraído a reclusa. Continuava com as mãos juntas, com os lábios mudos, com os olhos fixos, e, para quem sabia a sua história, o sapatinho olhado assim cortava o coração.

As três mulheres não tinham ainda proferido uma palavra; não se atreviam a falar mesmo em voz baixa. Aquele grande silêncio, aquela grande dor, aquele grande esquecimento que fizera tudo desaparecer, fora uma coisa, fazia-lhe o efeito de uma altar-mor na Páscoa ou no Natal. Estavam caladas, recolhidas, prestes a ajoelhar-se. Parecia-lhes que acabavam de entrar numa igreja no dia de Trevas.

Afinal Gervásia, a mais curiosa das três, e por consequência a menos sensível, tentou fazer falar a reclusa:

— Irmã! Irmã Gudula!

Repetiu o chamamento três vezes alteando a voz de cada vez. A reclusa não se mexeu; nem uma palavra, nem um olhar, nem um suspiro, nem um sinal de vida.

Oudarde por seu turno, com voz mais doce e mais carinhosa chamou:

— Irmã! Irmã Santa Gudula!

O mesmo silêncio, a mesma imobilidade.

— Singular mulher! — observou Gervásia — Nem uma bomba a acordaria!

— É talvez surda! — disse Oudarde.

— Talvez cega — acrescentou Gervásia.

— Talvez morresse — objetou Mahiette.

Era certo que se a alma não tinha abandonado aquele corpo inerte, adormecido, letárgico, pelo menos retirara-se e escondera-se nele em profundezas onde as percepções dos órgãos exteriores não podiam chegar.

— É então preciso — disse Oudarde — deixar o bolo sobre o postigo; algum rapaz vai levá-lo. Mas que fazer para a acordar?

Eustáquio, que até aquele momento tinha estado distraído com um carrinho puxado por um grande cão que ia a passar, descobriu de repente que sua mãe e as companheiras viam alguma coisa pelo postigo, e, apertado por seu turno pela curiosidade, subiu a um peão, ergueu-se no bico dos pés e chegou à abertura a sua gorda cara vermelha, gritando:

— Mãe, eu também quero ver.

Com aquela voz de criança, clara, fresca, sonora, a reclusa estremeceu. Voltou a cabeça com o movimento seco e brusco de uma mola de aço, as suas compridas mãos descarnadas fizeram desviar-lhe os cabelos do rosto e deixou cair sobre a criança os seus olhos atónitos, tristes, desesperados. Esse olhar foi apenas um relâmpago.

— Meu Deus! — bradou de repente escondendo a cabeça entre os joelhos, parecendo que a voz rouca lhe despedaçava o peito na passagem — Ao menos não me mostreis os dos outros!

— Bons dias, minha senhora — disse a criança cheia de gravidade.

No entanto este abalo tinha, por assim dizer, despertada a reclusa. Um longo estremecimento correu-lhe todo o corpo, da cabeça até aos pés; os dentes bateram-lhe, levantou a meio a cabeça e disse apertando os cotovelos contra as ancas e agarrando os pés com as mãos como para os aquecer:

— Oh! Que grande frio!

— Pobre mulher! — disse Oudarde cheia de compaixão — quereis fogo para vos aquecerdes?

A penitente abanou a cabeça como quem recusa.

— Então — disse Oudarde apresentando-lhe um frasco — aqui tendes hipocraz que o substitui; bebei.

De novo abanou a cabeça, olhou fitamente para Oudarde e disse:

— Água.

Oudarde insistiu.

— Não, irmã, água não é bebida para janeiro. Deveis beber um pouco de hipocraz e comer este bolo de farinha de milho, que preparámos para vós.

Repeliu o bolo que Mahiette lhe apresentava e disse:

— Pão negro.

— Vamos — disse Gervásia abalada a seu turno pela caridade e tirando a sua faixa de lã — aqui tendes uma cobertura um pouco mais quente que a vossa.

Ponde isto nos ombros.

Como tinha feito com o frasco e com o bolo recusou também a faixa e respondeu:

— Um saco.

— Mas é preciso — insistiu a boa Oudarde — que atenteis um pouco que ontem foi dia de festa.

— Já atentei — disse a reclusa. — Há já dois dias que não tenho água na bilha.

E acrescentou depois de um silêncio:

— É dia de festa, esquecem-se de mim. Fazem bem. Para que há de o mundo lembrar-se de mim, que me não lembro dele? Para lume apagado, cinza fria.

E como fatigada de tanto ter dito, deixou de novo cair a cabeça sobre os joelhos. A simples e caritativa Oudarde, que julgou compreender pelas suas últimas palavras que ela se queixava outra vez de frio, perguntou-lhe ingenuamente:

— Quereis então fogo?

— Fogo? — repetiu a penitente com estranho acento — E daríeis também algum à pobre criança que há quinze anos está debaixo da terra?

Tremiam-lhe todos os membros, a palavra saía-lhe vibrante, os olhos tinham desusado brilho. Levantou-se sobre os joelhos e estendendo de repente a mão branca e magra para o pequeno Eustáquio que a fitava admirado:

— Levem essa criança! A cigana vai passar.

Depois caiu com a face contra a terra, e a fronte bateu no lajedo com o som de uma pedra contra outra pedra. As três mulheres julgaram-na morta. Um momento depois, mexeu-se e elas viram-na arrastar-se sobre os joelhos e sobre os cotovelos até ao canto onde estava o sapatinho. Então não se atreveram a observá-la; não a viram mais, mas ouviram mil beijos e mil suspiros de mistura com gritos dilacerantes e pancadas surdas como as de uma cabeça que bate contra um muro. Depois de uma dessas pancadas, de tal modo violenta que as fez cambalear a todas, não ouviram mais nada.

— Matar-se-ia ela! — disse Gervásia arriscando-se a passar a cabeça pelo postigo — Irmã! Irmã Gudula!

— Irmã Gudula! — repetiu Oudarde.

— Meu Deus! Ela não se mexe! — continuou Gervásia — Morreria ela! Gudula! Gudula!

Mahiette até então sufocada a ponto de não poder falar, fez um esforço.

— Esperai — disse eia; depois, debruçando-se para o postigo: — Paquette! Chamou — Paquette a Chantefleurie!

Uma criança que ingenuamente sopra sobre a mecha mal acesa de um petardo, e que o faz rebentar nos olhos, não fica mais espantada do que ficou Mahiette com o efeito desse nome tão de chofre lançado na cela da irmã Gudula.

A reclusa estremeceu por todo o corpo, levantou-se sobre os pés descalços e deu um salto para o postigo com uns olhos tão chamejantes que Mahiette, Oudarde, a outra mulher e a criança recuaram até ao peito do cais.

O sinistro rosto da penitente apareceu colado à grade do postigo.

— Oh! Oh! — bradava ela por entre um gargalhar medonho — É a cigana que me está a chamar!

Nesse momento uma cena que se passava no pelourinho deteve os seus olhos desvairados. O rosto enrugou-se-lhe de horror, estendeu para fora do seu cubículo os braços de esqueleto e bradou com voz que se assemelhava a um estertor:

— És ainda tu, filha do Egito! És tu quem me chama! Roubadora de crianças! Então, maldita sejas tu! Maldita! Maldita! Maldita!

IV. Uma lágrima por uma gota de água

Estas palavras eram por assim dizer, o ponto de junção de duas cenas que até então se tinham representado paralelamente na mesma ocasião, cada uma em seu teatro particular; uma, a que se acaba de ler no Buraco dos Ratos; a outra que se vai ler sobre a escada do pelourinho. A primeira só tivera por testemunhas as três mulheres com as quais o leitor acaba de travar conhecimento; a segunda tinha tido por espetadores todo o público que mais acima vimos acorrer à praça da Greve em volta do pelourinho e da força.

Essa turba, à qual os quatro aguazis que se tinham vindo postar às onze horas da manhã aos quatro cantos do pelourinho, tinham feito esperar uma tal ou qual execução, não de um enforcado, mas pelo menos de um açoitado ou de um desorelhado, alguma coisa, enfim, essa turba crescia tão rapidamente que os quatro aguazis, apertados, tinham tido por mais de uma vez necessidade de se fazerem campo com as ancas dos cavalos.

Esta população costumada a esperar pelas execuções públicas não manifestava muita impaciência. Divertia-se a citar para o pelourinho, espécie de monumento muito simples, composto de um cubo de alvenaria, de cerca de dez pés de altura, oco no interior. Uns degraus muito íngremes de pedra bruta, a que chamavam por excelência *a escada*, levavam à plataforma superior, sobre a qual se via uma roda horizontal de madeira de carvalho maciço. Atavam o paciente sobre esta roda, de joelhos e com as mãos atrás das costas. Uma travessa de madeira que punha em movimento um cabrestante oculto no interior do pequeno edifício, imprimia uma rotação à roda sempre conservada no plano horizontal e apresentava deste modo o rosto do condenado sucessivamente a todos os pontos da praça. É o que se chamava *voltar* um criminoso.

Como se vê, o pelourinho da Greve estava longe de oferecer todas as belezas do pelourinho das Halles. Nada de arquitetural. Nada de monumental. Sem telhado com cruz de ferro, sem lanterna octógona, sem delicadas colonatas, indo acabar à beira do telhado em capitéis de acantos e de flores, sem goteiras quiméricas e monstruosas, sem vigamentos lavrados, sem finas esculturas profundamente abertas na pedra.

Tinha a gente de se contentar com quatro panos do pedras toscas, com duas faixas de grés e com uma força ordinária de pedra, magra e nua, ao lado.

O mimo era mesquinho para amadores de arquitetura gótica. É verdade que

ninguém era menos curioso em monumentos do que os bons basbaques da Idade Média que se preocupavam mediocrementemente com a beleza de um pelourinho.

O paciente chegou, afinal amarrado numa carreta, e quando o içaram sobre a plataforma, quando o puderam ver de todos os pontos da praça ligado com correias e cordas à roda do pelourinho, um alarido prodigioso, de mistura com gargalhadas e aclamações, rebentou na praça. Tinham reconhecido Quasimodo.

Era efetivamente ele. Era estranho o seu contraste. Amarrado ao pelourinho na mesma praça onde na véspera fora saudado, aclamado e proclamado papa e príncipe dos doidos, com o cortejo do duque do Egipto, do rei de Tunes e do imperador de Galileia! O que é certo, é que não havia espírito algum entre a multidão, nem ele mesmo, a quem este contraste salteasse o pensamento. Faltava a este espetáculo Gringoire e a sua filosofia.

Miguel Noiret, trombeta-jurado do rei nosso senhor, mandou fazer silêncio à assistência e proclamou a sentença de conformidade com as ordens e mandados do senhor preboste. Depois retirou-se para detrás da carreta com a sua gente de fardas agaloadas.

Quasimodo, impassível, não pestanejava. Qualquer resistência era-lhe impossível, pelo que então se chamava, em estilo de chancelaria criminal, *a veemência e firmeza das prisões*, o que quer dizer as correias e os cadeados lhe entravam provavelmente pelas carnes. É afinal de contas uma tradição de cárcere e de forçados que se não perdeu e que as algemas conservam ainda piedosamente entre nós, povo civilizado, brando, humano (as galés e a guilhotina entre parêntesis).

Tinha-se deixado agarrar, empurrar, levar, empoleirar, atar e tornar a atar. Na sua fisionomia só se podia divisar um pasmo de selvagem ou de idiota. Sabia-se que era surdo, dir-se-ia também cego.

Puseram-no de joelhos sobre o tablado circular; deixou-se pôr. Tiraram-lhe a camisa e o gibão e deixaram-no nu até à cintura; deixou fazer. Ataram-no com um novo sistema de correias e fivelas, deixou-se prender e afivelar. Somente, de tempos a tempos, bufava ruidosamente como um bezerro cuja cabeça pende e se balouça do rebordo da carreta do magarefe.

— O alcaravão — disse Jehan Frollo do Moinho ao seu amigo Robin Poussepain (porque os dois estudantes tinham seguido o paciente, na forma do costume) está agora como um besouro fechado numa caixa!

A multidão riu doidamente quando viu nua a corcova de Quasimodo, o seu

peito de camelo e os seus ombros calosos e cabeludos. Enquanto se expandia esta alegria, um homem com a libré da cidade, baixo de estatura e de robusta compleição, subiu à plataforma e veio pôr-se ao lado do paciente. O seu nome depressa circulou pela assistência. Era mestre Pierrat Torterue, verdugo jurado do Châtelet.

Começou por poisar num ângulo do pelourinho uma ampulheta cuja cápsula superior estava cheia de areia vermelha que deixava escapar para o recipiente inferior; depois tirou o gibão de duas faces e viu-se pender-lhe da mão um açoite delgado e guarnecido de longas correias brancas, lustrosas, cheias de nós, entrançadas e com garras de metal. Com a mão esquerda arregaçava negligentemente a camisa do braço direito até ao sovaco.

E Jehan Frollo gritava elevando a cabeça loura e anelada por cima da multidão (para isso tinha cavalcado sobre os ombros de Robin Poussepain):

— Vinde ver senhores e senhoras! Vai-se açoitar perentoriamente mestre Quasimodo, sineiro de meu irmão, o senhor arceediago de Josas, uma esquisita arquitetura oriental que tem as costas como um zimbório e as pernas como umas colunas tortas!

E a multidão a rir, especialmente as crianças e as raparigas.

O verdugo bateu com o pé no chão. A roda começou a girar. Quasimodo cambaleou nos seus laços. O assombro que de repente se lhe pintou na fisionomia disforme fez crescer em derredor as gargalhadas.

Em seguida, no momento em que a roda no seu giro apresentou a mestre Pierrat o dorso monstruoso de Quasimodo, o verdugo levantou o braço; as correias delgadas sibilaram no ar como um punhado de cobras e caíram com fúria sobre os ombros do miserável.

Quasimodo sacudiu-se como acordado em sobresalto. Começava a compreender. Torceu-se nas prisões: uma violenta contração de surpresa e de dor decompôs-lhe os músculos do rosto, mas não deu um gemido. Somente voltou a cabeça para trás, para a direita, depois para a esquerda, balouçando-a como faz um touro picado na anca pela mosca.

Uma segunda azorragada seguiu a primeira, depois terceira e outra e outra e sempre. A roda não cessava de girar nem as azorragadas de chover.

Depressa o sangue rebentou e viu-se correr em mil fios pelos negros ombros do corcunda e as correias esguias, na rotação com que açoitavam o ar atiravam-

no em gotas para o povo.

Quasimodo readquirira, pelo menos aparentemente a sua primitiva impassibilidade. Tentara, primeiro surdamente e sem grande abalo exterior, rebentar as prisões. Via-se o seu olho flamejar, retesarem-se-lhe os membros, e distenderem-se as correias e os cadeados. O esforço era potente, prodigioso, desesperado, mas os velhos aparelhos de tortura do prebostado resistiram. Estalaram e foi tudo. Quasimodo ficou extenuado. O assombro deu lugar nas suas feições a um sentimento de amargo e profundo desânimo. Fechou o seu único olho, deixou cair a cabeça sobre o peito e pareceu morto.

Desde então não se mexeu mais. Nada lhe pôde arrancar um movimento. Nem o sangue que não cessava de correr, nem o azorrague que redobrava de fúria, nem a cólera do verdugo, que a si próprio se excitava e se inebriava da execução, nem o som das terríveis tranças cada vez mais aceradas e mais sibilantes.

Um aguazil do Châtelet vestido de preto e montado num cavalo preto, postado ao lado da escada desde o princípio da execução, estendeu a vara de ébano para a ampulheta. O verdugo parou. A roda parou também. O olho de Quasimodo abriu-se lentamente. A flagelação estava terminada. Dois ajudantes do verdugo lavaram os ombros ensanguentados do paciente, esfregaram-nos não sei com que unguento que fechou imediatamente todas as feridas e puseram-lhe sobre as costas uma espécie de tanga amarela talhada em casula. Pierrat Torterue fazia escorrer sobre o pavimento as correias vermelhas empapadas de sangue.

Ainda não tinha terminado tudo para Quasimodo. Tinha ainda a sofrer a hora do pelourinho que mestre Florian Barbedienne tinha tão judiciosamente acrescentado à sentença de *messire* Roberto d'Estouteville; tudo para maior glória do velho trocadilho fisiológico e psicológico de João de Cuméne; *Surdus absurdus*.[\[44\]](#)

Voltaram pois a ampulheta e deixaram o corcunda amarrado no estrado para que justiça se fizesse até final.

O povo, na Idade Média sobretudo, é na sociedade, o que é a criança na família. Enquanto permanece nesse estado de ignorância primitiva, de menoridade moral e intelectual, pode dele dizer-se como da criança:

É a idade impiedosa.

Já fizemos ver que Quasimodo era geralmente odiado, por mais do que uma

razão, é verdade. Havia apenas um espetador na multidão que não tinha ou julgava nunca ter tido razão de queixa do mau corcunda de Nossa Senhora. Ao vê-lo aparecer no pelourinho, a alegria foi universal e a rude execução que acabava de sofrer e a miséria postura em que o tinham deixado, longe de enternecer a população, tornara-lhe o ódio mais mau, armando-o com uma ponta de malvadez.

Por isso, a *vindicta publica* satisfeita, como grasnam ainda hoje os barretes de clérigo, coube a vez às mil vinganças particulares. Aqui, como na grande sala, as mulheres faziam-se notar. Todos lhe tinham alguma zanga, umas pela sua malícia, outras pela sua fealdade. As últimas eram as mais furiosas.

— Oh! Máscara do Anticristo! — dizia uma.

— Cavaleiro de cabo de vassoura! — gritava outra.

— Que bela cara trágica! — berrava outra — Faziam-no com certeza papa dos doidos se hoje fosse ontem!

— Está bem — continuava uma velha. — Hoje, cara de pelourinho; quando chegará a da força?

— Quando te cobrirão com o teu sino grande cem pés abaixo da terra, maldito sineiro?

— E é aquele diabo que toca a *Avé Maria!*

— Oh! Surdo! Corcunda! Torto! Monstro!

— Cara de fazer abortar uma mulher com mais facilidade do que todas as mezinhas farmacopeias.

E os dois estudantes, Jehan do Moinho, e Robin Poussepain, cantavam com toda a força o velho estribilho popular:

Une hart
Pour le pendard!
Un fagot
Pour le magot!

Mil outras injúrias choviam e os apupos e as imprecações e as risadas e as pedras de quando em quando.

Quasimodo era surdo mas via bem, e o furor público não estava menos

energicamente pintado nos rostos do que nas palavras. Depois as pedras explicavam as gargalhadas.

Ao princípio não fez caso. Mas a pouco e pouco a paciência que se endurecera com o açoite do verdugo, fraquejou e doeu-se com as picadas dos insetos. O boi das Astúrias, que pouco se incomodou com os ataques do picador, irrita-se com os cães e com as bandarilhas.

Passeou primeiro pela multidão um olhar de ameaça.

Mas, amarrado como estava, o seu olhar foi impotente para enxotar as moscas que lhe pisavam as chagas. Então mexeu-se nos laços e os seus sacões furiosos fizeram gemer nos eixos a velha roda do pelourinho. Isso aumentou as risadas e os apupos.

Então o miserável, não podendo quebrar a coleira de besta fera presa, sossegou; a intervalos, somente, gemidos de raiva faziam-lhe arfar todas as cavidades do peito. Não tinha no rosto nem vergonha nem rubor. Estava muito longe do estado de sociedade e muito perto do estado de natureza para saber o que é a vergonha. E depois, neste ponto de disformidade, a infâmia é coisa sensível? Mas a cólera, o ódio, o desespero, faziam baixar lentamente sobre aquele rosto hediondo uma nuvem mais e mais sombria, mais e mais carregada de uma eletricidade que rebentava em mil relâmpagos no olho do ciclope.

No entanto esta nuvem adelgaçou-se um momento na passagem de uma mula que atravessava a multidão e que trazia um padre. Logo ao longe avistou a mula e o padre, o rosto do pobre paciente expandiu-se. Ao furor que o contraía, sucedeu um sorriso estranho, cheio de uma doçura, de uma mansidão, de uma ternura inefáveis. Ao passo que o padre se aproximava, esse sorriso tornava-se mais claro, mais distinto, mais radiante. Era como a vinda de um salvador que o desventurado saudava. No entanto, quando a mula esteve bastante perto do pelourinho para que o seu cavaleiro pudesse reconhecer o paciente, o padre abaixou os olhos, voltou bruscamente para trás, meteu as esporas como se tivesse pressa de se livrar de reclamações humilhantes e muito pouco desejo de ser saudado e reconhecido por um pobre diabo em semelhante postura.

Esse padre era o arcediago D. Cláudio Frollo.

A nuvem voltou mais sombria ainda sobre a frente de Quasimodo. Com ela se misturou ainda por algum tempo o sorriso, mas amargo, desalentado, profundamente triste.

O tempo ia decorrendo. Estava ali havia mais de hora e meia pelo menos,

mortificado, maltratado, apupado, quase apedrejado.

De repente mexeu-se de novo nas suas cadeias com tal desespero que fez tremer todo o madeiramento a que estava amarrado e quebrando o silêncio que até então tão obstinadamente tinha guardado, gritou com voz rouca e furiosa, que se assemelhava mais a um rugido do que a um grito humano e que dominou o ruído dos apupos:

— Tenho sede!

Esta exclamação de desgraça, longe de mover a compaixão, serviu para aumentar o divertimento do bom populacho parisiense que rodeava a escada, e que, forçoso é dizê-lo, em massa e como multidão, não era menos cruel e menos embrutecido do que a horrível tribo de vagabundos entre a qual já levámos o leitor, e que era muito simplesmente a camada mais inferior do povo. Nem uma única voz se ergueu à volta do infeliz paciente senão para motejar da sua sede.

É certo que ele, naquele momento, era grotesco e repelente mais ainda do que provocava a compaixão, com o rosto purpureado e cheio de suor, o olho desvairado, a boca espumando de cólera e de sofrimento, a língua meia de fora. Deve dizer-se também que se entre aquela gente se achasse alguma boa alma caridosa de burguês ou burguesa que fosse tentada de levar um copo de água àquela miserável criatura aflita, reinava à volta dos degraus inferiores do pelourinho um tal preconceito de vergonha e de ignomínia que seria o bastante para fazer recuar o bom Samaritano.

Ao cabo de alguns minutos, Quasimodo lançou sobre a multidão um olhar desesperado e repetiu com voz mais dilacerante ainda.

— Tenho sede!

E todos a rirem-se.

— Bebe isso! — gritava Robin Poussepain atirando-lhe à cara uma esponja que embebera na regueira — Toma, horrendo surdo! Sou teu devedor.

Uma mulher atirou-lhe uma pedra à cabeça:

— Toma para te ensinar a acordar-nos de noite com o teu carrilhão do inferno.

— Olha, menino — berrava um manco diligenciando chegar-lhe com a muleta — ainda nos deitarás mau olhado do alto das torres de Nossa Senhora?

— Toma lá uma escudela para beberes! — gritava um outro homem atirando-lhe ao peito com uma bilha quebrada. — Foste tu, só em passares por diante dela, que fizeste com que minha mulher tivesse um filho com duas cabeças!

— E à minha gata um gato com seis pernas! — gania uma velha atirando-lhe com um caco.

— Tenho sede! — repetiu pela terceira vez Quasimodo ofegante.

Neste momento viu-se desviar a população. Uma rapariga bizarramente vestida saiu da multidão. Acompanhava-a uma pequena cabra branca com os chavelhos dourados; trazia na mão um pandeiro.

O olho de Quasimodo cintilou. Era a cigana que ele tinha tentado roubar na noite precedente, proeza pela qual sentia confusamente que naquele mesmo momento o castigavam, o que afinal de contas era o menos do mundo, por isso que ele era castigado só pela desgraça de ser surdo e de ter sido julgado por um surdo. Não duvidou que ela também viesse tirar vingança dele e fazer-lhe também uma partida como todos os outros.

Viu-a efetivamente subir com rapidez a escada. A cólera e o despeito sufocavam-no. Queria poder desmoronar o pelourinho e se o cintilar do seu olho pudesse fulminar, a cigana teria ficado em pó antes de chegar à plataforma.

Abeirou-se, sem dizer palavra, do paciente que debalde se torcia para lhe escapar, e, desprendendo uma cabaça da cintura, chegou-a meigamente aos lábios ressequidos do miserável. Então, nesse olho até aí tão seco e tão queimado, viu-se bailar uma grossa lágrima que caiu lentamente ao longo desse rosto disforme e por tanto tempo contraído pelo desespero. Era talvez a primeira que o desventurado derramava.

E esquecia-se de beber. A cigana fez o seu trejeitozinho de impaciência e apoiou, sorrindo, o gargalo na boca de Quasimodo guarnecida de grandes dentes.

Este bebeu a longos tragos. A sua sede era ardente.

Quando acabou, o miserável alongou os lábios negros sem dúvida para beijar a bela mão que acabava de o servir. Mas a rapariga, que não deixava talvez de estar desconfiada e se lembrava da violenta tentativa da noite, retirou a mão com o gesto assustado de uma criança que receia ser mordida por um animal. Então o pobre surdo fixou nela um olhar cheio de censura e de uma tristeza inexplicável.

Era, em qualquer parte, um espetáculo comovedor o daquela linda rapariga fresca, pura, encantadora e tão fraca ao mesmo tempo, tão piedosamente acorrendo em socorro de tanta miséria, de tanta disformidade, de tanta malvadez. Sobre um pelourinho, o espetáculo era sublime.

Com ele o povo mesmo se emocionou e rompeu em palmas, bradando:

— Noel! Noel!

Foi neste momento que a reclusa avistou do postigo da sua cela, a cigana sobre o pelourinho, e que lhe vibrou a sua sinistra imprecação:

— Maldita sejas tu, filha do Egitó! Maldita! Maldita

V.
Fim da história do bolo

A Esmeralda empalideceu e desceu, cambaleando, a escada do pelourinho. A voz da reclusa continuou a persegui-la.

— Desce! Desce! Ladra do Egitto, mas deixa que hás de tornar a subir!

— A penitente do saco está com os seus dias — disse o povo murmurando, não mais se importando com a desgraçada, porque aquela espécie de mulheres eram temidas, o que as fazia sagradas. Ninguém nesse tempo, agredia de boa vontade quem orava dia e noite.

Chegou a hora de reconduzir Quasimodo. Desprenderam-no e a multidão dispersou.

Ao chegar à Ponte Grande, Mahiette, que se retirava com as suas duas companheiras, parou de repente.

— A propósito, Eustáquio, que fizeste ao bolo?

— Mãe — respondeu a criança — enquanto faláveis com a senhora que estava naquele buraco, veio um grande cão que me deu uma dentada nele. Depois eu comi também.

— Como é isso, senhor, comestes tudo?

— Minha mãe, foi o cão. Eu bem lhe disse, mas ele não fez caso. Vai então dei-lhe também uma dentada, é o que foi.

— É uma criança terrível — disse a mãe entre risonha e carrancuda — Quereis saber, Oudarde? Só ele à sua parte comeu todas as cerejas da nossa tapada da Charlerange. O avô diz que ele há de ser um grande capitão. Ora torne a sair noutra, senhor Eustáquio. Ande lá!

Livro sétimo

I.

Perigo de confiar um segredo a uma cabra

Tem decorrido algumas semanas.

Estava-se nos primeiros dias de março. O Sol, a que Dubartas, o clássico avô da perífrase, não tinha ainda chamado o grão duque das luminárias, nem por isso deixava de estar menos alegre e radioso. Era um desses dias de primavera que têm tanta doçura e beleza, que Paris inteira, espalhada pelas praças e passeios, os festeja como domingos. Nesses dias de claridade, de calor e de serenidade, há uma certa hora especialmente em que se deve admirar a portaria de Nossa Senhora. É o momento em que o Sol, já inclinado para o poente, mira, quase em frente, a catedral. Os seus raios, cada vez mais horizontais, retiram-se lentamente do pavimento da praça e sobem a pique ao longo da fachada, fazendo-lhe os mil altos relevos pela sua própria sombra enquanto o grande florão central flameja como um olhar de ciclope em que se refletem as reverberações da forja.

Era pois essa hora.

Mesmo defronte da alta catedral corada pelo poente, sobre um balcão de pedra por cima do pórtico de uma rica casa gótica que fazia o ângulo da praça e da rua do Adro, algumas belas meninas riam e foliavam graciosas e descuidadamente. Pelo comprimento do véu, que caía do alto da sua coifa pontiaguda, guarnecida de pérolas, até aos calcanhares, pela finura da camisinha bordada que lhes cobria os ombros, deixando ver, segundo a moda atraente de então, a nasçença das suas belas gargantas de virgem, pela opulência das saias de baixo, mais preciosas ainda que as de cima (maravilhosa pesquisa) pela cambraia, pela seda, pelo veludo de que tudo isso era feito e sobretudo pela brancura das mãos que atestava a sua preguiça e a sua ociosidade, era fácil adivinhar que eram nobres e ricas herdeiras. Eram com efeito *demoiselle* Flor de Lis de Gondelaurier e as suas companheiras Diana de Christeuil, Amelotte de Montmichel, Colombe de Gaillefontaine e a pequena Champchevrier, todas filhas de boas casas, reunidas neste momento em casa da senhora viúva de Gondelaurier, por causa de Monsenhor de Beaujeu e da senhora sua mulher, que deviam chegar no mês de abril a Paris escolher as aias de honor para a senhora delfina Margarida, quando se tivesse de a ir receber à Picardia, das mãos dos Flamengos. Ora, todos os fidalgos de trinta léguas em redondo disputavam este favor para as filhas, e muitos deles já as tinham trazido ou mandado para Paris. Estas tinham sido confiadas pelos pais à guarda discreta e veneranda da senhora Aloisa de Gondelaurier, viúva dum antigo oficial dos besteiros do rei, vivendo com sua filha única na sua casa da praça do adro de Nossa Senhora, em Paris.

O balcão onde estavam essas donzelas servia uma sala com o pavimento ricamente coberto de um couro de Flandres avermelhado estampado com folhagens de ouro. As vigas, que dividiam paralelamente o teto, distraíam a vista pelas suas mil extravagantes esculturas pintadas e doiradas. Sobre arcas cinzeladas, esplêndidos esmaltes faziam cambiantes aqui e ali; uma cabeça de javali de faiança coroava um magnífico aparador em dois degraus, que anunciavam que a dona da casa era mulher ou viúva dum cavaleiro de pendão e caldeira. Ao fundo, ao lado de uma alta chaminé armoriada e brasonada de alto a baixo, estava sentada, numa rica poltrona de veludo vermelho, a senhora Gondelaurier, cujos cinquenta e cinco anos estavam tanto escritos no seu vestuário como no seu rosto.

Ao lado dela estava de pé um rapaz de aparência bastante altiva, se bem que um pouco vã e fanfarrona, um desses belos rapazes no entender de todas as mulheres, mas que aos homens sérios e fisionomistas fazem encolher os ombros. Esse moço cavaleiro trajava o brilhante uniforme de capitão dos archeiros das ordenanças do rei, que se assemelhava por demais ao vestuário de Júpiter, que já se pôde admirar no primeiro livro desta história, dispensando-nos por isso de infligirmos agora uma nova descrição ao leitor.

As meninas estavam sentadas parte na sala parte no balcão, umas em coxins de veludo de Utrecht com cantoeiras de ouro, outras sobre escabelos de madeira de carvalho esculpidos de figuras e flores. Cada uma delas tinha sobre os joelhos a extremidade dum grande bordado a agulha, no qual trabalhavam em comum e do qual uma boa parte caía sobre o pavimento.

Conversavam entre si com a meia voz e os risinhos abafados dum conciliábulo de raparigas no meio das quais há um rapaz. Esse rapaz, cuja presença bastara para pôr em ação todos aqueles amores próprios femininos, parecia, pela sua parte, preocupar-se muito mediocrementemente com isso e enquanto que as belas meninas porfiavam em ver quem lhe despertaria a atenção, ele parecia sobretudo ocupado em lustrar com a sua luva de pele de gamo a fivela do seu cinturão.

De tempos a tempos a velha dama dirigia-lhe a palavra baixinho e ele respondia-lhe o melhor que podia com uma espécie de delicadeza esquerda e constrangida. Pelos sorrisos, pelos sinaizinhos de inteligência da senhora Aloisa, pelas olhadelas que lançava a sua filha Flor de Lis, falando baixo com o capitão, era fácil ver que se tratava de alguns esponsais já combinados, de algum casamento, sem dúvida próximo, entre ele e Flor de Lis. E pela frieza embaraçante do oficial, era fácil também ver que pelo menos do seu lado, se não tratava já de amor. O seu todo exprimia um pensamento de constrangimento e

de enfado que os nossos alferes de guarnição traduziriam admiravelmente hoje por: — Que estopada!

A pobre senhora, toda desvanecida com a filha, como uma pobre mãe que era, não se apercebia do pouco entusiasmo do oficial e afadigava-se em lhe fazer notar baixinho todas as perfeições infinitas com que Flor de Lis movia a agulha ou dobava a meada.

— Vede, priminho — dizia-lhe ela puxando-lhe pela manga para lhe falar ao ouvido. — Olhai para ela! Lá se vai abaixar!

— É verdade — respondia o capitão, e recaía no seu silêncio distraído e glacial.

Um momento depois, tinha de se abaixar de novo e a senhora Aloísa dizia-lhe:

— Já se via rosto mais gracioso e mais alegre de que o de vossa futura? Pode-se ser mais branca e mais loura? Não são formosas aquelas mãos? E aquele pescoço não toma, tão lindamente, todos os requieiros dum pescoço de cisne? Como vos invejo por momentos! E como sois feliz em ser homem, vil libertino! Não é verdade que a minha Flor de Lis é tão bela, que é digna de ser adorada e que estais doido por ela?

— Decerto — respondia ele pensando em outra coisa.

— Mas falai-lhe então — disse de repente a senhora Aloísa empurrando-o pelo ombro — dizei-lhe alguma coisa; tornaste-vos bem tímido.

Podemos afirmar aos leitores que a timidez não era nem a virtude nem o defeito do capitão. Tentou no entanto fazer o que lhe pediam.

— Bela prima — disse ele abeirando-se de Flor de Lis — qual é o assunto desse bordado em que estais trabalhando?

— Belo primo — respondeu Flor de Lis com um tom de despeito. — Já vo-lo disse três vezes: é a gruta de Neptuno.

Era evidente que Flor da Lis via mais claro que sua mãe as maneiras frias e distraídas do capitão. Ele percebeu a necessidade de conversar em alguma coisa.

— E para quem é toda essa neptuneria? — perguntou ele.

— Para a abadia de Santo António dos Campos — disse Flor de Lis sem

levantar os olhos.

O capitão levantou uma ponta do bordado:

— Que quer dizer, minha bela prima, este gordo gendarme, que sopra com as bochechas inchadas numa trombeta?

— É Tritão — respondeu ela.

Continuava a haver uma entoação um tanto agastada nas breves palavras de Flor de Lis. O capitão compreendeu que era indispensável dizer-lhe alguma coisa ao ouvido, uma ninharia, uma galantaria, não importava que o fosse. Debruçou-se pois, mas não pôde encontrar na sua imaginação nada mais terno e mais íntimo do que isto:

— Porque é que vossa mãe usa sempre uma cota armoriada como nossas avós do tempo de Carlos VII? Dizei-lhe, minha bela prima, que isso agora já não é elegante e que os emblemas dos seus brasões bordados nos seus vestidos lhe dão o aspeto dum pano de chaminé a andar. Em verdade já se não assentam mais assim sobre a sua bandeira, juro-vo-lo.

Flor de Lis ergueu os olhos cheios de recriminação:

— É isso tudo o que me jurais? — disse ela em voz baixa.

A boa senhora Aloísa, jubilando por assim os ver debruçados e falando baixo, dizia, brincando com os fechos do seu livro de orações:

— Comovente quadro de amor!

O capitão, cada vez mais contrariado, voltou-se para o bordado:

— É em verdade um encantador trabalho! — exclamou.

Ouvindo isto, Colomba de Gaillefontaine, uma outra bela loura de pela branca, com um corpete de damasco azul, arriscou timidamente uma palavra que dirigiu a Flor de Lis, na bela esperança de que o belo capitão lhes responderia:

— Minha querida Gondelaurier, viste as tapeçarias do palácio da Roche-Guyon?

— Não é aquele palácio onde há o jardim da Roupeira do Louvre? — perguntou a rir-se Diana de Christeuil, que tinha bonitos dentes e que por

consequência ria a propósito de tudo.

— E onde há a grande torre velha da antiga muralha de Paris — acrescentou Amelotte de Montmichel, linda morena, anafada e fresca, que tinha o hábito de suspirar como a outra de rir, sem saber porquê.

— Minha cara Colomba — atalhou *madame* Aloísa — quereis falar do palácio que pertencia ao senhor de Bacqueville, no tempo do rei Carlos VI? Havia ali efetivamente bem soberbas tapeçarias.

— Carlos VI! Carlos VI! — resmoneou o moço capitão, cofiando o bigode. — Meu Deus! Como esta boa senhora se lembra de coisas velhas!

Madame de Gondelaurier continuava:

— Belas tapeçarias, efetivamente. Um trabalho tão apreciado que passa por único!

Neste momento, Bérangère de Champchevrier, esbelta rapariguinha da sete anos que olhava para a praça pelos trevos do balcão, gritos:

— Veja, minha bela madrinha Flor de Lis, a linda dançarina que dança na praça e que tamborila no meio dos burgueses e dos campónios.

Efetivamente ouvia-se o som sonoro de um pandeiro.

— Alguma cigana de Boémia — disse Flor de Lis voltando-se negligentemente para a praça.

— Vamos ver! Vamos ver! — bradaram as suas azogadas companheiras e correram todas para o balcão, enquanto Flor de Lis, pensando na frieza do seu noivo, as seguia lentamente, e este, aliviado por este incidente que punha termo a uma conversa que o importunava, voltava para o fundo do quarto com o ar satisfeito de um soldado que tem folga do serviço. Era no entanto um encantador e gentil serviço o da bela Flor de Lis e tal lhe parecera em outro tempo; mas o capitão enfadara-se a pouco e pouco; a perspectiva de um próximo casamento de dia para dia o esfriava mais. Além disso, era de génio inconstante e, deve dizer-se, de gosto um pouco vulgar. Apesar de ser de nascimento muito nobre, contraíra com o uniforme mais de um hábito de caserna. Agradava-lhe a taberna e tudo o que ela traz. Só estava à vontade entre palavras grosseiras, galantarias militares, belezas fáceis e fáceis êxitos. Não obstante recebera da família alguma educação, alguma polidez, mas ainda muito moço começara a correr terras, a estar de guarnição e todos os dias o verniz de fidalgo ia desaparecendo com a

dura fricção do seu boldrié de gendarme. Visitando-a de tempo a tempo, por um resto de respeito humano, sentia-se duplamente contrariado em casa de Flor de Lis; primeiro porque, à força de dispensar o seu amor em toda a casta de lugares, reservara para ela uma pequena parte, e depois porque no meio de tantas belas damas empertigadas, cheias de compostura e decência, estava sempre a tremer que a sua boca habituada às pragas, tomasse de um jato o freio nos dentes e rompesse em propósitos de taberna. Imaginem que bonito efeito!

Tudo isto se misturava nele com grandes pretensões de elegância, de vestuário e de bela aparência. Arranjem estas coisas como puderem. Eu sou apenas historiador.

Estava pois, havia alguns momentos, a pensar ou a não pensar, apoiado em silêncio ao alisar esculpido da chaminé, quando Flor de Lis, voltando-se de repente, lhe dirigiu a palavra. Afinal de contas a pobre menina não se mostrava agastada senão contra a vontade do seu coração.

— Belo primo, não me falastes de uma ciganzita que salvastes, há dois meses, quando rondáveis à noite, das mãos de uma dúzia de ladrões?

— Penso que sim, bela prima — disse o capitão.

— Talvez seja — continuou ela — a cigana que está a dançar no adro. Vinde ver se a reconheceis, belo primo Febo.

Transparecia um secreto desejo de reconciliação no doce convite que lhe fazia para se aproximar dela e no cuidado de o chamar pelo nome. O capitão Febo de Châteaupers (porque é ele que o leitor tem sob os olhos desde o princípio deste capítulo) aproximou-se lentamente do balcão.

— Vede — disse-lhe Flor de Lis pondo com ternura a mão no braço de Febo — vede aquela rapariga que dança no meio daquela roda. É a vossa cigana?

Febo olhou e disse:

— É, reconheço-a pela cabra.

— Oh! Linda cabrinha em verdade! — disse Amelotte pondo as mãos de admiração.

— E as suas pontas são de ouro verdadeiro? — perguntou Bérangère.

Sem se mexer da poltrona, *dama* Aloísa tomou a palavra:

— Não era uma dessas ciganas que entraram o ano passado pela porta Gibard?

— Minha senhora e mãe — disse meigamente Flor de Lis — essa porta chama-se hoje Porta do Inferno.

Mademoiselle de Gondelaurier sabia até que ponto o capitão se impressionava desagradavelmente com o modo de falar sedição de sua mãe. Efetivamente ele já começava a chacoatear, dizendo por entre os dentes:

— Porta Gibard! Porta Gibard! Há de ser para entrar por ela o rei Carlos VI!

— Oh! Madrinha — exclamou Bérangère, cujos olhos em contínuo movimento se tinham erguido de repente para o alto das torres de Nossa Senhora — quem é aquele homem negro que está lá em cima?

Todas as donzelas levantaram os olhos. Efetivamente um homem debruçava-se sobre a balaustrada culminante da torre setentrional que dava sobre a Greve. Era um padre. Distinguia-se-lhe perfeitamente a sotaina e o rosto apoiado sobre as mãos. Não se mexia; parecia uma estátua. O seu olhar fixo incidia sobre a praça. Era alguma coisa de imobilidade do milhafre que descobre um ninho de pardais e que o mira.

— É o senhor arcediago de Josas — disse Flor de Lis.

— Tendes bons olhos que assim o conheceis daqui! — observou a Gaillefontaine.

— Como ele olha para a dançarina! — acrescentou Diana de Christeuil.

— Que a cigana se acautele, porque ele não gosta dessa raça!

— É pena que aquele homem esteja assim a olhar para ela — acrescentou Amelotte de Montmichel — pois dança que é uma maravilha.

— Belo primo Febo — disse de repente Flor de Lis — visto conhecerdes aquela ciganazita, fazei-lhe sinal para que suba, isso vai divertir-nos.

— Sim! Sim! — bradaram todas as donzelas batendo as mãos.

— Isso é uma loucura — respondeu Febo. — Já se esqueceu sem dúvida de mim e eu nem sequer sei o seu nome. No entanto, já que assim o desejais, *mademoiselles*, vou tentar.

E, debruçando-se sobre a balastrada do balcão chamou gritando:

— Pequena!

Nesta ocasião a cigana não tocava o pandeiro. Voltou a cabeça para o ponto de onde partia a voz, o seu brilhante olhar fixou-se em Febo e logo parou.

— Pequena! — repetiu o capitão; e fez-lhe sinal com o dedo para subir.

A cigana olhou para ele outra vez, depois corou como se as faces lhe escaldassem, e metendo o pandeiro debaixo do braço, dirigia-se, atravessando os espetadores atônitos para a porta da casa de onde Febo a chamava, com passos lentos, indecisos, e com a vista turvada da avezinha que cede à fascinação da serpente.

Um instante depois, o reposteiro levantou-se e a cigana apareceu no limiar da sala, corada, confundida, ofegante, com os seus grandes olhos baixos, não ousando dar mais um passo.

Bérangère bateu as palmas.

No entanto a bailarina continuava imóvel na limiar da porta. A sua aparição produzira no grupo daquelas donzelas um efeito singular. É certo que um vago e indistinto desejo de agradar ao belo oficial as animava todas a um tempo e que o esplêndido uniforme era o alvo de todas as suas garridices, e que, desde que ele estava presente, havia entre elas uma certa rivalidade secreta, surda, que só a si próprias confessavam, mas que nem por isso deixava de transparecer a cada instante nos seus gestos e nas suas palavras. Contudo, como elas tinham todas aproximadamente o mesmo grau de beleza, lutavam com armas iguais e a cada uma era lícito esperar a vitória. A chegada da cigana quebrou bruscamente este equilíbrio. Era ela duma beleza tão rara que no momento em que ela apareceu à entrada da sala, pareceu que ela ali espalhava uma espécie de luz.

Naquele recinto relativamente pequeno, na sombria moldara das tapeçarias e dos relevos das esculturas, ela era incomparavelmente mais bela e radiante do que na praça pública. Era como a luz trazida da claridade para as sombras. As nobres *demoiselles*, a seu pesar, sentiram-se deslumbradas. Cada uma se sentiu de algum modo ferida na sua beleza. Assim, a sua frente de batalha (relevemos a expressão) mudou imediatamente sem que elas dissessem uma única palavra. Mas entenderam-se à maravilha. Os instintos de mulheres compreendem-se e correspondem-se mais depressa do que as inteligências de homens. Acabava de chegar uma inimiga; todas o sentiam, todas se juntavam. Basta uma gota de vinho para corar um copo cheio de água; para pôr de certa

feição toda uma assembleia de mulheres bonitas, basta a chegada de uma mulher mais bonita, sobretudo quando há apenas um homem.

Por isso o acolhimento feito à cigana foi sobremodo glacial. Miraram-na de alto a baixo, olharam depois umas para as outras e disseram tudo; tinham-se compreendido. E a pobre cigana à espera que lhe falassem, de tal modo comovida que não se atrevia a levantar as pálpebras.

Foi o capitão o primeiro a quebrar o silêncio.

— Palavra de honra — disse em um tom de intrépida fatuidade — encantadora criatura! Que lhe tendes a dizer, bela prima?

Esta observação, que um admirador mais delicado teria pelo menos feito em voz baixa, não era de molde a dissipar os ciúmes femininos que se conservavam em observação diante da boémia.

Flor de Lis respondeu ao capitão com uma dengosa afetação de desdém:

— Nada de mau.

As outras falavam em voz baixa.

Afinal, *madame* Aloísa, que não era a menos ciumenta, porque era pela filha, dirigia a palavra à bailarina:

— Aproximai-vos, pequena.

— Aproximai-vos, pequena! — repetia com uma dignidade cómica Bérangère.

A cigana avançou para a dama nobre.

— Bela menina — disse Febo com ênfase, dando, pela sua parte alguns passos para ela — não sei se tenho a suprema felicidade de ser reconhecido por vós...

Ela interrompeu-o pousando nele um sorriso e um olhar cheio de uma doçura infinita:

— Oh! Sim — disse ela.

— Tem boa memória — observou Flor de Lis.

— E porque foi — continuou Febo — que naquela noite vos escapastes tão lestamente? Faço-vos medo?

— Oh! Não — protestou a cigana.

Havia no tom com que este *oh, não*, foi pronunciado a seguir àquele *oh! Sim*, alguma coisa de inefável que molestou Flor de Lis.

— Deixastes-me em vosso lugar, minha bela — prosseguiu o capitão a quem a língua se desprendia quando falava com uma rapariga das ruas — um famoso velhaco, corcunda e coxo, o sineiro do bispo, penso eu. Disseram-me que era bastardo de um arcebispo e diabo de nascimento. Tem um bonito nome; Têmporas, Páscoa, Entrudo, que sei eu! Um nome de festa repicada, no fim de contas! Permitia-se então roubar-vos, como se fôsseis feita para bedéis! é forte. Que diabo vos queria aquela coruja? Dizei!

— Não sei — respondeu ela.

— Já se via insolência assim! Um sineiro roubar uma rapariga como um visconde! Um campónio atrever-se à caça dos fidalgos! É coisa rara, convenham. Afinal de contas, pagou-o caro. Mestre Pierrat Tourterue é o melhor e o mais valente palafreireiro que conheço para curar um marau, e dir-vos-ei, se isso vos pode ser agradável, que o couro do vosso sineiro lhe passou com toda a delicadeza pelas mãos.

— Pobre homem! — disse a cigana, em quem estas palavras avivaram a lembrança da cena do pelourinho.

O capitão largou a rir.

— Pelas pontas de Satanás! Essa compaixão é tão bem empregada como as pérolas nos porcos! Raios me partam, se...

E deteve-se.

— Perdão, minhas senhoras! Penso que ia escorregando com alguma tolice.

— Também me parece — disse a Gaillefontaine.

— Fala a linguagem daquela criatura! — acrescentou a meia voz Flor de Lis, a quem o despeito crescia de instante. E esse despeito não diminuiu quando viu o capitão, encantado com a cigana e especialmente consigo mesmo, fazer uma pirueta sobre os calcanhares e repetir com grosseira galantaria, ingénua e soldadesca:

— Uma bela rapariga, pela minha salvação!

— Mas muito selvaticamente vestida — acrescentou Diana de Christeuil com o sorriso dos seus belos dentes.

Esta reflexão foi um raio de luz para as outras. Mostrou-lhes o lado atacável da cigana; não podendo morder na sua beleza atiraram-se ao seu traje.

— Mas é verdade, pequena — disse a Montmichel — como corres tu assim as ruas sem escapulário nem gargantilha!

— Com uma saia curta que faz tremer — acrescentou a Gaillefontaine.

— Minha querida — atalhou bastante rispidamente Flor de Lis — ides fazer com que os aguazis das dúzias[45] vos prendam por causa do vosso cinto dourado.

Era em verdade um espetáculo digno de um espetador mais inteligente do que Febo, o ver como aquelas belas raparigas com as suas línguas envenenadas e irritadas, serpeavam, deslizavam e se torciam em derredor da bailarina das ruas. Eram cruéis e graciosas, mexendo e remexendo maldosamente nos seus pobres e loucos vestidos cobertos de lantejoulas e ouropéis. Eram risadas, ironias, humilhações intermináveis. Sobre a cigana choviam sarcasmos, a benevolência altiva, os olhares malévolos. Julgar-se-ia ver dessas jovens damas romanas que se divertiam a cravar alfinetes de ouro no seio de uma escrava bela. Dir-se-ia elegantes podengos cercando com os narizes dilatados, os olhos em fogo, uma pobre corça preservada dos seus dentes pelo olhar do dono.

Que era afinal de contas, para aquelas donzelas de casa nobre, uma mísera bailarina da praça pública? Pareciam não atentar na sua presença, e falavam dela, diante dela, com ela própria, em voz alta, como se se tratasse de alguma coisa pouco limpa, bastante abjeta e bastante linda.

A cigana não era insensível a estas picadas de alfinete. De tempos a tempos, o rubor da vergonha, um relâmpago de indignação lhe inflamava os olhos ou as faces; uma palavra de desdém parecia hesitar-lhe sobre os lábios; fazia com desprezo o trejeitozinho que o leitor lhe conhece, mas conservava-se imóvel: fixava em Febo um olhar resignado, triste e meigo. Nesse olhar havia também felicidade e ternura. Dir-se-ia que se continha pelo receio de ser expulsa.

Febo, esse, ria e tomava o partido da cigana com um misto de descaro e compaixão.

— Deixai-as dizer, pequena — repetia ele fazendo tilintar as esporas de ouro — sem dúvida que o vestuário é um tanto extravagante e bárbaro, mas, encantadora como sois, que vos faz isso?

— O que vejo — exclamou a briosa Gaillefontaine, endireitando o pescoço de cisne e com um sorriso amargo — é que os senhores arceiros das ordenanças do rei se deixam facilmente incendiar com os belos olhos das ciganas.

— E porque não? — disse Febo.

A esta resposta, inesperadamente atirada pelo capitão como uma pedra perdida que nem sequer se vê cair, Colomba largou a rir, e Diana e Amelotte e Flor de Lis a quem ao mesmo tempo assomou uma lágrima aos olhos.

A cigana, que baixara ao chão os olhos às palavras de Colomba de Gaillefontaine, levantou-os radiosos de alegria e de altivez, e fixou-os de novo em Febo. Estava nesse instante verdadeiramente bela.

A velha dama, que observava a cena, sentia-se ofendida e não compreendia.

— Virgem santa! — gritou ela de repente. — Que tenho eu aqui a mexer-me nas pernas? Ah! Que feio animal!

Era a cabra, que acabava de entrar à procura da dona, e que ao precipitar-se para ela embaraçara as pontas no monte de estofos que o vestido da nobre dama lhe fazia aos pés quando estava sentada.

Foi uma diversão. A cigana, sem dizer palavra, foi desprendê-la.

— Oh! Que linda cabrinha com as pontas de ouro — gritou Bérangère saltando de alegria.

A cigana pôs-se de joelhos, apoiou contra o rosto a cabeça carinhosa da cabra. Parecia pedir-lhe perdão de assim a ter deixado.

Diana achegara-se ao ouvido de Colomba.

— Meu Deus! Como me não lembrei mais cedo! É a cigana da cabra. Dizem que é feiticeira e que a sua cabra faz momices muito milagrosas.

— Pois bem! — disse Colomba. — É preciso que a cabra por seu turno nos divirta e nos faça um milagre.

Diana e Colomba dirigiram-se pois a um tempo à cigana:

— Pequena, manda à tua cabra fazer um milagre.

— Não sei o que quereis dizer — respondeu a bailarina.

— Um milagre, uma magia, uma feitiçaria enfim.

— Não sei. — E pôs-se a acariciar o lindo animal, repetindo: — Djali!
Djali!

Nesta ocasião Flor de Lis descobria um saquinho de couro bordado suspenso ao pescoço da cabra.

— Que é isto? — perguntou à cigana.

A cigana levantou para ela os olhos e respondeu-lhe gravemente:

— É o meu segredo.

— Tinha muita vontade em saber o que é o teu segredo — pensou Flor de Lis.

A velha dama levantara-se de mau modo.

— Ouve, cigana, se nem tu nem a tua cabra tendes nada que dançar, que fazeis aqui?

A cigana, sem responder, dirigiu-se lentamente para a porta, mas quanto mais se aproximava dela, mais os seus passos se demoraram. Um invencível íman parecia detê-la. De repente voltou os olhos húmidos de lágrimas para Febo e parou.

— Nada — exclamou o capitão — não ireis embora assim, dançai-nos alguma coisa. A propósito, minha bela, como vos chamais?

— A Esmeralda — respondeu a bailarina sem desfitar dele os olhos.

A este estranho nome, um riso doido acometeu as nobres donzelas.

— Terrível nome para uma rapariga — disse Diana.

— Bem vedes — objetou Amelotte — que é uma feiticeira.

— Minha querida — disse solenemente *dama* Aloisa — os vossos pais não

pescaram decerto esse nome na pia do batismo.

Havia alguns minutos que Bérangère, em quem não atentavam, tinha chamado a cabra para um canto, engodada por um bolo. Dentro em pouco estavam as duas muito amigas. A curiosa criança desatara o saqu沿海, suspenso ao pescoço da cabra abriu-o e esvaziara sobre o tapete o que ele continha; era um alfabeto do qual as letras estavam escritas sobre tabuazinhas de buxo. Mal estas tabuazinhas caíam sobre o tapete, a criança viu com surpresa a cabra, e sem dúvida era esse um dos seus *milagres*, tirar certas letras com a pata dourada, e dispô-las, empurrando-as suavemente, numa ordem particular. Ao cabo dum instante, isso fez uma palavra que a cabra parecia exercitada em escrever, tão pouco hesitou em a formar, e Bérangère exclamou de repente, pondo as mãos em admiração.

— Madrinha Flor de Lis, veja o que a cabra fez agora!

Flor de Lis correu e estremeceu. As letras dispostas sobre o pavimento formavam esta palavra:

FEBO

— Foi a cabra que escreveu Isso? — perguntou com voz alterada.

— Foi, madrinha — respondeu Bérangère.

Não havia que duvidar. A criança não sabia escrever.

— Eis o segredo! — pensou Flor de Lis.

Toda a gente acorrera aos gritos da criança, a mãe, as donzelas, a cigana e o oficial.

A cigana viu a loucura que acabava de fazer a cabra. Fez-se vermelha, depois pálida e pôs-se a tremer como uma culpada diante do capitão, que a fitava com um sorriso de satisfação e de espanto.

— *Febo!* — murmuraram as donzelas estupefactas. — É o nome do capitão.

— Tendes maravilhosa memória! — disse Flor de Lis à cigana petrificada. Depois rompendo em soluços: — Oh! — balbuciou ela dolorosamente escondendo o rosto entre as suas belas mãos. — É uma feiticeira!

E ouvia uma voz mais acerba ainda bradar-lhe no fundo do coração:

— É uma rival!

E caiu desmaiada.

— Minha filha! Minha filha! — gritou a mãe assustada. — Vai-te, cigana do Inferno!

A Esmeralda apanhou num relance as desastradas letras, fez sinal a Djali e saiu por uma porta enquanto pela outra levavam Flor de Lis.

Ficando só, o capitão Febo hesitou um momento entre as duas portas; depois seguiu a cigana.

II.

Um padre e um filósofo são dois

O padre, que as donzelas tinham notado no alto da torre setentrional, debruçado sobre a praça e tão atento à dança da cigana, era efetivamente o arceidiago Cláudio Frollo.

Os nossos leitores não esqueceram a cela misteriosa que o arceidiago reservara para si nessa torre.

Todos os dias, uma hora antes do pôr do Sol, o arceidiago subia a escada da torre, e fechava-se naquela cela, onde às vezes passava noites inteiras. Naquele dia, na ocasião em que, chegando em frente da porta baixa do seu retiro, se dispunha a introduzir na fechadura a pequena chave complicada que trazia sempre consigo na escarcela que lhe pendia ao lado, um som de pandeiro e de castanholas chegara-lhe aos ouvidos. Esse som vinha da praça do Adro. A cela, apenas tinha um postigo que dava sobre os telhados da igreja. Cláudio Frollo guardara precipitadamente a chave e um instante depois estava no alto da torre, na postura sombria e recolhida como as donzelas o tinham descoberto.

Ali estava, grave, imóvel, absorto num olhar e num pensamento. Paris inteiro ficava-lhe aos pés, com as mil flechas dos seus edifícios e o seu horizonte circular de suaves colinas, com o rio a serpear por sob as pontes, com o povo a ondular nas ruas, com a nuvem dos seus fumos, com a cadeia montuosa dos seus telhados a apertar Nossa Senhora nas malhas cerradas; mas de toda esta cidade, o arceidiago apenas olhava para um canto: a praça do Adro; de toda esta multidão, para uma só figura: a cigana.

Seria difícil dizer de que natureza era esse olhar e donde provinha a chama que dele ressaltava. Era um olhar fixo e portanto cheio de perturbação e de tumulto. E, pela imobilidade profunda de todo o seu corpo agitado a intervalos por um tremor maquinal, como uma árvore sacudida pelo vento, pela tensão dos seus cotovelos, mais de mármore do que a varanda em que se apoiavam, pelo sorriso petrificado que contraía o rosto, dir-se-ia que não havia em Cláudio Frollo vivos senão os olhos.

A cigana dançava; fazia voltar o pandeiro na ponta dos dedos e atirava-o ao ar dançando sarabandas provençais, ágil, ligeira, alegre e não sentindo o peso do terrível olhar que lhe caía a prumo sobre a cabeça.

A multidão formigava à volta dela. De tempos a tempos, um homem

ataviado em uma espécie de colete amarelo e vermelho dispunha os assistentes em círculo, depois voltava a sentar-se numa cadeira a alguns passos da bailarina e pousava a cabeça da cabra sobre os joelhos. Esse homem parecia ser o companheiro da cigana. Cláudio Frollo, do ponto elevado em que estava colocado, não lhe podia distinguir as feições.

Desde o momento em que o arcediago descobriu aquele desconhecido, a sua atenção pareceu dividir-se entre a bailarina e ele e o rosto mais se lhe assombrou. De repente endireitou-se e percorreu-lhe todo o corpo um estremecimento. Quem é aquele homem? — disse entre os dentes. — Via-a sempre só!

Então embrenhou-se sob a abóbada tortuosa da escada em espiral e desceu. Ao passar por diante da porta da casa dos sinos que estava entreaberta, viu uma coisa que o impressionou: viu Quasimodo que encostado a uma abertura desses alpendres de ardósia que se assemelham a enormes persianas, olhava também para a praça. E estava tão entregue a profunda contemplação que não deu fê da passagem do seu pai adotivo. O seu olho selvagem tinha uma expressão singular; era um olhar extasiado e meigo.

— É estranho! — murmurou Cláudio. — Será para a cigana que ele assim está a olhar? — E continuou a descer.

Ao cabo de alguns minutos o pensativo arcediago saía para a praça pela porta que fica nos baixos da torre.

— Que é feito da cigana? — perguntou ele misturando-se com o grupo de espetadores que o pandeiro tinha congregado.

— Não sei — respondeu um dos seus vizinhos — acaba de desaparecer. Penso que foi dançar algum bailado para aquela casa em frente donde a chamaram.

No lugar da cigana, sobre o mesmo tapete cujos arabescos desapareciam poucos momentos antes sob o desenho caprichoso da sua dança, o arcediago só viu o homem vermelho e amarelo, que, para ganhar por seu turno algum dinheiro, passeava à volta do círculo, com os cotovelos sobre as ancas, a cabeça deitada para trás, as faces vermelhas, o pescoço estendido, com uma cadeira entre os dentes. Sobre essa cadeira tinha amarrado um gato que uma vizinha emprestara e que miava todo assustado.

— Por Nossa Senhora! — exclamou o arcediago no momento em que o saltimbanco, suando às bagadas, passou por diante dele com a sua pirâmide de

cadeira e de gato — Que anda fazendo, mestre Pedro Gringoire?

A voz severa do arcediogo causou no pobre diabo uma tal comoção que perdeu o equilíbrio com todo o seu edifício, e cadeira e gato caíram de chofre sobre as cabeças dos assistentes, no meio de uma apupada inextinguível.

É provável que mestre Pedro Gringoire (porque era efetivamente ele) tivesse umas desgraçadas contas a saldar com a vizinha do gato e com todas as caras contusas e arranhadas que o rodeavam, se se não desse pressa em se aproveitar do tumulto para se refugiar na igreja, para onde Cláudio Frollo lhe tinha feito sinal que o seguisse.

A catedral estava já escura e deserta; as contranaves estavam cheias de trevas e as lâmpadas das capelas começavam a fazer lembrar as estrelas, tanto as abóbadas se tornavam negras. Somente a grande rosa da fachada, cujas mil cores um raio de sol horizontal banhava, reluzia na sombra como um amálgama de diamantes e repercutia na outra extremidade da nave o seu deslumbrante espetro.

Depois de darem alguns passos, Dom Cláudio encostou-se a um pilar e olhou fixamente para Gringoire. Esse olhar não era o que Gringoire receava, envergonhado como estava por ter sido surpreendido por uma pessoa grave e douta naquele traje de bailarino. Os olhos do padre não traduziam nem o motejo nem a ironia. Estavam sérios, tranquilos, penetrantes. Foi o arcediogo o primeiro a quebrar o silêncio.

— Vinde cá, mestre Pedro. Ides explicar-me muitas coisas. E primeiramente, porque é que vai para dois meses que ninguém vos vê e que sois encontrado nas praças nesse bonito preparo, em verdade, meio amarelo meio vermelho, como uma maçã de Caudebec?

— *Messire* — disse lastimosamente Gringoire — é efetivamente um prodigioso vestuário e com ele me vedes mais atrapalhado do que um gato com a cabeça metida numa abóbora. É bem mal feito, bem sei, expor os senhores aguazis da ronda a bastonarem por debaixo desta farpela o espinhaço de um filósofo pitagórico. Mas que quereis, meu reverendo mestre? A culpa é do meu antigo gibão, que cobardemente me abandonou no princípio do inverno, protestando que saía a farrapos e que tinha necessidade de ir descansar para a alcófa do trapeiro. Que fazer? A civilização ainda não chegou a ponto que a gente possa andar nu em pelo, como queria o antigo Diógenes. Acrescentai que fazia um vento muito frio e que não é no mês de janeiro que se pode tentar com êxito que a humanidade dê este novo passo. Apareceu esta farpela, apanhei-a e larguei

logo o meu gibão preto, que, para um hermético como eu, estava muito pouso hermeticamente fechado. Eis-me pois vestido de histrião, como São Geneste. Que quereis? É um eclipse.

— Bonito modo de vida, esse! — continuou o arcediago. — Mas porque é que estais agora em companhia dessa bailarina do Egito?

— Ora essa! — disse Gringoire — porque ela é minha mulher e eu sou o seu marido.

Os olhos tenebrosos do padre inflamaram-se.

— Farias isso, miserável? — bradou agarrando com furor o braço de Gringoire. — Ficarias tão abandonado de Deus que tocassem com a mão naquela rapariga?

— Pela minha salvação, monsenhor — respondeu Gringoire, tremendo por todo o corpo. — Juro-vos que nunca lhe toquei, se é isso o que vos inquieta.

— E que falas tu de marido e mulher? — disse o padre. Gringoire deu-se pressa em contar-lhe o mais sucintamente possível o que o leitor já sabe, a sua aventura no Pátio dos Milagres e o seu casamento da bilha quebrada. Parece que em resumo esse casamento não tinha ainda resultado algum e que todas as noites a cigana lhe escamoteava a sua noite de núpcias como no primeiro dia. — É uma pena, é — disse ele ao terminar — mas isso sucede porque eu tive a desgraça de desposar uma virgem.

— Que quereis dizer? — perguntou o arcediago a quem essa narrativa serenara gradualmente.

— É bastante difícil de explicar — respondeu o poeta. — É uma superstição. Minha mulher é, pelo que me disse um velho bandido que entre nós se chama o rei do Egito, uma criança achada ou perdida, o que é a mesma coisa. Traz no pescoço um amuleto, que segundo se afirma, far-lhe-á um dia encontrar os pais, mas que perde a virtude se a rapariga perder a sua virgindade. Segue-se daí que ambos ficamos virtuosíssimos.

— Então — inquiriu Cláudio, cuja fronte se desanuviava mais e mais — julgais, mestre Pedro, que esta criatura nunca teve contactos com homem algum?

— Que quereis, Dom Cláudio, que um homem faça a uma superstição? Ela tem isso na cabeça. Penso que é indubitavelmente uma raridade essa continência

de freira que se conserva feroz no meio das outras mulheres ciganas tão facilmente domesticadas. Mas tem a protegê-las três coisas: o duque do Egito que a tomou sob a sua proteção, contando talvez vendê-la a algum abade fora da graça de Deus; toda a sua tribo, que tem por ela uma veneração singular, como por Nossa Senhora, e um certo punhalzinho que a velhaca traz sobre ela escondido, apesar das ordenanças do preboste, e que se lhe faz aparecer nas mãos quando se lhe aperta a cintura. É uma vespa decidida, crede!

O arcediogo encheu Gringoire de perguntas.

A Esmeralda era, no conceito de Gringoire, uma criatura inofensiva, encantadora, linda, se se lhe atirasse um trejeito que lhe era peculiar; uma rapariga ingénua e apaixonada, ignorante de tudo e entusiasta por tudo; não sabendo ainda a diferença entre um homem e uma mulher, mesmo em sonhos; feita assim; doida sobretudo pela dança, pelo ruído, pelo ar livre; uma espécie de mulher abelha, tendo asas invisíveis nos pés, e vivendo, num turbilhão. Devia essa natureza à vida errante que levara, Gringoire conseguira saber que em criança, percorrera a Espanha e a Catalunha, e até, a Sicília: pensava mesmo que ela fora levada pela caravana de *zingari* de que fazia parte, para o reino da Argélia. Os ciganos, dizia Gringoire, eram vassalos do rei de Argélia, na sua qualidade de chefe da nação dos Mouros brancos. O que é certo, é que a Esmeralda viera para França, muito menina ainda, pela Hungria. De todos esses países, a rapariga trouxera farrapos de algaravias extravagantes, cantos e ideias estranhas, que faziam da sua linguagem alguma coisa de tão variegado como o seu trajo meio parisiense, meio africano. O povo dos bairros que ela frequentava, gostava dela pela sua alegria, pela sua gentileza, pelos seus modos desenvoltos, pelas suas danças, pelas suas canções. Em toda a cidade, só se julgava odiada por duas pessoas, de que falava com medo, muitas vezes: a penitente do saco da Torre Rolland, uma feia reclusa que tinha não se sabia que rancor aos ciganos, e que amaldiçoava a pobre bailarina todas as vezes que ela lhe passava por diante do postigo: e um padre que nunca a encontrava sem lhe lançar uns olhos e lhe dizer umas palavras que lhe faziam medo. Esta última circunstância perturbou muito o arcediogo, sem que Gringoire lhe desse grande atenção, tanto tinham bastado dois meses para fazer esquecer ao descuidoso poeta as minudências singulares daquela noite em que encontrara a cigana e a presença do arcediogo em tudo isso. De resto a bailarina nada receava: não lia a *buena-dicha*, o que a punha a coberto dos processos de magia tão frequentemente intentados contra os ciganos. E depois, Gringoire servia-lhe de irmão, se não de marido. Afinal de contas, o filósofo suportava muito pacientemente esta espécie de casamento platónico. Sempre era uma pousada e pão. Todas as manhãs saía do covil dos vagabundos, as mais das vezes com a cigana; ajudava-a a fazer pelas ruas a colheita de *targes* e de *petits blancs*; todas as noites recolhia-se com ela debaixo do mesmo teto,

deixava-a aferrolhar-se no seu cubículo e adormecia com o sono do justo. Existência muito suave, para se aproveitar, dizia ele, e muito própria para meditar. Na sua alma e na sua consciência, o filósofo não tinha muito a certeza de estar doidamente namorado da cigana. Amava quase tanto a sua cabra, um encantador animal, meigo, inteligente, engraçado, uma cabra sábia. Nada mais comum na Idade Média, do que esses animais sábios de que tanto se maravilhavam e que levavam frequentemente os seus instrutores à fogueira. E contudo as feitiçarias da cabra das pontas douradas eram bem inocentes logros. Gringoire explicou-os ao arcediogo, a quem estas minudências pareciam interessar muito. Bastava, na maior parte dos casos, apresentar o pandeiro à cabra de tal ou tal maneira para obter dela a momice desejada. Fora ensinada para isso pela cigana, que tinha para essas coisas um talento tão raro que lhe bastaram dois meses para ensinar à cabra a escrever com letras móveis a palavra *Febo*.

— *Febo!* — disse o padre — Porquê Febo?

— Não sei — respondeu Gringoire. — É talvez alguma palavra que ela julga dotada de qualquer virtude mágica ou secreta. Repete-a muita vez a meia voz quando se julga só.

— Estais certo — perguntou Cláudio com o seu olhar penetrante — que é apenas uma palavra e não um nome?

— Nome de quem? — disse o poeta.

— Sei lá? — retorquiu o padre.

— O que eu imagino é isto, *messire*. Os ciganos são um tanto guebros e adoram o Sol. Daí Febo.

— Não me parece isso tão claro como a vós, mestre Pedro.

— Afinal de contas isso não me importa. Deixá-la resmungar à vontade o seu Febo. O que é certo é que a Djali me ama já quase tanto como a ela.

— Quem é essa Djali?

— É a cabra.

O arcediogo poisou o queixo na mão e pareceu meditar um momento. De repente voltou-se bruscamente para Gringoire.

— E juras-me que lhe não tocaste?

— A quem — disse Gringoire — à cabra?

— Não, a essa mulher.

— A minha mulher? Juro-vos que não.

— E estais muitas vezes só com ela?

— Todas as noites, uma boa hora.

Dom Cláudio franziu o sobrolho.

— Oh! Oh! *Solus cum sola non cogitabantur orare Pater noster.* [\[46\]](#)

— Pela minha salvação, que poderia dizer o *Pater*, a *Avé Maria* e o *Credo in Deum pattem omnipotentem*, sem que ela fizesse mais caso de mim, do que uma galinha de uma igreja.

— Jura-me pelo ventre de tua mãe — repetiu violentamente o arcediago — que não tocaste nessa criatura nem sequer com o dedo.

— Jurá-lo-ia também pela cabeça de meu pai, porque as duas coisas relacionam-se em mais de um ponto. Mas, meu reverendo mestre, permiti-me por meu turno uma pergunta.

— Falai, senhor.

— Que tendes com isso?

O rosto pálido do arcediago enrubescceu-se como as faces de uma donzela. Ficou um momento sem responder, depois com um visível enleio:

— Ouvi, mestre Pedro Gringoire. Que eu saiba, ainda não estais condenado. Interesse-me por vós e desejo-vos felicidade. Ora, o menor contacto com essa cigana do demónio vos faria vassalo de Satanás. Bem sabeis que é sempre o corpo que perde a alma. Desgraçado de vós se vos aproximais dessa mulher! Eis o que tenho com isso.

— Tentei uma vez — disse Gringoire, coçando uma orelha — era no primeiro dia; mas fiquei-me.

— Tiveste esse desaforo, mestre Pedro?

E a frente do padre assombrou-se.

— Uma outra vez — continuou Gringoire sorrindo — espreitei-a antes de me deitar, pelo buraco da fechadura, e vi a mais deliciosa mulher, em camisa, que se pode imaginar.

— Vai-te para o diabo — bradou o padre com um olhar terrível, e, empurrando pelos ombros Gringoire pasmado, desapareceu a passos largos sob as mais sombrias arcadas da catedral.

III. Os sinos

Desde a manhã do pelourinho os vizinhos de Nossa Senhora tinham notado que o ardor carrilhonesco de Quasimodo tinha arrefecido muito. Dantes eram toques a propósito de tudo, longas alvoradas que duravam de prima a completas, repiques de garrida para uma missa cantada, ricas escalas dadas nas sinetas para um casamento, para um batizado e entremisturando-se no ar como floreios de sons encantadores. A velha igreja, toda vibrante e toda sonora, estava numa perpétua folia de sinos. Nela se sentia sempre a presença de um espírito de ruído e de capricho que cantava por todas essas bocas de cobre. Agora esse espírito parecia ter desaparecido; a catedral parecia triste e conservava-se de boa mente silenciosa; as festas e os enterros tinham os seus simples toques, secos e nus, o que o ritual exigia, nada mais; do duplo ruído que faz uma igreja, o órgão dentro, o sino fora, só havia o órgão. Dir-se-ia que já não havia músico nos campanários. No entanto Quasimodo continuava a lá estar; que se passara então nele? A vergonha e o desespero do pelourinho duravam ainda no fundo do seu coração, os açoites do verdugo repercutiam-se sem cessar na sua alma, a tristeza de um semelhante trato extinguiu tudo nele, até a paixão pelos sinos? Ou então Maria tinha uma rival no coração do sineiro de Nossa Senhora e o sino grande e as catorze irmãs tinham sido postas de parte por alguma mais amável e mais bela?

Sucedeu que no ano de graça de 1482, a Anunciação saiu a uma terça-feira, 25 de março. Nesse dia o ar estava tão puro e tão leve que Quasimodo sentiu voltar-lhe algum amor pelos seus sinos. Subiu pois para a torre setentrional, enquanto cá em baixo o bedel abria de par em par as portas da igreja, as quais eram então de enormes almofadas de forte madeira cobertas de couro, bordadas de pregos de ferro dourado, emolduradas de escultura « muito artificialmente trabalhadas » .

Chegado à gaiola dos sinos, Quasimodo fitou por algum tempo, meneando tristemente a cabeça, os seis sinos como se o ansiasse qualquer coisa de estranho que se lhes tivesse interposto no seu coração. Mas quando ele os fez dobrar; quando ele sentiu aquele cacho de sinos mover-se sob a sua mão; quando viu, porque a não ouvia, a oitava palpitante subir e descer sob aquela escala sonora como uma ave que salta de ramo em ramo; quando o diabo Música, o demónio que agita um feixe cintilante de trinados e de arpejos, se apossou do pobre mudo, então voltou-lhe a felicidade, esqueceu tudo, e o seu coração que se dilatava fez-lhe expandir o rosto.

Ia, vinha, batia as mãos, corria duma corda a outra, animava os seis

cantores com a voz e com o gesto, como um chefe de orquestra que incita *virtuosi* inteligente.

— Vá — dizia ele — vá Gabriela, atira com o teu som lá para a praça, é hoje dia de festa. — Thibauld, deixa-te de preguiça, estás a afrouxar: anda, anda então, estás enferrujado, madraço? — Está bem! Depressa! Depressa! Que se não veja o badalo. Fá-los a todos saídos como eu. É isso Thibauld, muito bem! Guilherme! Guilherme! Tu és o maior e Pasquier o mais pequeno, e Pasquier vai melhor. Apostemos em como os que estão a ouvir o ouvem melhor do que tu. — Bem! Bem! Minha Gabriela, força! Mais força! Olá! Que fazeis aí os dois, seus pardais? Não vos vejo fazer o menor barulho. — Quem são esses bicos do cobre que parece apenas abrirem-se quando é preciso cantar? Vamos, toca a trabalhar! É a Anunciação. Está um bonito sol, é preciso um bonito carrilhão. — Pobre Guilherme! Estás todo esbaforido, meu gorducho!

Estava todo entretido a aguilhoar os seus sinos, que todos seis saltavam qual deles mais, e sacudiam os dorsos luzidios, como um ruidoso tiro de mulas espanholas estimulado de onde a onde pelas apóstrofes do condutor.

De repente, ao deixar cair os olhos por entre as largas escamas ardosiadas que revestiam a uma certa altura o muro a pique do campanário, via na praça uma rapariga bizarramente ataviada, que tinha parado para estender no chão um tapete onde uma cabrinha se tinha vindo instalar e um grupo de espetadores que se formava à volta. Este espetáculo mudou-lhe súbito o curso das ideias e apagou-lhe o entusiasmo musical como um sopro apaga a resina em fusão. Deteve-se, voltou as costas ao carrilhão e debruçou-se por detrás do guarda-vento de lousa fixando sobre a dançarina o olhar cismador, terno e doce que já uma vez fizera admirar o arcediogo. No entretanto, os sinos esquecidos bruscamente extinguíram-se todos a um tempo, com grande desapontamento dos amadores de sinalhada, que gostosos ouviam o carrilhão de sobre a ponte do Câmbio e que se retiraram descontentes como um cão ao qual mostram um osso e dão uma pedra.

IV. ΑΝΑΓΚΗ

Sucedeu que por uma bela manhã desse mesmo mês de março, creio que era um sábado, 29, dia de santo Eustáquio, o nosso jovem amigo, o estudante Jehan Frolo do Moinho descobriu, quando se vestia, que as suas gregas, que continham a sua bolsa, não produziam som algum metálico.

— Pobre bolsa! — Disse ele tirando-a da algibeira. — Como! Nem o mais insignificante *parisis!* Como os dados, os canjirões de cervejas e *Vénus*, cruelmente te extenuaram! Como estás vazia, enrugada e mole! Assemelhas-te à garganta de uma fúria!

Vestiu-se cheio de tristeza. Tinha-lhe surgido uma ideia quando apertava as botinas, mas para logo a repeliu: no entanto ela voltou e ele vestia o colete pelo avesso, sinal evidente dum violento combate interior. Afinal atirou com o barrete com fúria ao chão e exclamou:

— Não importa! Há de ser o que puder ser. Vou a casa de meu irmão! Apanho um sermão, mas apanho também um escudo.

E com isto acabou de se vestir precipitadamente, apanhou o barrete e saiu como um desesperado.

Desceu a rua da Harpe para a *Cité*. Ao passar por diante da rua da Huchette, o cheiro dos admiráveis espetos que volteavam incessantemente, veio fazer-lhe cócegas no aparelho olfativo.

Nem sequer se preocupava de atirar de passagem uma pedra, como era de uso, à miserável estátua desse Périnet Luclerc, que tinha entregue a Paris de Carlos VI aos ingleses, crime que a sua efigie, com o rosto esmurrado pelas pedras e sujo de lama espiou durante três séculos, à esquina das ruas da Harpe e de Buci, como num pelourinho eterno.

Atravessada a Ponte Pequena, galgada a rua Nova de Santa Genoveva, Jehan de Molendino achou-se em frente de Nossa Senhora. Acometeu-o então de novo a sua indecisão, passeou alguns instantes em redor da estátua de M. Legris, repetindo angustiadamente:

— O sermão é certo, o escudo, duvidoso!

Deteve um bedel que saía do claustro.

— Onde está o senhor arcediogo de Josas? — Perguntou.

— Penso que está no seu esconderijo da torre — disse o bedel — e aconselho-vos a que não vades lá importuná-lo, ao menos que não venhais da parte de alguém como o papa ou o senhor rei.

Jehan bateu as palmas.

— Magnífico! Excelente ocasião para ver o famoso quarto das feitiçarias!

Resolvido por esta reflexão, entrou resolutamente pela pequena porta negra e começou a subir a escada de caracol de São Gil que conduz aos andares superiores da torre.

— Vamos lá ver! — Dizia ele consigo ao subir. — Pela Virgem! Deve ser coisa curiosa essa cela que meu reverendo irmão esconde com o seu *pudendum*! Dizem que nela acende fogões do inferno para cozer a toda a força a pedra filosofal. Bem me fio nisso! Dá-me tanto cuidado a pedra filosofal como um seixo, e preferia mais achar sobre o seu forno uma fritura de ovos de Páscoa com presunto do que a mais avantajada pedra filosofal do mundo!

Chegando à galeria das colunatas, tomou ar um momento e praguejou contra a interminável escada não sei por quantos milhões de carradas de diabos; depois seguiu na sua ascensão pela estreita porta da torre setentrional hoje vedada ao público. Alguns momentos depois de ter passado a gaiola dos sinos, encontrou um pequeno patamar feito em um reentramento lateral e sob a abóbada uma porta baixa ogival, na qual uma fresta aberta em frente na parede circular da escada permitia observar a enorme fechadura e a forte estrutura de ferro. As pessoas que hoje tiverem curiosidade de visitar essa porta reconhecê-la por esta inscrição gravada em letras brancas na parede negra: ADORO CORÁLIA. 1823. ASSINADO UGÊNIO. *Assinado* está no texto.

— Safa — disse o estudante — é decerto aqui.

A chave estava na fechadura, a porta encostada: ele empurrou-a brandamente e passou a cabeça pela abertura.

O leitor não está decerto sem ter folheado a obra admirável de Rembrandt, o Shakespeare da pintura. Entre tantas maravilhosas gravuras, há particularmente uma água-forte e que representa ao que se supõe, o doutor Fausto, e que é impossível contemplar sem deslumbamento. É uma cela sombria; no meio há uma mesa carregada de objetos hediondos: caveiras, esferas, alambiques, compassos, pergaminhos e hieróglifos. O doutor está assentado a essa mesa

vestido com o seu amplo casacão e coberto até às sobrancelhas com o seu boné forrado de peles. Só se lhe vê meio corpo. Está semilevantado da sua imensa poltrona: os seus punhos cerrados apoiam-se sobre a mesa e ele está olhando com curiosidade e terror para um grande círculo luminoso, formado de letras mágicas, que brilha sobre a parede do fundo como o espectro solar numa câmara escura. Este sol cabalístico parece tremer à vista e enche a cela baça com a sua irradiação misteriosa. É horrível e é belo.

Alguna coisa de muito semelhante à ceia de Fausto se ofereceu à vista de Jehan, quando ele meteu a cabeça pela porta entreaberta. Era como a outra, uma quadra sombria e mal iluminada. Nela havia também uma grande poltrona e uma grande mesa, compassos, alambiques, esqueletos de animais pendurados do teto, uma esfera girante no chão, hipocéfalos de mistura com frascos onde tremiam folhas de ouro, caveiras pousadas sobre velinos cheios de figuras e caracteres, grossos manuscritos abertos e postos uns sobre os outros, sem comiseração pelas dobras feitas nos pergaminhos; numa palavra, todas as imundícias da ciência, e por toda a parte, sobre essa confusão, a poeira e as teias de aranha; mas não havia círculo de letras luminosas nem doutor em êxtase contemplando a radiante visão, como a águia contempla o Sol.

A cela porém não estava deserta. Na poltrona estava assentado um homem que se debruçava sobre a mesa. Jehan, a quem ele virava as costas, só lhe podia ver os ombros e a parte detrás do seu crânio, mas não teve o menor trabalho em reconhecer aquela cabeça calva, à qual a natureza fizera uma tonsura eterna, como se ela quisesse indicar, por esse símbolo exterior, a irresistível vocação clerical do arceidiago.

Jehan pois reconheceu seu irmão, mas a porta abrira-se tão de manso que coisa alguma advertira Dom Cláudio da sua presença. O curioso estudante aproveitou-se desta circunstância para examinar por alguns instantes a cela à sua vontade. Um amplo forno, que ele não notara à primeira vista, abria-se à esquerda da poltrona, por debaixo do postigo. O raio de luz que entrava por esta abertura atravessava uma teia de aranha, que inscrevia com gosto o seu delicado florão na ogiva da fresta e no centro da qual o inseto arquiteto se conservava imóvel como o centro daquela roda de renda. Sobre o forno estavam acumulados em desordem toda a espécie de vasos, cadinhos, retortas de vidro, matrizes de carvão. Jehan observou, suspirando, que não havia uma caçarola.

— É fresca a tal bateria de cozinha! — Pensou ele.

O todo daquele quadro, afinal, apresentava um aspeto geral de abandono e desleixo e o mau estado dos utensílios deixava supor que o dono já de há muito

estava distraído dos seus trabalhos por outras preocupações.

Este dono porém, debruçado sobre um vasto manuscrito ornado de pinturas extravagantes parecia atormentado por uma ideia que vinha a todo o instante misturar-se com as suas meditações. Foi pelo menos o que Jehan pensou, ouvindo-o exclamar, com as intermitências pensativas dum cismador que sonha alto:

— Sim, disse o Manu e ensina-o Zoroastro! O Sol nasce do fogo, a Lua do Sol; o fogo é a alma do grande tudo, os seus átomos elementares expandem-se e espalham-se incessantemente sobre o mundo por infinitas correntes! Nos pontos onde essas correntes se entrecortam no céu, produzem a luz; nos seus pontos de intersecção na terra, produzem o ouro. A luz, o ouro; a mesma coisa! Fogo no estado concreto. A diferença do visível ao palpável, do fluido ao sólido para a mesma substância, do vapor de água ao gelo, nada mais. Isso não são sonhos, é a lei geral da natureza. Mas como fazer para transportar para a ciência o segredo dessa lei geral? Como! Esta luz que me inunda a mão, é ouro! Esses mesmos átomos dilatados conforme uma certa lei só é preciso condensá-los conforme uma outra lei. Como fazer? Alguns imaginaram esconder um raio do sol. Averróis enterrou um debaixo do primeiro pilar da esquerda do santuário de Koran na grande mesquita de Córdoba, mas não se poderia abrir o jazigo para ver se a operação teve bom êxito, senão passado oito mil anos.

— Diabo! — Disse Jehan consigo. — É esperar muito tempo por um escudo.

— ... Outros pensaram — continuou o cismador arcediogo — que valia mais operar com um raio de Sirius, mas é muito difícil obter esse raio puro por causa da presença simultânea das outras estrelas que se vêm misturar com ela. Flame! julga que é mais simples operar com o fogo terrestre. — Flame! Que nome predestinado, *Flama!* Sim, o fogo. Eis tudo. O diamante está no carvão, o ouro está no fogo. — Mas como tirá-lo dali? — Magistri afirma que há certos nomes de mulheres de tão doce e tão misterioso encanto que é bastante pronunciá-los durante a operação. Leiamos o que a tal respeito diz Manu: — « Onde se honram as mulheres, folgam as divindades; onde são desprezadas, é inútil orar a Deus. — A boca duma mulher está constantemente pura; é uma água corrente, é um raio de sol. O nome de uma mulher deve ser agradável, doce, imaginário; terminar por vogais longas e assemelhar-se a palavras de bênção.» — Sim, o sábio tem razão; efetivamente Maria, Sofia, Esmeral... Maldição! Sempre este pensamento!

E fechou o livro com violência.

Passou a mão pela testa como para afastar a ideia que o obcecava; depois, tomou de sobre a mesa um prego e um martelo pequeno com o cabo curiosamente pintado com letras cabalísticas.

— Há algum tempo — disse ele com um sorriso amargo — que se malogram todas as minhas experiências! Apossa-se de mim esta ideia fixa e queima-me o cérebro como um trevo de fogo. Nem sequer pode descobrir o segredo de Cassiodoro cuja lâmpada ardia sem mecha e sem óleo. No entanto coisa simples!

— Ora essa! — Disse Jehan consigo.

— ... E basta — continuou o padre — um único miserável pensamento para tornar um homem fraco e louco! Oh! Como Cláudia Pernelle se ria de mim, ela que nem por um momento pôde desviar Nicolau Flamel da pesquisa da grande obra! Sim! Tenho na mão o martelo mágico de Zéchiélé! A cada pancada que o temível rabino, no fundo da sua cela, descarregava sobre este prego com o martelo, aquele dos seus inimigos que ele tinha condenado, mesmo distante duas mil léguas, enterrava-se um palmo na terra que o ia devorando. O próprio rei de França, por ter uma noite batido menos inconsideradamente à porta do taumaturgo, foi penetrando pelo seu solo de Paris até aos joelhos. — Isso só se passou há três séculos. — Pois bem! Tenho o martelo e o prego, e estes não são utensílios mais temíveis nas minhas mãos do que um maço nas mãos de um serralheiro. É apenas necessário encontrar a palavra mágica que pronunciava Záchiélé, batendo sobre o prego.

— Essa bagatela! — Pensou Jehan.

— Vejamos, tentemos — continuou vivamente o arcediogo. — Se o conseguir, verei a centelha azul ressaltar da cabeça do prego. — *Emen Hétan! Emen Hétan!* — Não é isto. — *Sigéani! Sigéani!* — Que este prego abra a sepultura a quem usa o nome de Febo! — Maldição! Sempre, sempre, eternamente a mesma ideia.

E arremessou o martelo com cólera. Depois deixou-se cair de tal modo sobre a poltrona e sobre a mesa, que Jehan perdeu-o de vista por detrás do enorme espaldar. Por alguns minutos, apenas viu o seu punho convulsivo crispado sobre um livro. De repente Dom Cláudio levantou-se, tomou de um compasso, e gravou em silêncio sobre a parede, em letras maiúsculas, esta palavra grega:

ΑΝΑΓΚΗ

— Meu irmão está doido — disse consigo Jehan. — Era bem mais simples

escrever *Fatum*; nem todos têm obrigação de saber grego.

O arcediago voltou-se a assentar na poltrona, e deixou pender a cabeça nas mãos, como faz um doente cuja fronte está pesada e ardente.

O estudante observava o irmão com surpresa. Vendo que o arcediago recaíra na sua primitiva imobilidade, retirou a cabeça muito mansamente, e fez ruído de passos à porta, como alguém que chega e previne da sua chegada.

— Entrai! — Bradou o arcediago do interior da cela. — Esperava-vos. Deixei de propósito a chave na fechadura; entrai, mestre Jacques.

O estudante entrou ousadamente. O arcediago, a quem tal visita em semelhante lugar muito contrariava, estremeceu na poltrona. — Como! Sois vós, Jehan?

— É sempre um J — disse o estudante com o rosto corado, atrevido e alegre.

As feições de Dom Cláudio tinham retomado a sua expressão severa.

— Que vindes fazer aqui?

— Meu irmão — respondeu o estudante esforçando-se por tomar uma atitude decente, triste e modesta, dando voltas ao gorro que tinha nas mãos com um ar de inocência — vinha pedir-vos...

— O quê?

— Alguma moral de que muito preciso. — E Jehan não se atreveu a acrescentar no mesmo tom.: — E algum dinheiro de que mais preciso ainda. — Esta última parte da sua frase ficou inédita.

— Senhor — disse friamente o arcediago — estou muito descontente convosco.

— Sinto muito! — Suspirou o estudante.

Dom Cláudio fez descrever um quarto de círculo à poltrona, e olhou fixamente para Jehan. Era um temível exórdio. Jehan preparou-se para um rude choque.

— Jehan, todos os dias me trazem queixas de vós. Como foi essa briga em que enchestes de bastonadas um moço visconde. Alberto da Ramonchamp?...

— Oh! — Disse Jehan. — Grande coisa! Um reles pajem que se divertia a emporcalhar os estudantes, atirando com o cavalo para cima das lamas!

— E quem é — continuou o arcediago — um tal Mahlet Fargel a quem rasgastes o fato?

— Ah! Sim! Uma capa de Montalgu que já para pouco prestava, é o que foi.

— A queixa diz *tunicam* e não *cappettam*. Sabeis latim?

Jehan não respondeu.

— Sim — prosseguiu o padre meneando a cabeça. — Eis a que os estudos e as letras estão hoje reduzidos. A língua latina mal é entendida, a síria desconhecida, a grega de tal modo odiosa que passa por não ser ignorância nos mais sábios saltar por uma palavra grega sem a ler.

O estudante levantou resolutamente os olhos.

— Senhor meu irmão, quereis que vos explique em bom termo francês aquela palavra grega que acolá está escrita na parede?

— Que palavra?

— ΑΝΑΓΚΗ.

Uma ligeira vermelhidão assomou às faces do arcediago, como a baforada de fumo que anuncia no exterior as secretas comoções de um vulcão. O estudante mal o notou.

— Pois bem, Jehan — balbuciei com algum esforço o irmão mais velho — o que quer dizer essa palavra?

— FATALIDADE.

Dom Cláudio empalideceu e o estudante continuou com indiferença:

— E a palavra que está por baixo, gravada pelo mesmo punho, *Αναγκεία*, significa *impureza*. Bem vedes que a gente sabe também o seu grego.

O arcediago permanecia silencioso. Aquela lição de grego tornara-o cismador.

Jehan, que tinha toda a finura de uma criança amimada, julgou o momento

favorável para arriscar o seu requerimento. Tomou pois um tom de voz extremamente meigo e começou:

— Meu bom irmão, assim me quereis tão mal que me mostreis feia cara só por algumas insignificantes bofetadas e murros distribuídos muito lealmente a não sei que rapazes e bonifrates, *quibusdam marmosetis*? Bem vedes, meu bom irmão Cláudio, que também por cá se sabe o seu latim.

Mas toda esta carinhosa hipocrisia não produziu sobre o irmão mais velho o seu costumado efeito. Cérbero não mordeu no bolo de mel. Da fronte do arcediogo não desapareceu nem uma ruga.

— Onde quereis chegar? — Disse ele secamente.

— Pois bem! Onde quero chegar? — Retrucou ousadamente Jehan. — A isto simplesmente: preciso de dinheiro.

A esta desvergonhada declaração, a fisionomia do arcediogo tomou completamente a expressão pedagógica paternal.

— Bem sabeis, senhor Jehan, que o nosso feudo da Tirechappe não rende, mesmo juntando o censo e as rendas das vinte e uma casas, mais do que trinta e nove libras, onze soldos e seis dinheiros parisis. É metade mais que no tempo dos irmãos Paclet, mas não é muito.

— Preciso de dinheiro — repetiu estoicamente Jehan.

— Bem sabeis que o provisor decidiu que as nossas vinte e uma casas pertenciam ainda ao feudo do bispado, e que não poderíamos remir esta homenagem senão pagando ao reverendo bispo dois marcos de prata dourada do preço de seis libras parisis. Ora, esses dois marcos, não pude ainda juntá-los. Bem o sabeis.

— O que eu sei é que eu preciso de dinheiro — repetiu Jehan pela terceira vez.

— E que quereis fazer com ele?

Esta pergunta fez luzir um lampejo de esperança nos olhos de Jehan. Retomou por isso o seu tom doce e langoroso.

— Ouvi, meu irmão Cláudio, não viria ter convosco com maus fins. Não, meu irmão, é para uma boa obra.

— Que boa obra? — Perguntou Cláudio um tanto surpreso.

— Tenho dois amigos que queria comprar um enxoval para um filho de uma pobre viúva *haudriette*. É uma esmola. Custa três florins e eu queria concorrer com o meu.

— Como se chamam os vossos dois amigos?

— Pedro o Batedor e Batista o Trinca-pratos.

— Hum! — Disse o arcediogo. — Bonitos nomes que dizem tão bem numa boa alma como uma boa bombarda num altar-mor.

É certo que Jehan escolhera muito mal os dois nomes dos seus amigos. Conheceu-o muito tarde.

— Além disso — continuou o sagaz Cláudio — que quer dizer um enxoval que deve custar três florins, a para o filho duma *haudriette*? Desde quando as viúvas *haudriettes* têm crianças que usem cueiros?

Jehan perdeu o acanhamento ainda uma outra vez.

— Pois bem, é isso! Preciso de dinheiro para ir visitar esta noite Isabeau la Thierrye, ao Vale de Amor!

— Miserável impuro! — Bradou o padre.

— *Avaxveia*. — disse Jehan.

Esta citação, que o estudante ia buscar, talvez com malícia, à parede da cela, fez no padre um efeito singular. Mordeu os lábios e a sua cólera extinguiu-se no seu rubor.

— Ide-vos embora — disse então a Jehan. — Espero alguém.

O estudante tentou ainda um esforço.

— Meu irmão Cláudio, dai-me ao menos um pequeno *parisis* para comer.

— Em que ponto ides nas decretais de Graciano? — Perguntou Dom Cláudio.

— Perdi os meus livros.

— E nas humanidades latinas?

— Roubaram-me o meu exemplar de Horácio.

— E em Aristóteles?

— Qual é, meu irmão, disse-me, o Padre da Igreja que diz que os erros dos heroicos têm tido em todos os tempos por baluarte os enredados da metafísica de Aristóteles? Fora com Aristóteles! Não quero estragar a rainha religião na sua metafísica.

— Mancebo — replicou-lhe o arcediago — apareceu na última entrada do rei um fidalgo chamado Filipe de Comine, que trazia bordada sobre os jaezes do cavalo a sua divisa, sobre a qual vos aconselho que meditaís: *Qui non laborat, non manducat*.

O estudante ficou um momento silencioso, coçando uma orelha, com os olhos pregados no chão e com semblante descontente.

De repente voltou se para Cláudio com a viva ligeireza de uma alvéola.

— Então, meu bom irmão, recusais-me um soldo *parisis* para comprar uma empada?

— *Qui non laborat non manducat*.

A esta resposta do inflexível arcediago, Jehan escondeu o rosto nas mãos, como uma mulher que soluça e bradou com uma expressão de desespero: *Ototototctoi*.

— Que quer isso dizer, senhor? — Perguntou Cláudio surpreendido com aquele destempero.

— O que quer dizer? — Perguntou o estudante, e alçou para Cláudio os olhos impudentes em que acabava de meter os punhos para lhes dar a vermelhidão das lágrimas. — Isto é grego! É um anapesto de Ésquilo que exprime perfeitamente a dor.

E nisto largou numa gargalhada tão burlesca e violenta que fez sorrir o arcediago. A culpa era efetivamente de Cláudio; porque amimara tanto aquela criança?

— Oh! Meu bom irmão Cláudio — continuou Jehan animado por esse sorriso — vede os meus borzeguins rotos. Neste mundo haverá coturno mais trágico do que umas botinas com as solas a parecerem línguas?

O arcediago voltara prontamente à sua primitiva seriedade.

— Mandar-vos-ei botinas novas, mas dinheiro, não.

— Só um triste *parisis*, meu irmão — prosseguiu Jehan suplicante. — Aprenderei Graciano de cor, acreditarei muito em Deus, serei um verdadeiro Pitágoras de ciência e virtude. Mas um triste *parisis* só, por favor! Quereis que a fome me morda com a sua goela que estou a ver, escancarada, diante de mim, mais negra, mais mal cheirosa, mais profunda do que um Tártaro ou do que o nariz dum frade.

Dom Cláudio repetiu o seu estribilho: — *Qui non laborat...*

Jehan não o deixou acabar.

— Pois bem — bradou ele — com todos os diabos! Viva a alegria! Vou para as tabernas, bater-me-ei, quebrarei os copos, frequentarei as mulheres de má nota!

E dizendo isto, atirou com o gorro à parede e fez estalar os dedos como castanholas. O arcediago fitou-o com olhar sombrio.

— Jehan, vós não tendes alma.

— Nesse caso, segundo Epicuro, falta-me não sei quê, feito de alguma coisa que não tem nome.

— Jehan, é preciso pensar seriamente em vos emendardes.

— Ah! Sim! — Objetou o estudante olhando alternadamente para o seu irmão e para os alambiques do forno. — Tudo aqui então é duro, ideias e garrafas!

— Jehan, vós estais num declive bem escorregadio. Sabeis onde ides ter?

— À taberna — disse Jehan.

— A taberna leva ao pelourinho.

— É uma lanterna como qualquer outra, e foi talvez com ela que Diógenes achou o seu homem.

— O pelourinho leva à força.

— A força é uma balança que tem numa extremidade um homem e na outra, toda a terra. É bom ser o homem.

— A força leva ao Inferno.

— Uma grande fogueira.

— Jehan, Jehan, o fim será mau.

— O princípio terá sido bom.

Neste momento o ruído de passos fez-se ouvir na escada.

— Silêncio! — Disse o arcediogo pondo um dedo na boca. — É mestre Jacques. Ouvi Jehan — acrescentou em voz baixa — livrai-vos de falar alguma vez do que virdes ou escutardes aqui. Escondei-vos debaixo desse forno e nem sequer respireis.

O estudante meteu-se debaixo do forno: ali acometeu-o uma ideia fecunda.

— A propósito, meu irmão Cláudio, um florim para que eu não respire.

— Silêncio! Fica prometido.

— É preciso dar-mo.

— Toma então! — Disse o arcediogo atirando-lhe com cólera a sua escarcela.

Jehan voltou para debaixo do forno, e a porta abriu-se.

V.

Os dois homens vestidos de preto

A personagem que entrou trajava de preto e tinha um aspeto sombrio. O que à primeira vista impressionou o nosso amigo Jehan (que, como é de supor, se acomodara num canto de modo a poder ver tudo e tudo ouvir à sua vontade) era a perfeita tristeza do vestuário e do rosto do recém-chegado. Havia no entanto alguma doçura naquele rosto, mas uma doçura de gato ou de juiz, uma doçura dengosa. Era muito grisalho, enrugado, abeirava-se dos setenta anos, piscava os olhos, tinha as sobrancelhas brancas, o lábio pendente e as mãos grossas. Quando Jehan viu que era apenas isso, quer dizer, com certeza um médico ou um magistrado, e que aquele homem tinha o nariz longe da boca, sinal de estupidez, mais se acocorou no seu esconderijo, desesperado por ter de passar um tempo indefinido em tão má companhia.

O arceidiago nem se levantara sequer para essa personagem. Fizera-lhe sinal para se sentar num escabelo próximo da porta, e depois de alguns momentos dum silêncio, que parecia continuar uma meditação anterior, disse-lhe em tom protetor:

— Bom dia, mestre Jacques.

— Salve, mestre — respondeu o homem de preto. Havia nas suas maneiras com que foi pronunciado numa parte esse *mestre Jacques*, da outra esse *mestre* por excelência, a diferença de monsenhor ao senhor, do *domine* ao *domne*. Era evidentemente a aproximação do doutor e do discípulo.

— Então — inquiriu o arceidiago depois de um novo silêncio que *mestre Jacques* teve o cuidado de não perturbar — conseguiste?

— Infelizmente, meu mestre — disse o outro com um sorriso triste — continuo a soprar. Cinzas que fartem, ouro, nem uma areia.

Dom Cláudio fez um gesto de impaciência.

— Não vos falo disso, *mestre Jacques Charmolue*, mas do processo do vosso mágico. Não era Marco Cenaine que lhe chamáveis? Confessa a sua magia? A tortura deu-vos algum resultado?

— Infelizmente não — respondeu *mestre Jacques*, sempre com o seu sorriso triste — não temos essa consolação. Esse homem é uma pedra; é mais fácil cozê-lo no Mercado dos Porcos do que o obrigar a dizer alguma coisa. E no

entanto não poupámos nada para chegar à verdade; já está todo deslocado.

— Não achaste nada de novo em sua casa?

— Achei — disse *mestre* Jacques rebuscando na escarcela — achei este pergaminho. Há nele palavras que não compreendemos. O senhor advogado criminal, Filipe Lheulier sabe, no entanto, um pouco de hebreu, que aprendeu no negócio dos judeus da rua Kentersten, em Bruxelas.

E falando assim, *mestre* Jacques desenrolava um pergaminho.

— Deixai ver — disse o arcediogo.

E lançando os olhos sobre aquele escrito:

— Pura magia, *mestre* Jacques! — exclamou. — *Emen-Hétan!* é o grito dos vampiros quando chegam ao *sabbat*. *Per ipsum, et cum ipso, et in ipso!* são as palavras que prendem o Diabo no Inferno. *Hax, pax max!* isto é medicina. Uma fórmula contra as dentadas dos cães danados. *Mestre* Jacques, vós sois procurador do rei no foro da igreja: este pergaminho é execrando.

— Submetemos de novo o homem à tortura. Temos ainda — acrescentou *mestre* Jacques, rebuscando de novo a sacola — o que achámos em casa de Marco Cenaine.

Era um vaso da família dos que se viam sobre o forno de dom Cláudio.

— Ah! — disse o arcediogo — Um vaso de alquimia.

— Devo confessar-vos — continuou *mestre* Jacques — que experimentei no forno, mas que não deu melhor resultado do que o meu.

O arcediogo pôs-se a examinar o vaso.

— Que tem gravado este cadinho? *Och! Och!* A palavra que espanta as pulgas! Este Marco Cenaine é ignorante! Também eu creio que com isto não fareis ouro! É bom para terdes de verão, na alcova; nada mais!

— Visto que estamos no capítulo erros — disse o procurador do rei — entretive-me a estudar a portaria lá de baixo, antes de subir. Vossa Reverência tem plena certeza de que a abertura da obra de física nela está figurada do lado do hospital e que nas sete figuras nuas que estão aos pés de Nossa Senhora, a que tem asas nos pés é Mercúrio?

— Tenho — respondeu o padre — é Agostinho Nypho quem o escreveu, um doutor italiano que tinha um demónio barbado que lhe ensinava tudo. Vamos descer e explicar-vos-ei tudo sobre o texto.

— Obrigado, meu *mestre* — disse Charmolue inclinando-se até ao chão. — A propósito, ia-me esquecendo! Quando desejas que faça capturar a magicazita?

— Que magicazita?

— Aquela cigana que bem conheceis e que vem todos os dias bailar no adro, apesar da proibição do juízo eclesiástico! Tem uma cabra possessa que tem cornos de diabo, que lê, escreve e sabe matemática como Picâtrix, o bastante para fazer enforcar toda a ciganada. O processo está pronto, depressa se arranja tudo! Uma linda criatura, pela minha alma, essa dançarina! Os mais lindos olhos pretos que tenho visto! Dois carbúnculos do Egitto! Quando começamos?

O arcediogo estava excessivamente pálido.

— Depois vo-lo direi — balbuciou com voz apenas articulada; e acrescentou com esforço: — Por agora ocupai-vos de Marco Cenaine.

— Estai descansado — disse sorrindo Charmolue — quando chegar vou de novo mandá-lo estender sobre o leito de couro.

Dom Cláudio, em funda meditação, já não o ouvia. Charmolue, seguindo-lhe a direção do olhar, viu que se fixava maquinalmente na grande teia de aranha que velava o postigo. Neste momento, uma mosca estouvada, que procurava o sol de março, precipitou-se por entre a rede e nela se emaranhou. Vendo abalar-se-lhe a teia, a enorme aranha fez um movimento brusco para fora da sua cela central, depois de um salto, precipitou-se sobre a mosca, que dobrou em duas com as suas antenas dianteiras, ao passo que com a tromba hedionda lhe desfazia a cabeça.

— Pobre mosca! — disse o procurador do rei, no foro da Igreja, e levantou a mão para a salvar.

O arcediogo, como acordando de sobressalto, deteve-lhe o braço com convulsiva violência.

— *Mestre* Jacques — bradou — deixai obrar a fatalidade!

O procurador voltou-se espantado; parecia que uma tenaz de ferro lhe

agarrara o braço. Os olhos do padre estavam fixos, desvairados, chamejantes, como presos no pequeno grupo horrível da mosca e da aranha.

— Oh! Sim — continuou o padre com uma voz que se diria sair-lhe das entranhas — eis o símbolo de tudo. Voa, está alegre, acaba de nascer; procura a primavera, o ar livre, a liberdade. Oh! Sim, mas se vai de encontro à rede fatal, sai a aranha, a hedionda aranha! Pobre bailarina! Pobre mosca predestinada! *Mestre Jacques* deixai correr! É a fatalidade: Ah! Cláudio, tu és aranha. Cláudio, tu és também a mosca! Voavas para a ciência, para a luz, para o sol, não te preocupavas senão em chegar ao ar livre, ao grande dia da verdade eterna; mas, ao precipitares-te sobre a deslumbrante fresta que dá sobre o outro mundo, sobre o mundo da claridade, da inteligência e da ciência, mosca cega, doutor insensato, que não viste a subtil teia de aranha estendida pelo destino entre ti e a luz e que nela te lançaste desvairado, miserável e louco e que agora te debates, com a cabeça despedaçada e com as asas arrancadas, entre as antenas de ferro da fatalidade! *Mestre Jacques!* *Mestre Jacques!* Deixai em paz a aranha!

— Asseguro-vos — disse Charmolue que o fitava sem o compreender — que lhe não tocarei. Mas largai-me o braço, mestre, por favor! Tendes a mão que parece uma tenaz.

O arcediogo não ouviu.

— Oh! Insensato! — continuou ele sem desviar os olhos da fresta. — E quando tu pudesses romper, com as tuas asas de mosquito, pensas que poderias chegar até à luz? Ah! Como transporias tu esse vidro que está mais longe, esse obstáculo transparente, essa muralha de cristal mais dura do que o bronze, que separa da verdade todas as filosofias? Oh vaidade da ciência! Quantos sábios vêm de tão longe esvoaçando, despedaçar nele a fronte! Quantos sistemas vêm confusamente arremeter zumbindo contra esse vidro eterno!

Calou-se. Estas últimas ideias que o tinham insensivelmente transportado de si próprio para a ciência, pareciam tê-lo sossegado, Charmolue falo voltar completamente ao sentimento da realidade, dirigindo-lhe esta pergunta:

— Dizei-me então, meu mestre, quando vireis ajudar-me a fazer ouro! Tenho pressa de o conseguir.

O arcediogo meneou a cabeça com um sorriso amargo.

— *Mestre Jacques*, lede Miguel Psellus, *Dialogus de energia et operatione daemonum*. O que nós fazemos não é perfeitamente inocente.

— Mais baixo, mestre! Bem o sei — disse Charmolue. — Mas não deixa de se tornar preciso fazer um pouco de hermética, quando se é apenas procurador do rei no foro da Igreja, com trinta e cinco escudos torneses por ano. Mas falemos baixo.

Neste momento um ruído de queixo e mastigação que saía de debaixo do forno, veio ferir o ouvido inquieto de Charmolue.

— Que é isto? — perguntou ele.

Era o estudante que, muito incomodado e muito aborrecido no seu esconderijo, conseguira descobrir uma côdea seca e um triângulo de queijo bolorento e se pusera a comer tudo sem cerimónia, à laia de consolação e de almoço. Como tinha muita fome, fazia grande ruído e acentuava fortemente cada dentada, o que despertara a atenção e o susto do procurador.

— É o meu gato — atalhou logo o arcediago — que se regala aí por baixo, com alguma ratazana.

Esta explicação satisfaz Charmolue.

— Efetivamente, mestre — respondeu ele com um sorriso respeitoso — todos os grandes filósofos têm o seu animal familiar. Bem sabeis o que diz Sêrvio: *ullus enim locus sino genio est*.

No entanto Dom Cláudio que receava alguma nova diabrura de Jehan, lembrou ao seu digno discípulo que tinham algumas figuras a estudar juntos, e ambos saíram da cela, com grande gáudio do estudante, que começava a recear seriamente que o joelho lhe ficasse estampado no queixo.

VI.

Do efeito que podem produzir sete pragas ao ar livre

— *Tē Deum laudamus!* — bradou *mestre* Jehan saindo do seu buraco. — Já se foram os dois morcegos. Och! Och! Hax! Pax! Max! As pulgas! Os cães danados! O diabo! Estou farto da sua palestra! Zumbe-me a cabeça como um sino. Por cima de tudo Isto, queijo bolorento! Vamos lá! Desçamos, peguemos da escarcela do mano mais velho e convertamos todo este dinheiro em garrafas de vinho!

Lançou um olhar de ternura e de admiração para o interior da preciosa escarcela, compôs o vestuário, limpou as botinas, escovou as mangas pendidas todas cobertas de cinza, assobiou uma ária, deu uma pirueta, examinou se não havia na cela alguma coisa, que pudesse levar, surriprou aqui e ali sobre o forno algum amuleto de vidro, bom para dar, à laia de joia, a Isabeau la Thyerrie, empurrou a porta que o irmão tinha deixado aberta por última indulgência e que ele por seu turno deixou também aberta por última maldade e desceu a escada circular saltitando como um pássaro.

No meio das trevas acotovelou alguma coisa que lhe deu lugar, roncando; presumiu que fosse Quasimodo e achou nisso tanta graça que desceu às gargalhadas o resto da escada. Quando saiu para a praça ria ainda.

Chegando abaixo bateu com o pé no chão.

— Oh — disse ele. — Bom e honrado solo de Paris! Maldita escada capaz de cansar até os anjos de Jacob! Quando me lembrei eu de me vir enforcar nesta verruma de pedra que parece furar o céu? Afinal de contas para comer queijo com bigodes e para ver os campanários de Paris por uma trapeira! — Deu alguns passos e avistou os dois morcegos, isto é, dom Cláudio e *mestre* Jacques Charmolue, em contemplação diante de uma escultura na portada. Abeirou-se deles na ponta dos pés e ouviu o arcediogo que dizia muito baixo a Charmolue:

— Foi Guilherme de Paris quem mandou gravar um Job sobre esta pedra cor de lápis-lazúli, dourada pelas beiras. Job figura a pedra filosofal, que deve ser experimentada e martirizada também para se tornar perfeita, como diz Raimundo Lulli: *Sub conservatione formæ specificæ salva anima.*

— Isso para mim é indiferente! — disse Jehan. — Quem tem a bolsa sou eu.

Neste momento ouviu uma voz forte e sonora articular por detrás dele uma

série formidável de pragas:

— Com mil raios! Com mil demónios! Pelos cornos do diabo! Com um conto de demónios! Pelos chifres de Satanás! Pelas barbas de Belzebu! Com um raio de diabos!

— Pela minha salvação — exclamou Jehan — isto não pode ser senão o meu amigo Febo!

O nome de Febo chegou aos ouvidos do arcediogo no momento em que ele explicava ao procurador do rei o dragão que esconde a cauda num banho de onde sai fumo e uma cabeça do rei. Dom Cláudio estremeceu, parou, com grande pasmo de Charmolue, voltou-se e viu seu irmão Jehan que se dirigia para um oficial que estava à porta da casa dos Gondelaurier.

Era efetivamente o senhor capitão Febo de Châteaupers. Encostado à esquina da casa da sua noiva, praguejava com um pagão.

— Palavra, capitão Febo — disse Jehan apertando-lhe a mão — rogaís pragas que é um gosto ouvir-vos.

— Com um conto de demónios! — respondeu o capitão.

— Com um conto de demónios, digo eu também! — replicou o estudante. — Mas, gentil capitão, porque é toda essa torrente de belas palavras?

— Perdão, meu bom camarada Jehan — disse Febo, apertando-lhe a mão — cavalo em corrida não estaca. Ora eu praguejava a todo o galope. Venho de casa dessas delambidas e quando de lá saio, tenho sempre as goelas cheias de pragas; preciso escarrá-las ou rebento com um raio de diabos!

— Quereis vir beber?

— Quero, sim; mas não tenho dinheiro.

— Mas tenho eu!

— Vamos lá a ver isso?

Jehan expôs a escarcela aos olhos do capitão, com majestosa simplicidade. No entanto o arcediogo, que abandonara Charmolue atônito, dirigira-se para eles e parara a distância de alguns passos, observando os dois sem que nele atentassem, tanto os absorvia a contemplação da escarcela.

Febo exclamou:

— Uma bolsa na vossa algibeira, Jehan! Isso é a lua numa celha de água. Vê-se assim, mas não está lá: só lá tem a sombra. Ora apostamos que são seixos!

Jehan respondeu secamente:

— Aqui estão os seixos com que eu calceto o meu bolsinho.

E, sem acrescentar mais palavra, esvaziou a escarcela sobre um marco próximo, com a atitude de um romano salvando a pátria.

— Com os diabos! — resmoneou Febo. — Moedas de todas as espécies, dinheiro de todas as qualidades! É maravilhoso.

Jehan permanecia digno e impassível. Alguns *liards* tinham rolado para a lama; o capitão, no seu entusiasmo abaixou-se para os apanhar. Jehan deteve-o.

— Não vale a pena, capitão Febo de Châteaupers!

Febo contou o dinheiro e voltando-se com solenidade para, Jehan:

— Sabeis Jehan, que estão aí vinte e três soldos parisis! A quem depenastes vós esta noite na rua Corta Gasnete?

Jehan deixou cair para trás a cabeça loura e anelada e disse semifechando os olhos desdenhosos:

— Cá a gente tem um irmão arcediago e imbecil.

— Com um milhão de diabos! — bradou Febo. — Que digno homem!

— Vamos beber — disse Jehan.

— Onde havemos de ir? — perguntou Febo. — Ao *Pomo de Eva*?

— Não, capitão, vamos antes à *Velha Ciência*. Gosto desta velha e maçadora palavra!

— Deixai-vos de velhas, Jehan! No *Pomo de Eva* o vinho é melhor; e depois ao lado da porta há uma videira ao sol que me alegra quando bebo.

— Está bem! Vamos lá à Eva e ao seu pomo — disse o estudante. — A propósito, meu caro capitão, dissestes há pouco rua Corta Gasnete: já se não diz assim; agora já se não é tão bárbaro. Chama-se a rua Corta Goela.

Os dois amigos puseram-se a caminho para o *Pomo de Eva*. É inútil dizer que tinham primeiro guardado o dinheiro e que o arcediago os seguia.

E seguia-os sombrio e alheado. Seria aquele o Febo, cujo nome maldito, depois da sua entrevista com Gringoire, se misturava a todos os seus pensamentos? Não o sabia, mas enfim era Febo e esse nome mágico bastava para que o arcediago seguisse pé ante pé os dois descuidosos companheiros, escutando-lhes as palavras e observando-lhe os menores gestos com uma atenta ansiedade. E depois nada mais fácil do que ouvir tudo o que eles diziam, tão alto falavam, dando-se-lhes pouco de que os transeuntes tomassem parte nas suas confidências.

Ao voltar dum rua, o som dum pandeiro fez-se ouvir dum largo próximo. Dom Cláudio sentiu o oficial que dizia ao estudante:

— Oh! Com os diabos! Estuguemos o passo.

— Porquê, Febo?

— Tenho medo que a cigana me veja.

— Que cigana?

— A rapariga que tem uma cabra.

— A Esmeralda?

— Isso mesmo, Jehan. Esqueço-me sempre do diabo do seu nome. Vamos depressa, que ela pode conhecer-me. Não quero que esta rapariga me fale na rua.

— Então, conheceis-la, Febo?

Aqui o arcediago viu Febo rir-se, achegar-se do ouvido de Jehan, e dizer-lhe algumas palavras muito baixo; depois Febo largou às gargalhadas e sacudiu a cabeça com ar de triunfador.

— Palavra? — perguntou Jehan.

— Pela minha salvação! — respondeu Febo.

— Esta noite?

— Esta noite, sim.

— Tendes a certeza de que ela virá?

— Estais doído, Jehan? Pode lá duvidar-se destas coisas?

— Capitão Febo, sois um feliz gendarme!

O arcediago ouviu toda esta conversa. Os dentes bateram-lhe; um estremecimento percorreu-lhe visivelmente todo o corpo. Deteve-se um momento, encostou-se a um marco como um homem ébrio, depois retomou a pista dos dois alegres devassos.

Quando os conseguiu apanhar, já tinham mudado de conversa. Ouviam-se cantar com toda a força o velho estribilho:

Les enfants des Petits-Carreux
Se font pendre come des veaux.

VII. A alma do outro mundo

A ilustre taberna do *Pomo de Eva* estava situada na rua da Universidade, à esquina da rua Rondelle e da rua do Bâtonnier. Era uma sala ao rés do chão, bastante vasta e muito baixa, com uma abóbada cuja base central se apoiava sobre um grosso pilar de madeira pintado de amarelo; mesas por toda a parte, lustrosos canjirões de estanho pendurados dos muros, sempre abundância de bebedores, sempre abundância de mulheres, uma vidraça para a rua, uma videira à porta e por cima desta porta uma tabuleta de zinco berradora, com uma mulher e uma maçã pintadas, toda enferrujada pela chuva e girando ao vento numa haste de ferro. Esta espécie de grimpa voltada para o chão era a insígnia.

Caía a noite; a rua estava escura; a taberna cheia de luzes flamejava como uma forja nas sombras; ouvia-se o barulho dos copos, das comezainas, das pragas, das questões, que saía pelos vidros partidos.

Um homem passeava imperturbavelmente por diante da ruidosa taberna, olhando sem cessar para lá e não se arredando do local mais do que uma sentinela da sua guarita. Embuçava-se numa capa até ao nariz. Essa capa acabava de a comprar no adelo contíguo ao *Pomo de Eva*, talvez para se guardar do frio das noites de março ou talvez para esconder o seu traje. De tempos a tempos, parava diante da vidraça escurecida por uma grade miúda, escutava, olhava e batia com o pé.

Afinal a porta da taberna abriu-se, o que ele parecia esperar. Saíram dois bebedores. O raio de luz que se escapava da porta purpureou-lhes por momentos os rostos joviais. O homem de capa pôs-se em observação debaixo dum alpendre do outro lado da rua.

— Com um milhão de raios! — disse um dos bebedores. — Estão a cair as sete. É a hora da minha entrevista.

— Digo-vos — interrompia o seu companheiro com a língua a prender-se-lhe — que não moro na rua das Más palavras, *indignas qui inter mala verba, habitat*. A minha casa é na rua João Pão Molete, *invico Johannis Pain Mollet*. Se dizes o contrário sois mais estúpido do que um peru.

— Jehan, meu amigo, vós estais bêbedo — dizia o outro.

Este respondeu cambaleando:

— Isso é como for do vosso gosto, Febo; mas está provado que Platão tinha o perfil dum cão de caça.

O leitor já por certo reconheceu os nossos bons amigos, o capitão e o estudante.

Parece que o homem que os espreitava na sombra os tinha reconhecido também porque seguia a passos lentos todos os zigue-zagues que o estudante obrigava a fazer ao capitão, que, bebedor mais emérito, tinha conservado todo o seu sangue-frio. Escutando-os com toda a atenção, o homem de capa pôde apanhar completa a seguinte interessante conversa:

— Jehan, meu amigo Jehan! Bem sabeis que marquei uma entrevista a essa rapariga no fim da ponte de S. Miguel, que só a posso levar para casa da Falourdel, e que é preciso pagar a hospedagem. A velha dos bigodes brancos não fia de mim. Jehan! Por favor! Beberíamos por acaso toda a escarcela do cura? Nem sequer vos ficou um *parisis*?

— A consciência de ter gasto bem as outras horas é um justo e saboroso condimento para a mesa.

— Pelos cornos do diabo! Já basta de troça! Dizei-me, Jehan do diabo! Tendes ainda algum dinheiro? Dai-o cá com os diabos, ou vou revistar-vos, ainda que sejais leproso como Job, e tihoso como César.

— Senhor, a rua Galiache é uma rua que tem duas saídas, uma pela rua da VARRIERE, e outra pela rua da Tixeranderie.

— É verdade, é, meu bom amigo, meu pobre camarada, a rua Galiache, é isso, é. Mas, em nome do Céu voltai a vós. Basta-me apenas um soldo *parisis* e é para as sete horas.

— Silêncio no coro e atenção ao estribilho:

Quand les rats mangeront les hats,
Le roi sera seigneur d'Arras

— Vai-te com os diabos, estudante do Ante-Cristo, estrangulado sejas tu com as tripas da tua mãe! — bradou Febo e empurrou violentamente o estudante ébrio que escorregou pelo muro e caiu mansamente sobre o lajedo. Por um resto de compaixão fraterna, que nunca abandona o coração de um bebedor, Febo rolou Jehan com o pé para sobre um desses travesseiros do pobre que a Providência tem sempre prontos a todos os cantos das ruas de Paris e que os ricos

amesquinham desdenhosamente com o nome de *monte de imundícies*. O capitão arranjou a cabeça de Jehan sobre um plano inclinado de troços de couve e no mesmo momento o estudante pôs-se a ressonar como em barítono magnífico. No entanto ainda o rancor se não extinguiu de todo no coração do capitão.

— Tanto pior para ti se a carroça do diabo te apanhar na passagem! — disse ele ao pobre estudante adormecido, e afastou-se.

O homem da capa, que cessara de o seguir, deteve-se um instante defronte de Jehan, como se o agitasse uma indecisão; depois, dando profundo suspiro, afastou-se também em seguimento do capitão.

Deixemos ficar, como eles, Jehan a dormir sob o benéfico olhar das belas estrelas e sigamo-los se assim apraz ao leitor.

Ao desembocar para a rua de Santo André das Artes, o capitão Febo descobriu que alguém o seguia. Viu, voltando por acaso os olhos, uma espécie de sombra que deslizava atrás dele ao longo das paredes. Parou, ela parou também; pôs-se a caminho, a sombra pôs-se a caminho.

O capitão era valente e pouco se preocupava com um ladrão com o estoque em punho, mas aquela sombra que caminhava, aquele homem petrificado, gelaram-no. Corriam então no povo não sei que histórias de almas do outro mundo, passeantes noturnos das ruas de Paris, que lhe vieram confusamente à memória. Ficou por alguns momentos estupefacto e quebrou enfim o silêncio, tentando rir-se.

— Senhor, se sois um ladrão, como julgo, fazeis-me o efeito duma garça que apanha uma casca de noz. Sou um filho família arruinado, meu caro. Dirigivos ao lado. Há na capela deste colégio, madeira da verdadeira cruz, incrustada em prata.

A mão da sombra saiu de debaixo da capa e pousou-se sobre o braço de Febo com o peso de uma garra de águia; ao mesmo tempo a sombra falou:

— Capitão Febo de Châteaupers!

— Como diabo — disse Febo — sabeis o meu nome?

— Não é somente o vosso nome que sei — continuou o homem da capa com a sua voz de sepulcro. — Tendes uma entrevista esta noite.

— Tenho — respondeu Febo estupefacto.

— Às sete horas.

— Dentro de um quarto de hora.

— Em casa da Falourdel.

— Exatamente.

— Na ponte de São Miguel.

— De São Miguel Arcanjo como diz a cartilha.

— Ímpio! — resmoneou o espetro. — Com uma mulher?

— *Confiteor*.

— Que se chama...

— A Esmeralda — disse Febo alegremente. Readquirira gradualmente toda a sua leviandade.

A este nome, a garra da sombra sacudia com furor o braço de Febo.

— Capitão Febo de Châteaupers, mentes!

Quem tivesse podido ver nesse instante o rosto inflamado do capitão, o salto que deu para trás tão violento que se desprendeu da tenaz que o agarrara, a atitude altiva com que levou a mão às guardas da espada, e diante dessa cólera a sombria imobilidade do homem da capa, quem visse isso, teria medo. Era alguma coisa do combate de dom João e da estátua.

— Cristo e Satanás — bradou o capitão. — Eis uma palavra que raras vezes chega aos ouvidos dum Châteaupers! Ousarias repeti-la?

— Mentos! — disse friamente a sombra.

O capitão rangeu os dentes. Almas do outro mundo, fantasmas, superstições, tudo esquecera naquele momento. Apenas via um homem e um insulto.

— Ah! É isso! — balbuciou com voz que a raiva abafava.

E tirou da espada e tartamudeando, porque a cólera faz tremer como o medo:

— Aqui mesmo! Já! As espadas! As espadas! Que o sangue corra!

No entanto o outro não se mexia. Quando viu o seu adversário em guarda e prestes a arremeter:

— Capitão Febo — disse ele, e o tom da sua voz vibrava com amargura — esqueceis a vossa entrevista.

Os arrebatamentos dos homens como Febo são como sopas de leite às quais uma gota de água fria faz perder a ebulição. Esta simples palavra fez baixar a espada que cintilava na mão do capitão.

— Capitão — continuou o homem de capa — amanhã, depois, de aqui a um mês, de aqui a dez anos, encontrar-me-eis sempre pronto a cortar-vos as goelas; mas ide primeiro à vossa entrevista.

— Efetivamente — disse Febo, como se procurasse capitular consigo mesmo — são duas coisas encantadoras de encontrar numa entrevista, uma espada e uma mulher; mas não vejo porque hei de deixar uma por outra, quando posso ter as duas.

E meteu a espada na bainha.

— Ide à vossa entrevista — repetiu o desconhecido.

— Senhor — retraiu Febo com algum embaraço — muito obrigado pela vossa cortesia. Efetivamente é sempre tempo de fazermos alguns rasgões no gibão do pai Adão. Agradeço-vos o permitir-me passar um quarto de hora agradável. Vou pois à minha entrevista; é para as sete horas como sabeis. — Aqui Febo coçou a orelha. — Ah! Com os diabos! Que me esquecia! Não tenho um soldo sequer para pagar a despesa e o raio da velha quer receber adiantado. Não fia de mim.

— Aqui tendes com que pagar.

Febo sentiu a mão fria do desconhecido deixar cair na sua uma moeda. Não pôde deixar de aceitar esse dinheiro e de apertar essa mão.

— Por Deus! — exclamou — Sois um bom rapaz!

— Com uma condição — disse o homem. — Provai-me que eu não tenho razão e que vós dizeis a verdade. Escondei-me em algum canto onde eu possa ver se essa mulher é efetivamente aquela cujo nome me dissestes.

— Oh! — respondeu Febo. — Isso é me indiferente. Tomaremos o quarto de Santa Marta; podereis ver à vontade do canil que está ao lado.

— Vinde pois — replicou a sombra.

— Às suas ordens — disse o capitão. — Não sei se sois *messer* Diabolus em pessoa; mas sejamos bons amigos esta noite, amanhã pagar-vos-ei todas as dívidas de bolsa e de espada.

E puseram-se a caminhar rapidamente. Ao cabo de alguns instantes o marulho da água anunciou-lhes que estavam sobre a ponte de São Miguel, então carregada de casas.

— Vou conduzir-vos — disse Febo ao companheiro. — Em seguida irei buscar a bela que deve estar à minha espera perto do Petit-Châtelet.

O companheiro não respondeu; enquanto caminhavam lado a lado, não dissera também palavra. Febo parou diante de uma porta baixa e bateu com força. Apareceu uma luz pelas frestas da porta.

— Quem está aí? — gritou uma voz desdentada.

— Com um conto de diabos! — respondeu o capitão.

A porta abriu-se imediatamente e deixou ver aos que chegavam uma mulher velha e uma lâmpada velha, ambas a tremer. A velha dobrava-se em duas, andrajosa, com a cabeça como mal segura, com uns olhos pequeninos, uma rodilha a servir de coifa, cheia de rugas por toda a parte, nas mãos, na cara, no pescoço; os lábios entravam-lhe para debaixo das gengivas e tinha à roda da boca pincéis de pelos brancos que lhe davam a aparência de um gato.

O interior da pocilga não era menos arruinado que ela; paredes por cair, traves negras no teto, um fogão a cair, teias de aranha por todos os cantos, no centro um rebanho cambaleante de mesas e escabelos coxos, nas cinzas do lar uma criança toda suja, e lá no fundo uma escada de mão que dava acesso por um alçapão para o pavimento superior.

Ao transpor aquele imundo limiar, o misterioso companheiro de Febo ergueu a capa até aos olhos. No entanto o capitão, sempre a praguejar como um mouro, deu-se pressa em *fazer num escudo reluzir o Sol*, como diz o nosso admirável Régnier.

— O quarto de Santa Marta — disse ele.

A velha tratou-o por Monsenhor e foi guardar o escudo numa gaveta. Era a moeda que o homem da capa preta dera a Febo. Enquanto ela voltava as costas,

o rapazito andrajoso e de cabelos eriçados que estava a brincar no fogão, aproximou-se sorrateiramente da gaveta, tirou o escudo e pôs no seu lugar uma folha seca que arrancara de um feixe de lenha.

A velha fez sinal aos dois fidalgos, como ela lhes chamava, para que a seguissem e subiu a escada diante deles. Chegando ao pavimento superior, pousou a lâmpada sobre uma arca, e Febo, como freguês da casa, abriu uma porta que dava para um vão escuro.

— Entrai para aqui, meu caro — disse ao companheiro.

O homem da capa obedeceu sem responder palavra; a porta fechou-se sobre ele; ouviu Febo correr-lhe os ferrolhos e um momento depois descer a escada com a velha. A luz tinha desaparecido.

VIII.

Utilidades das janelas que dão para o rio

Cláudio Frollo (pois presumimos que o leitor, mais inteligente que Febo, não viu em toda esta aventura outra alma do outro mundo além do arcediogo), Cláudio Frollo sondou às apalpadelas o recinto cheio de trevas onde o capitão o aferrolhara. Era um desses recantos que os arquitetos por vezes costumam reservar no ponto de junção do telhado e do muro de apoio. O corte vertical daquele canil, como tão bem lhe chamava Febo, daria um triângulo. Não havia nem janela nem postigo, e o piano inclinado do telhado impedia o conservar-se a gente de pé. Cláudio acocorou-se pois na poeira e na caliça que sentia esmagar-se com o seu peso; a cabeça ardia-lhe; tateando o terreno à volta com as mãos, encontrou um pedaço de vidro quebrado que encostou à testa e cuja frescura o aliviou um pouco.

Que se passava naquele momento na alma obscura do arcediogo? Só ele e Deus podiam saber.

Em conformidade de que ordem fatal dispunha ele no seu pensamento a Esmeralda, Febo, Jacques Charmolue, o seu jovem irmão tão querido, abandonado por ele na lama, a sua sotaina de arcediogo, a sua reputação talvez, arrastada por casa da Falourdel, todas essas imagens, todas essas aventuras? Não poderia eu dizê-lo. Mas é certo que essas ideias formavam no seu espírito um gupo horrível.

Havia um quarto de hora que esperava. Parecia-lhe ter envelhecido um século. De repente ouviu estalar os degraus da escada de madeira; alguém subia. O alçapão abriu-se, a luz reapareceu. Havia na porta carunchosa do seu esconderijo uma fresta bastante larga; colou a ela o rosto. Deste modo podia ver tudo o que se passava no quarto vizinho. A velha com cara de gato saíra primeiro do alçapão, empunhando a lâmpada; depois Febo cofiando o bigode, depois uma terceira pessoa, a bela e graciosa figura de Esmeralda. O padre viu-a sair do chão como uma aparição deslumbrante. Cláudio tremeu, espalhou-se-lhe pelos olhos uma nuvem, as artérias bateram-lhe com força, tudo zumbia e girava em roda dele; não viu nem ouviu mais nada.

Quando voltou a si, Febo e Esmeralda estavam sós sentados sobre a arca de madeira, ao lado da lâmpada que fazia ressaltar aos olhos do arcediogo aqueles dois rostos juvenis e um miserável grabato no fundo daquela suja estância.

Ao lado do grabato, havia uma janela cujos pequenos caixilhos

envidraçados, esburacados como uma teia de aranha sobre a qual a chuva caiu, deixava ver, através das suas malhas rotas, uma nesga do céu e a Lua deitada ao longe sobre um fofo tapete de moles nuvens.

Não foi sem custo que Dom Cláudio conseguiu ouvir o que eles diziam, através do zumbido, do sangue que lhe fervia nas fontes.

(Coisa banal uma conversa de namorados. É um *amo te* perpétuo. Frase musical muito nua e muito insípida para os indiferentes que a escutem, quando não é ordenada de alguma *floriture*; mas Cláudio não a ouvia como indiferente).

— Oh! — dizia a rapariga sem levantar os olhos. — Não me desprezeis monsenhor Febo. Sinto que o que faço é mal.

— Desprezar-vos, bela criança! — respondeu o oficial com um tom de galantaria superior e distinta. — Desprezar-vos, com mil raios! E porquê?

— Por vos ter seguido.

— Sobre esse ponto, minha bela, não nos entendemos. Não deveria desprezar-vos, mas odiar-vos.

A Esmeralda fitou-o com medo:

— Odiar-me! Que fiz eu então?

— Por vos fazerdes tanto rogar.

— Ah! — disse ela. — É que falto a um voto. Não encontrarei meus pais! O amuleto perderá a virtude. Mas que importa? Para que preciso eu agora de pai a de mãe?

E ao falar assim, pousava no capitão os seus grandes olhos húmidos de alegria e de ternura.

— Os diabos me levem, se vos entendo! — exclamou Febo.

A Esmeralda permaneceu um instante silenciosa, depois caiu-lhe dos olhos uma lágrima, um suspiro dos lábios e disse:

— Oh, Monsenhor, amo-vos.

Havia em torno daquela rapariga um tal perfume de castidade, um tal encanto da virtude, que Febo não se sentia completamente à vontade junto dela.

No entanto aquela palavra deu-lhe coragem:

— Amais-me então! — disse com transporte e enlaçou com o braço a cinta da cigana. — Só esperava esta ocasião.

O padre viu-o, e experimentou com o dedo a ponta de um punhal que trazia escondido no seio.

— Febo — continuou a cigana desprendendo brandamente da cintura as mãos teimosas do capitão — sois bom, sois generoso, sois belo; salvastes-me, a mim, que não sou mais do que uma criança perdida. Há muito tempo que sonho com um oficial que me salve a vida. Era convosco que eu sonhava antes de vos conhecer, meu Febo; o meu sonho tinha um belo uniforme como o vosso, uma bela aparência, uma espada; chamais-vos Febo, é um bonito nome, amo o vosso nome, amo a vossa espada. Tirai pois essa espada, Febo, para que eu a veja.

— Criança! — disse o capitão, e desembainhou sorrindo a durindana.

A cigana mirou o punho, a lâmina, examinou com adorável curiosidade as iniciais da guarda e beijou a espada dizendo:

— Sois a espada de um valente. Amo-o, meu capitão.

Febo aproveitou ainda a oportunidade para depor no seu belo pescoço, que na ocasião se tinha dobrado, um beijo que fez endireitar a cigana, escarlate como uma cereja. O padre no seu esconderijo rangeu os dentes.

— Febo — continuou a Esmeralda — deixai-me falar-vos. Caminhai um pouco para que eu vos veja direito e para que oiça tilintar as vossas esporas. Como sois belo!

O capitão levantou-se para lhe comprazer, repreendendo-a com um sorriso de satisfação:

— Que criança que sois! A propósito, meu encanto, já me vistes com o meu uniforme de gala?

— Infelizmente ainda não — respondeu ela. — Esse é que é bonito!

Febo voltou a assentar-se perto dela, mas muito mais perto que antes.

— Ouvi, minha querida...

A cigana deu-lhe algumas pancadinhas com a sua linda mão na boca, com

uma ingenuidade cheia de doçice de graça e de alegria.

— Nada, nada, não vos ouvirei. Amas-me? Quero que me digas se me amas.

— Se te amo, anjo da minha vida! — bradou o capitão, ajoelhando-se a meio. — O meu corpo, o meu sangue, a minha alma, tudo é teu, tudo é para ti. Amo-te, e nunca amei senão a ti.

O capitão tinha tantas vezes repetido esta frase, em tantas conjunturas semelhantes, que a declamou de um fôlego, sem lhe esquecer uma única palavra.

A esta apaixonada declaração, a cigana alçou para o sujo teto que substituíra o céu um olhar cheio de uma felicidade angélica.

— Oh! — murmurou ela. — É este o momento em que se deve morrer!

Febo achou «o momento» bom para lhe roubar um novo beijo que foi torturar no seu canto o miserável arceidiago.

— Morrer! — exclamou o amoroso capitão. — Que estais para ai a dizer, meu belo anjo? É caso para viver, ou Júpiter não é senão um tunante! Morrer no princípio de uma tão doce coisa! Pelos cornos dum boi, que gracejo! Não é isso. Ouvi, minha querida Similar... Esmeralda... Perdão! Mas é que tendes um nome tão prodigiosamente sarraceno que não me posso desenredar dele. É um silvado que me faz parar de repente.

— Meu Deus — disse a pobre rapariga — e eu a pensar que era um nome bonito pela sua singularidade! Mas visto que vos desagrada, queira chamar-me Goton.

— Ah, não choremos por tão pouco, minha graciosa. É um nome a que é preciso acostumar-se a gente, eis tudo. Uma vez que o saiba de cor, depois irá bem. Escutai pois, minha cara Similar; adoro-vos até à paixão, amo-vos tanto, e tanto, que parece até milagre. Sei eu de uma pequena que rebenta de raiva...

A ciumenta cigana interrompeu-o:

— Quem é?

— Que nos faz isso? — disse Febo. — Amas-me?

— Oh!... — disse ela.

— Pois bem! É quanto basta. Verão como vos amo também. Que o grande diabo Neptuno me espete no seu tridente se eu não vos fizer a mais feliz criatura do mundo. Tereis em algures uma linda casinha. Os meus archeiros passarão em parada por debaixo da vossa janela. São todos a cavalo e muito superiores aos do capitão Mignon. Levar-vos-ei a ver os leões do Palácio do Rei que são uns animais ferozes. Todas as mulheres gostam disso.

Havia alguns instantes que a pobre rapariga, absorvida nos seus encantadores pensamentos, cismava com o som da sua voz sem ouvir o sentido das palavras.

— Oh, como haveis de ser feliz! — continuou o capitão e ao mesmo tempo desapertou mansamente o cinto da cigana.

— Que fazeis? — perguntou ela vivamente. Aquela *via de facto* arrancara-a ao seu cismar.

— Nada — respondeu Febo. — Dizia unicamente que será preciso deixar todo esse traje de folia e de rua quando estiverdes comigo.

— Quando estiver contigo, meu Febo! — disse a Esmeralda com ternura.

E continuou pensativa e silenciosa.

O capitão, animado pela sua doçura, achegou a si o corpo da cigana, sem que ela opusesse resistência; depois pôs-se a desapertar como insensivelmente, o corpete da pobre criança e de tal modo lhe desarranjou o peitilho, que o padre, ofegante, viu sair da cambraia o belo ombro da cigana, redondo e moreno, como a Lua a levantar-se das brumas do horizonte.

A Esmeralda deixava Febo à vontade. Parecia quase não dar por ele. Os olhos do atrevido capitão cintilavam.

De repente ela voltou-se para ele:

— Febo — disse-lhe com uma expressão de infinito amor — instrue-me na tua religião.

— Na minha religião! — exclamou o capitão largando a rir. — Eu instruir-vos na minha religião! Com um conto de diabos! Que quereis fazer com a minha religião?

— É para nos casarmos — respondeu ela.

O rosto do capitão tomou uma expressão, misto de surpresa, de desdém, de indiferença e de paixão libertina.

— Ora essa! — disse ele. — Mas há alguém que se case?

A cigana empalideceu e deixou tristemente cair a cabeça sobre o peito.

— Minha bela namorada — continuou tenazmente Febo — que querem dizer essas loucuras? Grande coisa o casamento! Não se quererá a gente bastante sem se ter expetorado algum latim na loja de um padre?

E falando desta sorte, com a sua mais doce voz, achegava-se cada vez mais para a cigana; as suas mãos caridosas tinham retomado o seu posto à volta do corpo tão delicado e tão flexível da pobre estonteada, os seus olhos cintilavam cada vez mais e tudo anunciava que o senhor Febo chegava evidentemente a um desses momentos nos quais o próprio Júpiter faz tantas loucuras que o bom Homero se vê obrigado a chamar uma nuvem em seu auxílio.

E Dom Cláudio via tudo. A porta era feita de pequenas tábuas, estreitas mal unidas e todas podres, que deixavam entra si largas passagens para o seu olhar de ave de rapina. Aquele padre, de pele tostada e de largos ombros, até então condenado à austera virgindade do claustro, estremecia e abrasava-se desta cena de amor, de noite e de volúpia. Aquela mulher jovem e bela entregue em desordem àquele moço ardente fazia-lhe correr chumbo derretido nas veias. Passavam-se nele movimentos extraordinários; os olhos mergulhavam-se-lhe com lascivo ciúme por debaixo de todos aqueles alfinetes que iam caindo. Quem pudesse ver naquele momento o rosto do desgraçado colado àquelas tábuas carunchosas, julgada ver um semblante de tigre fitando do fundo de uma jaula um chacal devorando uma gazela. A sua pupila brilhava como uma vela através das frestas da porta.

De repente, Febo, tirou com um gesto rápido o peitilho da cigana. A pobre rapariga que permanecia pálida e pensativa, despertou como em sobressalto; afastou-se bruscamente do atrevido oficial e lançando um olhar para o colo e para os seus ombros nus, corada e confusa, e muda de vergonha, cruzou os belos braços sobre o seio para o esconder. Sem a chama que lhe abrasava as faces, ao vê-la assim silenciosa e imóvel, dir-se-ia uma estátua do Pudor. Os olhos colavam-se-lhe ao chão.

No entanto Febo com o seu gesto pusera a descoberto o amuleto misterioso que a cigana trazia ao pescoço.

— Que é isto? — disse ele agarrando pretexto para se abeirar da bela

criatura que acabava de espantar.

— Não lhe toqueis! — respondeu a cigana vivamente. — É a minha guarda. É ela que me há de fazer encontrar a minha família se me conservar digna disso. Oh, deixai-me, senhor capitão! Minha mãe! Minha pobre mãe! Minha mãe! Onde estas tu? Acode-me! Perdão, senhor Febo! Dai-me o meu peitilho.

Febo recuou e disse em tom frio:

— Oh, bem vejo que me não amais!

— Não amo! — bradou a pobre e infeliz rapariga, e ao mesmo tempo pendurou-se ao pescoço do capitão que fez sentar junto dela. — Não te amo, meu Febo? Que estas aí a dizer, mau, para me despedaçares o coração? Oh! Toma-me, toma tudo! Faz o que quiseres de mim, sou tua! Que me importa o amuleto, que me importa minha mãe! És tu que és minha mãe! Pois que te amo! Febo, meu querido Febo, vê-me! Sou eu, olha para mim; é a rapariga que tu te dignas não repelir, que vem, ela própria, procurar-te. A minha alma, a minha vida, o meu corpo, a minha pessoa, tudo isso é uma coisa que vos pertence, meu capitão. Pois bem! Não, não nos casaremos. Isso aborrece-te, e depois, quem sou eu? Uma miserável filha das tristes ervas; enquanto tu, meu Febo, tu és fidalgo. Era bonito, em verdade, uma bailarina desposar um oficial! Estava louca. Não, Febo, não; serei a tua amante, a tua distração, o teu prazer, quando tu quiseres, uma mulher que é tua. Não fui feita senão para isto, maculada, desprezada, desonrada, mas que importa? Amada, serei a mais orgulhosa e a mais feliz das mulheres. E quando eu for velha ou feia, Febo, quando já não prestar para vos amar, monsenhor, consentir-me-eis ainda que vos sirva. Outras bordar-vos-ão as charpas, eu serei a serva que delas trate. Deixar-me-eis lustrar-vos as esporas, escovar-vos a farda, limpar-vos as botas de montar. Não é verdade, meu Febo, que me fareis essa esmola? Enquanto isso não chega, toma-me! Aqui me tens, Febo, tudo isto te pertence, ama-me unicamente! Nós outras, ciganas, basta-nos apenas isto, ar e amor.

E falando assim, lançava os braços ao pescoço do oficial, mirava-o de alto a baixo, suplicante e com um belo sorriso todo de lágrimas. O seu colo delicado roçava-se pelo gibão e pelos grosseiros bordados da farda do oficial. Torcia sobre os joelhos dele o seu belo corpo meio nu. O capitão inebriado colou os lábios ardentes naquelas famosas espáduas africanas. A cigana com os olhos fitos no teto, descaída para trás, estremecia toda palpitante ao contacto daquele beijo.

De repente, por cima da cabeça de Febo viu uma outra cabeça; um rosto lívido, verde, convulso, com um olhar de condenado; perto desse rosto havia uma

mão que segurava um punhal. Era o rosto e a mão do padre; despedaçara a porta e estava ali. Febo não o podia ver. A cigana ficou imóvel, gelada, muda com aquela espantosa aparição, como uma pomba que levantasse a cabeça no momento em que um xofrango de olhos redondos lhe examina o ninho.

Nem pôde sequer dar um grito. Viu o punhal abaixar-se sobre Febo e levantar-se fumegante.

— Maldição! — disse o capitão, e caiu.

Ela desmaiou.

No momento em que os seus olhos se fechavam, em que todo o sentimento lhe fugia, julgou sentir nos seus lábios um contacto de fogo que imprimiu neles um beijo mais ardente do que o ferro em brasa do carrasco.

Quando recuperou os sentidos, estava cercada de soldados da ronda, levavam o capitão banhado no seu sangue; o padre desaparecera. A janela do fundo do quarto que dava para o rio estava aberta de par em par. Apanhavam uma capa que supunham pertencer ao oficial e ela ouvia dizer em derredor:

— É uma feiticeira que apunhalou um oficial.

Livro oitavo

I.

O escudo transformado em folha seca

Gringoire e todo o Pátio dos Milagres estavam numa inquietação moral. Havia já mais de um mês que não se sabia o que tinha sido feito da Esmeralda, o que muito contristava o duque do Egito e os vagabundos, seus amigos, nem o que tinha sido feito da cabra, o que duplicara a dor de Gringoire. Uma noite a cigana tinha desaparecido, e desde então não dera mais sinal de vida. Todas as pesquisas foram inúteis. Alguns vadios disseram a Gringoire tê-la encontrado nessa noite nas proximidades da ponte de S. Miguel, de companhia com um oficial.

O facto é que não podia explicar essa desapareição. Era profundo o seu pesar. Teria emagrecido se isso fosse possível.

Um dia que passava tristemente por diante da *Tournelle* criminal, notou alguma gente a uma das portas do Palácio da Justiça.

— Que é isto? — perguntou a um rapaz que ia a sair.

— Não sei, senhor — respondeu ele. — Dizem que se vai julgar uma mulher que assassinou um gendarme.

O estudante seguiu o seu caminho e Gringoire pôs-se a seguir a multidão que subia a escada da grande câmara. Para ele não havia nada melhor do que o espetáculo de um processo criminal para dissipar a melancolia, tanto os juizes são de ordinário de uma toleima que alegre. O povo com quem se tinha misturado caminhava e acotovelava-se em silêncio. Depois de um lento, insípido e arrastado passeio por um longo corredor sombrio que serpeava pelo palácio como o canal intestinal do velho edificio, chegou junto de uma porta baixa que dava acesso para uma sala que a sua alta estatura lhe permitiu explorar com a vista por cima das cabeças ondeantes da turba.

A sala era vasta e sombria o que a fazia parecer mais sombria ainda. Caía a tarde; as esguias janelas ogivais apenas deixavam penetrar uma pálida luz que se extinguiu antes de chegar à abóbada, enorme rede de madeiramentos esculpidos, cujas mil figuras pareciam mexer-se confusamente na sombra. Havia já algumas luzes aqui e ali por sobre as mesas alumando as cabeças dos escrivães quase escondidas em montes de papéis. A parte anterior da sala estava ocupada pelo povo; à direita e à esquerda havia homens de toga e mesas! Ao fundo, sobre um estrado, grande porção de juizes, cujas últimas bancadas se perdiam nas trevas; rostos imóveis e sinistros. As paredes estavam semeadas de inúmeras

flores de lis. Distinguiu-se vagamente um grande Cristo por cima dos juizes, e por toda a parte lanças e alabardas em cujas extremidades a luz das velas punha pontas de fogo.

— Olhai lá, senhor — perguntou Gringoire a um dos seus vizinhos. — O que faz ali toda aquela gente?

— Estão a julgar.

— A julgar a quem? Não vejo o acusado.

— É uma mulher. Não a podeis ver. Está de costas voltadas para nós e escondida pelo povo.

— Quem é essa mulher? — perguntou Gringoire. — Sabeis o seu nome?

— Não, senhor, acabo de chegar agora. Presumo unicamente que se trata de feitiçaria, porque o provisorado assiste ao julgamento.

— Vamos lá — disse o nosso filósofo. — Vamos lá ver toda essa gente de toga comer carne humana. É um espetáculo como qualquer outro.

— Oh, senhor — observou o vizinho. — Não achais que mestre Jacques Charmolue tem o ar muito meigo?

— Hum! — respondeu Gringoire. — Desconfio da meiguice de quem tem as ventas apertadas e os beiços delgados.

Neste momento os vizinhos impuseram silêncio aos dois faladores. Estavam a ouvir um depoimento importante.

— *Monsenhores* — dizia no meio da sala uma velha cujo rosto desaparecia de tal modo sob o seu vestuário, que se diria um montão de andrajos a caminhar — *monsenhores*, a coisa é tão verdade, como é verdade ser eu a Falourdel, estabelecida há quarenta anos na ponte de São Miguel, e pagando com toda a pontualidade, rendas, laudémios e foros, na porta fronteira à casa de Tassin-Caillari, o tintureiro, que mora de lado contra o rio. Presentemente uma pobre velha, em tempo uma linda rapariga, *monsenhores!* Havia já alguns dias que me diziam: — Falourdel, não fieis muito na vossa roca à noite; o diabo gosta de pentear com os cornos as estrigas das velhas. É certo que a alma do outro mundo que o ano passado andava para o lado do templo, vagueia agora pela *Cité*. Tomai cuidado, Falourdel, que não vos vá ela bater à porta. — Uma noite fiava eu na minha roca; bateram-me à porta. Pergunto quem é. Praguejam. Vou abrir:

entram dois homens. Um, de preto, com um belo oficial. Do de preto só se viam os olhos, duas brasas. Todo o resto era chapéu e capa. Dizem-me: — O quarto de Santa Marta. — É o meu quarto de cima, *monsenhores*, o mais asseado que tenho. Dão-me um escudo. Fecho o escudo na minha gaveta e digo comigo: — É para comprar tripas amanhã no açougue da Lorette. Subimos, e chegados ao quarto de cima, enquanto eu voltara as costas o homem de preto desaparecia. Isso espantou-me um bocado. O oficial que era belo como um fidalgo, desce comigo. Sai. Teria tempo de fiar um quarto de estriça, entra ele com uma bela rapariga, linda como o Sol. Trazia consigo um bode, um grande bode, preto ou branco, já não sei bem. Isso deu-me que cismar. A rapariga, com ela nada tinha, mas o bode! Não gosto destes animais de barbas e cornos. Parecem-se com um homem. Além disso, cheirou-me a bruxedo. Contudo não disse nada. Tinha o escudo. É susto, não é verdade, senhor juiz? Faço subir a rapariga e o capitão para o quarto de cima e deixo-os sós, isto é, com o bode. Desço e ponho-me a fiar. Devo dizer-vos que a minha casa tem um rés do chão e um primeiro andar; as traseiras dão para o rio, como as outras casas da ponte, e as janelas do rés do chão e do primeiro andar abrem sobre a água. Tratava pois de continuar a fiar. Não sei porque pensava nas almas do outro mundo, ideia que o bode me fizera vir à cabeça, e também na bonita rapariga, um tanto esquisitamente ataviada. De repente ouço um grito em cima, cair alguma coisa ao chão e abrir-se a janela. Corro à minha que fica por debaixo e vejo passar por diante dos olhos uma massa negra que cai à água. Era um fantasma vestido de padre. Fazia luar. Vi-o muito bem. Nadava para o lado da *Cité*. Então, toda a tremer, chamo a ronda. Os senhores da dozena entram, e até no primeiro momento, não sabendo do que se tratava, como estavam contentes, espancaram-me. Expliquei-lhes o que havia. Subimos e que havemos de achar? O meu pobre quarto todo cheio de sangue, o capitão estendido a todo o comprimento com um punhal no pescoço, a rapariga desmaiada e o bode espantado. — Bom, disse eu, tenho para mais de quinze dias para lavar o soalho. É preciso raspar e isso é terrível. — Levaram o oficial, pobre rapaz, e a rapariga toda descomposta. Esperai pelo pior; no dia seguinte, quando fui buscar o escudo para comprar as tripas, achei em seu lugar uma folha seca.

A velha calou-se. Um murmúrio de horror circulou pelo auditório.

— O fantasma e o bode, tudo isso cheira a magia — disse um vizinho de Gringoire.

— E aquela folha seca — acrescentou um outro.

— Não há dúvida — atalhou um terceiro — que é uma feiticeira que tem comércio com as almas do outro mundo para roubar os oficiais.

O próprio Gringoire não estava muito longe de achar tudo aquilo medonho e verosímil.

— Mulher Falourdel — disse com majestade o senhor presidente — não tendes mais nada a dizer à justiça?

— Não, *monsieur* — respondeu a velha — a não ser que no sumário chamaram à minha casa pardieiro torto e infecto, o que é manifestamente faltar à verdade. As casas da ponte, não tem grande aparência, porque nelas há abundância de gente, mas no entanto os magarefes não deixam de lá morar e são pessoas ricas e casados com bonitas mulheres muito limpas.

Um magistrado que parecia um crocodilo levantou-se.

— Silêncio! — disse ele. — Rogo-vos senhores, não percais de vista que se achou o punhal sobre a acusada. Mulher Falourdel, trouxestes a folha em que se transformou o escudo que o demónio vos deu?

— Trouxe, *monsieur* — respondeu ela — tenho-a aqui. Um meirinho levou a folha seca ao crocodilo; este fez um lúgubre meneio com a cabeça, passou-a ao presidente, que a mandou entregar ao procurador do rei no foro da igreja, de modo que passou pela mão de todos.

— É uma folha de bétula — disse mestre Jacques Charmolue. — Nova prova de magia.

Um conselheiro tomou a palavra:

— Testemunha, dois homens entraram ao mesmo tempo em vossa casa. O homem de preto que viste primeiro desaparecer, depois nadar no Sena, vestido de padre e o oficial. Qual dos dois vos deu o escudo?

A velha refletiu um momento e disse:

— Foi o oficial.

Um rumor percorreu a multidão.

— Ah! — pensou Gringoire — Eis o que faz hesitar a minha convicção.

No entanto mestre Filipe Lheulier, o advogado extraordinário do rei, interveio de novo.

— Lembro-vos, senhores, que no depoimento escrito à sua cabeceira, o

oficial assassinado, declarando que tinha tido vagamente a ideia na ocasião em que o homem de preto se lhe tinha dirigido, de que ele poderia muito bem ser uma alma do outro mundo, acrescentava que o fantasma o tinha vivamente instigado a procurar a acusada, e, sobre a observação dele capitão, que estava sem dinheiro, lhe tinha dado o escudo com que o dito oficial pagara a Falourdel. Por consequência, o escudo era uma moeda do inferno.

Esta concludente observação pareceu dissipar todos as dúvidas de Gringoire e dos outros céticos do auditório.

— Tendes, senhores, os autos — acrescentou o advogado do rei sentando-se — podeis consultar a declaração de Febo de Châteaupers.

A este nome a acusada levantou-se. Viu-se-lhe a cabeça por cima da turba. Gringoire espantado reconheceu Esmeralda.

Estava pálida; os cabelos, outrora tão graciosamente divididos em tranças e palhetados de sequins, caíam em desordem; tinha os lábios azuis e os olhos cavados metiam horror.

— Febo! — disse ela como desvairada — Onde estás? Oh! *Monsenhores!* Antes de me matardes, por piedade, dizei-me se ele vive ainda.

— Caiai-vos, mulher — respondeu o presidente. — Não se trata agora disso.

— Oh! Por compaixão, dizei-me se está vivo! — continuou ela pondo as suas mãos emagrecidas; e ouviam-se as cadeias tilintar ao longo dos seus vestidos.

— Pois bem! — disse secamente o advogado de rei — Morreu. Estais contente?

A desgraçada caiu sobre o escabelo, sem voz, sem lágrimas, branca como uma figura de cera.

O presidente baixou-se para um homem colocado a seus pés, que tinha um barrete dourado e uma toga preta, uma cadeia ao pescoço e uma vara na mão.

— Oficial, introduzi a segunda acusada.

Todos os olhos se voltaram para uma portinha que se abriu e, com grande emoção para Gringoire, deu passagem a uma linda cabra com as pontas e os pés dourados. O elegante animal parou um momento no limiar, como se, posta na crista de um rochedo, tivesse à vista um imenso horizonte. De repente avistou a

cigana, e saltando por cima da mesa e da cabeça de um escrivão, em dois saltos foi cair-lhe aos joelhos; depois roçou-se graciosamente pelos pés da sua dona, solicitando uma palavra ou uma carícia; mas a acusada ficou imóvel, e a pobre Djali nem sequer teve um olhar.

— Mas é o meu feio bicho — disse a velha Falourdel. — Reconheço-as agora perfeitamente a ambas!

Jacques Charmolue interveio:

— Se vos aprez, senhores, procederemos ao interrogatório da cabra.

Era com efeito a segunda acusada. Nada mais simples neste tempo do que um processo de feitiçaria instaurado contra um animal. Encontra-se, entre outras, nas contas do prebostado para 1466, uma curiosa nota dos gastos do processo de Gillet-Soulart e da sua porca, *executados pelos seus malefícios*, em Corbeil. Tudo lá está, o custo da pocilga para meter o animal, os quinhentos feixes de urzes trazidos do porto de Morsante, as três pintas de vinho e o pão, último repasto do paciente fraternalmente dividido com o carrasco, até aos onze dias de guarda e de alimento da porca a oito dinheiros *parisis*. Algumas vezes iam mais longe que os animais. Os capitulares de Carlos Magno e de Luís o Indulgente infligem graves penas aos fantasmas inflamados que se permitiam aparecer no ar.

O procurador no foro da igreja exclamara:

— Se o demónio que possui esta cabra e que resistiu a todos os exorcismos persiste nos seus malefícios, se faz espantar o tribunal com eles, prevenimo-lo de que nos veremos forçados a requerer contra ele a forca ou a fogueira.

Gringoire teve um suor frio. Charmolue pegou de sobre uma mesa o pandeiro da cigana, e apresentando-o de certa maneira à cabra, perguntou-lhe:

— Que horas são?

A cabra fitou-o com os olhos inteligentes, levantou a pata dourada e bateu sete pancadas. Eram efetivamente sete horas. Um movimento de terror percorreu a multidão.

Gringoire não se pôde conter.

— Ela perde-se! — gritou em voz alta — Bem vedes que não sabe o que faz.

— Silêncio, canalha lá de baixo! — disse de mau modo o oficial.

Jacques Charmolue, com a ajuda das mesmas manobras do tamboril, obrigou a cabra a fazer outras momices sobre a data do dia, o mês do ano, etc., de que o leitor já foi testemunha. E por uma ilusão de ótica própria dos debates judiciais, aqueles mesmos espetadores que talvez tinham por mais de uma vez aplaudido nas ruas as inocentes malícias de Djali, horrorizaram-se com elas sobre as abóbadas do Palácio da Justiça. A cabra era decididamente o diabo.

O pior foi ainda quando o procurador do rei, tendo esvaziado sobre o pavimento um certo saco de couro cheio de letras móveis, que Djali trazia ao pescoço, se viu a cabra extrair com a pata, do alfabeto espalhado, o nome fatal: *Febo*. Os sortilégios de que o capitão fora vítima pareceram irresistivelmente demonstrados, e aos olhos de todos, a cigana, a deslumbrante bailarina, que tantas vezes maravilhara os transeuntes com a sua graça, ficou apenas uma terrível feiticeira.

Ela não dava sinal algum de vida; nem as graciosas evoluções de Djali, nem as ameaças do tribunal, nem as surdas imprecações do auditório, nada lhe chegava ao pensamento.

Foi preciso para despertar, que um aguazil a sacudisse sem piedade e que o presidente elevasse solenemente a voz:

— Rapariga, sois de raça cigana, dada aos malefícios. Tendes, de cumplicidade com a cabra, enfeitçada, implicada no processo na noite de 29 de março último, assassinado e apunhalado, de concerto com os poderes das trevas, com ajuda dos feitiços e práticas, um capitão de arceiros das ordenanças do rei, Febo de Châteaupers. Insistis em negá-lo?

— Horror! — bradou a desventurada escondendo o rosto com as mãos. — O meu Febo! Oh! É o inferno!

— Insistis em negar? — perguntou friamente o presidente.

— Sim, nego! — disse ela com um tom terrível.

Tinha-se levantado. Os olhos cintilavam lhe.

O presidente continuou imperturbável:

— Então como explicais os factos que vos são imputados?

Ela respondeu com voz entrecortada;

— Já o disse. Não sei. Foi um padre, um padre que não conheço; um padre

infernai, que me persegue!

— É isso — confirmou o juiz. — A alma penada.

— Oh *monsenhores*! Tende piedade! Não sou mais do que uma pobre rapariga...

— Do Egipto — interrompeu o juiz.

Mestre Jacques Charmolue tomou a palavra com doçura:

— Visto a dolorosa teimosia da acusada, requero a aplicação da tortura.

— Deferido — disse o presidente.

A desventurada estremeceu por todo o corpo. Contudo levantou-se à ordem dos partazaneiros e caminhou com passo bastante firme, precedida de Charmolue e dos padres do oficialato, entre duas filas de alabardas, para uma porta travessa que se abriu subitamente e se fechou sobre ela, o que fez no triste Gringoire o efeito duma fauce horrível que acabasse de a devorar.

Quando ela desapareceu, ouviu-se um balido lastimoso. Era a cabrinha que chorava.

Suspendeu-se a audiência. Um conselheiro, tendo feito observar que todos aqueles senhores estavam fatigados e que seria muito penoso esperar até ao fim da tortura, o presidente respondeu que um magistrado deve saber sacrificar-se ao seu dever.

— Desavergonhada do inferno — disse um velho juiz — fazer-se aplicar a tortura quando ainda se não ceou!

II.

Continuação do escudo transformado em folha seca

Depois de alguns degraus subidos e descidos em corredores tão escuros que se iluminavam com lâmpadas em pleno dia, a Esmeralda, sempre rodeada pelo seu lúgubre cortejo, foi empurrada pelos aguazis para uma câmara sinistra. Esta câmara, de forma redonda, ocupava o rés do chão de uma dessas grossas torres que sobrepujam ainda no nosso século, a camada de edifícios modernos com que a nova Paris cobriu a antiga. Nesse subterrâneo não havia janelas, nem outra abertura além da entrada baixa e guarnecida com uma enorme porta de ferro. Não faltava porém nele a claridade; havia um forno aberto na espessura da parede; nele ardia um grande fogo que enchia o subterrâneo com as suas reverberações vermelhas e tirava toda a luz a uma miserável candeia posta num canto. A grade de ferro que servia para fechar o forno levantada naquele momento, só deixava ver no orifício do respiradouro chamejando sobre a parede em trevas, a extremidade inferior das suas barras, como uma fileira de dentes negros, aguçados, espaçados, o que parecia assemelhar a fornalha a umas dessas bocas de dragões que lançam chamas nas lendas. À luz que dela saía, a prisioneira viu, à volta daquela estância, instrumentos horríveis cujo uso ela não compreendia. No meio havia um leito de couro quase pousado no chão, sobre o qual pendia uma correia com fivela, que ia prender-se a um anel de cobre mordido por um monstro esborrachado, esculpido na chave da abóbada. Tenazes, pinças, largos ferros de charruas enchiam o interior do forno e avermelhavam-se de mistura sobre o brasido. O clarão ensanguentado da fornalha não iluminava em toda aquela estância senão um amontoado de coisas horríveis.

Aquele Tártaro chamava-se simplesmente a *sala da tortura*.

Sobre o leito estava indolentemente assentado Pedro Torterue, o verdugo-jurado. Os seus ajudantes, dois gnomos de rosto quadrado, com aventais de couro, compunham os ferros sobre o carvão em brasa.

A pobre rapariga debalde chamara a si toda a sua coragem; ao entrar naquela sala, teve horror.

Os aguazis do bailiado de Paris colocaram-se de um lado, os padres do oficialato do outro. Um escrivão, um tinteiro e uma mesa estavam a um canto.

Mestre Jacques Charmolue abeirou-se da cigana com um sorriso muito meigo.

— Minha querida filha — disse ele — persistis ainda em negar?

— Persisto — respondeu ela com uma voz já extinta.

— Nesse caso — replicou Charmolue — será para nós bem doloroso interrogar-vos com mais instância do que desejaríamos. Dai-vos ao incômodo de vos sentardes sobre este leito. Mestre Pierrat, dai lugar a esta menina e fechai a porta.

Pierrat levantou-se com um grunhido.

— Se fecho a porta — murmurou ele — o fogo apaga-se-me.

— Está bem, meu amigo — replicou-lhe Charmolue — deixai-a aberta.

A Esmeralda permanecia de pé. Aquele leito de couro onde tantos miseráveis se tinham estorcido, espantava-a. O terror gelava-lhe a medula dos ossos; estava ali, desvairada e estúpida. A um sinal de Charmolue, os dois ajudantes pegaram nela e puseram-na sentada sobre o leito. Não lhe fizeram mal algum, mas quando aqueles homens a tocaram, quando sentiu o contacto do couro, todo o sangue lhe refluíu ao coração. Olhou desvairada à roda da sala. Pareceu-lhe ver mover-se e caminhar de todos os lados para ela, trepar-lhe pelo corpo, mordê-la e apertá-la, todos aqueles disformes instrumentos de tortura, que eram, entre os utensílios de toda a espécie que ela até então tinha visto, o que são os morcegos, as centopeias e as aranhas, entre os insetos e as aves.

— Onde está o médico? — perguntou Charmolue.

— Estou aqui — respondeu uma toga negra que ela não tinha ainda visto.

A desventurada estremeceu...

— Menina — continuou a voz caridosa do procurador no foro da igreja — pela terceira vez, persistis em negar os factos de que sois acusada?

Desta vez só pôde fazer um sinal de cabeça. Falou-lhe a voz.

— Persistis? — perguntou Jacques Charmolue — Então bem contra meu pesar, tenho de cumprir o dever do meu cargo.

— Senhor procurador do rei — disse bruscamente Pierrat — por onde começaremos?

Charmolue hesitou um momento com a cara ambígua de um poeta a

procurar uma rima.

— Pelo borzeguim — disse afinal.

A infeliz sentiu-se tão profundamente abandonada de Deus e dos homens que a cabeça descaiu-lhe sobre o peito como uma coisa inerte que não tem força em si.

O verdugo e o médico abeiraram-se dela ao mesmo tempo, ao passo que os dois ajudantes se puseram a mexer no seu hediondo arsenal.

Ao ruído daquela medonha ferragem, a pobre criança estremeceu como uma rã morta galvanizada.

— Oh! — murmurou, tão baixo que ninguém a ouviu — Oh meu Febo! — Depois recaiu na sua imobilidade e no seu silêncio de mármore. Este espetáculo torturaria qualquer coração que não fosse coração de juiz. Dir-se-ia uma pobre alma pecadora torturada por Satanás no pórtico escarlate do Inferno. O miserável corpo a que se ia aplicar aquela medonha porção de serras, de rodas e de cavaletes, o ente sobre quem se iam pousar aquelas ásperas mãos de verdugos, aquelas tenazes, era então aquela doce, branca e frágil criatura, pobre grão de milho que a justiça humana dava a moer às espantosas mós da tortura.

As mãos calosas dos ajudantes de Pierrat Torterue tinham brutalmente posto a nu a encantadora perna, o pequeno que tantas vezes maravilhara os transeuntes pela sua gentileza, pela sua graça nas ruas de Paris.

— É pena! — rosnou o verdugo considerando aquelas formas tão delicadas.

A desgraçada viu, por entre uma nuvem que se lhe espalhava pelos olhos, trazerem o borzeguim; viu o pé encaixado entre as tábuas ferradas desaparecer no horrível aparelho. Então o terror deu-lhe força.

— Tirei-me isso! — bradou com desespero; e, endireitando-se toda desgrehada — Perdão.

E precipitou-se para fora do leito para se lançar aos pés do procurador do rei, mas a perna estava presa no medonho instrumento e a desventurada vergou-se sobre o borzeguim, mais quebrada que uma abelha que tivesse chumbo sobre uma asa.

A um sinal de Charmolue, colocaram-na de novo sobre o leito e duas grossas mãos passaram-lhe pela delicada cintura a correia que pendia da

abóbada.

— Pela última vez, confessais os delitos do processo?

— perguntou Charmolue com sua imperturbável benignidade.

— Estou inocente!

— Então como explicais as circunstâncias que vos condenam?

— Infelizmente, monsenhor! Não sei.

— Negais então?

— Tudo!

— Continuai — disse Charmolue a Pierrat.

Pierrat deu volta ao torniquete, o borzeguim apertou-se e a desventurada deu um desses horríveis gritos que não tem ortografia em língua alguma humana.

— Paraí — ordenou Charmolue a Pierrat. — Confessais? — perguntou ele à cigana.

— Tudo! — gritou a desventurada. — Confesso! Confesso! Perdão!

Não calculara as suas forças defrontando a tortura. Pobre criança para quem a vida fora até então tão alegre, tão suave, tão doce, vencera-a a primeira dor!

— A humanidade obriga-me a dizer-vos — observou o procurador do rei — que confessando, é a morte que deveis esperar.

— Bem o sei! — disse ela. E deixou-se cair sobre o leito de couro semimorta, dobrada em duas, deixando-se pender da correia afivelada sobre o peito.

— Olá, minha bela, sustentai-vos um pouco — disse mestre Pierrat levantando-a. — Fazeis lembrar o carneiro de ouro que o senhor de Borgonha traz pendurado ao pescoço.

Jacques Charmolue ergueu a voz.

— Escrivão, escrevei. — Filha da Boémia, confessais a vossa participação nos ágapes, *sabbats*, e malefícios do Inferno, com as larvas, com as bruxas e

com as estriges? Respondei.

— Confesso — disse esta tão baixo que a palavra se lhe perdeu com o hálito.

— Confessais ter visto o carneiro que Belzebu faz aparecer nas nuvens para congregar o *sabbat* e que só os feiticeiros veem?

— Confesso.

— Confessais ter adorado as cabeças de Bafomet, os abomináveis ídolos dos templários?

— Confesso.

— Ter tido comércio habitual com o diabo sob a forma de uma cabra familiar, junta ao processo?

— Confesso.

— Finalmente, confessais e ratificais ter, com a ajuda do demónio e do fantasma vulgarmente chamado *alma penada*, na noite de 29 de março último, espancado e assassinado um capitão chamado Febo de Châteaupers?

Ela alçou sobre o magistrado os seus grandes olhos pasmados, e respondeu como maquinalmente, sem convulsão e sem abalo:

— Confesso.

Era evidente que tudo se tinha despedaçado nela.

— Escrivão, escrevei — disse Charmolue, e dirigindo-se aos verdugos:

— Desprendam a prisioneira e reconduzam-na à audiência. Quando *descaçaram* a prisioneira, o procurador no foro da igreja examinou-lhe o pé ainda entorpecido pela dor.

— Vamos lá! — disse ele, não tem grande mal. — Gritaste a tempo. Ainda podereis dançar, minha beldade!

Depois voltou-se para os seus acólitos do oficialato:

— Ora temos afinal a justiça elucidada! Isto alivia, senhores. Esta menina deve testemunhar que nós procedemos com toda a doçura possível.

III.

Fim do escudo transformado em folha seca

Quando ela entrou, pálida e coxeando, na sala da audiência, acolheu-a um murmúrio geral de prazer. Da parte do auditório, era o sentimento de impaciência satisfeita que se sente no teatro, quando termina o último entreato da comédia, quando o pano sobe e que vai começar o fim. Da parte dos juizes era a esperança de em breve cearem. A cabrinha também balou de alegria. Quis correr para a dona mas tinham-na prendido ao banco.

A noite caíra completamente. As luzes, cujo número não fora aumentado, projetavam tão pouca claridade que se não viam as paredes da sala. As trevas envolviam todos os objetos numa espécie de bruma. Mal delas ressaltavam alguns rostos apáticos de juizes. Defronte deles, na extremidade da comprida sala, podia-se ver um ponto de uma brancura vaga destacar-se sobre o fundo sombrio. Era a acusada.

Arrastara-se para o seu lugar, enquanto Charmolue se instalava magistralmente no seu, se assentava, se levantava, e dizia, sem deixar transparecer demasiada vaidade pelo seu êxito:

— A acusada confessou tudo.

— Filha da Boémia — perguntou o presidente — confessastes todos os vossos delitos de magia, de prostituição e assassínio sobre Febo de Châteaupers?

Comprimiu-se-lhe o coração. Ouviu-se soluçar na sombra.

— Tudo o que quiserdes — respondeu ela com vos fraca — mas matai-me depressa.

— Senhor procurador do rei no foro da igreja — disse o presidente — a câmara está pronta a ouvir-vos nas vossas petições.

Mestre Charmolue, exibiu um medonho caderno e pôs-se a ler com grande cópia de gestos e com a acentuação exagerada da advocacia, uma oração em latim, onde todas as provas do processo se firmavam em perífrases ciceronianas, flanqueadas de citações de Plauto, seu cómico favorito. Sentimos não poder oferecer aos nossos leitores aquele trecho notável. O orador declamava-o com uma veemência maravilhosa. Ainda não tinha acabado o exórdio e já o suor lhe saía da testa e os olhos da cara.

De repente, em pleno meio período. Interrompeu-se, e o seu olhar, de ordinário bastante meigo e mesmo bastante idiota, tornou-se terrível.

— Senhores — bradou (desta vez em francês, porque isso não estava no caderno) — Satanás de tal modo se intromete neste negócio que está assistindo aos nossos debates e mofa da sua majestade. Vede!

E falando assim, designou com a mão a cabrinha, que ao ver gesticular Charmolue, julgara efetivamente que vinha a propósito o fazer outro tanto, e sentara-se sobre as patas de trás, reproduzindo o melhor que podia, com as suas patas dianteiras e a sua cabeça barbuda, a pantomima patética do procurador do rei no foro da Igreja. Era, se lembram, uma das suas mais gentis habilidades. Este incidente, esta última *prova*, fez grande efeito. Amarraram as patas à cabra e o procurador do rei retomou o fio da sua eloquência.

Foi muito longo, mas a peroração admirável.

Pôs o barrete e sentou-se.

Um outro homem de toga preta levantou-se perto da acusada; era o seu advogado. Os juizes em jejum começaram a murmurar.

— Advogado, sede breve — disse o presidente.

— Senhor presidente — respondeu o advogado — visto que a minha constituinte confessou o crime, tenho apenas uma palavra a dizer a estes senhores. É este texto da lei sálica: « Se uma estrige comer um homem e que isso se prove, pagará uma multa de oito mil dinheiros, que fazem duzentos soldos de ouro.» Sirva-se o tribunal condenar a minha cliente na multa.

— Texto anulado — disse o advogado do rei extraordinário.

— *Nego* — replicou o advogado.

— À votação! — disse um conselheiro — O crime está patente e é tarde.

Procedeu-se à votação sem saírem da sala. Os juizes *optaram pelo barrete*; tinham pressa. Viam-se-lhes as cabeças descobrirem-se umas após outras na sombra, à pergunta lúgubre que lhes fazia muito baixo o presidente.

A pobre acusada parecia olhar para eles mas os seus olhos toldados já não viam.

Depois o escrivão pôs-se a escrever; depois passou ao presidente um longo

pergaminho.

Então a pobre cigana ouviu o povo mexer-se, as lanças entrechocarem-se e uma voz glacial que dizia:

— Rapariga cigana, no dia que aprouver ao rei nosso senhor, à hora do meio-dia, sereis conduzida numa carroça, em camisa, pés descalços, com a corda ao pescoço, diante da grande portaria de Nosso Senhora onde pedireis publicamente perdão, com uma tocha de cera do peso de duas libras na mão e daí sereis levada para a praça de Greve, onde sereis enforcada e estrangulada; e a vossa cabra igualmente; e pagareis ao oficial três leões de ouro, em reparação dos crimes, por vós cometidos e por vós confessados, de feitiçaria, de magia, de luxúria e de assassinio sobre a pessoa do senhor Febo de Châteaupers. Deus tenha a vossa alma!

— Oh! É um sonho! — murmurou ela; e sentia o contacto de pesadas mãos que a levavam.

IV. Lasciate ogni speranza

Na Idade Média, quando um edifício estava completo, havia tanto na terra como fora. A menos que fossem edificados sobre estacaria, como Nossa Senhora, um palácio, uma fortaleza, uma igreja tinham sempre um duplo fundo. Nas catedrais, era de algum modo uma outra catedral subterrânea, baixa, obscura, misteriosa, cega e muda, por baixo da nave superior que regurgitava de luz e se enchia de som de órgãos e de sinos de dia e de noite: algumas vezes era um sepulcro. Nos palácios, nas bastilhas, era uma prisão, algumas vezes também um sepulcro, outra as duas coisas juntas. Essas poderosas edificações, de que já explicámos em outra parte o modo de formação e de *vegetação*, não tinham só alicerces, mas por assim dizer, raízes que se iam ramificando no solo em salas, em galerias, em escadas, como a construção de cima. Assim, igrejas, palácios, bastilhas, tinham terra até meio corpo. Os subterrâneos de um edifício eram um outro edifício para onde se descia em vez de se subir e que unia os seus andares inferiores por debaixo da rima de andares do monumento, como as florestas e as montanhas que se refletem voltadas na água espelhada de um lago por debaixo das florestas e das montanhas da margem.

Na bastilha de Santo António, no Palácio da Justiça de Paris, no Louvre, esses edifícios subterrâneos eram prisões; profundando-se pelo solo, iam-se estreitando e escurecendo. Eram outras tantas zonas onde se escalonavam os cambiantes do inferno. Dante não acharia nada melhor para o seu inferno. Aqueles funis de masmorras terminavam ordinariamente com uma enxovia em forma de cuba onde o Dante meteu Satanás, onde a sociedade metia o condenado à morte. Uma vez enterrada ali uma miserável existência, adeus dia, ar, vida, *ogni speranza*; só saía para a forca ou para a fogueira. Algumas vezes lá apodrecia; a justiça humana chamava a isto *esquecer*. Entre os homens e ele, o condenado sentia pesar sobre a sua cabeça um montão de pedras e de carcereiros; e toda a prisão, a maciça bastilha não era mais que uma fechadura complicada que o fechava fora do mundo vivo.

Foi numa cuba desse género, nos *segredos* cavados por São Luís, no *in pace* da Tournelle, que tinham, com medo de fuga decerto, metido a Esmeralda condenada à forca com o colossal palácio da Justiça por cima. Pobre mosca que nem sequer poderia mover a mais pequena das pedras!

A providência e a sociedade tinham sido igualmente ingratas; um tal luxo de desgraça e de tortura não era necessário para aniquilar uma tão frágil criatura.

Ela estava ali, perdida nas trevas, sepultada, escondida, emparedada. Quem a pudesse ver naquele estado, depois de a ter visto a rir e dançar ao sol, tremeria. Fria como a noite, fria como a morte, sem um sopro de ar nos cabelos, sem ruído humano nos ouvidos, sem um fulgor do dia nos olhos, dobrada em duas, carregada de cadeias, agachada junto de uma bilha e de um pão, sobre uma pouca de palha, numa poça da água que se formava debaixo dela, pelas ressumações da enxovia, sem movimento, quase sem hálito, já nem sequer podia sofrer. Febo, o Sol, o meio-dia, o ar livre, as ruas de Paris, as danças aplaudidas, os doces devaneios de amor com o oficial; depois o padre, o punhal, o sangue, a tortura, a forca; tudo isso lhe passava pelo espírito, ora como um pesadelo disforme; mas não era mais que uma luta horrível e vaga que se perdia nas trevas ou que uma música longínqua que se tocava lá em cima, sobre a terra, e que se já não ouvia na profundidade em que a desventurada caíra.

Desde que estava ali, nem velava nem dormia. Naquele infortúnio, naquela masmorra, ela não podia distinguir a vigília do sono, o sono da realidade, tanto como o dia da noite. Tudo isto era misturado, despedaçado, flutuante, espalhado confusamente pelo seu pensamento. Já não sentia, não sabia, não pensava; quando muito, sonhava. Nunca criatura viva penetrara tão longe pelo nada.

Assim entorpecida, gelada, petrificada, quase que não notara duas ou três vezes o ruído dum alçapão que se abria em alguma parte próximo dela, sem mesmo deixar passar uma pouca de luz, e pela qual uma mão lhe atirara uma côdea de pão negro. Era a única comunicação que lhe restava com os homens, a visita periódica do carcereiro.

Uma coisa lhe ocupava ainda maquinalmente o ouvido; por cima da cabeça a humidade filtrava-se através das pedras da abóbada e a intervalos iguais desprendia-se uma gota de água. Ela escutava estupidamente o barulho que fazia essa gota de água caindo no charco ao lado dela.

Aquela gota de água caindo naquele charco era o único movimento que se fazia ainda à roda dela, o único relógio que marcava o tempo, o único ruído que lhe chegava de todo o ruído que se fazia sobre a superfície da terra.

Para tudo dizer, ela sentia também de tempos a tempos, naquela cloaca de lama e de trevas, alguma coisa fria que lhe passava aqui e ali sobre o pé ou sobre o braço e estremecia.

Há quanto tempo estava ali? Não o sabia. Tinha uma recordação de uma sentença de morte pronunciada em alguma parte, contra alguém, depois de a terem levado, e que acordara na escuridão e no silêncio, gelada. Arrastara-se

sobre as mãos; então uns anéis de ferro tinham-lhe magoado o artelho do pé e sentira o som de cadeias. Reconhecera que tudo eram paredes à roda e que havia por debaixo dela um lajedo coberto de água e um feixe de palha. Mas nem lâmpada, nem respiradouro. Então, sentara-se sobre a palha, e por vezes, para mudar de posição, sobre um último degrau de uma escada de pedra que havia na sua masmorra.

Uma vez, tentara contar os negros minutos que lhe marcava a gota de água, mas depressa esse triste trabalho de um cérebro enfermo interrompera-se-lhe de per si e deixara-a no entorpecimento.

Finalmente, um dia ou uma noite (porque a meia-noite ou o meio-dia tinham a mesma cor naquele sepulcro) ouviu por cima dela um ruído mais forte que o que fazia de ordinário o carcereiro quando lhe trazia o pão e a bilha. Levantou a cabeça e viu um raio avermelhado passar através das fendas de espécie de porta ou alçapão aberta na abóbada do *inpace*.

Ao mesmo tempo a pesada ferrugem gemeu, o alçapão rangeu sobre os gonzos ferrugentos, abriu-se e ela viu uma lanterna, a mão e a parte inferior do corpo de dois homens, a porta sendo muito baixa não lhe deixava ver as cabeças. A luz feriu-a tão vivamente que fechou os olhos.

Quando os abriu, a porta estava fechada, a lanterna pousada sobre um degrau da escada; um homem, só, estava em frente dela. Uma cogula preta caia-lhe até aos pés, um capuz da mesma cor escondia-lhe o rosto. Da sua pessoa nada se via, nem do seu rosto, nem das suas mãos. Era um comprido sudário que se conservava de pé e debaixo do qual se sentia mexer qualquer coisa. Ela olhou por alguns minutos para esta espécie de espetro. Nem ela nem ele falavam. Dir-se-iam duas estátuas que se confrontavam. Duas coisas unicamente pareciam viver no subterrâneo; a torcida da lanterna que crepitava por causa da humidade da atmosfera e a gota de água da abóbada que cortava aquela crepitação irregular com a sua queda monótona e fazia tremer a luz da lanterna em ondedos concêntricos sobre a água oleosa do charco. Afinal a prisioneira quebrou o silêncio.

— Quem sois?

— Um padre.

A palavra, a entoação, a voz, fizeram-na estremecer.

O padre prosseguiu articulando surdamente:

— Estais preparada?

— Para quê?

— Para morrer.

— Oh! — disse ela — E será breve?

— Amanhã.

A cabeça que alçara com alegria voltou a descair sobre o peito.

— É ainda muito demorado! — murmurou — O que lhes fazia isso hoje?

— Sois então muito desgraçada? — perguntou o padre depois de um silêncio.

— Tenho muito frio — respondeu ela.

Agarrou os pés com ambas as mãos, gesto habitual dos desventurados que têm frio e que nós já vimos fazer à reclusa da Torre Rolland; os dentes batiam-lhe.

O padre pareceu passear, por debaixo do seu capuz, os olhos pela enxovia.

— Sem luz! Sem fogo! Na água! É horrível!

— É — respondeu ela com o ar espantado que a desgraça lhe dera. — O dia é para toda a gente. Porque me dão só a noite?

— Sabeis — inquiriu o padre depois de nova pausa — porque estais aqui?

— Penso que o soube — disse ela passando os magros dedos pelas sobranceiras como para ajudar a sua memória. — Mas já o não sei.

De repente pôs-se a chorar como uma criança.

— Eu queria sair daqui, senhor. Tenho frio, tenho medo, há aqui animais que me sobem pelo corpo.

— Pois bem, segui-me.

E falando assim, o padre agarrou-lhe o braço. A desventurada estava gelada até às entranhas. Apesar disso aquela mão produziu-lhe uma impressão de frio.

— Oh! — murmurou ela — É a mão gelada da morte. Quem sois então?

O padre levantou o capuz, ela olhou. Era o rosto sinistro que há tanto a perseguia, a cabeça do demónio que lhe aparecera em casa da Falourdel por cima da cabeça adorada do seu Febo, aqueles olhos que ela vira pela última vez brilhar junto de um punhal.

— Ah! — bradou ela, com as mãos sobre os olhos e com um tremor convulso — É o padre!

Deixou cair desalentada os braços e continuou sentada com os olhos pregados no chão, muda, a tremer.

O padre fitava-a com os olhos do milhafre que por longo tempo pairou volteando no mais alto dos céus por sobre uma pobre calhandra escondida nos trigais, que por longo tempo apertou em silêncio os círculos formidáveis do seu voo e que de repente se precipita sobre a sua presa como a flecha do raio e a conserva ofegante nas garras.

Ela murmurou:

— Acabai! Acabai! O último golpe! — E metia a cabeça com horror por entre os ombros, como a ovelha que espera a marretada do magarefe.

— Faço-vos então horror? — disse ele por fim.

— Faço-vos horror? — repetiu ele.

A desgraçada não respondeu logo. Contraíram-se-lhe os lábios como se sorrisse e por fim murmurou:

— Há já meses que me persegue, que me ameaça, que me enche de medo! Sem ele, meu Deus, como seria feliz! Foi ele quem me precipitou neste abismo! Oh! Céus, foi ele quem matou... foi ele quem matou! Ao meu Febo!

Aquí, rompendo em soluços e levantando os olhos para o padre, bradou:

— Oh! Miserável, quem sois? Que vos fiz eu? Odiais-me então muito? Que tendes contra mim?

— Amo-te — exclamou Dom Cláudio.

Secaram-se-lhe as lágrimas subitamente e ela fitou-o com um olhar de idiota. Ele caíra de joelhos e cobria-a com a vista em chamas.

— Ouves? Amo-te! — bradou outra vez.

Ambos ficaram alguns momentos silenciosos, carregados pelo peso das suas comições, ele insensato, ela pasmada.

— Ouve — disse ele afinal, e uma singular inquietação lhe sobreveio — vais saber tudo. Vou dizer-te o que até agora só me atrevi a dizer a mim mesmo, quando interrogava a minha consciência nestas horas profundas da noite em que há tantas trevas que parece que nem Deus nos pode ver. Ouve. Antes de te encontrar, Esmeralda, eu era feliz.

— E eu! — suspirou ela debilmente.

— Não me interrompas. Sim, era feliz, pensava sê-lo, pelo menos. Era puro, tinha a alma cheia de uma claridade límpida. Não havia fronte que se erguesse mais altiva nem mais radiosa que a minha. Os padres consultavam-me sobre a castidade, os doutores sobre a doutrina. Sim, a ciência era tudo para mim; era uma irmã, e essa irmã bastava-me. Não quer dizer que com a idade não me viessem outras ideias. Por mais de uma vez a minha carne se emocionara com a passagem de uma forma de mulher. A força do sexo e do sangue do homem, que, louco adolescente, julgara ter sufocado por toda a vida tinha por mais de uma vez soerguido convulsivamente a cadeia de votos de ferro que me prendem, miserável, às frias pedras do altar. Mas o jejum, a oração, o estudo, as macerações do claustro, tinham conseguido tornar a alma senhora do corpo. Depois, fugia das mulheres. Bastava-me abrir um livro para que todos os impuros fumos do meu cérebro se dissipassem perante o esplendor da ciência. Em poucos minutos, sentia fugir para longe as coisas espessas da terra, e via-me sossegado, deslumbrado e sereno em presença do irradiar tranquilo da verdade. Enquanto o demónio só enviou para me atacar, várias sombras de mulheres que passavam esparsas pelos meus olhos, na igreja, nas ruas, nos prados, e que apenas reapareciam nos meus sonhos, venci-o com facilidade. Infelizmente se não me ficou a vitória, a culpa é de Deus que não fez o homem e o demónio de força igual. Ouve. Um dia...

Aqui o padre deteve-se e a prisioneira ouviu sair-lhe do peito suspiros que se semelhavam a um estertor de angústia. Ele prosseguiu:

— ... Um dia, estava encostado à janela da minha cela. Que livro lia então! Oh! Tudo isso é um turbilhão na minha cabeça. Estava a ler. A janela dava sobre uma praça. Ouvi um ruído de tambor e de música. Contrariado por assim ser inquietado no meu silêncio, olho para a praça. O que eu vi, havia outros que o viam também, e no entanto não era um espetáculo feito para olhos humanos. Ali, no meio do largo, — era meio-dia, um Sol esplêndido, — uma criatura dançava. Os seus olhos eram negros e esplêndidos; no meio dos seus cabelos também

pretos, algumas placas de metal que o sol beijava, cintilavam como fios de ouro. Os seus pés desapareciam no seu movimento como os raios de uma roda que gira rapidamente. À roda da cabeça, nas suas tranças negras trazia placas de metal que faiscavam ao sol e faziam-lhe à frente uma coroa de estrelas. O vestido, constelado de palhetas, cintilava, azul, e semeado de mil chispas como uma noite de verão. Os seus braços flexíveis e trigueiros atavam-se e desatavam-se à volta do seu talhe como duas fitas. A forma do seu corpo era surpreendente de beleza. Oh! Resplendente figura que se destacava luminosa na própria luz do sol! Eras tu! Surpreendido, inebriado, encantado, deixei-me olhar para ti. E olhei-te tanto que de repente estremei de espanto; senti que a morte me agarrava.

Sufocado, deteve-se um momento. Depois continuou.

— Já meio fascinado, tentei agarrar-me a alguma coisa e segurar-me na queda. Lembrei-me das ciladas que Satanás já me armara. A criatura que tinha diante dos olhos tinha a beleza sobre-humana que só pode vir do Céu ou do Inferno. Aquilo não era uma simples rapariga feita de um pouco do nosso barro e pobremente iluminada no interior pelo raio vacilante, pela alma de uma mulher. Era um anjo! Mas de trevas, mas de chama e não de luz.

Quando isto pensava, vi junto de ti uma cabra, um animal de *sabbat* que olhava para mim rindo-se. O sol do meio-dia dava-lhe pontas de fogo. Então entrevi o laço do demónio; não duvidei mais que tu viesses do Inferno e que viesses para a minha perdição. Acreditei-o.

Aqui o padre olhou de frente a prisioneira e acrescentou friamente:

— Creio-o ainda. O encanto operava pouco a pouco; a tua dança volteava-me no cérebro; sentia o misterioso malefício atuar em mim. Tudo o que devia velar adormecia-me na alma; e como os que morrem na neve, achava prazer em deixar vir esse sono. De repente puseste-te a cantar. Que podia eu fazer, miserável? O teu canto era ainda mais encantador do que a tua dança. Quis fugir. Impossível. Estava pregado, enraizado no solo. Parecia-me que o mármore do pavimento me subira até aos joelhos. Tive de ficar até ao fim. Os meus pés eram de gelo, a cabeça ardia-me. Afinal tiveste talvez piedade de mim, cessaste de cantar, desapareceste. O reflexo da deslumbrante visão, o eco da música encantadora, extinguiram-se gradualmente nos meus olhos e nos meus ouvidos. Então caí no desvão da janela, mais hirto e mais fraco do que uma estátua desaprumada. O toque de vésperas despertou-me. Levantei-me; fugi.

Fez ainda uma pausa e prosseguiu:

— A datar desse dia houve em mim um homem que eu não conhecia. Quis

usar de todos os remédios; o claustro, o altar, o trabalho, os livros. Loucura! Oh! Como a ciência soa em vão quando lá se vai bater com desespero com a cabeça cheia de paixões! Sabes, criança, o que eu via sempre desde então entre mim e o livro? A ti, a tua sombra, a imagem da aparição luminosa que um dia atravessara o espaço diante de mim. Mas esta imagem já não tinha a mesma cor: era sombria, fúnebre, tenebrosa como o círculo negro que aflige por muito tempo a vista do imprudente que olhou fixamente para o Sol. Não podendo desembaraçar-me dela, ouvindo sempre a tua canção zumbir-me aos ouvidos, vendo sempre os teus pés dançar sobre o meu breviário; sentindo sempre, de noite, em sonhos, a tua forma deslizar sobre a minha carne, quis tornar a ver-te, tocar-te, saber quem tu eras, ver se te acharia bem igual à imagem ideal que me ficara de ti, despedaçar talvez o meu sonho com a realidade. Em todo o caso, esperava que uma impressão nova desvaneceria a primeira, e a primeira tornara-se-me insuportável. Procurei-te. Tornei a ver-te. Desgraçada! Quando te vi duas vezes, quis ver-te mil, quis ver-te sempre. Então, como parar sobre esta rampa do Inferno? Então, não me pertenci mais. Tornei-me vagabundo e errante como tu. Esperava-te debaixo dos pórticos, espiava-te nas esquinas das ruas, espreitava-te do alto da minha torre.

Tinha sabido quem tu eras: egípcia, boémia, cigana, zíngara. Como duvidar da tua magia? Escuta. Esperei que um processo me livraria do encanto. Uma feiticeira tinha encantado Bruno d'Ast; fê-la queimar e ficou curado. Sabia-o. Quis experimentar o remédio. Tentei primeiro proibir-te o ingresso no adro de Nossa Senhora, esperando esquecer-te se tu lá não voltasses. Não te importaste. Voltaste. Veio-me a ideia de te raptar. Tentei-o uma noite. Éramos dois. Já te tínhamos agarrado quando apareceu esse miserável oficial. Livrou-te. Começava assim a sua desgraça, a minha e a tua. Finalmente, não sabendo que fazer nem em que tornar-me, denunciei-te ao provisor.

Pensava que ficaria curado como Bruno d'Ast.

Denunciei-te pois. Foi então que eu te amedrontava quando nos encontrávamos. A conjuração que eu tramava contra ti, tempestade que provocava contra a tua cabeça, escapava-se de mim em ameaças e em explosões. Contudo hesitava ainda. O meu projeto tinha lados horríveis que me faziam recuar. Talvez tivesse renunciado a ele; talvez o meu hediondo pensamento se esvaecesse no meu cérebro sem produzir o seu fruto. Pensava que sempre dependeria de mim seguir ou interromper o processo. Mas onde me julgava onipotente, a fatalidade tinha mais poder que eu. Ah! Foi ela que te entregou à engrenagem terrível da máquina que eu construía tenebrosamente! Ouve. Chego ao fim.

Um dia, — um outro dia de sol esplêndido — passou diante de mim um homem que pronuncia o teu nome e que ri, com a luxúria nos olhos. Segui-o. Sabes o resto.

E calou-se.

A pobre cigana só pode encontrar uma palavra:

— Oh! Meu Febo!

— Esse nome não! — bradou o padre agarrando-lhe o braço com violência. — Não pronuncies esse nome! Oh! Miseráveis que somos; foi esse nome que nos perdeu! Ou antes, perdemo-nos todos uns aos outros pelo inexplicável jugo da fatalidade! Sofres, não é verdade? Tens frio, cega-te a noite, horroriza-te a masmorra; mas talvez tenhas ainda alguma luz no fundo de ti, quando não fosse mais do que o teu amor de criança para o homem frívolo que se divertia com o teu coração! Enquanto eu trago a masmorra dentro de mim; dentro de mim está o inferno, o gelo, o desespero; tenho a noite na alma.

Sabes tudo o que eu sofri? Estava assentado num banco do tribunal. Quando te trouxeram, lá estava; quando te interrogaram, lá estava também. Caverna de lobos! Era o meu crime, era a minha força, que eu via lentamente erguer-se sobre a tua frente. A cada testemunha, a cada prova, a cada contestação, lá estava eu; pude contar cada um dos teus passos na dolorosa via; lá estava também quando aquela besta fera... Oh! Não tinha previsto a tortura! Ouve. Segui-te na sala da dor, vi despirem-te, vi as infames mãos do verdugo pousarem sobre o teu corpo seminu. Vi o teu pé, esse pé onde eu queria depor um único beijo e depois morrer, esse pé vi-o meter no horrível borzeguim, que faz dos membros de um ente vivo uma lama ensanguentada. Oh! Miserável! Enquanto via isso, tinha por debaixo do hábito um punhal com que rasgava o peito. Ao grito que deste, enterrei-o nas carnes; a um segundo grito, entrava-me no coração! Olha. Julgo que ainda sangra!

Abriu a sotaina. O seu peito estava efetivamente lacerado como por uma garra de tigre, e tinha ao lado uma ferida larga e mal fechada.

A prisioneira recuou de horror.

Dom Cláudio arrastou-se para ela, de joelhos.

— Suplico-te! — bradou — Se tens entranhas, não me repilas! Oh! Amo-te! Sou um miserável! No dia em que uma mulher repelisse um semelhante amor, julgaria que as montanhas se abalariam. Oh! Se tu quisesses! Como poderíamos

ser felizes! Fugiríamos — eu far-te-ia fugir — iríamos para alguma parte, procuraríamos o lugar sobre a terra onde haja mais sol, mais árvores, mais céu azul.

— Olhai, padre! Tendes sangue nas unhas!

O padre ficou alguns minutos como petrificado com os olhos fitos na mão.

— Pois bem! Sim! — continuou com estranha meiguice — Ultraja-me, escarnece-me, calca-me! Mas vem, vem. Apressemos-nos. É para amanhã, digo-te eu. A forca da Greve, sabes? Está sempre pronta. É horrível! Ver-te levar naquela carreta! Oh! Perdão! Nunca senti como agora até que ponto te amava. Oh! Segue-me. Acharás o tempo de me amar depois que eu te tiver salvado. Odiar-me-ás por tanto tempo quanto quiseres. Mas vem. Amanhã! Amanhã! A forca! O teu suplício! Oh! Salva-te! Poupa-me!

Ele agarrou-lhe o braço desvairado, quis arrastá-la.

Ela pousou sobre ele os olhos.

— Que é feito do meu Febo?

— Ah! — disse o padre largando-lhe o braço — Sois implacável!

— Que é feito de Febo? — repetiu ela friamente.

— Morreu! — bradou o padre.

— Morreu! — disse ela, sempre glacial e imóvel — Então para que me falais em viver?

Ele não a ouviu.

— Oh! Sim — dizia ele como falando consigo mesmo — deve estar bem morto. A lâmina entrou muito fundo. Julgo que lhe toquei o coração com a ponta. Oh! Vivia até ao fim do punhal!

A Esmeralda atirou-se a ele como um tigre furioso e empurrou-o sobre os degraus da escada com uma força sobrenatural.

— Vai-te, monstro! Assassino, deixa-me morrer! Que o sangue de nós dois te faça na fronte uma nódoa eterna! Vai-te, maldito!

O padre tropeçara na escada. Despreendeu em silêncio os pés das dobras do

hábito, tomou da lanterna e pôs-se a subir lentamente os degraus que levavam à porta: abriu essa porta e saiu.

De repente a desventurada viu reaparecer a sua cabeça; tinha uma expressão medonha e o desgraçado gritou-lhe com um estertor de raiva e desespero:

— Repito-te que morreu!

Ela caiu de rosto contra o chão e não se ouviu na enxovia outro ruído além do suspiro da gota de água que fazia palpar o charco nas trevas.

V. A Mãe

Não julgo que haja no mundo nada mais risonho do que as ideias que acordam, no coração de uma mãe, a vista do sapatinho de seu filho; sobretudo se é sapato de festa, dos domingos, do batismo, o sapato bordado até quase na sola, um sapato com o qual a criancinha ainda não deu nem um passo. Esse sapato tem uma graça e pequenez, é-lhe tão impossível andar, que para a mãe é o mesmo que ver o filho. Sorri-lhe, beija-o, fala-lhe: a si se pergunta se pode efetivamente haver um pé tão pequenino; e, a criança embora ausente, basta-lhe o lindo sapato para lhe pôr sob os olhos a doce e frágil criatura. Julga vê-la, vê-a, inteira, viva, alegre, com as mãos delicadas, a cabeça redonda, os lábios puros, os olhos serenos onde o branco é azul. Se é de inverno, ela lá está, arrasta-se sobre o tapete, escala laboriosamente um tamborete e a mãe treme que ela se não aproxime do fogo. Se é de verão, arrasta-se pelo pátio, pelo jardim, arranca a erva de entre as pedras, olha ingenuamente para os grandes cães, os grandes cavalos, sem medo, brinca com as camélias, com as flores, e faz ralar o jardineiro que encontra a areia nos canteiros e a terra nas ruas. Tudo ri, tudo brilha, tudo folga à roda dela, como ela, até ao sopro do ar e ao raio do sol que se divertem à porfia nos travessos anéis dos seus cabelos. O sapato tudo isto mostra à mãe e faz-lhe fundir o coração como o fogo a cera.

Mas, quando se perdeu o filho, essas mil imagens de alegria, de encanto, de ternura, que se estreitam à volta do sapatinho, tornam-se outras tantas coisas horríveis. O lindo sapato bordado não é mais do que um instrumento de tortura que esmaga eternamente o coração da mãe. E sempre a mesma fibra a vibrar, a fibra mais profunda e mais sensível, mas em vez dum anjo que a acaricia, é um demónio que a belisca. Uma manhã, enquanto o Sol de maio se erguia num desses céus azul-ferrete, em que Garofalo gosta de colocar as suas descidas da cruz, a reclusa da Torre Rolland ouviu um ruído de rodas, de cavalos e de ferros na praça de Greve. Isso fê-la meio acordar, e atando os cabelos por cima dos ouvidos para não ouvir, continuou na contemplação de joelhos, do objeto inanimado que assim adorava há quinze anos. Esse sapatinho, como já dissemos, era para ela o Universo. Nele se encerrava o seu pensamento de onde não devia sair senão com a morte. O que ela fez subir ao Céu em amargas imprecações, em plangentes lástimas, em orações e soluços, a propósito dessa encantadora ninharia de cetim cor de rosa, só o sombrio subterrâneo da Torre Rolland o soube. Jamais desespero algum se espalhou sobre coisa mais gentil e mais graciosa.

Naquela manhã parecia que a sua dor se expandia mais violenta que de ordinário. Cá fora ouviam-se as suas lamentações em voz alta e monótona que cortava o coração.

— Oh! Minha filha — dizia ela — minha filha! Minha querida filhinha! Nunca mais te verei! Acabou então tudo! Meu Deus? Ah! Miserável que sou, em ter saído naquele dia! Senhor! Senhor! Se assim ma tirastes é porque não me vistes com ela, quando toda alegre a aquecia ao meu fogo, quando me sorria ao deitá-la, quando fazia com que os seus pezinhos me subissem pelo peito até aos lábios! Oh! Se isso visseis, meu Deus, teríeis piedade da minha alegria, não me teríeis tirado o único amor que me restava no coração! Era eu então uma tão miserável criatura, Senhor, que não pudesses olhar para mim antes de me condenar? — Ah! Cá está o sapato! O pé onde está? Onde está o resto? Onde está a criança? Minha filha, minha filha! Que fizeram eles de ti? Senhor, restitui-ma. Escorchei os joelhos quinze anos, a orar-vos, meu Deus! Não é ainda bastante? Restitui-ma por um dia, por uma hora, por um minuto; por um minuto, Senhor! E atirai-me depois ao demónio por toda a eternidade! Oh! Que se soubesse por onde se arrasta a fimbria da vossa túnica, agarrar-me-ia a ela com ambas as mãos e teríeis de restituir-me a minha filha! Não tendes piedade, Senhor, do seu lindo sapatinho? Podeis condenar uma pobre mãe a este suplício de quinze anos? Boa Virgem! Boa Virgem do Céu! Menino Jesus, o que era meu, roubaram-mo, comeram-no numa moita, beberam o seu sangue, mastigaram os seus ossos! Boa Virgem, tende piedade de mim. Minha filha! Preciso da minha filha! Que me importa a mim, que ela esteja no paraíso? Não quero o vosso anjo, quero a minha filha! Rojar-me-ei pelo chão, quebrarei as pedras com a fronte, perder-me-ei, amaldiçoar-vos-ei, Senhor, se conservais a minha filha! Bem vedes que tenho os braços todos mordidos, Senhor! Então o Deus de bondade não tem compaixão? Oh! Não me deis senão sal e pão negro, contanto que eu tenha a minha filhinha, e que ela me aqueça como o sol! Ah! Deus, meu Senhor, sou apenas uma vil pecadora: mas a minha filha me tornaria piedosa. Estava cheia de religião por amor dela, e via-vos através do seu sorriso como por uma abertura do Céu. Oh! Possa eu uma vez, somente uma vez, uma única vez, calçar este sapato no seu lindo pezito cor de rosa, e que morra, virgem de bondade, abençoando-vos! Ah! Quinze anos! Devia ser grande agora! Desgraçada criança! Como, é então bem verdade, não a tornarei mais a ver, nem mesmo no Céu, porque para lá não irei eu! Oh! Que miséria: dizer que está ali o seu sapato e que é tudo!

A desventurada precipitara-se sobre esse sapato, sua consolação e seu desespero há tantos anos, e as suas entranhas rasgavam-se em soluços como no primeiro dia, porque para uma mãe que perdeu seu filho é sempre o primeiro dia. Essa dor não envelhece.

Os trajes de luto gastam-se e embranquecem, o coração fica negro.

Neste momento frescas e alegres vozes de criança passaram por diante da cela. Sempre que alguma criança lhe feria a vista ou o ouvido, a pobre mãe precipitava-se no ângulo mais sombrio do seu sepulcro e dir-se-ia que buscava esconder a cabeça na pedra para a não ouvir. Desta vez pelo contrário levantou-se dum pulo e escutou com avidez. Um dos rapazinhos dizia:

— É porque hoje vai a enforcar uma cigana.

Com o brusco arremesso da aranha que vimos precipitar-se sobre a mosca com o tremer da sua teia, correu ela ao postigo que dava, como é sabido, sobre a praça da Greve. Efetivamente, erguia-se uma escada junto da força permanente, e o carrasco ocupava-se a fazer-lhe correr as cadeias enferrujadas pela chuva. À roda havia alguma gente.

O grupo das crianças ia já longe.

A penitente do saco procurou com a vista um transeunte a quem pudesse interrogar. Avistou, logo ao lado da sua prisão, um padre que fingia ler no breviário público mas que se preocupava menos com o livro que as grades protegiam, do que com a força para a qual lançava de quando em quando um sombrio e feroz olhar. Reconheceu nele o senhor arceidiago de Josas, um santo homem.

— Meu padre — perguntou ela — quem vão enforcar acolá?

O padre olhou para ela e não respondeu; a reclusa repetiu a pergunta. Então ele disse:

— Não sei.

— Disseram há pouco uns rapazes que era uma cigana — continuou a penitente.

— Penso que é — disse o padre.

Então Paquette, a Chantefleurie, rompeu numa gargalhada de hiena.

— Irmã — disse o arceidiago — odiais então muito as ciganas?

— Se as odeio! — bradou a reclusa — São estriges roubadoras de crianças! Devoraram a minha filhinha, a minha filha, a minha única filha! Não tenho coração, comeram-mo elas!

Estava medonha. O padre fitava-a friamente.

— Há uma sobretudo que odeio e que tenho amaldiçoado! — continuou ela. — É uma rapariga, que tem a idade que a minha filha teria se a sua mãe ma não tivesse comido. Todas as vezes que essa viborazinha passa por diante da minha cela, faz-me ferver o sangue!

— Pois bem! Minha irmã, alegrai-vos — disse o padre, glacial como uma estátua de sepulcro. — É essa que ides ver morrer.

A cabeça descaiu-lhe sobre o peito e afastou-se lentamente.

A reclusa torceu os braços de alegria.

— Bem lho tinha eu dito, que ela havia de lá cair! Obrigada, padre! — bradou.

E pôs-se a passear a passos largos por diante dos varões do postigo, desgrenhada, a vista em chamas, batendo com os ombros na parede, com a aparência feroz de uma loba enjaulada que tem fome há muito tempo e que sente aproximar-se a hora do repasto.

VI. Três corações de homem feitos diferentemente

No entanto, Febo não morrera. Os homens daquela espécie têm a vida dura. Quando *mestre* Filipe Lheulier, advogado extraordinário do rei, dissera à pobre Esmeralda: *Morreu*, fora por erro ou gracejo. Quando o arcediogo repetira à condenada: *Está morto*, o facto é que nada a tal respeito sabia, mas que julgava, contava, não duvidava, esperava que assim fosse. Seria para ele duro de mais dar à mulher que amava boas notícias do seu rival. Qualquer homem no seu lugar faria o mesmo.

E não era porque a ferida de Febo não fosse grave, mas porque fora menos do que o arcediogo se persuadira. O boticário para casa de quem os soldados da ronda o tinham transportado no primeiro momento, receara-lhe oito dias pela vida, e dissera-lho até em latim. Mas a mocidade conquistara o seu ascendente, e, como muitas vezes sucede, pondo de parte prognósticos e diagnósticos, a natureza divertira-se em salvar o doente nas barbas do médico. Assim uma bela manhã, sentindo-se melhor, deixara as suas esporas de ouro em pagamento ao farmacopola e safara-se. Isso, afinal não tinha trazido desarranjo algum à instrução do processo. A justiça desse tempo preocupava-se pouco da pureza e clareza de um processo crime. Que o acusado fosse enforcado, era o que se tornava necessário. Ora os juizes tinham bastantes provas contra a Esmeralda. Imaginaram que Febo tinha morrido e tudo ficou dito.

Febo, pela sua parte, não fora para longe. Tinha ido simplesmente juntar-se à sua companhia, de guarnição em Queue-en-Brie, na Ilha de França a algumas mudas de Paris.

Além disso, de modo nenhum lhe agradava comparecer em pessoa nesse processo. Sentia vagamente que nele fazia ridícula figura. Irreligioso e supersticioso como todo o soldado, que é só soldado, quando a si próprio se interrogava sobre esta aventura, não ficava muito sossegado com a cabra, com a maneira extravagante do seu encontro com a Esmeralda, com a maneira não menos estranha com que ela lhe deixara adivinhar o seu amor, com a sua qualidade de cigana, finalmente com a alma penada. Entrevia nesta história mais magia que amor.

Esperava além disso que o negócio se não tornaria público, que o seu nome, estando ele ausente, mal seria pronunciado, e que, em qualquer caso não iria além do tribunal de Tournelle. Nisso se não enganava ele.

Febo pois, sossegou de pronto o espírito sobre a feiticeira, Esmeralda, ou Similar, como ele dizia, sobre a punhalada da cigana na da alma do outro mundo (pouco lhe importava), e sobre o resultado do processo. Mas, logo que o coração lhe ficou vazio por esse lado, para lá foi a imagem de Flor de Lis. O coração do capitão Febo como a física desse tempo, tinha horror ao vácuo.

Flor de Lis era a sua penúltima paixão, uma linda rapariga, um dote encantador. Assim, pois, uma bela manhã, completamente restabelecido, e, presumindo, que passados dois meses, o negócio da cigana ou devia estar acabado ou esquecido, o namorado cavaleiro, caracoleando o ginete, chegou à porta da casa dos Gondelaurier.

Não reparou na multidão bastante numerosa que se amontoava na praça do Adro, diante da portaria de Nossa Senhora: lembrou-se de que se estava no mês de maio; supôs ser alguma procissão, algum Pentecostes, alguma festa. Prendeu o cavalo na argola do pórtico e subiu alegremente as escadas da sua bela noiva.

Esta estava só com a mãe.

Flor de Lis tinha sempre no coração a cena da feiticeira, a cabra e o seu maldito alfabeto e as longas ausências de Febo. No entanto quando viu entrar o seu querido capitão, achou-lhe tão bom porte, tão nova a farda, tão luzente o seu boldrié, tão apaixonado o seu rosto, que corou de prazer. Pela sua parte, a nobre donzela estava mais encantadora do que nunca. Os seus magníficos cabelos louros caíam em magníficas tranças. Vestia de azul celeste, que tão bem diz às pessoas brancas, coquetismo que lhe ensinara Colomba, e nos olhos tinha o langoroso fluido de amor que melhor lhes fica ainda.

Febo que nada tinha visto a respeito de beleza desde as marafonas de Queue-en-Brie, ficou deslumbrado com Flor de Lis, o que deu ao nosso oficial uns modos tão afetuosos e tão galantes que as pazes para logo se fizeram. A própria *madame* de Gondelaurier, sempre maternalmente sentada na sua grande poltrona, não teve força de repreender. Quanto aos ralhos de Flor de Lis expiraram em ternos arrulhos.

Flor de Lis estava assentada perto da janela, sempre a bordar a sua gruta de Neptuno. O capitão apoiava-se no espaldar da sua cadeira e ela dirigia-lhe a meia voz cariciosas censuras.

— Que é feito de vós há dois compridos meses?

— Juro-vos — respondeu Febo, um tanto embaraçado com a pergunta — que estais bela de tentar um arcebispo.

Ela não pôde deixar de sorrir-se.

— Está bem, está bem, senhor. Deixai a minha beleza, e respondi-me. Bonita beleza, em verdade.

— Pois bem! Querida prima, fui chamado ao serviço.

— E para onde, não fazeis favor de dizer! E porque não viestes dizer-me adeus?

— Para Queue-en Brie.

Febo folgava que a primeira pergunta o ajudasse a esquivar-se da segunda.

— Mas é tão perto, senhor. Como é que me não viestes ver uma única vez?

Aqui Febo ficou bastante seriamente atrapalhado.

— É que... o serviço... e depois, encantadora prima, estive doente.

— Doente! — repetiu ela assustada.

— Sim... ferido.

— Ferido!

A pobre menina quase desmaiava.

— Oh! Não vos assusteis — disse negligentemente Febo. — Não foi nada. Uma questão, uma estocada; que vos faz isso?

— O que me faz isso? — exclamou Flor de Lis alçando os seus belos olhos cheios de lágrimas — Oh! Não dizeis o que pensais proferindo tais palavras. O que foi essa estocada? Quero saber tudo.

— Pois bem! Querida bela, tive uma desavença com Mahé Fédy, sabeis? O tenente de São Germano-en-Laye, e descosemo-nos mutuamente algumas polegadas de pele: eis tudo.

O mentiroso capitão sabia muito bem que uma pendência de honra faz sempre salientar um homem aos olhos de uma mulher. E efetivamente Flor de Lis fitava-o toda emocionada de medo, de prazer e de admiração. Não estava, porém, ainda completamente sossegada.

— Conquanto estejais completamente curado, meu Febo! — disse ela —

Não conheço o tal Mahé Fêdy, mas é um homem mau. E porque foi essa questão?

Aqui Febo cuja imaginação só era mediocrementemente criadora, começou a já não saber que explicação dar da sua proeza.

— Oh! Que sei eu?... Uma bagatela, um cavalo, um dito! Bela prima — exclamou ele para mudar de conversa — que barulho é esse na praça do Adro?

E aproximou-se da janela.

— Oh! Meu Deus, bela prima, tanta gente!

— Não sei o que é — disse Flor de Lis — parece que se trata de uma feiticeira que vem pedir publicamente perdão esta manhã diante da igreja para ser enforcada depois.

O capitão tanto julgava terminado o negócio de Esmeralda, que pouco reparo fez nas palavras de Flor de Lis. Contudo fez-lhe ainda uma ou duas perguntas.

— Como se chama essa feiticeira?

— Não sei — respondeu ela.

— E o que dizem que ela fez?

Mais uma vez Flor de Lis encolheu os seus nêveos ombros.

— Não sei.

— Oh! Meu Deus Jesus! — disse a mãe — Há agora tantos feiticeiros, que os queimam, penso eu sem lhes saberem os nomes. Tanto valia como procurar saber o nome de cada nuvem do céu. Afinal de contas, pode-se estar descansado. O bom Deus lá tem o seu registo. — Aqui, a venerável dama levantou-se e chegou à janela. — Oh! Senhor! — disse ela — Tendes razão, Febo. Que grande massa de gente. Estão até, louvado seja Deus, sobre os telhados. Sabeis Febo? Isto faz-me lembrar os meus bons tempos. A entrada do rei Carlos VII, onde havia também assim gente. Não sei já em que ano foi. Quando vos falo nisto, não é verdade, faço-vos o efeito de uma coisa velha, e para mim é uma coisa nova. Oh! Era um povo bem melhor do que hoje. Havia gente até nos postigos da porta de Santo António. O rei trazia a rainha na garupa e depois de suas altezas seguiam todas as damas na garupa de todos os fidalgos. Lembro-me de que se riam muito, porque ao lado de Amanyon de Garlante, que era de diminuta estatura, ia o

senhor de Matefelon, um cavaleiro de gigantesca estatura, que matara Ingleses aos montes.

Os dois namorados não ouviam a respeitável dama. Febo tinha voltado a apoiar-se no espaldar da cadeira da sua noiva; ponto encantador de onde o seu olhar libertino mergulhava em todas as aberturas do peitilho de Flor de Lis. Esse peitilho entreabria-se tão a propósito, deixava-lhe ver tantas coisas delicadas e deixava-lhe adivinhar tantas outras, que Febo deslumbrado com aquela pele com reflexos de cetim, dizia: Como se pode amar outra coisa que não seja uma branca?

Ambos guardavam silêncio. A donzela erguia de tempos a tempos para ele os olhos arroubados e meigos, e os seus cabelos confundiam-se num raio do sol de primavera.

— Febo — disse de repente Flor de Lis em voz baixa — devemos casar daqui a três meses; jura-me que nunca amaste outra mulher senão eu.

— Juro, belo anjo! — respondeu Febo, e o seu olhar apaixonado juntava-se, para convencer Flor de Lis, ao tom sincero da sua voz. Talvez que a si próprio se acreditasse naquele momento.

No entanto, a boa mãe, encantada por ver os noivos em tão perfeita inteligência, acabava de sair da sala para atender a algum serviço doméstico. Febo viu-o e esta solidão de tal modo animou o aventureiro capitão que lhe subiram ao cérebro extravagantes ideias. Flor de Lis amava-o; ele era seu noivo; ela estava só com ele; a antiga predileção por ela tinha-se-lhe despertado, não em toda a sua frescura mas em todo o seu ardor; afinal de contas, não é grande crime comer um pouso do seu trigo ainda verde. Não sei se estes pensamentos lhe passaram pelo espírito, mas o que é certo é que Flor de Lis de repente se assustou com a expressão do seu olhar. Olhou em redor de si e não viu a mãe.

— Meu Deus — disse ela corada e inquieta — que calor que tenho!

— Parece-me que, efetivamente — respondeu Febo — não estamos longe do meio-dia. O sol é incomodativo. Basta correr os cortinados.

— Não, não — gritou a pobre menina — pelo contrário, preciso de ar.

E como a corça que sente o resfolegar da matilha, levantou-se, correu à janela, abriu-a, correndo para o balcão.

Febo bastante contrariado, seguiu-a.

A praça do adro de Nossa Senhora, sobre a qual dava o balcão, como se sabe, apresentava naquele momento um espetáculo sinistro singular que fez bruscamente mudar de natureza o receio da tímida Flor de Lis.

Uma multidão imensa, que refluía em todas as ruas adjacentes, enchia a praça propriamente dita. O pequeno muro de vedação que cercava o adro não bastaria para a conservar livre, se não fosse reforçado com uma cerrada fileira de soldados de lança e partazanas em punho. Graças a essa parede de ferro, o adro estava vazio. As largas portas da igreja estavam fechadas, o que contrastava com inúmeras janelas da praça, as quais abertas sobre as empenas, deixavam ver milhares de cabeças amontoadas pouco mais ou menos como pilhas de balas num parque de artilharia.

A superfície daquela massa, era escura, suja e cor de terra. O espetáculo pelo qual esperava era evidentemente desses que têm o privilégio de extrair e chamar o que há de mais imundo na população. Nada tão hediondo como o ruído que se escapava desses formigueiros de coifas amarelas e cabeleiras sórdidas. Nessa multidão havia mais risadas que gritos, mais mulheres que homens.

De tempos a tempos, uma voz aguda e vibrante rompia o rumor geral.

.....

— Olá! Mahiet Baliffre! Temos alguém a enforcar?

— Imbecil! É aqui o perdão em camisa! O bom Deus vai espirrar-lhe latim à cara! Isso sempre se faz aqui ao meio-dia. Se é a forca que queres, vai então à Greve.

— Irei depois.

.....

— Dizei-me, ó Boucanbry, é verdade ela ter recusado um confessor?

— Parece que sim, Bechaigne.

— Ora vejam a herege!

.....

— É o costume. O bailio do tribunal é obrigado a entregar o malfeitor já julgado, para a execução, se é um secular, ao preboste de Paris; se é um eclesiástico, ao oficial do arcebispado.

— Muito obrigado.

.....

— Oh! Meu Deus! — dizia Flor de Lis — Pobre criatura.

Este pensamento enchia de dor o olhar que passeava sobre a população. O capitão, muito mais ocupado dela do que daquela sórdida multidão, apertava-lhe amorosamente a cintura pelas costas. Ela voltou-se suplicante e risonha.

— Por favor, deixai-me, Febo, se minha mãe entrasse, ver-vos-ia a mão.

Neste momento soou lentamente meio-dia no relógio de Nossa Senhora. Um murmúrio de satisfação elevou-se na multidão, última vibração da duodécima pancada mal se extinguia ainda, quando todas as cabeças se agitaram como as vagas com o vento e um imenso clamor se ergueu da praça, das janelas e dos telhados:

— Lá vem ela!

Flor de Lis pôs as mãos sobre os olhos para não ver.

— Meu encanto — disse-lhe Febo — quereis entrar?

— Não — respondeu ela: e os olhos que acabava de fechar com receio, abriu-os com curiosidade.

Uma carreta, tirada por um valente cavalo normando e toda rodeada de cavalaria de uniforme cor de violeta com cruces brancas, acabava de desembocar na praça pela rua de S. Pedro dos Bois. Os homens da ronda abriram passagem por entre o povo com força de contoadas. Ao lado da carreta cavalgavam alguns oficiais de justiça e de polícia, denunciados pelo traje negro e pela sua esquisita maneira de montar. Mestre Jacques Charmolue caracoleava à frente.

Na fatal viatura, via-se assentada uma rapariga com os braços amarrados atrás das costas, sem padre ao lado. Estava em camisa; os longos cabelos negros (a moda de então era só serem cortados ao pé da forca) caíam-lhe espalhados pelo peito e pelos ombros meio descobertos.

Através daquela ondeante coma, mais luzidia que a plumagem de um corvo, via-se torcer e atar-se uma grossa corda escura e rugosa que lhe arranhava as frágeis clavículas e se enrolava em volta do pescoço encantador da pobre rapariga como um verme da terra sobre a flor. Debaixo dessa corda brilhava um

pequeno amuleto ornado de uns avelórios verdes, que lhe tinham deixado decerto porque se não recusa coisa alguma aos que vão morrer. Os espetadores colocados nas janelas podiam ver-lhe no fundo da carreta as pernas nuas que procurava esconder debaixo de si, como por um último instinto de mulher. Aos seus pés havia uma pequena cabra amarrada. A condenada segurava com os dentes a camisa mal presa. Dir-se-ia que sofria mais na sua miséria de assim ser exposta quase nua a todos os olhos. Não é para semelhantes provações que o pudor se fez.

— Jesus! — disse vivamente Flor de Lis ao capitão — Olhai, belo primo, é aquela maldita cigana da cabra.

Falando assim voltou-se para Febo. Este tinha os olhos fixos na carreta. Estava muito pálido.

— Que cigana da cabra? — disse ele balbuciante.

— Já vos não lembrais?... — perguntou Flor de Lis.

Febo interrompeu-a:

— Não sei o que quereis dizer.

E deu um passo para entrar, mas Flor de Lis, cujo ciúme, outrora tão espicaçado por esta mesma cigana, acabava de despertar, lançou-lhe um olhar cheio de desconfiança. Lembrava-se vagamente naquela ocasião de ter ouvido falar de um capitão implicado no processo daquela feiticeira.

— Que tendes — disse ela a Febo — dir-se-ia que aquela mulher vos inquietou.

Febo tentou gracejar.

— A mim! Nada absolutamente.

— Então ficai até ao fim — ordenou imperiosamente.

Forçoso foi ao desastrado capitão ficar. O que o sossegava um tanto era que a condenada não desprendia os olhos do fundo da carreta. Era muito verdade ser a Esmeralda. No última degrau do opróbrio e da desgraça, era ainda bela; os grandes olhos negros, maiores pareciam ainda por causa da magreza das faces; o seu perfil lívido era puro e sublime. Tinha a mesma semelhança que uma Virgem de Masacio tem com uma Virgem de Rafael; mais fraca, mais delgada, mais magra.

A lúgubre cavalgada atravessara a multidão em meio de gritos de alegria e de atitudes curiosas. Devemos dizer, para sermos historiador fiel, que ao vê-la tão bela e tão sucumbida, muitos, e dos mais duros, se tinham comovido.

A carreta tinha entrado no Adro.

Diante da porta central parou. A escolta formou dos dois lados. A multidão fez silêncio, e, no meio desse silêncio, cheio de solenidade e de ansiedade, os dois batentes da grande porta giraram, como de per si, sobre os gonzos que rangeram como um som de pífano. Viu-se então em todo o comprimento a profunda igreja sombria, armada de preto, apenas iluminada com alguns círios brilhando ao longe sobre o altar-mor, aberta como uma garganta de caverna no meio da praça deslumbrante de luz. Lá ao fundo, na sombra da abside, entrevia-se uma gigantesca cruz de prata, destacando-se dum pano preto que caía da abóbada ao pavimento. Toda a nave estava deserta. Viam-se mover confusamente algumas cabeças de padres nas cadeiras longínquas do coro, e, na ocasião em que a grande porta se abriu, saiu da igreja um canto grave, penetrante, monótono, que atirava como às lufadas sobre a cabeça da condenada, fragmentos de salmos lúgubres.

« ... Non timebo millia populi circumdantis me: exsurge, Domine; salvum me fac, Deus!

... Salvum me fac, Deus, quoniam intraverunt aquæ usque ad animam meam.

... Infixus sum in limo profundi; et non est substantia.»

Ao mesmo tempo uma outra voz isolada do coro entoava sobre os degraus do altar-mor esse melancólico ofertório:

« Qui verbum meum audit, et credit ei qui misit me, habet vitam æternam et in judicium non venit; sed transita morte in vitam.»

Este cântico que alguns velhos perdidos nas trevas cantavam de longe sobre aquela formosa criatura, cheia de mocidade e de vida, acariciada pelo ar tépido da primavera, inundada de sol, era a missa dos mortos.

O povo ouvia com recolhimento.

A pobre criança, desvairada, parecia perder a vista e o pensamento nas escuras entranhas da igreja. Os lábios descorados mexiam-se-lhe como se orassem, e quando o ajudante do carrasco se aproximou dela para a ajudar a descer, ouviu que ela repetia em voz baixa esta palavra: Febo.

Desprenderam-lhe as mãos, fizeram-na descer acompanhada da cabra, que tinham também desprendido e que balava de alegria por se sentir livre e fizeram-na caminhar de pés descalços sobre o duro pavimento até ao princípio dos degraus da portaria. A corda que tinha ao pescoço arrastava-se atrás dela, Dir-se-ia uma serpente que a seguia.

Então interrompeu o cântico na igreja. Uma grande cruz de ouro e uma fila de círios puseram-se em movimento. Ouviu-se o ruído das alabardas dos soldados, e, alguns momentos depois, uma longa procissão de padres de casula e de diáconos de dalmáticas apareceu à vista da multidão. Mas o olhar da desventurada fixou-se no padre que marchava à frente, imediatamente depois do cruciferário.

— Oh! — disse ela quase impercetivelmente — Ainda outra vez ele! O padre!

Era efetivamente o arcediogo. Tinha à esquerda o subchante e à direita o chante armado com o bastão do seu cargo. Avançava com a cabeça inclinada para trás, os olhos fixos e abertos, cantando com voz forte.

Quando apareceu em plena claridade debaixo da alta portaria em ogiva, revestido duma vasta capa de asperges de prata com uma cruz preta, estava tão pálido que mais de um pensou na multidão, que era um dos bispos de mármore ajoelhados sobre as pedras do coro, que se levantara e que vinha receber no limiar do túmulo a que ia morrer.

Ela não menos pálida e não menos estátua, mal dera fé que lhe tinham metido na mão um pesado círio de cera amarela aceso, da voz esganiçada do escrivão lendo o teor de perdão; quando lhe tinham dito para responder *Ámen*, tinha respondido *Ámen*. Foi preciso, para lhe dar alguma vida e alguma força que ela visse o padre fazer sinal aos guardas para se afastarem e adiantar-se, só, para ela.

Então ferveu-lhe o sangue na cabeça e um resto de indignação se reacendeu naquela alma já entorpecida e fria.

O arcediogo abeirou-se dela lentamente, mesmo naquela extremidade viu que ele fitava a sua nudez com os olhos cintilantes de luxúria, de ciúme e de desejo. Depois disse-lhe em voz alta:

— Mulher, pedistes perdão a Deus das vossas culpas e pecados?

Debruçou-se-lhe sobre o ouvido e acrescentou (os espetadores julgavam

que recebia a sua última confissão):

— Posso ainda salvar-te!

Ela fitou-o friamente:

— Vai-te, demónio! Ou eu te denuncio!

Ele pôs-se a sorrir com um sorriso horrível.

— Não acreditarão. Só acrescentarás escândalo ao crime.

— Que fizestes do meu Febo?

— Morreu! — respondeu o padre.

Neste momento o miserável arcediogo levantou a cabeça maquinalmente e viu na outra extremidade da praça, no balcão da casa dos Gondelaurier, o capitão, de pé, junto de Flor de Lis. Cambaleou, passou a mão pelos olhos, olhou mais uma vez, murmurou uma maldição e todas as feições se lhe contraíram violentamente.

— Pois bem! Morre! — disse por entre os dentes — Ninguém te possuirá.

Então, levantando a mão sobre a cigana, exclamou com voz fúnebre:

— *I nunc, anima anceps, et sit tibi Deus misericors!*

Era a terrível fórmula com que era costume rematar estas sombrias cerimónias. Era o sinal convencionado entre o padre e o carrasco.

O povo ajoelhou.

— *Kyrie, eleison* — disseram os padres que tinham ficado sob a ogiva da portaria.

— *Kyrie, eleison* — repetiu a multidão com esse murmúrio que corre sob todas as cabeças como o marulho de um mar agitado.

— *Ámen* — disse o arcediogo.

Voltou as costas à condenada, a cabeça pendeu-lhe sobre o peito, cruzou as mãos, agregou-se ao cortejo dos padres, e um momento depois viram-no desaparecer com a cruz, os círios e as capas de asperges por sob as arcadas da catedral; e a sua voz sonora extinguiu-se gradualmente no coro.

Ao mesmo tempo o ruído intermitente do conto ferrado das alabardas, morrendo a pouco e pouco sobre os intercolúnios da nave, faziam o efeito de um martelo de relógio batendo a última hora da condenada.

As portas de Nossa Senhora tinham ficado abertas, deixando ver a igreja vazia, triste, sem luzes, sem vozes.

A condenada permanecia imóvel, esperando que dispusessem dela. Foi preciso que um dos aguazis da vara advertisse mestre Charmolue, que, durante toda esta cena, se pusera a estudar o baixo relevo que representa, segundo uns, o sacrifício de Abraão, segundo outros a operação filosófica, figurando o sol pelo anjo, o fogo pelo feixe de lenha, o artífice por Abraão.

Tiveram bastante dificuldade em o arrancar a esta contemplação, mas afinal voltou-se, e a um sinal que fez, dois homens vestidos de amarelo aproximaram-se da cigana para lhe atar as mãos.

A desventurada, no momento de subir para a fatal carreta e de se encaminhar para a sua última estação, foi talvez acometida de algum dilacerante pesar da vida. Ergueu os olhos vermelhos e secos para o céu, para o Sol, para as nuvens de prata cortadas, aqui e ali por trapézios e triângulos azuis; depois abaixou-os em roda de si, sobre a terra, sobre a multidão, sobre as casas. De repente, enquanto o homem amarelo lhe ligava os pulsos, soltou ela um grito terrível, um grito de alegria. Naquele balcão, lá em baixo, no ângulo da praça, acabava de o descobrir, a ele, ao seu amor, ao seu senhor Febo!

O juiz mentira! O padre mentira! Era com certeza ele, não havia dúvida alguma: estava ali, belo, vivo, envergando o seu brilhante uniforme, pluma na cabeça, espada ao lado!

— Febo! — bradou ela — Meu Febo!

E quis estender para ele os braços frementes de amor e de arroubamento, mas tinha-os presos.

Então ela viu o capitão carregar o sobrolho, uma bela menina fitá-lo com olhos irritados e lábios de desprezo; depois viu Febo pronunciar algumas palavras que não chegaram até ela, e ambos se eclipsaram precipitadamente por detrás das portas do balcão que se fechou.

— Febo! — bradou desvairada — Acreditas?

Acabava de surgir-lhe um pensamento monstruoso. Lembrava-se de que

tinha sido condenada por assassinio sobre a pessoa de Febo de Châteaupers.

Tudo suportara até então. Mas este último golpe fora rude de mais. Deixou-se cair sem movimento sobre o lajedo.

— Vamos — disse Charmolue. — Levem-na para a carreta, e acabemos som isto!

Ninguém tinha notado na galeria das estátuas dos reis esculpidos imediatamente por cima das ogivas da portaria, um estranho espetador que até então tudo examinara com tal impassibilidade, com o pescoço tão estendido, com o rosto tão disforme, que sem o seu traje metade vermelho e metade violeta, podê-lo-iam tomar por um desses monstros de pedra, por cuja garganta despejam há seiscentos anos as longas goteiras da catedral. Esse espetador nada perdera do que se tinha passado desde o meio-dia diante da portaria de Nossa Senhora. E logo nos primeiros instantes sem que ninguém se lembrasse de o observar, tinha fortemente amarrado a uma das colunas da galeria uma grossa corda de nós, cuja extremidade ia cair em baixo sobre a escadaria. Feito isto, pusera-se a olhar tranquilamente e a assobiar de tempos a tempos quando um melro passava por diante dele.

De repente, na ocasião em que os ajudantes do carrasco se dispunham a cumprir a ordem fleumática de Charmolue, galgou a balaustrada da galeria, agarrou a corda com os pés, os joelhos e as mãos; depois viram-no deslizar sobre a fachada, como uma gota de chuva que desce ao longo de um vidro, correr para os dois verdugos com a presteza de um gato que cai de um telhado, derruba-los com dois enormes murros, agarrar a cigana com uma mão, como uma criança agarra uma boneca, e de um salto só ganhar a igreja, levantando a desventurada por cima da cabeça, bradando com formidável voz:

— Asilo!

Isto foi feito com tal rapidez, que se fosse de noite, tudo se poderia ter visto à luz de um só relâmpago.

— Asilo! Asilo! — repetiu a multidão, e dez mil palmas fizeram cintilar de alegria e de orgulho o único olho de Quasimodo.

Este abalo fez voltar a si a condenada. Abriu as pálpebras, olhou para Quasimodo, depois fechou-as subitamente como espantada do seu salvador.

Charmolue ficou estupefacto, e os carrascos e toda a escolta. Efetivamente no recinto de Nossa Senhora a condenada era inviolável. A catedral era um lugar

de refúgio. Toda a justiça humana expirava no limiar.

Quasimodo parara sobre a grande portaria. Os seus largos pés pareciam tão sólidos sobre o pavimento da igreja como os seus pesados pilares romanos. A sua grande cabeça cabeluda enterrava-se-lhe nos ombros como as dos leões que também têm juba e não têm pescoço. Conservava a pobre rapariga toda palpitante, suspensa das suas mãos calosas, como uma roupagem branca, mas pegava-lhe com tanta precaução que parecia recear quebrá-la ou murchá-la. Dir-se-ia que sentia que aquilo era uma coisa delicada, mimosa, de preço, feita para outras mãos que não as suas. Por momentos parecia não se atrever a tocá-lhe, nem mesmo com o hálito. Depois, de repente, apertava-a com efusão nos braços, sobre o seu peito anguloso, como o seu bem, o seu tesouro, como faria a mãe daquela criança. O seu olho de gnomo, pousado nela, inundava-a de ternura, de dor e de compaixão, e levantava-se subitamente, cheio de relâmpagos.

Então as mulheres riam e choravam, a multidão tripudiava de entusiasmo, porque nesse momento Quasimodo tinha verdadeiramente a sua beleza. Estava belo, aquele órfão, aquele exposto, aquele desprezado; sentia-se augusto e forte, olhava em frente aquela sociedade de que fora expulso, e na qual tão potentemente intervinha, aquela justiça humana a que arrancara a presa, todos aqueles tigres obrigados a mastigar em seco, aqueles esbirros, aqueles juizes, toda essa força do rei que ele acabava de aniquilar, ele, o mais pequeno de todos, com a força de Deus.

E depois era coisa para comover essa proteção dispensada por um ente tão disforme a um ente tão desventurado, uma condenada à morte, salva por Quasimodo. Eram as duas misérias extremas da natureza e da sociedade que se tocavam e mutuamente se ajudavam.

Depois de alguns minutos de triunfo, Quasimodo internara-se bruscamente na igreja com o seu fardo. O povo, amante de proezas, buscava-o com os olhos, pela sombria nave, sentindo que tão depressa se furtasse às aclamações. De repente viram-no aparecer numa das extremidades da galeria dos reis de França; atravessou-a correndo como um insensato, elevando a sua conquista nos braços e bradando: — Asilo! — A multidão rompeu de novo em aplausos. Percorrida a galeria, mergulhou de novo no interior da igreja. Um momento depois reapareceu sobre a plataforma superior, sempre com a cigana nos braços, sempre a correr como um doido, sempre a bradar: — Asilo! — E a multidão aplaudia. Finalmente fez uma terceira aparição sobre a torre do bordão, daí pareceu mostrar com orgulho a toda a cidade aquela que ele tinha salvo, e a sua voz de trovão, essa voz que tão raras vezes se ouvia e que ele pela sua parte nunca ouvia, repetiu três vezes com frenesim, até às nuvens: — Asilo! Asilo!

Asilo!

— Viva! Viva! — gritava o povo pela sua parte; e aquela imensa aclamação ia fazer admirar sobre a outra margem a multidão que estacionava na Greve e a reclusa, sempre à espera, com os olhos fitos na força.

Livro nono

I. Febre

Cláudio Frollo já não estava em Nossa Senhora, quando o seu filho adotivo tão inesperadamente cortava o nó fatal onde o desventurado arceidiago prendera a cigana e a si próprio se prendera. Entrando na sacristia, arrancara a alva, a capa de asperges e a estola, atirara tudo às mãos do bedel estupefacto, saíra pela porta escusa do claustro, ordenara a um barqueiro do Terrain que o transportasse à margem esquerda do Sena, e embrenhara-se nas ruas montuosas da Universidade, não sabendo onde ia, encontrando a cada passo ranchos de homens e de mulheres que se dirigiam alegremente para a ponte São Miguel na esperança de *chegar ainda a tempo* de ver enforcar a feiticeira, pálido, desvairado, mais inquieto, mais cego, mais feroz que uma ave noturna solta e perseguida pelo rapazio em pleno dia. Não sabia mais onde estava, que pensava, o que imaginava. Ia, caminhava, corria, tomando ao acaso qualquer rua, não escolhendo, somente sempre impelido para a frente pela Greve, pela horrível Greve que confusamente sentia por detrás de si.

Costeou assim a montanha de Santa Genoveva, e saiu por fim da cidade pela porta de São Vitor. Continuou a fugir, enquanto podia, ao voltar-se, ver o recinto das Torres da Universidade e as raras casas do arrabalde; mas quando um acidente do terreno lhe tirou inteiramente a vista daquela odiosa Paris, quando se pôde julgar a cem léguas de distância, nos campos, num deserto, parou e pareceu-lhe que respirava.

Então ideias medonhas se lhe atropelaram no espírito. Viu claro na sua alma e estremeceu. Pensou na desventurada rapariga que o tinha perdido e a quem ele tinha perdido. Correu com um olhar desvairado a dupla via tortuosa que a fatalidade fizera seguir aos seus dois destinos, até ao ponto de intersecção em que impiedosamente os despedaçava um contra o outro. Mergulhou-se de belo prazer nos maus pensamentos, e quanto mais com eles se deliciava mais sentia explodir em si uma gargalhada de Satanás.

E cavando assim na alma, quando viu que larga ferida a natureza lá preparara às paixões, mais amargamente ainda sorriu. Agitou no fundo do coração todo o seu ódio, toda a sua malvez e reconheceu com o frio olhar de um médico que examina um doente, que esse ódio, essa malvez eram apenas amor viciado; que o amor, essa origem de toda a virtude no homem, se transformava em coisas horríveis num coração de padre, e que um homem constituído como ele, fazendo-se padre, fazia-se demónio. Então viu medonhamente e de repente empalideceu, ao considerar no lado mais sinistro da

sua fatal paixão, desse amor corrosivo, venenoso, odiento, implacável, que levava uma à forca, o outro, ao inferno: ela, condenada, ele maldito.

E depois voltou-lhe o riso ao lembrar-se que Febo estava vivo, que afinal de contas o capitão vivia, estava satisfeito, contente, tinha mais que nunca belos uniformes e uma nova amante que levava a ver enforcar a antiga. E o riso aumentou quando refletiu, que dos entes vivos a quem desejaria a morte, a cigana, a única criatura que ele não odiava, era a única que não escapava.

Do capitão, o seu pensamento passou ao povo e acometeu-o um ciúme de uma espécie inaudita. Lembrou-se que o povo também, todo o povo tinha tido à vista a mulher que ele amava, em camisa, quase nua. Torceu os braços ao pensar que aquela mulher, cujas formas entrevistas na sombra por ele só teria sido a felicidade suprema, tinham sido expostas, em pleno dia, a um povo inteiro, vestida como para uma noite de volúpia. Chorou de raiva sobre todos aqueles mistérios de amor, profanados, manchados, denudados, emurchecidos para sempre. Chorou de raiva ao imaginar quantos olhares imundos tinham transposto aquela camisa mal presa e como aquela bela criança, aquele lírio virgem, aquela taça de pudor e delícias que só tremendo se atreveria a aproximar aos lábios, acabava de ser transformada em uma espécie de escudela pública, onde a mais vil população de Paris, ladrões, mendigos, lacaios, tinham vindo beber em comum um prazer impudente, impuro, depravado.

E quando procurava fazer uma ideia da felicidade que ele poderia encontrar na terra, se ela não fosse cigana e se ele não fosse padre, se Febo não existisse e se ela o tivesse amado; quando imaginava que uma vida de serenidade e de amor também seria possível para ele, que havia naquele mesmo momento aqui e ali, sobre a terra, casais felizes perdidos em longos devaneios sob os laranjais, à beira dos regatos em presença de um Sol poente, de uma noite cheia de estrelas, e que se Deus quisesse, ele teria podido ser com ela um desses casais abençoados, o coração desfazia-se-lhe em ternura e em desespero.

Oh! Ela, sempre ela! Era a ideia fixa que o não abandonava, que o torturava, que lhe mordida o cérebro e lhe torcia as entranhas. Não tinha pesar; não se arrependia; tudo o que tinha feito, estava pronto a fazê-lo outra vez; antes queria vê-la nas mãos do carrasco do que nos braços do capitão. Mas sofria e sofria tanto, que arrancava punhados de cabelo para ver se não tinha embranquecido.

Houve um momento entre outros em que lhe veio ao espírito que era talvez aquele o momento em que a hedionda cadeia que ele tinha visto pela manhã, apertava o seu nó de ferro à volta daquele pescoço tão gracioso. Este pensamento

fez-lhe rebentar o suor de todos os poros.

Houve um outro momento em que, sempre rindo diabolicamente a seu respeito, imaginou a um tempo a Esmeralda como a vira no primeiro dia, viva, descuidosa, alegre, adornada, alada, harmoniosa, dançando, e a Esmeralda do último dia, em camisa e de corda ao pescoço, subindo lentamente com os pés nus, a escada angulosa da forca; imaginava este duplo quadro de tal modo que soltou um grito terrível.

Enquanto esta tempestade de desespero destruía, quebrava, arrancava, desenraizava tudo na sua alma, olhou para a natureza em roda de si. Aos seus pés, algumas galinhas remexiam às bicadas, as urzes; os escaravelhos esmaltados corriam ao sol; por cima da sua cabeça alguns grupos de nuvens de um pardo encarneirado fugiam num céu azul; no horizonte, a flecha da abadia de São Vítor furava a curva do outeiro com o seu obelisco de ardósia; e o moleiro do monte Copeaux olhava assobiando para as laboriosas velas do seu moinho. Toda aquela vida ativa, organizada, tranqüila, reproduzida à volta dele sob mil formas, fez-lhe mal. Recomeçou a fugir.

Correu assim através dos campos até à tarde. Aquele fugir da natureza, da vida, de si próprio, de tudo, durou todo o dia. Algumas vezes atirava-se de cara para o chão e arrancava com as unhas os trigos mal crescidos. Outras vezes parava em alguma rua de qualquer aldeia deserta e os seus pensamentos eram-lhe tão insuportáveis que agarrava na cabeça com as duas mãos e procurava arrancá-la dos ombros para a despedaçar contra o chão.

Mas a visão estava nele.

Quando entrou nas ruas, os transeuntes que se acotovelavam à claridade das portas das lojas, faziam-lhe o efeito de uma eterna dança de espelhos à roda dele. Sentia nos ouvidos ruídos estranhos; perturbavam-lhe o espírito extraordinárias fantasias. Não via nem casas, nem ruas, nem homens, nem mulheres, mas uns cabos de objetos indeterminados que se fundiam pelas extremidades uns aos outros.

Desvairado, não sabia para onde ia. Ao cabo de algum tempo viu-se na ponte de São Miguel. Havia luz numa Janela do rés do chão; aproximou-se. Através de um vidro rachado, viu uma sala sórdida, que despertou uma confusa lembrança no seu espírito. Nesta sala mal iluminada por uma magra lâmpada, havia um rapaz louro e fresco, de rosto jovial, que abraçava, com grandes gargalhadas, uma rapariga muito impudentemente vestida e perto da lâmpada via-se também uma velha que fiava.

E o rapaz ria e acariciava a rapariga. A velha era a Falourdel; a rapariga, era da vida airada; o rapaz, era seu irmão Jehan.

Continuou a observar.

Viu Jehan chegar a uma janela que havia no fundo da sala, abri-la, olhar para o cais, onde brilhavam ao longe mil janelas iluminadas e ouviu-o dizer fechando a janela:

— Pela minha alma! É já noite. Os burgueses acendem as suas velas e o bom Deus as suas estrelas.

Depois Jehan dirigisse para a marafona, e quebrou uma garrafa que estava sobre uma mesa, berrando:

— Já vazia, com um raio de diabos! E não tenho mais dinheiro! Isabeau, minha amiga, não serei mais amigo de Júpiter enquanto ele não transformar essas tuas lindas e brancas tetas em duas garrafas pretas por onde eu sugue, dia e noite, vinho de Beaunc.

Esta bela graça fez rir a perdida e Jehan saiu.

Dom Cláudio apenas teve tempo de se atirar ao chão, para não ser encontrado, visto de frente e reconhecido pelo irmão. Felizmente a rua estava escura e o estudante ébrio. Descobriu no entanto o arcediago deitado na rua, na lama.

— Oh! Oh! — disse ele — Aqui está um que levou hoje vida alegre.

E mexeu com o pé em Cláudio, que nem respirava sequer.

— Completamente bêbedo — continuou Jehan. — Vamos, é porque está cheio. Uma verdadeira sanguessuga que se despegou de um tonel. É calvo — acrescentou baixando-se — é um velho! *Fortunato senex!*

Depois Dom Cláudio ouviu que se afastava, dizendo:

— É o mesmo, o juízo é uma bonita coisa, e meu irmão arcediago é bem feliz por ser sábio e ter dinheiro.

O arcediago levantou-se então e correu de um fôlego para Nossa Senhora, cujas enormes torres via surgir na sombra por cima das casas.

Na ocasião em que chegou todo ofegante à praça do adro, recuou e não

ousou levantar os olhos para o funesto edifício.

— Oh! — disse ele em voz baixa — É então bem verdade que tal coisa se passou aqui, hoje, esta mesma manhã?

No entanto arriscou-se a olhar para a igreja. A fachada estava escura. Por detrás as estrelas cintilavam no céu. O crescente da Lua que acabava de surgir no horizonte, parara naquele momento no cume da torre da direita e parecia ter-se empoleirado, como uma ave luminosa, na borda da balaustrada vazada em trevos negros.

A porta do claustro estava fechada, mas o arcediogo trazia sempre consigo a chave da torre onde tinha o laboratório. Serviu-se dela para entrar na igreja.

Encontrou ali uma escuridão e um silêncio de caverna. Pelas grandes sombras que caíam da todos os lados em largos panos, reconheceu que a armação da cerimónia de pela manhã ainda não tinha sido retirada. A grande cruz de prata cintilava no fundo das trevas, salpicada de alguns pontos luminosos, como a via-láctea daquela noite de sepulcro. As longas janelas do coro mostravam por cima dos panos pretos a extremidade superior das suas ogivas, cujas vidraças, atravessadas por um raio de lua, tinham as cores duvidosas da noite, uma espécie de violeta, de branco-azul, cor que apenas se encontra no rosto dos mortos. O arcediogo, ao ver à volta do coro aquelas descoradas pontas de ogivas, julgou ver mitras de bispos condenados. Fechou os olhos e quando os abriu, pensou que era um círculo de rostos pálidos que o estavam a olhar.

Largou a fugir através da igreja. Pareceu-lhe então que toda a igreja também se mexia, se animava e vivia; que cada uma das grossas colunas se transformava numa pata enorme que batia no chão com a sua larga espátula de pedra e que a gigantesca catedral não era mais do que uma espécie de elefante prodigioso, que respirava e caminhava com os pilares por pés, as duas torres por trombas, e os imensos panos pretos por caparazão.

Assim, a febre ou loucura tinha chegado a um tal grau de intensidade que o mundo exterior não era para o desventurado senão uma espécie de apocalipse, visível, palpável e medonho.

Ficou por momentos alucinado. Caminhando pelas naves laterais, avistou, por detrás dum maciço de pilares, um clarão avermelhado. Correu para ele como para uma estrela. Era a pobre lâmpada que iluminava dia e noite o breviário público de Nossa Senhora, guardado pela grade de ferro. Lançou-se avidamente sobre o livro santo na esperança de aí encontrar alguma consolação ou algum conforto. O livro estava aberto nesta passagem de Job, sobre o qual se

lhe fixaram os olhos:

« E um espírito passou por diante do meu rosto; senti um pequeno sopro e os cabelos das minhas carnes se arrepiaram.»

Com esta lúgubre leitura sentiu o que sente o cego que se molesta com o cajado que apanhou. Dobraram-se-lhe os joelhos, deixou-se cair sobre o pavimento lembrando-se daquela que tinha morrido durante o dia.

Parece que ficou longo tempo nesta posição, sem pensar, quebrado e passivo sob a mão do demónio. Afinal sobreveio-lhe alguma força. Lembrou-se de se ir refugiar na torre ao pé do seu fiel Quasimodo. Levantou-se, e, como tinha medo, tomou para se alumiar a lâmpada do breviário.

Subiu lentamente a escada das torres.

De repente sentiu alguma frescura no rosto e achou-se à porta da galeria mais alta. O ar estava frio; pelo céu corriam nuvens, cujas vagas brancas se estendiam umas sobre as outras. O crescente da Lua encalhado no meio das nuvens, assemelhava-se a um navio celeste posto nesses gelos do ar.

Baixou a vista e contemplou um instante por entre a grade de colunatas que une as duas torres, ao longe, através de fumos e de nevoeiros, a multidão silenciosa dos telhados de Paris, agudos, inumeráveis, comprimidos e pequenos como as ondas dum mar tranquilo numa noite de verão.

A Lua projetava uma fraca claridade que dava ao céu e à terra um tom de cinza.

Nesta ocasião o relógio fez ouvir a sua voz aguda. Dava meia-noite. O padre lembrou-se do meio-dia.

— Ah! — murmurou — Deve estar fria agora!

De repente uma rajada de vento apagou a lâmpada e quase ao mesmo tempo ele viu aparecer, no ângulo oposto da torre, na sombra, uma brancura, uma forma, uma mulher. Estremeceu. Ao lado dessa mulher havia uma cabrinha que juntava o seu balido ao último balido do relógio.

Ele teve a força de olhar. Era ela.

Estava pálida, sombria. Os cabelos caíam-lhe sobre os ombros como pela manhã; já não tinha corda ao pescoço nem mãos ligadas; estava livre, estava morta.

Vestia de branco e tinha um véu branco na cabeça.

Encaminhava-se também para ele lentamente, fitando o céu. Seguia-a a cabra sobrenatural. Ele sentiu-se de pedra e muito pesado para fugir. Cada passo que ela dava para a frente, dava ele um para trás. Entrou assim na abóbada escura da escada. Gelava-o a ideia de que ela talvez lá entrasse também; se ela o fizesse ele morreria de terror.

Ela chegou efetivamente em frente da porta da escada e parou alguns instantes. Olhou fixamente na sombra, mas sem nela parecer ver o padre e seguiu. Pareceu-lhe maior de que quando vivia; viu a Lua através do seu vestido branco.

Quando ela passou, começou ele a descer a escada com o mesmo vagar que vira ao espetro, julgando-se ele próprio espetro, desvairado, os cabelos em pé, não largando da mão a lâmpada apagada; e ao descer os degraus em espiral, sentia distintamente soar-lhe aos ouvidos uma voz que ria e lhe repetia.

« E um espírito passou por diante do meu rosto: senti um pequeno sopro e os cabelos das minhas carnes se arrepiaram. »

II. Corcunda, cego dum olho, coxo

Todas as cidades na Idade Média, e até Luís XII todas as cidades de França, tinham os seu lugares de asilo. Esses lugares de asilo, no meio do dilúvio de leis penais e de jurisdições bárbaras que inundavam a cidade, eram espécie de ilhas que se elevavam acima da justiça humana. Todo o criminoso que lá abordasse, estava salvo. Havia numa comuna quase tantos lugares de asilos como patibulares. Era o abuso da impunidade, ao lado do abuso dos suplícios, duas coisas más que procuravam corrigir-se uma pela outra. Os palácios dos reis, as residências dos príncipes, as igrejas sobretudo, tinham direito de asilo. Por vezes até de uma cidade inteira que era preciso repovoar se fazia temporariamente um lugar de refúgio. Luís XI fez Paris asilo em 1467.

Posto o pé no asilo, o criminoso era sagrado, mas era preciso que se guardasse de sair de lá; um passo fora do santuário e tornava a cair na onda. A roda, a forca, a polé faziam vigilante sentinela à volta do lugar do refúgio e espreitava sem cessar a sua presa como os tubarões à roda de um navio. Viam-se condenados que embranqueciam assim num claustro, na arcada de um palácio, na cultura de uma abadia, num pórtico de igreja. Deste modo o asilo era uma pousada como qualquer outra. Havia à volta dos refúgios um tal respeito, que, no dizer da tradição, até por vezes o demonstravam os animais. Aymoin conta que um veado, perseguido por Dagoberto, tendo-se refugiado perto do túmulo de São Dinis, a matilha estacou toda, ladrando.

As igrejas tinham de ordinário um aposento preparado para receber os suplicantes.

Em Nossa Senhora, era uma cela estabelecida sobre os cumes das naves laterais.

Foi aí que depois da sua corrida desenfreada e triunfal sobre as torres e as galerias, Quasimodo depôs Esmeralda. Enquanto esta corrida durou, a desventurada não tinha podido recuperar os sentidos, meio adormecida, meio desperta, não sentindo mais nada senão que subia para o ar, que aí flutuava, que aí voava, que alguma coisa a levava para mais além que a terra. De tempos a tempos, ouvia as gargalhadas, a voz ruidosa de Quasimodo; entreabria então os olhos: então abaixo dela via confusamente Paris marchetada pelos seus mil telhados de ardósia e telhas como um mosaico vermelho e azul, por cima da sua cabeça o rosto medonho e alegre de Quasimodo. Cerraram-se-lhe as pálpebras: pensava que tudo estava acabado, que a tinham executado durante o seu desmaio

e o disforme espírito que tinha presidido ao seu destino a tinha agarrado e a levava. Não se atrevia a olhar para ele e deixava-se ir.

Mas quando o sineiro esguedelhado e ofegante a depôs na cela do refúgio, quando lhe sentiu as grossas mãos desatar docemente a corda que lhe magoava os braços, ela sentiu essa espécie de abalo que desperta em sobressalto os passageiros dum navio que bate, no meio de uma noite escura. Despertaram-se-lhe também os pensamentos e voltaram-lhe um a um. Via que estava em Nossa Senhora: lembrou-se de ter sido arrancada das mãos do carrasco; que Febo estava vivo, que Febo não a amava; e estas duas ideias das quais uma tanto amargura vazava na outra, apresentaram-se juntas à pobre condenada, que se voltou para Quasimodo, que se conservava de pé diante dela, e lhe fazia medo e disse-lhe:

— Porque me salvaste?

Ele fitou-a com ansiedade como procurando adivinhar o que ela dizia. Ela repetiu a pergunta. Ele então lançou-lhe um olhar profundamente triste e fugiu.

Esmeralda ficou admirada.

Alguns momentos depois, ele voltou trazendo uma trouxa que lhe arremessou aos pés. Eram vestidos que umas caridosas mulheres tinham vindo depor para ela no limiar da igreja.

Então, correu os olhos por si, viu-se quase nua e corou. Voltava à vida.

Quasimodo pareceu sofrer alguma coisa desse pudor. Cobriu o seu único olho com a larga mão e afastou-se mais uma vez, mas a passos lentos.

Ela deu-se pressa em se vestir. Era um hábito branco com um véu também branco. Um hábito de noviça da misericórdia.

Mal acabava quando viu voltar Quasimodo que trazia um cesto debaixo de um braço e uma enxerga debaixo do outro. Havia no cesto uma garrafa, pão e algumas provisões. Pousou o cesto no chão e disse: Comei. Estendeu a enxerga no lajedo e disse: Dormi.

Era o seu próprio repasto, era o seu próprio leito que o sineiro tinha ido buscar.

A cigana alçou os olhos para lhe agradecer mas não pôde articular uma palavra. O pobre diabo era verdadeiramente horrível. Ela baixou a cabeça

estremecendo de medo.

Então ele disse-lhe:

— Faço-vos medo. Sou muito feio, não verdade? Não olheis para mim: ouvi-me só. De dia, ficareis aqui; de noite, podeis passear por toda a igreja. Mas não saiais nem de dia, nem de noite. Estarieis perdida. Matar-vos-iam e eu morreria.

Comovida, levantou a cabeça para lhe responder. Ele tinha desaparecido. Viu-se só pensando nas palavras singulares daquele ente quase monstruoso, e impressionada pelo som da sua voz, que era tão rouco, mas doce.

Depois examinou a cela. Era uma quadra de alguns seis pés quadrados com um pequeno postigo e uma porta sobre o plano ligeiramente inclinado do telhado de pedras planas. Algumas goteiras com figuras de animais pareciam inclinar-se à volta dela e estender o pescoço para espreitarem pelo postigo. Da beira do telhado via o cimo de mil chaminés que faziam subir aos seus olhos o fumo de todos os lumes de Paris. Triste espetáculo para a triste cigana, abandonada, condenada à morte, criatura desventurada, sem pátria sem família, sem lar.

No momento em que a lembrança do seu isolamento lhe aparecia assim, mais pungente que nunca, sentiu uma cabeça felpuda esfregar-se-lhe pelas mãos e pelos joelhos. Estremeceu (tudo agora a assustava) e olhou. Era a pobre cabra, a ágil Djali, que corraera atrás dela, na ocasião em que Quasimodo dispersara a escolta do Charmolue e que se expandia em carícias aos seus pés, havia perto de uma hora, sem que lograsse obter sequer um olhar. A cigana cobriu-a de beijos.

— Oh! Djali — dizia ela — eu tinha-te esquecido! Lembras-te então sempre de mim! Não és ingrata, não!

Ao mesmo tempo, como se uma mão invisível soerguesse o peso que havia tanto tempo lhe comprimira as lágrimas no coração, desfogou em pranto e, à medida que as lágrimas corriam, sentia que nelas se diluía o que na sua dor havia de mais amargo.

Terminado o dia, a noite pareceu-lhe tão bela e a Lua tão meiga que deu uma volta pela alta galeria que cerca a igreja. Sentiu com isso algum alívio, tanto a terra lhe pareceu sossegada, vista daquelas alturas.

III. Surdo

No dia seguinte pela manhã descobriu ao despertar, que tinha dormido. Admirou-a este facto singular. Já havia tanto tempo que se desabituara de dormir! Um alegre raio de sol nascente entrava pelo postigo e vinha beijar-lhe o rosto. Ao mesmo tempo que o sol viu nesse postigo um objeto que a encheu de medo: era o desventurado rosto de Quasimodo. Involuntariamente fechou os olhos, mas de balde; parecia estar sempre a ver através das suas pálpebras cor de rosa aquela máscara de gnomo, cego dum olho, com os dentes de fora. Então, conservando sempre os olhos fechados, ouviu uma voz rude que dizia com muita meiguice:

— Não tenhais medo. Sou vosso amigo. Tinha vindo ver-vos dormir. Que eu venha ver-vos dormir não vos faz mal, não é verdade? Que vos faz que esteja aqui quando tendes os olhos fechados? Agora vou-me embora. Vede, pus-me por detrás do muro. Podeis abrir os olhos.

Havia alguma coisa de mais lastimoso ainda do que estas palavras; era o tom com que eram pronunciadas. A cigana comovida abriu os olhos. Efetivamente já não estava no postigo. Encaminhou-se para o postigo e viu o pobre corcunda agachado num canto da parede, numa atitude dolorosa e resignada. Ela fez um esforço para vencer a repugnância que ele lhe inspirava.

— Aproximai-vos — disse-lhe docemente. Pelo movimento dos lábios da cigana, Quasimodo julgou que ela o expulsava; então levantou-se e foi-se embora coxeando lentamente com a cabeça baixa, sem mesmo ousar erguer sobre Esmeralda um olhar cheio de desesperança. — Vinde cá — gritou ela. Mas ele continuou a afastar-se. Então a cigana saindo fora da cela, correu para ele e agarrou-o por um braço. Ao sentir-se tocado por ela, Quasimodo tremeu por todo o corpo. Alçou o seu olho suplicante e vendo que ela o trazia para junto de si, todo o seu rosto se tornou radiante de alegria e ternura. Quis que ele entrasse na cela, mas ele teimou em ficar à porta.

— Não, não — disse ele — o mocho não entra no ninho da calhandra.

Então ela reclinou-se graciosamente sobre a cama com a cabra adormecida aos pés. Ambos ficaram alguns instantes imóveis, considerando em silêncio, ele, tanta graça, ela tanta fealdade. A cada momento descobria em Quasimodo alguma disformidade mais. O seu exame passava dos joelhos cambaios à corcunda, da corcunda ao seu único olho. Ela não podia compreender a

existência de um ente tão esquerdamente constituído. No entanto havia espalhada sobre tudo aquilo tanta tristeza e doçura que ela começava a afazer-se.

Foi ele o primeiro a quebrar o silêncio.

— Dizeis-me então que voltasse?

A cigana fez com a cabeça um sinal afirmativo, dizendo:

— Dizia.

Quasimodo, compreendeu o sinal de cabeça.

Suplicante, disse como hesitando terminar:

— É que eu... sou surdo!

— Pobre homem! — exclamou a cigana com uma expressão de benévola piedade.

Ele pôs-se a sorrir dolorosamente.

— Achais que apenas me faltava isso, não é assim? Sim, sou surdo. É assim que sou feito. É horrível, não é verdade? E vós sois tão bela!

Havia nas palavras do miserável um sentimento tão profundo da sua miséria que ela não teve força de lhe dizer uma palavra. E depois ele não a ouviria. Quasimodo continuou:

— Nunca vi a minha fealdade como agora. Quando me comparo convosco, tenho compaixão de mim, pobre desgraçado monstro que eu sou! Devo fazer-vos o efeito de um animal, dizei. Vós, vós sois um raio de sol, uma gota de orvalho, um canto de ave! Eu, eu sou alguma coisa de medonho, nem homem, nem animal, um não sei quê mais duro, mais calcado aos pés e mais disforme que um seixo!

Aqui pôs-se a rir e esse riso era o que há de mais lancinante no mundo. Depois continuou:

— Sim, sou surdo, mas falar-me-eis por gestos, por sinais. Tenho um amo que fala comigo desse modo. E depois eu saberei bem depressa a vossa vontade pelo movimento dos vossos lábios; pelos vossos olhos.

— Pois bem! — disse ela sorrindo — Diz-me porque me salvaste!

Ele olhou-a atentamente enquanto falava.

— Compreendi — respondeu. — Perguntais-me porque vos salvei. Esqueceste-vos de um miserável que tentou raptar-vos uma noite, um miserável a quem mesmo no dia seguinte socorrestes no seu infame pelourinho. Uma gota da água e uma pouca de compaixão, aí tendes mais do que eu pagarei com a minha vida. Vós esqueceste-vos desse miserável; ele lembrou-se.

Esmeralda ouvia-o com profundo enternecimento. No olho do sineiro rolava uma lágrima, que não caiu. Parece que fez uma espécie de ponto de honra em a devorar.

— Ouvi — continuou ele, não receando já que essa lágrima se escapasse — temos aqui torres bem altas; um homem que delas caísse morreria antes de chegar ao chão; quando vos aprouver que eu delas caia, nem sequer precisais de dizer uma palavra, bastará um olhar.

E levantou-se. Aquele ente extravagante, por desventurada que fosse a cigana, despertava ainda nela alguma compaixão. Fez-lhe sinal de ficar.

— Não, não — disse ele — não devei ficar mais tempo. Não estou à minha vontade. É por compaixão que não desvíais os olhos. Vou para alguma parte de onde vos verei sem que me vejais; será melhor.

Tirou do bolso um pequeno assobio de metal.

— Tomai — disse ele — quando precisardes de mim, quando quiserdes que eu venha, quando vos não horrorizardes em me ver, servi-vos deste assobio. Ouço-lhe o som.

Pousou o assobio no chão e fugiu.

IV. Barro e cristal

Sucederam-se os dias.

O sossego voltava a pouco e pouco à alma da Esmeralda. O excesso da dor, como o excesso da alegria, é coisa violenta que pouco dura. O coração não pode permanecer muito tempo numa extremidade. A cigana tinha sofrido tanto que do sofrimento apenas lhe restava a admiração. Com o sossego, voltara-lhe a esperança. Estava fora da sociedade, fora da vida, mas vagamente sentia que não lhe seria impossível para lá reentrar. Era como uma morte que tivesse de reserva uma chave do seu túmulo.

Sentia afastarem-se dela a pouco e pouco as imagens terríveis que por tanto tempo a obcecaram. Todos os fantasmas hediondos, Pierrat, Torterue, Jacques Charmolue, se desvaneciam no seu espírito, todos, até o próprio padre.

E depois, Febo vivia; tinha disso a certeza, tinha-o visto. A vida de Febo era tudo. Depois da série de abalos fatais que tudo tinham feito desabar nela, só encontrara de pé na sua alma, uma coisa, um sentimento, o seu amor pelo capitão. É que o amor é como uma árvore: rebenta por si próprio, crava profundamente as raízes em todo o nosso ser e continua muitas vezes a verdejar sobre um coração em ruínas.

O que é inexplicável, é que quanto mais cega é essa paixão, mais tenaz é também. Nunca é tão sólida como quando não tem razão em si.

Sem dúvida que a Esmeralda não pensava sem amargura no capitão. Sem dúvida era horroroso que ele fosse também enganado, que julgasse possível uma coisa impossível, que tivesse podido admitir uma punhalada vibrada por quem daria mil vidas por ele. Mas afinal não devia querer-lhe muito mal por isso; não confessara ela *o seu crime*? Não cedera, fraca mulher, à tortura? Toda a culpa era dela. Deveria... ter deixado arrancar as unhas antes do que uma tal palavra. Visse ela Febo uma única vez, um só instante, que bastaria uma palavra, um olhar, para o desenganar, para o convencer. Não tinha dúvida alguma em tal. Assim se enganava também sobre muitas coisas, sobre o acaso da presença de Febo no dia do perdão, sobre a mulher com quem ele estava. Era decerto sua irmã. Desarrazoada explicação, mas com que ela se contentava porque tinha necessidade de acreditar que Febo continuava a amá-la e que só a ela amava. Não lho tinha ele jurado? De que precisava ela mais, ingénua e crédula como era? E depois naquela contingência não eram as aparências bem mais contra ela

do que contra ele? Aguardava pois. Tinha esperança.

Acrescentemos que a igreja, essa vazia igreja que a cercava por todos os lados, que a guardava, que a salvava era de per si um soberano calmante.

As linhas solenes daquela arquitetura, a atitude religiosa de todos os objetos que rodeavam a pobre rapariga, os pensamentos piedosos e serenos que ressaltavam, por assim dizer, de todos os poros daquela pedra, tinham influência sobre ela mesmo sem que a desventurada se apercebesse.

Por isso, cada sol nascente a vinha achar mais sossegada, respirando melhor, menos pálida. Ao passo que as chagas interiores se lhe fechavam, a graça e a beleza refloriam-lhe sobre o rosto, mas mais recolhidas, mais em repouso. Voltava-lhe também o seu antigo caráter, alguma coisa mesmo da sua alegria, o seu lindo trejeito, o amor pela sua cabra, o gosto de cantar, o pudor. Tinha o cuidado de se vestir pela manhã a um canto do seu cubículo com medo de que algum habitante das trapeiras vizinhas a visse pelo postigo.

Quando o pensamento de Febo o consentia, a cigana pensava algumas vezes em Quasimodo. Era o único laço, a única relação, a única comunicação que lhe restava com os homens, com os vivos. Desgraçada! Estava mais fora do mundo que Quasimodo. Não compreendia nada do estranho amigo que o acaso lhe dera. Muitas vezes a si própria se censurava por não ter um reconhecimento que lhe fechasse os olhos, mas decididamente não se podia acostumar com o pobre sineiro. Era feio de mais.

Ela não levantara do chão o assobio que ele lhe dera. Isso não impedia que Quasimodo nos primeiros dias reaparecesse de tempos a tempos. Fazia diligência para se não voltar com muita repugnância quando ele lhe trazia o cesto dos mantimentos ou a infusa de água, mas ele descobria sempre o menor movimento deste género e então retirava-se tristemente.

Uma vez apareceu na ocasião em que ela estava acariciando Djali. Ficou alguns momentos pensativo diante do grupo gracioso da cabra e da cigana; por fim disse meneando a cabeça pesada e mal feita:

— A minha desgraça é parecer-me ainda muito com um homem. Queria antes ser um animal, como essa cabra.

Ela ergueu sobre ele um olhar atônito.

Quasimodo respondeu a este olhar:

— Oh! Bem sei porquê!

Uma outra vez apresentou-se à porta da cela, onde nunca entrava, na ocasião em que a Esmeralda cantava a velha balada espanhola cujas palavras ela não compreendia, mas que lhe tinham ficado no ouvido, porque as ciganas com ela a tinham embalado em menina. À vista daquele feio rosto que aparecia bruscamente no meio da sua canção, Esmeralda interrompeu-se com um gesto de medo involuntário. O desventurado sineiro caiu de joelhos no limiar da porta e ergueu com ar suplicante as suas grossas mãos informes.

— Oh! — disse ele dolorosamente — Suplico-vos; continuai, não me expulsaes.

Não o queria ela afligir, e, toda trémula, continuou o seu romance. Gradualmente porém o medo se dissipou e deixou-se prender completamente pela impressão da ária melancólica e lânguida que estava cantando. Ele continuava de joelhos, com as mãos postas, como em oração, atento, mal respirando, o olhar fixo nas pupilas brilhantes da cigana. Dir-se-ia que era dos olhos que lhe ouvia a canção.

Uma outra vez dirigiu-se a ela com modo acanhado e tímido.

— Ouvi-me — disse ele com esforço — tenho alguma coisa a dizer-vos. — Ela fez-lhe sinal que o estava ouvindo. Então ele pôs-se a suspirar, entreabriu os lábios, pareceu por um momento prestes a falar, depois olhou para ela, fez um movimento negativo com a cabeça, e retirou-se lentamente, com a mão na testa, deixando a cigana estupefacta.

Entre as personagens grotescas esculpidas na parede havia uma a que ele era mais particularmente afeiçoado e com a qual parecia trocar muitas vezes olhares paternos. Uma vez a cigana ouviu-o a dizer:

— Oh! Porque não sou de pedra como tu?

Uma manhã, a Esmeralda tendo avançado até à extremidade do telhado, olhava para a praça por cima da cobertura aguçada de São João o Redondo. Estava também Quasimodo por detrás dela. Colocava-se assim para lhe poupar o mais possível o desprazer de o ver. De repente a cigana estremeceu, uma lágrima e um fulgor de alegria brilharam-lhe a um tempo nos olhos, ajoelhou-se na beira do telhado e estendeu os braços angustiada para a praça bradando:

— Febo! Vem cá! Vem cá! Uma palavra, uma única palavra, em nome do Céu! Febo! Febo! — A voz, o rosto, o gesto, toda a sua pessoa, tinham a

expressão lancinante do naufrago que faz sinal de socorro ao navio descuidado que passa ao longe num raio de sol do horizonte.

Quasimodo debruçou-se sobre a praça e viu que o objeto desta terna e delirante súplica era um moço, um capitão, um belo cavaleiro todo reluzente de armas e de adornos que passava caracoleando ao fundo da praça e saudava uma bela dama que lhe sorria da sua varanda. O oficial não podia ouvir a desventurada que o chamava; estava muito longe.

Mas o pobre surdo, esse ouvia. Um profundo suspiro fez-lhe arfar o peito; voltou-se; enchia-se-lhe o coração de todas as lágrimas que devorava. Com os seus punhos convulsos bateu rijo na cabeça e quando daí os tirou cada mão trouxe um punhado de cabelos avermelhados.

A cigana não lhe dava atenção alguma. Ele dizia em voz baixa rangendo os dentes:

— Maldição! Ali está como era preciso ser! Só é preciso ser belo, nada mais!

Ela continuava de joelhos e bradava com extraordinária agitação:

— Lá vai apear-se do cavalo! Vai entrar naquela casa! Febo! Já me não ouve! Febo! Como aquela mulher é má por lhe falar ao mesmo tempo do que eu! Febo! Febo!

O surdo olhava para ela. Compreendia aquela pantomima. O olho do pobre sineiro enchia-se de lágrimas, mas não deixava correr nenhuma. De repente puxou-lhe com brandura pela extremidade da manga. Ela voltou-se. Ele revestira-se de um ar tranquilo e disse-lhe:

— Quereis que vo-lo vá buscar?

Ela deu um grito de alegria.

— Oh! Quero! Vai! Corre! Depressa! Aquele capitão! Aquele capitão! Traz-mo! Amar-te-ei depois!

Ela abraçava-lhe os joelhos. Ele não pôde deixar de menear dolorosamente a cabeça.

— Vou trazer-vo-lo — disse em voz fraca. Depois voltou a cabeça e precipitou-se com passos largos pela escada, sufocado pelos soluços.

Quando chegou à praça nada mais viu que um belo cavalo preso à porta da residência dos Gondelaurier; o cavaleiro esse tinha entrado.

Olhou para o telhado da igreja. Lá estava Esmeralda, no mesmo lugar, na mesma postura. Fez-lhe tristemente um aceno com a cabeça, depois encostou-se a um marco do pórtico, resolvido a esperar que o capitão saísse.

Havia na residência dos Gondelaurier um desses dias de gala que precedem as núpcias. Quasimodo viu entrar muita gente e não sair ninguém. De tempos a tempos olhava para o telhado; a cigana não se movia mais do que ele. Um palafrenero veio desprender o cavalo e levou-o para a cavalariça da casa.

Passou-se assim o dia todo. Quasimodo sobre o marco, Esmeralda sobre o telhado. Febo, sem dúvida aos pés de Flor de Lis.

Chegou por fim a noite, uma noite escura. Quasimodo viu iluminar, de alto a baixo a fachada, as janelas da residência dos Gondelaurier, viu também iluminar-se, uma após outra, as restantes janelas da praça; viu-as também apagar-se até à última porque ficou toda a noite no seu posto.

As janelas da residência dos Gondelaurier tinham ficado iluminadas, mesmo depois da meia-noite. Quasimodo, imóvel e atento, via passar através das vidraças de mil cores uma multidão de sombras vivas e a dançar.

Pela uma hora da manhã, os convidados começaram a retirar-se. Quasimodo escondido pelas trevas, via-os passar a todos pelo pórtico iluminado. Nenhum era o capitão.

Mas um momento depois, um cavalo escarvava o chão no pórtico e o brilhante oficial embrulhado na sua capa de noite, passou rapidamente por diante de Quasimodo.

O sineiro deixou-o dobrar a esquina da rua, depois pôs-se a correr atrás dele com a agilidade de macaco gritando:

— Eh, capitão!

O capitão parou.

— Que me quer este patife? — disse ele ao avistar na sombra aquela espécie de figura derreada que corria para ele aos solavancos.

Quasimodo abeirara-se dele e lançara-lhe ousadamente a mão à rédea do cavalo:

— Segui-me, capitão; há alguém que vos quer falar.

— Com mil raios! — praguejou Febo — Já vi em algures este medonho morcego arrepiado. Olá, mestre, queres largar-me a rédea do cavalo?

— Capitão, não me perguntais quem?

— O que eu te digo é que me largues o cavalo — replicou Febo impacientando-se.

Quasimodo, longe de largar a rédea do cavalo dispunha-se a fazê-lo voltar para trás. Não podendo explicar-se a resistência do capitão, deu-se pressa em dizer-lhe:

— Vinde, capitão, é uma mulher que vos espera. — E acrescentou com esforço: — Uma mulher que vos ama.

— Grande velhaco, — disse o capitão — e quem me julga obrigado a ir a casa de todas as mulheres que me amam ou que o dizem. E por acaso parece-se contigo, cara de morcego? Diz a quem te manda que me vou casar.

— Ouvi! — insistiu Quasimodo pensando vencer com uma palavra a sua hesitação — Vinde, monsenhor! É a cigana que sabeis!

Esta palavra fez efetivamente uma grande impressão em Febo mas não a que o surdo esperava. Devem lembrar-se de que o nosso galante oficial se retirara com Flor de Lis alguns momentos antes que Quasimodo salvasse a condenada das mãos de Charmolue. Depois, em todas as suas visitas à casa dos Gondelaurier, acautelara-se bem em tornar a falar daquela mulher cuja lembrança, afinal, lhe era dolorosa, e, pela sua parte Flor de Lis não julgava de boa política dizer-lhe que a cigana vivia.

Febo julgava pois a nobre *Similar* morta e que isso sucedera havia já um ou dois meses.

— A cigana! — exclamou quase amedrontado — Visto isso, vens do outro mundo?

E levou a mão ao punho da adaga.

— Depressa, depressa — disse o surdo procurando levar o cavalo. — Por aqui.

Febo assentou-lhe um vigorosíssimo pontapé no peito.

O olho de Quasimodo cintilou. Fez um movimento para se atirar ao capitão. Depois disse, endireitando-se:

— Oh! Como sois feliz por terdes alguém que vos ame!

Sublinhou a palavra *alguém* e largando a rédea do cavalo:

— Ide-vos.

Febo esporeou o cavalo praguejando. Quasimodo ficou-se a vê-lo sumir-se nas sombras da rua.

— Oh! — dizia baixinho o pobre surdo — Recusar aquilo!

Entrou em Nossa Senhora, acendeu a lâmpada e subiu à torre. Como bem o julgara, a cigana conservara-se no mesmo lugar.

Logo que o avistou, correu para ele.

— Só! — exclamou juntando dolorosamente as suas belas mãos.

— Não o pude encontrar — disse friamente Quasimodo.

— Devas esperá-lo toda a noite — replicou ela encolerizada.

Ele viu esse gesto e compreendeu a censura.

— Vigia-lo-ei melhor para outra vez — disse baixando a cabeça.

— Vai-te embora — disse ela.

Deixou-a. Ela estava descontente com ele. Preferira ser maltratado a afligi-la. Guardara para si toda a dor.

A partir desse dia a cigana não o tornou a ver. Deixou de vir à sua cela. Quando muito, entrevia ela algumas vezes, no alto de uma torre, o rosto do sineiro melancolicamente fixado sobre ela. Logo que ela o descobria, ele desaparecia.

Devemos dizer que com esta ausência voluntária do pobre corcunda, pouco se afligia ela. No fundo do coração estimava-o até. Quasimodo, também não se iludia a tal respeito.

Esmeralda não o via, mas sentia a presença de um bom génio à roda de si. Os seus alimentos eram renovados por uma mão invisível durante o seu sono.

Uma manhã encontrou na sua janela uma gaiola de pássaros. Por cima da sua cela havia uma escultura que lhe fazia medo. Demonstrara-o mais de uma vez na presença de Quasimodo. Uma manhã (porque todas essas coisas se faziam de noite) não a viu, tinham-na quebrado. Quem trepara até àquela altura tinha arriscado a vida.

Algumas vezes, de noite, ouvia uma voz escondida por debaixo das anteparas do campanário, cantar, como para adormecer, uma canção triste e extravagante. Eram versos sem rimas, como um surdo pode fazer.

Uma manhã descobriu, quando acordou, sobre a janela dois vasos cheios de flores. Um era de cristal, belo e luzente, mas rachado. Deixara fugir a água de que o tinham enchido, e as flores que continha estavam murchas. O outro era um pote de barro, grosseiro e vulgar, mas que conservara toda a água e as flores frescas e vermelhas.

Não sei se foi intencionalmente, mas Esmeralda pegou no ramalhete murcho e trouxe-o todo o dia no seio.

Nesse dia não ouviu cantar a voz da torre.

Preocupou-se mediocrementemente com isso. Passava os dias a acariciar Djali, a espreitar a porta da casa dos Gondelaurier, a falar baixinho de Febo e a dar migalhas de pão às andorinhas.

Tinha completamente deixado de ver, deixado de ouvir Quasimodo. O pobre sineiro parecia ter desaparecido da igreja. No entanto, numa noite em que ela não dormia e pensava no seu belo capitão, ouviu suspirar perto da sua cela. Cheia de medo, levantou-se e viu à luz do luar uma massa informe deitada ao través da porta. Era Quasimodo que ali estava a dormir sobre a pedra.

V. A chave da porta vermelha

No entanto a voz pública tinha feito conhecer ao arcediogo de que milagrosa maneira a cigana fora salva. Quando isso soube não pôde explicar o que sentiu. Tinha-se conformado com a morte de Esmeralda. Por isso, estava tranquilo; chegara ao âmago da dor possível. O coração humano (dom Cláudio tinha meditado sobre este objeto) só pode conter uma certa quantidade de desespero. Quando a esponja está embebida, o mar pode passar-lhe por cima sem nela introduzir nem uma lágrima a mais.

Ora morta Esmeralda, a esponja estava embebida, tudo estava dito para dom Cláudio sobre a terra. Mas saber que estava viva e Febo também, eram as torturas que recomeçavam, os abalos, as alternativas, a vida. E dom Cláudio estava cansado de tudo isso.

Quando soube aquela notícia, encerrou-se na sua cela do claustro. Não apareceu nem às conferências capitulares, nem aos ofícios. Fechou a porta a todos, até ao próprio bispo. Ficou emparedado algumas semanas. Julgaram que estivesse doente. Estava efetivamente.

Que fazia ele assim fechado? Sob que pensamentos se debatia o infeliz? Empenharia com a sua terrível paixão uma última luta? Combinava um último plano de morte para ela e de perdição para ele?

O seu Jehan, o seu irmão querido, a sua criança amimada, veio uma vez à porta, bateu, jurou, suplicou, disse o seu nome dez vezes. Cláudio não abriu. Passava dias inteiros com o rosto colocado aos vidros da janela.

Dessa janela, situada no claustro, via o cubículo de Esmeralda; muitas vezes via-a a ela mesma com a cabra, e algumas vezes Quasimodo.

As suas noites eram medonhas.

A imaginação delirante representava-lhe a cigana em todas as atitudes que mais lhe tinham feito ferver as veias. Via-a estendida sobre o capitão apunhalado, com os olhos fechados, com o seu belo colo nu coberto do sangue de Febo, naquele momento de delícia, quando o arcediogo imprimira sobre os seus lábios pálidos o beijo que a desventurada, apesar de semimorta, sentira como uma queimadura. Tornava a vê-la despida pelas mãos selvagens dos verdugos, deixando pôr a nu e calçar no borzeguim com parafusos de ferro, a perna

torneada, o joelho delicado. Tornava a ver ainda aquele joelho de alabastro que o horrível aparelho de Torterue deixava a descoberto. Imaginava finalmente a desventurada em camisa, com a corda ao pescoço, com os ombros nus, com os pés descalços, quase nua. Aquelas imagens de volúpia faziam-lhe crispar os dedos e correr-lhe um estremecimento ao longo das vértebras.

Uma noite, saltou fora do leito, pôs uma sobrepeliz sobre a camisa e saiu da cela com a lâmpada na mão, meio nu, desvairado, olhos em fogo.

Sabia onde encontrar a chave da porta vermelha que comunicava do claustro com a igreja e ele tinha sempre consigo, uma chave da escada das torres.

VI.

Continuação da chave da porta vermelha

Naquela noite, Esmeralda adormecera no seu cubículo, descuidosa, cheia de esperança, de meigos pensamentos. Dormia, havia já algum tempo, sonhando, como sempre, com Febo, quando lhe pareceu ouvir ruído à volta dela. Tinha um sono ligeiro e inquieto, um sono de ave; um nada a despertava. Abriu os olhos. A noite estava muito escura. Viu no entanto no postigo uma figura que assustava; uma lâmpada iluminava aquela aparição. No momento em que se viu descoberta por Esmeralda, essa figura soprou a lâmpada.

No entanto a pobre cigana tivera tempo de a entrever, as pálpebras cerraram-se-lhe de terror.

— Oh! — disse ela com voz quase extinta — O padre!

Toda a sua desventura passada reapareceu como num relâmpago. Deixou-se cair sobre o leito, gelada.

Um momento depois, sentiu ao longo do corpo um contacto que de tal modo a fez estremecer que se levantou sobressaltada e furiosa.

Dom Cláudio acabava de se rojar junto dela e abraçava-a.

Ela quis gritar e não pôde.

— Vai-te embora, monstro! Vai-te embora assassino! — disse com voz trémula e baixa pela força da cólera e do terror.

— Perdão — murmurou o desventurado. — Se tu soubesses o que é o meu amor por ti! É fogo, é chumbo derretido, mil facas no coração.

E segurou-lhe os braços com força sobre-humana. Desvairada:

— Larga-me — disse-lhe ela — ou escarro-te na cara.

Ele largou-a.

— Avilta-me, bate-me, sê má! Faz o que quiseres! Mas perdão! Ama-me!

Então ela bateu-lhe com um furor de criança. Encurvava os belos dedos para lhe molestar o rosto.

— Vai-te, demónio!

— Ama-me! Ama-me! Piedade! — bradou o pobre desvairado rojando-se sobre ela e respondendo às pancadas com carícias.

De repente, sentiu-se mais forte do que ela.

— É preciso terminar! — disse ele rangendo os dentes. Ela estava subjugada, palpitante, quebrada, entre os seus braços, à sua discricção. Sentia uma mão lasciva pousar-se sobre ela. Fez um último esforço e pôs-se a gritar:

— Acudam! Acudam! Um vampiro! Um vampiro!

Ninguém acudia. Só Djali estava acordada e balava angustiosamente.

— Cala-te! — dizia dom Cláudio ofegante.

De repente, debatendo-se, pelo chão, a mão da cigana encontrou uma coisa fria e metálica. Era o assobio de Quasimodo. Agarrou-o com uma convulsão de esperança, levou-o aos lábios e nele soprou com todas as forças que lhe restavam. O assobio deu um som claro, agudo, penetrante.

— Que é isso? — disse o arcediogo.

Quase no mesmo instante sentiu-se agarrar por um braço vigoroso. A cela estava escura e não pôde distinguir claramente quem assim o agarrava, mas ouviu uns dentes que rangiam de raiva e havia na cela luz que bastasse para que visse brilhar na sombra por cima da sua cabeça a lâmina de uma larga faca.

O padre julgou descobrir a forma de Quasimodo. Supôs que só podia ser ele. Lembrou-se de ter tropeçado, ao entrar, num vulto que estava estendido ao través da porta pelo lado de fora. No entanto como o intruso não proferia uma palavra não sabia o que julgar. Precipitou-se sobre o braço que guardava a faca, bradando:

— Quasimodo! — Esquecia-se naquele apertado transe, de que Quasimodo era surdo.

Num relance o padre ficou subjugado e sentiu um joelho de chumbo carregar-lhe sobre o peito. Pela pressão angulosa daquele joelho reconheceu Quasimodo; mas que fazer? Como ser reconhecido por ele? A escuridão tornava-o surdo, cego.

Estava perdido. Esmeralda, sem compaixão, como um tigre irritado, não

intervinha para o salvar. A faca aproximava-se da cabeça; o momento era crítico. De repente o seu adversário pareceu hesitar.

— Nada de sangue sobre ela! — disse ele com voz surda.

Era efetivamente a voz de Quasimodo.

Então o padre sentiu uma mão pesada que o arrastava por um pé para fora da cela; era aí que ele devia morrer. Felizmente para ele, o luar havia instantes que tinha aparecido.

Quando transpuseram o limiar da cela, os seus pálidos raios caíram sobre o rosto do padre. Quasimodo olhou-o de frente, acometeu-o uma convulsão, largou o padre e recuou.

A cigana, que chegara à porta, viu com surpresa trocarem-se bruscamente os papéis. Era o padre que agora ameaçava, e Quasimodo que suplicava.

O padre, que dominava o surdo com gestos de cólera e de repreensão, fez-lhe violentamente sinal para se retirar.

O surdo baixou a cabeça e veio pôr-se de joelhos diante da porta da cigana.

— Meu senhor — disse ele com voz grave e resignada. — Farei depois tudo o que vos aprouver, mas matai-me primeiro.

E falando assim apresentava a faca ao padre. Mas Esmeralda foi mais pronta do que ele; arrancou-a das mãos de Quasimodo e largou a rir com furor.

— Aproxima-te! — disse ela ao padre.

Conservava a lâmina. O padre ficou indeciso. Ela tê-lo-ia ferido infalivelmente.

— Não te atreverias a aproximar-te, covarde! — bradou-lhe ela.

Depois acrescentou com impiedosa expressão e bem sabendo que ia trespassar com mil ferros em brasa o coração do padre.

— Ah! Bem sei que Febo não morreu!

O padre atirou ao chão Quasimodo com um pontapé e desapareceu estremecendo de raiva pela abóbada da escada.

Quando já se não avistava, Quasimodo apanhou o assobio que acabava de salvar a cigana.

— Começava a enferrujar-se — disse ele, entregando-lho; depois deixou-a só.

A desventurada rapariga abalada por aquela cena, caiu prostrada sobre o leito e rompeu em soluçante choro. O horizonte antolhava-se-lhe sinistro.

Por seu lado, o padre entrara às apalpadelas na sua cela.

Era indubitável. Dom Cláudio tinha ciúme de Quasimodo.

E o padre repetiu as suas fatais palavras:

— Não será de ninguém!

Livro décimo

I.

Gringoire tem algumas boas ideias a seguir na rua dos Bernardins

Depois que Pedro Gringoire viu como este negócio corria e que decididamente haveria corda, força, e outras sensaborias para as principais personagens desta comédia, nunca mais se importara com ele. Os vagabundos, entre os quais ficara, considerando que em última instância era a melhor sociedade de Paris, tinham continuado a interessar-se pela cigana. Soubera, pelo que lhes ouvira, que a sua esposa da bilha quebrada se refugiara em Nossa Senhora e com isso folgava, mas nem sequer tinha a tentação de a ir ver. Lembrava-se algumas vezes da cabrinha e mais nada.

Um dia, parara à esquina de um edifício a que chamavam o *Fort-l'Evêque*, que defrontava com outro chamado *Fort-le-Roi*. Havia nesse Fort-l'Evêque, uma encantadora capela do século catorze cujo alçado dava sobre a rua. Gringoire estava a examinar-lhe devotamente as esculturas exteriores. Achava-se num desses momentos de gozo egoísta, exclusivo, supremo, nos quais o artista não vê no mundo senão a arte, e vê o mundo na arte. De repente sente uma mão pousar-lhe gravemente no ombro. Volta-se. Era o seu antigo amigo, o seu antigo mestre, o senhor arcediogo.

Ficou estupefacto. Havia muito tempo que não via o arcediogo e dom Cláudio era um desses homens solenes e apaixonados, cujo encontro faz sempre perder o equilíbrio a um filósofo cético.

O arcediogo guardou silêncio por alguns minutos durante os quais Gringoire pôde examiná-lo à vontade. Achou dom Cláudio bem mudado: pálido como uma manhã de inverno, os olhos encovados, os cabelos quase brancos. Foi por fim o padre quem quebrou o silêncio, dizendo com um tom tranquilo, mas glacial:

— Como tendes passado, mestre Pedro?

— Perguntais-me pela saúde? — respondeu Gringoire — Eh! Eh! Pode dizer-se assim, assim. No entanto o conjunto está bom.

— Não tendes então pesar algum, mestre Pedro? — tornou o arcediogo olhando fixamente para Gringoire.

— Palavra que não!

— E que fazeis agora?

— O que vedes, meu mestre. Examino o talhe das pedras e a maneira como está tratado este baixo relevo.

O padre pôs-se a sorrir, com o sorriso amargo que só franze uma das extremidades da boca.

— E isso diverte-vos?

— E se visseis o interior da capela! — voltou o poeta com o seu palreiro entusiasmo — Por toda a parte esculturas. Cerrado como o coração de um repolho! A abside tem um feitiço tão devoto e tão particular como ainda não vi outro! Entreguei-me a princípio ao amor das mulheres e depois ao dos animais. Agora deu-me para amar as pedras. E afinal isto entretém tanto como os animais e as mulheres e demais há menos perfídia.

O Padre passou a mão pela fronte. Era o seu gesto habitual.

— Na verdade?

— Olhai! — disse Gringoire — Vede que prazeres! — e tomando o braço do arcediago que se deixava levar, fê-lo entrar para baixo da torrinha do Fort-l'Evêque. — Aqui tendes uma escada: todas as vezes que a vejo sinto-me verdadeiramente feliz. É a escada do estilo mais simples e mais raro de Paris. Todos os degraus estão chanfrados em baixo. A sua beleza e a sua simplicidade consistem na largura de todos eles; de um pé, pouco mais ou menos; aí os tendes entrelaçados, encravados, embutidos, encadeados, engastados, entretecidos uns nos outros, entremordendo-se realmente de uma maneira sólida e graciosa.

— E não sentis desejos?

— nenhuns.

— E não tendes saudades de nada?

— Nem saudades nem desejos. Tenho arranjado a minha vida.

— E de que modo ganhais a vida?

— Fazendo de vez em quando as minhas epopeias e as minhas tragédias; mas o que mais me rende é a indústria que já me reconheceis, mestre: levantar nos dentes pirâmides de cadeiras.

— Porém esse mister é muito grosseiro para um filósofo.

— Mas cá está o equilíbrio — disse Gringoire. — Quando a gente tem um pensamento, em tudo o vai encontrar.

— Bem sei — respondeu o arcediogo.

Depois de um silêncio, o padre tornou:

— Mas, apesar de tudo, deveis viver muito miserável!

— Miserável, sim; porém, não desgraçado.

Neste momento patas de cavalos fizeram-se ouvir, e os nossos interlocutores viram passar ao fim da rua uma companhia de arceiros das ordenanças do rei, lanças erguidas e oficial à frente. A cavalgada era brilhante e fazia ressoar os lajedos da calçada.

— Como olhai para aquele oficial! — disse Gringoire ao arcediogo.

— É porque julgo reconhecê-lo.

— Como se chama ele?

— Creio — disse dom Cláudio — que se chama Febo de Châteaupers.

— Febo! Curioso nome! Há também um Febo, conde de Foix. Recordo-me de ter conhecido uma rapariga que só jurava pelo nome de Febo.

— Vinde daí — disse o padre. — Tenho que dizer-vos.

Depois que a cavalgada passara, como que uma agitação transparecia através do invólucro glacial do arcediogo. Pôs-se a caminho. Gringoire seguia-o, habituado a obedecer-lhe, como todos os que se abeiravam deste homem cheio de ascendente. Chegaram assim em silêncio à rua dos Bernardins que estava quase deserta. Dom Cláudio parou.

— Mestre que tendes a dizer-me? — perguntou Gringoire.

— Pedro Gringoire — disse o arcediogo — que fizeste daquela dançarina, a cigana?

— Da Esmeralda? Porque mudais assim tão rapidamente de conversa?

— Pois não era ela vossa mulher?

— Era, em virtude de uma bilha quebrada. Estávamos casados por quatro

anos. A propósito — ajuntou Gringoire olhando para o arcediogo, de um modo um tanto irónico — ainda continuais a pensar nela?

— Sempre, e vós já a esquecestes?

— Pouco me lembro dela. Tenho tanto em que pensar!... Ah! Meu Deus, mas como a cabrinha era bonita!

— Essa cigana não vos tinha salvado a vida?

— É verdade que sim.

— E então que lhe sucedeu? Que fizestes dela?

— Não vo-lo sei dizer. Creio que a enforcaram.

— Julgais Isso?

— Não tenho a certeza. Mas quando vi que eles se mostravam dispostos a enforcar alguns meus pobres colegas, fui-me retirando muito prudentemente sem que dessem pela minha falta.

— E é isso tudo o que sabeis a respeito dela?

— Esperei: disseram-me que se tinha refugiado na igreja de Nossa Senhora e que lá, estava em segurança, o que muito me alegra. Ora o que eu não conseguia saber era se a cabrinha se tinha salvado também. E nada mais.

— Pois eu digo-vo-lo — bradou Dom Cláudio, e a sua voz, até então baixa, lenta e quase muda, tornou-se trovejante. — Efetivamente refugiou-se em Nossa Senhora. Mas dentro de três dias a justiça deitar-lhe-á a mão e ela será enforcada na praça da Greve. O parlamento já deu a sentença.

— Isso é que é mau — disse Gringoire.

O padre, num abrir e fechar de olhos recuperara o seu sangue frio e a sua calma.

— E quem diabo — perguntou o poeta — se divertiu a solicitar uma sentença de revindicação? Não poderiam deixar o parlamento em paz? Que importa que uma pobre rapariga se abrigue debaixo das telhas de Nossa Senhora, ao lado dos ninhos das andorinhas?

— É porque há demónios pelo mundo — respondeu o arcediogo.

— A coisa está realmente mal parada — observou Gringoire.

O arcediogo voltou após um silêncio:

— E ela salvou-vos a vida?

— É verdade, lá entre os meus amigos vagabundos. Mais ou menos um segundo e eu era enforcado, do que eles deveriam hoje estar fartamente arrependidos.

— E nesse caso nada quereis fazer por ela?

— É esse o meu maior desejo, Dom Cláudio, mas se eu arranjo a enrodilhar os gorgomilhos nalgum nó corredio?

— Não importa!

— Não importa? Ora essa, meu caro mestre! E as duas grandes obras que eu já tenho principiadas?...

O padre bateu na testa. Apesar da tranquilidade que afetava, um gesto violento revelava de quando em quando as suas convulsões íntimas.

— E como hei de salvá-la? Gringoire bateu por sua vez na testa.

— Ouvi, meu mestre, eu tenho uma boa imaginação; vou-vos arranjar expedientes. Se pedisse perdão ao rei?

— Um perdão! A Luís XI! Ide arrancar o seu osso ao tigre!

Gringoire pôs-se a matutar em novas soluções.

— É todavia forçoso que ela saia dali! — murmurou o padre — A sentença deve ser executada dentro de três dias! De outro modo, caducaria essa sentença. Esse Quasimodo! As mulheres têm realmente gostos bem depravados! — Ergueu a voz: — Mestre Pedro, refleti maduramente; há só um meio de salvação para ela.

— Qual? Não vejo nenhum.

— Ouvi, mestre Pedro e lembrai-vos que lhe deveis a vida. Vou expor-vos francamente a minha ideia. A igreja é vigiada dia e noite; não deixam sair de lá senão aqueles que foram vistos para lá entrar. Ora, vós, mestre Pedro, podeis entrar. Vireis comigo. Levar-vos-ei a ter com ela. Depois trocareis a roupa. Ela

vestirá o vosso gibão, e vós, mestre Pedro as saias dela.

— Até aí vai muito bem — observou o filósofo. — E depois?

— E depois? Ela sairá com o vosso fato, e vós, Pedro, ficareis com o dela. Talvez que vos enforcuem; mas ela será salva.

Gringoire coçou atrás da orelha com um ar muito sério.

— Bravo! — exclamou — Ai está uma ideia que nunca me viria à cabeça!

Ao ouvir esta inesperada proposta de Dom Cláudio, a fisionomia aberta e benigna do poeta carregou-se bruscamente, como uma paisagem risonha de Itália quando um golpe de vento desencontrado esmaga alguma nuvem contra o Sol.

— Então, Gringoire, que dizeis ao meu plano?

— Digo-vos, meu caro mestre, que não me enforcarão talvez, mas sim, com toda a certeza.

— Ela salvou-vos a vida. É uma dívida que lhe pagais.

— Sim, mas há muitas que eu não pago!

— Mestre Pedro, é absolutamente preciso que assim aconteça.

O arcediogo falava imperiosamente.

— Ouvi, D. Cláudio — respondeu o poeta aflito — tendes a peito essa ideia, que não é nada boa. Mas eu não vejo porque me hei de fazer enforcar em lugar de um outro.

— E que é que assim tanto vos prende à vida?

— Ah! Mil razões.

— E que razões, dizei?

— Que razões? O ar, o céu, a manhã, a tarde, o luar, os meus bons amigos vagabundos o nosso peito aquecido por uma linda rapariga, as famosas arquiteturas de Paris por estudar, três grandes livros por escrever, dos quais, um contra o bispo e os seus moínhos; que sei eu? Anaxágoras dizia que tinha vindo ao mundo para admirar o Sol. E depois, eu tenho a suprema felicidade de passar os

meus dias todos, desde pela manhã até à noite, com um homem de génio, que sou eu, e isto não será muito agradável?

— Desassissada cabeça! — murmurou o arcediogo — Diz-me, e quem foi que conservou essa vida que a ti te parece tão cheia de encantos? A quem deves o respirar este ar, o ver este céu, e o poder ainda entreter o teu espírito de cotovia com esses teus disparates e loucuras? Se não fosse ela, onde estarias tu? Vamos, tem piedade, Gringoire; sê generoso por tua vez; foi ela quem principiou.

O padre falava com veemência. Gringoire ouviu-o a princípio com um ar indeciso, depois comoveu-se e acabou por fazer uma careta trágica que fez parecer o seu rosto lívido com o de um recém-nascido com dores de cólica.

— Falais dum modo tão patético, Dom Cláudio! — disse ele enxugando uma lágrima. — Pois bem! Vou pensar. É uma ideia extravagante a vossa, é. Afinal — prosseguiu ele após um curto silêncio — quem sabe? Talvez que até não me enforcem. Nem sempre casa quem desposa. Quando eles derem com o meu esconderijo e me virem assim, tão grotescamente arranjado, de saias e coifa, talvez que desatem a rir como uns perdidos.

O padre interrompeu-o:

— Estas, portanto, decidido?

— Afinal de contas, o que vem a ser a morte? — prosseguiu Gringoire com exaltação. — Um mau momento, uma portagem, a passagem do insignificante ao nada.

O arcediogo estendeu-lhe a mão.

— Está dito? Aparecei então amanhã.

Este gesto chamou Gringoire à realidade das coisas.

— Ah! Lá isso não! — disse ele a modo de um homem que desperta. — Ser enforcado! É um absurdo. Não quero.

— Então adeus! — E o arcediogo acrescentou por entredentes: — Deixa estar, que voltarei a encontrar-te.

— Mas eu não quero que este diabo me encontre — pensou Gringoire, e correu atrás de dom Cláudio. — Senhor arcediogo, não vale zangar entre velhos amigos! Interessa-vos essa rapariga, minha mulher, digo; está muito bem. Imaginastes um stratagem para a fazer sair a salvo de Nossa Senhora, mas

esse meio é um extremo desagradável para mim, o poeta Gringoire. E se eu arranjasse outro melhor?... Acaba de me ocorrer neste mesmo instante uma lembrança iluminosa. E se eu arranjasse um meio de a tirar desta embulhada sem comprometer o meu pescoço com o nó da forca, que diríeis vós, senhor arcediago? Pois não seria isso bastante? Para que vós, dom Cláudio, fiquéis contente será absolutamente necessário o ver-me espernear na forca?

O padre, impaciente, arrancava os botões da sotaina:

— Enxurro de palavras! E que meio é o teu?

— Sim — continuou Gringoire falando consigo mesmo e tocando o nariz com o índice em sinal de meditação. — É isso! Os mendigos e os saltimbancos são boa gente. A tribo do Egito adora-a! Levantar-se-ão, portanto à primeira voz! Nada mais fácil! Uma desordem. A favor dela poderemos raptá-la facilmente! Amanhã à noite... E que mais quererão eles?

— O meio! Anda, diz — sibilou o padre sacudindo-o.

Gringoire voltou-se majestosamente para ele:

— Largai-me! Deveis ver que estou a delineá-lo. — Refletiu ainda alguns instantes, e depois principiou a bater as palmas ao seu próprio pensamento, bradando:

— Admirável! Êxito seguro!

— O meio! — repetiu dom Cláudio colérico.

Gringoire estava radiante.

— Digo-vo-lo, mas há de ser baixinho. É uma contramina realmente atrevida, mas que nos tirará de embarços. Por Deus! Haveis de convir em que não sou nenhum asno.

Interrompeu-se:

— Ah! E a cabrinha? Está com a pequena?

— Está sim. Mas que te leve o diabo!

— Eles enforcá-la-iam também, não é assim?

— Mas que tenho eu com isso?

— Sim enforcá-la-iam. Ainda no mês passado enforcaram uma porca. O carrasco gosta dessas coisas, porque come o animal depois. Enforcarem a minha bonita Djali! Pobre cordeirinho!

— Maldição! — exclamou dom Cláudio. — O carrasco és tu. Qual o meio de salvação que encontraste, velhaco? Será preciso que eu te arranque essa ideia com uma tenaz?

— Sossegai; querido mestre! Eu vo-la digo.

Gringoire curvou-se ao ouvido do arcediogo e falou-lhe muito baixinho, lançando um olhar irrequieto de um ao outro extremo da rua, onde não passava ninguém. Quando acabou, dom Cláudio apertou-lhe a mão e disse-lhe friamente:

— Está bem; até amanhã.

— Até amanhã — repetiu Gringoire. — E enquanto o arcediogo se afastava dum lado, caminhava ele para o outro dizendo a meia voz:

— Ora aí está uma partida arriscada, senhor Pedro Gringoire. Não importa! Não quero que digam que por ser pequeno me assusto com as grandes empresas. Também Biton levou um touro às costas; e as alvéolas, as toutinegras e os traquetes não atravessaram o Oceano de um lado ao outro?

II. Faz-te vadio

O arcediago, entrando no claustro, encontrou à porta da sua cela seu irmão Jehan du Moulin que o esperava e que tinha entretido os aborrecimentos da sua longa espera desenhando a carvão um perfil do seu irmão mais velho, opulento com um nariz enorme.

Dom Cláudio mal olhou para o irmão; agitavam-no outros pensamentos. Aquela alegre figura de estroina, cujas irradiações tantas vezes haviam serenado a merencória fisionomia do padre, era agora importante para romper a cerração que, a cada dia que passava, se tornara mais espessa nesta alma corrompida, mefítica e estagnada.

— Meu irmão — disse Jehan timidamente — venho visitar-vos.

O arcediago nem mesmo levantou os olhos para ele.

— E então?

— Meu irmão — tornou o hipócrita — tendes sido tão bom para mim e dais-me sempre tão bons conselhos que não tenho outro remédio senão recorrer a vós.

— E daí?

— Ah! Meu irmão, quanta razão tínheis quando me dizíeis: — Jehan! Jehan! Sê prudente, sê douto, Jehan, não pernoites fora do colégio sem a vez legal e sem licença do mestre. Não batas nos Picardos: Não apodreças como um burro iletrado, na palha das escolas. Jehan sê dócil quando o mestre te castigar. Jehan, vai todas as noites à capela e canta uma antífona com versículo e oração à gloriosa senhora virgem Maria. — Ah! Que excelentes conselhos esses!

— Mas então?...

— Meu irmão, tendes na vossa presença um culpado, um criminoso, um miserável, um libertino, um homem espantoso! Meu irmão, Jehan fez tanto caso dos vossos conselhos como da palha e do esterco que se calca aos pés. Mas eu fui bem castigado, Deus é justo. Enquanto tive dinheiro comi e bebi à larga, fiz mil loucuras, levei uma vida alegre. Oh! Como a devassidão, tão cheia de encantos pela frente, é feia e engelhada do outro lado. Agora não tenho *cheta*; vendi os meus lençóis, a minha toalha, a camisa; acabou-se a boa vida! As raparigas escarnecem de mim. Estou reduzido a beber água. Vivo atormentado pelos

remorsos e pelos credores.

— E então? — tornou o arcediogo.

— Ai! Meu querido irmão, eu bem queria converter-me a uma melhor vida; e é por isso que, cheio de contrição, venho ter convosco. Sou um penitente. Confesso-me. Bato no peito furiosos murros. Muita razão vos acho agora em quererdes que eu seja um dia licenciado e subprefeito do colégio de Torchi. E sinto-me agora com uma esplêndida vocação por esse belo estado. Porém já não tenho tina e preciso de comprá-la; não tenho penas e preciso comprá-las; não tenho papel, não tenho livros e preciso de comprar tudo isso. E é para esse fim que tenho uma necessidade urgentíssima de dinheiro, motivo porque vim ter convosco meu irmão, com o coração contrito e magoado.

— E é tudo?

— Sim — disse o estudante. — Um bocadinho de dinheiro.

— Não tenho.

O estudante disse então com um ar grave e ao mesmo tempo resolutivo:

— Pois bem! Meu irmão, tenho o pesar de vos participar que me fazem de outro lado ofertas e propostas tentadoras. Não me quereis dar dinheiro? Não? Nesse caso vou-me fazer vadio.

E pronunciando esta monstruosa palavra, o rapaz tomou uns ares de Ájax, esperando ver desencadeado o raio sobre a sua cabeça.

O arcediogo respondeu-lhe friamente:

— Pois faz-te vadio.

Jehan fez-lhe uma profunda reverência e desceu as escadas do claustro assobiando. Na ocasião em que atravessava o pátio, mesmo ao passar por debaixo das janelas de seu irmão, esta abriu-se. Jehan levantou o nariz e viu passar pela abertura a cabeça severa do arcediogo.

— Vai para o diabo! — dizia dom Cláudio — Ai tens o último dinheiro que te dou.

E ao mesmo tempo o padre atirou a Jehan uma bolsa que fez uma enorme contusão na testa do estudante, o qual desapareceu irritado e ao mesmo tempo contente como um cão acossado, mas que leva na boca um osso.

III. Viva a alegria!

O leitor ainda se não esqueceu talvez de que uma parte do Pátio dos Milagres era limitada pela antiga muralha de fortificação da cidade da qual, já nesta época, bom número de torres principiavam a cair em ruínas. Uma destas torres tinha sido convertida pelos vagabundos em lugar de folia. Havia uma taberna na sala térrea. Esta torre era o lugar mais animado e por consequência o mais hediondo de toda aquela vagabundagem. Uma espécie de enorme colmeia zumbia ali constantemente noite e dia. À noite, quando a maior parte desses vadios dormia, quando já se não via nenhuma janela iluminada nas fachadas cor de terra da praça, quando nem um grito se ouvia sair já desses inúmeros casebres, desses formigueiros de ladrões, de meretrizes e de crianças roubadas ou bastardas, sempre se reconhecia a alegre torre pelo barulho que lá se fazia e pela luz vermelha que, irradiando simultaneamente pelos respiradores, pelas janelas e pelas fendas das paredes gretadas, se escapava, por assim dizer, de todos os seus poros.

Para entrar na taberna descia-se por uma porta baixa e por uma escada tão direita como um alexandrino clássico. Por cima da porta, em guisa de tabuleta, havia uma borradura maravilhosa representando frangãos mortos, com este dístico por baixo: *Aos que tocam a finados.*

Uma noite, quando o toque de recolher se fazia ouvir em todas as torres de Paris, os aguazis da ronda, se lhes fosse dado penetrar no temeroso Pátio dos Milagres, poderiam notar que na taberna se fazia ainda mais barulho que de costume e que se bebia e se praguejava mais. Cá fora, grupos numerosos falavam em voz baixa, como quando se combinava um grande plano, e aqui e além, um ou outro meliante acororado afiava numa pedra alguma ruim lâmina de ferro.

No entanto na taberna, o vinho e o jogo eram uma tão poderosa diversão às ideias que nessa noite agitavam a vagabundagem, que teria sido difícil adivinhar pelas conversas dos bêbedos aquilo de que se tratava. Somente pareciam mais alegres que de costume e a todos se via reluzir entre as pernas uma arma qualquer, uma foice, um machado, um enorme montante ou algum velho arcabuz.

A sala, redonda, era muito vasta; mas as mesas estavam tão juntas e os bebedores eram tantos, que tudo o que a taberna continha, homens, mulheres, bancos, canjirões, os que bebiam, os que dormiam, os que jogavam, os válidos,

os coxos, pareciam acumulados uns sobre os outros com a ordem e harmonia dum montão de cascas de ostras. Havia alguns cotos de sebo sobre as mesas; mas a verdadeira luz da taberna, o que fazia nesta bodega o papel do lustre das salas de ópera, era o lume. Era tão húmido este antro que, nem mesmo em pleno estio, era esse lume apagado; o fogão era enorme, eriçado todo de pesadas grelhas de ferro e de apetrechos de cozinha, e de contínuo ocupado por um desses fogos de lenha e de turfa que, à noite, nos caminhos das aldeias, fazem ressaltar em vermelho vivo nas paredes fronteiras o espetro das bocas das forjas. Um grande cão, gravemente sentado nas cinzas, dava voltas a um espeto carregado de carne que assava ao lume.

Apesar da confusão, depois do primeiro relance, poder-se-iam distinguir nesta multidão três grupos principais, que se aglomeravam em torno de três personagens que o leitor já conhece. Uma destas, extravagantemente ornamentada de ouropéis à moda oriental, era Matias Hungadi Spicali, duque do Egipto e da Boémia. Estava sentado em cima de uma mesa, pernas cruzadas, dedo erguido, e, em alta voz, distribuía a sua ciência de magia branca e negra por um numeroso auditório, que o escutava de boca aberta.

Outro ajuntamento, não menor, acotovelava-se ao redor do nosso velho amigo, o esforçado rei de Tunes, armado até aos dentes. Clopin Trouillefou, com um ar muito grave e em voz baixa, regularizava o assalto a uma dorna velha cheia de armas, que tinha na sua frente, e de onde emergiam em chusma, achas, espadas, bacinetes, cotas de malha, ferros de lança, setas e viroles, como maçãs e uvas de uma cornucópia. Cada qual agarrava ao acaso, a quem o morrião, a quem o estoque, a quem a adaga de punho em cruz. As próprias crianças armavam-se, e aleijados e coxos, havia mesmo que, de capacete e couraça, se arrastavam por entre as pernas dos bebedores como escaravelhos enormes.

Finalmente um terceiro auditório, o mais barulhento, o mais jovial e o mais numeroso, enchia os bancos e as mesas, no meio das quais discursava e praguejava uma voz aflautada que saía debaixo de uma pesada armadura, completa desde o capacete até às esporas. O indivíduo que assim se acomodava dentro de uma panóplia, desaparecia de forma tal sob a sua armadura de guerra, que apenas deixava ver da sua pessoa um nariz atrevido, vermelho, arrebitado, uma madeixa de cabelos louros, uma boca cor de rosa e uns olhos impudentes. À cinta tinha uma porção de adagas e de punhais, uma comprida espada ao lado, uma enferrujada besta ao ombro e na sua frente um canjirão enorme, sem falar numa anafada rapariga sem pudor que tinha à sua direita. Todas as bocas em volta dele riam, praguejavam e bebiam.

A estes juntai uns vinte grupos secundários, as serventes e os criados da

taberna azafamados com os pichéis, os jogadores debruçados sobre as bolas, sobre as pedras, sobre os dados, aferrados ao jogo, as questões a um canto, os beijos no outro, e tereis uma pávida ideia deste conjunto, sobre o qual oscilava a luz do grande braseiro, que fazia dançar nas paredes da taberna mil sombras desmedidas e grotescas.

Quanto ao barulho, imaginai o do interior dum sino enorme a todo o dobre.

No fogão, uma pingadeira de onde chispavam faúlhas de gordura numa chuva miudinha, enchia com o seu rechinar contínuo os intervalos desses mil diálogos que se entremeavam de um ao outro extremo da sala.

Entre todo este alarido só havia um filósofo que, ao fundo da taberna, sentado num banco, ao fogão, meditava com os pés nas cinzas e os olhos fitos nos tições que ardiam. Era Pedro Gringoire.

— Vamos, vamos! É aviar! Armem-se que dentro de uma hora pôr-nos-emos a caminho — dizia Clopin Trouillefou à sua gente.

Uma rapariga cantarolava. Dois jogadores de cartas disputavam. A voz do rapaz armado dos pés à cabeça dominava todo esse sussurro:

— Viva! Viva — berrava ele. — Faço hoje as minhas primeiras armas! Vagabundo! Sou vagabundo, pelo ventre de Cristo! Deitai-me aqui de beber! Meus amigos, chamo-me Jehan Frolo du Moulin e sou fidalgo. E acredito, e penso e digo que, se Deus fosse beleguim, se faria gatuno. Irmãos, vamos fazer uma bela expedição. Somos uns valentes. Cercar a igreja, arrombar as portas, raptar a pequena, arrancá-la aos juizes, arrancá-la aos padres, dar cabo do claustro, queimar o bispo no seu paço, tudo isso faremos em menos tempo do que um burgomestre precisa para comer uma colher de sopa. A nossa causa é justa, saquearemos Nossa Senhora, está dito. Havemos de enforcar Quasimodo. Conhecem o Quasimodo, minhas meninas? Viram-no todo esbofado, na Greve, no dia de Pentecostes. Com um cento de diabos! Foi magnifico! Meus amigos, ouvi-me! Sou vadio do coração! Súdito do *argot*, e parece-me até que sempre o fui. Tive muito dinheiro e dei cabo de tudo o que tinha. Viva a alegria! Taberneira, minha amiga, traz-me mais vinho! Ainda tenho dinheiro para to pagar. Não quero mais Surrunê. Arranha-me cá os gorgomilos. Arranja-me coisa melhor, com mil diabos!

Todos o aplaudiam com sonoras gargalhadas; vendo que o tumulto redobrava em torno de si, o estudante exclamou:

— Oh! Taberneira do diabo, traz-me essa ceia!

Houve um momento de quase silêncio durante o qual se ouviu por seu turno a voz áspera do duque do Egito ensinando aos seus ciganos.

Os vagabundos continuavam a armar-se no outro canto da taberna.

— Essa pobre Esmeralda! — dizia um cigano — É nossa irmã. Precisamos de arrancá-la dali.

— Ela continua ainda em Nossa Senhora? — perguntou um vendilhão com tipo de judeu.

— Continua, sim!

— Então, companheiros, a Nossa Senhora! — exclamou o vendilhão — E tanto mais que há lá na capela de S. Fêrêol e S. Ferration duas imagens, uma de S. João Batista e outra de Santo António, ambas de ouro maciço e que pesam sete marcos de ouro e cinco estelinos e com peanhas de prata dourada, que pesam nada menos de dezassete marcos e cinco onças. Eu sei isso perfeitamente, ou eu não fosse ourives.

Acabara Clopin Trouillefou a distribuição das armas. Aproximou-se de Gringoire, que parecia abismado em profunda meditação. — Amigo Pedro — disse o rei de Tunes — em que diabo pensas tu?

Gringoire voltou-se para ele com um melancólico sorriso.

— Adoro o fogo, meu caro senhor. Não pelo trivial motivo de nos aquecer os pés ou de nos cozer a sopa, mas porque tem faíscas. Descubro mil coisas nessas estrelas que salpicam o fundo negro do fogão. Essas estrelas também são mundos!

— Raios me partam, se te compreendo — disse Clopin. — Sabes que horas são?

— Não sei — respondeu Gringoire.

Clopin aproximou se então do duque do Egito.

— Amigo Matias, não é propício o ensejo. Dizem que o rei Luís XI está em Paris.

— Mais uma razão para que lhe tiremos nossa irmã das garras — respondeu o velho boêmio.

— Falas como um homem, Matias — disse o rei de Tunes. — Demais faremos isso num pronto. Não há a temer resistência na igreja. Os cônegos são umas verdadeiras lebres e nós somos em grande número. Aqueles figurões do parlamento hão de ficar bem admirados amanhã quando a vierem buscar! Pelas tripas do papa! Não quero que me enforcem a rapariga!

Clopin saiu da taberna.

No entanto Jehan exclamava em voz roufenha:

— Eu bebo, eu como, estou bêbado, sou Júpiter! Olá! Pedro Espanca, se me continuas assim a olhar vou lá que te sacudo o nariz com dois piparotes!

Gringoire, pela sua parte, arrancado às suas meditações pusera-se a observar a cena animada e rumorosa que o cercava e murmurava por entre dentes: — *Luxuriosa res vinum et tumultuosa ebrietas*. Ah! Que bem faço eu em não beber como S. Bento que com tanta excelência diz: *Vinum apostatar e facit etiam sapientes!*

Neste momento entrou Clopin gritando com voz de trovão.

— Meia-noite!

A esta frase, que fez o efeito do bota-selas de um esquadrão em descanso, todos os saltimbancos e vadios, homens, mulheres e crianças se precipitaram em tropel para fora da taberna com um grande ruído de armas e ferros.

A Lua tinha-se velado.

O Pátio dos Milagres era completamente escuro. Nem uma só luz se via. No entanto não estava deserta. Distinguia-se uma multidão de homens e mulheres que falavam baixo. Ouvia-se sussurrar, e nas trevas, reluzir toda a espécie de armas. Clopin saltou para cima de uma grande pedra.

— A seus postos, o Argot! — gritou ele. — A seus postos, o Egitto! A seus postos, a Galileia!

Um grande movimento se fez na sombra. A enorme multidão pareceu formar em coluna. Ao fim de alguns minutos, o rei de Tunes ergueu ainda a voz:

— Agora, silêncio para atravessar Paris! O passe é: *Vadiagem em ataque!* Só se acendem os archotes em Nossa Senhora! A caminho!

Dez minutos depois os cavaleiros da ronda fugiam aterrados diante de uma

longa procissão de homens negros e silenciosos que descia para a Pont-au-Change, através das ruas tortuosas que em todos os sentidos atravessam o maciço e grande bairro dos mercados.

IV. Um amigo desastrado

Nesta mesma noite, Quasimodo velava. Acabava de fazer a sua última ronda pela igreja. Não tinha notado, na ocasião em que fechava as portas que o arcediogo passara por junto dele e mostrara alguma contrariedade vendo-o aferrolhar e fechar cuidadosamente a enorme armadura de ferro que dava aos seus largos batentes a solidez duma muralha. Dom Cláudio parecia mais preocupado ainda que de costume. De resto, desde a aventura noturna da cela, maltratava constantemente Quasimodo; mas por mais rude que ele falasse, embora mesmo algumas vezes lhe batesse, nada abalava a submissão, a paciência, a resignação dedicada do fiel sineiro. Sofria tudo do arcediogo, injúrias, ameaças, pancadas, sem murmurar uma queixa, sem soltar um gemido! O mais que fazia, era seguir dom Cláudio com os olhos inquietos quando ele subia a escada da torre; mas o arcediogo absterivera-se de reaparecer aos olhos da cigana.

Nessa noite, pois, Quasimodo, depois de ter lançado um último olhar aos seus pobres sinos tão abandonados, a Jacquelina, a Maria, Teobaldo, subira até ao alto da torre setentrional, e aí pousando sobre chumbos a sua lanterna surda bem fechada, pusera-se a contemplar Paris. A noite, como já dissemos, estava muito escura. Paris que, por assim dizer, não era iluminada nessa época, apresentava à vista uma amálgama confusa de massas negras, cortada aqui e além pela curva brancacenta do Sena. Quasimodo não via uma única luz a não ser numa janela dum edifício muito distante, cujo vago e sombrio perfil se desenhava bem acima dos tetos, do lado da porta de Santo António. Também lá havia alguém que velava.

De súbito, enquanto ele perscrutava a grande cidade com esse olho que a natureza, por uma espécie de compensação, fizera tão penetrante que só por si quase que podia substituir os outros órgãos que faltavam a Quasimodo, afigurou-se-lhe que a silhueta do cais de la Vieille-Peleterie denotava o que fosse de estranho, que havia um movimento neste ponto, que a linha do parapeito destacada em negro sobre a brancura da água, não era reta e tranquila, como a dos outros cais, mas que ondulava à vista como as ondas de um rio ou como as cabeças duma multidão em marcha.

Pareceu-lhe isto estranho. Redobrou de atenção. O movimento parecia vir para a Cité. Demais, nenhuma luz. Durou algum tempo no cais; depois escoou-se a pouco e pouco, como se o que passava entrasse no interior da ilha; depois cessou de repente e a linha do cais tornou-se de novo reta e imóvel.

Na ocasião em que Quasimodo se fatigava em conjeturas pareceu-lhe que o movimento reaparecia na rua do Adro, que se prolonga pela Cité perpendicularmente à fachada de Nossa Senhora. Por fim, apesar da escuridão espessa, viu uma cabeça de coluna desembocar por esta rua e, num momento, espalhar-se pela praça uma multidão de que nada se podia distinguir nas trevas, a não ser que era uma multidão.

Este espetáculo tinha o seu terror. É provável que esta procissão singular que parecia tão empenhada em ocultar-se numa profunda obscuridade, guardasse um silêncio não menos profundo. No entanto um ruído qualquer devia escapar-lhe, embora fosse somente o ruído dos pés. Mas esse ruído não chegava ao nosso surdo, e esta grande multidão de que ele apenas via alguma coisa, e de que nada ouvia, agitando-se e andando assim tão perto dele, fazia-lhe o efeito duma falange de finados, muda, impalpável, perdida num fumo. Parecia-lhe ver adiantar-se para ele um nevoeiro cheio de homens, ver mover-se sombras na sombra.

Então todos os seus receios lhe tornaram, a ideia de uma tentativa contra a cigana apresentou-se-lhe de novo ao espírito. Sentiu confusamente que se aproximava de uma situação violenta. Neste momento crítico, aconselhou-se em si mesmo com um raciocínio melhor e mais pronto do que seria dado esperar-se de um cérebro tão mal organizado. Deveria acordar a cigana? Fazê-la evadir? Por onde? Se as ruas estavam invadidas e a igreja arrumada ao rio? Nem um barco, nem uma saída! Só havia um partido a tomar: fazer-se matar no limiar da igreja, resistir pelo menos até que chegasse socorro, e não perturbar o sono de Esmeralda. A desgraçada sempre haveria de acordar cedo bastante para morrer. Assente esta resolução, pôs-se a examinar o *inimigo* com mais tranquilidade.

A multidão parecia engrossar a cada momento no adro. Somente ele presumiu que devia fazer-se muito pouco ruído, pois que as janelas das ruas e da praça continuavam fechadas. De repente uma luz brilhou, e num instante sete ou oito archotes acesos passaram por sobre as cabeças, sacudindo na sombra os seus tufos de chamas. Quasimodo viu então distintamente agitar-se no adro de Nossa Senhora um temeroso rebanho de homens e mulheres esfarrapados, armados de foices, picos, podões, partazanas, cujas mil pontas rebrilhavam à luz dos fochos. A espaço, forcados negros pareciam chavelhos em caras horrosas. Recordou-se vagamente desta população e julgou reconhecer todas as cabeças que, alguns meses antes, o tinham aclamado papa dos loucos. Um homem que empunhava numa das mãos um archote e na outra uma alabarda, saltou para cima dum marco e pareceu fazer uma arenga. Ao mesmo tempo este estranho exército fez algumas evoluções, como se tomasse posições em volta da igreja. Quasimodo apanhou a sua lanterna e desceu à plataforma do meio das torres para ver de

mais perto e concertar nos meios de defesa.

Clopin Trouillefou tendo chegado diante do alto portal de Nossa Senhora, dispusera com efeito a sua tropa em batalha. Embora não esperasse resistência de espécie alguma, queria, como general prudente, conservar uma ordem que lhe permitisse fazer frente, em caso de necessidade, a um ataque repentino da ronda ou dos duzentos e vinte. Dera, portanto, a sua brigada uma ordem tal que, vista do alto e de longe, diríeis ser o triângulo romano da batalha de Ennome, a cabeça de porco de Alexandre, ou do famoso ângulo de Gustavo Adolfo. A base deste triângulo apoiava-se no fundo da praça de modo a barrar a passagem da rua do Adro; um dos lados dava para o Hotel-Dieu e o outro para a rua de Saint-Pierre-aux-Boeufs. Clopin Trouillefou colocara-se no vértice, com o duque do Egipto, o nosso amigo Jehan e os seus mais atrevidos espandadores.

Não eram raras nas cidades da Idade Média empresas como esta que os vadios agora tentavam sobre a igreja de Nossa Senhora. O que nós hoje chamamos *policia* ainda então não existia. Não eram um acontecimento inaudito estes assaltos dum parte da população sobre um palácio ou uma casa nos bairros mais povoados. Nas mais das vezes, os vizinhos não se davam do facto a não ser que a pilhagem lhes penetrasse também em casa. Arrolhavam os ouvidos ao som da mosquetaria, fechavam as janelas, aferrolhavam as portas, deixavam a questão dirimir-se com as rondas, e no dia seguinte dizia-se em Paris: — Foi violada esta noite Etienne Barbette — O marechal de Clermont foi preso, etc. — Assim não só as habitações reais, o Louvre, o Palais, a Bastilha, as Tournelles, como também as residências senhoriais, o Petit-Bourbon, o palácio de Sens e o de Angoulême, etc., tinham as suas ameias nos muros e as suas seteiras por cima das portas. As igrejas guardavam-se pela sua santidade. No entanto, algumas, e neste número entrava Nossa Senhora, eram fortificadas. O prior de Saint-Germain-des-Prês tinha-se cercado de muralhas como um barão, e tinha muito mais cobre despendido em bombardas do que em sinos.

Mas voltemos a Nossa Senhora.

Terminadas as primeiras disposições (e devemos dizer, em honra da disciplina dos vadios, que as ordens de Clopin foram executadas em silêncio e com admirável precisão), o digno chefe do bando saltou para cima do muro do Adro e ergueu a sua voz rouca e pesada, voltou-se para Nossa Senhora a agitando o seu archote cuja luz, fustigada pelo vento a todo o instante velada pelo seu próprio fumo, fazia aparecer à vista a fachada avermelhada de igreja.

— A ti, Luís de Beaumont, bispo de Paris, conselheiro na corte do parlamento, eu Clopin Trouillefou, rei de Tunes, grão-mestre, príncipe do *argot*,

bispo dos loucos, digo — Nossa irmã, falsamente condenada por feiticeira, refugiou-se na tua igreja. Deves-lhe asilo e proteção. Ora a corte do parlamento quer vir aí buscá-la, e tu consente-lo, de forma que seria mesmo amanhã enforcada na Praça da Greve se não fossem os vadios. Portanto, vimos ter contigo, bispo. Se a tua igreja é sagrada, nossa irmã o é também, se nossa irmã não é sagrada, muito menos a tua igreja. É por isso que te intimamos a entregarmos nossa irmã se quiseres salvar a tua igreja, senão tirar-ta-emos e saquearemos depois a igreja. O que será muito bem feito. Em fé do que aqui coloco a minha bandeira e Deus seja a tua guarda, bispo de Paris!

Desgraçadamente Quasimodo nada podia ouvir destas palavras pronunciadas com uma espécie de majestade sombria e selvagem. Um vadio apresentou a bandeira a Clopin, que a plantou solenemente entre duas pedras. Era um forçado, em cujos dentes pendia um quarto de carne em putrefação.

Depois o rei de Tunes voltou-se, passeou os olhos pelo seu exército, uma multidão feroz cujos olhos brilhavam como as lanças. Após um momento de silêncio exclamou:

— Avante, filhos! À obra, revoltados!

Três homens, entroncados e robustos, com caras de serralheiros, saíram das fileiras, com martelos, alavancas e barras de ferro aos ombros. Dirigiram-se para a porta principal da igreja, subiram as escadarias, e logo foram vistos acorados sob a ogiva, trabalhando na porta com as suas barras e alavancas. Uma multidão de vadios os seguiram para os ajudar ou simplesmente para ver. Os onze degraus da portaria estavam cheios de gente.

No entanto a porta resistia — Diabo! — dizia um — É dura e teimosa! — Coragem, companheiros — tornava Clopin. — Troco a cabeça por um chinelo velho se vós não tiverdes aberto a porta, raptado a pequena e despido o altar-mor, antes mesmo que qualquer bedel acorde. Esperai; parece que a porta cede.

Clopin foi interrompido por um espantoso barulho, que soou neste momento na sua retaguarda. Voltou-se. Acabava de cair do céu uma trave enorme que esmagara uma dúzia de vadios nos degraus da igreja, e ressaltava sobre a calçada com o ruído de uma peça de artilharia, quebrando no seu caminho, aqui e ali, algumas pernas na multidão que fugia, soltando gritos de terror. O recinto do adro esvaziou-se num abrir e fechar de olhos. Os assaltantes, embora protegidos pelas profundas curvaturas da portaria, abandonaram o local, colocando-se o próprio Clopin também a respeitosa distância da igreja.

— Escapei de boa! — gritava Jehan — Senti-lhe o vento, pelos chavelhos

dum boi! Mas Pedro o massador lá ficou amassado!

Não se pode dizer qual o espanto misturado de terror que com esta trave caiu sobre os atacantes.

Ficaram durante alguns minutos com os olhos cravados no ar, mais aterrados deste pedaço de madeira do que de vinte archeiros do rei!

— Por Satanás! — murmurou o duque do Egipto — Isto cheira-me a bruxaria!

No entanto nada se distinguia no alto da fachada, ao cimo do qual não chegava o clarão dos archotes. O pesado madeiro jazia no meio do adro, e ouviam-se os gemidos dos desgraçados que tinham recebido o seu primeiro choque e que tinham o ventre partido em dois nos ângulos dos degraus de pedra.

Passado o primeiro terror, o rei de Tunes achou por fim uma explicação que pareceu aceitável aos seus companheiros.

— Pelas goelas de Deus os cônegos defendem-se? Então a saque! A saque!

— A saque! — repetiu a turba em furiosos gritos. E foi então uma descarga de bestas e alabardas sobre a fachada do templo.

A esta detonação, acordaram os pacíficos habitantes das casas circunvizinhas; algumas janelas abriram-se e, às vidraças apareceram barretes de dormir e mãos segurando em luzes.

— Atirai às janelas — bradou Clopin.

As janelas, fecharam-se imediatamente, e os pobres burgueses, que mal haviam tido tempo de lançar um aterrorizado olhar sobre esta cena de clarões e tumultos, suando de medo, perguntavam-se se o *sabbat* se reunia agora no pátio de Nossa Senhora, ou se haveria algum assalto dos Borguinhões, como em 64. Então os maridos pensavam nos roubos, as mulheres nas violações, e todos tremiam.

— A saque! — repetiam os vadios; mas não ousavam aproximar-se; olhavam para a grande trave estendida no chão. O madeiro não se mexia, o edificio conservava o seu aspeto tranquilo e deserto; alguma coisa, porém, regalava os vadios.

— À obra assaltantes! — disse Clopin. — Arrombem a porta.

Ninguém deu um passo.

— Barbas e ventre! — disse Clopin. — Pois esta gente tem medo de uma trave?

Um velho disse-lhe então:

— Capitão, não é a trave que nos incomoda, é a porta toda forrada de barras de ferro. De nada servem as alavancas.

— Que precisais então para a arrombar? — perguntou Clopin.

— Ah! Era-nos preciso um aríete.

O rei de Tunes correu animosamente para o formidável madeiro, pôs-lhe o pé em cima e disse:

— Aqui está um: são os cónegos que no-lo enviam.

E fazendo uma saudação zombeteira à igreja, acrescentou:

— Muito obrigado, senhores cónegos!

Esta bravata foi de bom efeito; tinha-se rompido e encanto da trave. Os vadios recuperaram ânimo e em breve a pesada trave, levantada como uma pena por duzentos braços vigorosos, veio lançar-se com fúria sobre a grande porta que já haviam tentado forçar.

Ao choque da trave, a porta meio metálica, ressoou como um tambor enorme; não cedeu porém; mas a catedral inteira estremeceu e ouviram-se os roncões prolongados das cavidades profundas do edifício.

No mesmo instante uma chuva de grossas pedras principiou a cair do alto sobre os assaltantes.

— Diabo! — gritou Jehan — São as torres que sacodem as suas balaustradas sobre as nossas cabeças.

Mas o impulso estava dado e o rei de Tunes era a primeiro a dar o exemplo. Era decididamente o bispo que se defendia e por isso se atacou com mais fúria a porta, apesar das pedras que faziam arrebentar os crânios, à direita e à esquerda.

É para notar que as pedras caíam todas uma a uma; mas seguiam-se de perto. Já uma larga camada de mortos e feridos sangrava e palpitava aos pés dos

assaltantes que, cheios de raiva agora, se revezavam sem cessar. A enorme viga continuava a bater à porta a espaços regulares, as pedras a chover e a porta a ranger.

O leitor já compreendeu por certo que esta inesperada resistência que tanto enfurecia os vadios, provinha de Quasimodo.

O acaso servira por desgraça o esforçado surdo.

Quando tinha descido à plataforma de entre as torres, as ideias referviam na cabeça. Tinha corrido ao longo da galeria alguns minutos, para cá e para lá, como um louco. Lembrou-se de subir à torre meridional e tocar a rebate; mas antes que pudesse pôr o sino em movimento, antes que a voz de Maria soltasse o primeiro clamor, não haveria mais que tempo para a porta da igreja ser dez vezes forçada?

Lembrou-se de súbito de que os pedreiros tinham andado a reparar o muro, o madeiramento e o telhado da torre meridional. O muro era de pedra, o telhado de chumbo e o vigamento de madeira.

Quasimodo desatou a correr para a torre. As câmaras inferiores estavam efetivamente cheias de materiais. Havia montes de pedras, folhas de chumbo em rolos, rijas traves já serradas, montões de calça. Um arsenal completo.

O tempo urgia. As alavancas e os martelos trabalhavam em baixo. Com uma força que o sentimento do perigo decuplicava, Quasimodo ergueu uma viga, a mais pesada, a mais comprida; fê-la sair por um postigo, depois agarrando-a pelo lado de fora da torre, fê-la escorregar sobre o ângulo da balaustrada que circunda a plataforma e largou-a no abismo.

Quasimodo viu os vadios dispersarem-se à queda do madeiro, como cinzas ao sopro de uma criança. Aproveitou-se deste pavor e, enquanto eles fitavam supersticiosos olhares sobre a trave caída do céu, e cegavam os santos de pedra do portal com uma descarga de setas e alabardas, Quasimodo acumulava silenciosamente calça, pedras, e até os sacos com as ferramentas dos operários, no bordo da balaustrada, de onde tinha atirado a viga.

Assim, quando de novo principiaram a abalar a grande porta, principiou a cair a chuva de pedra, e pareceu-lhes que a igreja se demolia de per si mesma sobre as suas cabeças.

No entanto os vadios não desanimavam. Já mais de vinte vezes a espessa porta sobre a qual eles se afanavam havia tremido sob o peso do seu aríete de

carvalho multiplicado pela força de cem homens. As almofadas estalavam, os laivos voavam em hastilhas, os gonzos, a cada novo impulso, saltavam sobre os seus aros, as tábuas despregavam-se, a madeira caía em pó, triturada entre as nervuras de ferro. Felizmente para Quasimodo tinha ela mais ferro do que madeira.

No entanto sentia ele que a grande porta vacilava. Posto que o não ouvisse, cada pancada do aríete repercutia-se de cada vez nas cavernas da igreja e nas suas entranhas. Do alto via ele os mendigos, cheios de triunfo e de fúria, mostrar o punho à tenebrosa fachada; e invejava, para si e para a cigana, as asas dos morcegos que fugiam em bandos sobre a sua cabeça.

O seu chuveiro de pedras não bastava para repelir os assaltantes.

Neste momento de angústia, notou, um pouco mais abaixo da balaustrada, de onde ele esmagava os vadios, duas longas goteiras de pedra que desembocavam imediatamente acima da grande porta. O orifício interno destas goteiras dava para o pavimento da plataforma. Acudiu-lhe uma ideia; correu a procurar um feixe de lenha no seu quarto de sineiro, pôs-lhe em cima muitos pedaços de ripas e muitos rolos de chumbo, munições de que ainda se não tinha servido, e colocando esta fogueira bem diante dos buracos das goteiras, pôs-lhe fogo com a lanterna.

Durante este tempo, como as pedras não caíssem mais, os assaltantes tinham deixado de olhar para cima. Esperavam com um frémido, a pancada suprema que ia rebentar com a porta. Era a quem se chegaria mais perto para se precipitar primeiro, quando ela se abrisse, na opulenta catedral, vasto reservatório onde se tinham acumulado as riquezas de três séculos. Recordavam uns aos outros, com rugidos de alegria e de cobiça, as belas cruces de prata, as belas capas de brocado, os belos panos de damasco, as grandes magnificências do coro, as festas deslumbrantes, os Natais resplendentes de círios, as Páscoas ofuscantes de sol, todas essas solenidades esplêndidas em que os relicários, as lâmpadas, os cibórios, os tabernáculos marchetavam os altares de crostas de ouro e diamantes. Decerto, neste belo monumento, ladrões, vadios, mendigos e coxos pensavam muito menos em libertarem Esmeralda do que no saque da igreja. Nós acreditamos mesmo piamente, que para um bom número deles, a cigana era somente um pretexto, se ladrões carecessem de pretextos.

De repente, quando eles se uniam para um derradeiro esforço em torno do aríete, reprimindo cada qual o fôlego e retesando os músculos a fim de darem toda a sua força à pancada decisiva, um rugido, mais pavoroso ainda que o que rebentara e expirara debaixo do madeiro, elevou-se no meio deles. Os que não

gritavam, os que viviam ainda, olharam. Dois jorros de chumbo caíam do alto do edifício no mais espesso da multidão. Este mar de homens acabava de se abrir debaixo do metal derretido que tinha feito, nos dois pontos onde caía, dois buracos negros e fumegantes, como faria a água quente na neve. Viam-se ali remexer-se os moribundos meios calcinados e rugindo de dor. À volta destes dois jorros principais, caíam gotas desta chuva horrível, que se espalhavam sobre os assaltantes, e penetravam nos crânios como verrumas de fogo. Era um fogo vivo que crivava estes miseráveis de mil grãos de saraiva.

O clamor foi espantoso. Fugiam em tropel, atirando com a trave para cima dos cadáveres, tanto os mais valentes como os mais cobardes, e em breve se esvaziou o adro pela segunda vez.

Todos os olhos se tinham levantado para o alto da igreja. O que eles viam era extraordinário. No alto da galeria mais elevada por cima do florão central, havia uma grande chama, que subia entre as duas torres com turbilhões de faúlhas, uma grande chama desordenada e furiosa de que o vento arrebatava por momentos um fragmento com o fumo. Por baixo desta chama, por baixo da sombria balaustrada de flores em brasa, duas goteiras abertas como bocas de monstros vomitavam sem cessar esta chuva ardente, que destacava as suas correntes prateadas sobre as trevas da fachada inferior. Acima da chama, as enormes torres, de cada uma das quais se viam duas faces nuas e cortadas, uma toda negra, outra toda vermelha, pareciam bem maiores ainda, pela imensidade da sombra que projetavam até ao céu. As suas inúmeras esculturas de diabos e dragões tomavam um aspeto lúgubre. O clarão inquieto da chama fazia-os mover à vista. Monstros havia até que parecia rirem, carrancas que se julgava ouvir ulular, salamandras que sopravam ao fogo, tarascos que espirravam no fumo. E entre estes monstros assim arrancados ao seu sono de pedra por esta chama, por este ruído, um havia que andava e que, de tempos a tempos, se via passar pela frente do braseiro, como um morcego em frente duma lâmpada.

Fez-se um silêncio de terror entre os vadios, durante o qual só se ouviam os gritos de socorro dos cônegos encerrados e mais inquietos que cavalos numa cavalaria em fogo, o ruído furtivo das janelas rapidamente abertas e mais rapidamente fechadas, o alarido no interior das casas do Hotel-Dieu, o vento soprando a chama, o último estertor dos moribundos, e o crepitar constante daquela chuva plúmbea nas pedras do adro.

No entanto os chefes do bando tinham-se retirado para debaixo do alpendre do palácio Gondelaurier e reuniam conselho. O duque do Egipto, sentado num marco, contemplava com religioso terror o fantástico braseiro que resplandecia a duzentos pés de altura. Clopin Trouillefou mordida os seus grossos punhos

raivosamente.

— É impossível entrar! — murmuravam entre dentes.

— Uma velha igreja fada! — rosnava o velho boêmio Matias Hungadi Spicali.

— Olhai aquele demônio que passa e torna a passar por diante da fogueira! — exclamava o duque do Egito.

— Por Deus — disse Clopin — é aquele danado sineiro, é Quasimodo.

O boêmio acenou a cabeça.

— Eu digo-te que é o espírito Sabnac, o grande marquês, o demônio das fortificações. Tem a forma de um soldado armado e uma cabeça de leão. Algumas vezes monta num horrendo cavalo. Converte os homens em pedras, com os quais ergue em seguida torres. Comanda cinquenta legiões. É ele; bem o reconheço. Algumas vezes veste uma magnífica túnica de ouro bordada à moda dos turcos.

— Não haverá um meio de arrombar aquela porta? — perguntou o rei de Tunes raivosamente.

O duque do Egito apontou tristemente para os dois regatos de chumbo fervente que não cessavam de riscar a negra fachada.

— Já se tem visto igrejas que assim se defendiam a si mesmas — observou ele suspirando — Santa Sofia de Constantinopla, há de haver uns quarenta anos, atirou três vezes a terra com o crescente de Maomé sacudindo os seus zimbórios, que são cabeças. Guilherme de Paris, que construíra este templo, era um mágico.

— Pois assim havemos de nos irmos embora lastimosamente como lacaios em estrada? — disse Clopin. — Deixaremos ali nossa irmã que esses lobos de capuz enforcarão amanhã!

— E a sacristia onde há ouro às carradas! — acrescentou um ladrão cujo nome muita pena temos de não saber.

Matias Hungadi fez um aceno com a cabeça.

— Não entraremos pela porta. Precisamos de descobrir falha da armadura da velha fada: um buraco, um postigo, uma qualquer juntura.

— Siga-me quem quiser! — disse Clopin — Eu volto. A propósito: o que é feito desse estudantezito que tão coberto de ferro anda?

— Morreu talvez. Ninguém o ouviu já rir.

O rei de Tunes carregou o sobreceño:

— Tanto pior. Havia um valente coração debaixo daquela ferragem toda. E mestre Pedro Gringoire?

— Capitão Clopin — disse Audry-le-Rouge, que olhava na direção da rua do Adro — aí vem o estudante.

— Ora graças a Plutão! — disse Clopin. — Mas que diabo arrasta ele atrás de si?

Com efeito era Jehan que corria o mais depressa que lhe permitia o seu pesado trajo de paladino e uma comprida escada que denodadamente arrastava sobre a calçada, mais arquejante que uma formiga puxando um fio de erva vinte vezes mais comprido do que ela.

— Vitória! — gritou o estudante — Aqui está a escada dos descarregadores do porto de São Landry.

Clopin aproximou-se dela:

— Mas, pelo diabo, rapaz, que queres tu fazer com essa escada?

— Cá está ela — respondeu Jehan ofegante. — Eu sabia onde ela estava. Debaixo do alpendre da casa do tenente. Há aí uma rapariga que eu conheço e que me acha bonito como um amor. Servi-me dela para obter a escada, e a escada cá está.

— Sim — disse Clopin — mas que queres tu fazer com essa escada?

Jehan olhou para ele com um ar malicioso e fez estalar os dedos como castanholas. Estava sublime neste momento. Na cabeça tinha um desses pesados capacetes do século XV, que aterravam o inimigo, com as suas cimeiras quiméricas.

— O que quero fazer, augusto rei de Tunes? Vedes aquela fileira de estátuas com caras imbecis?

— Vejo. E então?

— É a galeria dos reis de França. Ao fim desta galeria há uma porta que só está fechada com a tranqueta. Ora eu vou subir por esta escada e dentro em pouco estarei na igreja.

E Jehan principiou a correr pela praça, puxando a escada e gritando:

— A mim, rapazes!

Num momento a escada foi erguida e encostada à balaustrada da galeria inferior, por cima de um dos portais laterais. A chusma dos vadios, soltando ruidosas exclamações, apertou-se em baixo para subir. Mas Jehan manteve o seu direito e foi o primeiro que pousou o pé nos degraus. O trajeto era assaz longo. A galeria dos reis de França elevava-se setenta pés acima do solo. Os onze degraus ainda mais elevada a faziam. Jehan subia lentamente, bastante estorvado pela sua pesada armadura, segurando-se com uma mão à escada e tendo na outra a sua besta. Quando chegou a meio da escada lançou um melancólico olhar sobre os desgraçados vadios mortos, cujos cadáveres juncavam a escadaria.

— Ah! — disse ele — Aí está um montão de cadáveres digno do quinto canto da *Iliada!* — Os vadios seguiam-no.

O estudante atingiu por fim o balcão da galeria, e saltou para dentro com grande agilidade no meio dos aplausos de toda a vadiagem. Vendo-se senhor da fortaleza, soltou um grito de alegria mas, de repente, ficou petrificado. Acabava de ver, atrás da estátua de um rei, Quasimodo, escondido na sombra e com o olho reluzente.

Antes que um segundo assaltante pudesse pousar o pé na galeria, o formidável corcunda saltou à cabeça da escada, agarrou nos extremos dos dois banzos com as suas mãos poderosas, ergueu-os, afastou-os do muro, balanceou um momento, entre clamores de angústia, a comprida e dobradiça escada cheia de vadios desde baixo até acima, e subitamente com uma força sobre-humana, atirou com este cacho de homens à praça. A escada lançada para trás ficou um momento direita e de pé, parecendo hesitar, depois oscilou e de repente, abateu-se sobre o adro com a sua carga de bandidos, mais rapidamente do que uma ponte levadiça à qual se partissem as cadeias. Houve uma imprecação enorme, depois tudo se extinguiu e alguns infelizes mutilados retiraram-se de rastros debaixo de um montão de mortos.

Um rumor de agonia e cólera sucedeu entre os assaltantes aos primeiros gritos de triunfo. Quasimodo, impassível, com os dois cotovelos apoiados à balaustrada, olhava. Tinha o aspeto de um velho rei cabeludo à sua janela.

Enquanto Quasimodo balanceava a escada o estudante tinha corrido à porta que ele supunha aberta. Não estava. O surdo, tivera o cuidado de a fechar.

Nos primeiros momentos, o surdo não se lembrou dele; mas por fim voltou a cabeça e endireitou-se de repente. Acabava de ver o estudante.

Jehan preparou-se para um rude ataque, mas o surdo ficou imóvel; apenas se tinha voltado para o estudante a quem fitava.

— Oh! Oh! — disse Jehan — Que diabo tens tu para assim me fitares com o teu olho torto e melancólico?

E falando assim o mancebo preparava disfarçadamente a sua besta.

— Quasimodo! — gritou ele — Vou mudar o teu nome; de ora avante chamar-te-ão o cego.

O tiro partiu. O dardo empenado sibilou e veio enterrar-se no braço esquerdo do corcunda. Quasimodo não sentiu mais do que se fora uma arranhadura. Levou a mão à seta, arrancou-a do braço e quebrou-a tranquilamente no seu grosso joelho; depois deixou cair por terra os dois pedaços. Jehan não teve tempo para disparar segunda vez. Tendo quebrado a flecha, Quasimodo soprou ruidosamente, deu um pulo como um gafanhoto e caiu sobre o estudante, cuja armadura se achatou de encontro à parede.

Então nesta penumbra onde flutuava o clarão dos archotes, entreviu-se uma cena terrível.

Quasimodo prendera com a mão esquerda os dois braços de Jehan, que nem se debatia, tão perdido se julgava. Com a direita, o surdo desprendia-lhe uma após outra, em silêncio, com uma lentidão sinistra, todas as peças da sua armadura, a espada, os punhais, o capacete, a couraça, e os braços. Quasimodo lançava a seus pés, peça por peça, a casca de ferro do pequeno estudante.

Quando Jehan se viu desarmado, despido, fraco e nu nestas temíveis mãos, nem mesmo tentou falar a este surdo, mas pôs-se-lhe a rir afrontosamente na cara e a cantar, com o seu intrépido descuido dos dezasseis anos, a canção tanto em voga:

Ele est bien habillé
La ville de Cambrai,
Marafin l'a pillée...

Mas não acabou. Viu-se Quasimodo de pé no parapeito da galeria, agarrando com uma só mão o estudante pelos pés e fazendo-o voar sobre o abismo como uma funda; depois ouviu-se um ruído como o de uma caixa óssea que se despedaça contra uma parede e viu-se cair alguma coisa que parou no terço da queda numa saliência da arquitetura.

Era um cadáver que ali ficou suspenso, quebrado em dois, as costas partidas e o crânio vazio.

Um grito de horror se elevou da chusma dos vadios.

— Vingança! — bradou Clopin. — A saque! — respondeu a multidão. — Assalto! Assalto!

Foi então um rugido espantoso. A morte do pobre estudante lançou na multidão um ardor de fúria. Sentiu-se envergonhada e cheia da raiva por ter sido estorvada durante tanto tempo em face de uma igreja, somente por um corcunda. O furor encontrou escadas, multiplicou os archotes, e dentro de alguns minutos, Quasimodo, fora de si, viu este temeroso formigueiro subir por toda a parte ao assalto de Nossa Senhora. Os que tinham cordas trepavam pelos relevos das esculturas. Nenhum meio de resistência havia a esta maré ascendente de caras medonhas; o furor fazia rutilar esses rostos ferozes; as suas frentes de uma cor terrena, luziam de suor; os olhos brilhavam. Era como uma camada de monstros vivos sobre os monstros de pedra da fachada.

Entretanto a praça tinha-se estrelado de mil archotes. Esta cena desordenada, até então perdida na obscuridade, abrasara-se subitamente de luz. O adro resplandecia e atirava irradiações ao céu; a fogueira acesa na alta plataforma ardia sempre e iluminava a cidade ao longe. A silhueta enorme das duas torres, desenvolvida a distância sobre os tetos de Paris, fazia em toda esta claridade uma chanfradura vasta de sombra. A cidade parecia em movimento. Rebates, ouviam-se ao longe nas torres distantes. Os vadios ululavam, arquejavam, juravam, subiam; e Quasimodo, impotente contra tantos inimigos, tremendo pela cigana, vendo esses rostos enfurecidos aproximarem-se cada vez mais da sua galeria, pedia ao Céu um milagre e torcia os braços de desespero.

V.

O retiro onde reza as suas horas o senhor rei Luís de França

O leitor ainda se não esqueceu talvez de que um momento antes de aperceber o bando noturno dos vadios, Quasimodo, examinando Paris do alto da sua torre, só vira brilhar uma luz, a qual estrelava um vidro no andar mais elevado dum alto e sombrio edifício, ao lado da porta de Santo António. Este edifício era a Bastilha. A estrela, era a vela de Luís XI.

O rei Luís XI estava com efeito em Paris havia dois dias. O rei só fazia raras e curtas aparições na sua boa cidade de Paris, pois não sentia em volta de si número suficiente de forcas e de archeiros escoceses.

Nesse dia tinha ele vindo pernoitar à Bastilha, à câmara a que chamavam « o retiro onde reza as suas horas o senhor rei Luís de França » .

No momento em que aí introduzimos o leitor, o retiro estava muito escuro. Era noite e só uma vacilante vela de cera pousada sobre a mesa alumiaava cinco personagens diversamente agrupadas na câmara.

A primeira sobre quem a luz caía era um senhor soberbamente vestido com uns calções e um sobretudo escarlate raiado de prata e uma casaca com enfeites de pano de ouro com desenhos negros. Este esplêndido traje em que a luz resplandecia, parecia inundado de chama em todas as suas dobras. O homem que o trazia tinha no peito o seu brasão bordado com vivas cores. Tinha o aspeto mau, a aparência orgulhosa, e a cabeça levantada. À primeira vista descobria-se-lhe no rosto a arrogância, à segunda, a velhacaria. Estava descoberto, com um longo pergaminho na mão, em pé atrás da cadeira de braços sobre a qual estava sentada, com o corpo desgraciosamente dobrado ao meio, os joelhos a cavalo um no outro, o cotovelo na mesa, uma personagem muito mal trajada. Imagine-se, sobre a opulenta cadeira de couro de Córdova, dois joelhos cambaios, duas coxas magras, pobrememente cobertas de um tecido de lã negra, um corpo envolvido num sobretudo de festão forrado de peles, e das quais mais couro se via do que cabelo; enfim, para coroar, um velho chapéu sebento do mais ordinário feltro negro, bordado de um cordão circular de figurinhas de chumbo. E aqui está, com um sujo barrete que apenas deixava passar um cabelo, tudo o que distinguia a personagem sentada. Por forma tal tinha a cabeça curvada sobre o peito, que nada se apercebia do seu rosto coberto de sombra, a não ser a ponta do nariz, sobre o qual insidia um raio de luz, e que devia ser comprimido. Pela magreza da sua mão engelhada, adivinhava-se um velho. Era Luís XI.

A pouca distância, por detrás dele, conversavam em voz baixa dois homens vestidos à moda flamenga e que não estavam tão perdidos na sombra que alguém que tivesse assistido à representação do mistério de Gringoire não pudesse reconhecer neles dois dos principais enviados flamengos, Guilherme Rym, o sagaz pensionário de Gand, e Jacques Coppenole, o popular fabricante de luvas.

Finalmente, ao fundo, perto da porta, estava de pé, na sombra, imóvel como uma estátua, um homem vigoroso e membrudo, de arnês de guerra e casaca brasonada, e cujo rosto quadrado, fendido por dois olhos à flor, rasgado por uma enorme boca, escondendo as orelhas sob dois largos anteparos de cabelos chatos, sem testa, simultaneamente o que quer que fosse do cão e do tigre.

Todos estavam descobertos menos o rei.

De repente o rei levantou a voz. Eles calaram-se.

— Cinquenta soldos as capas dos nossos criados, e doze libras os capotes dos escreventes da nossa coroa! É assim mesmo, é espalhar o ouro às mãos cheias! Estais doido, Olivier?

Luis XI arrancou os papéis das mãos do outro.

— Quereis arruinar-nos! — gritou ele passando os seus olhos encovados pelo caderno.

Neste momento a porta abriu-se e deu entrada a uma nova personagem, que se precipitou, fora de si, na câmara real a gritar:

— Senhor! Senhor! Há uma sedição popular em Paris!

A figura grave de Luis XI contraiu-se; mas o que houve de visível na sua emoção passou como um relâmpago. Conteve-se e disse com tranquilidade severa:

— Compadre Jacques, entrais bem arrebatadamente!

— Senhor! Senhor! Mas há uma revolta! —olveu o compadre Jacques arquejante.

O rei, que se tinha levantado, travou-lhe rudemente do braço e disse-lhe ao ouvido, de modo a ser percebido só por ele, com uma cólera concentrada e um olhar oblíquo sobre os flamengos:

— Cala-te! Ou fala baixo.

O recém-chegado compreendeu e principiou a fazer-lhe em segredo, uma assustada narrativa, que o rei ouvia com todo o sossego, enquanto Guilherme Rym fazia notar a Coppenole o rosto e o fato do recém-vindo, o seu capuz forrado, a sua túnica de veludo negro que anunciava um presidente do tribunal das contas.

Mal tinha esta personagem dado algumas explicações ao rei, quando Luís XI exclamou, desatando a rir:

— Na verdade, mas falai alto, compadre Coictier! Mas para que falais assim em segredo? Nossa Senhora bem sabe que nós não ocultamos nada aos nossos bons amigos flamengos.

O compadre Coictier ficou mudo de surpresa.

— Vá —olveu o rei — falai, senhor; há um motim de vilões na nossa boa cidade de Paris? E que se dirige, dizeis, contra o senhor bailio do Palácio da Justiça?

— Assim parece — disse o *compadre*.

Luís XI tornou:

— Onde foi que a ronda encontrou essa turba?

— Eu mesmo a encontrei quando para aqui me dirigia, obedecendo às ordens de vossa majestade. Ouvi alguns que gritavam: — Morra o bailio do Palácio! — São os vilões do Pátio dos Milagres, há muito tempo já que eles se queixam do bailio, de que são vassalos. Não o querem reconhecer como justiceiro nem como senhor.

— Ora essa! — replicou o rei com um sorriso de satisfação que de balde se esforçava por disfarçar.

— Em todos os memoriais ao parlamento — tornou o compadre Jacques — pretendem ter somente dois senhores: vossa majestade e o seu Deus, que é, penso eu, o diabo.

— Eh! Eh! — disse o rei.

E esfregou as mãos, rindo-se com este riso íntimo que faz irradiar a fisionomia; não podia dissimular o seu júbilo. Ninguém o compreendia, nem

mesmo mestre Olivier. Ficou um momento calado, com um ar pensativo, mas contente.

— São em grande número? — perguntou de repente.

— Uns seis mil, pelo menos.

O rei não pôde deixar de dizer — Bom! — depois tornou:

— Vão armados?

— De foices, picos, lanças e enxadas. Todas as armas violentas.

O rei pareceu não se inquietar com esta enumeração. O compadre Jacques entendeu dever acrescentar:

— Se vossa majestade não mandar imediatamente em socorro do bailio, ele está perdido.

— Mandaremos — disse o rei com um fingido ar de seriedade. — O bailio é nosso amigo. Seis mil! São uns atrevidos vilões. Mas temos hoje pouca gente em torno de nós. Chegará a tempo amanhã.

O compadre Jacques exclamou:

— Senhor! Haverá tempo para o bailiado ser saqueado mais de vinte vezes, e o bailio enforcado. Por Deus, senhor, enviai-o hoje mesmo.

O rei olhou-o em face:

— Já te disse que amanhã.

Era um destes olhares que não têm réplica.

Após um silêncio, Luís XI ergueu novamente a voz.

— Meu compadre Jacques, deveis saber isso. Qual era... — Mas emendou: — Qual é a jurisdição feudal do bailio?

— Senhor, o bailio do palácio tem a rua da Calandre até à rua de Herberie, a praça de S. Miguel e os lugares vulgarmente chamados Muraux, sitos nas proximidades da igreja de Nossa Senhora dos campos (aqui Luís XI levantou um pouco o chapéu); esses edifícios são treze, mais o Pátio dos Milagres, mais a Maladerie e acaba junto da porta de Saint-Jacques. De todos estes locais é o

bailio inspetor, alto, médio e baixo justiceiro e pleno senhor.

— Olé! — disse o rei coçando a orelha esquerda com a mão direita — Isso é um bom pedaço da minha cidade! Ah! E senhor bailio era rei de tudo isso!

Desta vez não se conteve. Continuou pensativo e como que falando consigo mesmo.

— Muito bonito, senhor bailio! Tinha assim em seu poder um lindo bocado da nossa Paris.

De repente fez explosão:

— Páscoa de Deus! Quem são essas gentes que se intitulam inspetores, justiceiros, senhores e amos em nossa casa? Que têm a sua pastagem ao fim de todos os campos? A sua justiça e o seu carrasco em todas as encruzilhadas entre o nosso povo? É preciso que chegue o dia em que não haja em França mais do que um rei, que um senhor, que um juiz, que um executor, como há um só Deus no paraíso!

E continuou, com o ar e o acento de um caçador que excita e solta a sua matilha:

— Bem, meu povo! Muito bem! Destrói esses falsos senhores! Cumpre a tua tarefa. Sus! Sus! Saqueia-os, prende-os, enforca-os!... Ah! Quereis ser reis, senhores! Anda, meu povo, anda!

Nisto interrompeu-se bruscamente, mordeu os lábios, como para apanhar o pensamento que quase lhe tinha escapado, pousou sucessivamente o olhar sobre cada uma das cinco personagens que o cercavam.

— Não importa! Havemos de socorrer o senhor bailio. Infelizmente, temos muita pouca tropa connosco, neste momento; seria impossível bater todos esses vilões. É preciso esperar até amanhã. A ordem será restabelecida na cidade e enforcar-se-ão sem remissão nem agravo todos os que forem presos.

— A propósito, senhor — disse o compadre Coictier. — Esqueceu-me isto no primeiro terror: a ronda prendeu dois retardatários do bando. Se vossa majestade quiser ver esses homens, eles estão aí.

— Se os quero ver! Corre Olivier, vai busca-los quanto antes.

Mestre Olivier saiu e voltou um momento depois com os dois prisioneiros, cercados de archeiros da ordenança. O primeiro tinha uma gorda fisionomia

alvar, embriagada e boçal. Vestia uns andrajos e andava curvando o joelho e arrastando o pé. O segundo era uma figura pálida e sorridente, já conhecida do leitor.

O rei examinou-os por um momento sem dizer uma palavra, e, depois, dirigindo-se bruscamente ao primeiro, perguntou-lhe:

— Como te chamas?

— Gieffroy Pincebourde.

— Tua profissão.

— Vadio.

— Que ias fazer nessa abominável sedição?

O vadio olhou para o rei, balouçando os braços com ar de estúpido.

— Não sei — respondeu ele. — Eu ia para onde os meus companheiros iam também. Íamos roubar qualquer coisa a casa de alguém.

— E reconhecetes esse homem como teu companheiro? — acrescentou Luís XI designando o outro prisioneiro.

— Não. Não o conheço.

— Basta — disse o rei. E fazendo um sinal com o dedo à personagem silenciosa, imóvel junto da porta e que já fizemos notar ao leitor: — Compadre Tristão, aí tens um homem para ti.

Tristão, o Eremita, inclinou-se. Deu uma ordem em voz baixa a dois archeiros, que levaram o pobre vadio.

No entanto o rei tinha-se aproximado do segundo prisioneiro que suava em grossas bagas.

— O teu nome?

— Pedro Gringoire, senhor.

— A tua profissão?

— Filósofo, senhor.

— Como é que te atreves tu, maroto, a ir atacar o nosso amigo, o senhor bailio do Palácio?

— Senhor, eu não estava lá.

— Olá, frascário, pois tu não foste preso pela ronda nessa má companhia?

— Não, senhor; há um engano. É uma fatalidade. Eu faço tragédias. Senhor, eu suplico a vossa majestade que me atenda. Eu sou poeta. É a melancolia das gentes da minha profissão ir de noite por essas ruas. Eu passava por lá há pouco. Um perfeito acaso. Prenderam-me sem razão; eu sou inocente nessa tempestade civil. Vossa majestade bem viu que o vadio não me reconheceu. Eu rogo a vossa majestade...

— Cala-te! — disse o rei entre dois goles de tisana. — Tu móis-nos a cabeça.

Tristão o Eremita adiantou-se e perguntou, indicando Gringoire com o dedo:

— Senhor, também posso levar este?

Era a primeira frase que ele proferia.

— Sim! — respondeu negligentemente o rei — Não vejo inconvenientes.

— Mas vejo eu muitos, senhor! — disse Gringoire.

O nosso filósofo estava neste momento mais lívido do que uma azeitona. Viu, pelo rosto frio e indiferente do rei, que não tinha outro recurso além de uma cena patética e atirou-se aos pés de Luís XI exclamando, com desesperado gesto:

— Senhor! Digne-se vossa majestade ouvir-me. Senhor, vós sois um monarca augusto, todo-poderoso; tende piedade de um pobre homem de bem, e que seria bem menos incapaz de atizar uma revolta do que um bloco de gelo uma fásca! Muito gracioso senhor, a bondade suprema é a virtude dos leões e dos reis. Ah! O rigor só consegue aterrorizar os espíritos! As rajadas impetuosas do vento não fariam largar a capa ao viajante, enquanto o sol, ferindo-o com os seus raios pouco a pouco o aquece de modo tal que o obriga a pôr-se em camisa. Senhor, vós sois o sol. Juro-vos, meu soberano rei e senhor, que não sou um mísero vadio, ladrão e desordenado. A revolta e as rapinas não pertencem ao séquito de Apolo. Não serei eu que me vá precipitar nessas nuvens que se desatam em motins e sedições. Sou um fiel vassalo de vossa majestade. Sou bastante pobre. Toda a gente sabe que as grandes riquezas não são obtidas por

meio das belas-letas, e que os que mais se consomem sobre os bons livros nem sempre têm um bom fogo no inverno. A advocacia só apanha todo o grão, e deixa a palha a todas as outras profissões científicas. Há quarenta excelentes provérbios acerca do manto esburacado dos filósofos. Oh! Senhor! A clemência é a única luz que pode iluminar o interior de uma grande alma. A clemência empunha o facho à frente de todas as outras virtudes. Sem ela todas são como cegos que procuram Deus às apalpadelas. A misericórdia, que é o mesmo que a clemência, forma o amor dos súbditos, que é a mais preciosa guarda da pessoa do príncipe. Que vos importa, a vós, majestade cujo rosto irradia, que haja um pobre homem a mais na terra, um pobre filósofo inocente chafurdando nas trevas da calamidade, com a sua algibeira vazia, batendo no ventre encovado? Demais senhor, eu sou letrado. Os grandes reis sempre consideraram uma pérola na sua coroa o proteger as letras. Ora é uma péssima maneira de proteger as letras o enforçar os letrados. Que nódoa para Alexandre se tivesse mandado enforçar Aristóteles!

Quando Gringoire parou finalmente arquejante, levantou a cabeça, tremendo, para o rei, que coçava com a unha uma nódoa que os seus calções tinham no joelho; depois sua majestade bebeu um gole de tisana. De resto nada dizia e este silêncio torturava Gringoire. O rei olhou finalmente para ele.

— És um terrível falador! — disse. E depois, voltando-se para Tristão o Eremita — Vá, larga-o!

Gringoire caiu para trás, doido de alegria.

— Em liberdade! — rosnou Tristão — Vossa Majestade nem ao menos quer que o engaiolem por uns momentos!

— Compadre! — replicou Luís XI — Solta-me esse frascário — Luís XI gostava muito desta palavra — e põe-no lá fora com um pontapé.

— Uf! — exclamou Gringoire — Sois um grande rei.

E, receando alguma contraordem, precipitou-se para a porta, que Tristão lhe abriu com muito mau modo.

O bom humor do rei desde que lhe fora notificada a revolta contra o bailio transparecia em tudo. Esta clemência desusada era disso um não pequeno indício. Tristão o Eremita, no seu canto, tinha o semblante carregado dum cão que viu e não teve.

O rei aproximou-se de repente da janela, e abrindo-a com extraordinária

agitação, exclamou batendo as mãos:

— Lá está um clarão avermelhado no céu, sobre a cidade. É o bailiado que arde. Ah! Meu bom povo! Até que enfim me ajudas a demolir as senhorias.

E voltando-se bruscamente para os flamengos:

— Já viste alguma revolta, mestre Jacques?

— Já as fiz — respondeu o luveiro.

— E como fazeis vós uma revolta? Contra quem vos revoltais em Gand? — perguntou o rei — Contra os vossos bailios? Contra os vossos senhores?

— Algumas vezes, conforme. Mas também outras contra o duque.

Luís XI tornou a sentar-se, e disse com um sorriso:

— Ah! Aqui ainda se revoltam contra os bailios.

— Senhor — disse Olivier com a ruim expressão dum homem que se alegra por despedir um golpe violento — não é contra o bailio do Palácio que se levanta esta sedição popular.

— Contra quem é então?

— Contra vós, senhor.

O velho rei ergueu-se direito como um rapaz.

— Explica-te, Olivier! E segura bem a tua cabeça, porque pela cruz de Saint-Lô te juro que, se nos mentes nesta hora, a espada que cortou o pescoço do senhor de Luxemburgo, não está ainda tão cheia de bocas que não corte o teu!

O juramento era formidável. Luís XI só tinha jurado duas vezes na sua vida pela cruz de Saint-Lô. Olivier abriu a boca para responder:

— Senhor...

— De joelhos! — interrompeu violentamente o rei — Tristão, vigia este homem!

Olivier ajoelhou e disse friamente:

— Senhor, a vossa corte do parlamento condenou à morte uma feiticeira.

Ela refugiou-se em Nossa Senhora. O povo quer arrancá-la de lá à viva força. É Nossa Senhora que o povo cerca.

— Olá — disse o rei em voz baixa, pálido e tremendo de cólera. — Nossa Senhora! Pois eles cercam na sua própria catedral a minha boa padroeira! Levanta-te, Olivier. Tens razão. É a mim que se atrevem a atacar. A feiticeira estava salva-guarda da igreja, e a igreja está sob a minha proteção. E eu a pensar que se tratava do bailio! É contra mim!

Então, rejuvenescido pelo furor, pôs-se a andar a largos passos dum lado para o outro. Já não ria, estava terrível, ia e vinha; a raposa transformara-se em hiena. Parecia sufocado a ponto de não poder falar; mexia os lábios, enquanto se lhe crispavam os seus punhos descarnados. De repente, ergueu a cabeça, os seus olhos cavados pareceram cheios de luz, e a sua voz rompeu como um clarim.

— Mão baixa, Tristão! Mão baixa sobre esses vilões! Vamos, Tristão, meu amigo, mata! Mata!

Tristão inclinou-se.

— Está bem, senhor. — E acrescentou depois de um silêncio: — E que devo fazer da feiticeira?

Esta pergunta fez meditar o rei.

— Está bem, meu compadre, extermina o povo e enforca a feiticeira.

— Basta, senhor — respondeu Tristão. — Se a feiticeira ainda estiver em Nossa Senhora, deverei prendê-la apesar do direito do asilo?

— Páscoa de Deus! O asilo! — disse o rei, coçando a orelha — E, contudo, preciso que essa mulher seja enforcada.

Aqui, como se fosse acometido de uma ideia súbita, deitou-se de joelhos diante da sua cadeira, tirou o chapéu pousou-o no assento, e olhando devotadamente para um dos amuletos de chumbo de que ele estava carregado: — Oh! — disse, juntando as mãos — Nossa Senhora de Paris, minha graciosa padroeira, perdoai-me. É só por esta vez. É preciso castigar aquela criminosa. Afianço-vos, minha Virgem Nossa Senhora, minha boa padroeira, que é uma feiticeira indigna da vossa amável proteção.

Perdoai-me pois, por esta vez, Nossa Senhora de Paris. Não farei isto outra vez, e dar-vos-ei uma bela imagem de prata igual à que no ano passado dei à

Nossa Senhora d'Ecouys. Assim seja.

Fez o sinal da cruz, ergueu-se, cobriu-se e disse a Tristão:

— Anda, meu compadre, não te demores. Leva o senhor de Châteaupers contigo. Manda tocar a rebate. Esmaga-me essa população e enforca a feiticeira. Está dito. Quero que a execução seja feita por ti. Dar-me-ás conta depois.

Tristão o Eremita inclinou-se e saiu. Então o rei, despedindo, com um gesto, Rym e Coppenole disse:

— Deus vos guarde, meus bons amigos flamengos. Ide descansar um pouco. A noite vai adiantada, e nós já estamos mais próximos da madrugada que da tarde.

Ambos saíram, a recolhendo-se aos seus aposentos guiados pelo capitão da Bastilha, dizia Coppenole a Guilherme Rym:

— Hum! Estou farto deste rei que tosse! Vi Carlos o Temerário bêbedo; não era tão mau como Luís XI doente.

— Mestre Jacques — respondeu Rym — é porque os reis têm o vinho menos cruel que a tisana.

VI. Vadiagem em ataque

Saindo da Bastilha, Gringoire desceu a rua de Saint-Antoine numa corrida de cavalo desenfreado. Chegando à porta Baudoyer, dirigiu-se à cruz de pedra que se erguia ao meio da praça como se tivesse podido distinguir na obscuridade a figura de um homem vestido e encapuchado de negro, que estava sentado nos degraus da cruz.

— Sois vós, mestre? — interrogou Gringoire.

A personagem negra levantou-se:

— Morte e paixão. E Fazeis-me ferver, Gringoire. O homem que está na torre de S. Gervásio acaba de gritar que é hora e meia da manhã.

— Ora! — replicou Gringoire — A culpa não foi minha, mas sim da ronda do rei. Acabo de me livrar de boa. Escapei de ser enforcado. É o meu destino.

— Também escapas de tudo — disse o outro. — Mas vamos depressa. Sabes a palavra de passe?

— Imaginai, mestre, que vi o rei. De lá venho. Ele usa uns calções de fustão. Que aventura!

— Oh! Moinho da palavras! Que tenho eu com a tua aventura? Sabes a palavra de passe dos vadios?

— Sei, descansai: *Vadiagem em ataque*.

— Bem. De outro modo não poderíamos chegar a igreja. Os vadios enchem as ruas. Felizmente parece que encontraram resistência. Talvez ainda cheguemos a tempo.

— Sim, mestre. Mas como havemos de entrar na igreja?

— Tenho a chave das torres.

— E como sairemos de lá?

— Há por detrás do claustro uma pequena porta que dá sobre o Terrain, e daí sobre o rio. Trouxe a chave comigo, e tive o cuidado de amarrar lá um barco esta manhã.

— Pois escapei lindamente de ser enforcado! — tornou Gringoire.

— Andai; vamos depressa — disse o outro.

E ambos desceram a largos passos para o lado da Cité.

VII. Châteaupers acudindo

O leitor lembra-se talvez da situação crítica em que deixamos Quasimodo. O valente surdo, acometido por todos os lados, tinha perdido, se não toda a coragem, pelo menos toda a esperança de salvar, não a si mas à cigana. Corria desatinadamente pela galeria. De súbito, um grande tropel de cavalos encheu as ruas próximas, e, com uma longa fila de archotes e uma cerrada coluna de cavaleiros, abaixando lanças e rédeas, desembocaram com estes ruídos furiosos sobre a praça como um furacão:

— França! França! Acutilai esses vilões! Châteaupers acode! Prebostado! Prebostado!

Quasimodo, que não ouvia, viu as espadas nuas, os archotes, os ferros das lanças, toda esta cavalaria, à frente da qual reconheceu o capitão Febo; viu a confusão dos vadios, e com este socorro inesperado recuperou tanta força que atirou fora da igreja os primeiros assaltantes, que se dispunham já a assaltar à galeria.

Eram com efeito as tropas do rei que acudiam.

Os vadios resistiram com valor. Defenderam-se como desesperados. Homens, mulheres e crianças atiravam-se às garupas e aos peitos dos cavalos e agarravam-se-lhes como gatos com unhas e dentes aos quatros membros. Outras queimavam com archotes os rostos dos archeiros. Outros atiravam ganchos de ferro ao pescoço dos cavaleiros e puxavam-nos para si. Faziam em pedaços os que caíam.

Notou-se um que tinha uma comprida foice luzidia, e que durante muito tempo ceifou as pernas dos cavalos. Era medonho. Cantava uma canção em voz fanhosa e, sem descanso, atirava e recolhia a foice.

A cada golpe traçava em volta de si um grande círculo de membros cortados. Avançava assim para o mais espesso da cavalaria, com a lentidão tranquila, o balanço de cabeça e o fôlego regular de um ceifador que enceta um campo de trigo. Era Clopin Trouillefou. Um tiro de arcabuz derrubou-o.

Entretanto as janelas tinham-se aberto novamente. Os vizinhos, ouvindo o grito de guerra dos homens de armas do rei, resolveram-se a tomar parte na refrega, e de todos os andares choviam balas sobre os vadios. O adro estava

cheio de uma fumarada que a mosquetaria raiava de fogo.

Por fim os vadios cederam. O cansaço, a falta de boas armas, o terror da surpresa: a mosquetaria das janelas, o valoroso ataque das tropas do rei tudo isso os abateu. Forçaram a linha dos assaltantes e desataram a fugir em todas as direções, deixando o adro atulhado de mortos.

Quando Quasimodo, que não cessara um só instante de combater, viu esta derrota, caiu de joelhos e ergueu as mãos ao céu; depois, ébrio de alegria, correu, subiu com a ligeireza de uma ave à cela que tão intrepidamente defendera. Agora só tinha um pensamento; ajoelhar perante aquela que ele vinha de salvar pela segunda vez.

Quando entrou na cela, achou-a deserta.

Livro décimo primeiro

I. O sapatinho

No momento em que os vadios tinham assaltado a igreja, Esmeralda dormia.

Breve o rumor sempre crescente em torno do edifício e o balido inquieto da sua cabra desperta arrancaram-na a este sono. Sentou-se, escutou, olhou depois aterrada com o clarão e o ruído, lançou-se fora da cela e foi observar. O aspeto da praça, a visão que aí se agitava, essa multidão horrenda, saltitante como uma nuvem de rãs, meio entrevista nas trevas, o coaxar dessa rouca turba, os archotes vermelhos correndo e cruzando-se na sombra como os fogos noturnos que raiam à superfície brumosa dos pântanos, toda esta cena lhe causou o efeito de uma batalha misteriosa travada entre os fantasmas do *sabbat* e os monstros de pedra da igreja. Imbuída desde a infância das superstições da tribo boémia, o seu primeiro pensamento foi que tinha surpreendido em malefícios os estranhos seres da noite. Então correu aterrorizada a esconder-se na sua cela, pedindo ao leito um pesadelo menos terrível.

Pouco a pouco foram-se dissipando os primeiros vapores do medo; ao ruído que sem cessar ia aumentando, e a muitos outros sinais da realidade, sentia-se ela investida, não por espetros, mas por seres humanos.

Então o seu terror sem aumentar, transformou-se. Pensou na possibilidade de um motim popular para a arrancar do seu asilo. A ideia de perder ainda mais uma vez a vida, a esperança, Febo, que ela sempre entrevia no seu futuro, o profundo nada da sua fraqueza, toda a fuga vedada, nenhum apoio, o seu abandono, o seu isolamento, todos estes mil outros pensamentos a acabrunharam então. Caiu de joelhos, a cabeça pousada no leito, as mãos postas sobre a cabeça, cheia de ansiedade e de terror, e, posto que egípcia, idólatra e pagã, pôs-se a pedir com soluços misericórdia a Deus cristão e a rezar a Nossa Senhora que lhe dera asilo.

No meio desta agonia ouviu passos junto de si. Voltou-se. Dois homens, dos quais um segurava uma lanterna, acabavam de entrar na cela.

Esmeralda soltou um débil gemido.

— Não tenhas medo — disse uma voz que lhe não era desconhecida — sou eu.

— Mas quem sois vós? — perguntou ela.

— Pedro Gringoire.

Este nome sossegou-a. Levantou os olhos e reconheceu efetivamente o poeta. Mas estava com ele um vulto negro e embuçado da cabeça aos pés que a assustou com o seu silêncio.

— Ah! — voltou Gringoire com um tom de censura — Djali reconheceu-me primeiro que vós.

A cabrinha efetivamente não esperara que Gringoire se nomeasse. Apenas ele tinha entrado, viera ela roçar-se-lhe pelos joelhos, cobrindo o poeta de carícias e de pelos brancos, pois que estava na muda. Gringoire retribuía-lhe estas carícias.

— Quem é que vem convosco? — perguntou a cigana em voz baixa.

— Tranquilizai-vos — respondeu Gringoire. — É um meu amigo. Querida e linda filha, a vossa vida está em perigo, bem como a de Djali. Querem tornar a prender-vos. Ora nós somos vossos amigos e vimos buscar-vos. Segui-nos.

— Na verdade? — exclamou ela fora de si.

— Sim, é verdade! Mas vinde depressa.

— Pois vamos — balbuciou ela.

O medo atordoava a jovem. Deixou-se conduzir. A cabrinha seguia-a pulando tão contente por ver Gringoire, que a cada passo o fazia tropeçar metendo-lhe as pontas pelas pernas...

— Eis o que é a vida — dizia o filósofo todas as vezes que tropeçava — são muitas vezes os nossos melhores amigos que nos fazem cair.

Desceram rapidamente a escada das torres, atravessaram a igreja, cheia de trevas e solidão, e que retumbava com o alarido, o que fazia um contraste aterrorador, e saíram para o pátio do claustro pela porta vermelha. O claustro estava deserto, os cônegos tinham-se refugiado no bispado para aí orarem em comum; o pátio estava vazio, alguns lacaios aterrados tinham-se escondido nos cantos escuros. Dirigiram-se para uma porta. O homem negro abriu-a com uma chave que trazia consigo. O ruído já era bem menor. O rumor do assalto dos vadios chegava até ali mais confundido e menos clamoroso. No entanto ainda estavam muito perto do perigo. Ao lado, as torres enormes de Nossa Senhora,

vistas assim por trás com longa nave sobre a qual elas se levantavam, recortadas em negro sobre o rubro e vasto clarão que enchia o adro, pareciam as duas fornalhas gigantescas de um fogo de ciclopes.

O que se distinguia de Paris por todos os lados, oscilava à vista numa sombra misturada de luz. Rembrandt tem destes fundos de tela.

O homem da lanterna caminhou direito à ponta do Terrain. Ali, à beira da água, havia o resto caruncho de uma estacaria com redes de madeira, à qual uma pequena videira agarrava alguns ramos meios secos, estendidos como os dedos de uma mão espalmada. Na sombra que fazia esta rótula estava escondido um pequeno barco. O homem fez sinal a Gringoire e à sua companheira para que entrassem.

A cabra seguiu-os. O homem foi o último a saltar; depois cortou a amarra do barco, afastou-o da terra com um comprido croque, e pegando nos dois remos, sentou-se à proa remando com toda a força para o largo. Como o Sena é muito rápido neste ponto, custou-lhe muito a sair da ponta da ilha.

O primeiro cuidado de Gringoire quando entrou no barco foi de colocar a cabra nos seus joelhos. Tomou lugar à popa; e a jovem a quem o desconhecido inspirava uma indefinível inquietação, veio sentar-se e encostou-se ao poeta.

Quando o nosso filósofo sentiu que o barco se punha em movimento, bateu as mãos e beijou Djali entre os chavelhos.

— Oh! — disse ele — Eis-nos todos quatro a salvo.

E acrescentou com um ar de pensador profundo:

— Somos obrigados umas vezes à fortuna, outras às nossas habilidades, do feliz êxito das grandes empresas.

O barco vogava lentamente para a margem direita. A jovem observava com um secreto terror o desconhecido. Este tinha cuidadosamente tapado a luz da sua lanterna surda. Entrevia-se na obscuridade, à proa do barco, como um espectro. O capuz, sempre baixo, fazia-lhe uma espécie de máscara; e todas as vezes que ele entreabria, remando, os seus braços de onde pendiam largas mangas negras, dir-se-ia serem duas grandes asas de morcego. De resto, ainda não tinha dito uma só palavra, soltado um só suspiro.

Continuava a lutar contra a corrente violenta e cerrada que separa a proa da Cité da popa da ilha de Nossa Senhora, e que hoje chamamos ilha de S. Luís.

— A propósito, mestre! — tornou Gringoire subitamente — No momento em que chegámos ao adro por entre os vadios furiosos, não reparou vossa reverendíssima naquele pobre diabinho a quem o surdo estava a despedaçar a cabeça contra a balaustrada da galeria dos reis? Eu tenho a vista curta e não o pude reconhecer. Sabeis vós quem seria?

O desconhecido não respondeu uma só palavra. Mas cessou bruscamente de remar, os seus braços desfaleceram como quebrados, a sua cabeça tombou sobre o peito, e Esmeralda ouviu-o suspirar convulsivamente. Ela tremeu da sua parte. Já tinha ouvido aqueles suspiros.

O barco abandonado a si mesmo deslizou alguns momentos ao sabor da corrente. Mas o homem negro endireitou-se de novo, tornou a apanhar os remos e continuou a remar contra ela. Dobrou a ponta da ilha de Nossa Senhora, e dirigiu-se para o desembarque de Port-au-Foin.

— Oh! — disse Gringoire — Parece que o barulho aumenta lá por baixo!

Efetivamente o tumulto recrescia em Nossa Senhora. Apuraram o ouvido. Chegaram até eles distintamente os clamores da vitória. De repente cem archotes que faziam rebrilhar os capacetes dos homens de armas espalharam-se pela igreja em todos os andares, em todas as torres, em todas as galerias, em todos os botaréus. Estes archotes pareciam que procuravam alguma coisa; e em breve estes longínquos clamores chegaram nitidamente até aos fugitivos:

— A cigana! A feiticeira! Morra a cigana!

A desgraçada deixou cair a cabeça nas mãos, e o desconhecido principiou a remar com fúria para a margem. No entanto o nosso filósofo meditava. Apertava a cabra nos seus braços, e afastava-se pouco a pouco da boémia, que cada vez se unia mais a ele, como se fora o único asilo que lhe restasse.

É certo que Gringoire se achava cruelmente perplexo. Pensava que a cabra, *segundo a legislação existente*, seria enforcada se a tornassem a apanhar; que isto seria uma grande perda, a pobre Djali! Que era muito ter já agarradas a si duas condenadas; que finalmente o seu companheiro o que queria era ficar com a cigana. Os seus pensamentos pelejavam entre si rijo combate, no qual, como o Júpiter da *Iliada*, ele pesava alternadamente a cigana e a cabra, e as examinava uma depois da outra, como os olhos húmidos de lágrimas, dizendo por entre os dentes: — E não vos posso salvar a ambas!

Um abalo advertiu-os de que finalmente o barco tocava em terra. O sinistro rumor continuava a encher a Cité. O desconhecido ergueu-se, aproximou-se da

cigana, e quis travar-lhe do braço para a ajudar a descer. Ela repeliu-o, agarrou-se à manga de Gringoire, que, do seu lado, ocupado com a cabra, quase que a repeliu. Então ela saltou do barco sem auxílio de ninguém. Estava tão perturbada que não sabia o que fazia nem para onde ia. Ficou assim um momento estupefacta, vendo a água correr. Quando voltou um pouco mais a si, estava só com o desconhecido. Parece que Gringoire se tinha aproveitado do momento do desembarque para fugir com a cabra no dédalo de casas da rua Grenier-sur-l'eau. A pobre cigana estremeceu ao ver-se só com este homem. Quis falar, gritar, chamar o poeta; a sua língua não se movia na boca, e nenhum som saiu dos seus lábios. De repente sentiu a mão do desconhecido pousar na sua. Era uma mão fria e forte. Os seus dentes bateram, e ela tornou-se mais pálida que o raio de luar que a iluminava. O homem não disse uma única palavra. Pôs-se a caminho, com largos passos, para a praça da Greve, levando-a pela mão. Neste momento, sentiu ela vagamente que o destino é uma força irresistível. Não tendo outro recurso, deixou-se arrastar, correndo tanto quanto ele andava. Neste ponto ia o cais subindo. Parecia-lhe entretanto que ela descia um declive.

Olhou para todos os lados. Nem viva alma. O cais estava absolutamente deserto. Nenhum ruído se ouvia.

O desconhecido arrastava-a sempre com o mesmo silêncio e a mesma rapidez. Ela não encontrava na sua memória nenhum dos lugares que ia percorrendo. Ao passar em frente de uma janela iluminada, fez um esforço, inteiriçou-se bruscamente e gritou:

— Socorro!

O burguês que ali morava abriu a janela, apareceu em camisa com a sua lâmpada, olhou para o cais com um ar entontecido, pronunciou algumas palavras que ela não ouviu, e tornou a fechar a janela. Era o último clarão de esperança que se extinguia.

O homem negro não proferiu uma única sílaba; tinha-a bem segura a pôs-se a caminhar mais depressa. Ela não resistiu mais, e seguiu-o quebrada.

De tempos a tempos recolhia um pouco de força e dizia com voz entrecortada pelos solavancos da rua e o cansaço da corrida:

— Quem sois vós? Quem sois vós?

Ele não respondia.

Chegaram assim, sempre ao longo do cais, a uma praça ampla. Fazia um

pouco de luar. Era a Greve. Ao centro distinguia-se uma espécie de cruz negra de pé; era a forca. Ela reconheceu tudo isto e viu onde estava.

O homem parou, voltou-se para ela e desceu o capuz.

— Oh! — tartamudeou ela — Bem me parecia a mim que ainda era ele!

Era o padre. Semelhava um fantasma. Efeito do luar. A esta luz parece que só vemos o espectro das coisas.

— Escuta! — disse-lhe ele, e ela estremeceu ao som desta voz funesta que havia muito já que não ouvia.

Caminhou direito à forca e mostrou-lha com o dedo.

— Escolhe entre nós ambos — disse friamente.

Ela arrancou-se das suas mãos e caiu ao pé da forca abraçando este apoio fúnebre; depois voltou a meio a sua formosa cabeça, e olhou o padre por cima do ombro: dir-se-ia uma Santa Virgem ao pé da cruz. O padre tinha ficado imóvel, o dedo levantado para a forca, conservando o seu gesto como uma estátua. Por fim a cigana disse-lhe:

— Ela causa-me menos horror que vós.

Então ele deixou cair lentamente o braço, e fitou o chão com desalento profundo.

— Se estas pedras pudessem falar — murmurou ele — sim, diriam que sou um homem bem desgraçado.

Ele tinha agora um tom lastimoso e doce que contrastava dolorosamente com a aspereza altaneira do seu rosto.

— Eu amo-te. Oh! Isto é verdade! E nada transparecerá deste fogo que me devora o coração. Ah! Rapariga, dia e noite; sim, dia e noite, e não merecerá isto alguma piedade? Sim, é um amor de dia e de noite, juro-te! É uma tortura. Oh! Eu sofro extraordinariamente, minha pobre criança! Asseguro-te que é uma coisa digna de compaixão. Bem vêes que te falo com todo o carinho. Eu bem queria não te causar horror. Enfim, se um homem ama uma mulher, a culpa não é dele! Oh! Meu Deus! Como! Pois tu nunca me perdoarás? Hás de odiar-me sempre? Acabaria tudo assim? É isso que me torna mau, vêes, e horrendo a meus próprios olhos! Nem mesmo olhas para mim? Pensas em outra coisa talvez enquanto eu te falo de pé e tremendo sob o limite da nossa eternidade! Sobretudo

não me fales do militar! Pois quê! Lançar-me-ia a teus joelhos; beijaria não os teus pés, porque tu não quererias, mas a terra que tu calcasses; soluçaria como uma criança, arrancaria do meu peito, não palavras mas o meu coração e as minhas entranhas, para dizer-te somente que te amo; e tudo seria inútil, tudo! E, todavia, a tua alma é só feita de clemência e ternura. Irradias a mais bela meiguice; és, toda inteira, suave, boa, misericordiosa, encantadora. Ah! E só há de ser má para mim! Que fatalidade!

E ocultou o rosto nas mãos. A donzela ouviu-o chorar. Era a primeira vez. Assim de pé e sacudido pelos soluços estava mais miserável e mais suplicante que de joelhos. Chorou assim algum tempo.

— Vamos! — prosseguiu ele, passadas as primeiras lágrimas — Não encontro palavras. Tinha contudo pensado bem no que te diria. Agora tremo e arrepio-me, desfaleço no momento decisivo, sinto que alguma coisa de supremo nos envolve, e eu balbucio. Oh! Eu vou cair sobre estas pedras se não tens piedade de mim; piedade de ti. Não nos condeneis a ambos. Se soubesses quanto eu te amo! Que coração palpita aqui no meu peito! Oh! Que deserção de toda a virtude! Que abandono desesperado de mim mesmo! Doutor, ultrajo a ciência; nobre, quebro o meu brasão; padre, faço do missal um travesseiro de luxúria, ofendo o meu Deus! Tudo isto por tua causa, encantadora! Para ser mais digno do teu inferno! E tu repeles o condenado! Oh! Que te diga tudo! Mais ainda, alguma coisa mais horrível, oh! Mais horrível...

Pronunciando estas palavras, o seu ar tornou-se completamente esgazeado. Calou-se por um momento, e depois voltou, como falando a si mesmo e em voz forte:

— Caim, que fizeste de teu irmão?

Guardou ainda um silêncio, e continuou:

— O que fiz dele, Senhor? Recolhi-o, criei-o, sustentei-o, amei-o, idolatrei-o e matei-o! Sim, Senhor, ainda há pouco lhe despedaçaram o crânio na minha presença, de encontro às pedras do vosso templo, e foi por minha causa, por causa desta mulher, por causa dela...

O seu olhar era feroz. A sua voz ia-se extinguindo.

Depois a sua língua não articulou nenhum outro som perceptível; e, contudo, os seus lábios continuavam a mover-se. De repente abaixou-se sobre si mesmo, como alguma coisa que se abate, e ficou por terra sem movimento, com a cabeça entre os joelhos.

Um movimento da jovem que retirava o seu pé debaixo dele, fê-lo voltar a si. Passou lentamente a mão pelas suas faces cavadas e olhou alguns instantes com assombro os seus dedos que estavam molhados.

— Quê! — murmurou ele — Chorei!

E voltando-se de repente para a cigana com uma angústia inexprimível:

— Ah! Viste-me chorar e não te comoveste! Criança, sabes que estas lágrimas são lava? Será pois verdade que do homem que se aborrece nada comove? Ver-me-ias morrer, e ririas. Oh! Eu não te quero ver morrer! Uma palavra, uma só palavra de perdão! Não me digas que não me amas, diz-me só que me queres bem; isso bastará, salvar-te-ei. Senão... Oh! A hora passa. Oh! Peço-te por tudo que há de mais sagrado, não esperes que eu me torne de pedra como esta força que também te reclama! Lembra-te de que eu tenho os nossos dois destinos na minha mão, que sou um insensato, que isto é terrível, que posso deixar cair tudo, que por baixo de nós há um abismo sem fundo, desgraçada, em que a minha queda seguirá a tua para sempre! Uma palavra de bondade! Diz uma palavra só!

Ela abriu a boca para lhe responder.

Ele rojou-se de joelhos para recolher com adoração a palavra, talvez enternecida, que ia sair dos seus lábios. Ela disse-lhe:

— Sois um assassino!

Dom Cláudio agarrou-a nos seus braços com furor, e pôs-se a rir com um riso odioso.

— Pois bem, sim! Assassino! — disse ele — Mas hei de possuir-te. Tu não me queres para escravo, mas ter-me-ás por senhor. Hei de possuir-te! Tenho um covil onde te vou arrastar. Hás de seguir-me, é preciso que me sigas, ou eu entrego-te! Hás de morrer, minha bela, ou hás de ser minha!

O seu olhar cintilava de impureza e de raiva. A sua boca lasciva fazia corar o colo da donzela. A jovem debatia-se nos seus braços. Ele cobria-a de beijos escumantes.

— Não me mordas, monstro! — gritou ela. — Oh! Deixa-me! Vou arrancar-te os teus vis cabelos grisalhos e arremessar-tos à cara aos punhados!

Ele corou, empalideceu, largou-a depois, e encarou-a com um olhar

sombrio. Ela julgou-se vitoriosa, e prosseguiu:

— Eu digo-te que sou do meu Febo, que é Febo que eu amo, o meu lindo Febo! Tu, padre, és velho, és feio! Vai-te.

Ele soltou um grito violento, como um miserável a quem aplicam um ferro em brasa.

— Morre então! — disse ele através de um ranger de dentes.

Ela viu o seu olhar medonho e quis fugir. Ele agarrou-a, sacudiu-a, atirou-a ao chão, e dirigiu-se a largos passos para o ângulo da Tour-Roland, arrastando-a sobre a calçada pelas lindas mãos. Chegando ali, voltou-se para ela:

— Ainda uma última vez: queres ser minha?

Ela respondeu com força.

— Não.

Então ele chamou em voz alta:

— Gudula! Gudula! Aqui tens a cigana! Vinga-te!

A jovem sentiu-se asperamente agarrada pelo pulso. Olhou. Era um braço descarnado que saía de uma fresta no muro e que a segurava como se fora uma mão de ferro.

— Segura bem — disse o padre. — É a cigana que fugia. Não a largues. Vou procurar os aguazis. Tu vê-la-ás enforcar.

Um riso gutural respondeu do interior do muro estas palavras — Ah! Ah! Ah!

A cigana viu Dom Cláudio afastar-se correndo na direção da ponte de Nossa Senhora. Ouvia-se um tropel de cavalos daquele lado.

A jovem tinha reconhecido a feroz reclusa. Arquejante de terror, tentou fugir-lhe. Torceu-se, fez mil contorções de agonia e de desespero, mas a outra segurava-a com uma força inaudita, os dedos ossudos e magros que a magoavam, crispavam-se sobre a sua carne e juntavam-se em torno do braço. Era mais do que uma cadeia, mais do que uma goliilha, mais de que um anel de ferro; era uma tenaz inteligente e viva que saía do muro.

Exausta, caiu de encontro à parede, e então apoderou-se dela o medo da morte. Pensou na beleza da vida, na mocidade, na vista do céu, nos aspetos da natureza, no amor de Febo, em tudo o que se afastava e em tudo o que se aproximava, no padre que a denunciava, no carrasco que não tardaria em chegar, na forca que ali se erguia. Então sentiu ela o terror subir-lhe até às raízes dos cabelos, e ouviu o riso lúgubre da emparedada que lhe dizia baixinho:

— Ah! Ah! Ah! Vais ser enforcada!

Voltou-se moribunda para a fresta, e viu o rosto feroz da emparedada através das varas de ferro.

— Mas que vos fiz eu? — perguntou quase inanimada.

— O que me fizeste? Dizes tu! Ah! O que me fizeste, cigana! Eu tinha uma filha! Uma filha, ouve bem! E que lindo amor de filha! A minha Inês — voltou ela fora de si e beijando alguma coisa na escuridão. — Pois bem! Vês tu, filha do Egito? Roubaram-me a minha filha; roubaram-me a minha filha; comeram-me a minha filha! Ai está o que me fizeste.

A donzela respondeu como um cordeiro:

— Ai! Talvez que eu ainda não fosse nascida!

— Oh! Sim! — tornou a reclusa. — Tu já deverias ter nascido! Já o eras. Ela deveria ser hoje da tua idade. Sim! Há quinze anos que eu estou aqui; há quinze anos que sofro; há quinze anos que rezo; há quinze anos que dou com a cabeça nestas quatro paredes. Digo-te que foram umas ciganas que ma roubaram, ouviste? E que a comeram com os seus dentes. Tens coração? Imagina o que é uma criança que brinca; uma criança que mama; uma criança que dorme. Tão inocente! Pois bem! Foi uma assim, uma assim que me roubaram, que me mataram! O bom Deus bem a sabe! Hoje é a minha vez, eu vou comer também uma cigana. Oh como eu te morderia, se estas barras me deixassem! Mas a minha cabeça é muito grande! Pobre filha! Enquanto ela dormia! E se acordasse quando a roubaram de nada lhe valia o chorar; eu não estava lá! Ah! Mães ciganas, devorastes minha filha! Vinde ver a vossa!

E pôs-se então a rir e a ranger os dentes, pois ambas estas coisas se assemelhavam nesta figura furiosa. O dia principiava a romper. Um reflexo de cinza iluminava vagamente esta cena, e a forca de cada vez se tornava mais distinta na praça. Do outro lado, para a ponte de Nossa Senhora, a pobre condenada julgava ouvir aproximar-se o tropel da cavalaria.

— Senhora! — gritou ela levantando as mãos e caindo de joelhos, desgrenhada, perdida, louca de terror — Senhora! Tende compaixão! Eles aí vêm. Eu não vos fiz nada. E quereis ver-me morrer deste horrível modo? Vós sois piedosa, tenho a certeza. Isto é terrível. Deixai-me fugir. Largai-me! Perdão! Eu não quero morrer assim!

— Dá-me minha filha! — disse a reclusa.

— Perdão! Perdão!

— Dá-me minha filha!

— Largai-me, em nome do Céu!

— Dá-me minha filha!

Desta vez ainda tornou a donzela a cair, exausta, quebrada, tendo já o olhar vítreo de um finado.

— Ah! — balbuciou ela — Vós procurais vossa filha, eu procuro meus pais!

— Dá-me a minha pequenina Inês! — prosseguiu Gudula. — Tu não sabes onde ela está! Morre, então! Eu vou contar-te. Eu era uma mulher perdida, tinha uma filha e roubaram-me a minha filha. Foram as ciganas. Bem vês que é preciso que morras. Quando tua mãe, cigana, vier procurar-te eu hei de dizer-lhe: Mãe, olha para aquela força! Ou então dá-me minha filha. Sabes onde ela está, a minha filhinha? Olha, espera, quero mostrar-te. Aqui tens o seu sapato, tudo o que me resta dela. Sabes onde está o outro é igual? Se sabes, diz-mo e se ele estiver nos confins do mundo, irei lá buscá-lo de joelhos.

Falando assim, com o outro braço estendido fora da fresta, ela mostrava à cigana o sapatinho bordado. Havia já claridade bastante para se distinguir a forma e as cores.

— Mostrai-me esse sapato — disse a cigana, estremecendo. — Deus! Deus!

E ao mesmo tempo com a mão que lhe restava livre abria vivamente o pequeno saco ornado de missanga verde que trazia ao pescoço.

— Anda! Anda! — rosnava Gudula — Procura no teu amuleto do demónio!

De repente interrompeu-se, tremeu toda, e gritou com uma voz que lhe vinha do mais fundo das suas entranhas:

— Minha filha!

A cigana acabava de tirar do saco um sapatinho absolutamente igual ao outro. Dele pendia um pergaminho no qual estavam escritos estes versos:

Se o par um dia às mãos te vem
A tua mãe virá também

Mais ligeira que um relâmpago, tinha a reclusa confrontado os dois sapatos, lido a inscrição do pergaminho, e colado às grades da fresta o seu rosto banhado de uma alegria celeste, exclamando:

— Minha filha! Minha filha!

— Minha mãe! — respondeu a cigana.

Aqui renunciamos à pintura.

A parede e as barras de ferro estavam entre ambas.

— Oh! A parede! — exclamou a reclusa — Oh! Tê-la e não a poder abraçar! A tua mão! A tua mão!

A jovem passou o braço através da fresta; a reclusa lançou-se sobre esta mão, colou nela os lábios e assim ficou abismada neste beijo, não dando mais sinais de vida além de um soluço que a sacudia de tempos a tempos. No entanto chorava em torrentes, em silêncio, na sombra, como uma chuva noturna.

A pobre mãe vazava em ondas sobre esta mão adorada o negro e profundo poço de lágrimas que tinha dentro de si, e em que a sua dor se tinha filtrado gota a gota durante quinze anos.

De repente ergueu-se, apartou da frente os seus longos cabelos grisalhos, e, sem dizer palavra, pôs-se a sacudir com ambas as mãos os varões de ferro da fresta, mais furiosa que uma leoa. Os varões resistiram. Então foi ela procurar a um canto da célula uma grande pedra que lhe servia de travesseiro e atirou-a contra eles com violência tal que um se despedaçou lançando mil faíscas. Segundo golpe quebrou completamente a velha cruz de ferro que fechava a fresta. Então com ambas as mãos acabou de a quebrar e tirou os pedaços enferrujados das barras. Há momentos em que as mãos de uma mulher adquirem uma força sobre-humana.

Aberta a passagem, e não levou um minuto, agarrou ela a filha pelo meio do corpo e puxou-a para dentro da cela.

— Vem! Que eu te arranque desse abismo! — murmurou.

Logo que a filha entrou, depô-la docemente no chão, depois tornou a pegar nela e, levantando-a nos braços como se ainda fosse a sua pequenina Inês, ia e vinha na estreita cela, inebriada, fora de si, alegre, gritando, cantando, beijando a filha, falando-lhe, desatando a rir, rompendo em lágrimas, tudo ao mesmo tempo e com transporte:

— Minha filha! Minha filha! — dizia ela. — Tenho minha filha! Ela aqui está! O bom Deus restitui-ma. Va! Vinde todos! Há aí alguém para ver que eu tenho minha filha? Jesus, Senhor, como ela é linda! Fizeste-me esperar por ela quinze anos, meu bom Deus, mas era para ma restituirdes mais linda. As ciganas não a tinham comido! Quem disse isso? Minha filhinha! Minha filhinha! Beija-me. Estas boas ciganas! Fico a gostar das ciganas. És tu mesmo, és. Era por isso que o coração me saltava sempre que tu passavas. E eu a pensar que era ódio. Perdoa-me, minha Inês, perdoa-me! Tu achaste-me muito má, não é verdade? Eu amo-te. Ainda tens aquele sinalzinho no pescoço? Deixa ver. Ainda o tens. Oh! Como tu és bela! Fui eu que lhe dei esses grandes olhos tão lindos, minha senhora. Beija-me. Eu amo-te muito. Que me importa a mim que as outras mães tenham filhos; agora rio-me eu delas. Tenho aqui a minha filha. O seu pescoço, os seus olhos, o seu cabelo, a sua mão. Digam-me se há alguma coisa mais bonita do que isto! Oh! Afianço que ela há de ter muitos namorados! Eu chorei quinze anos. Toda a minha beleza fugiu e foi para ela. Beija-me.

Dizia-lhe mil outras coisas extravagantes, cuja intonação era a única beleza, desarranjava-lhe o fato a ponto de a fazer corar, alisava com a mão os seus cabelos de seda, beijava-lhe os pés, os joelhos, a testa, os olhos, extasiava-se em tudo. A jovem deixava-a fazer, repetindo a espaço muito baixinho e com uma doçura infinita:

— Minha mãe!

— Vês, minha filhinha — volvia a reclusa cortando as suas palavras de beijos. — Vês, hei de amar-te muitíssimo. Iremos para muito longe daqui. Havemos de ser muito felizes. Herdei qualquer coisa em Reims, na nossa terra. Sabes, Reims? Ah! Não, não sabes isso; tu eras muito pequenina! Se soubesses como eras linda aos quatro meses! Tinhas uns pezinhos tão pequeninos que até os vinham ver de propósito de Epernay, que fica a sete léguas. Teremos um campo, uma casa. Hás de dormir na minha cama. Meu Deus! Meu Deus! Quem o havia de acreditar? Tenho a minha filha!

— Oh! Minha mãe! — disse a jovem, achando finalmente força para falar

no meio da sua comoção — Bem me tinha dito a cigana. Era uma boa cigana das nossas que morreu o ano passado e que sempre cuidou de mim como uma ama. Foi ela que me pôs este saquinho ao pescoço. Dizia-me sempre: — Pequena, guarda bem esta joia. E um tesouro. Com ele encontrarás tua mãe. Trazes tua mãe ao pescoço — Predisse-o a cigana.

A penitente estreitou de novo a filha nos braços.

— Deixa-me beijar-te! Como dizes isso com tanta graça. Quando formos para a nossa terra, havemos de calçar o Menino Jesus da nossa igreja com estes sapatinhos. Devemos isto à Santa Virgem. Meu Deus! Que linda voz tu tens! Quando me falavas há pouco, era mesmo uma música! Ah! Senhor meu Deus! Achei minha filha! Mas será crível tudo isto? Ah! Com certeza não se morre, pois eu não morri de alegria.

E pôs-se a bater as mãos e, a rir e a cantar:

— Vamos ser muito felizes!

Neste momento a cela ressoou com um tinido de armas e um galope de cavalos, que parecia desembocar da ponte de Nossa Senhora e aproximar-se cada vez mais no cais. A cigana atirou-se com angústia nos braços da penitente.

— Salve-me! Salve-me! Minha mãe! Eles aí vêm!

A reclusa empalideceu.

— Oh! Céus! Que dizes? E eu que me tinha esquecido! Perseguem-te! Que fizestes?

— Não sei — respondeu a infeliz criança. — Mas estou condenada à morte.

— À morte! — disse Gudula cambaleando como o fulminada por um raio. — À morte! — repetiu lentamente e encarando a jovem com um olhar fixo.

— Sim, minha mãe — tornou ela aterrada. — Querem matar-me. Vêm aí para me enforcarem. Aquela forca é para mim. Salve-me! Salve-me! Eles aí vêm! Salve-me!

A reclusa ficou alguns momentos imóvel e como petrificada, depois sacudiu a cabeça em sinal de dúvida, e de repente desatou a rir, mas com o seu riso aterrador que lhe tinha voltado:

— Oh! Oh! Não! É um sonho o que me dizes. Ah! Sim, pois eu havia de

perdê-la, durar isso quinze anos, encontrá-la depois, e durar isto um minuto só! Haviam de me tornar a roubá-la! Agora que ela é bela, que é grande, que me fala, que me ama; haviam de vir agora devorá-la, à minha vista, à vista de sua mãe! Oh! Não! Essas coisas não sucedem. O bom Deus não pode permitir isso.

Aqui a cavalgada parou e ouviu-se uma voz distante que dizia:

— Por aqui, senhor Tristão! O padre disse-nos que a encontraríamos no Buraco dos Ratos.

O ruído dos cavalos principiou novamente. A reclusa ergueu-se com um grito de desespero.

— Foge, foge, minha filha! Tudo me lembra agora. Tens razão. É a tua morte! Horror! Maldição! Foge! — Mete a cabeça pela fresta e retirou-a logo.

— Fica — disse ela em voz baixa, breve e lúgubre, apertando convulsivamente a mão da cigana, mais morta do que viva. — Fica! Não respire! Há soldados por toda a parte. Tu não podes sair. Já está muito claro.

Os seus olhos eram secos e ardentes. Ficou um momento sem falar; caminhava a grandes passadas na cela, parava a espaços para arrancar punhados de cabelos grisalhos que ela em seguida despedaçava com os dentes.

De repente disse:

— Eles aproximam-se. Vou falar-lhes. Esconde-te nesse canto. Eles não te verão. Dir-lhes-ei que tu fugiste, que eu te larguei, nem sei o quê!

Depois pousou a filha, porque não a tinha largado ainda, num ângulo da cela que se não via do lado de fora. Sentou-a, arranjou-a cuidadosamente, de modo que nem o pé nem a mão saíssem da sombra, desatou-lhe os cabelos negros que saltaram sobre o seu vestido branco para a mascarar, pôs diante dela a bilha e a pedra, os únicos móveis que possuía, imaginando que eles a ocultariam. E quando acabou, mais tranquila, pôs-se de joelhos e rezou. O dia, que principiava a romper, deixava ainda muita sombra no Buraco dos Ratos.

Neste momento a voz do padre, essa voz infernal, passou muito da cela dizendo:

— Por aqui, capitão Febo de Châteaupers!

Ao ouvir este nome e esta voz, a Esmeralda, agachada no seu canto, fez um movimento.

— Não te mexas! — disse Gudula.

Mal acabava de dizer isto quando um ruído de homens, espadas e cavalos parou em volta da cela. A mãe ergueu-se de um pulo, e foi postar-se diante da fresta para a tapar. Viu um grande número de homens armados, a pé e a cavalo, formados na praça da Greve. O que os comandava apeou-se e veio ter com ela.

— Velha! — disse-lhe esse homem, que tinha uma figura atroz — Andamos à procura de uma feiticeira para a enforcar; disseram-nos que tu a tinhas aqui.

A pobre mãe afetou o modo mais indiferente que pôde, e respondeu:

— Não sei o que quereis dizer.

O outro replicou:

— Com mil diabos! Então que é que nos cantava aquele maldito arcediago? Onde está ele?

— Desapareceu, senhor — disse um soldado.

— Não mintas, velha louca — tornou o comandante. — Deixaram-te uma feiticeira a guardar. Que é feito dela?

A reclusa não quis negar completamente, para não acordar suspeitas, respondeu com um acento sincero e irritado:

— Se me falas de uma rapariga que me deixaram aqui há pouco, dir-vos-ei que ela me mordeu nos pulsos e que tive de a largar. Deixai-me agora em paz.

O comandante fez uma careta de despeito.

— Não mintas, velho espetro! — tornou ele — Chamo-me Tristão o Eremita, e sou compadre do rei. Tristão o Eremita, ouves? — E acrescentou olhando em volta da praça da Greve: — É um nome que tem eco nestas cercanias.

— Fosses vós Satanás o Eremita — replicou Gudula que recuperava a esperança — eu não teria outra coisa a responder-vos, nem teria medo de vós.

— Com mil diabos — disse Tristão. — Sempre me saíste uma bruxa! Ah! Então a feiticeira fugiu! E por onde tomou ela?

Gudula respondeu com um tom de indiferença:

— Pela rua do Mouton, creio eu.

Tristão voltou a cabeça, e fez sinal à sua tropa para se pôr em marcha. A reclusa respirou.

— Senhor — disse de repente um archeiro — perguntai a essa velha rezadeira para que é que estão assim quebradas as barras de ferro da sua fresta.

Esta pergunta fez volver a angústia ao coração da pobre mãe. Todavia não perdeu completamente a presença de espírito.

— Sempre estiveram assim! — tartamudeou ela.

— Vá! — tornou o archeiro — Elas ainda ontem formavam uma bela cruz negra que despertava a devoção.

Tristão enviesou um olhar para a reclusa.

— Parece que a bruxa se perturba!

A desgraçada sentiu que tudo dependia da sua boa cara, e com a morte na alma, principiou a rir. As mães têm destas forças.

— Ora! Esse homem está bêbado! — disse ela. — Há mais de um ano que uma carroça de pedra veio bater de encontro à fresta e quebrou as grades. O que eu não disse ao carroceiro!

— É verdade — respondeu outro archeiro — Eu bem vi.

Em toda a parte se encontra gente que tem visto tudo. Este testemunho inesperado do archeiro reanimou a reclusa a quem este interrogatório fazia atravessar um abismo sobre o gume de uma navalha.

Mas a pobre estava condenada a uma alternativa contínua de esperança e de susto.

— Se foi uma carroça que fez isso — tornou o primeiro soldado — os troços das barras deviam estar voltados para dentro, e eles estão virados para fora.

— Eh! Eh! — disse Tristão ao soldado — Tens bom faro para inquisidor no Châtelet. Responde àquilo, velha.

— Meu Deus! — exclamou ela agoniada e com a voz cheia de lágrimas — Juro-vos, meu senhor, que foi uma carroça que quebrou os varões. Aquele

homem disse até que viu. E demais que tem isso com a cigana?

— Pela cabeça de Deus, velha! Tu mentes! Tu mentes! — bradou Tristão encolerizado — Parece-me que vou mandar ao diabo a tal feiticeira e enforcarte a ti. Um quarto de hora de perguntas talvez te arrancasse a verdade dos gorgomilos. Vamos, tú virás daí connosco.

Ela agarrou estas palavras avidamente.

— Como quiserdes, senhor. Fazei. Interrogai-me. É o que eu quero. Levai-me. Depressa! Depressa! Vamos quanto antes. — Durante este tempo — pensava ela — minha filha salvar-se-á.

— Leve-me o diabo se te compreendo, velha louca.

Um velho soldado da ronda saiu da fileira e disse, dirigindo-se ao preboste:

— E é com efeito louca, meu senhor. Se ela largou a cigana, não foi por culpa dela; nem as pode ver sequer. Há quinze anos que faço rondas e sempre a ouvi amaldiçoar as boémias com execração sem fim. E se a que nós perseguimos é, como creio, a pequena dançarina da cabra, essa é quem ela odeia sobretudo.

Gudula fez um esforço e disse:

— Sim, essa sobretudo.

O testemunho unânime dos homens da ronda confirmou ao preboste as palavras do velho soldado. Tristão o Eremita, desesperado de arrancar qualquer indicação à reclusa, voltou-lhe costas, e ela viu-o com inexprimível júbilo dirigir-se lentamente para o seu cavalo.

— Vamos — dizia ele por entre dentes — a caminho! Continuemos as nossas pesquisas. Não dormirei enquanto não vir a cigana enforcada.

Todavia ainda hesitou um momento antes de montar. Gudula palpitava entre a vida e a morte vendo-o passear à volta da praça a sua fisionomia inquieta de cão de caça que sente próximo de si o covil da fera e resiste a afastar-se. Por fim sacudiu a cabeça e saltou para a sela. O coração tão horrivelmente comprimido de Gudula dilatou-se; e ela disse em voz baixa, lançando um olhar sobre a filha, que ainda se não atrevera a encarar enquanto eles ali estavam ao pé: — Salva!

A pobre criança estivera todo este tempo no seu canto, sem respirar, sem se mexer, com a ideia da morte na sua frente. Nada tinha perdido da cena entre

Gudula e Tristão e cada uma das angústias da mãe se tinha refletido nela.

Ouvira todos os estalidos do fio que a tinha suspensa sobre o abismo; vinte vezes rezeira vê-lo quebrar-se, e principiava agora a respirar e a sentir-se apoiada em terra firme. Neste momento ouviu ela uma voz que dizia ao preboste:

— Ora! Senhor preboste, não é a mim que compete enforcar feiticeiras. Sou um homem de armas. Essa canalha do povo está lá para baixo. Deixo-vos pois funcionar só. E não leveis a mal que eu me vá reunir à minha companhia, que está sem capitão.

Esta voz era a de Febo de Châteaupers. O que nela se passou foi infável. Estava ali o seu protetor, o seu apoio, o seu asilo, o seu Febo! Levantou-se, e antes que a mãe tivesse tempo de a impedir, precipitou-se para a fresta gritando:

— Febo! Meu Febo!

Febo já lá não estava. Acabava de dobrar a galope o ângulo da rua de la Coutellerie. Tristão, esse, ainda se não tinha retirado.

A reclusa lançou-se sobre a filha com um rugido. Retirou-a violentamente para trás enterrando-lhe as unhas no pescoço. A fêmea dum tigre mão teria sido mais rápida. Mas era muito tarde. Tristão tinha visto.

— Eh! Eh! — exclamou ele com um riso que descarnava todos os seus dentes e o fazia semelhar um lobo — Dois ratos na ratoeira!

Depois que Tristão lhe vira a filha, e que ela tinha perdido toda a esperança, a reclusa não dissera ainda uma só palavra. Atirara com a pobre cigana semimorta para um canto, e tornara a colar-se à fresta. Nesta atitude passeava intrepidamente pelos soldados o seu olhar, que se tornara feroz e insensato.

— Velha! — disse o preboste com voz severa — Entrega-nos a bem essa rapariga.

Ela olhou para ele como quem não entende.

— Raio! — tornou Tristão — Mas que interesse tens tu em não querer que essa rapariga seja enforcada, como o rei manda?

A mísera desatou a rir com um riso feroz.

— Que interesse tenho? É minha filha!

O acento com que ela pronunciou estas palavras fez estremecer até o próprio carrasco, Henriet Cousin.

— Tenho pena — replicou o preboste. — Mas é o rei que manda.

Ela gritou redobrando o seu terrível riso:

— Mas que me importa a mim o teu rei! Digo-te que é minha filha!

— Arrombem a parede — mandou Tristão.

Para praticar uma abertura suficientemente larga bastava deslocar uma fiada por baixo da fresta. Quando a pobre mãe ouviu o barulho das picaretas e das alavancas sapando no seu reduto, soltou um grito medonho; depois principiou a girar com uma rapidez vertiginosa em torno da sua cova, hábito de fera que a clausura lhe tinha dado. Nada dizia já, mas os seus olhos fuzilavam. Os soldados sentiam frio no fundo do coração.

De repente levantou a pedra que servia de travesseiro, riu-se e atirou-a com ambas as mãos aos trabalhadores. A pedra, mal lançada, não feriu ninguém, e veio cair junto ao cavalo de Tristão. Ela ranguu os dentes.

No entanto, embora o Sol se não tivesse erguido ainda, fazia já dia claro; uma bela tintura cor de rosa alegrava as antigas chaminés carcomidas da Casa dos Pilares. Era a hora em que as janelas mais madrugadoras se abrem alegremente por cima dos telhados. Alguns camponeses e alguns vendedores de fruta montados nos seus burros dirigiam-se para o mercado, atravessavam a Greve; paravam um instante diante deste grupo de soldados reunido em torno do Buraco dos Ratos, olhavam com um ar espantado e passavam adiante.

A reclusa tinha-se ido sentar junto da filha, cobrindo-a com o corpo, na frente, os olhos fixos, ouvindo a pobre criança que não se mexia e que murmurava em voz baixa só este nome: Febo! Febo! Ao passo que o trabalho dos demolidores parecia avançar, a mãe recuava maquinalmente e apertava cada vez mais contra o muro a infeliz rapariga. De repente a reclusa viu a pedra (porque estava de sentinela e não a deixava com os olhos) estremecer, e ouviu a voz de Tristão animando os trabalhadores. Saiu então do torpor em que tinha caído havia alguns momentos e exclamou com uma voz que umas vezes parecia rasgar o tímpano como uma serra e outras balbuciava como se todas as maldições se tivessem acumulado nos seus lábios para rebentarem ao mesmo tempo.

— Oh! Oh! Oh! Mas é horrível! Sois doidos! Oh! Cobardes! Oh verdugos!

Lacaio! Miseráveis! Biltres! Assassinos! Socorro! Socorro! Fogo! Mas eles sempre irão arrancar-me minha filha? Que é isso então a que chamam o bom Deus?

E dirigindo-se a Tristão, com os lábios espumantes, os olhos esgazeados, as mãos no chão como uma pantera e os cabelos desgredados:

— Aproxima-te! Vem buscar minha filha! Pois tu não compreendes que esta mulher te diz que ela é sua filha? Sabes o que é ter uma filha? Oh! Lobo cervical, pois tu nunca dormiste com a tua loba? Nunca tiveste um pequenino lobo? E se tens filhos, quando eles rugem, nunca sentiste as entranhas comovidas?

— Deitai abaixo a pedra — disse Tristão. — Já não pode resistir mais.

As alavancas levantaram a pesada fiada de pedra. Era o último reduto da mãe.

Lançou-se sobre ela, quis agarrá-la; raspo a pedra com as unhas, porém o maciço bloco, movido por seis homens, escapou-lhe e escorregou lentamente até ao chão ao longo das alavancas de ferro.

A mãe, vendo a entrada patente, atravessou-se diante dela deitada, tapando a abertura com o seu corpo, torcendo os braços, batendo com a cabeça nas pedras, e gritando com uma voz rouca de cansaço e que mal se ouvia:

— Socorro! Fogo! Fogo!

— Agarrem agora nessa rapariga! — ordenou Tristão sempre impassível.

A mãe fitou os soldados de modo tão terrível que eles antes queriam recuar que avançar.

— Vamos — tornou o preboste. — Avia-te Henrieta Cousin!

Ninguém se moveu.

Tristão praguejou:

— Cabeça de Cristo! Os meus homens de guerra! Com medo de uma mulher!

Colocados entre o preboste e a mãe, ambos ameaçadores, os soldados hesitaram um momento, e depois tomando uma decisão, encaminharam-se para o Buraco dos Ratos.

Quando a reclusa viu isto, firmou-se bruscamente nos joelhos, afastou os cabelos do rosto, e deixou cair depois as suas mãos magras e feridas sobre as coxas. Grossas lágrimas deslizaram então uma a uma dos seus olhos; desciam por uma ruga ao longo das suas faces, como uma torrente por um leito cavado. Ao mesmo tempo principiou a falar, mas com uma voz tão súplice, tão doce, tão humilde, tão pungente, que em volta de Tristão mais de um comitre capaz de devorar carne humana enxugou os olhos.

— Senhores, senhores soldados, uma palavra só. Preciso de vos falar. É minha filha, vedes? É a minha filhinha que eu tinha perdido! Foram os ciganos que ma roubaram. Eu guardei o seu sapatinho durante quinze anos. Vede, aqui está ele. Ela tinha um pezinho assim! As ciganas roubaram-ma; esconderam-ma durante quinze anos. Eu pensei que ela tivesse morrido. Passei quinze anos aqui, nesta caverna, sem lume durante o inverno. É muito duro, isto. Querido sapatinho! Tanto gritei, que o bom Deus ouviu-me. Esta noite deu-me minha filha. É um milagre do bom Deus. Ela não tinha morrido. Vós não ma tirareis, tenho a certeza disso. Ainda se fosse eu, bem estava; mas ela, uma criança de dezasseis anos! Dai-lhe tempo para ver o Sol. Que foi que ela vos fez? Nada. Eu também não. Se soubésseis que só a ela tenho, que sou velha, que é uma bênção que a Santa Virgem me envia! E demais, todos vós sois tão bons! Não sabeis que era minha filha; sabei-lo agora. Oh! Eu amei-a tanto! Senhor preboste, eu antes queria que me fizessem um buraco nas minhas entranhas do que uma arranhadela nos seus dedos! Tendes um aspeto bondoso! O que eu vos disse explica tudo, não é assim? Oh! Se vós tivestes uma mãe, senhor, deixai-me minha filha! Vós sois o capitão! Reparai que vos peço de joelhos, como se pede a Cristo Nosso Senhor! Eu não peço nada a ninguém; sou de Reims, senhores; tenho um pequeno campo que foi de meu tio Mahiet Pradon. Não sou mendiga. Não quero mais nada, só quero minha filha! Oh! Eu quero ficar com minha filha. O bom Deus, que é Todo Poderoso, não ma restituiu assim para nada! O rei! Vós dizeis o rei! Ele não há de gostar de que me matem a minha filhinha! E depois o rei é bom! Ela é minha filha! É minha filha! Pertence-me! Não é do rei! Não é vossa! Quero-me ir embora! Queremo-nos ir embora! Deixa-se sempre passar duas mulheres quando uma é a mãe e a outra é a filha! Deixai-nos passar! Somos de Reims. Oh! Vós sois muito bondosos, senhores soldados, e eu sou amiga de vós todos! Não me arranqueis a minha querida filha! É impossível isso! É completamente impossível! Minha filha, minha filha!

Não tentaremos dar uma ideia do seu gesto, do seu acento, das lágrimas que sorvia falando, das mãos que juntava e depois torcia, dos sorrisos que magoavam, dos olhares afogados, dos gemidos, dos suspiros, dos gritos miseráveis e penetrantes que juntava às suas palavras desordenadas, loucas e sem nexos. Quando ela se calou, Tristão o Eremita carregou o sobreceño, mas

para ocultar uma lágrima que rolava pelo seu olho de tigre. Venceu porém, esta comoção e disse num tom breve:

— O rei assim o quer.

Depois inclinou-se ao ouvido de Henriet Cousin e disse-lhe em voz baixa:

— Acaba com isso depressa!

O terrível preboste sentia talvez que a coragem lhe ia faltando.

O carrasco e os soldados entraram no Buraco. A mãe não opôs resistência, arrastou-se somente para junto da filha e abraçou-se-lhe ao pescoço perdidamente.

A cigana viu os soldados que se aproximavam. O horror da morte reanimou-a:

— Minha mãe! — gritou ela com inexprimível acento de angústia — Minha mãe! Eles ai vêm! Defenda-me!

— Sim, meu amor, defendo-te! — respondeu a pobre com voz apagada; e apertando-a estreitamente nos seus braços, cobriu-a de beijos. E ambas assim por terra, a mãe sobre a filha, formavam um espetáculo miserando.

Henriet Cousin agarrou na donzela pelo meio do corpo, debaixo dos ombros. Quando ela sentiu esta mão, desmaiou. O carrasco, que deixava cair gota a gota grossas lágrimas sobre ela, quis levá-la nos seus braços. Tentou desprender a mãe que, por assim dizer, tinha atado as mãos em volta da cintura da filha; mas estava tão segura que foi impossível desprendê-la. Henriet Cousin arrastou então a donzela para fora e a mãe com ela. A reclusa tinha também os olhos fechados.

Neste momento erguia-se o Sol, e havia já na praça bastantes grupos que, a distância, observavam o que assim era arrastado na calçada em direção à forca. Porque era este o costume do preboste Tristão nas execuções. Tinha a mania de evitar a aproximação dos curiosos.

Não havia ninguém às janelas. Viam-se tão somente de longe, no alto da torre da Nossa Senhora que fica sobranceira à Greve, dois homens destacando-se em negro no céu claro da manhã, e que pareciam olhar.

Henriet Cousin parou com o que ia arrastando junto da escada fatal, e, respirando apenas, tanto isto o comovia, passou a corda em volta do pescoço adorável da jovem. A desgraçada sentiu o horrível contacto do cânhamo. Ergueu

as pálpebras e viu o braço descarnado da força de pedra estendido por sobre a sua cabeça. Então contorceu-se e gritou em voz alta e lancinante: — Não! Não! Não quero! — A mãe cuja cabeça se tinha perdido sob os vestidos da desgraçada, não disse uma só palavra; apenas se viu estremecer todo o seu corpo e se ouviu redobram os seus beijos na filha. O carrasco aproveitou este momento para desatar vivamente os braços com que ela estreitava a condenada. Ela deixou-o fazer, exausta e desesperada. O carrasco deitou então a jovem ao ombro, de onde a encantadora criatura recaía graciosamente dobrada sobre a sua grande cabeça. Depois pousou o pé no primeiro degrau da escada para subir.

Neste momento a mãe, prostrada no chão, abriu completamente os olhos. Sem soltar um único grito, ergueu-se com uma expressão horrível; depois, como uma fera sobre a presa, lançou-se sobre a mão do carrasco e mordeu-a. Foi um relâmpago. O carrasco rugiu de dor. Acudiram. A custo arrancaram a mão ensanguentada de entre os dentes da mãe. Ela guardava um profundo silêncio. Repeliram-na brutalmente e notaram que a sua cabeça caía pesadamente no chão. Ergueram-na: tornou a cair novamente. Estava morta.

O carrasco, que não largara a jovem principiou a subir a escada.

II.

La criatura bella bianco vestita (DANTE)

Quando Quasimodo viu que a cela estava vazia, que a cigana já lá não estava, que, enquanto ele a defendia lha tinham roubado, agarrou nos cabelos às mãos ambas e bateu os pés de surpresa e de dor; depois desatou a correr por toda a igreja procurando a boémia, urrando estranhos gritos a todos os cantos, semeando os seus cabelos ruivos pelo chão. Era precisamente na ocasião em que os archeiros da rei entravam vitoriosos na igreja procurando também a cigana. Quasimodo ajudou-os, sem suspeitar, o pobre surdo, das suas fatais intenções; supunha ele que os inimigos da cigana eram os vadios. Ele mesmo conduziu Tristão o Eremita a todos os esconderijos possíveis, abriu-lhe as portas secretas, os fundos duplos dos altares, a sacristia.

Quando o cansaço de nada encontrar desanimou Tristão, que não desanimava facilmente, Quasimodo continuou ainda a procurar só. Dez, vinte vezes, cem vezes deu volta à igreja de comprido e largo, de cima a baixo, subindo, descendo, correndo, chamando, gritando, farejando, esquadrinhando, remexendo, introduzindo a cabeça em todos os buracos, levando um archote por todas as abóbadas, desesperado, louco.

Enfim, quando adquiriu a certeza, a absoluta certeza, de que ela já lá não estava, de que lha tinham roubado, subiu lentamente a escada das torres, essa escada que ele subira com tanto afã e triunfo no dia em que a tinha salvo. Tornou a passar por esses mesmos lugares, cabeça baixa, sem voz, sem lágrimas, quase sem respirar. A igreja estava outra vez deserta; caíra de novo no seu silêncio. Os archeiros tinham saído para cercar a feiticeira na Cité. Quasimodo, só, nesta vasta igreja, tão cercada e tão tumultuosa momentos antes, tomou o caminho da cela em que a egípcia dormira tantas semanas sob a sua guarda.

Atirou-se sobre o leito, rolou-se nele, beijou freneticamente o lugar ainda tépido onde a jovem tinha dormido, e assim ficou alguns minutos, imóvel, como se fosse expirar ali; depois ergueu-se, escorrendo em suor, anelante, insensato, pôs-se a bater com a cabeça na parede com a regularidade medonha dum badalo de sino e resolução de um homem que a quer despedaçar. Por fim caiu pela segunda vez, exausto; arrastou-se de joelhos para fora da cela e acocorou-se em frente à porta, numa atitude de espanto.

Assim esteve mais de uma hora, sem fazer um único movimento, os olhos fixos na cela deserta, mais sombrio e mais pensativo que uma mãe sentada entre um berço vazia e um esquite cheio. Não pronunciava uma única palavra; apenas

a longos intervalos, um soluço sacudia-lhe violentamente o corpo inteiro; mas um soluço sem lágrimas, como estes relâmpagos de estio, que não fazem ruído.

Parece que foi então que, procurando no fundo da sua meditação angustiada, quem poderia ser o raptor inesperado da egípcia, pensou no arcediogo. Lembrou-se de que só dom Cláudio tinha uma chave da escada que conduzia à cela; lembrou-se das suas tentativas noturnas sobre a donzela, a primeira das quais Quasimodo auxiliara e a segunda que impedira. Recordou-se de mil particularidades e em breve não duvidava de que tivesse sido o arcediogo quem lhe roubara a cigana.

Na ocasião em que o seu pensamento se fixava assim sobre o padre, como fosse a aurora branqueando sobre os botaréus, viu no andar superior de Nossa Senhora, no cotovelo que faz a balaustrada exterior que circunda a abside, um vulto andando. Dirigia-se para seu lado. Reconheceu-o. Era o arcediogo.

O surdo, petrificado por esta súbita aparição, viu-o sumir-se pela porta da escada da torre setentrional. Desta torre vê-se o Hôtel-de-Ville. Quasimodo levantou-se e seguiu o arcediogo.

Quasimodo subiu por subir a escada da torre, por saber que o padre a tinha subido também. Demais, o pobre sineiro não sabia o que fazia, o que dizia, o que queria. Ia cheio de furor e cheio de medo. O arcediogo e a cigana debatiam-se no seu coração.

Quando chegou ao cimo da torre, antes de sair da sombra da escada e de entrar na plataforma, examinou com precaução onde o padre estaria. O arcediogo voltava-lhe as costas. Há uma balaustrada que cerca a plataforma do campanário. O padre, cujos olhos mergulhavam sobre a cidade, tinha o peito encostado ao lado dessa balaustrada que dá para a ponte de Nossa Senhora.

Quasimodo, a passos surdos de lobo, aproximou-se por detrás dele, procurando o que ele olharia assim tão atentamente.

A atenção do padre estava de tal maneira absorta em outra parte, que não ouviu os passos do sineiro.

Quasimodo ardia por lhe perguntar o que ele tinha feito da cigana; mas o arcediogo parecia achar-se neste instante fora do mundo. Estava visivelmente num destes violentos momentos da vida em que não sentiria derruir a terra. Permanecia imóvel e silencioso, os olhos invariavelmente fixos num único lugar; e este silêncio e esta imobilidade tinham o quer que fosse de tão terrível que o selvagem sineiro estremecia e não ousava rompê-los. Somente, e esta era ainda

uma maneira de interrogar o arcediago, seguiu a direção do seu raio visual; deste modo o olhar do desgraçado surdo foi cair sobre a praça da Greve.

Viu assim aquilo que o padre olhava. A escada estava encostada à forca permanente. Havia algum povo na praça e muitos soldados. Um homem arrastava nas pedras uma coisa branca à qual amarrava uma coisa negra. Este homem parou ao pé da forca e principiou a subir a escada. Então Quasimodo viu-o distintamente. Levava uma mulher ao ombro, uma jovem vestida de branco; esta jovem tinha um nó ao pescoço. Quasimodo reconheceu-a.

Era ela.

O homem chegou assim ao alto da escada. Aí arranjou o nó.

O padre, para ver melhor, pôs-se de joelhos sobre a balaustrada.

De súbito o homem repeliu bruscamente a escada, e Quasimodo, que não respirava havia alguns momentos, viu balançar-se na extremidade da corda, a desgraçada criança com um homem carregando-lhe sobre os ombros a péssimos juntos. A corda deu algumas voltas sobre si mesma, e Quasimodo viu correr ao longo do corpo da cigana convulsões horríveis. O padre, ao lado dele, pescoço estendido, olhos esgazeados, contemplava este medonho grupo do homem e da donzela, da aranha e da mosca.

No mais aterrador instante um riso de demónio, um riso que só pode haver quando já se não é homem, estalou sobre o rosto lívido do padre. Quasimodo não ouviu este riso, mas viu-o.

O sineiro recuou alguns passos atrás do arcediago, e de repente precipitando-se furiosamente sobre ele, com as suas grossas mãos empurrou-o pelos ombros para o abismo sobre o qual dom Cláudio estava inclinado.

O padre gritou:

— Maldição! — E caiu.

A goteira sobre a qual ele estava, susteve-o na queda. Ele agarrou-se-lhe com as mãos desesperadas, e, no momento em que abriu a boca para soltar um segundo grito, viu inclinar-se sobre o rebordo da balaustrada, por cima da sua cabeça, a figura formidável e vingadora de Quasimodo.

Então calou-se.

Nesta situação terrível o arcediago não disse uma só palavra, não soltou um

só gemido. Apenas se torceu sobre a goteira em esforços inauditos para subir; mas as suas mãos não tinham presa sobre o granito, os seus pés riscavam a muralha denegrida, sem morderem.

Para o arrancar ao abismo bastava que Quasimodo lhe estendesse a mão; mas ele nem sequer olhava. Tinha os olhos fitos na praça da Greve. Olhava a força. Olhava a cigana.

O surdo encostara-se à balastrada, no mesmo lugar em que o arcediago estava um momento antes, ali, não despregando os olhos do único objeto que para ele havia naquele momento no mundo, estava imóvel e mudo como um homem fulminado, e um longo rio de lágrimas deslizava em silêncio daquele olho que até então só havia derramado uma única lágrima.

Entretanto o arcediago arquejava. A sua fronte calva escorria em suor, as suas unhas sangravam, sobre a pedra os seus joelhos escoriavam-se contra a parede.

Ouvia a sotaina, presa à goteira, ranger e rasgar-se a cada sacudidela que lhe dava. Para cúmulo de infortúnio, a goteira era terminada por um tubo de chumbo que ia curvando ao peso do seu corpo. O arcediago sentia o tubo dobrar-se lentamente. Pensava, o miserável, que quando as suas mãos estivessem quebradas de fadiga, quando a sua sotaina se tivesse rompido, quando esse chumbo se tivesse dobrado, ele cairia fatalmente, e o terror apossava-se-lhe das entranhas. Uma vez, olhou para baixo dele, para a praça, para o abismo; quando ergueu a cabeça, tinha fechado os olhos e os cabelos em pé.

Era aterrador o silêncio destes dois homens. Enquanto o arcediago agonizava assim horrivelmente, alguns pés mais abaixo, Quasimodo chorava e não tirava os olhos da Greve.

O arcediago, vendo que todos os seus esforços só serviam para abalar o frágil ponto de apoio que lhe restava, tomou o partido de se não mexer mais. Estava ali, assim, abraçado à goteira, respirando a custo, não se atrevendo a bulir, sem outros movimentos além dessa convulsão maquinal do ventre que se experimenta em sonhos quando se vai caindo. Os seus olhos fixos estavam abertos de um modo febril e espantado. No entanto ia perdendo terreno a pouco e pouco os seus dedos escorregavam na goteira; sentia aumentar-lhe cada vez mais a fraqueza dos braços e o peso do corpo. O chumbo que o sustentava inclinava-se a todo o momento sobre o abismo.

Olhava uma após outra as impassíveis esculturas da torre, como ele suspensas sobre o abismo, mas sem terror por elas nem piedade por ele. Tudo

era de pedra em torno; diante dos seus olhos, os monstros hiantes; em baixo, lá no fundo, na praça, o adro; por cima da sua cabeça, Quasimodo que chorava.

Havia no adro alguns grupos de ingênuos curiosos que procuravam tranquilamente adivinhar quem poderia ser o louco que assim tão estranhamente se divertia. O padre ouvia-os dizer, porque as suas vozes chegavam-lhe claras e penetrantes:

— Mas ele vai quebrar a cabeça!

Reuniu no entanto todas as forças que lhe restavam para derradeiro esforço. Inteiriçou-se sobre a goteira, repeliu a parede com os dois joelhos, e agarrou-se com uma das mãos a uma fenda das pedras, e conseguiu subir coisa de um pé talvez; fez dobrar bruscamente o bico de chumbo sobre o qual ele se firmava. Ao mesmo tempo a sotaina rasgou-se. Sentindo então que tudo faltava debaixo dele, nada mais lhe restando que as suas mãos hirtas e desfalecidas que ainda se agarravam, o desgraçado fechou os olhos e largou a goteira. Caiu. Quasimodo viu-o cair.

Uma queda de tão alto raro é perpendicular. O arcediago, lançado no espaço, caiu primeiro de cabeça para baixo e com as mãos estendidas, depois deu várias voltas sobre si mesmo; o vento empurrou-o para o telhado de uma casa. Escorregou rapidamente sobre o telhado como uma telha que se desprende e foi ressaltar sobre as lajes do adro. Ali não mais se mexeu.

Quasimodo ergueu então o seu olho sobre a cigana, de que via o corpo, suspenso na forca, estremecer ao longe sob o seu vestido branco com os derradeiros tremores da agonia, depois abaixou-o de novo sobre o arcediago, estendido em baixo da torre, sem forma humana, e disse com um soluço que levantou o seu profundo peito:

— Oh! Tudo o que eu ame!

III. Casamento de Febo

Ao entardecer deste dia, quando os oficiais de justiça do bispado vieram levantar das pedras do adro o cadáver desconjuntado do arcediogo. Quasimodo tinha desaparecido de Nossa Senhora.

Correram muitos boatos acerca deste acontecimento. Ninguém duvidou de que tivesse chegado o dia, em que, depois do seu pacto, Quasimodo, isto é, o diabo, deveria levar Cláudio Frollo, isto é, o feiticeiro. Presumia-se que ele lhe tinha quebrado o corpo para lhe tirar a alma, como os macacos que quebram a casca para comer a noz.

Eis porque o arcediogo não foi sepultado em sagrado.

Luis XI morreu um ano depois, no mês de agosto de 1483.

Quanto a Pedro Gringoire, conseguiu salvar a cabra — e obteve triunfos na tragédia. É o que ele chamava *ter arranjado um fim trágico*. Eis aqui, acerca dos seus triunfos dramáticos, o que se lê, em data de 1483, nas contas do Ordinário: « A Jean Marchand e Pedro Gringoire, carpinteiro e compositor, que fizeram e compuseram o mistério feito no Châtelet de Paris, na entrada do senhor legado, ensaiaram as personagens e as adornaram e vestiram como para o dito mistério era requerido; e igualmente por fazer os estrados que para isso eram precisos; por tudo, cem libras.»

Febo de Châteaupers arranhou também um fim trágico. — casou-se.

IV. Casamento de Quasimodo

Dissemos que Quasimodo tinha desaparecido de Nossa Senhora no mesmo dia da morte da cigana e do arcediogo. Com efeito ninguém mais o tornou a ver, nem se soube o que dele tinha sido feito.

Na noite seguinte ao suplício de Esmeralda, os serventes da baixa justiça tiraram o cadáver e levaram-no para a sepultura de Montfaucon.

Dois anos e dezoito meses depois dos acontecimentos que encerram esta história, ao virem procurar ao depósito de Montfaucon o cadáver de Olivier o Gamo, que tinha sido enforcado dois dias antes, e a quem Carlos VII concedia a graça de ser enterrado em S. Lourenço em companhia melhor, encontrou-se entre as ossadas dois esqueletos, um dos quais tinha o outro singularmente abraçado. Um destes esqueletos, que era o de uma mulher, tinha ainda alguns restos de um vestido branco, e em volta do seu pescoço via-se um colar de grão de adrezrach com um saquinho de seda, ornado de missanga verde, que estava aberto e vazio. Estes objetos tinham tão pouco valor que decerto o carrasco nem quisera ficar com eles. O outro, o que tão estreitamente abraçava este, era um esqueleto de homem. Notou-se que tinha a coluna vertebral desviada, a cabeça enterrada nas omoplatas, e uma perna mais curta que a outra. Não tinha rutura alguma de vértebras na nuca, o que provava à evidência que não tinha sido enforcado. O homem a quem ele pertencia tinha vindo até ali e ali tinha morrido. Quando o quiseram desprender do esqueleto que abraçava, desfez-se em pó.

FIM

Notas

[1] No período em que decorre esta narrativa, Paris estava dividida em três grandes bairros, ou melhor, em três pequenas cidades distintas: a *Cité*, a *Université* e a *Ville*. Em francês a palavra *cité*, que literalmente se traduz por *cidade*, é usada para designar o centro da cidade, onde de ordinário se encontra a catedral e os monumentos mais antigos. (*Nota do editor*).

[2] A Picardia, a Borgonha e outras províncias formavam à época estados independentes da coroa francesa, de cujos senhores feudais era soberano o rei de França. Isto não impedia que lhe fizessem guerra, sempre que se sentiam com forças para tal. Carlos o Temerário, que era então o duque de Borgonha, foi durante toda a sua vida o mais constante antagonista do famoso Luís XI, a que se refere esta história.

[3] Príncipe herdeiro da coroa.

[4] O título de burgomestre era dado na Flandres, Holanda e Alemanha ao primeiro magistrado de uma cidade.

[5] Em alguns departamentos de França, há uma tradição muito antiga de plantar, em certos dias solenes, diante das casas dos corregeadores e pessoas distintas uma árvore a que se chama *árvore de maio*.

[6] Tibaldo, jogador de dados.

[7] Tibaldo dos dados. Havia uma rua perto do Louvre denominada Thibault-aux-Dés.

[8] « Com as suas túnicas forradas de peles grisalhas.»

[9] *Aut unum bombum*: « Ou um traque.»

[10] Horácio, Odes. III, 1, 40. «Atrás do cavaleiro segue a negra preocupação.»

[11] Horácio, Arte poética, 191: «E que nenhum deus interceda.»

[12] «Aplaudam, cidadãos.» Com este apelo concluíam todas as representações teatrais em Roma.

[13] «Bebamos papalmente.»

[14] «Capa cheia de vinho!»

[15] Marçanos de armazém.

[16] Epiléticos fingidos.

[17] Tinhosos.

[18] Escreventes de cartas.

[19] O que diz que foi roubado.

[20] Ladrões eméritos.

[21] Ladrões mestres, encarregados de instruir os novatos.

[22] Espada direita, comprida e de dois gumes, usada na Idade Média.

[23] «Salve, estrela do mar.»

[24] « A boa esmola, senhor! A boa esmola! »

[25] « Façam caridade. »

[26] Chamava-se *petite-flambe* a uma quadrilha de aventureiros que percorriam as ruas de Paris, no tempo de Luis XIV, armados de tesouras para cortarem as algibeiras que usavam então suspensas da cintura.

[27] *Franc-bourgeois* chamava-se ao gatuno que pedia esmola para pretensas obras de caridade.

[28] *História galicana*, liv. II, período III, f.º 130, p. I.

[29] Vimos com dor misturada de indignação, que se pensava em aumentar, em refundir, em modificar, isto é, em destruir, este admirável palácio. Os arquitetos dos nossos dias têm a mão pesada de mais para tocar nestas delicadas obras da Renascença. Esperamos que se não atreverão a fazê-lo. Depois, esta demolição das Tulherias, agora não seria unicamente uma via de facto brutal que faria corar um vândalo de ébrio, seria um ato de traição. As Tulherias já não são simplesmente uma obra prima da arte do século dezasseis, são uma página da história do século dezanove. Este palácio já não é do rei, mas do povo. Deixemo-lo tal qual está. A nossa revolução marcou-o duas vezes na frente. Sobre uma das suas duas fachadas, tem as balas de 10 de agosto; sobre a outra as balas de 29 de julho. Está santo.

Paris, 7 de abril de 1831.

(Nota da quinta edição)

[30] « Altar dos preguiçosos. »

[31] « Guarda de um bando monstruoso, mais monstruoso ainda é ele. »

[32] Aquilo que é contrário à vontade divina.

[33] Cláudio e o aleijado.

[34] Da predestinação e do livre arbitrio.

[35] « O abade de São Martinho, isto é, o rei de França, é canónico segundo o costume, e tem a pequena prebenda de São Venâncio e deve sentar-se no lugar do tesoureiro.»

[36] « O texto da lei é duro.»

[37] « Corpo de Cristo!»

[38] « Por Hércules!»

[39] « Em prejuízo de uma meretriz.»

[40] « forte voz por entre as trevas»

[41] « Forte escudo, saúda o chefe.»

[42] « É vosso.»

[43] « descompassado»

[44] « Surdo e absurdo.»

[45] Grupo de doze homens da guarda burguesa.

[\[46\]](#) « Ninguém acredita que um homem e uma mulher apenas rezem quando estão a sós.»

Ficha técnica

- **Título:** *Nossa Senhora de Paris*.
- **Título Original:** *Notre-Dame de Paris*.
- **Autor:** Victor Hugo.
- **Edição digital:** (zero papel), janeiro de 2013.
- **Ortografia usada:** Variante europeia. Em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa de 16 de dezembro de 1990.

Índice

Prefácio

Livro primeiro

- I. A grande sala
- II. Pedro Gringoire
- III. O senhor cardeal
- IV. Mestre Jacques Coppenole
- V. Quasimodo
- VI. A Esmeralda

Livro segundo

- I. De Cila para Caribdes
- II. A praça de Greve
- III. « Besos para golpes»
- IV. Inconvenientes de seguir as mulheres bonitas de noite pelas ruas
- V. Continuação dos inconvenientes
- VI. A bilha quebrada
- VII. Uma noite de núpcias

Livro terceiro

- I. Nossa Senhora de Paris
- II. Visão rápida de Paris

Livro quarto

- I. As boas almas
- II. Cláudio Frollo
- III. Immanis pecoris custos, immanior ipse
- IV. O cão e o dono
- V. Continuação de Cláudio Frollo
- VI. Impopularidade

Livro quinto

- I. Abbas Beati Martini
- II. Isto acabará com aquilo

Livro sexto

- I. Vista de olhos imparcial sobre a antiga magistratura
- II. O buraco dos ratos
- III. História de um bolo de farinha de milho
- IV. Uma lágrima por uma gota de água
- V. Fim da história do bolo

Livro sétimo

- I. Perigo de confiar um segredo a uma cabra
- II. Um padre e um filósofo são dois
- III. Os sinos

IV. ANATKH

V. Os dois homens vestidos de preto

VI. Do efeito que podem produzir sete pragas ao ar livre

VII. A alma do outro mundo

VIII. Utilidades das janelas que dão para o rio

Livro oitavo

I. O escudo transformado em folha seca

II. Continuação do escudo transformado em folha seca

III. Fim do escudo transformado em folha seca

IV. Lasciate ogni speranza

V. A Mãe

VI. Três corações de homem feitos diferentemente

Livro nono

I. Febre

II. Corcunda, cego dum olho, coxo

III. Surdo

IV. Barro e cristal

V. A chave da porta vermelha

VI. Continuação da chave da porta vermelha

Livro décimo

I. Gringoire tem algumas boas ideias a seguir na rua dos Bernardins

II. Faz-te vadio

III. Viva a alegria!

IV. Um amigo desastrado

V. O retiro onde reza as suas horas o senhor rei Luís de França

VI. Vadiagem em ataque

VII. Châteaupers acudindo

Livro décimo primeiro

I. O sapatinho

II. La criatura bella bianco vestita (DANTE)

III. Casamento de Febo

IV. Casamento de Quasimodo

Notas